

«ASSUSTADORAMENTE PRÓXIMO DA NOSSA REALIDADE.» *THE GUARDIAN*

UM VÍRUS MORTAL. O MUNDO CONFINADO.
O THRILLER QUE PREVIU TUDO.

BESTSELLER
IMEDIATO DO
NEW YORK TIMES

O SURTO

LAWRENCE
WRIGHT

AUTOR VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«ASSUSTADORAMENTE PRÓXIMO DA NOSSA REALIDADE.» *THE GUARDIAN*

UM VÍRUS MORTAL. O MUNDO CONFINADO.
O *THRILLER* QUE PREVIU TUDO.

BESTSELLER
IMEDIATO DO
NEW YORK TIMES

O SURTO

LAWRENCE
WRIGHT

AUTOR VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER

 EDITORIAL PRESENÇA

**LAWRENCE
WRIGHT**

**O
SURTO**

TRADUÇÃO DE MIGUEL ROMEIRA

 EDITORIAL PRESENÇA

Título original: *The End of October*

Autor: *Lawrence Wright*

Copyright © 2020 by Lawrence Wright

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2020

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Alamy/SciencePhotoLibrary/Fotobanco.pt*

Design da capa: *Chip Kidd*

Capa © Penguin Random House UK

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, novembro, 2020

Depósito legal n.º 474 443/20

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*À coragem e às capacidades
dos homens e das mulheres
que dedicaram as suas vidas
à causa da saúde pública.*

«O contágio desprezava qualquer tipo de tratamento; a morte corria imparável e chegava a todo o lado; tivesse continuado a esse ritmo e em breves semanas não teria sobrado ninguém. Por toda a parte, os homens começavam a desesperar. Não havia coragem que vencesse o medo. As pessoas não conseguiam fugir à angústia, o terror da morte era visível em cada rosto, transparecia no semblante.»

daniel defoe, *Diário da Peste de Londres*

« — Dizemos “a peste”, mas isso é o quê? A peste é a vida, nada mais.»

albert camus, *A Peste*

I

Kongoli

GENEBRA

Era final de tarde em Genebra e representantes de vários organismos de saúde estavam reunidos num grande anfiteatro para a última sessão do dia. O tema em discussão: doenças infecciosas e emergências de saúde pública. Todos os participantes estavam inquietos, já saturados depois de um dia inteiro de reuniões e preocupados com os voos que ainda teriam de ir apanhar. O ataque terrorista em Roma deixara toda a gente em alerta.

— Há notícia de uma taxa anormalmente elevada de mortes de adolescentes num campo de refugiados na Indonésia — ia dizendo o penúltimo orador, Hans «Qualquer-coisa». Holandês. Alto e arrogante. E, claramente, não passava fome. O cabelo loiro com grisalhos e já a pedir um corte tapava-lhe a gola, e o cotão nos ombros era visível à luz da sua projeção em PowerPoint.

Na tela surgiu um mapa da Indonésia.

— Quarenta e sete certidões de óbito emitidas na primeira semana de março no Campo Kongoli Dois, em Java Ocidental. — Indicou o local em questão com o apontador *laser*, seguindo-se imagens de refugiados, gente na mais completa indigência e cercada da miséria mais atroz. O mundo estava inundado de gente deslocada, eram aos milhões e acabavam fechados como gado em campos criados à pressa. Cercavam-nos de redes metálicas, como se fossem prisioneiros, alimentavam-nos mal e tão-pouco lhes ofereciam os cuidados médicos exigíveis. Não era para admirar que em lugares assim surgissem epidemias. Cólera, difteria, dengue... nos trópicos havia sempre mais uma surpresa dessas à espera.

— Febre alta, sangue nas fezes, contágio rápido, mortandade altíssima — enumerou Hans. Depois: — Mas o que realmente caracteriza este conjunto de mortes é a média de idades das vítimas. — Mostrou um gráfico. — Por norma, uma doença infecciosa distribui-se pelos vários grupos geracionais, mas, neste caso, os óbitos sobem a pique na faixa etária que se esperaria ser a mais robusta.

Naquele grande anfiteatro em Genebra, representantes de organismos de saúde de todo o mundo inclinavam-se para verem com mais atenção aquele diapositivo que tantas questões colocava. A generalidade das doenças mortais vitima os muito novos e os muito velhos, mas, em lugar do habitual gráfico em U, aquele assemelhava-se antes a um tosco W, com a maior incidência de mortes a ocorrer em pacientes de vinte e nove anos.

— Com base em relatórios não muito rigorosos enviados logo que começou o surto, estimamos que a taxa de mortalidade seja de setenta por cento — declarou Hans.

— E crianças pequenas? Ou bebês? — perguntou Maria Savona, diretora de epidemiologia na Organização Mundial da Saúde, interrompendo o silêncio perplexo que se instalara.

— Em havendo óbitos em número relevante nessa faixa, o estudo indicaria — respondeu Hans.

— A transmissão poderá ser através do contacto sexual? — perguntou uma médica japonesa.

— É pouco provável — respondeu Hans. Claramente, estava a adorar ver-se no papel de autoridade na matéria. Ao voltar o rosto, deixou momentaneamente meia tela na sombra. — O número de mortes suspeitas mantém-se alto ao longo das semanas seguintes. Inversamente, diminuem as mortes por outras causas.

— Será uma ocorrência isolada — concluiu a médica japonesa.

— E matou quarenta e sete?! — replicou Hans. — Só se foi uma orgia! Corada, a médica japonesa disfarçou uma risadinha.

— Vá, Hans, já chega de *suspense* — impacientou-se Maria.

Ele varreu o anfiteatro com um olhar triunfal.

— *Shigella* — declarou. Pelos resmungos que se ouviram, muitos não pareciam convencidos. — Entendo o vosso ceticismo; o gráfico invertido engana. Inicialmente, também nos despistou. A *Shigella* é uma bactéria muito comum nos países mais pobres e origina inúmeros casos de intoxicação alimentar. Colocámos a questão às autoridades de saúde em Jacarta e eles concluíram que, num quadro de escassez de alimentos, a pouca quantidade existente ficaria nas mãos dos únicos ainda com forças para a disputar: os mais jovens. Mas, desta vez, serem os mais fortes acabou por matá-los. A nossa equipa de investigadores concluiu que a origem do contágio poderá estar no leite não pasteurizado. Consideramos que este caso serve de alerta; dá a ver como os estereótipos demográficos podem impedir-nos de ver factos que de outro modo seriam óbvios.

Os aplausos foram pouco efusivos, Hans deixou o palco e Maria chamou o último orador.

— Vou falar de uma *campylobacter* no Wisconsin... — começou ele.

Foi interrompido por uma voz que quase intimidava:

— Um surto de febre hemorrágica mata quarenta e sete numa semana e desaparece sem deixar rasto?!

Duzentas cabeças voltaram-se e tentaram localizar quem falara. Ouvindo aquela possante voz de barítono, dir-se-ia que Henry Parsons era um homem imponente. Mas não. Era baixo, magro e tinha um porte um tanto curvado — consequência do raquitismo, que lhe deformara ligeiramente a coluna. As suas feições e aquele seu tom professoral

resultavam desmedidos numa figura de resto tão insuficiente, mas toda a sua linguagem corporal era a de alguém ciente do seu mérito, não obstante uma aparência que deixava a desejar. Os que estavam a par da sua reputação lendária falavam dele com uma espécie de assombro divertido, e, pelas costas, chamavam-lhe *Herr Doktor* ou «minorca mandão». Se um interno não colhia corretamente uma amostra ou não dava por um sintoma que, de resto, ninguém senão Parsons teria valorizado, em menos de nada ele deixava-o reduzido a lágrimas, mas, independentemente de tais anedotas, o facto é que fora Henry Parsons quem chefiara uma equipa internacional aquando do surto de ébola na África Ocidental em 2014. Fora ele a encontrar o primeiro paciente identificado, o chamado paciente zero: um menino guineense de dezoito meses que fora infetado por um morcego-da-fruta. Corriam muitas histórias deste género sobre Parsons e muitas outras ter-se-iam podido contar se ele fosse de correr atrás de elogios. Na infundável guerra às doenças, Henry Parsons não era um meia-leca, era um gigante.

Franzindo o olhar, Hans «Qualquer-coisa» localizou-o na escuridão das filas do fundo.

— Não é invulgar, doutor Parsons, se atendermos ao contexto.

— Usou o termo «contágio».

Hans sorriu, encantado por estar de novo em campo.

— Inicialmente, as autoridades indonésias suspeitaram da presença de um agente viral.

— E o que as fez mudarem de ideias? — interrogou Henry.

Maria estava intrigada.

— Crê que poderá tratar-se de um novo surto de ébola?

— Se assim fosse, o mais certo era verificar-se uma migração para os centros urbanos — disse Hans. — Ora, não é esse o caso. Bastou desaparecer o foco de contágio em análise e a doença não tornou a dar sinal.

— Esteve no campo de refugiados? — indagou Henry. — Colheu amostras?

— As autoridades indonésias foram irrepreensíveis na cooperação que nos ofereceram — replicou Hans, tentando menorizar aquele detalhe crucial. — Presentemente, encontra-se no local uma equipa dos Médicos sem Fronteiras e em breve teremos o seu parecer. Pela minha parte, recomendaria que não contassem com grandes surpresas.

Aguardou um momento, como se à espera de réplica, mas Henry apenas se recostou na sua cadeira. Ali ficou, pensativo, a batucar com um dedo nos lábios. O último orador retomou a apresentação.

— O lugar em questão é um matadouro no Milwaukee. — De olho nas horas, alguns foram saindo discretamente. Era de prever que o controlo de segurança no aeroporto estivesse mais demorado.

— Detesto quando fazes aquilo — disse Maria, ao chegarem ao seu gabinete. Com a sua parede exterior de vidro, era moderno e elegante e oferecia uma magnífica vista do Monte Branco. Um bando de cegonhas que acabava de transpor a barreira alpina curvou a trajetória para vir pousar junto ao lago de Genebra. Vinha do vale do Nilo e aquela seria a primeira paragem na sua migração primaveril.

— «Aquilo» o quê? — perguntou Henry. Sentando-se, ela batucou com o dedo nos lábios, a imitar-lhe o gesto. — Eu faço isso? — perguntou ele, apoiando a bengala na secretária dela.

— De cada vez que te vejo começas com o tique, já sei que devo ficar preocupada. O que te faz desconfiar daquele estudo?

— A febre hemorrágica aguda. A causa é quase sempre viral. Depois, temos aquela distribuição anormal da taxa de mortalidade, que não é de todo indicadora de um surto de shigelose. E o que explica que, de um momento para o outro...

— Tenha simplesmente parado? Não sei, Henry. Diz-me tu. Achas que tornou a haver interferência do governo indonésio?

— Não ia ser a primeira vez que escondiam algo assim.

— Não me parece que seja um novo surto de meningite.

— Não, de todo. — Sem dar por isso, Henry pôs-se de novo a tamborilar nos lábios. Maria aguardou. — Bem, do teu trabalho, sabes tu — acabou ele por dizer. — Talvez o Hans tenha razão.

— Mas...?

— Aquela taxa de mortalidade é colossal. Se ele estiver enganado, a coisa pode ficar feia.

Maria foi até à janela. As nuvens iam surgindo no horizonte. Em breve esconderiam o majestoso cume lá longe. Estava prestes a dizer alguma coisa, mas Henry antecipou-se.

— Tenho de ir.

— Estava a pensar no mesmo.

— Para casa, quero dizer.

Ela assentiu, mostrando que o ouvira e que entendia, porém a apreensão nos seus olhos de italiana comunicava outra mensagem.

— Dispensa-me mais dois dias. Sei que estou a pedir-te muito. Devia enviar uma equipa, mas não tenho ninguém que me inspire confiança. O Hans diz que os Médicos sem Fronteiras estão lá; hão de ajudar-te no que precisares. Faz diapositivos e colhe amostras. Será só um desvio rápido antes de regressares a Atlanta.

— Maria...

— Por favor, Henry.

Tal como é normal suceder entre amigos de longa data, ao olhar para ela, Henry teve um vislumbre da jovem epidemiologista em alerta ao estudar um surto de peste suína africana no Haiti. Na altura, Maria integrava a

equipa que defendeu a erradicação daquela espécie suína local, visto ser a transmissora da doença. Praticamente não havia agregado familiar no Haiti que não criasse porcos; além de garantirem considerável alimento, eram também usados como valor transaccional. Na prática, eram o banco dos camponeses. Em menos de um ano, graças aos esforços da comunidade internacional e do ditador «Baby Doc» Duvalier, toda aquela estirpe de porcos crioulos foi eliminada. E, assim, uma solução sem precedentes revelou-se um êxito absoluto — a erradicação da espécie suína em questão travou uma doença incurável. Mas os camponeses, que já eram pobres, viram-se sem nada para comer. A elite corrupta ficou com quase todos os porcos enviados pelos americanos para substituírem os que tinham sido abatidos, mas que tão-pouco serviam para o efeito; não eram suficientemente robustos para aquele clima e alimentá-los saía demasiado caro. Sem outro recurso que lhes garantisse a subsistência, os locais começaram a fazer carvão e as florestas ressentiram-se. O Haiti nunca recuperou. Hoje, em retrospectiva, muitos perguntam-se se foi boa ideia eliminar aqueles porcos. *Éramos uns idealistas e achávamos que sabíamos tudo*, refletiu Henry.

— Dois dias e nem mais um — avisou. — Prometi à Jill que voltava para os anos do Teddy.

— Segues para Jacarta já esta noite. Vou pedir ao Rinaldo que trate da passagem. — Adicionalmente, Maria assegurou-lhe de que ligaria pessoalmente para os Centros para a Prevenção e o Controlo das Doenças de Atlanta, onde Henry era diretor-adjunto para as doenças infecciosas, a explicar que, se ele não estava lá a trabalhar, como deveria, era por culpa dela.

— A propósito, tiveste notícias de Roma? — perguntou ele, de saída.
— A tua família está bem?

— Ainda não sabemos. — Não lhe faltavam motivos para estar angustiada.

O atentado em Roma fora planeado para coincidir com o *Carnevale*, a festa que antecede a Quaresma por toda a Itália e que dura uma semana. A Piazza del Popolo estava cheia de gente que viera assistir ao desfile de mascarados e ver os famosos cavalos «dançarinos». Nessa manhã, todos os noticiários mostraram imagens desses belos animais agora reduzidos a pedaços espalhados pelo meio dos foliões mortos e dos destroços das duas igrejas «gémeas». «Centenas de mortos em Roma e o número não para de subir à medida que a contagem vai sendo atualizada», ia dizendo o pivô da Fox News. «Resta saber que resposta dará a Itália a este ataque.»

O jovem primeiro-ministro italiano era um nacionalista; usava o cabelo quase rapado dos lados e mais comprido em cima, seguindo a moda adotada pelos neofascistas que começavam a tomar conta da Europa.

surpreendentemente, a solução que propunha era a expulsão em massa dos muçulmanos.

Ao ouvir os filhos nas escadas, Jill Parsons desligou a televisão. Já estavam engalfinhados; o motivo era a ida (ou não) de Helen à Legolândia com Teddy e com os amigos. Claro que Helen não tinha o mais pequeno interesse em legos.

— Alguém quer *waffles*? — perguntou Jill num tom animado. Nem um nem outro responderam; interessava-lhes mais aquela sua discussão inútil. Refastelado no seu canto, o *Peepers*, um adorável cão de raça cruzada que tinham salvado do canil e que, com aquelas manchas pretas à volta dos olhos, mais parecia um panda, levantou-se e começou a avançar preguiçosamente; pelos vistos, queria ser o árbitro da discussão.

— Quem faz anos sou eu! — protestou Teddy, indignado.

— Mas no meu aniversário deixei que viesses connosco ao Six Flags! — salientou Helen.

— Mãe, ela roubou-me o *waffle*! — choramingou Teddy.

— Só dei uma dentadinha pequena.

— Mas *tocaste-lhe*!

— Helen, come os cereais — disse Jill, em modo de autómato.

— Estão moles.

Com toda a desfaçatez, Helen deu nova dentada no *waffle* do irmão. Teddy gritou, ultrajado. O *Peepers* ladrrou a apoiá-lo. Jill suspirou. Sempre que Henry ia para fora, era o caos ali em casa. No preciso momento em que se preparava para o descompor mentalmente, o seu *iPad* deu sinal; era ele a ligar-lhe pelo FaceTime.

— Leste-me os pensamentos? — perguntou ela. — Estava a contactar-te por via telepática.

«Não imagino porquê», respondeu ele, já a ouvir a discussão e os latidos em fundo.

— Ia chamar-te vários nomes por não estares aqui.

«Deixa-me falar com eles.»

E, num piscar de olhos, Teddy e Helen transformaram-se em dois anjinhos. *Parece magia*, pensou Jill para consigo. Era como se Henry os enfeitiçasse. Até o *Peepers* já estava a abanar a cauda, todo contente só de lhe ouvir a voz.

— Papá, quando é que voltas? — perguntou Teddy.

«Terça à noite», respondeu Henry. «Mas já vais estar a dormir.»

— A mamã disse que vinhas amanhã.

«Também achava isso, mas mudaram-me os planos à última hora. Mas não te preocupes, chego a tempo da tua festa de anos.»

Teddy pôs-se a dar vivas e Helen a bater palmas. Impressionante. Ela própria nunca conseguia acalmá-los daquela maneira. *Se calhar sou demasiado irónica*, refletiu. *O Henry fala-lhes sempre muito a sério. Deve*

ser isso que os acalma. Sentem-se seguros. Ela própria sentia o mesmo.

— Fiz um robô! — anunciou Teddy, e ergueu o *iPad* para mostrar ao pai uma mistura de partes de plástico e de circuitos elétricos rematada por um telemóvel velho. Era o seu projeto de ciência para a escola. A cara era uma espécie de caveira com duas objetivas no lugar de olhos. *Seria perfeito para o Dia dos Mortos*, pensou Jill.

«Fizeste isso sem ajuda?», perguntou Henry. Teddy assentiu, todo orgulhoso. «E como se chama?»

Teddy voltou-se para o robô.

— Robô, qual é o teu nome?

O robô inclinou ligeiramente a cabeça.

— Olá, amo, eu sou o Alberto —, respondeu o robô. — O meu dono é o Teddy.

«Ena! Espantoso!», exclamou Henry. «Ele chama-te “amo”?»

A rir, Teddy encolheu o queixo — fazia isso sempre que estava mesmo feliz.

— Agora quero falar eu! — exclamou Helen, arrancando-lhe o *iPad* das mãos.

«Olá, lindeza do pai!», saudou Henry. «Hoje não tens jogo?»

Helen estava na equipa de futebol feminino do sexto ano.

— Elas querem que eu fique à baliza — queixou-se.

«Isso é bom, não?»

— É uma seca. Fica-se ali parado, não se faz nada. Elas só me querem na baliza porque eu sou alta.

«Pensa só: de cada vez que não deixares a bola entrar, és uma heroína.»

— Mas, se não conseguir defender, fica tudo a odiar-me.

Aquilo era mesmo típico da filha, pensou Jill. Se Teddy estava sempre radiante, Helen era a eterna macambúzia. Irradiava pessimismo, mas, estranhamente, isso dava-lhe poder; Jill já notara que as colegas da escola tinham algum medo das opiniões dela. Aquele seu temperamento, somado a umas feições delicadas, fazia de Helen um ídolo para as demais e perturbava sobremaneira os colegas rapazes na puberdade.

— Ouvi a parte de afinal não vires já para casa — disse Jill, quando lhe tocou de novo a vez de falar. Henry estava com um ar cansado. Ao vê-lo no ecrã do *iPad*, naquela espécie de claro-escuro pixelizado, com aquele seu olhar penetrante a fitá-la por trás de uns óculos de lentes redondas, Jill sentiu-se a olhar para um retrato de um nobre austríaco do século XIX. Em fundo, iam-se ouvindo avisos de voos que partiriam em breve.

«Não deve ser nada, mas tenho de ir até lá e dar uma vista de olhos», explicou Henry.

— Onde é desta vez?

«Na Indonésia.»

— Ai, meu Deus... — murmurou Jill, vencida pela apreensão. — Meninos, comam, vá. Daqui a nada está aí o autocarro. — E, para Henry: — Não andas a dormir nada, pois não? Porque é que não tomas alguma coisa? Sempre dormias uma noite em condições. Levaste comprimidos para dormir? Toma um logo que entrares no avião. — Não deixava de ser irritante que, sendo médico, Henry se mostrasse sempre tão relutante em tomar algum comprimido.

«Torno a dormir quando te sentir ao meu lado», respondeu ele. Estava sempre a sair-se com aquelas frases apaixonadas que ela depois ficava a ouvir em eco no pensamento até tê-lo de volta.

— Não te coloques em perigo — recomendou ela, embora soubesse que era inútil.

«Jamais.»

A MULHER AZUL

Do ar, Henry avistou os fogos em Samatra. As florestas e as áreas turfosas da ilha estavam a ser queimadas para se plantarem mais palmeiras, das quais se extrairia o óleo presente em cerca de metade do que se vendia nos supermercados, desde a manteiga de amendoim até aos batons. Todos os anos, o *smog* resultante daquelas queimadas cobria todo o Sudeste Asiático, chegando a fazer cem mil vítimas mortais e levando o aquecimento global a níveis extremos. Mal passou a porta do aeroporto para ir juntar-se à fila para os táxis, Henry sentiu aquele ar saturado de fumo queimar-lhe as narinas. Foi observando toda aquela multidão de gente de chegada ou prestes a partir e pensou: *asma, cancro do pulmão ou insuficiência respiratória, cada qual inflige o seu cruel método assassino*. Era a sua doença profissional: para onde quer que olhasse, via patologias.

Era o período das monções. As nuvens estavam carregadas de chuva e as ruas continuavam alagadas depois da última bâtega. Jacarta era uma cidade de bairros de lata, mas também de arranha-céus que aos poucos se iam afundando no solo. A população em crescimento imparável ia sugando toda a água do aquífero por baixo dos seus pés; em resultado disso, o chão que pisava ia abatendo, ao mesmo tempo que o nível das águas do mar que a cercavam não parava de subir. *É um suicídio comunitário*, refletiu Henry.

— É a sua primeira vez em Jacarta? — perguntou o taxista.

Henry tinha o pensamento muito longe dali. Começara de novo a chover e do trânsito parado erguera-se uma cacofonia de frustração. Pela berma passou um menino numa carroça puxada por um burro. Levava empilhadas várias gaiolas com galinhas.

— Já aqui estive muitas vezes — respondeu Henry. A Indonésia era um autêntico viveiro de doenças e um local de eleição para um epidemiologista aplicar o seu saber. Claro que a situação política vigente não ajudava. De momento estava em curso um surto de sarampo, que em parte se devia a uma *fatwa* declarada contra a vacina. Quanto ao VIH, estava a disseminar-se mais rapidamente ali do que em qualquer outra parte do mundo, facto que os governantes usavam para justificar a perseguição aos homossexuais e às pessoas transgénero.

Corpulento e bem-disposto, o taxista trazia na cabeça um *taqiyah* — um daqueles chapéus arredondados e sem aba que os muçulmanos

indonésios costumam usar. Um raminho de jasmim pendurado no retrovisor perfumava o sufocante interior do táxi. Pelo reflexo, Henry observou o taxista. Não obstante a chuva, que naquele momento ia fustigando o parabrisas como se um pelotão inteiro tivesse aberto fogo contra eles, estava de óculos escuros.

— Que tal uma visita guiada pela cidade antiga, chefe?

— Só cá vou estar um dia.

O trânsito tornou-se ligeiramente menos compactado ao aproximarem-se das instalações do Ministério da Saúde da Indonésia, mas a chuva não abrandou. E Henry percebeu: ficaria completamente encharcado no curto trajeto até à entrada coberta do edifício.

— Espere que eu ajudo, chefe. — O taxista foi tirar-lhe o trólei da bagageira, depois abriu um guarda-chuva e levou-o até à entrada do ministério. — Afinal, diz que vem muitas vezes a Jacarta, mas estamos na época das monções e nem traz um guarda-chuva — comentou, em tom de censura.

— Depois disto já não me esqueço.

— Quer que eu espere?

— Não sei quanto tempo vou demorar — explicou Henry. — Pode chegar a uma hora.

— Estou ao seu serviço, chefe — replicou o taxista, e entregou-lhe um cartão de visita. «Bambang Idris, ao seu serviço», dizia.

— *Terima kasih*, Bambang — agradeceu Henry. E pronto, acabava de gastar todo o seu vocabulário indonésio.

Três horas depois, continuava sentado à espera na antessala do gabinete da ministra, na companhia de uma dúzia de outros que, ensonados, aguardavam a sua vez de serem recebidos. O menino encarregado do carrinho do chá olhou-o, expectante, mas Henry já tinha a sua conta de cafeína e a paciência no fim. Já só pensava em voltar para casa. Agarrou no telemóvel e, uma vez mais, confirmou a hora do voo. Pelas suas previsões, ainda lhe sobraria algum tempo para uma visita ao campo de refugiados; faria rapidamente alguns diapositivos e seguiria a correr para o aeroporto. Seria à justa. Faltavam oito horas para o voo da meia-noite com destino a Tóquio. Não embarcando, não estaria na festa de aniversário do filho. Tudo por culpa de uma imbecil luta de galos burocrática.

Da última vez que o tinham deixado plantado à espera naquela mesma antessala, corria o ano de 2006. Siti Fadilah Supari, ministra da Saúde nessa altura, recusara-lhe amostras do H5N1, uma gripe das aves extremamente mortífera. Dos seiscentos casos de humanos infetados pelas aves, maioritariamente na Indonésia, mais de metade acabara por morrer. Tivesse passado a haver transmissão do H5N1 entre humanos e ter-se-ia

espalhado por todo o mundo em questão de semanas, com consequências calamitosas. Por todo o mundo, os epidemiologistas sentiam não ter um segundo a perder, mas uma ciumenta Indonésia queria aquele micróbio todo para si, argumentando que, à semelhança do ouro ou do petróleo, também aquele vírus era um recurso natural do país. A ministra Siti até dera um nome àquela sua nova política: «soberania viral». Outros países, como a Índia, por exemplo, depressa adotaram essa ideia de registarem a patente de doenças surgidas no seu território.

Na altura, Henry acabara por se implicar a fundo na questão. Argumentou que reter informação daquele tipo era uma insanidade. A ciência desconhece fronteiras, tal como as desconhecem as doenças — sobretudo uma que atravessa fronteiras literalmente pelos ares, levada por uma ave. Não sendo disponibilizadas amostras do H5N1, o mundo ver-se-ia indefeso contra um vírus ainda desconhecido. As consequências para a saúde global seriam inimagináveis. Do lado indonésio, argumentou-se que outros países tirariam partido do vírus para patentear vacinas que a Indonésia depois não teria orçamento para adquirir. A solução encontrada por Henry foi um acordo que dava à Indonésia o «direito de usufruto» do estudo científico do vírus, apenas se impondo um travão quando a Indonésia exigiu acesso ilimitado a vacinas que se produzissem com base naquelas amostras.

Assinado o acordo, a questão complicou-se. Em Roterdão, no Instituto Erasmus, Ron Fouchier modificou o vírus indonésio, tornando-o capaz de se propagar pelo ar e de se transmitir entre mamíferos. Na Universidade do Wisconsin, Yoshihiro Kawaoka fez algo de semelhante com uma variante vietnamita do mesmo vírus. Um e outro seguiram tal curso de ação para um país e outro terem na manga uma patente de uma vacina caso viesse a dar-se uma pandemia, mas, quando estavam à beira de publicar os respetivos achados científicos, incluindo a metodologia, o *New York Times* condenou-os publicamente por levarem a cabo experiências capazes de ditar o fim do mundo. «Escapando-se do laboratório ou sendo roubado por terroristas, um tal vírus pode vitimar dezenas ou mesmo centenas de milhões de pessoas», argumentava o artigo. O Conselho Nacional Científico para a Biossegurança dos Estados Unidos interveio e ordenou o fim da experiência, mas isso não evitou que surgissem as questões sobre quem tinha direito a registar a «autoria» do novo vírus. Os governos americano e holandês estavam agora a repetir os mesmos argumentos anteriormente invocados pelos indonésios. Henry presidiu a uma reunião com representantes de organismos de saúde de todo o mundo, que decorreu na sede da Organização Mundial da Saúde em 2012 e da qual saiu a resolução de ambos os estudos científicos, o de Fouchier e o de Kawaoka, serem publicados na íntegra, até à última vírgula e sem lugar a correções ou a reformulações. E assim foi feito. Uma tal descoberta poderia revelar-se uma arma perigosa, mas deixar o mundo na

ignorância seria bem pior. Ou, pelo menos, assim considerou Henry. Os indonésios acusaram-no de os ludibriar. E, olhando às três horas que já ali estava à espera, o rancor continuava vivo e de boa saúde.

Uma vez mais, a rececionista veio ter com ele, desta vez exibindo um sorriso tenso e condescendente.

— A ministra Annisa pede que o informe de que, por muito que lamente, não poderá recebê-lo hoje — disse, falando pouco acima do sussurro, como se para o poupar a um vexame diante dos outros que ali estavam à espera de vez para serem recebidos. — Ela promete que amanhã...

— É pena — replicou Henry.

— Sim — concordou a rececionista, apanhada de surpresa por aquela resposta dita alto e bom som. — Ela lamenta sinceramente.

— É pena, porque isso me obriga a apresentar uma queixa por incumprimento do dever de cooperação. A ministra pode receber-me agora ou justificar-se amanhã perante a monitoria internacional. A decisão é só dela. Tem até às três da tarde para resolver.

A rececionista olhou de fugida para o relógio. Faltavam quarenta e cinco segundos para as três da tarde. Hesitou um instante, depois regressou apressadamente ao gabinete da ministra. No preciso instante em que o ponteiro dos segundos ultrapassou a marca ao cimo do mostrador, a porta tornou a abrir-se.

Dona de um olhar frio e de um sorriso ineficaz a esconder a ansiedade que lhe ia no íntimo, a ministra Annisa Novanto era tão-só outra peça no aparelho do partido comunista indonésio. Henry conhecera-a em Bali, quando eclodira uma epidemia de raiva, era ela ainda uma delegada de saúde. Na altura, a sua grande preocupação fora controlar o que seria reportado pelos jornalistas, mais do que a epidemia propriamente dita. E saiu-se tão bem na tarefa que, quando a ministra Siti foi encaminhada para a prisão por aceitar subornos, Annisa se viu nomeada para a substituir no cargo. Recentemente começara a usar o véu muçulmano, sinal do grau a que o país estava a reverter para o conservadorismo religioso. Com aquela indumentária, não se distinguia em nada de uma burocrata wahabita.

— Ah, o Henry e as suas surpresas! — saudou. — Podia ter-me avisado com mais antecedência. Estamos sem mãos a medir com as cartas de saúde dos peregrinos para a peregrinação a Meca. Não é motivo para se chamarem os gendarmes!

— Não vou demorar, senhora ministra. Vim apenas informá-la da minha presença, como manda o protocolo, e colher amostras num campo de refugiados, o Kongoli Dois. De seguida deixo o país.

— Henry, ouça: isto é uma questãozinha de somenos. Espanta-me que uma eminência como o Henry tenha achado necessário vir de tão longe, sendo o custo nada despiciendo...

— Política não é comigo, limito-me a colher a informação.

— Já fornecemos diapositivos aos holandeses e eles já tiraram as conclusões que havia a tirar. Daí a nossa admiração ao ver agora o Henry aparecer por aqui. O problema do Campo Kongoli está resolvido.

— Isso será fácil de apurar. Serão as amostras a dizer-nos.

— Ah, as amostras... não creio que vá ser necessário. — A ministra agarrou num comando e ligou a televisão. No ecrã surgiram imagens de uma telenovela mexicana com legendas em malaio, mas não era isso o que lhe interessava. Subiu o volume de tal maneira que talvez Henry não fosse conseguir ouvir-lhe a voz. Por gestos, indicou-lhe os dispositivos de escuta distribuídos pela antessala. — Coloca-me numa posição difícil — disse então. — Assim, vou revelar-lhe algo confidencial e verá que não há necessidade de continuar de volta desta questão.

— Não me vou embora sem fazer os diapositivos.

A ministra riu-se, mas sem lhe sair som.

— Quase chega a ser cómico. A verdade é que eles nunca estiveram doentes.

— «Eles» estão mortos.

— Porque foram executados! — explodiu ela. — Eram revolucionários. Insurgentes. Cidadãos indesejados. Os campos de refugiados estão cheios deles. Vocês, ocidentais, não fazem ideia daquilo com que temos de lidar neste país. Claro que nunca reportamos tais medidas tal qual elas são. Damos versões alternativas. Por vezes, toca ao médico-legista inventar uma história. Resumindo: lamento que tenha tido de fazer este caminho todo apenas para vir inteirar-se do nosso pequeno segredo. Peço-lhe que o guarde para si. Ao partilhá-lo com alguém, estará a colocar-me em grave perigo.

Se a ministra dizia a verdade e se tratara da execução de presos políticos, então estava sem dúvida a arriscar muito ao fazer-lhe tal revelação. Na Indonésia, todo o ato de deslealdade era severamente punido. Mas também podia não ser verdade.

— Vou ter de visitar o campo — insistiu Henry.

A ministra Annisa levantou-se abruptamente, agora de olhos a faiscarem.

— Está fora de questão! Não é seguro! Aquele campo foi controlado por gangues armados. Eles sustentam-se à conta de raptos. Não pode lá entrar. A questão nem se coloca!

— Eu arrisco.

— Essa decisão não lhe compete! — exclamou ela, agora com uma nota de histeria na voz. — Ouça, mesmo supondo que aquilo lá se tornou num antro de doença, o que julga que podemos fazer, sendo os nossos recursos escassos como são? Seremos marginalizados pela comunidade internacional. Os turistas não quererão visitar-nos. A Indonésia nada fez

para merecer isso!

— Obrigado, senhora ministra, dar-lhe-ei conta do que encontrar por lá.

— Proíbo-o de lá entrar! — gritou ela, mas Henry já ia de saída.

Bambang atendeu prontamente o telemóvel.

— Sim, chefe, continuo à sua espera. Dê-me um minuto e estou aí à porta.

Henry esperou debaixo da cobertura da entrada. A chuva amainara bastante. Em breve escutou-se o tossicar de um motor e então surgiu um riquexó motorizado. Bambang desceu, abriu um guarda-chuva e veio buscá-lo. Sorriu, um tanto embaraçado. O seu modesto transporte exibia umas cores exuberantes que Henry teria descrito como «alegres» se estivesse com tempo ou disposição para andar de riquexó. Não era o caso.

— E o *Toyota*?!

— O meu cunhado qui-lo de volta. — Bambang agarrou no trólei e arrumou-o na minúscula cabina. — Mas, neste trânsito, isto é muito mais rápido — atalhou, como se fosse um argumento imbatível. Henry sentiu-se cerrar os dentes de fúria. Tinha os minutos contados. Só esperava que os médicos franceses fossem despachados e eficazes e já tivessem as amostras. Tinha as coordenadas de localização do campo, tirara-as de uma imagem de satélite, mas não foi preciso, porque Bambang sabia onde ficava.

— Aquilo lá é para os *gays* — disse.

— Como assim?

— As autoridades metem lá os *gays*. Assim estão mais seguros, é a justificação. Caso contrário, são açoitados ou mesmo enforcados. Chegam a empurrá-los do alto de edifícios. Refiro-me aos extremistas, são eles que fazem essas coisas. Para evitar que isso aconteça, o governo esconde os *gays* nesses campos.

— Mas sabe-se onde eles estão?

— Claro — replicou Bambang, como se fosse perfeitamente lógico.

Passaram por arrozais alagados. As monções e a subida do nível do mar estavam a afogar o país — havia a água que vinha do céu e a água à superfície, e o efeito era o de uma descarga de autoclismo a levar todo um país pela sanita abaixo. Dentro de cinco ou dez anos, vinte, no máximo, as áreas costeiras estariam submersas. E a ideia não enervava ninguém. Todos aceitavam que a catástrofe acabaria por acontecer.

Buracos na estrada. Busardos pousados nas estacas das vedações. Uma manada de búfalos-da-índia a impedirem o caminho e Bambang a buzinar com insistência até eles por fim se desviarem laconicamente, depois uma estrada sem indicação alguma, uma cancela, uma guarita, Bambang a avançar para lá e uma sentinela a sair à pressa e a mandá-lo embora num frenesim mal-encarado.

— Eles não deixam — informou o taxista.

Henry assumiu um ar autoritário — dentro do possível, claro, atendendo a que estava a descer de um riquexó cor-de-rosa e verde com uma Hello Kitty de cada lado. Mostrou documentação comprovativa da qualidade em que ali se apresentava e uma declaração oficial assinada por Maria.

— Organização Mundial da Saúde! — declarou, no seu tom mais autoritário. — Vês?! Organização Mundial da Saúde! Nações Unidas! Nações Unidas!

A sentinela tornou a entrar na guarita e fez um telefonema. Seguiram-se perguntas meio aos gritos e num tom desorientado, e, passado um momento, a sentinela tornou a sair e abriu a cancela. Passaram por tanques e camiões do exército. Em redor de um reservatório de água elevado, um pequeno acantonamento militar. Foram avançando até chegarem a uma vedação de rede alta e encimada por voltas de arame farpado. Do outro lado, centenas de pessoas. Diante da torre que sustinha o reservatório fora improvisada uma parada militar. No alpendre de uma pequena construção rústica estava um oficial de porte esguio, parado a observar de mãos na cintura. Era quem mandava ali.

— Senhor, volte para trás — disse ele. — Não pode entrar.

— Suponho que não o informaram — replicou Henry, procurando manter a calma. — Estou autorizado a entrar em todo o lugar onde haja uma crise sanit...

— Não lhe diz respeito. Volte para trás.

Henry tentou mostrar-lhe as suas credenciais e a declaração assinada por Maria, tão eficazes quando se trata de passar a cancela, mas o oficial rodou nos calcanhares e voltou para dentro num passo firme.

Ali parado, Henry perguntou-se o que fazer agora. Poucos metros adiante, os detidos fitavam-no, o desconcerto e o desespero refletidos nas suas expressões enquanto aguardavam o seu próximo passo. Começara de novo a chover, mas ninguém se moveu de onde estava. Henry deu um passo em frente, mas então ouviu uma bala entrar na câmara de uma pistola e, instalado no seu jipe, o guarda que a empunhava fez-lhe sinal para voltar para o riquexó.

Escutou-se um almuadem chamar os fiéis à oração e, de imediato, os guardas retiraram-se, e também os prisioneiros deram meia-volta e regressaram ao desordenado ajuntamento de tendas, barracas e coberturas improvisadas, cada um deles em busca de um palmo de chão seco onde se ajoelhar para dizer a oração. Bambang tirou o seu tapete para os joelhos de baixo do assento — ia abri-lo ali mesmo na lamacenta praça de armas, mas o oficial esguio tornou a sair para o alpendre e fez-lhe sinal para entrar.

De volta ao riquexó, Henry sentia-se baralhado e frustrado. Estava de mãos atadas. Fracassara no seu objetivo. Quanto aos outros, rezavam.

Para quem mais se hão de voltar senão para Alá?, refletiu.

Finda a oração, Bambang correu debaixo de chuva de volta ao riquexó.

— Vamos para o aeroporto — disse-lhe Henry. — Não estamos aqui a fazer nada.

— Não, chefe, está tudo OK, eu e ele fizemos um acordo — revelou Bambang, apontando-lhe o oficial de volta ao alpendre.

— Subornaste-o?

— Eu não. O chefe.

Para dentro, Henry chamou-se um par de nomes. Como não lhe ocorrera que talvez fosse questão de lhe pagar e ficava o impasse resolvido? Bambang correu a entregar um maço de notas ao oficial, que tornou a entrar para contar os dólares, depois saiu uma vez mais para o alpendre e fez sinal ao soldado no jipe.

Bambang insistiu em segurar o guarda-chuva — incluía a sua presença no acordo, explicou.

— É demasiado perigoso — opôs-se Henry.

— O chefe está à minha responsabilidade! — replicou Bambang, cheio de brio.

Henry trouxera apenas um fato de proteção, mas entregou a Bambang dois pares de luvas de látex (por norma, calçava sempre dois pares de luvas) e uma máscara descartável, explicando-lhe que devia cobrir a boca e o nariz, e disse-lhe que não tocasse em nada. Nas costas deles, o portão chiou ao fechar.

Não há como evitar o perigo quando se investiga um agente patogénico desconhecido. De um modo geral, as doenças podem ser causadas por vírus, parasitas, bactérias, fungos, amebas, toxinas, protozoários ou priões e cada um desses micro-organismos tem a sua estratégia para sobreviver. Não só uma infeção pode alastrar-se de muitas maneiras, como uma doença grave pode disfarçar-se de maleita comum e relativamente inofensiva. Uma dor de cabeça pode ser sintoma de uma sinusite ou indiciar a proximidade de um AVC. A febre, a fadiga e as dores musculares podem ser sintomas de uma constipação ou da fase inicial de uma meningite. Fazer investigação de campo sozinho, em ambiente desconhecido e com um mínimo de recursos era o curso de ação mais arriscado que um «detetive de doenças» como Henry podia seguir. Por outro lado, o perigo de um surto epidémico era uma séria probabilidade e isso dispunha-o a correr o risco. Há muito que aceitara que a sorte era uma companheira indispensável nestas suas aventuras. Só é pena a sorte não ser fiável.

À sua espera encontrou uma delegação de homens novos, maioritariamente na casa dos vinte ou dos trinta anos, embora também houvesse adolescentes no grupo. Magros, mas não subnutridos, vestiam roupas esfarrapadas. Ainda assim, pareciam ter-se esforçado por vir

recebê-lo com um ar mais ou menos composto. Henry apercebeu-se de uma espécie de solidariedade a uni-los. Tendo vivido a maior parte das suas vidas a esconderem quem eram, talvez tivessem trazido para ali esse espírito unido das comunidades marginais.

Um deles avançou para Henry. Segurava o seu machete como se fosse um ceptro. Tinha um *piercing* dourado no nariz e o cabelo loiro dava-lhe pelos ombros. Era pintado; entretanto já lhe crescera uma boa porção de cabelo preto. Henry fez rapidamente um cálculo — quase oito centímetros de cabelo da cor original equivaliam aproximadamente a seis meses ali. O detido falou-lhe.

— Ele quer saber se o chefe vem de alguma organização de defesa dos direitos humanos — traduziu Bambang. — Diz que já fizeram várias vezes essa exigência, mas que as autoridades se recusam a satisfazê-la.

— Diz-lhe que, infelizmente, não. Explica que sou apenas um médico e que...

Foi como se a palavra ateasse um incêndio.

— Médico! Médico! — começaram todos a exclamar. Num pranto, alguns deixaram-se cair de joelhos. Muitos daqueles rostos estavam húmidos de transpiração e de olhos dilatados, o que indiciava febre.

— É o primeiro estrangeiro que cá aparece em muito tempo — explicou Bambang.

— Não estão a receber assistência médica?

O taxista fez a pergunta ao jovem que empunhava o machete.

— Ele diz que vieram cá uns franceses, mas que morreram.

— Ao todo, quantos já morreram?

— Muitos. Já nem enterram os corpos. Está toda a gente cheia de medo. — Num tom urgente, um dos outros sussurrou qualquer coisa a Bambang. — Ele diz que rezaram pela sua vinda, chefe. Ao verem-no no portão, pediram a Alá que o chefe fosse um médico e que estivesse aqui para os salvar. Ele diz que Alá os ouviu.

Henry sabia que, naquela altura, pouco ou nada podia fazer por eles. Estavam trancados precisamente onde surgira a infeção; dificilmente não estariam todos contaminados. Reparou numa pequena retroescavadora lá adiante. Portanto, as autoridades reconheciam ser necessário abrir rapidamente valas para enterrar os corpos. Tudo indicava ser essa a sua única cedência quanto a admitirem estar perante uma epidemia. Perguntou-se quem seria o coveiro.

O jovem do machete levou-o por um emaranhado de caminhos enlameados e Henry socorreu-se da bengala para não cair. Bambang vinha logo atrás. Continuava a segurar o guarda-chuva, mas sem grande proveito. Tudo ali era miséria; o campo fora rapidamente improvisado com o que havia — cartão, sacos de plástico e lona usados como materiais de construção. Havia alguns telhados feitos com latas de refrigerante

espalmadas. Um pato preso com uma corda ia nadando numa poça ao lado de um dos abrigos. Um pouco afastada das construções dos detidos, erguia-se uma tenda azul dos Médicos sem Fronteiras, o símbolo visível de lado.

Cauteloso, Henry afastou a aba. Pairava um fedor nauseabundo. O cheiro da morte.

— Vai-te embora daqui — ordenou.

Embora incapaz de disfarçar o horror no olhar ante o que via, Bambang gaguejou corajosamente:

— Estou a protegê-lo, chefe.

— Não é preciso. Escuta com atenção. Não toques em nada. E lava-te muito bem, percebeste? Vou precisar de algum tempo para fazer o meu trabalho. Espera por mim lá fora. — E repetiu: — Percebeste? Não toques em nada! — Bambang ficou momentaneamente ali parado, sem reação. O seu medo era evidente. Ainda assim, estendeu-lhe o guarda-chuva. — Leva-o contigo — disse-lhe Henry. — Agora vai.

Lançou um olhar severo aos que rodeavam a tenda, e, respeitosos, eles recuaram, desaparecendo por entre a chuva.

Há muito que se habituara ao odor da decomposição. Haveria ali uma dúzia de camas e, na sua maioria, estavam ocupadas por cadáveres. Um paciente ainda o seguia com o olhar, mas estava tão fraco que era incapaz de mais do que isso. Henry consultou a ficha clínica aos pés da cama, depois mudou o saco de solução de glucose que lhe estava a ser administrada por via intravenosa. Era tudo quanto podia fazer. Pelo arquejar daquele homem, em breve deixaria de respirar.

Na pequena área de tratamento ao fundo da enfermaria, em poses estranhamente contorcidas, estavam três médicos já sem vida. Como tantos outros dos MSF que Henry conhecera por esse mundo fora, eram ainda muito novos; teriam concluído o internato não há muito tempo. Enfrentar um inimigo invisível exigia uma enorme coragem. Homens e mulheres destemidos no combate militar fugiriam aos primeiros indícios de doença. Porque uma doença pode mais do que um exército. É mais arbitrária do que o terrorismo. E mais cruel do que a imaginação humana. Ainda assim, jovens como aqueles médicos estavam dispostos a colocar-se na mira da arma mais letal que a natureza tem no seu arsenal.

Agora, também eles estavam mortos.

Acendeu uma lâmpada a querosene e examinou o rosto de uma médica deitada na marquesa. Sob a nuca formara-se uma pequena poça de sangue seco. Seria africana ou haitiana; atualmente, muitos médicos de ascendência negra estavam a optar por trabalhar em zonas carenciadas ou de conflito. Mas então percebeu que ela não era negra — a doença deixara-a violácea.

Reconheceu o que estava a ver: cianose. Por norma, era provocada

por insuficiência de oxigénio no sangue e surgia nos lábios e na língua ou nos dedos das mãos e dos pés. Mas jamais vira alguém ficar arroxeadado daquela maneira. *Pode ser cólera*, ocorreu-lhe. A «*morte azul*». Fazia sentido. As condições sanitárias no campo eram miseráveis e, quanto à água, talvez fosse preferível nem saber de onde vinha. Por outro lado, um surto de cólera teria sido fácil de tratar e decerto os médicos estavam vacinados. Espreitou a um armário. Um punhado de meios de diagnóstico básicos: estetoscópio, termómetros digitais, ligaduras, uma braçadeira para medir a pressão arterial, um espéculo e um otoscópio. Na prática, era pouco mais do que um estojo de primeiros socorros; permitia, a uma pequena equipa não cirúrgica, tratar uma infeção localizada durante uma semana e não mais do que isso. Os medicamentos estavam fechados à chave num sólido armário cuja porta era um grosso vidro acrílico. Havia insulina, heparina, furosemida, salbutamol, hidrocloreto de ciprofloxacina e azitromicina, mas, sobretudo, havia antirretrovirais.

Era óbvio que se tratara de uma equipa de médicos e não de investigadores. Não havia ali equipamento para análise laboratorial. Havia, isso sim, cartazes e folhetos sobre práticas de sexo seguro. Tudo indicava que o plano fora: controlarem rapidamente o surto, tratarem com antirretrovirais o maior número possível de infetados com VIH e ensinarem aos detidos quais os procedimentos seguros e os cuidados a terem. Olhando ao que tinham trazido, era nítido que não contavam demorar-se muito por ali. Numa pequena despensa, encontrou cereais de pequeno-almoço e *croissants* já incomestíveis. Foi espreitar ao lixo. Várias ampolas de tetraciclina usadas. Aqueles médicos tinham pensado o mesmo que ele — que poderia tratar-se de cólera.

Voltou-se. Sobre uma bancada de trabalho estava um portátil. Viu que havia uma pasta com fichas clínicas redigidas por uma tal Dra. Françoise Champey — possivelmente, a jovem médica ali estendida na marquesa. Ela registara escrupulosamente o quadro clínico de cada paciente. Havia também uma longa mensagem de *e-mail* que não chegara a ser enviada, dirigida a Luc Barré, chefe dos Médicos sem Fronteiras em Paris. Os seus conhecimentos de francês chegavam para decifrar o que ali dizia. «Luc, Luc, precisamos de ajuda!», começava ela.

Estamos a assistir a um contágio nunca visto! Em apenas uma semana, já são dezenas de infeções neste antro de doença. Pedi ajuda a alguns locais para te enviar amostras. Recebeste-as? Não fazemos ideia daquilo com que estamos a lidar!

Seja o que for, é muitíssimo letal. Precisamos de equipamento! E de patologistas! Só os três não conseguimos lutar contra isto. Estou com medo, Luc.

Por baixo, escreveu:

MERDA! Não consigo enviar isto porquê?! Não temos Internet nem

telefone, acho que passámos a ser prisioneiros.

Possivelmente, deixara o e-mail aberto para o enviar à primeira oportunidade, e, enquanto isso, fora acrescentando informação relevante. Henry desceu na página até à última entrada.

19 de março, vamos entrar na nossa terceira semana aqui. O Pablo morreu ontem. Estou de coração partido pela sua família e pergunto-me quando irão ficar a saber que o perderam? Acho que jamais conheci alguém tão compassivo. Eu e o Antoine também estamos doentes. Deitámo-nos ao lado do nosso companheiro de luta morto em combate. Sinto-me próxima deles como jamais me senti de alguém. Nunca amei ninguém tanto como a estes dois homens, um já morto, o outro a caminho de morrer. E sinto-me grata por este sentimento, pela intimidade entre nós. Mas também estou revoltada. Fomos derrotados por este monstro. É como penso nesta doença. Um monstro. É uma criatura que não podemos ver porque não temos connosco os instrumentos que nos permitem ver dentro das células. A doença escondeu-se de nós, riu-se de nós e agora vai matar-nos. Porque terão

O e-mail terminava assim, com uma pergunta por concluir, sem ter sido enviado ou obtido resposta.

FERNBANK

A cada primavera, ao dar o seu «minicurso» sobre dinossauros, Jill levava a sua turma dos cinco anos em visita de estudo ao Museu Fernbank de História Natural em Atlanta. Os pequeninos ficavam invariavelmente elétricos ao descerem do autocarro, mas depois, logo que se viam perante a réplica de argentinossauro, o maior dinossauro de que havia registo, calavam-se que nem ratos — que era o que pareciam em comparação com uma tal criatura.

— O argentinossauro pesava mais de cem toneladas e tinha perto de quarenta metros de comprimento — explicou Jill. — Alguém consegue calcular a quantos autocarros da escola isso equivale?

— Cem! — gritou um dos rapazes.

— Setenta e seis! — exclamou outro.

— Três — respondeu K'Neisha, mal erguendo a voz acima de um sussurro. Mas o facto é que acertara.

Jill lançou um olhar divertido a Vicky, a mãe da menina, que viera para ajudar a tomar conta da turma. Vicky era dos poucos encarregados de educação com quem ela podia contar quando lhe dava jeito alguma ajuda.

— Como é que sabias isso?

— Calculei. Cada autocarro deve ter uns doze metros — respondeu K'Neisha.

Vestia uma saia azul e uma *T-shirt* do *Frozen* e calçava uns sapatos de enfiar. Todas as suas crianças tinham refeições gratuitas ou a preço reduzido, mas era fácil saber quais as que podiam contar com a família. K'Neisha era um desses casos. Jill tentava não eleger «mascotes» de entre os pequenos a seu cargo, mas adorava o sorriso daquela pequena, bem como as suas manifestações de inteligência, que lhe saíam quase a medo. Era uma daquelas crianças com quem, por sua vontade, ficaria para sempre em contacto e cujos progressos acompanharia.

— Olhem o tiranossauro! — exclamou outro. Chamava-se Roberto. Estava a apontar para o esqueleto de dinossauro logo atrás da réplica do argentinossauro. — Vai comer este!

— Por acaso, esse é um giganotossauro — esclareceu Jill. — É ainda maior do que um tiranossauro.

— Giganotossauro! — repetiram todos. Estavam encantados com o nome e alguns até se puseram a dar pulinhos de entusiasmo, todos eles a

admirarem aquela misteriosa criatura reduzida aos ossos. As órbitas vazias eram ameaçadoras, mas também cômicas, porque faziam lembrar as abóboras de Halloween.

— Toda a gente pensa que aconteceu apenas com os dinossauros, mas já houve cinco vezes na história da Terra em que quase todos os seres vivos que a habitavam ficaram extintos — explicou Jill. — Darren, essas mãos quietas.

Já trouxera ali muitas turmas, mas continuava a adorar ver as crianças encantadas com tudo aquilo, os seus olhos a brilharem de assombro. De volta ao infantário, moldariam dinossauros em barro, que depois seriam cozidos num vulgar forno de cozinha que fazia as vezes de uma mufla. Adorava dar aquele pequeno minicurso sobre dinossauros, era sucesso garantido. Passaram a outra sala. Ali, o nome da exposição era: «Mamutes: Os Gigantes do Período Glaciar.» Ao centro estava uma reconstituição de uma dessas gigantescas criaturas. De um lado e do outro da tromba, os dentes erguiam-se em diante; tinham mais de um metro e eram curvos como cimitarras.

— E aqui têm como seria um mamute-lanoso adulto — disse Jill. — Alguém sabe dizer-me qual o animal descendente do mamute que existe hoje em dia?

— O elefante! — gritaram todos.

— Isso mesmo. E os mamutes eram mais ou menos do tamanho dos elefantes-africanos. Sabem porque tinham eles tanto pelo?

— Porque fazia muito frio? — perguntou uma menina chamada Teresa.

— Exato. Os mamutes viveram durante a última idade do gelo, que começou há cerca de quatrocentos mil anos. Os últimos morreram numa ilha perto da Sibéria há mais ou menos quatro mil anos, o que, pelos padrões da geologia, não é assim tanto tempo.

— E morreram porquê? — perguntou a pequena K'Neisha.

— É uma boa pergunta. Infelizmente, não sabemos lá muito bem. Já havia humanos na altura e caçavam mamutes, portanto foi em parte por isso. Mas, no caso dos dinossauros, há um grande acontecimento que explica que tenham desaparecido; sabe-se que foi um cometa que atingiu a Terra, mas com os mamutes não aconteceu assim. Possivelmente, as mudanças climáticas tiveram muita influência. O planeta aqueceu depressa e eles não conseguiram adaptar-se a tempo à mudança de temperatura.

Também ali ao centro estava um exemplar de um mamute bebé.

— Oooh! — exclamou K'Neisha. — Tão fofinho!

— Essa é mesmo verdadeira, não se trata de uma réplica — revelou Jill. — Essa placa diz que nos foi emprestada pela Rússia. Chama-se *Lyuba*.

— Olá, *Lyuba* — saudou K'Neisha.

A fêmea-bebé não vivera tempo suficiente para lhe crescer o pelo, daí

ver-se cada prega na sua pele, o que a fazia parecer-se mais ainda com uma elefante pequenina. Por outro lado, ficara tão bem preservada que até tinha pestanas.

— Diz aqui que a *Lyuba* terá nascido há quarenta e dois mil anos na Sibéria e que viveu cerca de trinta e cinco dias — leu Jill. — Provavelmente, a causa da morte foi um desmoronamento de lama. Como ficou tão bem preservada, supõe-se que se formou gelo à sua volta muito depressa. E, graças à *Lyuba* e a restos de outros mamutes que se encontraram, os cientistas estão a pensar clonar um mamute. Já imaginaram? Se calhar ainda vamos ter um mamute vivo entre nós. Conseguem imaginar algo assim, mamutes a andarem de novo pela Terra?

Todos eles assentiram com entusiasmo — sim, era uma ideia incrível. De seguida, os rapazes correram de volta à sala dos dinossauros.

— Maria, consegues ver o corpo? — perguntou Henry. Usando adesivo, fixara o portátil da Dra. Champey no suporte para o soro e ligara-o ao seu telefone por satélite. O corpo despido da jovem médica estava agora sobre a bancada, com um braço curvado acima da cabeça e o outro estendido como se para apertar a mão a alguém. Tinha os joelhos fletidos e o torso ligeiramente erguido com a ajuda de um manual médico que Henry lhe colocara entre as omoplatas. Abertos sem pestanejar, os seus olhos fitavam a lâmpada crua ali no alto. Era a mulher azul.

Henry deu-se um momento para lamentar ter de a submeter àquela derradeira indignidade, mas a medicina era assim mesmo e ele estava seguro de que a jovem médica se teria disposto ao sacrifício. Também lamentava não ter tido oportunidade de a conhecer em vida e de sentir o calor do seu aperto de mão. Nunca deixaria de se surpreender com a frieza de um corpo sem vida.

«Sim, Henry, o sinal está bom.»

Em Genebra, a transmissão estava a ser projetada no mesmo auditório onde ele estivera apenas um dia antes.

— Infelizmente, eles não tinham aqui nem o equipamento mais básico para uma autópsia como deve ser — disse ele. — Mas precisamos de amostras de tecido dos órgãos, portanto vou-me desenrascar como puder. — Recuou um momento e observou aquele corpo com um olhar analítico, vazio de emoção. — Terá pouco menos ou pouco mais de trinta anos. Tem uma musculatura bem definida; possivelmente, corria ou praticava outro desporto. Como podem ver, a cianose ocorreu em todo o corpo, o que indica falta de oxigénio. É mais pronunciada na zona superior do torso. Terá aproximadamente um metro e sessenta e cinco, mas é difícil dizer ao certo, porque, com o *rigor mortis*, ficou numa postura contorcida. Não tenho aqui uma balança, mas calculo que pesará cinquenta e quatro quilos. — Examinou o sangue seco nos olhos e no nariz da jovem médica, depois a

saliva espumosa em volta da boca. — Epistaxe — concluiu. — Possivelmente, houve severa hemorragia interna.

A cólera não provocava sangramento.

Subiu-lhe o lábio superior. Tinha uns dentes brancos e bem cuidados. Não havia sintomas de icterícia.

«Doutor Parsons, vê lesões superficiais?», perguntou um dos médicos no auditório.

Henry reparou numa pequena cicatriz que ela tinha no queixo. No ombro esquerdo, a cicatriz da vacina contra a varíola. De resto, nem a mais ligeira imperfeição, pensou ele com tristeza. Tinha uma tatuagem no pulso, tão pequena que mal se via. Uma ferradura, pareceu-lhe.

Sem instrumentos próprios para uma autópsia, teria de improvisar com o que havia. Não tinha um bisturi, mas, numa gaveta, encontrou um canivete suíço. *Vai ser feio de ver*, pensou, ao testar a lâmina. Tentaria tratar o corpo com a máxima dignidade.

— Vou abrir a cavidade torácica — anunciou.

Fez a incisão e descreveu uma curva, começando no ombro direito e indo terminar abaixo do seio, depois fez um corte em espelho do lado contrário. Resistindo à função que Henry estava a obrigá-la a desempenhar, a lâmina do canivete ia mastigando a carne. Surgiu o primeiro fio de sangue; era como gelo a derreter. Abriu o ventre até ao osso pélvico, depois ergueu e afastou uma das abas do peito, que escondeu o rosto da jovem médica. Colheu um pouco de sangue coagulado e colocou-o num saco para sandes; encontrara alguns na despensa.

Havia uma fina camada amarelada de gordura, que ele raspou, revelando o esterno.

— Quero desculpar-me de antemão — disse ele, pondo de sobreaviso quem estava a ver. — Não tenho aqui uma serra de autópsia, portanto vou ter de improvisar. — Era frequente os patologistas usarem tesouras de podar para abrirem a caixa torácica, mas Henry encontrara unicamente uma tesoura para cortar as ligaduras, com a qual pouco mais conseguia do que ir roendo o osso. — A menos que alguém tenha uma ideia melhor, vou ter de tentar partir o esterno — disse ele.

Do outro lado, houve apenas silêncio.

Erguendo a tesoura acima da cabeça, Henry desferiu um golpe com toda a força.

E algo aconteceu. Ouviu exclamações sufocadas no auditório em Genebra. Inicialmente, não percebeu o que acontecera, mas depois reparou no líquido rosado e espumoso que lhe salpicara o fato de proteção.

Apenas conseguira rachar ligeiramente o esterno. Golpeou-o outra vez e outra. Agora, o líquido rosado escorria-lhe pelo fato. Já lhe salpicara o cabelo e os ouvidos. Tinha os óculos tão sujos que mal conseguia ver. Tornou a golpear. Abstraiu-se das exclamações horrorizadas de Maria. A

sua mente reduzira-se a um único pensamento: abrir a caixa torácica para descobrir o mistério que se escondia ali dentro. Quando por fim conseguiu fazer isso, a extensão dos danos revelou-se de imediato. Onde houvera pulmões, restava um pântano espumoso.

— Os pulmões estão reduzidos a uma papa espumosa e ensanguentada — descreveu, meio sem fôlego. — Processo hemorrágico extremo e edema agudo. Tudo indica que a causa da morte... — Engasgou-se. Respirou fundo. — A causa da morte desta corajosa jovem médica é óbvia — declarou. — Morreu asfixiada pelos próprios fluidos.

Em Genebra, o silêncio era absoluto. Por fim, Maria falou.

«Henry, vou impor uma quarentena obrigatória. Amanhã de manhã estará aí uma equipa. Agora, por amor de Deus, para o que estás a fazer. Vai já limpar-te e desinfeta-te. A partir daqui, lidamos nós com o assunto.»

Mas havia uma última coisa que ele tinha de fazer. Usando o seu telefone por satélite, enviou o *e-mail* da Dra. Champey para Luc Barré. Só então deixou a tenda. A custo, tornou a atravessar o campo lamacento. Anoitecera. A monção viera em força. Mal afastando as abas das suas tendas ou espiando por nesgas mínimas nos seus abrigos, os detidos ficavam a vê-lo passar. Nos olhares de todos eles, terror. Ele era um espectro, era o fantasma do futuro que os esperava, um por um. Alcançou o portão, que abriu, depois fechou nas costas dele. Viu o seu trólei no alpendre da casa do oficial no comando. De Bambang, ou do seu riquexó, nem sinal.

Estava praticamente seguro de que a doença ali no Campo Kongoli não era de origem bacteriana. Estavam perante algo novo. Talvez fosse um coronavírus como a SARS ou a MERS, ou um paramixovírus como o Nipah, mas vinha-lhe constantemente à cabeça aquele gráfico com a curva da mortalidade a descrever um W, de resto uma famosa característica da chamada gripe espanhola de 1918. Enquanto pensava em tudo isto, despiu-se completamente à vista dos detidos do campo e do oficial no comando, e, aproveitando a chuva intensa, lavou o cabelo e o corpo. Estava tão nu como a jovem médica cujo corpo ainda há pouco abrira com extrema violência.

Passara toda a sua carreira profissional a aguardar o dia em que encontraria uma doença mais esperta e mais implacável do que ele e que se revelaria impiedosa. De certa forma, era um jogo. Havia um vencedor e um vencido. Toda a doença tinha as suas vulnerabilidades e ele fizera nome na sua profissão por ser o melhor a decifrar a estratégia de cada nova infeção desconhecida, a antecipar cada uma das suas jogadas, cada brilhante contra-ataque. Dispondo de tempo suficiente, acabava sempre por sair vencedor. Mas algumas doenças não dão esse tempo ao adversário e, nesses casos, é uma questão de sorte. E, até hoje, a sorte estivera do seu lado.

Desta vez, porém, algo lhe dizia que nem a sorte nem o tempo iam ficar

do seu lado.

Jill estava na sala de aula a tirar os dinossauros de argila do forno quando, pelos altifalantes, ouviu chamarem-na ao gabinete da diretora. Soube de imediato que alguma coisa acontecera; nunca fora convocada daquela maneira. Pôs-se logo a imaginar possíveis horrores que teriam acontecido aos filhos, mas depois procurou bloquear tais pensamentos. Deixou Vicky a tomar conta da situação e saiu para o corredor. Foi passando pelas várias salas de aula. Tudo parecia normal, mas ela sentia o coração a martelar-lhe o peito.

— Tem uma chamada — disse a secretária. — Disseram-me que era urgente.

«É o Henry», disse Maria Savona logo que ela atendeu. Há anos que aguardava uma chamada assim. «Ele está bem. Mas esteve exposto a qualquer coisa que ainda não sabemos o que é. Já temos uma equipa num avião a caminho de lá.»

— Ele está onde?

«Continua na Indonésia. Está em isolamento. Vamos mantê-lo lá durante alguns dias e ver se algum sintoma se manifesta. Tente não enlouquecer de preocupação. Ainda não sabemos como este organismo se transmite, ou sequer se é contagioso. Tanto poderá ser um veneno como um parasita. Ainda que se transmita pelo ar, o mais certo é o Henry estar bem, porque estava de máscara. Em breve saberemos mais.»

O pior era que Jill já ouvira, do próprio Henry, que as máscaras não ofereciam grande proteção. Numa zona de risco, proteção digna desse nome traduzia-se em usar um fato de polipropileno e máscara respiratória. Por que raio não pensara ele nisso?

«Jill, vou ser honesta consigo. A culpa é minha. Fui eu a enviá-lo para aquele lugar. Ao ir até lá, o Henry estava a fazer-me um favor. Se lhe acontecer alguma coisa, nunca me perdorei.»

Mas a culpa não era de Maria. Henry teria ido de qualquer maneira.

Já a caminho de casa, Jill parou na pastelaria em Little Five Points para levar o bolo de aniversário de Teddy. Já resolvera que faria como se nada se passasse. Henry sabia tomar conta de si. Às crianças, diria que... bem, logo veria depois.

— Ora, se não é o Teddy, o nosso aniversariante! — saudou uma mulher grisalha e com um avental às risquinhas vermelhas que lembrava o invólucro de um chupa-chupa. A vitrina do balcão estava cheia de bolachas artesanais, *cupcakes* e macios pães de forma recém-saídos do forno, em suma, um milhão de irresistíveis calorias a pedirem dono. Só de cheirar aqueles aromas, Jill sentiu-se engordar. Mas enfim, tradições são tradições.

Dentro da caixa estava um bolo de veludo vermelho com cobertura

branca. Em cima, a rematar, três Mínimos. Teddy arreganhou um sorriso, revelando um incisivo em falta. Adorara aquele filme.

— Edna, está perfeito. Como sempre — elogiou Jill.

— Ora, eu conheço o meu público — replicou a dona do estabelecimento. — E tu, Helen? Não queres uma bolacha caseira? As de aveia e passas saíram agora mesmo do forno.

Jill entrou no seu acesso particular. Moravam no Ralph McGill Boulevard, muito perto da Biblioteca Museu Jimmy Carter, numa moradia construída por volta de 1920, com fachada de tijolo à vista e primeiro andar. Tinham-na comprado durante a recessão. A família que a construía era a mesma que tinha a fábrica de tijolos, ou seja, a sua solidez era garantida. «Esta, o lobo não deitava abaixo de um sopro», brincou Henry. Na altura, ainda não tinham filhos, tal como não tinham dinheiro, por isso encarregaram-se eles mesmos das obras. Henry era habilidoso. Fez uma oficina na cave e ele mesmo se encarregou dos acabamentos dos tetos, enquanto Jill ficou incumbida da pintura das duas salas, a de estar e a de jantar. Depois, um belo dia, Henry agarrou numa marreta e mandou abaixo as paredes de madeira da lavandaria que fora feita por trás da cozinha e converteu esse espaço num alpendre fechado onde agora faziam quase todas as refeições. Ao entardecer, sentavam-se ali só os dois, cada um com o seu copo de vinho, e ficavam a admirar as zínias e os tomateiros do seu quintal. E falavam do que calhasse. Aquela era a felicidade de uma vida normal, que os dois tinham construído juntos.

A casa fora bem projetada. A sala de estar era ampla e com muita luz. Dava para uma grande varanda coberta que acompanhava todo esse lado da casa e onde Teddy e Helen adoravam brincar. Na Internet, tinham comprado um baloiço tradicional de alpendre, por trás do qual estava uma treliça com uma romãzeira que o próprio Henry espaldeirara.

Arrendavam o primeiro andar à Sr.^a Hernández, uma solitária senhora de proecta idade que jurava a pés juntos ter um único gato, embora houvesse sempre mais. Sempre que o cheiro começava a raiar o insuportável, Jill subia a dar-lhe uma palavrinha. Na verdade, o seu desejo era correr com ela dali para ficarem com a casa inteira ao seu dispor. A sua situação financeira já o permitia. Os filhos teriam muito mais espaço e ela e Henry poderiam mudar-se para o quarto de casal com casa de banho própria que havia lá em cima. Cada casal tem a sua questiúncula que não consegue resolver e aquela era a sua. Henry era de temperamento frugal. Ali em baixo tinham três quartos, não se cansava de salientar, davam e chegavam para eles quatro. Além disso, a renda que cobravam à Sr.^a Hernández cobria a quase totalidade da prestação mensal que pagavam ao banco. Mas Jill suspeitava que, na verdade, ele não tinha coragem de pedir à Sr.^a Hernández que se fosse embora.

Pousou a caixa com o bolo na bancada rústica que ali tinham em lugar

de uma ilha de cozinha. Teddy convidara apenas três amigos para virem cantar-lhe os parabéns. Ao contrário da irmã, não era muito de festas. Eram duas crianças muito diferentes. Tendo tido uma enorme dificuldade em engravidar, chamara a Helen o seu «milagre». Jamais imaginara que teriam um segundo filho. Teddy — o nome completo era Theodore Roosevelt Parsons — chamava-se assim em homenagem ao presidente que aceitara tomar parte numa expedição rio acima pelo Amazonas que acabara por quase lhe custar a vida. Aquando de uma das suas investigações epidemiológicas — uma série de mortes misteriosas numa tribo de índios cinta-larga que exploravam uma mina de diamantes ali na região —, também Henry estivera na zona oeste do Brasil, numa floresta tropical perto da fronteira com a Bolívia. Ao chegar à aldeia da tribo, restava tão-só um punhado deles com vida. Conseguiu descobrir a causa da doença — se Jill bem se lembrava, todo o abastecimento de açúcar da tribo fora envenenado por narcoterroristas que queriam apossar-se da mina ou algo do género, e então deparou com uma mulher moribunda no termo da gravidez e fez-lhe um parto de emergência. O bebé sobreviveu e ele trouxe-o consigo. O «milagre número dois», chamara-lhe.

Teddy fora, desde o começo, um menino sério e ensimesmado, e isso preocupava Jill, que por vezes se perguntava se o veneno lhe teria afetado a personalidade. Logo em bebé, era de uma solenidade que por vezes chegava a dar medo, parecia um príncipe de um conto de fadas que fora raptado e que um dia regressaria para reclamar o trono. Era pequenino, mas de constituição rija e muito curioso. Tinha uns olhos pretos que brilhavam como ónix polido. Não se esforçava de todo por ser popular, mas os outros sentiam-se atraídos por aquela sua aura de autossuficiência, algo em que, de resto, se parecia muito com Henry — era amistoso, mas não sentia a necessidade de impressionar fosse quem fosse. Teddy irradiava uma autoconfiança rara nas crianças.

O problema era Helen, que não chegara realmente a adaptar-se à presença de um irmão quatro anos mais novo e que, em tantos aspetos, era o seu exato oposto. Helen era alta e esgalgada, ruiva e cheia de encantadoras sardas. Adorada pelos professores e invejada pelas colegas, alvo das atenções dos rapazes e pretendida por tudo quanto fossem equipas e clubes, era como um íman que atraía a vida. Esperava-a sem dúvida um futuro empolgante, sentia Jill. Por vezes, dava por si a observar a filha quando ela estava de fato de banho ou prestes a ir dormir e maravilhava-a que aquele encantador espécime humano tivesse saído de dentro de si.

Contudo, também a filha a preocupava. Helen era como uma peça de cristal, perfeita, mas com algo frio. Era impaciente e tinha laivos autoritários. No seu mundo, era Teddy o único adversário na disputa por afeto e aprovação, e, como ele não procurava nada disso, a sua modéstia era

constantemente premiada, porque muitos lhe admiravam a inteligência e o autocontrole.

Antes de os amigos dele chegarem, Jill ligou a televisão para ver as notícias. Na Fox News, Bret Baier estava a falar sobre o ataque terrorista em Roma. Mudou para a CNN. O pivô, Wolf Blitzer, estava a falar com um repórter que se encontrava à porta da sede da Organização Mundial da Saúde. Por trás dele via-se um alinhamento de bandeiras de vários países. «A Indonésia aceitou autorizar que a comunidade internacional monitorize os portos e os transportes no seu território», ia dizendo o repórter. «Entretanto, o Campo Kongoli foi fechado com um cordão sanitário e as autoridades afirmam ter a situação inteiramente controlada.» *Oh, Henry, pensou Jill, quando é que voltas para casa?*

A ALA OESTE

De alguma maneira, apesar daquela tempestade de neve em plena primavera, todos conseguiram chegar. Qualquer que fosse o dia da semana, o trânsito em Washington era calamitoso, mas, quando nevava, a cidade ficava praticamente intransitável. E agora levantara-se um sol ofuscante que se refletia no lençol branco que cobria o Roseiral da Casa Branca e que ia derretendo os pingentes de gelo que se tinham formado na colunata. Mas, na chamada «sala de crise», uma masmorra de alta tecnologia na cave da ala oeste, a noite era eterna. Era a partir dali que o presidente e os seus conselheiros comandavam as forças norte-americanas espalhadas pelo mundo e que lidavam igualmente com as crises internas. Ao longo das paredes de mogno alinhavam-se os ecrãs planos para videoconferências sujeitas a medidas de segurança extremas, as cadeiras forradas de couro preto eram como um regimento em volta de uma grande mesa oval e o teto estava cheio de sensores que detetavam escutas e sinais de telemóveis não autorizados.

O comité de delegados do Conselho de Segurança Nacional ia examinando a informação atualizada disponibilizada nessa manhã, em busca de algo que fosse realmente novidade ou relevante. Além da CIA, estavam ali representantes dos gabinetes do secretário de Estado, da Administração e Orçamento, do Tesouro, da Justiça, da Segurança Interna e do Estado-Maior-General das Forças Armadas. A sua tarefa era triarem a informação disponibilizada, que apresentariam aos seus superiores por demais atarefados, enquadrando tudo de maneira que eles pudessem entender. Por norma, às reuniões dos delegados presidia o «número dois» do conselho de segurança, mas a representante em questão partira uma perna a esquiar em Jackson Hole, pelo que tocava a Matilda Nichinsky assegurar o cumprimento da agenda de trabalhos.

Qual bolha de sabão, Tildy fora saltitando sem dar nas vistas pela burocracia de Washington acima, subindo degrau a degrau até finalmente chegar ao cargo de secretária de Estado adjunta da Segurança Interna sem que alguém desse por isso ou fosse capaz de explicar como acontecera. Era alguém na sombra, mas que estava a par de toda a informação privilegiada, de todos os segredos, e cabia aos demais confiarem que ela lhes daria conta das decisões dos seus superiores, como de resto vinha fazendo há vinte e sete anos. Era uma vida solitária, mas tinha as suas

vantagens. As regalias eram muitas e todas excelentes. No mundo fechado em que se movia, era alguém importante, mas não tão importante como ela achava que merecia ser. Ninguém tinha realmente noção das muitas batalhas clandestinas que ela já travara; as suas vitórias eram silenciosas, mas, ao longo do seu percurso, já deixara muitos inimigos caídos por terra. Tinha um talento único para se fazer menosprezada.

— Que grupo é este que reivindica o atentado em Roma? — perguntou.

— Designam-se por «Brigada 313» — informou o representante da CIA. — São os mesmos que planearam os ataques no Mumbai em 2008. O número refere-se ao exército de trezentos e treze muçulmanos reunido por Maomé para a sua primeira campanha militar. Conseguimos eliminar o líder em 2011, um mês depois de despacharmos o Bin Laden. Não são diferentes de qualquer outro grupo membro da Al-Qaeda; basicamente, querem matar tanta gente quanto consigam. Na nossa avaliação, são extremamente perigosos.

O delegado do secretário da Defesa perguntou se já havia informação quanto a futuros ataques. Não havia.

Os outros assentiram. Não os surpreendia que não houvesse. Com a CIA, era sempre assim. Os alarmes soavam à grande, mas depois nunca havia informação que permitisse ação pronta. O ataque apanhara-os desprevenidos e nem tão-pouco sabiam quando fora planeado. Apenas sabiam que o grupo era «extremamente perigoso». A CIA parecia um camião dos bombeiros desgovernado, a avançar desabrido pela estrada, com a sirene aos berros, mas sem água no tanque ou sem que os ocupantes soubessem para onde tinham de ir.

— Há mais um detalhe relativo ao atentado em Roma — continuou o representante da CIA. — Havia uma excursão de turistas alemães num café junto da *piazza*. Sobreviveram ao atentado, mas, dois dias depois, ao regressarem a Estugarda, quatro adoeceram e um morreu. Tudo aponta para que os restantes venham também a morrer. Os investigadores deles dizem que foi envenenamento.

— E qual foi o veneno? — perguntou Tildy.

— Botulismo. Segundo o nosso pessoal de laboratório, não há veneno mais potente. Um grama da toxina botulínica chega para matar um milhão de pessoas. A nossa sorte é que o calor da explosão terá destruído a quase totalidade das bactérias.

Seguidamente, o delegado do secretário de Estado abordou o agravamento da tensão entre o Irão e a Arábia Saudita por causa de um grupo separatista árabe em Ahvaz, no Sudoeste do Irão, junto à fronteira com o Iraque.

— Os rebeldes houthi do Iémen compraram mísseis de maior precisão a Teerão e Riad está ao seu alcance — explicou ele. — Um míssil em cheio

no alvo será uma declaração de guerra ao Irão.

Tildy voltou-se para o delegado do secretário da Defesa.

— Temos os recursos necessários no Golfo?

— Depende — replicou ele. — Para fazer o quê? Se me pergunta se podemos impedir a escalada de um conflito de pequena escala, provavelmente, sim. Até aqui, a guerra civil islâmica tem sido travada com recurso a peões, mas as peças maiores não deixam de estar no tabuleiro. Cabe-nos decidir quanto queremos arriscar numa região cujos ocupantes parecem apostados em aniquilar-se mutuamente.

— Os sauditas parecem querer controlar todo o Golfo, para de seguida controlarem todo o Islão — interveio o delegado do secretário de Estado. — Ora, a única forma de conseguirem isso é aniquilando o Irão.

Tildy pediu ao delegado do secretário da Energia uma estimativa do tempo de que o Irão iria precisar até retomar em pleno a produção de urânio enriquecido.

— Ainda agora construíram uma nova fábrica com capacidade para funcionarem diariamente sessenta centrifugadoras avançadas. Estimamos que podem produzir urânio enriquecido em quantidade suficiente para terem uma bomba a postos de seis em seis semanas, se assim quiserem. E, provavelmente, querem.

Estimamos. Suspeitamos. Cremos que. Talvez isto, provavelmente aquilo.

Tildy já ocupava cargos governamentais há tempo suficiente para saber que a informação obtida pelos serviços secretos era sempre vaga e imperfeita, daí ser tão manipulável. Todos queriam (ou julgavam querer) a sua quota-parte do *puzzle* geopolítico, mas ninguém tinha uma ideia clara do que estava realmente a acontecer. Estariam os sauditas por trás da revolta no Irão? Teriam o apoio dos Estados Unidos? Estavam os sauditas e os iranianos a armar-se para o Apocalipse ou não passaria tudo de rumores ou talvez *bluff*? Invocavam-se factos apenas parcialmente comprovados para justificar iniciativas militares mal-avisadas em zonas do mundo onde a América tinha poucos amigos e nas quais não havia em jogo interesses nacionais determinantes. *Foi assim que acabámos por ir meter o nariz no Vietname, refletiu ela. E no Iraque. E na Líbia. E em sei lá quantos outros sítios. Informação pouco credível somada a fanfarronice ideológica. O resultado? Biliões de dólares deitados ao lixo.* Enquanto isso, o próprio governo americano estava debaixo de fogo. Todos naquela sala, com exceção do delegado do secretário da Defesa, estavam ali em representação de agências do Estado a baterem em retirada depois de lamentáveis incidentes resultantes de especulação mal fundamentada. A América já não tinha dinheiro para ser a América. Muito menos os tomates que isso exigia.

Uma vez mais, apercebeu-se ela, a Rússia não constava da ordem de

trabalhos. Os serviços secretos sempre tinham contado com burocratas especializados nessa região, mas toda essa gente fora posta a correr. Era como se quisessem apagar toda uma era. *Todos sabem o que se passa, mas ninguém sabe para onde tudo isto caminha*, refletiu ela. *Dentro em pouco, já ninguém se vai lembrar sequer do que estava em jogo.*

Na sua juventude, Tildy passara três anos no estrangeiro ao serviço do governo. Fora colocada em São Petersburgo. Todo esse período logo após a queda do Muro de Berlim fora inebriante. Gorbachev recebera o Nobel e a União Soviética, essa monstruosa máquina de opressão, finalmente sucumbira à soma das suas contradições internas e esfumara-se de um dia para o outro. Pairara a convicção de que a história chegara de facto à sua conclusão e o capitalismo democrático era o inevitável destino da humanidade. A paz e a harmonia estavam na ordem do dia. E os Estados Unidos reinavam supremos, sem adversários que se vissem.

Na altura, Vladimir Putin era um jovem a caminho de se tornar vice-presidente da Câmara Municipal de São Petersburgo, pelo que Tildy o via com regularidade. Sendo ele próprio um ex-espião, via-a como uma espia, naturalmente. Não fazia segredo do seu passado (porque haveria de o fazer?) e chegava a tratá-la como uma espécie de estagiária, dando-lhe dicas aqui e ali. «Faz bem em estar presente neste evento», dizia, quer se cruzassem numa feira de equipamento agrícola, quer num *cocktail* no magnífico consulado sueco na Malaya Konyushennaya Ulitsa. E comentava que acabava de chegar outra sua «homóloga» (o termo era dele) de Paris ou de Bona. Numa ocasião, tomou-lhe maliciosamente o braço e levou-a pelo salão de baile para lhe ir apresentar uma mulher de modos solenes que vestia um *blazer* de seda preta. «Vem do MI6, ela», sussurrou-lhe. Se Tildy tentava reiterar que não era senão uma simples adida, Putin sorria e o seu olhar fixava-se adiante, como se dizendo que aquele paleio lhe era familiar.

Hoje, ninguém diria, mas, na altura, ela era uma mulher atraente; só mais tarde arruinaria a figura ao consolar-se com os canapés e os chocolates, além de que talvez exagerasse no vinho ao jantar. Nunca soubera bem o que pretendia Putin com aquele jogo, mas, para que não houvesse mal-entendidos, mencionava cada encontro dos dois nos seus relatórios. Putin era do tipo que procurava lucrar com tudo, para não lhe chamar extorsionista. A Rússia estava desagregada e sem dinheiro e via-se obrigada a trocar os seus recursos naturais — madeira, petróleo, metais preciosos e por aí fora — por produtos alimentares importados. Em São Petersburgo, qualquer transação passava por Putin, que chefiava o gabinete do comércio internacional e do investimento. Grande parte desses produtos alimentares não chegava a ser distribuída, antes era convertida em subornos. Aos olhos de Tildy, Putin era um ladrão, já lhe tinham

passado pelas mãos dezenas de milhões de dólares, e, enquanto isso, compatriotas seus morriam à fome. Era investigado, mas jamais se apurava fosse o que fosse. Já na altura era intocável.

Fazia por se mostrar sempre descontraído, mas por vezes caía-lhe a máscara cuidadosamente construída e Tildy vislumbra-lhe o olhar de predador e a impiedosa frieza naqueles lábios. De seguida, ele recuperava o ar bem-disposto, como se acabasse de acordar da sesta. Abanava a cabeça, o sorriso regressava, e, com o sorriso, os modos irrepreensivelmente afáveis. Dizia-se um entusiasta da cultura americana. Numa ocasião memorável, em que fora organizado um passeio de barco pelos canais durante as noites brancas, vinha uma banda a bordo e então ele sentou-se nos teclados e tocou um conhecido tema de Fats Domino. Os americanos que vinham no passeio ficaram encantados. Mas ela já o vira sem a máscara e já sabia que sob a mesma se escondia um assassino. No caos de depravação que se instalara com a queda do império, ali estava um indivíduo que gozava de uma vantagem: sabia o que queria. Queria vingança.

O seu alvo era o coração da América: a democracia. E Putin era um atirador exímio. Ali reunida com alguns dos mais poderosos do governo, Tildy conseguia ver que a nenhum deles ocorreria dizer que Putin já premira o gatilho. O maldito conseguira sacudir a água do capote.

O último ponto na ordem de trabalhos era um surto de uma doença misteriosa na Indonésia.

— Suponho que terei de ser eu a explicar a situação, uma vez que não temos aqui ninguém do Departamento de Saúde — justificou Tildy. Mal disse estas palavras, o representante da CIA levantou-se para sair. «Reunião na outra banda», disse-lhe, movendo os lábios sem produzir som. — Espere — pediu ela, na sua voz de velha autoritária que desencorajava teimosias. — Tenho algumas questões quanto a este assunto. — Relutante, o representante da CIA lá se sentou novamente. — Ao que parece, trata-se de uma doença de que não há registo — prosseguiu ela. — Poderá tratar-se de uma arma biológica?

— É possível — replicou o representante da CIA. Era uma resposta que não servia para absolutamente nada.

— Ou será alguma coisa que se escapou acidentalmente de um laboratório? — sugeriu ela.

— Ainda não temos informação quanto a isso — replicou ele.

Para variar, pensou ela.

— Bem, por hoje é tudo — disse, encerrando a reunião para que todos aqueles delegados e representantes pudessem regressar a um mundo que ia ficando cada vez mais impiedoso.

QUARENTENA

As primeiras palavras de Henry foram: «Eu estou bem.» Eram cinco da manhã em Atlanta, e, só de lhe ouvir a voz, Jill ficou com os olhos rasos de lágrimas. «Só agora é que eles me devolveram o telefone por satélite, senão já tinha ligado.»

— Estás onde?

«Numa tenda, sozinho. Estão para chegar equipas médicas vindas de todo o lado. É questão de poucas horas até estarem no terreno e com a situação controlada.»

— E tu, quanto tempo vais ter de ficar de quarentena?

«Não havendo sintomas, catorze dias.»

— E há?

«Não, e não quero que te preocupes.»

— Deves estar a enlouquecer aí fechado.

«Estou furioso, isso sim. Devia ser eu a chefiar a equipa, mas não, estou fechado nesta tenda mínima, com a minha cama de lona e a minha cadeira de praia.»

Jill riu-se ao imaginá-lo, mas estava sobretudo a rir-se de alívio. Por outro lado, sabia como estaria a ser difícil para ele ver-se isolado e impedido de agir enquanto lá fora decorria uma grave crise sanitária.

— Se não fosses tu, eles agora nem sequer estariam a caminho daí — recordou-lhe.

«Diz aos miúdos que os adoro», pediu ele. «E que estarei em casa logo que possa.»

Seguidamente, Henry ligou a Maria e indicou-lhe, um por um, qual a equipa que queria que ela reunisse.

— Na liderança, tem de estar o Marco. — Referia-se a Marco Perella, que já o acompanhara em inúmeras deslocações para investigar e tratar doenças. Esperto, fiável e sempre irónico, começara no Serviço de Investigação Epidémica, nos laboratórios que Henry chefiava nos Centros de Prevenção e Controlo de Doenças. Hoje, era o seu braço-direito.

«Já o pus num avião», replicou Maria.

— E não podemos ficar-nos por um simples laboratório de campanha só com o básico.

«Também já tomei providências nesse sentido», assegurou ela.

— Estás a andar depressa — elogiou ele.

«Limitei-me a listar todas as exigências que já sabia que ias fazer e pular em prática uma por uma.»

— Conheces-me bem de mais — concluiu Henry. — Escuta, Maria, é preciso que as autoridades indonésias tenham noção da gravidade da situação. É pouco provável que consigamos cingir o surto a este campo de refugiados. Temos de identificar todos quantos entraram e saíram daqui nos últimos trinta dias. Pessoal encarregado de trazer a comida, militares, pessoal médico, todos.

«Calma, Henry!», exclamou ela. «Já está a ser feito!»

— Desculpa, calculei que sim. Ninguém melhor do que tu para lidar com isto. Sinto-me frustrado por me terem colocado à margem, é tudo.

«Não estás à margem de coisa nenhuma. Contamos contigo e vamos falar diariamente.»

Antes de desligar, Henry ainda expressou o seu pesar por ela ter perdido uma amiga no atentado em Roma.

«Obrigada, Henry. Crescemos juntas. Em pequenas, éramos melhores amigas. A família deve estar a passar um mau bocado.»

— Aposto que para ti também não está a ser fácil.

«Sabes o que me custa mais?», replicou ela, com a voz a falhar-lhe. «O ódio que sinto pelos que fizeram isto. É-lhes indiferente que cada vida que colheram seja preciosa. Apenas lhes interessa matar e chamar a atenção do mundo para as suas queixas. Inconscientemente, talvez queiram fazer-nos sentir o mesmo que eles próprios sentem. Pois bem: comigo, conseguiram. Toda a minha vida trabalhei em prol da saúde e da paz e agora sinto-me cheia de raiva. É-me insuportável pensar no que eles fizeram à minha amiga e desprezo esta pessoa em que eles conseguiram que me transformasse.»

Minutos depois, Marco ligou-lhe do avião. Consigo, trazia uma dúzia dos melhores investigadores que havia em Atlanta. Vinham juntar-se às equipas, entre elas a da OMS, já no terreno. Por telefone, lançaram-se numa das suas habituais discussões em que iam eliminando possíveis agentes patogénicos para se circunscreverem às causas mais prováveis da doença que tinham em mãos, tratando simultaneamente de assegurar que não ignoravam candidatos menos óbvios.

«Portanto, temos a cianose», começou Marco, abordando o sintoma mais notório. «Achas que pode ser envenenamento?»

Henry ponderou na questão. Conheciam-se casos de mulheres que tinham morrido por ingestão de nitrobenzeno com intenção de provocar um aborto. Ficavam arroxeadas. Tal como se sabia de estampadores e de tipógrafos que se tinham suicidado bebendo tinta da China. Alguns metais pesados, como o cádmio, provocavam cianose, mas isso implicava um grau de exposição extraordinariamente elevado.

«E se tiver sido um mata-ratos?», sugeriu Marco. «Ficava explicada a

hemorragia interna.»

De facto, o Campo Kongoli estava infestado de ratos. Mas quase todos esses venenos funcionavam como anticoagulantes e a amostra que Henry colheira do corpo da jovem médica apresentava um sangue adensado. Estando aquela doença presente em ratazanas, poderiam ter sido as pulgas e as carraças a espalhá-la, como acontecera com a peste bubónica. Ao chegar aos pulmões, a bactéria em questão, a *Yersinia pestis*, passava a transmitir-se entre humanos, sendo altamente contagiosa e quase impossível de tratar. A taxa de mortalidade chegava perto dos cem por cento.

Henry vivia assombrado pelo medo de a peste poder um dia regressar. Durante o curso na Johns Hopkins, fizera uma cadeira de História da Medicina e a bactéria da peste deixara-o fascinado. No quadro de ardósia, o professor traçara um gráfico que representava uma estimativa da população humana ao longo dos tempos. Dera-se um crescimento regular até ao século vi, para, em pleno reinado do imperador romano Justiniano, morrerem cinquenta milhões — cerca de um quarto da população mundial. Fora essa a primeira pandemia de peste. A seguinte fora a mais mortífera em toda a história da humanidade. A «peste negra» — assim chamada por causa da gangrena nos dedos das mãos e dos pés e no nariz do infetado — surgira na China em 1334, e, viajando pelas rotas comerciais, chegara à Ásia Central e à Europa, tendo vitimado duzentos milhões de pessoas até desaparecer em 1353. Quanto à última pandemia de peste que se conhecia até à data, começara também na China, em meados do século xix, e, por causa dos navios a vapor, rapidamente se espalhara pelo mundo. Só na Índia tinham morrido vinte milhões e a taxa de mortalidade rondava os oitenta por cento. Até hoje não havia uma vacina eficaz contra a peste pneumónica.

Ao examinar os médicos mortos, não encontrara as lesões inchadas que eram características da peste — e ainda bem, porque, mal tendo começado a sua quarentena ali na tenda, já estava todo mordido pelas pulgas.

— Não está excluído que sejam as ratazanas as portadoras — disse Henry —, embora, segundo as notas da doutora Champey, a doença tenha começado por se espalhar lentamente, para, de repente, varrer o campo de refugiados de uma ponta à outra, o que segue o padrão normal das doenças infecciosas.

«Há alguma faixa etária com maior incidência de mortes?», perguntou Marco.

— Estão a atualizar a contagem — respondeu Henry. — Morreram sobretudo homens novos, mas há que levar em conta que, naquele campo de refugiados, só estão indivíduos do sexo masculino, com incidência nas faixas mais jovens. Outro fator a considerar é que a equipa dos Médicos

sem Fronteiras veio com intenção de tratar o VIH, portanto é de presumir uma percentagem significativa de sistemas imunitários debilitados entre os detidos. Ou seja, caso a doença se dissemine pela população geral, talvez se revele menos temível do que parece.

«Mas, em princípio, os médicos não estavam infetados com o VIH e também morreram», observou Marco.

— Sim, e bastante depressa — concordou Henry. — Podemos estar a lidar com uma doença que não se manifeste habitualmente em humanos, mas que, tendo apanhado pela frente indivíduos com sistemas imunitários debilitados, conseguiu entrar-lhes nos organismos e adaptou-se ao hospedeiro humano.

«E como se transmite?», interrogou Marco. «Pelos mosquitos? Por uma bactéria na água?»

— Espalhou-se depressa de mais para serem os mosquitos — disse Henry. — Vamos ver se o contágio diminui quando a tua equipa resolver a questão da comida e da água, mas a verdade é que não encontrei características de qualquer bactéria que conheça. O meu palpite é que se trata de um vírus.

«Ébola?»

— A forma repentina como surgiu aponta para isso. Uma taxa de mortalidade alta, a disseminação rápida, a febre hemorrágica... sim, pode ser o ébola. Mas a única estirpe do ébola de que há registo na Ásia é a Reston e não se conhecem casos de humanos infetados.

«E se for febre de Lassa? Ou o vírus de Marburgo?»

— Os portadores dessas doenças são o rato-de-faraó africano e o morcego-da-fruta egípcio. Não há registo da presença de uma ou outra dessas espécies na Indonésia.

«Ou seja, estamos perante um quebra-cabeças», concluiu Marco.

— E dos grandes — confirmou Henry.

«Cuida-te, Henry», disse Marco, antes de terminar a chamada. «Precisamos de ti para o resolver.»

Henry enveredara pela virologia já numa fase tardia da carreira. Começara por se dedicar ao estudo das bactérias altamente patogénicas, causadoras das mais terríveis doenças, como a pneumonia, por exemplo, a grande assassina entre as infeções respiratórias. Ou a peste, cuja simples menção inspira terror. Ou a tuberculose, ainda hoje a doença infecciosa que mais mata. Sim, Henry respeitava as bactérias. E estava convencido de que entendia os sofisticados mecanismos do contágio. Até que surgira o ébola. O ébola é a doença «diva» — excessivo, dado a repentes, maldoso ao extremo. O sintoma mais óbvio são os sangramentos, sai sangue por cada poro — e pelos olhos, pelos ouvidos, pelo nariz, pelo ânus e até pelos mamilos. É dessa forma que o vírus se escapa do hospedeiro para ir em

busca de novas vítimas. Inicialmente, os médicos confundiram o ébola com a febre de Lassa. Mas há o detalhe de os soluços serem um dos sintomas típicos do ébola. Ninguém sabe o que os provoca. Tal como no caso da gripe ou de uma vulgar constipação, o vírus do ébola tem como único material genético o ácido ribonucleico, ou RNA. Outros vírus, como a varíola ou o herpes, têm como material genético o DNA, ou ácido desoxirribonucleico. A característica distintiva dos vírus de RNA é a reinvenção constante, estão sempre em mutação, cada um deles é uma «invasão mutante» por excelência.

O ébola não é mais do que um filamento de RNA revestido de uma proteína e «embalado» num lípido. Por vezes, formam-se «braços», ou o filamento dá um nó, assemelhando-se a um «e» comercial ou a uma chave de sol. Certos animais selvagens, particularmente os morcegos e os macacos, podem transmiti-lo aos humanos. Alojado o vírus no organismo, os primeiros sintomas levam até três semanas a manifestar-se, de tal maneira que uma epidemia pode desenvolver-se pela calada, e, de um momento para o outro, começar a matar com a velocidade de uma lâmina de guilhotina. Não há tratamento e a taxa de mortalidade ronda os noventa por cento. Cuidados médicos continuados podem baixar essa percentagem para metade. Ao contrário da gripe ou do sarampo, o ébola não se transmite pelo ar. Apenas pode transmitir-se pelo contacto com os fluidos corporais — através do ato sexual, por exemplo, ou de beijos ou do toque, mas, sobretudo, ao cuidar-se de alguém infetado ou havendo contacto com o corpo sem vida de alguém vitimado pela doença. Ao conhecer o ébola, Henry vira-se a enfrentar uma doença que punia o amor e a compaixão.

Toda a abordagem de Henry à epidemiologia contara com uma figura tutelar: o Dr. Pierre Rollin, o seu primeiro chefe nos CPCD, um francês de olhar jovial que chefiava o Departamento dos Patogénicos Virais Especiais. Henry viu-o dar aquilo a que Pierre chamava o seu «curso básico do ébola» numa mesquita na Guiné aquando do surto de 2014 e ao qual compareceram imãs vindos dos quatro cantos do país. O ébola era um novo fenómeno desconhecido e aterrador, mas Pierre disse-lhes tudo quanto tinha a dizer nos termos mais claros e sempre num tom tranquilo, o que diminuiu consideravelmente o pânico, que pode ser mais contagioso do que a doença em si. Certa vez, Pierre levou a sua equipa para uma área remota e montaram lá um hospital de campanha. Iam tentar ajudar uma comunidade a conter o surto, mas foram recebidos com extrema desconfiança. Os familiares de cada vítima da doença sentiam ter o dever de lavar o corpo do seu ente querido. Ora, um corpo sem vida continuava a ser contagioso. Quando morreu um menino, os pais exigiram que o corpo lhes fosse entregue, sendo quase certo que isso os mataria — e a muitos mais. Quando a tensão atingiu um nível crítico, Pierre, na altura já na casa dos sessenta, agarrou numa pá e ele mesmo abriu uma sepultura. Para

Henry, tal demonstração de humanidade e compaixão tornou-se num patamar que ainda hoje ele ambicionava conseguir alcançar.

Ao enveredar pelo estudo dos vírus, numa primeira fase quase se deixara desencorajar pela magnitude e diversidade dos mesmos; os vírus eram todo um mundo que a ciência desconhecia a um grau chocante. Recuando uns meros vinte anos, não passava pela cabeça de ninguém que pudesse haver vírus nos oceanos, mas, entretanto, graças à investigação, descobriu-se que num único litro de água do mar havia cerca de cem mil milhões deles. Curtis Suttle, um virologista marinho da Universidade da Colúmbia Britânica, colheu amostras de água dos mares pelo mundo fora e descobriu que noventa por cento dos vírus que pôde observar eram inteiramente desconhecidos. Contudo, esses vírus eram os depositários dos códigos genéticos de inúmeras proteínas, ou seja, cada um tinha a sua missão. Restava saber qual — ou quais, melhor dizendo.

Em 2018, Suttle e outros cientistas tinham andado por cumes de montanhas em busca de indícios de vírus na troposfera livre — a faixa onde circulavam os aviões, logo abaixo da estratosfera. Desta vez, o objetivo era entender porque surgiam vírus quase idênticos em pontos do planeta muitíssimo afastados e em condições ambientais consideravelmente distintas. Seria possível que os vírus existentes nas poeiras, por exemplo, ou no borrifo das ondas que viaja pelos ares, se misturassem na atmosfera e se deslocassem entre continentes? Os cientistas colocaram baldes em cumes de montanhas na serra Nevada em Espanha, a quase três mil metros de altitude, e aguardaram. Choveriam vírus para dentro dos mesmos? A descoberta que então fizeram deixou-os estupefactos. Pelos seus cálculos, mais de oitocentos milhões de vírus eram diariamente depositados em cada metro de superfície terrestre. Na sua maioria, buscavam hospedar-se em bactérias e não em humanos. Entretanto, estimou-se que o número de vírus existentes no planeta será cem milhões de vezes superior ao número de estrelas que há no Universo.

Ao infetar uma célula, um vírus introduz na mesma os seus genes e usa a energia dessa célula para se reproduzir — na prática, converte a célula-vítima numa fábrica de vírus. Agora sob o comando genético desse vírus, a célula poderá receber ordens para produzir outros até rebentar e morrer, podendo então libertar milhares ou mesmo dezenas de milhares de novas partículas virais no organismo hospedeiro, as quais irão invadir novas células. Ou, alternativamente, o vírus e a célula poderão aprender a coexistir, como sucedeu com o herpes, e, quando isso acontece, a infeção prolonga-se por tempo indeterminado.

Para Henry, o mais surpreendente fora perceber que os vírus eram uma força impulsionadora da evolução. Quando um organismo infetado sobrevive, por vezes passa a incluir uma porção do material viral no seu genoma. O legado de infeções recuando a tempos imemoriais pode

observar-se em até oito por cento do genoma humano e está presente nos genes que controlam a formação da memória, o sistema imunitário e o desenvolvimento cognitivo. Sem os vírus, não seríamos a espécie que somos.

HENRY NO COMANDO

Catorze dias após a exposição ao vírus, Henry afastou a aba da tenda e saiu. A sua quarentena terminara. O sol mostrou-se de forma breve e a atmosfera tornou-se num caldo tépido. Estava de camisa branca e calças azuis às riscas — a roupa que usara no *cocktail* de boas-vindas em Genebra duas semanas antes. A sua bengala fora queimada juntamente com as suas outras roupas e teve alguma dificuldade em avançar pelo chão lamacento — descalço, ainda por cima, visto ter tido de sacrificar igualmente o único par de sapatos que levava consigo para o que previra ir ser uma estada de três dias em Genebra.

Tinham sido colocadas luzes a toda a volta do perímetro do campo, para que a equipa pudesse trabalhar durante a noite. Havia duas novas tendas dos MSF, onde estavam vários colegas dos três médicos falecidos. Viera também uma equipa da Mercy Corps. Havia um camião da Cruz Vermelha com uma caravana atrelada. Localizou os investigadores do Serviço de Investigação Epidémica; com os seus fatos protetores amarelos, iam examinando os pacientes numa grande tenda onde fora estabelecida a enfermaria. Uma antena de telemóvel erguia-se qual tenebrosa ameaça e os telhados das caravanas da OMS estavam revestidos de painéis solares. Cada agência com meios para juntar e enviar uma equipa estava ali representada — ou a dita equipa já vinha a caminho. Nada como uma epidemiazinha *sexy* para as fazerem dar um ar da sua graça. Avizinhava-se nova peixeirada burocrática, intuiu Henry, tal qual acontecera com o ébola.

Na caravana da OMS fora montado um laboratório de campanha. A regra era a frugalidade, mas, pelo menos, o essencial estava ali. Havia um isolador improvisado — basicamente, uma caixa de acrílico com aberturas em cujo rebordo tinham sido fixadas grossas luvas de látex pretas, para que o técnico de laboratório pudesse manusear as amostras do vírus sem risco de contágio. Amostras do vírus ativo (células humanas num meio de cultura líquido) tinham sido preparadas em placas de microtitulação — tabuleiros com pequenos depósitos cilíndricos, ou «poços», em intervalos regulares. Uma vez infetadas, as células começavam a produzir o vírus. Outros técnicos estavam a tentar fazer milhões de cópias de uma região de interesse específica do ADN usando a técnica da reação em cadeia da polimerase. Se a origem da infeção fosse um vírus desconhecido, aquele ADN teria de ser enviado para Atlanta, para se proceder ao

sequenciamento.

— Voltaste — disse Marco, muito casualmente. Corajoso, intuitivo e solteiro, era o colaborador ideal do SIE. No antebraço esquerdo exibia uma tatuagem de uma dançarina, uma recordação da epidemia de raiva em Bali em que ele e Henry tinham trabalhado juntos. Para rematar, Marco tinha umas luzes de malaio, o que poderia dar jeito.

— Quem está no comando das operações? — perguntou Henry.

— Estamos todos — informou o seu braço-direito.

Precisamente o que Henry temera.

— Já está alguém a fazer a ronda pelos hospitais? — indagou. — E pelas clínicas?

— O Terry. Até agora, nada.

— E nas morgues?

— Também já andam a corrê-las uma por uma. Julgo que é a Cruz Vermelha quem está a tratar dessa parte.

— Mas isso é informação que devia ser atualizada diariamente — observou Henry. — Todas as mortes suspeitas têm de ser investigadas.

— Já está a ser feito — tranquilizou-o Marco. — Por falar em atualização, não queres saber o que descobrimos entretanto?

— É um vírus — declarou Henry. — Um vírus desconhecido. De origem aviária, muito provavelmente.

— Chiça, Henry, como é que já sabes isso tudo?!

— Quero uma reunião com representantes de todas as delegações para daqui a meia hora. Não há tempo para andarmos a estorvar-nos uns aos outros. Há muito para fazer e tem de ser feito depressa.

— Eu trato da convocatória — disse Marco.

— E deixa-me dar uma olhadela aos relatórios com os resultados dos testes.

— Certo, mas, se me permites uma sugestão, primeiro tens mesmo, *mesmo*, de ir tomar um duche. — A validade de tal afirmação era indiscutível. Marco indicou-lhe uma mala de viagem ali ao canto. Henry reconheceu-a prontamente. Após um instante de surpresa, sorriu, encantado. — A Jill manda-te roupa lavada — disse Marco.

Já de duche tomado e a sentir-se limpo e refrescado, Henry estava no alpendre do alojamento do chefe militar que mandava no Campo Kongoli. Tanto ele quanto os guardas que vigiavam os detidos tinham entretanto passado para o lado de dentro da vedação e estavam agora também de quarentena, juntamente com todo o pessoal que estivera exposto ao vírus.

Diante de Henry tinham-se juntado representantes de uma dúzia de organizações de saúde de todo o mundo. E, junto das suas caravanas e tendas, estariam cerca de outros cinquenta elementos de equipas médicas vindas igualmente de vários países. Algumas daquelas caras já ele

conhecia de outras epidemias, ou mesmo de conferências. Na sua maioria, eram ainda jovens, todos com pouco mais de trinta anos — portanto, pertencentes à faixa em que o gráfico da mortalidade daquela doença subia a pique. Ao longo dos anos, Henry vinha-se dando conta de uma crescente predominância feminina nas equipas de investigação sempre que havia outra daquelas emergências sanitárias. Quando ele era mais novo, quase todos os colaboradores do SIE eram homens. De lá para cá, os homens tinham-se tornado uma minoria, mesmo na Cruz Vermelha. Alguns dos paramédicos vestiam fatos de polipropileno, enquanto outros tinham improvisado proteção com sacos do lixo que depois vedavam com adesivo. Uma vez mais, Henry ficou impressionado com a atitude nobre de tantos jovens com carreiras promissoras pela frente que se dispunham a vir enfrentar cara a cara um perigo desconhecido.

Reconheceu Annisa Novanto, a ministra da Saúde, entre as caras ali reunidas. Parecia preocupada, talvez mesmo em pânico. O seu país não perdoava uma única falha.

Baixo e um tanto curvado, Henry seria decerto uma figura um tanto bizarra aos olhos de quem estava naquela lamacenta praça de armas e que ainda não o conhecia. Quem se julgava aquele minorca para, sem mais nem menos, assumir o comando daquela seleção de tão alta categoria de talentos da medicina vindos de todo o mundo? Alguns dos mais jovens repararam na deferência com que os mais velhos o tratavam, mas, de um modo geral, todos estavam curiosos por saber como tencionava aquele indivíduo de fraca figura lidar com tão discordante e competitivo ajuntamento de organizações, estando cada uma delas apostada em alcançar glória.

De súbito, a atenção dele desviou-se para qualquer coisa no céu: grasnados longínquos e que resultaram bizarros. Ali ficou, parado a olhar para cima e a aguardar pacientemente, até que, por fim, já estavam todos a fazer o mesmo, tentando perceber o que observava ele.

— Gansos — disse, por fim. — Para onde irão? Suponho que para norte. Para a China ou para a Rússia. São interessantes, as aves migratórias — continuou, como se a pensar para com os seus botões, embora o que ele ia dizendo se ouvisse lá ao fundo. — Viajam sempre em formação. Resulta bem mais eficiente, diz quem estuda estas coisas. Chegam muito mais depressa aonde pretendem. Porque não desperdiçam energias. Naquela formação, cada ganso tem a sua função. — Aqui, o seu tom endureceu. — E connosco vai acontecer o mesmo. — Todos os olhares se voltaram de novo para ele. — Vamos ter o mundo inteiro a querer saber o que se está a passar aqui. Não ocultaremos nada, mas será preciso falarmos a uma só voz. Para esse efeito, toda a informação que quisermos dar ao mundo será transmitida pela ministra Annisa, a menos que a própria objete a isso.

O choque e a gratidão na expressão dela foram evidentes. De uma penada, Henry recrutara a sua principal antagonista e pusera-a sob o seu comando. Ao dar-lhe o que ela mais queria, estava também a colocá-la, e ao governo indonésio, debaixo da sua alçada. Acabava de lhe dar um poder que podia retirar-lhe de um momento para o outro. Ou seja, acabava de se investir como autoridade.

Pedi informação atualizada quanto à evolução da doença. A equipa em campo já apurara que pelo menos metade dos detidos no Campo Kongoli exibia sintomas e que, nesse grupo, a taxa de mortalidade ultrapassava os sessenta por cento. Desconhecendo ainda a causa da doença, os médicos apenas podiam tratar os pacientes com paracetamol, para lhes baixar a febre, e dar-lhes líquidos a beber para não desidratarem. Fora isso, havia as palavras de consolo e todo o tipo de palpites. A OMS e os CPCD apresentavam contagens diferentes quanto aos casos prováveis, suspeitos e confirmados, mas numa coisa estavam de acordo: com a administração de cuidados médicos básicos, o número de mortes começava a baixar ligeiramente. Ainda não havia registo de ocorrência da doença fora do campo. Para já, a quarentena parecia estar a ser eficaz.

Talvez a doença estivesse a esgotar-se, considerou Henry. Acontecia com várias; surgiam abruptamente e desapareciam com igual rapidez. Desde tempos imemoriais que a natureza vinha colocando todo o tipo de ameaças em rota de colisão com os humanos. Exemplo disso eram os meteoros, que acabavam por se incendiar na atmosfera, não chegando a ter oportunidade de causar estragos a sério. De tempos a tempos, lá vinha um dos grandes, claro, como aquele que varrera da superfície da Terra não só os dinossauros como quase toda a vida. Era imprevisível.

Marco queixou-se de que queriam enviar amostras de soro com anticorpos para o laboratório com o nível máximo de biossegurança mais próximo, que ficava na Austrália, mas estava a ser difícil conseguirem «gelo seco» para conservar as amostras de tecido humano, além de que as companhias aéreas se recusavam a permitir que as amostras seguissem num dos seus voos. Aqui, a ministra Annisa aproveitou para entrar em cena, garantindo prontamente a colaboração do exército indonésio, que disponibilizaria os seus aviões para levar as amostras aonde quer que eles quisessem. E pronto; estava resolvido um problema.

O Serviço de Investigação Epidémica continuava a tentar localizar o paciente zero — aquele que primeiro trouxera a infeção para o campo. Tendo a maior parte da vaga inicial de casos resultado em morte, os contactos levados a cabo tinham-se revelado inconclusivos. Ao identificarem esse portador original da doença, ficariam com uma pista quanto ao lugar geográfico onde a mesma talvez tivesse surgido. Haveria por lá mais casos? Seria já transmissível entre humanos antes de ter chegado ao campo? Ou tê-la-ia contraído o paciente zero ao estar em

contacto com um animal infetado (muitos vezes, o animal portador da nova doença era o porco, que partilhava muitos genes com a espécie humana), tornando-se involuntariamente num laboratório ambulante em que esse embrião dera origem a uma doença que passara a atacar os humanos? Henry considerou a questão. Atendendo a que quase todos os detidos eram muçulmanos, logo não comiam carne de porco, parecia-lhe pouco provável que a doença tivesse vindo daí.

Depois ocorreu-lhe que, ao saber-se que as primeiras vítimas da doença tinham sido homossexuais muçulmanos infetados com o VIH, era muito provável que surgisse outra pandemia — a da histeria.

As doenças têm uma longa tradição de dar azo a teorias da conspiração. No século xiv, os judeus foram responsabilizados pela peste negra e massacrados em centenas de cidades europeias, incluindo os dois mil que foram queimados vivos em Estrasburgo, na fronteira da França com a Alemanha, no Dia de S. Valentim de 1349. Quando a síndrome respiratória aguda grave, ou SARS, primeiro se manifestou, Sergei Kolesnikov, membro da Academia Russa de Ciências, afirmou que a nova doença era um vírus criado em laboratório que combinava o sarampo e a papeira, mas o caso é que tanto um como outro são paramixovírus, logo não poderiam originar um coronavírus. Embora incorreta, tal teoria foi adotada pela China, que, acima de tudo, queria furtar-se a toda e qualquer responsabilidade de ser possivelmente o lugar geográfico onde a doença primeiro surgira. Então surgiu o rumor, que se espalhou, qual doença contagiosa, de que só os Estados Unidos teriam os meios de engenharia genética para criarem semelhante doença em laboratório e que a tinham levado para a China com o objetivo de travarem o seu crescimento enquanto superpotência mundial.

Henry considerava a luta contra a SARS como uma das grandes vitórias da saúde pública, embora o preço a pagar tivesse sido altíssimo. Um dos seus amigos mais estimados era o Dr. Carlo Urbani, um especialista em doenças parasitárias. Tal como ele, também Carlo queria continuar a fazer trabalho de campo; não queria de todo ver-se num qualquer cargo de monta e assim ir ascendendo na pirâmide mundial da burocracia médica. Tinham-se cruzado anteriormente em conferências, até que, certa vez, foi com surpresa que se encontraram num concerto em Milão cujo programa era inteiramente dedicado a Bach. Na altura, Carlo chefiava a divisão italiana dos MSF. Essa noite marcou o começo de uma amizade que ia além da admiração profissional. Carlo era uma cativante contradição: por um lado, era um *bon-vivant* apreciador de boa comida e dos melhores vinhos, piloto de ultraleves, organista clássico e um fotógrafo exímio; por outro, empenhara-se a fundo na causa humanitária e dedicara a sua vida a uma missão ímpar, a de ajudar crianças vietnamitas em idade

escolar afligidas por vermes parasitas que se alojavam nos seus intestinos. Em 1999, fora distinguido com o Prémio Nobel da Paz em representação dos MSF. Henry via semelhanças entre Carlo e um dos seus heróis, Albert Schweitzer, também um organista de excelência e vencedor de um Nobel que seguira a vocação médica.

Em fevereiro de 2003, quando estava a exercer num acampamento médico da OMS em Hanói, Carlo recebeu uma mensagem urgente a pedir-lhe que se deslocasse ao Hospital Francês; um paciente recentemente regressado de Hong Kong adoecera com gravidade e tudo indicava tratar-se de uma pneumonia bacteriana aguda. Nenhum antibiótico estava a resultar. Os médicos achavam que poderia tratar-se de uma estirpe de gripe particularmente agressiva. Em poucos dias, já vinte profissionais de saúde tinham sido infetados. Um após outro, foram morrendo. Resultado: o pânico tomara conta de Hanói. E agora as autoridades estavam a pedir a Carlo que liderasse o combate à doença, e, para isso, colocavam o hospital à sua inteira disposição.

A sua mulher suplicou-lhe que recusasse. Tinham três filhos. Disse-lhe que seria uma irresponsabilidade. E Carlo respondeu: «Se recuso, então vim aqui fazer o quê? Responder a *e-mails* e ir a *cocktails*? Sou médico. Tenho o dever de ajudar.»

O paciente zero era Johnny Chen, um empresário americano de ascendência chinesa. Ao examiná-lo, Carlo depressa compreendeu que não se tratava de uma vulgar pneumonia ou gripe, mas sim de uma nova doença para a qual não havia tratamento. E comunicou à OMS que uma «doença contagiosa desconhecida» se espalhara a todo o hospital e que havia o risco de sair para o exterior. Colocou o hospital em quarentena e impôs uma série de medidas para que a doença não se escapasse dali. As autoridades sanitárias locais estavam relutantes, mas ele não parou de insistir até conseguir que se ativassem medidas severas para conter o surto, e, na sua mota, ele mesmo foi levar amostras de sangue a um laboratório que ficava do outro lado da cidade e cuja equipa desertara, com exceção de uma única técnica, uma jovem mãe que ficou em isolamento no laboratório para poder ajudar Carlo a resolver o mistério daquele novo invasor.

Foi nessa fase, estava o mês de março no início, que Carlo contactou Henry. «Estamos a perder o controlo da situação no hospital», disse-lhe. Henry já tivera notícia de um quadro semelhante no Hospital Príncipe de Gales, em Hong Kong, e também em Toronto, onde metade dos casos da SARS se reportava a profissionais de saúde. O mundo estava à beira de uma pandemia que vitimaria milhões. Henry e outros pressionaram a OMS a emitir um alerta a desaconselhar as deslocações a Hong Kong, uma das medidas mais draconianas a que a organização podia recorrer. Passara uma década desde o alerta para um surto de peste na Índia. Ao recorrer de novo a essa medida, era inevitável que se instalasse o pânico à escala

mundial.

Enquanto os consultores especialistas da OMS discutiam qual o procedimento mais indicado, um jovem médico de Singapura embarcou num 747 em Nova Iorque para regressar a casa. A bordo viajavam quatrocentos passageiros de quinze países. Imediatamente antes da descolagem, o jovem médico adoeceu. Contactou os colegas em Singapura, descreveu os seus sintomas, que sugeriam tratar-se de mais um caso da SARS. A notícia caiu como uma bomba em Genebra. Tinham de agir já. Mas deviam fazer o quê? Tal como previsto, o voo fez escala para reabastecimento em Frankfurt. Quando aterrou, já a decisão estava tomada: os quatrocentos passageiros a bordo iriam ficar em quarentena.

Agora sim, não restavam dúvidas quando à linha de ação a seguir. Foi emitido um aviso a desaconselhar deslocações às principais zonas afetadas. A OMS pediu explicações à China, que ocultara uma epidemia de SARS na região sul no ano anterior, e agora mentira a respeito da gravidade de um novo surto em Pequim. Havia informação de que os infetados com SARS estariam a ser transportados em táxis de modo que os enviados da OMS, que entretanto tinham chegado ao território para fazerem uma ronda pelos hospitais chineses, não se inteirassem da sua existência. Abaladas ante a virulência da epidemia e a indignação da comunidade internacional por lhes ser ocultada a verdade dos factos, as autoridades chinesas protagonizaram um *volte-face* ao imporem uma rigorosa quarentena nos hospitais, com guardas armados a assegurarem o seu cumprimento e a ameaça da pena de morte para quem violasse as ordens. Tivessem os chineses agido com transparência logo que a doença surgira e muitas vidas teriam sido poupadas.

Foi Carlo Urbani, médico italiano tão apreciador da vida e estimado amigo de Henry, quem definiu o rigoroso protocolo que viria a impedir a doença de se espalhar mais amplamente. O Vietname foi um dos primeiros países a ser declarado livre da SARS. Nessa altura, porém, já o próprio Carlo morrera, um mês e um dia depois de se tornar no primeiro a identificar a doença que viria a matá-lo de forma tão rápida. Graças ao seu alerta, e sem que houvesse uma vacina, a pandemia da SARS fora travada em cem dias e tinham-se poupado milhões de vidas. No âmbito da saúde pública, este caso é tido como a resposta mais eficaz a uma pandemia de que há registo. Para Henry, Carlo fora um mártir.

Releu cuidadosamente as notas da Dra. Françoise Champey. Recuavam à última semana de janeiro, quando a equipa dos MSF chegara ao Campo Kongoli. Tal como suspeitavam, encontraram o VIH a alastrar-se pelo campo, mas a situação era pior do que o previsto, o que levava a que os primeiros casos detetados do novo vírus fossem relegados para segundo plano, julgando-se que seria uma gripe vulgar. Os doze pacientes que se

queixaram de sintomas nesses primeiros dez dias foram tratados com paracetamol e *Tamiflu*. Todos recuperaram. Depois, tudo mudou.

O paciente Luhut Indrawati apresenta um quadro de febre alta — 40,5°C. Vias respiratórias obstruídas. Infetado com o VIH-1, manteve-se assintomático até 31/01, depois rápida progressão para um quadro de febre alta e fadiga aguda. Possivelmente VIH grau 3. A rapidez da evolução do quadro clínico deixa dúvidas. Hemorragias severas — nariz e ouvidos.

Descrevia o paciente como um rizicultor de Samatra. Dois dias depois, a Dra. Champey acrescentou, sem mais detalhes:

Paciente Luhut faleceu às 08h19. Cianose. Causa desconhecida. Cinco novos casos.

Estava a trabalhar sem equipamento de laboratório ou sequer meios rudimentares de diagnóstico, mas, ainda que os tivesse tido à disposição, não teria ficado a saber mais do que ele próprio sabia naquele momento: quase nada. Ocupados a tratar o VIH, os médicos franceses tinham-se exposto a uma nova doença, algo que estava a evoluir e a ganhar força. Demais, encontrara o melhor terreno onde evoluir para uma nova doença transmissível entre humanos: um campo de detidos a abarrotar de indivíduos imunossuprimidos cujos organismos não teriam como se defender de uma infeção desconhecida.

Onde falhámos?, perguntava — lamentava-se — a Dra. Champey. Viria a morrer um dia depois. Champey suspeitava que a doença poderia ser uma nova mutação do VIH. Fazia sentido; havia vários subtipos de VIH e o vírus revelava uma espantosa capacidade de se reconfigurar. Mas como teriam ela e os seus colegas sido infetados? Tinham cumprido rigorosamente o protocolo de segurança. O VIH transmitia-se pelo contacto sexual ou pela partilha de agulhas; não se transmitia no duche, pelo toque, na comida ou sequer pela picada de um mosquito. Já a presente infeção espalhara-se com tal rapidez que não podia ter sido senão por via aérea, concluiu Henry, o que excluía o VIH ou alguma sua provável reconfiguração.

Recebeu uma chamada de Luc Barré, o chefe da Dra. Champey em Paris, que se disponibilizou para enviar mais equipamento ou pessoal. Henry recusou; já mal conseguia ter mão na vasta equipa presentemente ali reunida para prestar auxílio.

— O maior problema virá caso o contágio extravase o campo — disse-lhe. Propôs a Barré que tivesse a postos uma equipa de paramédicos para uma resposta de emergência ao primeiro indício de que a doença conseguira driblar a quarentena. Antes de terminar a chamada, pediu a Barré que lhe falasse um pouco da Dra. Champey. — As fichas clínicas que ela redigiu foram uma tremenda ajuda — disse. — São meticulosas e revelam grande perspicácia. Salta à vista que ela aprendeu com os melhores.

Barré começou a responder, mas engasgou-se. Fez silêncio por um

momento.

«A Françoise era uma das melhores, sim», disse, audivelmente a tentar conter a emoção na voz.

— Pareceu-me que terá sido uma atleta — disse Henry.

«Era, era. Os cavalos eram a sua paixão. Era adepta do hipismo. Gostava dos saltos. É um desporto muito perigoso, sabe? Qualquer médico acaba por ter oportunidade de observar as mazelas sofridas por quem o pratica. Ela estava perfeitamente a par do risco, mas gostava tanto que não abdicava de o praticar. Era uma pessoa confiante. Pedia-me sempre as missões mais arriscadas. Honestamente, achei que esta não a poria em grande risco. Lidamos constantemente com o VIH. Se me tivesse passado pela cabeça que estava a enviá-la para a morte... estávamos noivos, entende?»

O oficial de porte esguio que aceitara o suborno de Henry estava a tremer de febre. Tinha o corpo cheio de pisaduras, o que indiciava hemorragias internas. Mas mostrou-se firme ao responder às perguntas que Henry lhe ia fazendo quanto ao seu estado de saúde.

— Chahaya — começou Henry, lendo o nome dele na ficha clínica.

O oficial esboçou um sorriso. Era nítido que lhe faltavam as forças.

— Sou eu. Ou o que resta de mim.

— O que sente? — indagou Henry.

— Custa-me respirar — respondeu Chahaya. — Parece que estou a ser esmagado por uma montanha — Tossiu e pelo queixo escorreu-lhe uma saliva espumosa. Henry limpou-o com um lenço de papel que de seguida seria incinerado.

Perguntou-lhe a respeito dos soldados que tinha ao seu comando. Havia sete mulheres confinadas num espaço fechado separado. Nenhuma apresentava sintomas. O oficial Chahaya explicou que tinham sido destacadas para o perímetro exterior do campo. Vários dos homens estavam mortos. Uns quantos pareciam ir conseguir debelar a infeção. Henry não achou que Chahaya fosse um deles.

Ao deixar a enfermaria, deparou com um polícia que vinha da parte das autoridades indonésias. Henry pedira que fossem localizados e reunidos todos aqueles que tinham tido contacto com os detidos no Campo Kongoli após o início do surto. Fora contratado um serviço de refeições para trazer comida aos detidos; os condutores e até o pessoal da cozinha já estavam sob observação num hospital local. Por outro lado, a ministra Annisa estava a tentar impedir que se espalhasse o pânico; tinham surgido os primeiros rumores sobre uma «doença gay» a assolar Jacarta e os hospitais começavam a encher-se de gente que não tinha nada, mas que achava que tinha, e então entupia as emergências com queixas imaginárias ou a pedir para ser vacinada contra uma doença que ainda nem estava definida.

— E o coveiro? — perguntou Henry.

— Ele morreu, senhor.

O choque deixou-o entorpecido.

— Há quanto tempo? — perguntou.

— Cinco dias, senhor.

Se morrera há cinco dias, possivelmente há dez já estava doente. Quantos outros teria infetado nesse intervalo de tempo? Teria de ser criada uma equipa para começar de imediato a investigar com a máxima rapidez esse foco de infeção. Haveria que examinar os familiares desse homem e outras pessoas com quem cada um deles, ou o próprio coveiro, tivessem contactado no exterior do campo. O número total poderia ascender aos milhares. Se já havia uma epidemia a alastrar-se em Jacarta, em breve dar-se-ia a ver.

— E o meu taxista, o senhor Bambang Idris?

— Ele foi embora, senhor.

— Embora?! Para onde?!

— O senhor Bambang foi fazer a peregrinação a Meca.

O PEREGRINO

Antes de deixar Jacarta, Bambang Idris pagou as suas dívidas, o que incluiu fazer contas com o cunhado a respeito do *Toyota*; não poderia ter feito a peregrinação sem deixar essa questão arrumada. As suas mulheres ajudaram-no a preparar o *ihram* — a veste branca que os peregrinos devem usar — e os cabazes de Ramadão. Pediu perdão a cada uma pelas suas faltas e pelas ocasiões em que as fizera sofrer. E pediu aos filhos que lhe perdoassem se fora demasiado rigoroso, severo ou insensível. Largou os cigarros de cravo, um vício com décadas. Há que ir ao encontro de Alá de alma limpa e devemos mostrar-Lhe apenas as nossas boas ações.

Era a primeira vez que andava de avião e a estranheza da aventura — subir tão alto que podia ver o arquipélago indonésio lá em baixo, a sua terra mãe, com as suas dezassete mil ilhas como salpicos verdes no vasto oceano cinzento, que depressa deixaram de se avistar por entre as águas — apenas intensificou a aura espiritual que sentia a rodeá-lo. Depois da refeição a bordo, fechou-se na casa de banho e vestiu o *ihram*, que consistia em duas tiras de algodão branco, uma por cima do ombro, a outra em volta da cintura. A semelhança com uma mortalha era propositada. Sentiu a nudez sob o tecido. Tirou os sapatos e as meias e calçou umas sandálias. Assim vestidos, ricos e pobres tornavam-se indistinguíveis, como são aos olhos de Alá. Por fim, não sem certa relutância, Bambang tirou o *taqiyah*, que normalmente não lhe saía da cabeça, deixando a careca reluzente à vista de todos.

Sentira-se culpado ao abandonar à sua sorte o médico vindo do Ocidente. Ir enfiar-se num lugar como aquele, onde todos morriam... era corajoso, aquele homem. Sentia que traíra a confiança de um estranho, o que, no islamismo, é uma falta gravíssima. Seria realmente digno de fazer a peregrinação? Quem lhe dera ter sido mais corajoso. Quem lhe dera não ter fugido aterrorizado. Por outro lado, protegera a sua saúde, também uma dádiva de Alá — e, nesse caso, zelar pela mesma era uma forma de devoção, ou não?

Trazia as orações da família e dos amigos; estavam guardadas para o dia em que subiria ao monte Arafat, onde era mais provável que Alá escutasse os rogos. Na generalidade, as pessoas pediam saúde e prosperidade. Pela sua parte, ia pedir a Alá que arranjasse um marido para a sua filha mais velha, que ainda não era casada. E rezaria para que o seu

sobrinho saísse da cadeia. Por último, pediria a Alá que o ajudasse a ser um homem melhor pelo pouco tempo que lhe restava neste mundo.

Tinha de rever algumas das orações, entre elas a oração pelos mortos. A peregrinação a Meca juntava uma multidão de fiéis verdadeiramente gigantesca, e, sendo tantos deles idosos, as mortes eram inevitáveis. Por outro lado, muitos consideravam a morte como uma dádiva de Alá. Mas todos os anos se davam catástrofes. De repente, instalava-se o pânico sem que se soubesse muito bem porquê, dava-se uma debandada em massa, a multidão atropelava-se na fuga e chegavam a morrer milhares de uma vez. Bambang também já ouvira contar casos de peregrinos que eram engolidos pela areia enquanto dormiam. E ainda havia as doenças vindas dos quatro cantos do mundo; era como estar num bazar internacional de infeções. Quanto a essa parte, nada como limões verdes; era imunidade garantida contra todas as doenças.

A chegada a Jidá foi empolgante. Havia aviões a aterrarem vindos de inúmeros países — e todos os muçulmanos a bordo trajados com as mesmas vestes brancas. Logo ali, Bambang sentiu-se numa vasta procissão na qual não havia raças, estratos sociais, nacionalidades, etnias ou sequer individualidade. E ele era tão-só mais um floco de neve — nunca vira um, mas, perante aquele autêntico nevão de vestes brancas, foi essa a imagem que lhe veio à cabeça. Estava de coração arrebatado. Aqueles eram os seus irmãos e irmãs na fé. Eram seus iguais, ocorreu-lhe, todos de alma purificada para o encontro com Alá. Todos aqueles rostos (e o seu não seria exceção) irradiavam entusiasmo e expectativa e não esmoreceram nem quando os levaram para um espaço fechado que lembrava um curral e lhes disseram que esperassem ali pelos autocarros que os levariam a Meca.

Bambang aguardou. Veio a noite e ninguém lhes trouxe comida, havia apenas os vendedores ambulantes, perfeitos abutres que andavam por ali a apregoar tâmaras, chocolates e garrafas de água a preços escandalosos. Estendeu-se no cimento; custava-lhe sujar as vestes imaculadamente brancas, mas estava exausto. Sentia-se confuso, numa espécie de estado suspenso e indefinido que misturava uma alegria desmedida, a decepção, a revolta e a recusa em desistir da esperança de estar para breve a sua renovação espiritual.

Ao seu lado estava sentado um homem ainda muito jovem. Magro, porém musculado, parecia nervoso, alerta. Bambang saudou-o na sua língua materna, o árabe.

— Não falo isso — replicou o jovem. — Ou é inglês, ou nada.

— És inglês? — indagou Bambang.

— Bingo — replicou o jovem. — De Manchester.

Chamava-se Tariq. Bambang simpatizava com o Manchester United e via os jogos, o que lhes deu para uns minutos de conversa.

Tariq estendeu a mão para a sua mala e tirou para fora um maço de

cigarros. Ofereceu um a Bambang.

— Não podemos — recusou ele, embora jamais lhe tivesse apetecido tanto fumar.

— Calma, amigo. Isto aqui ainda não é Meca. Oficialmente, a peregrinação ainda não começou, certo? De momento, estamos simplesmente aqui de cu sentado sem ir a parte nenhuma. Só largo o meu maço de *Regal* quando entrar na mesquita. — Aquela irreverência era bem-vinda, e o cigarro também foi. Bambang sentiu-se regressar a uma dimensão mais terrena. Embora escandalizado, não deixava de achar graça à atitude daquele jovem e sentiu-se grato por ter alguém com quem conversar. — E o que dizes daquilo que fizeram os nossos irmãos em Roma? — perguntou Tariq. Bambang não via as notícias. — Não sabes?! Puniram seiscentos infiéis com a morte — disse-lhe Tariq. — Em Roma!

Pelo seu tom, dir-se-ia que Roma era um lugar especialmente hostil para com o Islão. O terrorismo confundia-o. Considerava o islamismo uma religião de paz, mas sabia de jovens indonésios que se deixavam seduzir pelo Daesh. O seu sobrinho era um deles; fora apanhado durante uma operação de detenção de suspeitos de pertencerem a uma célula terrorista que planeava uma série de ataques em comícios. Muitas famílias tinham histórias do género. Chocava-o que aquele jovem apoiasse tão descontraidamente o que quer que acontecera em Roma. Seiscentas pessoas... como se matam sequer seiscentas pessoas? E porquê?

— Mas os malditos jornalistas... parecia que só tinham morrido os cavalos! — Deteve-se ao ocorrer-lhe que Bambang não sabia do que ele estava a falar. — São uns cavalos amestrados que eles lá têm. Enfeitam-nos todos e tal. Deve ser uma cerimónia cristã; afinal, é de Roma que estamos a falar. — Bambang ficou calado. Talvez aquele jovem não fosse quem dizia ser. Poderia ser um agente dos serviços secretos a tentar «desatar-lhe» a língua e fazê-lo falar. Talvez soubesse que ele tinha um sobrinho que se radicalizara. Dizendo a coisa errada, ficaria metido num problema muito sério. — Aquilo foi um milagre — continuou Tariq. — E isto é só o começo. Muitos outros virão. Nem imaginas. Alá é grande.

Esmagou a beata no chão de cimento e deitou-se. Ao fim de poucos segundos, já adormecera.

Também Bambang dormia quando os autocarros chegaram, pouco antes do nascer do Sol. Acordou cheio de frio e com o corpo perro e dorido do chão de cimento. Esperou que Tariq embarcasse e depois escolheu outro autocarro.

A estrada para Meca estava cheia de autocarros, viaturas particulares e até algumas limusinas, e todos levavam fiéis a bordo. Praticamente não havia trânsito no sentido contrário. Bambang nunca vira o deserto. Era de um tom laranja-escuro, sem árvores e como que amarrotado. Com a madrugada, começavam a surgir montanhas azuladas que projetavam

sombras alongadas na areia. Num céu sem nuvens persistiam algumas estrelas.

Passaram sob o arco monumental. Acabavam de transpor a entrada de Meca, já estavam em chão sagrado, interdito a quem não fosse muçulmano. O arco era coroado por um gigantesco Alcorão aberto, a dar-se a ler aos céus, parecia. Os peregrinos iam-se abraçando. Bambang nem se apercebeu das lágrimas a correrem-lhe. A sua peregrinação começara.

SALVADOR

— Arábia Saudita — disse Henry, a falar ao telefone. O taxista estivera com ele no campo e agora estava numa peregrinação, quando jamais deveria ter deixado solo indonésio. E Henry sentia que a culpa era sua.

«Mas sentes-te culpado porquê?», perguntou Jill, do outro lado. «Tu avisaste-o, explicaste como a situação era perigosa e disseste-lhe que se lavasse bem e que queimasse a roupa que trazia vestida.»

— Certo, e será que ele fez isso?

«Não pediste à polícia que o localizasse? Não podes ser tu a vigiar o mundo inteiro, sabes?» Henry quase conseguia imaginá-la a falar para um dos fatos dele pendurados no roupeiro. «A sério, Henry, estás aí a dar voltas à cabeça com uma coisa que pode nem sequer ser um problema.»

— Vão lá estar quase três milhões de pessoas vindas do mundo inteiro — disse ele. — É o pior cenário que se pode imaginar.

«Se ele estiver doente.»

Mas Henry sentia-se responsável. Jamais se perdoaria se algo acontecesse. Já estava no aeroporto. Tornaria a ligar quando tivesse oportunidade, disse.

Jill ficou enervada com o telefonema. Por feitio, Henry não era de se lamuriar. Era estoico, o que, de resto, era quase um pré-requisito na sua profissão. Dor, sofrimento e morte eram circunstâncias quase banais para ele, testemunhava-os constantemente, apenas conseguia remetê-los para um compartimento separado nas suas emoções. Já ela não era de todo capaz do mesmo. Deixava-se levar pelas emoções — demasiado, até. Por vezes, admirava o autodomínio de Henry. Mas também lhe acontecia enfurecer-se por ele se mostrar tão fechado a respeito do que o fizera e fazia sofrer.

Talvez, por causa daquela sua ligeira deformidade física, ele se tivesse convencido logo cedo de que mulher alguma jamais se interessaria por ele. Quando se casaram, ele tinha trinta e seis anos, e, não sendo virgem, era quase inexperiente em matéria de sexo e ficara intimidado com o entusiasmo dela. Obviamente, não achava que fosse sexualmente apelativo, mas isso fê-lo tornar-se num amante fantasticamente atento. Estava disposto a tudo para lhe dar prazer, e de bom grado Jill levou-o a descobrir o maravilhoso mundo da intimidade. Ainda hoje vigorava entre

eles um acordo tácito: o seu prazer sexual era um segredo dos dois e de mais ninguém. Eram dois amantes cujo caso ilícito duraria para sempre.

De resto, Jill sentia haver nele um lado que ainda hoje ela desconhecia. Henry era muito fechado e praticamente não falava da sua infância. Claro que, sendo educadora de infância, ela conseguia perfeitamente imaginar como ele fora tratado pelos colegas. Tinha muitos pequenitos que vinham de meios carenciados, que não viviam com os pais ou que sofriam de doenças complicadas. Para esses, a vida era um desafio diferente, e aqueles que o superavam saíam enobrecidos do combate. Mas poucos conseguiam superá-lo.

Henry já lhe contara que os seus pais eram missionários na América do Sul e que os perdera aos quatro anos quando o avião em que viajavam se despenhara. Daí talvez que ele tivesse umas opiniões tão firmes quanto aos perigos da religião. Tendo crescido em Wilmington, na Carolina do Norte, ela habituara-se a ir à missa e achava tudo aquilo um ritual reconfortante, mas que não era para levar demasiado a sério. No caso de Henry, porém, a religião parecia ser uma das poucas coisas que ele realmente temia. Dir-se-ia que a ciência o protegia da tentação da fé.

— És muito fechado comigo — dissera-lhe ela no seu primeiro aniversário de namoro. A ideia fora terem um jantar romântico, mas Henry estava com o pensamento longe dali. Onde, ela não sabia.

— Desculpa. Queres saber o quê? — respondeu ele, genuinamente surpreendido com as palavras dela. O restaurante ficava na Avenida Ponce de Leon e fora outrora uma igreja. Os vitrais eram magníficos e os empregados de mesa vestiam-se de monges e de freiras. A atmosfera era leve e bem-disposta. Possivelmente, era a primeira vez que Henry entrava numa igreja na idade adulta. Jill julgara que ele iria achar piada.

— Estás incomodado com alguma coisa.

— Não estou, de todo — assegurou ele. — Estou a gostar de estar aqui contigo.

— Conta-me como foi o teu dia.

— Estive no laboratório, como de costume.

— E mais?

— Fui ao Emory Hospital ver um paciente.

Ela exagerara no vinho e estava com uma disposição combativa. Sentia que Henry não estava inteiramente focado na comemoração do seu primeiro aniversário juntos e a intuição era um dos fortes dela. E, se ele não estava ali, ela entendia ter o direito de saber porquê.

— Quem era o paciente?

— Um miúdo de nove anos.

— E como se chama ele?

— Porque perguntas isso?

— Quero ver se conheces aqueles que tratas. São apenas pacientes

ou são indivíduos?

— Chamava-se Salvador — disse Henry. — Salvador Sánchez.

— *Chamava?*

— Não conseguimos salvá-lo.

— Meu Deus, Henry, não admira que tenhas a cabeça longe daqui. O que tinha ele?

— Não devíamos falar disto, sobretudo esta noite — disse ele, segurando-lhe a mão. Mas Jill não ia deixar que ele se esquivasse. Queria saber exatamente o que lhe ia dentro.

— Conta-me — insistiu.

— Tinha uma doença rara. Chama-se fasciite necrosante.

— E isso é o quê?

— Dantes chamavam-lhe a «doença da bactéria que come a carne». É muito raro ocorrer em crianças. O hospital pediu-me que acompanhasse o caso.

Ela encolheu-se, impressionada, mas a vontade de o conhecer melhor falou mais alto. Convenceu-se de que, conseguindo ver o mundo pelos olhos dele, nem que apenas por aquela noite, ficaria a conhecer o homem a quem amava.

— E essa doença faz o quê?

— Para, Jill.

— Quero saber cada detalhe.

Ele recostou-se na cadeira e começou a falar no mesmo tom que usara ao ditar para um gravador as suas observações logo após a morte do menino. Descreveu uma criança que fora literalmente devorada viva. Tinha o corpo inchado, cheio de abscessos ensanguentados e de manchas escuras — gangrena. A equipa médica procedera a excisões de tecido e amputara-lhe uma perna, mas, desde o começo, a esperança de conseguirem salvá-lo não fora grande. Na sala de espera estava uma dúzia de familiares da criança — avós, irmãos, primos e os pais, um e outro de olhar exausto. Foi Henry quem falou com eles. Perguntou como contraíra o menino a infeção (fora mordido por um cão, ao que parecia) e eles contaram-lhe como Salvador fora um menino tão especial e a perda enorme que a sua morte fora para o mundo. Viram que ele também estava desolado e tentaram consolá-lo dizendo-lhe o mesmo que iam repetindo uma vez e outra para os pequenitos da família — que, agora, o Salvador estava no céu, que se tornara num anjo, numa estrela lá no alto, entre as constelações.

Quando Henry terminou de lhe contar como fora a sua tarde, já ela chorava tanto que uma freira veio à mesa perguntar se podia fazer alguma coisa.

— Quer que eu chame um médico? — sugeriu, arrancando-lhe uma gargalhada por entre as lágrimas.

Só nessa noite começou realmente a conhecer Henry.

Jill tinha de dar aos filhos alguma explicação para a ausência de Henry. Levou-os ao Rosario's, um pequeno e acolhedor restaurante mexicano que havia em Little Five Points. Helen não esteve com meias-medidas e foi direita ao pior cenário possível.

— O pai está doente — disse.

— Não, não, o vosso pai está bem — tranquilizou-os Jill. — Teve de passar uma semana em isolamento, só para terem a certeza, mas está totalmente bem. Aliás, vocês já sabem: o vosso pai nunca adoece. — Não era verdade, de todo; se havia coisa de que Henry não se podia gabar, era do seu sistema imunitário. Se ela agora dizia isto, era num esforço para se impor à preocupação. — Só que agora vai ter de ir à Arábia Saudita porque está com medo de que a doença se espalhe.

— Mas tem de ser o pai a ir porquê? — perguntou Teddy, quase zangado com a ideia.

— Isso já a mãe se perguntou um milhão de vezes, Teddy — respondeu ela. — Quem me dera que houvesse outra pessoa capaz de fazer aquilo que o vosso pai faz, mas suponho que ele tem um talento especial que mais ninguém tem. Pensem no vosso pai como um polícia. Há alturas em que é preciso proteger as pessoas do perigo e é isso o que o vosso pai faz: protege-nos das doenças. A nós e a toda a gente.

Helen continuou calada, mas, para consigo, acabava de decidir que, quando fosse grande, também ia ser médica.

A PIZARIA

Tildy Nichinsky era uma mulher de inúmeras queixas, sendo uma das principais não haver um único lugar em Washington onde se pudesse falar em segurança, o que não impedia os demais de papaguearem informação secreta onde calhava. Como raio se safavam eles a fazer isso? E onde o fariam? Havia o bar muito conhecido na cave do Hay-Adams, o hotel histórico; chamava-se Confidencial e, fazendo justiça ao nome, acolhia muitas conversas ilícitas. Também havia o salão de jantar do Mandarin Oriental. E havia quem optasse pelo mais simples: ter tais conversas num banco à beira-rio. O problema era que, à medida que ia considerando cada uma destas opções, lhe pareciam todas lugares-comuns, e então sentia-se ridícula.

Ali estava ela, praticamente a presidir à Segurança Interna, e ainda assim continuava sem ter uma noção da comunidade dos serviços secretos no seu todo. Possivelmente, ninguém tinha. Porque não havia apenas as dezasseis agências oficiais que formam o conjunto dos serviços secretos, todas sob a ineficaz alçada de mais um monstro burocrático: o gabinete do diretor dos Serviços Secretos. Havia ainda os serviços «satélite» e os serviços particulares adjudicados, que estavam espalhados por toda a cidade e pelos subúrbios. Até os havia na estrada que levava ao Aeroporto de Dulles, ou nos imponentes arranha-céus com fachadas de vidro em McLean — era lá que ex-figurões da CIA e do Pentágono iam levantar os seus chorudos prémios por serviços prestados. Postos de espionagem ultrassecretos escondiam-se à vista desarmada. Um deles era num centro comercial em Crystal City. Outro, por entre as árvores no topo de uma colina na Virgínia do Norte. Esse, até tinha nome, era o Complexo Liberty Crossing e alojava o Centro Nacional Antiterrorismo. Eis o mundo dos espões. Todos esses organismos e serviços vomitam diariamente os seus relatórios que apenas servem para sufocar os serviços secretos com informação a mais, porque só uma pequeníssima parte é útil ou permite agir. A seguir ao 11 de Setembro, o medo, qual hormona do crescimento, transformara a América num Estado policial, situação que não mais mudara porque a inércia e a ganância não o permitiam. E a capital do problema era Washington.

Sim, ela bem puxara pela cabeça em busca de um bom local para um encontro confidencial numa cidade infestada de espões — porque a

administração tinha os seus cães de ataque, prontos a atirarem-se a algum dos seus que se atrevesse a vaziar informação à comunicação social. Ela própria já fora apologista dessa estratégia de «cerrar fileiras». Olhando a coisa pelo prisma do humor negro, chegava a ser cómico que já tivesse tido tais pudores, que tivesse havido um tempo em que entendia que os segredos do governo eram sacrossantos e aí daquele que os usasse como «cromos para a troca». No seu caso, tais reticências ainda tinham sido agravadas por conta da mancha de indignidade que pairava sobre os judeus russos e seus descendentes, mancha essa que recuava a Julius e Ethel Rosenberg, que tinham traído os Estados Unidos ao passarem aos soviéticos informação secreta para o fabrico de armas nucleares. Não apenas relativos à bomba atómica. Também lhes entregaram esquemas que explicavam como fazer sonares, radares e motores a jato — todos os mais importantes segredos militares de que a América na altura tinha o monopólio. Por causa disso, foram parar à cadeia elétrica. Ethel, a menos culpada dos dois, só morreu à quinta descarga. Chegou a sair-lhe fumo pela cabeça, uma imagem que ficara gravada a ferros na imaginação de Tildy — era o que acontecia aos traidores, *sobretudo aos traidores judeus*. Ainda assim, e logo desde cedo, soube que estaria disposta a cruzar linhas proibidas. A diferença entre si e Ethel Rosenberg era que Ethel prejudicara a América, enquanto ela pretendia salvá-la.

O seu maior segredo era a sua ambição. Não era o tipo de figura de Washington que fosse premiada por um bom trabalho. Ninguém olhava uma segunda vez para a secretária de Estado adjunta da Segurança Interna. Concediam-lhe a especial benesse de a chamarem uma vez por outra para ser entrevistada num noticiário de algum canal por cabo mais fracote, ou no canal público, que quase não tinha audiência. Certo, tinham-lhe pedido que fosse um par de vezes à Fox, mas sempre para falar dos temas menos *sexy*. Coisas chatas como a renovação de infraestruturas ou as novas regras para se viajar em segurança. Tudo assuntos bons para fazer dormir. Aliás, Tildy até desconfiava que havia alturas em que a chamavam a dar a cara precisamente porque o departamento não queria que ninguém ligasse às soluções propostas. Enfim, cada um tem o seu dom. No seu caso, dificilmente encontrariam outra pessoa capaz de falar com tamanha autoridade sendo simultaneamente tão desinteressante. Ela era a burocrata *nerd* de quem todos queriam distância nos jantares oficiais, mas, também, aquela que sabia manter a cabeça fria e aconselhar com sensatez sempre que o momento era crítico. Nessas situações, sem dúvida que era valorizada pelas esferas cimeiras — dava-lhes jeito o seu raciocínio antissético e o seu implacável sentido do dever, as mesmas qualidades que, noutras situações, eram os seus traços de carácter mais irritantes.

Resumindo: jamais alguém suspeitaria dela.

Apanhou um táxi e pagou em dinheiro. Tirou os óculos e pôs um lenço

na cabeça — com o frio fora de época que se fazia sentir, resultava plausível. Calçou luvas e escondeu a cara atrás de um relatório sobre desenvolvimento sustentável. E pronto. Tornara-se numa anónima num caldeirão de tarefeiros insonsos, a mais banal das criaturas, aquela por quem não se dava. Por outras palavras, estava a ser ela própria — era o melhor disfarce.

Entrou na Politics and Prose e fez que andava à procura de um livro — na remota possibilidade de ser vista, seria o seu álibi. Comprou um livro de jardinagem (vivia num apartamento, mas enfim), tornou a cobrir a cabeça com o lenço e seguiu sem mais paragens até ao fim do quarteirão. Parou diante de uma pizaria de fachada verde decorada com luzes de Natal, a Comet Ping Pong. Um lugar familiar por excelência. As crianças podiam jogar matraquilhos na sala do fundo. As toalhas de mesa eram no típico padrão de xadrez vermelho e branco. Ali era a América dos indivíduos comuns, aquela que destilava inocência, quase a caricatura do oposto de um cenário num filme de James Bond.

Contudo, a Comet Ping Pong já fora um dos campos de batalha onde se travavam guerras pelo futuro do país. Em dezembro de 2016, Edgar Maddison Welch, um jovem pai de família da Carolina do Norte, viera ali. Estando de férias com a família, talvez tivesse trazido as duas filhas. Mas não, viera em missão secreta. Viera para tentar salvar a América, tal como Tildy ia agora fazer. «Não vou deixar que cresçam num mundo tão corrupto sem fazer alguma coisa para vos proteger», explicou às duas filhas num vídeo gravado com o telemóvel à vinda de Salisbury.

Na verdade, tinham-no levado numa cantiga mirabolante. Pouco antes da eleição presidencial desse ano, o universo Twitter foi tomado de assalto pela revelação de que Hillary Clinton, a candidata dos democratas, pertencia a uma cabala de pedófilos satânicos que levava crianças para a cave daquela pizaria para as sujeitar a toda a espécie de atrocidades. Welch deu ouvidos a Alex Jones e demais conspiradores que espalharam esta bizarra campanha de difamação. E resolveu que apuraria a verdade a todo o custo. Protegeria as filhas. Salvaria a América.

Desde a primeira hora, Tildy suspeitou que tudo aquilo seria uma jogada de Putin. Os marcadores estavam lá todos. Uma ideia perfeitamente disparatada que de repente surge na *dark web*, onde os sociopatas se entretêm a fabricar *memes*. Que então ficam na mira dos *punks* cibernéticos de Moscovo. Que, neste caso, tinham um nome, eram os Fancy Bear. Na verdade, estavam ligados aos serviços secretos russos e foram os primeiros de uma vaga de grupos de *hackers* ativistas surgida na Rússia e que incluiu os Cozy Bear, os Turla e a Sandworm, e, também, um grupo do mesmo género, mas que se dedicou ao cibercrime, os Russian Business Network. Todos esses grupos eram financiados, ou, pelo menos, sancionados pelo Estado, que lhes outorgou o poder não só para desestabilizarem, mas,

também, de travarem um novo tipo de guerra em nome do Estado. Causaram graves contratempos na eleição presidencial ucraniana de 2014, uma experiência-piloto antes do bem mais sofisticado ataque ao sistema político americano que começaria no ano seguinte. Já mais confiantes, dedicaram-se seguidamente a perturbar as eleições francesas e o funcionamento dos parlamentos alemão e turco. O seu objetivo era simples: minar a confiança da opinião pública nessas instituições. Tildy até achou isso um conceito deveras inovador e moderno. Era como se alguém se lembrasse de eliminar a amizade, por exemplo. Seria coisa que se pudesse fazer? É e com uma facilidade surpreendente. Quaisquer virtudes — lealdade, patriotismo, coragem, honestidade, fé, compaixão e todas mais que queiramos citar — não passam de construções sociais, são simples remendos que escondem a nossa natureza bárbara. Entretanto, a Sandworm concentrou-se em destruir a infraestrutura ucraniana com uma sucessão de ataques informáticos a *sites* do governo, aos caminhos de ferro, aos média, a hospitais, a bancos e às empresas de distribuição de eletricidade. Em 2017, a Sandworm conseguiu infectar os computadores do Linkos Group, uma pequena empresa ucraniana que geria o programa contabilístico mais usado no país, com um código malicioso, o NotPetya. Criado a partir de *malware* roubado à Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, o NotPetya viria a permitir o ciberataque mais devastador da história; depressa se espalhou por todo o mundo e estima-se que os prejuízos causados tenham rondado os dez mil milhões de dólares.

Sim, Tildy odiava os Fancy Bear. E o mais irritante era eles serem tão bons no que faziam. Estavam a arrasar com o mundo e a divertir-se à grande com isso. Ao piratearem os *e-mails* da campanha de Hillary Clinton, tinham conseguido chegar à correspondência de John Podesta, o chefe máximo da campanha. Entregaram essas mensagens à WikiLeaks, e a Reddit e a 4chan encarregaram-se do resto. De lá para cá, a coisa ganhara contornos de um desporto. Ganhava quem conseguisse enganar a opinião pública com a ideia mais absurda. Então, alguém se lembrou do nome de código «piza de queijo» para pornografia infantil. John Podesta era cliente habitual da Comet Ping Pong. E foi assim que começou. Até o conselheiro de Segurança Nacional de Donald Trump escreveu um *tweet* afirmando que John Podesta bebia sangue humano em rituais satânicos e que Hillary Clinton se envolvia em práticas sexuais com crianças. Onde? Na cave da Comet Ping Pong.

Pobre Edgar Welch. Apenas uma vítima dos tempos modernos, não mais do que isso. Já sentada a uma mesa, Tildy conseguia perfeitamente imaginá-lo a entrar pela porta da pizaria e a passar pelos vários compartimentos, onde decorriam festas de aniversário de crianças e da equipa feminina de voleibol da Universidade George Washington. Ao balcão estavam os homens, todos de olhos na televisão, a verem os Clippers

jogar contra os Cavaliers. O que terá toda essa gente pensado ao ver passar aquele homem baixo e barbudo, de *jeans* e *T-shirt*, de revólver enfiado na cintura das calças e a empunhar uma AR-15, a semiautomática favorita dos assassinos que entram nas escolas secundárias americanas e desatam a matar?

Edgar disparou três vezes. Não matou nem feriu ninguém. Rebentou com a fechadura de um pequeno armário, que, julgava ele, seria por onde se descia a uma sala escondida na cave. Viera em busca da verdade. E a verdade era que não havia sala secreta ou sequer uma cave. A verdade era que ele era um idiota que se deixara intrujar. Pobre coitado. Ao querer ser um herói, estragou a vida. Ninguém teve o cuidado de lhe dizer que a era dos heróis terminara há muito. A detenção foi rápida e trancaram-no numa cela. As filhas ficaram sem o pai e Edgar, o aspirante a salvador da pátria, estava presentemente a cumprir a pena.

O mesmo talvez viesse a acontecer-lhe a ela. *Sou tão estúpida como ele*, pensou Tildy.

Mas, ali sentada na mesa, quem viu entrar foi não Edgar Welch, mas sim Tony Garcia, do *Post*. Na cara dele, um esboço de sorriso, como quem acha que agora vai jogar ao gato e ao rato. Teria quarenta e poucos, calculou Tildy; era mais novo do que esperara. *Blazer* azul, calças cinzentas. Clássico, mas descontraído. Traria um bloco de notas no bolso do casaco, certamente. Quanto ao telemóvel, ela teria de lho pedir.

Garcia foi olhando de compartimento em compartimento, sondando cada rosto desconhecido. Tildy mostrou-lhe o livro de jardinagem, ele veio prontamente sentar-se e apresentou-se.

— Sabe quem eu sou? — perguntou ela.

— Se preferir, posso dizer que não — respondeu o tipo. Estava convencido de que já lhe tirara a pinta: burocrata de carreira, solteirona que vivia com o gato, mal-arranjada, mas vaidosa das suas capacidades intelectuais. E desejosa de falar mal do seu chefe imbecil.

Tudo verdade, menos o pormenor do gato.

— Não pode mencionar-me de todo. Nem o nome, nem o que faço, nem a idade. Nem mesmo se sou homem ou mulher.

Garcia assegurou-lhe de que assim faria. Conforme o interesse do que ela lhe ia contar, renegociaria ou não os termos.

— Trouxe aqui a minha mulher antes de casarmos — comentou. Para quebrar o gelo, nada como uma ligeira observação neutra, porém com um toque pessoal. Claro que havia uma pergunta implícita: «Porquê aqui?»

À qual Tildy não se deu ao trabalho de responder.

— Esteve na Rússia — atalhou ela. Soou a uma acusação.

— Sim, quatro anos. Chefiei a nossa redação em Moscovo.

— E agora escreve sobre artes e espetáculos. Filmes, livros... enfim, a cultura *pop*.

— Diz isso como se fosse uma despromoção.

— Estava a apontar a voos mais altos e eles cortaram-lhe as vazas, não foi? — declarou ela, na sua melhor voz de advogada de acusação. — Era um tarefeiro e viu uma oportunidade de passar a comentador político. Puseram-no a cobrir a campanha presidencial do Mitt Romney. Depois, conseguiu um cobiçadíssimo lugar como correspondente. Enfim, estava em rota para se tornar numa personalidade no mundo dos média. Mas apareceu algum fantasma do passado, alguém de pouca monta, possivelmente uma mocinha de quem já nem se lembrava. Mas lembrava-se ela, não foi assim?

A expressão de Garcia tornara-se gélida.

— Foi acordado que o que aconteceu se manteria estritamente confidencial. Se ela tem andado por aí a contar a sua versão, haverá consequências. — Agora, soava hesitante e assustado. Tildy quase se congratulou interiormente pela sua pontaria certa. — Aliás, em que é que isso lhe diz respeito? — perguntou ele de seguida, agora ao ataque, numa tentativa de voltar a ficar no comando da situação. — Foi para isso que me fez vir a esta merda de pizaria nesta vilazeca da treta?

— Julgou que isso era segredo, certo? — continuou ela. — Não é fácil manter um segredo nesta cidade. Aliás, nem o meu caro conseguiu ficar de boca calada a respeito do assunto. A Sandra, é como ela se chama, certo?, não violou os termos do acordo de confidencialidade que assinou. E o meu caro não perdeu o emprego. Enfim, pelo menos *ainda tem* um emprego. Escreve sobre filmes. E restaurantes. Deu-lhe um dinheirito e ela desapareceu. Mas nunca desaparecem completamente, não é? Os pequenos fantasmas de cada um. De vez em quando, o meu caro falava no assunto, talvez no balneário do ginásio, ou ao seu advogado, ou à psicóloga. O FBI apareceu lá na redação para verificar antecedentes, como faz com todos a quem o governo acena com um cargo, e o meu caro contou-lhes tudo. Fez bem. Mas vê? Tem andado por aí com o seu segredo metido num saco esburacado. Não é brilhante com estas coisas, pois não?

Ele já tinha o rosto reluzente de transpiração. Estava seriamente enervado.

— Quer o quê de mim? — perguntou.

— Quero que preste um serviço ao seu país. Poderá inclusivamente pô-lo outra vez na rota para voos mais altos, se souber fazer a coisa como deve ser. Por outro lado, se estragar tudo, será o fim da linha tanto para si como para mim. — Nesse momento, apareceu o empregado, todo sorridente e com uma camisa que parecia um embrulho de rebuçado. — Traga-nos a de amêijoas — pediu ela, revelando mais um detalhe que sabia a respeito de Tony Garcia. — E ele bebe uma *DC Pilsner*. — Garcia pestanejou, mas não disse palavra. A tipa até sabia qual a sua cerveja preferida. — Quero que fique a par de certa informação — começou ela a

explicar. — Não posso revelar-lha diretamente. Vai ter de a descobrir pelos seus meios. — Tinha de lhe comunicar aquilo de que queria que ele se inteirasse de uma forma que ainda assim lhe permitisse passar num teste do polígrafo. — Ou seja, vamos ter uma conversa normalíssima.

— E quer falar do quê?

— Falemos da Rússia.

Ele assentiu e obedeceu.

— Foram uns estranhos quatro anos.

— Dizem que as mulheres de São Petersburgo são as mais belas do mundo — disse-lhe Tildy, agora a falar-lhe em russo. — Também ficou com essa opinião?

— Elas acham que são, sem dúvida — respondeu ele, num russo que Tildy considerou razoavelmente fluente.

— Deve ter-lhe sido difícil resistir aos avanços delas. Ou não resistiu?

— Partia do princípio de que, sempre que uma mulher me abordava, seria uma armadilha. Mas já percebi que está bem informada a meu respeito, portanto de certeza que sabe que nem sempre resisti. Mas nunca traí um segredo. Jamais revelei uma fonte. Mantinha todo o meu material fechado a sete chaves. Fui sempre cuidadoso. Muito cuidadoso.

— Escreveu sobre os piratas informáticos. Sobre o grupo Fancy Bear. Aliás, foi um dos primeiros a noticiar o assunto. Fiquei impressionada.

— Com o quê? Comigo?

— Neste mundo das agências secretas, por vezes damos por nós a desejar que os repórteres fossem melhores, para fazermos chegar informação ao público que não podemos ser nós a partilhar. O grupo Fancy Bear era extraordinariamente perigoso.

— Continua a ser — replicou ele.

— Poderá não ser má ideia dar uma olhadela ao que eles têm andado a fazer recentemente.

— Eu escrevo sobre filmes, ou já se esqueceu? Faço críticas de livros. Porque não contacta o Jarrell Curtis? É ele quem escreve sobre os serviços secretos do governo norte-americano e não eu.

— Não arranjei maneira de o ter na mão, portanto não pode ser ele — respondeu Tildy sem rodeios. Isto fê-lo recuar ligeiramente, os lábios agora franzidos num esgar humilhado. — Vamos, não seja melindroso — disse ela. — As coisas são o que são. De alguma maneira tenho de me proteger. Sei que, ao escolhê-lo a si, estou a correr um risco, mas, pelo menos, há algum equilíbrio de forças. Se me arranjar sarilhos, pago na mesma moeda. Nenhum dos dois está em vantagem.

— E porque tem isto tanta importância para si? — indagou ele.

— Lembra-se dos ciberataques à fábrica petroquímica saudita em 2017?

— Houve vários nesse ano.

— Mas um foi especial. Esses ataques tinham por objetivo moer a paciência dos sauditas, abrandar a produção, talvez mesmo interferir com o plano de privatização da Saudi Aramco. Não foi nada com que não contássemos. Aliás, eles começaram logo em janeiro, com o ataque à National Industrialization Company. Uma privada. De repente, todo o sistema foi abaixo e a informação nos discos rígidos foi apagada. Coisas de caloiros iranianos. O típico. Seguiram-se outras fábricas. Usaram um *bug* informático, o vírus Shamoon. Mas, em agosto, houve um ataque de outro tipo. Dessa vez, não se tratava apenas de mandar as luzes abaixo; agora, o objetivo era matar. Infetaram o sistema de segurança com *malware*. Queriam explodir com a fábrica.

— Julguei que os controladores de segurança eram invulneráveis. Não é um dispositivo triplo?

— Sim. O que só torna o caso mais preocupante — explicou ela. — Os controladores do sistema de segurança Triconex estão atrás de portas fechadas à chave. Não há acesso remoto. Tem de ser presencial.

— Portanto, foi alguém de lá.

— Aí está o busílis da questão. Não foi. De alguma maneira, eles conseguiram infetar o sistema informático a partir do exterior. Como, não sabemos. Foi um truque de magia qualquer. Tencionavam mandar a fábrica pelos ares, mas alguma coisa não correu bem; seria uma pequena falha qualquer no *software* malicioso, qualquer coisa que entretanto já foi certamente corrigida.

— Não sabia que os iranianos tinham esses meios.

— Não tinham. Foi a Rússia.

A revelação deixou-o perplexo.

— Porquê? Enfim, entendo que a Rússia olhe a Arábia Saudita como adversária na produção petrolífera, mas isso não é levar a disputa longe de mais?

— Inicialmente, julgámos que estariam a fazer um favor aos iranianos, ou que teriam agido a troco de dinheiro. Mas agora achamos que se tratou de um teste. Porque a questão é esta: o mesmo tipo de controladores é usado em dezenas de milhares de sistemas em todo o mundo e sobretudo aqui nos Estados Unidos. Usamo-lo nas nossas centrais nucleares e elétricas, nas refinarias e nas estações de tratamento de águas. Já viu bem o alcance de algo assim? Derrames de petróleo, fugas de gás, explosões, equipamento de importância vital a implodir, e imagine só a catástrofe se uma central nuclear vai pelos ares. Já sabíamos que andavam com vontade de atacar as nossas infraestruturas, mas julgámos que lhes levávamos a dianteira, ou que, pelo menos, íamos a par e passo, mas enganámo-nos. E o engano poderá sair-nos muito caro.

— É um plano diabólico, mas brilhante — considerou Garcia. — Identificar o sistema supostamente à prova de qualquer ataque,

precisamente aquele que impede uma catástrofe, e transformá-lo numa bomba. — Tildy assentiu. Ele já percebera. — É essa a história?

— Cabe-lhe descobrir.

— Se me chamou aqui, é porque há mais.

— A minha sugestão é que reflita no que seria possível em tais circunstâncias.

O empregado chegou com a piza. Garcia bebeu um golinho da cerveja que Tildy pedira para ele e aguardou que o empregado se retirasse.

— Se eles conseguiram entrar num sistema, sobretudo o mais sofisticado e aquele que é supostamente à prova de ataque, quem nos garante que não há outros também afetados? Aposto que a ideia lhe passou pela cabeça. — Tildy limitou-se a olhá-lo nos olhos. — Vou tomar isso como um sim — disse ele. — É óbvio, aliás. Deus do Céu, seria como carregarem num botão e mandarem o país inteiro abaixo, certo? Não seria uma simples dor de cabeça. Estariam a ir direitos à jugular. A recuperação levaria anos.

Tildy não respondeu. Chegara ao limite do que podia dizer-lhe em segurança. Pondo-se de pé, retirou-se, deixando a piza — e a conta — para Garcia.

O APEDREJAMENTO DO DIABO

O pequeno helicóptero *Boeing* quase roçou o cume de uma montanha e, sobressaltado, Henry segurou-se com mais força. Nunca gostara de helicópteros. E também não era fã de alturas.

Do ar, viu o pôr do Sol refletido no mar Vermelho. O brilho intenso não deixava ver o solo. Então, qual ilha refulgente, surgiu Meca. De tão iluminada, a Grande Mesquita mais parecia um estádio. Estava rodeada de arranha-céus. Ao meio, uma arena de um branco ofuscante, ao centro da qual se avistava uma grande caixa preta, a Caaba, para a qual os muçulmanos do mundo inteiro rezavam voltados. De repente, a arena ondulou como uma vaga gigante. Três milhões de devotos acabavam de se erguer finda a oração do pôr do Sol.

— Podemos aproximar-nos? — pediu ele.

«Por acaso converteste-te ao islamismo? Meca é interdita aos não-muçulmanos.» Henry olhou para o príncipe Majid, instalado aos comandos do helicóptero. Estava de sorriso arreganhado. «Mas, se é o que queres, posso oficializar a tua conversão. É muito simples.» Estava a ouvi-lo pelos auscultadores, porém tão nitidamente como se estivessem lado a lado a conversar.

— Sabes muito bem o que penso das religiões em geral — replicou Henry.

«Se teimas em manter-te um infiel, teremos de aterrar no recinto da polícia, como planeado. Olha-o ali.» Apontou uma tenda gigante numa colina que oferecia uma vista desobstruída de Meca. «Dali, vamos poder seguir os acontecimentos sem dificuldade.»

Henry e Majid conheciam-se desde 2013, quando o príncipe se deslocara a Genebra para informar a comunidade internacional a respeito de uma epidemia que assolara a Arábia Saudita no ano anterior. Ron Fouchier, o destacado virologista do Instituto Erasmus em Roterdão, fora o primeiro a descrever o conjunto de sintomas daquela doença, um coronavírus ao qual se chamara síndrome respiratória do Médio Oriente, ou MERS. No surto inicial houvera quarenta e quatro infetados, dos quais morrera metade. Seguidamente, dera-se um surto na Coreia do Sul e a contagem oficial fora de cento e oitenta infetados. Entretanto, os investigadores tinham descoberto que a MERS era endémica nos camelos, não sendo ainda claro se teriam sido os humanos a infetá-los ou vice-versa.

Havia um dado no mínimo bizarro: oitenta por cento da população humana infetada era masculina. O que explicaria isso? Fora Majid quem descobrira que o vírus era trazido na poeira e que as mulheres, ao usarem véu, estavam mais protegidas — uma dedução brilhante que muito impressionou Henry.

E, enquanto Majid se estreava como conferencista em Genebra, o tio dele foi destituído e, de um momento para o outro, o príncipe viu-se promovido a representante máximo do Ministério da Saúde. De imediato, viu-se perante a decisão mais difícil com que o ocupante do cargo podia ser confrontado — permitir ou cancelar a peregrinação a Meca nesse ano. Todos os muçulmanos estão obrigados a fazer essa peregrinação pelo menos uma vez na vida, a menos que lhes seja fisicamente impossível, e impedi-los acarretaria consequências espirituais. Já para não falar no prejuízo financeiro. A peregrinação a Meca é — além do petróleo — a única fonte de receitas de que a Arábia Saudita dispõe. Com os casos identificados de MERS a diminuir, Majid acabou por resolver que só os idosos e os que sofriam de doenças crónicas deveriam abster-se de fazer a peregrinação, o que veio a revelar-se a decisão certa, embora uma cidadã espanhola tenha sido diagnosticada com a doença ao regressar ao seu país. Mas as coisas poderiam ter-se passado de outra maneira, e Majid sabia-o. Tivera sorte, apenas isso.

A partir dessa altura, mantiveram um contacto profissional, mas Henry jamais visitara o reino da Arábia Saudita e à cabeça vinha-lhe tão-só uma sucessão de imagens estereotipadas: areia, mulheres vestidas de preto e palácios saídos de histórias encantadas. Ao aterrar em Jidá, foi escoltado até ao luxuoso terminal reservado à família real. No *lounge*, deparou com mulheres de véu — princesas, supôs —, a fumarem os seus narguilés com um ar enfadado. Elas olharam-no, curiosas. «Quem será o intruso?», pareciam perguntar-se. Não era árabe, não era realza e não era obviamente uma celebridade.

Nesse momento, entrou no *lounge* um grupo masculino. Vestindo todos a tradicional túnica branca, pareciam uma flotilha de cisnes. Imponentes, bem-parecidos e em boa forma física, usavam todos a barba preta aparada da mesma maneira e o tradicional *keffiyeh* em xadrez vermelho e branco a cobrir-lhes a cabeça. Quase parecia que tinham sido selecionados a dedo. Entraram em formação; vinham a proteger outro que vestia igualmente túnica branca, mas que se distinguia pelo manto negro com uma orla dourada a rematar a indumentária. Não o tendo até ali visto com o traje do seu país, Henry precisou de um momento para o reconhecer. Naquele momento, Majid era, de facto, a imagem de um príncipe. Pela primeira vez, Henry teve a clara noção de que o seu amigo poderia vir um dia a ser rei.

Mas, por enquanto, estavam a bordo de um helicóptero, a pairar sobre uma encosta, a aguardar enquanto um dos polícias corria atrás de uma

cabra, tentando afugentá-la da zona de aterragem. Feito isso, Majid pousou habilmente o helicóptero numa área improvisada entre os *Land Cruiser* da polícia e o acampamento. Henry esperou até sentir que as pernas estavam de novo capazes de lhe obedecer.

— E a tua bengala? — perguntou-lhe Majid.

— Queimei-a — respondeu ele.

O príncipe lançou-lhe um olhar de quem estranhara a resposta, mas optou por não aprofundar o assunto.

Henry reparou numa antena de telemóvel e numa antena parabólica. Pelo menos, comunicar não seria um problema. Vislumbrou o centro de operações que fora montado numa das tendas. Um alinhamento de ecrãs ia mostrando imagens captadas por outras tantas câmaras no interior da zona sagrada. Seguiu Majid até à tenda maior. Ao centro, um lustre iluminava os tapetes orientais e o padrão de cores vivas das paredes de tecido a toda a volta. Não havia cadeiras, mas apenas banquetas arrumadas a toda a volta na orla da tenda, deixando vazia uma ampla área ao meio — talvez fosse uma representação do deserto, ocorreu a Henry. Estava frio ali dentro. Depois percebeu: era o ar condicionado.

Majid sentou-se no chão atapetado, usando uma banquetta como encosto. Os seus movimentos eram ágeis e fluidos. Com um gesto, convidou Henry a fazer como ele. Desajeitado, Henry assentou um joelho no chão, depois deixou-se cair de rabo. Fazia-lhe falta a bengala. Iria passar um mau bocado naquele mundo sem cadeiras. Entretanto, já Majid estendera a mão para o amparar.

Um empregado chegou com um jarro alongado de bronze e verteu um pouco de um líquido fumegante numa pequena chávena.

— É café árabe — explicou Majid. — Sentes o aroma?

Henry inspirou o vapor que subia da sua chávena.

— Que especiaria é esta? — perguntou.

— É uma mistura — esclareceu o príncipe. — Cardamomo, cravo-da-índia e açafrão. Somos completamente viciados nisto. — Em árabe, falou ao criado, que se retirou prontamente num passo apressado. Regressou instantes depois, acompanhado de um polícia, o coronel Hasan al-Shehri, conforme o apresentou Majid. Largo de ombros e dono de uma tez escura, tinha umas feições ossudas e delgadas que lhe davam um ar de ave de rapina. Era ele o responsável pelo sistema de alerta rápido para doenças, através do qual eram vigiados sintomas que pudessem causar surtos de doença. Havia mais de 30 mil profissionais de saúde a postos para prestarem auxílio à gigantesca multidão de peregrinos.

— Estou às suas ordens — disse o coronel, depois que o príncipe lhe apresentou Henry e lhe deu conta de como o seu amigo era prestigiado no campo da investigação.

Henry perguntou-lhe se vira algo que pudesse indiciar uma epidemia

em vias de estalar.

— Há sempre um surto de gripe durante a peregrinação — respondeu o coronel. — Fora isso, não dei por nada. Este ano até temos menos pacientes na enfermaria. Quase todos são casos de pneumonia.

— E mortes, já houve?

— Até agora, cerca de duas mil.

— São pessoas que vêm morrer aqui — esclareceu Majid. — Encaram-no como uma bênção. Tentamos manter os doentes contagiosos afastados da multidão, mas muitos são doentes crónicos que chegam aqui em fase terminal. Nesses casos, somos nós a sepultá-los e a emitir as certidões de óbito. É uma dor de cabeça.

— Tenho de localizar um indivíduo indonésio — explicou Henry. — Chama-se Bambang Idris.

— Com que brevidade? — indagou o coronel Al-Shehri.

— O mais depressa possível.

— Em princípio, será simples — retorquiu o coronel. — Mas, neste momento, é impossível. Esta noite, os peregrinos dormirão sob as estrelas. Acordarão cedo, antes do nascer do Sol, e só regressarão às tendas depois da primeira oração do dia. Nessa altura, trá-lo-emos até si.

— E pronto, problema resolvido — declarou Majid. Um segundo criado já estava a desenrolar um plástico sobre o tapete. — Esta noite, jantamos; amanhã, localizamos esse homem que procuras. — Outros dois trouxeram o borrego assado e uma grande tigela de arroz de açafrão, que pousaram sobre o plástico, juntamente com o pão, o húmus, as tâmaras e outras iguarias que Henry não conhecia. Majid e o coronel sentaram-se de pernas cruzadas diante da refeição. Henry já estava a tentar imitá-los, de novo sem grande jeito, e então foi-lhe trazida uma antiga cadeira de escola com tampo para escrever. De seguida, o criado fez-lhe um prato, pondo-lhe comida a mais, e, seguindo o exemplo dos outros dois, Henry comeu usando apenas a mão direita.

Para o chá, foi armada uma mesa num promontório com vista sobre a cidade. Por essa altura, já anoitecera completamente e o céu enchera-se de estrelas que pareciam ao alcance da mão.

— Vendo isto, entende-se que muitas religiões tenham nascido no deserto — comentou Henry.

— Sim — concordou Majid. — É um problema que temos por estas bandas: Alá não perde pitada do que fazemos.

De repente, a exaustão apoderou-se de Henry. Não parara um instante desde que deixara Jacarta. Com alívio, compreendeu que, por essa noite, já fizera tudo quanto podia fazer. Um criado levou-o à sua tenda. Tinham-lhe trazido uma cama que era realmente uma cama e na qual ele se deixou cair logo que a entrada da tenda se fechou. Pensou em Jill. Tinha saudades dela, ansiava senti-la de novo ao seu lado. Imagens do passado foram-se

sucedendo a toda a velocidade na sua mente à medida que os seus neurónios descarregavam a ansiedade que agora o acompanhava aonde quer que fosse. Os seus sonhos tinham-se tornado num campo de batalha.

Bambang não conseguia dormir. Passara o dia a rezar de joelhos na superfície pedregosa do monte Arafat, rodeado de peregrinos dispersos pelo meio dos pedregulhos como um bando de pombos. Fora uma sorte conseguir arranjar uma pequena área só para si, onde pudera estar a sós com os seus pensamentos. Lera as orações que familiares e amigos lhe tinham confiado. Ali, cada uma tinha a força de cem mil feitas fora de Meca. Ocasionalmente, dera por si com o pensamento a divagar, o que o preocupara; ali, no lugar mais sagrado que havia na Terra, também as suas dúvidas ressoariam milhares de vezes mais alto.

Fizera um sol inclemente durante toda a tarde. Com a pele a arder-lhe e o chão duro a magoar-lhe os joelhos, encarara a dor e aquela impiedosa comichão como sacrifícios e tratara de se abstrair do desconforto e de se concentrar nas orações. Trouxera um contador de orações; só naquele dia, tinham sido quatrocentas e setenta e seis. Multiplicadas por cem mil, ascendiam a mais do que todas quantas já rezara na sua vida. Davam para várias vidas, na verdade. Era abençoado, sem dúvida.

Recordou como fora entrar na Grande Mesquita no dia anterior. Ao passar sob as arcadas monumentais e entrar no pátio octogonal, sentira-se insignificante como uma gota no imenso mar que era a humanidade. Erguendo-se do meio da multidão de peregrinos, lá estava a Caaba, um gigantesco cubo de pedra revestido de seda preta com bordados dourados. Os peregrinos tinham de a contornar sete vezes em sentido inverso ao dos ponteiros do relógio, e, a cada volta, Bambang foi ficando mais perto de conseguir beijar a Pedra Negra, a misteriosa relíquia encastrada numa aresta e visível através de uma moldura de prata. Os peregrinos iam-na apontando com anseio e reverência. Dizia-se que aquela relíquia vinha do tempo de Adão e Eva e que fora o próprio Profeta a colocá-la ali — a pedra angular da Caaba. Quando ele estava na última volta, já vários se tinham engalfinhado, todos a tentarem chegar-lhe, mas, espantosamente, Bambang viu o seu desejo concedido e conseguiu beijar aquela que era a mais sagrada das relíquias. Seguidamente, foi rezar num dos terraços mais altos da mesquita. Dali, avistavam-se milhões de fiéis, tão compactados como os fios que formam um tecido. Ali no alto, sentiu-se sublimado e livre dos pecados, o mais perto que jamais chegaria de ser um espírito puro.

E agora estava na planície de Muzdalifah, a contemplar o rosto da criação. As estrelas iam descrevendo a sua lenta trajetória curva pelo Universo. O majestoso Universo. Sentia-se insignificante, mas, também, a transbordar de alegria. Então voltou-se de lado e vomitou.

Ninguém pareceu reparar. Os outros peregrinos dormiam. Juntando as

mãos em concha, cobriu o vomitado com areia. Embora envergonhado, perguntou-se se aquilo não seria bom sinal. Rezara para expulsar o mal de dentro de si. Talvez fosse assim que acontecia. Num ímpeto chocante na sua crueza. Livrara-se do fardo dos erros passados. Sim, purificara-se.

Mas agora sentia-se sem forças. Atordoado. Tentou pôr-se de pé, mas apenas conseguiu ficar de joelhos e acabou por resolver que o melhor era deitar-se novamente de costas e ficar a ver as estrelas no céu. As horas foram passando. Não sabia muito bem o que pensar do que sentia. Estaria a ascender a um estado superior? Seria aquilo a transição para a próxima etapa, qualquer que ela fosse? Decerto as suas orações fá-lo-iam alcançar um patamar mais elevado. Talvez aquilo que agora estava a sentir fosse um teste.

O chamado do almuadem acordou os outros peregrinos, que desenrolaram os tapetes para recitarem a oração da madrugada. Estavam todos com os músculos perros de dormirem no chão, pelo que ele não sentiu que estivesse a dar nas vistas. Já tinha forças para ficar de pé, mas não lhe pareceu que fosse conseguir aguentar o pequeno-almoço no estômago. Juntou-se ao primeiro grupo que seguiria para a ponte de Jamarat. Melhor assim; o nascer do Sol era a hora mais abençoada para fazer esse trajeto. Eram quilómetros de estrada ocupada por milhares de peregrinos a avançarem num cadenciado arrastar de pés. Bambang não conseguia ver onde começava ou terminava a multidão. O Sol ia subindo no céu. A espaços, passavam por baixo de enormes ventoinhas das quais saía uma chuva miudinha que os refrescava. Havia peregrinos deitados nas rochas, exaustos, desidratados, talvez mortos — como saber ao certo? Os afortunados protegiam-se do sol com guarda-chuvas oferecidos pela EgyptAir. Uns quantos helicópteros de canais noticiosos iam andando às voltas por cima deles.

A procissão foi passando por compridos túneis escavados nas paredes de rocha azulada. Tinham-nos advertido de que aquela era a parte mais perigosa da peregrinação, porque era quando muitas vezes se gerava o pânico. Alguém desmaiava. Quem estava mais perto parava para ajudar. Quem vinha atrás impacientava-se e tentava prosseguir. Instalava-se a confusão, mas também a fúria. Até que, de repente, era como se uma bomba explodisse: gerava-se um frenesim e a multidão descontrolava-se. Vários acabavam espezinhados. De uma assentada, morriam centenas — milhares, até. Depois, tudo terminava com a mesma rapidez com que começara, sem que alguém chegasse a perceber exatamente o que acontecera ou porquê.

Bambang trazia consigo um recipiente de plástico com quarenta e nove pequenas pedras escolhidas uma por uma no monte Arafat. Eram para apedrejar o Diabo, representado por três grandes colunas retangulares, cada uma dentro da sua arena delimitada por um muro na ponte de

Jamarat. Com aquele ritual, os peregrinos estavam a fazer como Abraão, que resistira à tentação de Satanás apedrejando-o naquele mesmo local. A estrada abria para vários desvios, cada um dando acesso a uma estrutura monumental que parecia um estacionamento com vários níveis. Bambang sentiu a cabeça andar à roda; a multidão compactada ia entoando rezas e pressionando-o daqui e dali, toda aquela gente a respirar o mesmo oxigénio e a esgotá-lo rapidamente. No interior da gigantesca estrutura, o barulho que faziam ressoava no cimento e foi subindo em crescendo até se tornar num rugido atroador. Era como se uma perigosa energia estivesse a apossar-se do coletivo.

Bambang acalentara a esperança de conseguir chegar ao lugar mais alto da ponte, mas viu-se desviado para um nível intermédio. A meio da estrutura era visível uma porção de uma das colunas — uma imponente parede de granito que se erguia de uma bacia de cimento. Ao verem-na, os peregrinos compactaram-se mais ainda, cada um a empurrar, a tentar alcançar a orla daquela descomunal bacia para lançar as pedras que trazia consigo. No entusiasmo de amaldiçoarem Satanás, alguns chegavam a atirar também as sandálias e até os guarda-chuvas.

Já com a primeira pedra na mão, Bambang perdeu o controlo dos movimentos. Bruscamente empurrado pela força da multidão, colidiu com a mulher que ia à sua frente. O medo e o êxtase eram como eletricidade a correr-lhe nas veias. No meio do barulho ensurdecedor, tentou dizer uma prece:

— Eis o teu servo, Alá, eis o teu servo! Vim para te servir. Não sirvo outro amo, vim por ti. — Entretanto, começara a ser atingido por pedras lançadas com fraca pontaria.

Deu por si a ser esmagado contra a orla da bacia de cimento e diante dele ergueu-se a enorme coluna de pedra como se fosse o próprio Satanás. Rente aos seus ouvidos, os gritos dos demais peregrinos. Ergueu a mão para atirar a primeira pedra, mas faltaram-lhe as forças e não conseguiu atingir a coluna, o que foi um choque; como ficara tão fraco? Quando ia agarrar noutra pedra, o recipiente escapou-se-lhe dos dedos. Sentiu-o atingir-lhe o pé, mas era-lhe impossível baixar-se para o apanhar. Sentiu os joelhos cederem, mas não chegou a cair; a multidão compactada mantinha-o na vertical.

Apercebeu-se do movimento circular do coletivo a impulsioná-lo contra a orla da bacia por entre um autêntico fuzilamento com pedras. Talvez estivesse a gritar, mas o clamor era tão intenso que não o deixava ouvir a própria voz. Os seus pés já não tocavam o chão. Esmagado na vertical por tanta gente, sentiu as sandálias fugirem-lhe dos pés. Rezou a Alá para que o salvasse. Rezou para se ver sozinho, longe daquela multidão atroz. O ar esgotara-se e ele rezou por mais. Ao afastarem-se da orla da bacia, abriu-se um espaço no ajuntamento, e, ao cair, Bambang agradeceu a Alá tê-lo

libertado. Depois, a multidão de crentes espezinhou-o sem que ele se pudesse defender.

QUE DOENÇA É ESTA?

Ali na tenda com vista para Meca, enquanto aguardava que Majid e o coronel Al-Shehri regressassem da cidade sagrada, Henry juntou-se a uma videoconferência com Maria Savona, em Genebra, Catherine Lord, chefe dos serviços médicos nos Centros para a Prevenção e o Controlo das Doenças de Atlanta, e Marco Perella, que continuava no Campo Kongoli, na Indonésia. Marco tinha boas notícias: espantosamente, com exceção do coveiro que já morrera, não havia novos casos reportados em Jacarta.

«Isto é qualquer coisa da família dos *Orthomyxoviridae*», disse Catherine Lord. «Deve ser algum tipo de vírus da gripe, mas já o comparámos com milhares de outros vírus sequenciados que temos na nossa base de dados e até ao momento não se encontrou nenhuma correspondência.»

Tal como tantos outros perigos que há na natureza, os vírus da gripe são verdadeiras obras de arte. Estão revestidos de picos, ou espículas, formados por hemaglutinina (H) e neuraminidase (N), que funcionam como piratas a invadirem um navio. Ao estilo de uma balroa, a hemaglutinina agarra-se a uma célula e injeta-lhe as partículas virais. Concretizada a invasão, o vírus usa a energia da célula para se duplicar milhares de vezes. Quando todas essas novas cópias do vírus saem da célula, a proteína neuraminidase dispersa-as. Ao fim de poucas horas, a vítima está pronta a infetar outros, libertando meio milhão de partículas virais no ar de cada vez que tosse ou espirra. As partículas viajam pelo ar e vão alojar-se nos pulmões daqueles que estiverem próximos, ou então pousam em superfícies nas quais sobrevivem horas a fio. A gripe tem várias estratégias de propagação, mas a mais ardilosa é a sua capacidade de mutação — está constantemente a reinventar-se e assim consegue driblar tanto as tentativas do organismo para criar imunidade como os esforços da ciência para chegar a uma vacina eficaz.

Os vírus da gripe podem arrumar-se em quatro grupos distintos. De longe, os mais comuns e virulentos entre os humanos são os tipos A e B. Relativamente aos casos no Campo Kongoli, o mais provável era tratar-se de um vírus da gripe do tipo A, por norma mais virulento do que o tipo B. Até ao momento, estão identificados dezoito subtipos de hemaglutinina e onze de neuraminidase nas gripes do tipo A, mas, normalmente, só os tipos H1, 2 e 3 e N1 e 2 provocam a gripe sazonal nos humanos. A extremamente

contagiosa gripe de Hong Kong em 1968, por exemplo, era um vírus H3N2. Até agora, os vírus da gripe do tipo B foram identificados unicamente em humanos e podem ser também agressivos, porém, ao contrário dos vírus de tipo A, não causam pandemias. E há ainda dois outros tipos, o C e o D, que se distinguem dos tipos A e B por não incluírem a neuraminidase. O tipo C é comum nos humanos, sobretudo nas crianças, mas raramente há perigo de vida. Regra geral, o tipo D está presente no gado, mas, ocasionalmente, detetam-se casos em humanos e em porcos domésticos.

«E outra coisa: não estamos a conseguir fazer cultura desta maldita coisa que apareceu em Kongoli», continuou Catherine. «Já tentámos com fibroblastos de embrião de galinha, células de rim canino, células Vero de macaco-verde africano, morcegos e rins de crias de hámster, mas nada do que se usa normalmente parece funcionar com esta coisa.»

— Em que ponto estamos neste momento? — indagou Henry.

«Vamos começar a fazer testes em furões e em galinhas», disse Catherine. «O raio deste vírus é um mistério.»

— Há notícia de outros surtos que se assemelhem ao de Kongoli? — perguntou Henry.

«Há gripes sazonais a circular, tanto de tipo A como de tipo B, mas são vírus já identificados, nada de novo. Até agora, estava a ser um ano sem grandes sobressaltos.»

O tom era tenso e urgente. Cada nova conclusão apenas trazia mais perplexidade e frustração. Todos estavam bem cientes do cenário que começava a desenhar-se. Talvez viesse aí a mais catastrófica pandemia que jamais tinham enfrentado. O vírus de Kongoli tinha absolutamente de ser contido, e, por sorte, com exceção do coveiro entretanto falecido, parecia estar a ser. Ao contrário do que se verificara aquando do surto de ébola em 2018 na República Democrática do Congo, em que profissionais de saúde estrangeiros tinham sido assassinados pelas milícias locais, os que agora se encontravam na Indonésia contavam com a proteção das forças de segurança do governo. As autoridades indonésias estavam a fazer a sua parte. Se conseguissem manter o contágio circunscrito ao Campo Kongoli enquanto os investigadores tratavam de descobrir exatamente que doença era aquela, os Institutos Nacionais da Saúde e as companhias farmacêuticas teriam alguma margem para desenvolverem uma vacina. Com sorte, talvez a humanidade conseguisse esquivar-se a mais esta ameaça mortal. O peregrino à solta em Meca era preocupante, mas não necessariamente sinónimo de um contágio em larga escala. Teriam de o localizar e pô-lo de imediato em quarentena — para já, nada mais se podia fazer.

— Já têm uma eletromicrografia? — perguntou Henry a Catherine.

«Sim, fizemos uma coloração negativa que revelou as já esperadas partículas de gripe, embora com uma particularidade bizarra.»

— Qual?

«Não se encontrou neuraminidase.»

Henry reprimiu um queixume de frustração. Se não havia a presença dessa proteína, então não se tratava de uma gripe do tipo A, portanto os antigripais de ação mais abrangente — os inibidores da neurominidase, como o *Tamiflu* — seriam inúteis. Até ali, as gripes pandêmicas sempre tinham sido do tipo A. Agora, porém, tudo indicava haver uma nova candidata, que apresentava uma combinação de características como jamais se observara. Estavam perante um vírus inteiramente novo.

«Já foi colocada a hipótese de se tratar de uma gripe do tipo C?», sugeriu Marco.

«Sim, claro, mas fez-se uma eletroforese (aplicando-se um campo elétrico às moléculas, elas separavam-se por peso) e descobrimos que o genoma do vírus tem oito segmentos.» Essa era uma característica das gripes do tipo A e não das gripes do tipo C e D, que apresentavam sete segmentos de RNA. «Este vírus é algo nunca visto», concluiu Catherine. A videoconferência estava prestes a terminar. «Henry, precisamos de ti aqui conosco», disse ela então. «Estás fora há duas semanas. Contigo e com o Marco a trabalharem no terreno, estamos seriamente depauperados de especialistas.»

— Volto logo que possa — assegurou ele. — Só quero certificar-me de que não houve contágio por aqui. Dá-me mais uma semana.

«Uma semana?!», exclamou Catherine. A sua consternação era evidente.

Aqui, interveio Maria, que se ofereceu para enviar uma segunda equipa da OMS para ficar de olho na peregrinação.

«Quanto tempo levariam eles a chegar?», perguntou Catherine.

«Consigo tê-los em Jidá em três dias», assegurou Maria.

Logo que a videoconferência terminou, Henry ligou a Jill.

— Chego na sexta — anunciou, aliviado.

JÜRGEN

Henry dava por si a pensar recorrentemente na gripe de 1918, qual espectro ameaçador a assombrar-lhe os pensamentos. A chamada «gripe espanhola» infetara quinhentos milhões de pessoas e, dessas, matara vinte por cento. Contrariamente ao habitual, matou sobretudo jovens adultos de resto saudáveis. Ainda hoje não se sabia onde começara exatamente; tinham-lhe posto o nome de gripe espanhola porque, durante a Primeira Guerra Mundial, a Espanha assumira uma posição neutral, pelo que os jornalistas puderam reportar sem restrições o que se ia passando com a doença. Investigações posteriores viriam a indicar que os primeiros casos teriam surgido no condado de Haskell, no Kansas, ou na fábrica da Ford em Detroit, ou talvez na China, ou na Áustria. Na verdade, ninguém sabia. O certo é que, logo que chegou aos acampamentos militares e aos camiões de tropas — espaços reduzidos ou mesmo exíguos —, o vírus tornou-se no mais voraz dos predadores, pulando por cima de todos os esforços para o conterem; indo de cidade em cidade e chegando até mesmo às vilas mais insignificantes, foi varrendo todo o globo terrestre e fez mais vítimas do que a guerra. Era uma doença desconcertante e misteriosa e os diagnósticos errados foram-se sucedendo — confundiram-na com a cólera, com a febre de dengue, com a meningite e com a febre tifoide. Ali estava um adversário mais temível do que qualquer outro que a medicina moderna jamais enfrentara. Se havia casos em que os primeiros sintomas apenas surgiam ao fim de uma semana, também havia aqueles que à hora do almoço estavam bem e que à hora do jantar já tinham morrido. E, tal como sucedia com o vírus de Kongoli, também a gripe espanhola causava hemorragias. Era comum os doentes começarem subitamente a sangrar do nariz. E os pulmões acabavam reduzidos a uma espuma sangrenta e espapaçada.

Muito provavelmente, a ideia de que o surto no Campo Kongoli desapareceria por si era uma esperança vã. Ainda assim, não seria nada que não tivesse já acontecido. Em fevereiro de 1976, em Fort Dix, na Nova Jérsia, um jovem recruta chamado David Lewis caíra prostrado e morrera ao fim de oito quilómetros de marcha. Quando mais de duzentos soldados adoeceram, os médicos identificaram duas estirpes de gripe do tipo A naquele posto militar. Uma delas, do subtipo H3N2 (uma variante da anterior gripe de Hong Kong), foi designada por «A/Victoria». Era altamente contagiosa, mas apenas medianamente virulenta. Já a outra, aquela que

matara o soldado raso Lewis e infetara talvez outro, era desconhecida, pelo que os médicos militares enviaram amostras para os CPCD.

O vírus era do subtipo H1N1 e apresentava a mesma estrutura genética da gripe espanhola. Chamaram-lhe gripe suína porque tinham sido os porcos a incubar a doença. (O mais provável era que, em 1918, a transmissão se tivesse dado no sentido inverso: dos humanos para os porcos.) Amiúde, os porcos eram olhados como verdadeiras incubadoras de vírus porque a espécie suína era um elo quase perfeito entre as gripes das aves e as doenças humanas. Ao invadir o organismo do porco, o vírus adaptava-se aos mamíferos, e então, vencido o obstáculo da espécie, estava pronto a tomar o mundo de assalto.

Em 1976, alarmado com a situação em Fort Dix, o Presidente Ford ordenou que não se poupassem esforços para imunizar a população contra a gripe suína o mais depressa possível. As farmacêuticas receberam instruções para acelerar a descoberta de uma vacina e foram isentadas de responsabilidade civil ou criminal durante o processo. Então, em agosto, deu-se misteriosamente um novo surto numa convenção da Legião Americana em Filadélfia. Morreram vinte e nove pessoas. Afinal, o diagnóstico inicial de gripe suína estava errado; tratava-se de uma pneumonia atípica a que mais tarde se chamaria «doença do legionário», mas tanto os jornalistas quanto a classe política geraram um tal alarme social que se puseram de parte quaisquer reservas de que a solução seria a vacinação em massa. Em setembro, começaram as inoculações contra a gripe suína. Passado um mês, as pessoas começaram a adoecer, não com gripe, mas por causa da vacina, que favorecia a ocorrência de uma doença paralisante, a síndrome de Guillain-Barré. Em dezembro, o programa de vacinação foi suspenso. Entretanto, nesse intervalo de tempo, ninguém adoecera com gripe suína. A linha de ação seguida revelou-se politicamente desastrosa para Ford e acautelou futuros líderes políticos. Em 1918, a H1N1 causara entre cinquenta e cem milhões de vítimas mortais. Em 1976, matou um único indivíduo.

Para Henry e para os colegas, que desesperavam por respostas, um fator exasperante relativo à pandemia de 1918 era a escassez de material escrito a respeito da mesma. Estranhamente, ficara esquecida durante décadas a fio, sepultada na memória coletiva juntamente com os seus segredos. O que tornara esse vírus tão agressivo? E porque teria vitimado sobretudo os mais jovens e robustos, precisamente os que deveriam ter-se revelado menos permeáveis ao seu carácter assassino? Em 1951, o patologista sueco Johan Hultin viajou até Brevig Mission, um posto avançado no Alasca onde, em 1918, a gripe matara setenta e dois dos oitenta habitantes da cidade. As vítimas tinham acabado sepultadas no pergelissolo e Hultin conseguiu que o autorizassem a exumar vários dos corpos para os examinar. Mas não conseguiu isolar o vírus e jamais

esqueceu tal fracasso. Quase cinquenta anos depois, em 1997, inteirou-se das pesquisas do Dr. Jeffery Taubenberger no Instituto de Patologia das Forças Armadas perto de Washington. O Dr. Taubenberger andava a tentar recriar o vírus da gripe de 1918 a partir de espécimes colhidos em soldados que tinham morrido aquando da pandemia e depois preservados em cera. Hultin, que nessa altura era já um homem idoso, voluntariou-se para regressar a Brevig Mission para uma nova tentativa. Desta vez, levou consigo unicamente a tesoura de podar da sua mulher e exumou tão-só os restos mortais de uma mulher que rondaria os trinta anos quando morrera e a quem ele chamou «Lucy». Por causa da sua obesidade extrema, os pulmões não tinham chegado a ser completamente destruídos. Usando a tesoura de podar, Hultin extraiu-os e levou-os de volta consigo para São Francisco. Na prática, era como levar na mala uma bomba de hidrogénio.

Pelo correio, enviou os pulmões de «Lucy» ao Dr. Taubenberger. Estavam carregados de material viral, o que permitiu clonar o vírus assassino. Infetaram-se macacos, que em poucos dias ficaram com os pulmões destruídos. Tal como «Lucy» e como os médicos franceses no Campo Kongoli, também esses macacos acabaram por morrer asfixiados pelos próprios fluidos — a consequência de uma reação demasiado eficaz por parte do sistema imunitário.

Muitos questionaram se seria avisado ressuscitar o vírus da gripe espanhola. Por mais cuidados que se tivessem, ainda assim, por vezes, os vírus escapavam-se dos laboratórios. Mesmo nos CPCD, cujas instalações eram das mais seguras mundialmente, oitenta e quatro cientistas — entre os quais Henry — tinham sido acidentalmente expostos a uma estirpe de antraz supostamente inativada, mas que afinal não o fora. E, em mais do que uma ocasião, o vírus da varíola escapara-se de laboratórios ingleses, matando um total de oitenta pessoas. Amiúde menosprezada, a negligência é uma séria ameaça à civilização.

Antes de entrar para os CPCD, Henry estivera, por assim dizer, «do outro lado da barricada» — criara doenças. Seguindo oitenta quilómetros para noroeste de Washington, encontrar-se-ia uma velha quinta — ou, pelo menos, a casa dos senhores — no meio dos campos onde se travara a Guerra Civil. O acesso à propriedade estava vedado e vigoravam elevadas medidas de segurança. Fort Detrick, assim se chamavam aquelas instalações, albergava uma série de iniciativas na área da medicina, incluindo o Laboratório Nacional Frederick para a Investigação do Cancro, a Confederação Nacional Interagências para Pesquisa Biológica e o Instituto de Investigação Médica de Doenças Infecciosas, tutelado pelo exército norte-americano. Fora ali que, em plena Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tinham dado início a um programa secreto de armas biológicas.

A humanidade conta já com um longo historial de alistar as doenças epidémicas para o combate — sabe-se que, no século xiv, os mongóis usaram a estratégia de catapultar os corpos das vítimas da peste para o interior das muralhas da antiga cidade de Caffa, na península da Crimeia. Os Estados Unidos testaram o antraz e outras doenças potencialmente mortais em voluntários — na sua maioria, objetores de consciência. Finda a Segunda Guerra Mundial, cientistas nazis que tinham feito experiências médicas usando prisioneiros de guerra e vítimas dos campos de concentração como cobaias foram trazidos para ajudarem às investigações dos americanos. Exploraram-se as possibilidades de usar insetos como piolhos, carraças e mosquitos para disseminar a febre-amarela e outras doenças. Estudou-se o exemplo dos japoneses, que, durante a guerra, tinham largado bombas de pulgas infetadas com peste em solo chinês, além de contaminarem mais de mil poços com cólera e tifo, provocando epidemias que, finda a guerra, se prolongaram ainda por muito tempo. Em 1969, o Presidente Nixon proibiu a investigação científica com o objetivo de desenvolver armas biológicas ofensivas. Mas as experiências envolvendo doenças não acabaram; apenas passaram a ser categorizadas como medidas defensivas.

Henry considerava tais investigações necessárias. Além de vitais para a segurança nacional, eram um empolgante desafio ao intelecto. Esta sua posição acabou por fazê-lo entrar para um mundo obscuro em que os seus pares russos, iranianos, chineses e norte-coreanos se conheciam, e a ele, tão-só de reputação e por rumores. Estavam todos a jogar um jogo em que raramente algum dos participantes mostrava as cartas. E ainda havia os terroristas, igualmente interessados na manipulação de doenças. A Al-Qaeda ainda não desistira de usar o antraz. E a seita japonesa Aum Shinrikyo, um culto apocalíptico inspirado na ficção científica que contava com microbiólogos entre os seus membros, fizera também experiências com o antraz e com botulismo. Felizmente, tais doenças não eram contagiosas, mas não havia motivo para daí inferir que os terroristas se ficariam por essas.

Henry era bom naquele trabalho — mais do que isso, na verdade —, mas era também suficientemente modesto para reconhecer que o verdadeiro génio naquele tenebroso empreendimento era Jürgen Stark, o seu carismático chefe. Se os seus colegas no campo da física nuclear estavam a desenvolver bombas que acabariam com a vida na Terra, na prática, aquilo a que Henry e os demais jovens cientistas no laboratório de Jürgen se dedicavam não era muito diferente: dissecavam a natureza com o objetivo de descobrirem modos de se destruir a humanidade.

A equipa de Jürgen ocupava o Centro Nacional de Análise e Contramedidas de Biodefesa. Todo o edifício era de acesso reservado e ninguém das outras equipas a trabalharem em Fort Detrick estava a par do

que ali era feito. O objetivo era isolar em agentes infecciosos que poderiam estar a ser criados por terroristas ou por Estados hostis. Em 1972, os Estados Unidos tinham-se juntado a mais de cento e oitenta e um outros países na elaboração da Convenção sobre Armas Biológicas, que proibia o desenvolvimento, a produção e o armazenamento de armas biológicas ou tóxicas. Embora tenham também assinado o tratado, os soviéticos encararam-no como uma oportunidade para, pelo contrário, expandirem a sua produção, com vista a conseguirem o monopólio da guerra biológica. Mesmo na atualidade, continuavam a mobilizar esforços nessa área. Putin declarara abertamente que a Rússia estava a desenvolver armas «genéticas» que seriam «comparáveis às armas nucleares». Reféns das limitações legais, Henry e os seus colegas iam laborando em segredo de modo que acompanhassem os avanços que a Rússia declaradamente estava a conseguir na mais tenebrosa das áreas da ciência.

Alto e delgado, Jürgen tinha os típicos olhos azuis dos nórdicos, uns olhos que deixavam transparecer os seus dois grandes dons: a autoconfiança e o génio. Tinha vaidade na aparência, sobretudo no cabelo loiro-platinado, quase tão branco como a bata de laboratório que nunca abotoava, deixando-a esvoaçar como uma capa enquanto ia andando de um lado para o outro. Por vezes, o cabelo um tanto longo agarrava-se-lhe às sobrancelhas e ele sacudia-o qual vaidosa chefe de claqué ao enfatizar algo que estivesse a dizer. Cada momento passado naquele laboratório era vivido em inquietação e com empolgamento e nenhum havia que não tivesse importância, o que refletia a própria essência da personalidade hipnoticamente sedutora de Jürgen. Imaginativo, brilhante no saber técnico e disposto a ir a extremos se necessário, era um dos mais dotados cientistas que Henry jamais conhecera.

Que ele soubesse, Jürgen não estava envolvido com ninguém. A sua orientação sexual era tema de contínua especulação por parte de toda a equipa. Raramente convidava ou se juntava a alguém para uma bebida ou para jantar, a menos que o propósito fosse profissional, e, então, conseguia ser irresistível. Henry sabia que, para Jürgen, o charme era uma máscara social que ele punha e tirava, mas não era por isso que deixava de se maravilhar com a habilidade do seu chefe para se metamorfosear.

Jürgen tinha o fetiche da arrumação. Henry jamais vira um laboratório tão limpo e ordeiro. Uma das partidas prediletas de toda a equipa consistia em desalinhar incubadoras e contadores de colónias, porque então Jürgen punha-se a ajeitá-los compulsivamente de cada vez que passava por ali. Jamais dava sinal de se aperceber de que aquilo era propositado. Em dada ocasião, Henry deu com a casa de banho dos homens temporariamente encerrada, e Jürgen explicou que mandara fazer obras. «Os cantos estão desalinhados», explicou. Quando voltou a estar a uso, Henry não deu pela diferença.

Um dia, quando estava de saída, Jürgen perguntou-lhe se tinha planos para essa noite. A pergunta apanhou-o de surpresa.

— Vou ao cinema — respondeu.

— Ver que filme?

— *Inadaptado*.

— É sobre quê?

— É uma comédia sobre um tipo que está a tentar escrever um argumento. Dizem que é muito cómico.

— Ah. E vai com alguém?

— Não. Quer vir? — Já que o interrogatório parecia seguir nesse sentido, mais valia ir direto ao assunto.

Mas Jürgen mostrou-se surpreendido, como se a ideia nem lhe tivesse ocorrido.

— Não, não. Eu não gosto de cinema.

Era uma resposta um tanto irritante e Henry resolveu que iria persuadi-lo a fazer o que ele obviamente queria fazer: desfrutar de um pouco de companhia humana. Foram ver o filme e acabaram por ir jantar a seguir. Essa noite marcou a primeira ocasião em que Henry o ouviu rir-se. «Hi! Hi! Hi!», fazia ele, como se nunca tivesse rido e estivesse a testar a sensação.

Jürgen raramente entrava nalgum laboratório se houvesse animais na bancada de trabalho. Por vezes, davam-se cenas assustadoras por ali, envolvendo sobretudo os primatas, que, embora infantis e indefesos, eram também espertos e podiam mostrar-se vingativos. Seguia-se a regra de que nenhum animal deveria ser submetido a qualquer procedimento com outros a verem. Ainda assim, se os guinchos de um animal a ser usado nalgum teste eram ouvidos pelos que estavam nas jaulas, estes começavam também a guinchar, aterrorizados.

Jürgen não suportava ouvir aquilo. Henry deu por ele a chorar em mais do que uma ocasião. O sentimento de culpa do seu chefe estava bem patente nos sapatos de lona que ele usava, na dieta vegana que seguia e no fraquejar da sua voz de cada vez que falava em mais testes com animais. Era o mais brilhante de todos numa área que desprezava, como um guerreiro lendário que odiasse matar, mas que antevia o preço que todos pagariam pela derrota. Jürgen acreditava — e, com o tempo, Henry veio a convencer-se do mesmo — que o futuro da civilização, senão o da humanidade, estava dependente das pesquisas altamente secretas que conduzia naquela antiga quinta no Maryland hoje rebatizada como Fort Detrick. E esse mesmo futuro obrigava à eutanásia de milhares e milhares de animais.

Difícilmente Henry recordava esses anos sem ficar a pensar obsessivamente em como se revelara fraco ao juntar-se àquilo que hoje via como um culto. Um culto científico, certo, e não uma pseudoreligião, mas que ainda assim evidenciava o traço distintivo de todos os cultos mais

persuasivos: apresentar-se como o oposto de algo que aprisionava o pensamento. Porque a ideia que Jürgen Stark vendia era uma de liberdade — a liberdade de imaginar, de experimentar e de criar sem reservas, por perigoso ou terrível que fosse o caminho. «Não estamos a ameaçar o futuro da humanidade», diziam todos eles para consigo, «estamos a salvá-la. Se voltamos costas à nossa missão, quem assumirá essa responsabilidade? Quem mais tem a capacidade, o discernimento, a visão e a coragem moral para visitar os lugares mais sombrios da mente humana? Quem mais se aventuraria neste antro da morte com o exclusivo propósito de travar os vilões que de outro modo nos fariam mal? Quem mais se disporia a sintonizar o seu pensamento com o das forças do mal deste mundo, para que, quando (não “se”, mas “quando”) elas descobrirem as mesmas ameaças que estamos aqui a manipular e a acordar, já nós possamos estar a postos com os antídotos?» Henry lembrava-se bem mais amiúde do que gostaria do lema da equipa: «Só nós podemos fazer isto.» Todos eles acreditavam nessas palavras e reconfortava-os que todos ali pensassem da mesma maneira.

NÃO É DOR

Seguindo um escuteiro — Mamdouh, chamava-se ele —, o príncipe Majid e o coronel Al-Shehri atravessaram rapidamente Mina, a cidade das mil e uma tendas. O pequeno ia-se desviando agilmente dos muitos peregrinos que por ali andavam e escapulia-se pelos caminhos sujos qual cabritinho. Embora já sem fôlego, Majid estava a achar piada à pressa dele e ao seu completo desprezo pelo perigo.

A massa humana ali reunida estava bem organizada. Havia cem mil tendas brancas, todas iguais, feitas de fibra de vidro antifogo, arrumadas em «bairros» que correspondiam aos países de origem dos ocupantes. Estavam numeradas e os caminhos obedeciam a um código de cores. Cada peregrino tinha de usar um emblema da cor que identificava o seu país e no qual vinha indicado o número da sua tenda. Em teoria, não havia possibilidade de engano, mas andavam por ali milhares de escuteiros como Mamdouh, para servirem de guias aos que, ainda assim, conseguiam a proeza de se perderem.

O pequeno desviou para um corredor amarelo. Estavam no vasto acampamento indonésio. Albergando um quarto de milhão de peregrinos, era uma área de dimensão adequada ao país muçulmano com maior densidade populacional em todo o mundo. Consultando o GPS no seu *iPad*, o escuteiro localizou a tenda a cujo número correspondia o nome «Bambang Idris». Lá dentro, cerca de cinquenta homens sentados no chão de pernas cruzadas e em tronco nu iam conversando em voz baixa ou então estavam entretidos com os seus telemóveis e com as muitas fotos que tinham tirado.

— Bambang Idris! — chamou alto o coronel Al-Shehri, acordando os que dormitavam sobre esteiras.

Um dos que ali estavam respondeu que o «senhor Bambang» se separara do grupo na ida a Jamarat. Outro sugeriu que ele talvez tivesse ido até ao matadouro para sacrificar um animal, mas que também poderia estar a rapar a cabeça — rituais que se praticavam depois do apedrejamento do Diabo. Todos os que ali estavam aguardavam que o fluxo de peregrinos diminuísse para então irem fazer o mesmo.

De Bambang, Majid tinha unicamente a foto do visto no passaporte. Seria difícil identificá-lo naquela multidão de homens todos de igual, mais ainda se o barbeiro já tivesse feito o serviço. O príncipe lá descobriu um que

falava inglês e que sabia quem era Bambang e ordenou-lhe que os acompanhasse.

— Anda, vá! — chamou, impaciente.

Começaram por atravessar o gigantesco matadouro, no qual estavam de serviço dez mil carneiros. Iam ouvindo os balidos das ovelhas na fila para o sacrifício. No escritório da receção havia um livro de registo onde eram apontados os contactos de telemóvel dos peregrinos que tinham comprado o seu animal para sacrificar; ser-lhes-ia enviada uma mensagem escrita logo que isso estivesse feito. O nome de Bambang não estava na lista. Mas os peregrinos podiam optar por sacrificarem eles mesmos os seus animais, pelo que Majid e companhia percorreram as passagens suspensas das quais se conseguiam ver os compartimentos onde eram feitos os sacrifícios. O objetivo: avistarem um indonésio anafado na casa dos sessenta. Haveria talvez um punhado de peregrinos no meio de todos aqueles carneiros profissionais e nenhum se assemelhava ao homem que buscavam.

De uma ponta à outra de Meca, um milhar de barbeiros alinhava-se nas suas barraquinhas individuais ou em plena rua. Em volta, uma indisciplinada multidão de clientes a aguardarem vez. O coronel Al-Shehri fez sinal a um dos polícias de guarda aos peregrinos, que lhe trouxe o seu megafone, e então foi percorrendo a cidade a chamar por Bambang. Algumas crianças vieram juntar-se ao príncipe e seus acompanhantes; não sabiam o que se passava, mas parecia-lhes empolgante. Rodeado de outros da sua idade, Mamdouh, o menino escuteiro, fez ar de autoridade e pôs-se também a chamar por Bambang. Os outros imitaram-no e, em breve, já eram às dúzias a gritar: «Bambang Idris! Bambang Idris!» Mas ninguém respondia ao chamado.

Majid recebeu uma chamada no telemóvel. Era o seu ministro-adjunto. O pessoal do Ministério da Saúde estivera a examinar os registos dos vinte e cinco hospitais e duzentos centros de saúde que estavam de serviço à peregrinação.

«Vossa Excelência, garanto-vos que esse homem não está em Meca», disse o ministro-adjunto.

Majid tentou refrear uma ansiedade crescente. Pelas expressões dos outros, sentiam o mesmo. Já todos suavam copiosamente, do calor e do esforço de andarem depressa.

Por fim, Majid perguntou ao pequeno Mamdouh se sabia como ir até à morgue. Assentindo, ele seguiu prontamente para Al Muaisem, que ficava logo à saída da zona sagrada. Quando lá chegaram, o príncipe disse-lhe que voltasse para a «cidade das tendas»; não queria que ele visse o que poderiam vir ali encontrar.

Olhando à escala industrial de tudo o resto que estava associado à peregrinação, as instalações da morgue eram comparativamente exíguas.

Ao entrarem, Majid e os seus acompanhantes deram com a receção vazia. O príncipe viu-se perante o seu retrato oficial pendurado atrás da secretária. O coronel Al-Shehri seguiu por um corredor e regressou instantes depois trazendo um funcionário de ar encavacado porque fora apanhado a fumar lá dentro e que, ao reconhecer o príncipe, assumiu prontamente uma atitude formal.

Majid mostrou-lhe a foto de Bambang. O funcionário encolheu os ombros. Não era ele quem fazia o registo dos mortos que davam entrada, explicou, e o diretor da morgue não estava — fora ao cemitério.

— Mas esse registo existe, certo? — perguntou Majid, agora num tom mais severo.

— Existe, claro.

— Bem, e está onde?

— No computador do diretor, Vossa Excelência.

— Então vai ver se o homem que referi deu entrada.

— Não posso, Vossa Excelência — respondeu o funcionário, já aflito.

— O diretor não me deu a palavra-passe. E o assistente também não está; foi com ele.

Majid exigiu ver a sala para onde eram levados os corpos. O funcionário levou-os por um corredor escuro com chão de pedra encerada; foram passando por várias macas, até que, por fim, ele empurrou umas portas duplas que davam para uma sala refrigerada. Estava vazia.

— E os corpos?! — perguntou Majid, já impaciente.

— Tal como expliquei, Vossa Excelência, os corpos são enterrados.

— Nem assinalam as sepulturas?! — perguntou Henry, à beira do desespero.

— É nosso costume enterrar os mortos sem grande pompa — explicou Majid. — Acreditamos que, na morte, somos todos iguais. O próprio rei é enterrado no anonimato.

— Sabe-se como ele morreu?

— Morreu espezinhado, disse-nos o médico-legista, quando finalmente conseguimos falar com ele. — Henry deixou-se afundar na sua cadeira de menino de escola. Sentia-se completamente derrotado. — Outra coisa — continuou Majid. — Lamento dizê-lo, mas três dos nossos hospitais informaram que há uma febre hemorrágica a espalhar-se entre os peregrinos.

Para Henry, a notícia foi como um duche frio que o arrancou àquela sua apatia desmoralizada.

— Tenho de os examinar. Já.

— Henry — replicou Majid —, a questão é muito delicada. Entendo a tua urgência, mas os não-muçulmanos não podem entrar na zona sagrada. E, segundo fui informado, os doentes estão tão mal que não podem ser

movidos.

— Decerto a tua divindade prefere os seus fiéis vivos a vê-los sacrificados por causa de um protocolo reacionário.

— Temos excelentes médicos a prestar-lhes todos os cuidados — assegurou Majid, optando por ignorar a farpa. — Hão de fornecer-te todas as informações de que precisares; podem fazer testes, colheitas de sangue... pode inclusivamente fazer-se uma ligação por Skype e assim vais participando em tudo.

— Sim, podemos ver as análises de sangue, podemos examinar as tomografias, mas precisamos de um diagnóstico e já. Quanto tempo temos?

— A peregrinação acaba amanhã.

— Eu sou o único que viu esta doença de perto. Tenho de ser eu a examinar esses pacientes.

— Henry! — exclamou Majid. — Para muitos, ter-te no nosso país, sendo tu um não-crente, já é uma transgressão gravíssima. Entrares na zona sagrada está fora de questão.

— Não há problema. Converte-me — disse ele sem rodeios.

Majid voltou-se para o coronel Al-Shehri e pediu-lhe que os deixasse a sós. Logo que o coronel saiu da tenda, o príncipe tornou a encará-lo.

— Henry, meu querido amigo — disse-lhe, sereno, porém firme —, não estou a pedir-te que te tornes num hipócrita. Para nós, isso é pior do que ser um infiel. Já enfrentámos este problema. Em 1979, quando um grupo radical sequestrou a Grande Mesquita e fez centenas de reféns, pedimos ajuda aos nossos amigos franceses. Eles não eram muçulmanos, mas fingiram ser. Nesse caso, pedimos a não-muçulmanos que fizessem o trabalho sujo porque a violência, seja de que tipo for, é proibida nas zonas sagradas. Apenas aparar a relva quase chega a ser pecado! Mas aquela gente tinha de ser eliminada, por isso as forças especiais francesas fizeram isso por nós.

» Mas, desta vez, estamos perante uma situação diferente. Inteiramente diferente! Temos muçulmanos competentes a trabalharem nos nossos hospitais. Não estão a praticar o mal, estão a tentar salvar vidas. Reconheço que tens um dom; não me ocorre ninguém melhor do que Henry Parsons para nos orientar de modo que se ultrapasse esta tragédia. Mas, para entrares na nossa cidade mais sagrada, terias de o fazer com um espírito puro. Não sei o que motiva esse teu azedume a respeito da religião, mas peço-te que honres o facto de que o islamismo é a nossa essência. Desonrares a nossa religião seria como cuspires na nossa alma.

Henry sentiu-se tocado pela sinceridade com que o amigo lhe falara, mas não pela argumentação. A religião, qualquer religião, acordava nele uma confusão de sentimentos extremados que ele tinha dificuldade em categorizar. Sentia desprezo. Medo. Curiosidade. E outras emoções remoinhavam em torno dessas, mas o medo e a curiosidade, sobretudo,

equiparavam-se à aversão que tinha às alturas. Não queria abeirar-se do precipício e espreitar, mas sentia a compulsão e isso assustava-o. Daí passar ao ataque — era a melhor defesa.

— Tenho o maior respeito por ti, Majid; creio que o sabes — replicou. — E não tenho o islamismo em menor conta do que qualquer outra crença. Para mim, são todas o mesmo. Mas diz-me: em 1979, quando vocês deixaram os soldados franceses entrarem na cidade sagrada, quantas pessoas morreram?

— Centenas, talvez milhares — replicou Majid. — É algo de que apenas falamos em segredo. Mesmo hoje, talvez ninguém mais esteja a par do que aconteceu.

— És médico — declarou Henry. — A saúde do teu povo é tua responsabilidade. Por isso, diz-me, doutor: quantos poderão morrer se uma epidemia de uma doença desconhecida se espalhar entre os peregrinos? — Majid ficou em silêncio. — Já vi com os meus olhos o que esta doença faz aos infetados — continuou Henry; seria implacável a mostrar ao príncipe que ele tinha uma responsabilidade. — A taxa de mortalidade é altíssima. É uma morte horrível. Esses outros que morreram eram também muçulmanos, certo, mas falamos de umas centenas. Aqui, estamos a falar de milhões. Se de facto estimas a tua religião, tens de agir.

Majid fechou os olhos. Estava a rezar, compreendeu Henry. Outra emoção que por vezes lhe toldava o discernimento no que à religião dizia respeito era a inveja. Que descanso para os que tinham fé, poderem agarrar-se à crença de que havia uma força acima deles a reger o que acontecia aos humanos, capaz de influenciar o desfecho de um dilema como o que eles agora enfrentavam! Ao crente, apenas competia ser persuasivo e intenso nas suas rezas e assim conseguiria chamar a atenção da divindade. Para ele, o conceito de sagrado nada significava, mas tinha de levar em conta que Majid vivia dividido entre o mundo real e o sobrenatural. Para o seu amigo, algo que era imaginado tinha a força de um facto. Para Henry, não havia ali uma questão moral. O seu amigo, pelo contrário, via-se agora com o mais pesado dos fardos na consciência.

Majid abriu os olhos e, abrupto, chamou o coronel Al-Shehri, que ficara junto da entrada da tenda. Em atenção a Henry, falaram em inglês.

— Escutei Alá, que me disse que, no fundo do seu coração, o Henry é um muçulmano — declarou o príncipe.

Num relance, Al-Shehri olhou Henry com desdém irónico, mas logo tornou a voltar a sua atenção para Majid. Quaisquer dúvidas ou animosidade que tivesse para com o estrangeiro, pô-las-ia temporariamente de parte. O facto era que a Arábia Saudita era governada por dois únicos poderes; um era Alá, o outro, a família que na prática era dona do reino, e nenhum dos dois devia jamais ser posto em causa. O coronel mandou trazerem um *Land Cruiser* e os três desceram a encosta, seguiram pela

estrada que contornava a cidade e transpuseram a entrada. Estavam em solo sagrado.

— Faz-me um favor, Henry — pediu Majid em voz baixa. — Estás debaixo da minha proteção, portanto não provoques ninguém. E, uma vez que não terei tempo de te ensinar a oração, temos de deixar a cidade antes do pôr do Sol.

Henry não olhou ao entrarem em Meca. De certa forma, não ver a cidade seria como não estar ali. Ainda assim, ficou com a impressão de um lugar imemorial bizarramente adaptado à modernidade. Os arranha-céus naquelas ruas estreitas eram a mais eloquente ilustração disso mesmo. Meca era uma cidade a meio caminho entre o pitoresco e o chique. Sentado à frente, ao lado de Majid, o coronel Al-Shehri irradiava condenação, qual sinal de alarme que só os verdadeiros crentes conseguiriam captar.

Uma vez no Hospital Universitário Rei Abdullah, Henry sentiu-se um pouco menos como um intruso. Foram recebidos pelo Dr. Iftikar Ahmed, um paquistanês de cabelo branco que os cumprimentou e os levou prontamente até ao vestiário onde trocariam de roupa e lavariam as mãos. Forneceram-lhes a roupa de bloco, luvas e máscaras. O Dr. Ahmed estava extremamente ansioso; tinha a testa reluzente de transpiração e tão franzida que as sobrancelhas quase lhe roçavam o cabelo. Começou a disparar informação a alta velocidade, com a voz toda na cabeça e com o sotaque paquistanês a dar uma cadência de lengalenga ao que dizia.

— De manhã tínhamos quatro pacientes, mas agora já são dez — explicou. — Dez! Dez! E um deles é uma enfermeira.

Henry não pôde deixar de notar como as instalações estavam limpas e que todo o pessoal do hospital estava devidamente equipado com roupa descartável e demais proteções. Apanharam um elevador até ao quinto andar, onde estavam os pacientes em isolamento. Para entrar na enfermaria, havia que passar por duas portas duplas automáticas. Cheirava a formaldeído, o que inspirava alguma confiança. Henry permitiu-se sentir um ligeiríssimo alívio.

Estavam ali seis pacientes, dois já intubados. Perguntou ao Dr. Ahmed quando dera entrada o primeiro caso.

— Há dois dias, apenas. Vinha da Indonésia. Mas ontem deram entrada outros três. E hoje foram mais seis, incluindo este homem. — Indicou um jovem muito magro dentro de uma tenda de oxigénio.

— Vem de onde?

— De Inglaterra — respondeu o Dr. Ahmed. — Manchester. — Henry passou os olhos pela ficha clínica. Chamava-se Tariq Ismail. Estava com 40,2°C de febre. Um monitor cardíaco indicava um mínimo de atividade elétrica. Estava ligado a um sistema de drenagem que lhe ia extraindo líquido dos pulmões. — Deu entrada a queixar-se de uma otite e acabámos por minorizar o problema — explicou o Dr. Ahmed. — Fizemos o exame e

verificámos que havia perfuração do tímpano. Procedeu-se a uma paracentese, para diminuir a inflamação, mas então o foco de dor mudou, agora já era por trás da órbita. Entretanto, ele perdeu a visão a cem por cento. E temo que os danos nos pulmões sejam definitivos. Adicionalmente, como pode ver, há um quadro de cianose a progredir.

Os lábios do jovem estavam pronunciadamente azuis, tal como as extremidades dos dedos.

— O que indicam as análises ao sangue?

— Uma concentração elevadíssima de interferões.

— Uma «tempestade de citocina» — concluiu Henry. Uma resposta descontrolada por parte do sistema imunitário. A febre e as dores insuportáveis nas articulações eram indicadores de que os glóbulos brancos estavam a produzir citocinas sem parar, sendo as citocinas os soldados de infantaria na guerra contra a infeção. Quando o organismo sente que está a ser alvo de um ataque potencialmente mortal, aciona todas as armas de que dispõe. É guerra total. E a esse fenómeno chama-se uma «tempestade de citocina». Henry já tivera oportunidade de ver os efeitos dessa reação extrema no corpo da jovem médica francesa que autopsiara na Indonésia. A resposta do sistema imunitário fora tão esmagadora que deixara os pulmões liquefeitos.

— Há outro efeito bizarro — disse o Dr. Ahmed. — Vê estes inchaços na pele, esta espécie de balõesinhos? — Indicou o que quase pareciam ser favos a revestirem áreas do pescoço e do peito. — Trata-se de enfisema subcutâneo. Parece ser consequência do esforço dos pulmões.

— Ele está consciente? — perguntou Henry.

— Há pouco, estava — respondeu o Dr. Ahmed.

Henry inclinou-se para o jovem. A tenda de oxigénio e a máscara respiratória impediam o contacto direto entre eles, pelo que o risco de infeção era baixo. Ainda assim, o mais certo era a atmosfera da enfermaria estar carregada de partículas infecciosas de uma doença ainda sem nome e cuja estratégia ainda ninguém conseguira perceber.

— Tariq? — chamou Henry. — Consegues ouvir-me? — As pálpebras estremeceram. — Tens dores?

— Não é dor — sussurrou ele. — É uma sensação esquisita. Sinto-a no corpo todo.

Henry percebeu. Tariq estava a descrever-lhe a morte.

— Tariq, lembra-te de falares com um indonésio? Pode ter sido logo que aterraste.

Uma longa pausa.

— Não consigo — disse ele, por fim.

— «Não consegues» o quê?

— Pensar.

— É importante. Tenta lembrar-te, por favor — insistiu Henry. —

Chamava-se Bambang Idris. Estás a ouvir? Bambang Idris. À volta de sessenta anos. Falaste com alguém que corresponda a esta descrição? — Mas Tariq já não falou. Então, do monitor cardíaco, ouviu-se um som contínuo que parecia um grito. Com um olhar para Henry, o Dr. Ahmed desligou o monitor. Ele e o príncipe Majid juntaram-se numa curta prece. — Merda! — exclamou Henry, esquecendo onde estava.

O Dr. Ahmed e uma enfermeira olharam-no com ligeiro desconcerto.

— O doutor Parsons só agora começou a descobrir a nossa religião — explicou Majid. — Sou o seu orientador espiritual.

Abriram-se sorrisos rasgados.

— *Mashallah* — disse o Dr. Ahmed. — Louvado seja Alá.

— Com esta oração, preparamos o crente para a sua viagem para a morte — explicou Majid, como se Henry fosse o seu pupilo. — Pedimos a Alá que o alivie dos fardos e que permita que o lugar para onde ele agora irá seja melhor do que o mundo que acaba de deixar. Assim que tivermos ocasião, ensino-te a oração completa.

Henry assentiu, tentando fazer o seu melhor ar de aluno interessado. Sentia as faces a escaldar de vergonha. Ele, que detestava mentiras, independentemente da justificação, acabava de se tornar um mentiroso. Tinha sincera estima por Majid e agora colocara-o numa situação difícil, talvez mesmo perigosa. Todos aqueles muçulmanos sorriam como se a acolhê-lo no seu seio, jubilantes porque acreditavam que a salvação da alma dele passara a estar assegurada. Mas não. Ele sabia que não haveria salvação para a sua alma.

O Dr. Ahmed fitava-o, expectante, obviamente a aguardar uma palavra quanto à sua suposta conversão.

— Disse que eram dez pacientes — atalhou Henry, adotando um tom firme. — Só aqui vejo seis.

A expressão do Dr. Ahmed mudou de imediato.

— A unidade de isolamento está cheia — justificou, constrangido, quase parecia. — É normal o número de pacientes aumentar consideravelmente durante a peregrinação, e este ano estamos no limite da capacidade. Aliás, eu diria que estamos para lá disso.

— Então onde puseram os outros?

O Dr. Ahmed trocou algumas palavras com a enfermeira.

— Três estão na enfermaria do segundo andar — respondeu depois. — O décimo... — Fazendo nova pausa, confirmou junto da enfermeira. — É uma paciente e já deixou o hospital. Julgamos que terá regressado à sua delegação. — Estas suas palavras foram recebidas com um silêncio chocado, que ele próprio interrompeu para explicar atabalhoadamente: — Nós não sabíamos o que tínhamos em mãos! E continuamos sem saber! Diga-me o colega: o que é isto? É uma espécie de peste?

— É uma gripe, mas de uma variedade desconhecida — explicou

Henry. — Já há três laboratórios a testarem os anticorpos de sobreviventes indonésios, à procura de alguma correspondência com estirpes conhecidas.

— Tratámos este homem com antivirais — disse o Dr. Ahmed, indicando o paciente que acabava de falecer. — Há algum tratamento mais recomendado?

— Não há muito mais que se possa fazer, tirando mantê-los hidratados e dar-lhes paracetamol — respondeu Henry. — Alguns conseguem recuperar. Mas, na Indonésia, mesmo com cuidados médicos continuados, observou-se uma taxa de mortalidade de quarenta e cinco por cento.

— Mas isso é como voltar à Idade Média! — exclamou o Dr. Ahmed. — Não há mais nada que lhes possamos administrar? — Nesse instante, recebeu uma chamada. Henry lançou um olhar a Majid, como se a pedir-lhe perdão pelo deslize de há instantes. Entretanto, estava já a ponderar no seu próximo pedido, o mais extremo que alguém poderia fazer. — Tenho más notícias — disse o Dr. Ahmed ao terminar a chamada. — Muito más, na verdade. Há informação de novos pacientes a sofrerem de febre hemorrágica.

— Quantos? — perguntou Majid.

— Dezassete, todos de há uma hora para cá — respondeu o Dr. Ahmed. — A chamada era do Hospital Nacional Saudita. Estão sobrecarregados de peregrinos com os mesmos sintomas e querem mandá-los para cá. O problema é que nós próprios já excedemos a nossa capacidade! Não temos lugar para mais pacientes. E, sendo tantos, podemos esquecer o isolamento. É impossível. E há mais uma morte. A enfermeira de que falei. — Aqui, calou-se um instante. Respirou fundo, depois suspirou. — Chamava-se Nour. Era uma das nossas melhores profissionais.

Henry armou-se de coragem para o que agora teria de dizer, mas Majid antecipou-se e tirou-lhe as palavras da boca.

— Quarentena. Todo o hospital. Ninguém sai. Aliás, temo que o mesmo tenha de ser feito em todos os hospitais. — Henry conseguia ver o medo nos olhos do Dr. Ahmed. Ver-se trancado num edifício com uma doença voraz era aterrorizante, até mesmo para um profissional de saúde. Naquele momento, a segurança sanitária das instalações já não era garantida. Provavelmente, com a chegada de novos pacientes, a atmosfera do hospital ficara carregada do vírus. Do pessoal hospitalar, a enfermeira Nour fora tão-só o primeiro sacrifício; haveria mais, garantidamente. — Terão comida e medicamentos, tudo quanto precisarem — assegurou Majid, procurando inspirar coragem. — E mais médicos e auxiliares. Estamos perante uma emergência nacional. Faremos tudo para assegurar o funcionamento dos hospitais. E todos os profissionais serão recompensados pela sua coragem e empenho, claro. Enquanto médicos, por vezes temos de nos colocar em situações em que ninguém desejaria ver-se colocado. Mas devemos sentir-

nos honrados por poder fazê-lo.

— Ficarmo-nos pelos hospitais não chega — disse então Henry.

— Certo. Vamos fazer uma lista com todos os lugares que terão de ficar em quarentena e queremos o teu parecer.

— Meca — declarou ele então. — Terá de ser a cidade inteira. Ninguém entra nem sai.

Majid fitou-o como se ele tivesse enlouquecido.

— Tens noção do que estás a dizer?! Estão cá três milhões de peregrinos! Não podemos exigir-lhes que fiquem aqui e... morram?! Seria desumano, Henry! Não creio que seja sequer possível.

— Exato. Três milhões de pessoas — repetiu Henry. — Que amanhã começarão a regressar a Marrocos, à China, ao Canadá, à América do Sul... há mesmo quem tenha vindo das mais pequenas ilhas do Pacífico e de aldeias minúsculas perdidas em África. E cada uma dessas pessoas levará consigo uma companheira de viagem com que não contava: esta doença. Que então estará espalhada por todo o mundo. Será imediato e sem aviso e ninguém terá tempo para se preparar. Isto a que agora estamos a assistir, neste hospital, repetir-se-á no mundo inteiro. Mais uma semana ou dez dias poderão fazer toda a diferença para os cientistas de todo o mundo que estão a trabalhar sem descanso em busca de uma vacina, de um tratamento ou de seja o que for que tire alguma força a esta doença. Temos de lhes conseguir mais tempo. É tudo o que podemos fazer. — Enquanto falava, Henry foi tendo a clara perceção da catástrofe iminente. Agora, sim, via-a em toda a sua dimensão. — Não falo apenas de conter uma pandemia — disse-lhes, sereno, mas convicto. — Trata-se de salvar a civilização.

O silêncio aturdido que se seguiu foi interrompido por um segundo monitor cardíaco. De novo, aquela espécie de grito. O Dr. Ahmed foi desligá-lo. Mais um paciente acabava de morrer.

EH LÁ!

Vários do comitê de delegados estavam seriamente mal-humorados. Afinal, era sábado e tinham-nos feito acordar cedíssimo. Faltava uma hora para o nascer do Sol. Foram entrando na sala e servindo-se de café de um samovar preparado à pressa na messe da Casa Branca. À espera deles, já ali estava uma jovem médica do exército fardada a rigor, ocupada a preparar a sua apresentação em PowerPoint. Lá fora, alinhavam-se as limusinas que tinham trazido cada um deles, o fumo dos escapes a subirem no frio ar noturno.

— Estamos com um problema sério — declarou Tildy, abrindo a ordem de trabalhos ainda com os vários delegados a sentarem-se. — Bem, na verdade, são dois problemas. O primeiro é uma potencial pandemia de gripe na Arábia Saudita. O segundo é um pacto de defesa entre a Rússia e o Irão.

E falou o delegado do secretário da Defesa:

— A Rússia transferiu o seu mais recente sistema de defesa aérea para Bandar Abbas, onde dará apoio à base naval iraniana no estreito de Ormuz, que é um ponto particularmente tenso no golfo Pérsico. Aliás, é um dos pontos geográficos mais críticos do mundo.

— Porquê? — indagou Tildy. — E porquê agora?

— Estão a consolidar o seu domínio do Levante, porque isso lhes dá o controlo das rotas de petróleo no Golfo e no Mediterrâneo — explicou o delegado do secretário de Estado. — Resolveram fazê-lo agora porque os sauditas reforçaram o arsenal com armas nossas e eles viram nisso uma oportunidade de venderem as suas em grande quantidade ao Irão. — Mesmo ali na «sala de crise», Tildy tinha de medir bem as palavras ao falar da Rússia. Havia quem fosse demitido por abordar o tema com excessiva franqueza, mas o delegado do secretário da Defesa parecia ter mandado a cautela às urtigas. — O que coloca um problema bicudo aos nossos conselheiros de estratégia — continuou. — O novo sistema de defesa aérea dos russos é o S-500. Chamam-lhe «o Triunfator». Foi concebido para abater o F-35, que é o nosso caça furtivo mais sofisticado.

— Ou seja, a nossa posição nessa região ficou comprometida — concluiu Tildy. O delegado assentiu, sombrio. — Suponho que já tenha um plano alinhado para enfrentar esta contingência — disse então Tildy, voltando-se para o delegado do Estado-Maior das Forças Armadas.

— Examinámos o problema colocando vários cenários em cima da

mesa. Basicamente, a resposta só poderá ser de dois tipos: sangrenta, ou antes pelo contrário.

— Ouçamos a sangrenta.

— Destruímos já o sistema de defesa aérea dos iranianos, antes que eles o tenham a funcionar em pleno. Afundamos-lhes os navios de guerra que estão parados. Explodimos minas no estreito. Bombardeamos as centrais nucleares. Ordenamos uma mudança imediata de regime, sob pena de haver consequências.

— Soa-me a um prelúdio para uma guerra com a Rússia — disse Tildy. Uma ideia que tão-pouco lhe desagradava, na verdade. Na sua opinião, a Rússia era a principal origem de todos os males do mundo. Já lera os dossiês que traçavam os vários cenários de guerra. Conhecia os riscos. Mas essa parecia-lhe a única maneira possível de lidar com Putin. Havia que ser resoluto, talvez mesmo um tanto louco.

— O que nos conduz à outra resposta possível — atalhou o delegado do Estado-Maior das Forças Armadas. — Convivemos com a situação. Afinal, isto não é propriamente a crise dos mísseis de Cuba.

— Não me parece que os israelitas se deixem ficar sentados a assistir — disse o delegado do secretário da Defesa.

— E isso significa o quê? — replicou Tildy. — Que tomarão a iniciativa de atacarem eles o Irão? Não me parece.

— Não podemos ser nós a travar as guerras de toda a gente — disse o delegado do secretário de Estado. — Na realidade, temos uma única opção: a via da diplomacia.

— Uma amena conversa com Putin, é isso? — replicou o delegado do secretário da Defesa. — Pedimos-lhe educadamente que tire de lá os seus brinquedos: la adorar ouvir os argumentos com que tenciona convencê-lo.

— Todos vocês estão convencidos de que é Putin quem controla a Rússia — interveio o delegado da CIA, quase enfasiado. — Mas não, há um milhão de burocratas a dar as ordens naquele país e qualquer um deles pouco liga ao seu «grande líder». A Rússia é um país de terceira mascarado de superpotência e com uma economia ao nível da economia da Coreia do Sul. Damos-lhe bem mais importância do que a devida. Nesta questão, a nossa posição é a mesma do gabinete do secretário de Estado.

Encorajado pela intervenção, o delegado do dito gabinete continuou:

— Depois, temos a questão do príncipe maluco. De parte a parte, a Arábia Saudita e o Irão têm andado a esticar a corda. Estão desejosos de entrar em guerra. Ora, toda a gente sabe que a Arábia Saudita não é adversário à altura do Irão. O único trunfo deles é o poderio americano. Estão absolutamente convencidos de que, se o príncipe maluco atacar primeiro, aqui o pai vai até lá para lhe dar uma ensinadela.

— Permitem-me falar? — Todos os olhares se voltaram para a jovem ao fundo da sala.

— Recorde-me o seu nome — pediu Tildy.

— Sou a tenente-comandante Bartlett, senhora secretária-adjunta. Estou aqui a representar o Serviço de Saúde Pública. — Ou seja, era a delegada do Departamento de Saúde e Serviços Humanos.

— Imagino que esteja aqui para falar da gripe.

— Exato, senhora secretária-adjunta. O cirurgião-geral pediu-me que fizesse o *briefing* da situação ao comité de delegados. Ele lamenta não poder estar aqui, mas teve de...

— Mas nós ainda não tínhamos acabado de discutir a questão da guerra com a Rússia — cortou Tildy com rispidez. Olhou-a de alto a baixo. Rondaria os trinta anos e provavelmente concluíra o curso de Medicina há dois ou três. Vestia um daqueles uniformes azuis da Marinha que tiram a graça toda a uma mulher. Camisa branca. Gravata. Cabelo loiro-escuro apanhado num sóbrio carrapito. *Quase se parece comigo na idade dela*, ocorreu a Tildy. Pelo sotaque, seria do Sul profundo.

— Peço muita desculpa por interromper. Sei que não é do protocolo. Mas o que venho dizer influencia a questão da Arábia Saudita. Influencia tudo, na verdade — disse a tenente-comandante Bartlett, agora a acelerar o discurso, como se com medo de que a expulsassem da sala antes que pudesse concluir a sua exposição. — Não quero menorizar a questão da guerra, mas esta poderá ser precisamente a altura em que a última coisa que queremos é estar no golfo Pérsico.

— Ah sim? E isso é a sua opinião pessoal? — replicou Tildy. Aquela jovem começava a deixá-la seriamente impaciente.

— Sim, senhora secretária-adjunta, suponho que pode dizer-se isso. Mas falo com base em informação que já conheço. Se quiser ouvir-me apenas por um momento... — Tildy assentiu, e lá veio a inevitável apresentação em PowerPoint. O primeiro diapositivo mostrava uma bola verde com picos vermelhos. Parecia uma decoração de Natal. — Quando fala em «gripe», na verdade é com isto que estamos a lidar — esclareceu Bartlett.

— Ouça, não estamos interessados numa aula sobre gripe — disse Tildy.

— Com certeza, senhora secretária-adjunta. A questão é que se trata de uma nova estirpe de que não há registo. Não corresponde a nenhuma das já conhecidas. O que nos coloca perante um sério problema, uma vez que ninguém está imunizado contra a doença.

— Vamos todos apanhar gripe, é isso? — atalhou o representante da CIA.

— Muito provavelmente.

— Não há uma vacina?

— Não. Estamos a desenvolver esforços nesse sentido, mas ainda não temos inteira noção daquilo com que estamos a lidar.

— E quanto tempo levará até que haja uma vacina? — interrogou Tildy.

— Com sorte, teremos uma vacina experimental para iniciar uma primeira ronda de testes dentro de seis meses. Já temos um sequenciamento provisório do vírus e agora estamos a investigar novas possibilidades de lhe destruir as defesas, que são consideráveis. Teremos de fazer testes em animais enquanto estivermos a preparar os primeiros lotes para testes com humanos. E tudo isto leva tempo, sobretudo mobilizarmos recursos para a produção de milhões de doses da vacina. O problema é que não dispomos de tempo.

— Como assim? — replicou Tildy. — Concretamente, temos quanto tempo?

— Creio que até segunda-feira — retorquiu Bartlett.

— Mas de que raio está a falar?!

A jovem tenente-comandante descreveu a situação em Meca. A mais recente atualização de informação dava conta de catorze mortes ocorridas nas últimas horas em vários hospitais da cidade.

— Não dispomos de informação sólida quanto ao número real de infetados — continuou ela. — Mas a OMS tem estado a estudar o surto que houve na Indonésia. Pelos seus cálculos, a taxa de infeção ronda os setenta por cento, ou seja, sete em cada dez dos expostos ao vírus no Campo Kongoli contraíram a doença. Não foi difícil chegar a este número, porque *todos* foram expostos. E a maioria morreu. Agora, temos uma situação idêntica em Meca, com a diferença de que é em grande escala. Suponhamos que, neste momento, mil indivíduos foram expostos ao vírus. No final do dia de hoje, cada um deles terá contagiado entre dois e três outros, que, por sua vez, infetarão outros dois ou três. Creio que, por aqui, já ficam com uma ideia da rapidez com que o número de infetados se multiplica. E posso afiançar que estas são estimativas muito cautelosas. Ou seja, amanhã haverá pelo menos dois mil portadores do vírus, que o disseminarão também. Importa chegar ao seguinte: amanhã à noite, toda aquela gente estará a apanhar voos de regresso a casa. Três milhões de pessoas. Creio que a contagem que nos foi fornecida é de vinte e sete mil americanos. Que, enquanto estiverem no avião, estarão a infetar outros ainda não expostos ao vírus. — Mudou o diapositivo. — Fiz isto muito à pressa, com base nas estatísticas sauditas, que estão longe de ser fiáveis. Mas serve para dar uma ideia do que acontecerá na segunda-feira. — Tratava-se de um esquema dos destinos finais prováveis dos tais vinte e sete mil muçulmanos americanos. Praticamente não havia cidade americana que não estivesse assinalada com pontinhos verdes. Nalgumas, como era o caso de Nova Iorque, Los Angeles, Dearborn ou Houston, a densidade de pontos verdes era marcada. — E isto é o resto do mundo — continuou Bartlett, passando à imagem seguinte: o globo terrestre todo pintalgado de manchas verde-vivas. — Praticamente de um dia para o

outro, terem uma pandemia da gripe mais mortífera de que jamais se teve conhecimento.

— Eh lá! — exclamou o representante da CIA.

Tildy deu por si com dificuldade em respirar. A primeira ideia que lhe veio à cabeça foi quão mal preparado o país estava para enfrentar um tal cenário. Quanto aos vinte e sete mil americanos prestes a regressarem, o que fazer? Por que raio lhes dera na cabeça serem muçulmanos?! Já antevia as prováveis consequências políticas e sociais, mas fez por afastar esses pensamentos. Tinha outras preocupações que eram prioritárias.

— Quanto tempo preveem que a pandemia dure? — perguntou, por fim.

— Normalmente, a época gripal começa em finais de outubro e o pico dá-se em fevereiro; depois disso, chega a durar até maio. Por acaso, acontece que esta nova doença surgiu precisamente quando os casos de gripe deveriam estar a diminuir, mas, como já disse, ainda não sabemos absolutamente nada sobre esta nova criatura. Este novo surto poderá durar menos ou poderá arrastar-se; é uma incógnita. E há o detalhe de as gripes terem uma espantosa capacidade de mutação. Ou seja, tanto pode tornar-se menos virulenta como agravar-se.

— Se isto sai a público, fica toda a gente borrada de medo — acautelou o representante da CIA.

— E ainda há a questão da saúde pública — continuou Bartlett. — Vai haver uma corrida às farmácias e aos supermercados, toda a gente vai querer abastecer-se de pilhas, combustível, armas, tudo. Os hospitais vão ficar sobrelotados, não só por causa dos doentes, mas porque também se vai encher de gente com medo de estar doente. Nem sempre a infeção evolui da mesma maneira, mas, olhando à velocidade com que progride nalguns dos infetados, contamos à partida com um elevado número de mortos.

— Portanto, vai haver gente a morrer nos aviões — disse o delegado do secretário do Comércio.

— Sim, e nos aeroportos e nas estações de comboio e de metro.

— Estamos a falar de parar todo o nosso sistema de transportes públicos — replicou, quase acusador, o mesmo delegado.

— Exato — confirmou Bartlett, que, de facto, não tinha talento algum para dar más notícias; quem lhe ouvisse o tom, diria que o delegado do secretário do Comércio acabava de ter uma ótima ideia. — Temos de incentivar as pessoas a ficarem o mais possível nas suas residências. O melhor seria fazer o comunicado já esta manhã, de modo que dê tempo para se fazerem os preparativos necessários; é preciso colocar a Guarda Nacional no terreno, reforçar o policiamento, fechar as fronteiras, os recintos desportivos e os espaços de lazer e de entretenimento; nos hospitais, é preciso dar alta a todos os casos que não sejam emergências; as escolas

têm de ser fechadas, as reuniões públicas e as assembleias, adiadas, e os serviços governamentais têm de ser temporariamente fechados. Além disso, todos os cidadãos norte-americanos no estrangeiro têm de regressar de imediato, antes que a pandemia se instale no nosso território.

Os delegados limitaram-se a olhá-la embasbacados.

NA CORTE

Comandado pelo príncipe Majid, o helicóptero sobrevoou as montanhas Sarawat. Conseguiram avistar a estrada que deixava Meca para se contorcer e curvar ao subir pelo escarpamento. Mandada construir por Mohammed Bin Laden, o pai de Osama, aquela via finalmente ligara todo o reino, unificara-o, e fizera dele — Bin Laden pai — um herói. Mas também impulsionara Bin Laden filho ao encontro do seu fatídico destino. No alto das escarpas ficava Ta'if, o melhor destino de verão da Arábia Saudita, e depois começava o deserto, infundável como o mar, a sua tranquila planura interrompida unicamente por longas vagas sépia — as dunas.

A sombra do helicóptero foi deslizando pelo deserto qual aranha.

— Daqui não se consegue ver — disse Majid pelo sistema de comunicação, — mas, ali em baixo, há lugares muito belos e cheios de mistério. Mas, ao mesmo tempo, o deserto é o que aparenta ser: uma imensidão de nada. Apenas vazio. Isto que avistas é a alma da Arábia. Quem quiser entender-nos terá de compreender isso. Vivemos em permanência com a ideia de que o deserto aguarda o nosso regresso. Durante séculos, levámos uma existência inteiramente frugal; cada saudita tinha o seu camelo, a sua tenda e tâmaras. Até os insetos comíamos! Éramos como uma tribo primitiva; desconhecíamos os automóveis, os fogões, os mercados ou sequer a água canalizada. Foi essa a vida do meu avô durante quase todo o tempo que passou neste mundo. E ele era o rei!

» Veio o petróleo e saímos do deserto, mas o deserto não saiu de nós. Todo este vazio que vês, trazemo-lo cá dentro. Estamos nos nossos palácios na cidade e ele espera-nos. O deserto sabe que um dia terá os árabes de volta a si. É como uma mãe paciente. Mas, de certa forma, é também um monstro. No fim, tudo nos será retirado. Ao deserto, regressa-se de mãos vazias.

Fez o helicóptero mudar de direção. Agora iam acompanhando uma estrada que cortava a direito pelo deserto. De um lado e do outro, as margens eram pouco nítidas — palmo por palmo, a areia ia continuamente reclamando território. Os dois amigos sentiam-se como prisioneiros, não só da cabina de helicóptero a que de momento estavam confinados, como também daquela informação por enquanto secreta que agora partilhavam. O mundo exterior a esta esfera que ambos agora habitavam desconhecia o perigo que se acercava, mas a angústia que um e outro traziam nos seus

corações chegaria aos demais, alastrar-se-ia, e, em breve, o mundo inteiro estaria a par do sombrio repto que a humanidade tinha pela frente.

— Claro que as doenças sempre marcaram presença na peregrinação — comentou Majid. — Os peregrinos trazem-nos doenças dos quatro cantos do planeta. Meningite, febre tifoide, cólera... já fomos obrigados a lidar com tudo isso. No ano passado, houve razão para celebrar: tivemos uma peregrinação inteiramente livre de epidemias. Mas eu intuía que tínhamos algum desastre deste tipo à nossa espera. Este sempre foi o meu maior medo. É como se uma maldição pairasse sobre o Islão. Esta doença surgiu entre os muçulmanos e agora veio contaminar o nosso lugar mais sagrado. Somos as vítimas, mas o mundo irá culpar-nos pelo que está a acontecer.

Começavam a distinguir-se outras estradas pelo meio do deserto, e então surgiu Riad, a capital — uma cidade que se estendia rente ao chão, com tão-só um punhado de arranha-céus a marcarem presença no horizonte. Desviando da zona central da cidade, Majid levou o helicóptero na direção de um complexo protegido por uma muralha octogonal. Era ali o palácio real e também o Conselho da Shura da Arábia Saudita. Henry distinguiu a cúpula da mesquita real e vários outros edifícios separados por estradas, tudo aquilo organizado num desenho perfeitamente simétrico que refletia a devoção islâmica pela geometria.

Majid apontou para um grande buraco escuro na areia, a menos de cem metros do palácio.

— Aquilo foi obra de um míssil houthi há uma semana. Bela coisa, os mísseis *Patriot* que vocês nos venderam...

O heliporto ficava junto ao perímetro do complexo. Ao pousarem, Henry viu os espaldões de artilharia e aquilo que lhe pareceu ser a bateria de mísseis *Patriot* que Majid mencionara. O conflito entre sauditas e teocratas iranianos estava ao rubro, agravado pela decisão do Irão de apetrechar os rebeldes houthi no Iémen com armamento mais moderno, incluindo o míssil que falhara o alvo — o palácio real — por menos de cem metros.

Um *Rolls-Royce* prateado levou-os ao enorme palácio, que quase ridicularizava a suposta majestade de edifícios que Henry visitara em França ou na Rússia. O átrio era monumental. O trabalho em mosaico que o revestia de alto a baixo refletia a luz a ponto de ofuscar. Tudo ali tinha uma escala assustadora. Ao cruzarem outro corredor, Henry avistou cinquenta metros em cada direção. Pelo eco dos passos deles, dir-se-ia que vinha um batalhão a segui-los. Para Henry, a realeza era apenas uma versão alternativa da tirania que se justificava invocando Deus ou Alá ou a glória da nação; ainda assim, mesmo contrafeito, não pôde deixar de admirar o modo imperioso como o príncipe Majid passou pelos guardas, não lhes dirigindo sequer um breve olhar e sem que algum deles tenha levantado um dedo. Vê-lo no seu elemento fez Henry ter a clara noção do poderio que o seu

amigo comandava.

Um guarda real fez-lhe a saudação militar e abriu uma grande porta que dava acesso à sala privada do rei, cujos ornamentos dourados faziam parecer um gigantesco manuscrito medieval. Majid fez sinal a Henry para o seguir e foram sentar-se num de vários bancos arrumados junto da parede. Ministros e outras figuras oficiais alinhavam-se de um lado e do outro do idoso rei, que, de olhar pousado no padrão geométrico do tapete, ia passando as contas da sua *masbaha*. Ao seu lado estava sentado o príncipe herdeiro, que, a espaços, murmurava algumas palavras ao ouvido do pai — estava a dar-lhe conhecimento do que acabava de decidir em nome dele.

Henry examinou o rosto do príncipe herdeiro. Era novo e bonito. Era, também, alguém absolutamente impiedoso que fizera regra de mandar prender ou matar os seus inimigos, indiferente à condenação do mundo e da própria família, que chegava a temer aquele seu apetite por vingança.

— Estão a discutir a questão do Irão — segredou Majid.

Henry aguardou, embora o que ali os trazia não pudesse esperar.

Considerando que os ministros naquela sala estavam a delinear um plano ofensivo contra o seu arquirrival, a sua atitude passiva era deveras estranha. O debate foi-se arrastando numa toada macambúzia, com o príncipe herdeiro a ouvir um, depois outro e reagindo a cada sucessiva intervenção com um cerimonioso assentimento que apenas sugeria a sua total indiferença a cada um daqueles pontos de vista. Também ali estavam militares carregados de medalhas, um clérigo cego e de longas barbas brancas e uma dúzia de outros membros do Conselho da Shura. Mesmo não falando a língua, Henry percebeu que já havia uma decisão tomada — e que todos ali o sabiam. Era nítida a ansiedade em cada um daqueles rostos. Vinha aí uma guerra.

Por fim, o príncipe herdeiro dirigiu-se a Majid, que lhe respondeu num tom respeitoso, porém denotando urgência. Nitidamente, o que ele disse enfureceu o príncipe herdeiro. Henry ouviu o seu nome e apercebeu-se da condenação unânime da corte, que o fitava em silêncio. De novo, teve consciência da grave transgressão que a sua simples presença — primeiro no supremo santuário da religião daquele povo, agora na sede do seu poder legislativo — constituía.

— Podemos falar em inglês — disse-lhe Majid. — Muitos deles entendem. Disse-lhes quem és e porque estás aqui.

O príncipe herdeiro foi o primeiro a falar.

— Diz-me o meu primo que estás preocupado com um surto de doença na cidade sagrada. Mas esse é um problema que enfrentamos todos os anos e sempre o resolvemos sem a assistência de estrangeiros. Agradecemos o teu interesse, mas não temos de todo intenção de impedir os peregrinos de regressarem para junto das suas famílias. Está

completamente fora de questão. — E sorriu, como se a indicar que o assunto estava arrumado.

— Vossa Alteza, permite-me dar-lhe conta da situação antes de tomar uma decisão final? — pediu Henry. — Compreendo que Vossa Alteza será responsabilizada pelas consequências da escolha que fizer e não desejo de todo que Vossa Alteza seja olhada como um soberano obstinado e indiferente por aqueles que poderão não compreender o dilema que Vossa Alteza enfrenta. Mas, se me ouvir primeiro, pelo menos poderá tomar uma decisão tendo a vantagem de conhecer em pormenor a situação. — O sorriso do príncipe tornou-se num esgar endurecido. Decerto o insulto implícito nas palavras de Henry não escapara a nenhum dos presentes. E, sob o insulto, havia também uma ameaça. Que tal atitude viesse de alguém de tão fraca figura, de um homem que não era rico ou realza, e que além do mais nem endireitava bem as costas, apenas tornava as suas palavras mais vexatórias. Despertando subitamente do seu transe, o rei fixou-se em Henry. A ira no seu rosto idoso era evidente. — O mundo está prestes a enfrentar uma gravíssima pandemia — prosseguiu Henry. — Não temos como a impedir. Na Indonésia, por enquanto, estamos a conseguir contê-la. Mas Meca é um caso diferente. Decerto muitos sauditas já se deslocaram a Meca na sua rotina normal e possivelmente estarão agora a espalhar a doença pelo reino. Sabê-lo-emos em breve. Mas de uma coisa podemos desde já ter a certeza: a maioria dos três milhões de peregrinos está infetada e levará a doença consigo ao regressar aos seus países de origem. Ninguém vai conseguir impedi-la de se espalhar. A Vossa Alteza, apenas venho pedir tempo. Colocando os peregrinos em quarentena, Vossa Alteza estará a atrasar a propagação da doença e a dar aos cientistas alguma margem para trabalharem na descoberta de uma vacina ou de um tratamento. Mais não sendo, estaria a dar aos governos de todo o mundo algum tempo para se prepararem para o que está prestes a acontecer.

— Quanto tempo sugeres?

— Um mês.

O príncipe herdeiro deu uma gargalhada.

— Estamos a falar de uma gripe! — exclamou. — Todos os anos a temos! Todos adoecemos com gripe, mesmo a família real!

— A questão é que esta gripe mais se assemelha à peste. É a peste, mas nos nossos dias. Se Vossa Majestade permitir que os peregrinos deixem a cidade sagrada, este reino será o primeiro lugar do mundo a sentir os efeitos desta doença na sua força máxima. E concordo com Vossa Majestade: nem a família real está imune.

Pela primeira vez, o príncipe herdeiro desviou o olhar para os conselheiros. Parecia não saber o que fazer.

Então o clérigo cego falou. O seu olhar leitoso fixara-se no rei. Majid encarregou-se de fazer a tradução para Henry.

— O nosso amado mufti diz que foi o Irão a fazer-nos isto.

— Se «isto» é obra de alguém, o alvo do ataque não é a Arábia Saudita, é a humanidade — replicou Henry.

— É a tua opinião — pronunciou-se um dos membros do Conselho da Shura. — Mas como podemos ter a certeza de que não se trata de uma conspiração do Irão contra o nosso reino? Há muito que eles desejam desinvestir-nos da nossa legitimidade. Acusam-nos de não sermos dignos guardiões dos lugares sagrados. É isso o que os autocratas xiitas em Teerão pretendem. E, se alcançar o seu vil propósito lhes exigir que destruam o Islão, seja. Por isso, quando nos dizes que há uma peste a espalhar-se entre os peregrinos, nós perguntamo-nos: «Quem ganha com isso?» Quanto à resposta, já a sabemos.

— O próprio Ocidente também deseja destruir-nos — alvitrou outro conselheiro.

O mufti tornou a pronunciar-se.

— Ele quer saber se os xiitas também estão a ser afetados por esta doença — traduziu Majid. — Diz que essa será a prova definitiva. Responde-lhe que vamos averiguar. — Vendo a reação de Henry, murmurou: — Lamento, mas não há outra maneira.

Um dos militares, que Majid identificou como o general al-Homayed, chefe da Guarda Nacional, perguntou a Henry como sugeria ele que se impusesse a quarentena que pedia.

— O número de peregrinos excede largamente o total dos polícias e soldados de que dispomos — salientou. — E Meca não é uma cidade muralhada. Quem lá está pode sair em todas as direções. Sugeres que cerquemos a nossa cidade sagrada com tropas e tanques de guerra e que abatamos cada muçulmano que tente escapar?

— Claramente, não sou um militar — respondeu Henry. — Mas sugiro isto: imagine que cada peregrino que está na cidade é um bombista suicida. Simplesmente, eles desconhecem que os seus corpos se transformaram em armas. Sem dúvida que ficarão aterrorizados. Não me surpreenderia que quisessem fugir. Mas cada um que deixe a cidade levará em si a morte. Creio que é sua obrigação proteger do contágio os que não se encontram em Meca.

— E devo permitir que todos os que estão na cidade adoeçam? Num país que não é o seu, longe das suas famílias? Quantas pessoas morrerão como consequência desta quarentena?

— Centenas de milhares — declarou Henry. — Talvez mesmo um milhão.

Príncipes, cortesãos e até o rei fitaram-no como se ele fosse um louco.

— Um milhão de *muçulmanos*! — exclamou o mufti, agora em inglês. Sublinhou a palavra com impaciência, como se a dizer aos demais que isso confirmava as suas suspeitas.

— Ainda assim, é um número reduzido, se pensarmos em todos quantos se seguirão caso esta doença se mantenha tão mortífera como neste momento é — argumentou Henry. — Faltam-me palavras para expressar como esta doença é perigosa. Não temos medicamentos que mitiguem os sintomas ou uma vacina que trave o seu avanço. Com tempo, talvez se consiga uma coisa ou outra, mas o único meio de que dispomos para conseguir nem que seja alguns dias de margem é impedir que os peregrinos regressem a casa e espalhem o vírus por toda a parte de uma assentada. Se isso acontecer, morrerão milhares de milhões.

— Isso cabe a Alá decidir — sentenciou o mufti. — Não está nas nossas mãos.

— Temos como assegurar o essencial aos peregrinos até a doença desaparecer? — perguntou o príncipe herdeiro a um dos conselheiros.

— Podemos tentar, Vossa Alteza — respondeu o conselheiro. — Acontece que já não estamos muito longe do limite dos nossos recursos.

— Não podemos desviar as nossas tropas para isto — alertou o general. — Estaríamos a abrir o flanco a um ataque.

— O inimigo que enfrentamos é bem mais temível do que esse! — interveio Majid. — E já invadiu o nosso território! Enquanto aqui estamos à conversa, já ele está na nossa cidade mais sagrada a matar muçulmanos!

— Precisamos de tempo para deliberar — disse o príncipe herdeiro.

— Não dispomos desse tempo, há que agir já! — declarou Majid.

— Interrompem um conselho de guerra para nos trazerem essa notícia — observou o príncipe herdeiro. — Dizem-nos que não temos alternativa. Amedrontam-nos com consequências imaginárias, mas nada têm a mostrar, apenas a vossa palavra. Ora, nós temos muitas outras responsabilidades importantes a que atender. Não podemos fazer tudo de uma vez. O que afirmam terá de ser investigado.

— Se não avançarmos já com a decisão, esta guerra está perdida — declarou Majid. — Tudo quanto façamos depois de hoje será em vão. Temos de decidir agora.

O príncipe herdeiro fitava Majid com um olhar gélido. Henry temeu pela segurança do amigo. Então o rei pronunciou-se. Fê-lo num tom que não admitia réplica. De imediato, o príncipe herdeiro, os conselheiros e o mufti ergueram-se e retiraram-se. Só ali ficaram os militares. Com um gesto, o rei chamou Majid a ir sentar-se ao seu lado. Segurando-lhe a mão, disse:

— Faz o que for preciso para travar este mal.

Ao deixarem o palácio, ocorreu a Henry que, por vezes, é melhor quando uma única voz tem poder absoluto.

MÁRTIRES

O calor começava finalmente a chegar a Washington e Tony Garcia resolveu fazer a pé o caminho de alguns quarteirões que separava a redação do *Post* do magnificente Jefferson Hotel, na esquina da Rua M com a Rua 16. Em breve seria o entardecer, mas, ainda assim, sentia o calor do sol sempre que saía da sombra. Na Franklin Square, começavam a despontar os primeiros rebentos nos ramos das árvores. Foi vendo as raparigas de vestidos de alças e isso melhorou-lhe a disposição.

Já se recompusera da humilhação sofrida às mãos daquela tipa. Tildy Nichinsky. Um nome de cuja existência ele normalmente nem teria conhecimento. Acontece que ela o selecionara. Investigara-o. Sabia as proezas de que ele era capaz. Daí ter-lhe confiado aquele furo, uma história em grande, que poderia valer-lhe... *Calma*, disse para consigo. Ainda era cedo para pensar no prémio. Mas uma coisa era desde já inegável: voltara a entrar na competição.

O Quill Bar, no Jefferson Hotel, era um famoso ponto de encontro dos poderosos de Washington. Com os seus candeeiros de cobre, sumptuosas poltronas forradas a pele e apainelados de mogno agraciados com os retratos dos presidentes, irradiava riqueza, tradição e poder. Só de ali entrar, qualquer um sentia-se logo mais importante e influente. As próprias bebidas eram obras de arte. Chegavam a refulgir. Pareciam poções mágicas. Garcia escutou um som e seguiu nessa direção. Um *shaker* a ser sacudido. O empregado de balcão estava a preparar um *cocktail*.

— Tenho Richard Clarke à minha espera — disse-lhe Garcia.

O empregado indicou-lhe uma sala privada atrás do bar. Garcia nunca dera sequer pela existência daquela divisão. Estava cheia de livros e de litografias do século *xix*. O tema eram os ameríndios. Clarke estava ao telemóvel. As suas respostas eram secas e concisas. Com umas entradas pronunciadas, o seu cabelo era branco; por outro lado, tinha sardas, o que indicia que fora ruivo. Vestia um fato azul, usava óculos e aquele seu sorriso era ameaçador. Com um gesto, convidou-o a sentar-se. Garcia obedeceu. Tirou para fora o gravador e pousou-o na pequena mesa com tampo de vidro. Clarke sacudiu um dedo numa negativa e ele tornou a guardá-lo.

Era a primeira vez que via Dick Clarke em pessoa, mas estava a par da sua reputação. Integrara a equipa da Casa Branca em três administrações

distintas, tendo-se destacado como o «czar do antiterrorismo» às ordens de George W. Bush aquando do 11 de Setembro. Presentemente, era o CEO de uma empresa de consultoria especializada em análise integrada de oportunidades de investimento e gestão de riscos dirigida às grandes empresas. Mas o que o tornava particularmente útil (e perigoso, aos olhos dos detratores) era a interminável lista de protegidos seus que integravam as equipas de vários gabinetes governamentais de importância estratégica. Clarke tinha a burocracia bem agarrada pelos tomates, por assim dizer. Washington era uma cidade de gente ávida de poder, mas poucos se tinham dedicado como ele a preparar os que futuramente teriam real intervenção prática no governo. E os seus pupilos retribuía com informação.

Depois de mais uma série de «sins» e «nãos», Clarke lá terminou a chamada.

— Comece a falar — disse.

— Para começar, temos o ciberataque à Arábia Saudita em 2017 — replicou Garcia.

— Isso é uma pergunta?

— Concorda que foram os russos quem esteve por trás disso?

— É o que todos dizem.

— E como é que «todos» sabem? — Clarke encolheu os ombros e Garcia percebeu: estava perante uma daquelas pessoas que iam fornecendo a informação a conta-gotas, o mínimo possível de cada vez, até que lhes dessem alguma coisa em troca. — Cheguei a escrever sobre o grupo Fancy Bear, sabe? — comentou, lançando o isco.

— E agora escreve sobre filmes.

OK, ia ser mais difícil do que julgara.

Uma empregada de mesa parou junto deles. Clarke pediu um «cocktail Gibson com vodka *Tito's*». Garcia pediu o mesmo.

— Escute, deram-me a dica e estou a segui-la. Na verdade, foi um membro da administração a contactar-me. Alguém de topo — sublinhou Garcia, na esperança de que isso fizesse a diferença. — Tem que ver com infiltração russa nos nossos serviços públicos.

— Ah. Foi a Tildy, portanto — replicou Clarke. — Tem andado a apregoar essa história a tudo quanto seja repórter que lhe dê cinco minutos de atenção.

— Bem, eu dei-lhos — replicou Garcia. Não fora uma resposta lá muito inspirada e ele sabia-o.

— Na verdade, até simpatizo com a Tildy — afiançou Clarke. — É esperta. Um nadinha obsessiva, mas, naquele cargo, torna-se necessário. Muito bem: que deseja saber?

— Para começar, como chegámos à conclusão de que foram os russos quem atacou as instalações sauditas?

Clarke ofereceu-lhe um dos seus sorrisos sem réstia de humor.

— A pergunta não é disparatada de todo — disse, como se estivesse a fazer-lhe um elogio. — Logo que se soube, tal como toda a gente, supus que teria sido o Irão. Já tinham atacado a Aramco e provocado um apagão nos sistemas deles, em retaliação pelo ataque com o *malware* Stuxnet. Apagaram-lhes todo o *software*. Estamos a falar de trinta mil terminais. Os sauditas tiveram de andar a comprar discos rígidos pelo mundo fora. Mas ninguém foi atingido fisicamente. Por isso, quando houve o ataque seguinte, era de concluir que seriam os iranianos a subir a parada, queriam que houvesse sangue. Mas então seguimos o rasto e fomos dar aos russos. E agora sabemos que o código informático que foi usado no ataque à Arábia Saudita foi programado pelo venerando Instituto Central de Investigação Científica de Química e Mecânica, um departamento da antiga União Soviética.

— E qual foi a motivação deles?

— Poderá ter sido apenas um teste. Os russos fizeram muito isso com a Ucrânia. O Sandworm é um bom exemplo; estavam só a testar se resultava ou não, até que resolveram fazer um ataque a sério e mandaram abaixo a rede elétrica. *Idem* para o Fancy Bear. Antes de se porem a intervir na política americana passaram muito tempo só a espalhar *fake news*. Estavam a aperfeiçoar a técnica. Até que fizeram saltar a armadilha.

— Continuo sem entender porque iriam os russos atacar a Arábia Saudita, ainda que fingindo ser o Irão.

— Pense na coisa desta maneira: o que teriam os russos a ganhar com uma guerra aberta a Arábia Saudita e o Irão?

— O preço do petróleo dispararia e isso salvaria a economia russa.

— Esforce-se um pouco, vamos — pediu Clarke.

— Daí poderia advir uma guerra entre a Rússia e os Estados Unidos.

— Duvido — replicou Clarke. — Putin é um equilibrista. O seu plano é deixar-nos mais atolados ainda no Médio Oriente sem ter de entrar ele na guerra.

— Mas e os iranianos não se limitariam a incendiar os poços árabes? Destruíam a economia saudita e já estava.

— O alvo preferencial deles é outro — contrapôs Clarke. — A maior parte dos poços de petróleo dos sauditas está na província oriental, que é maioritariamente xiita. Os iranianos querem anexá-la e apoderar-se dos recursos sauditas. Têm mísseis com fatura e as coordenadas de todas as estações de dessalinização e centrais de energia do reino. Sem água e sem eletricidade, pouco restará da Arábia Saudita.

Garcia estava a tentar memorizar tudo quanto Clarke ia dizendo. Desgraçadamente, era demasiada informação em muito pouco tempo.

— E de que forma afeta isso os Estados Unidos? — perguntou.

— Ver-nos-íamos arrastados para mais um conflito que duraria

décadas e que nos consumiria recursos financeiros. Enquanto isso, a Rússia aproveitava e mandava-nos abaixo as centrais elétricas, como diz a Tildy.

— E então? Ficávamos um par de horas sem eletricidade?

— Seria bem mais sério do que isso. Recorda-se das explosões de gás a norte de Boston aqui há um par de anos? Chegaram a ir casas pelos ares. Os quartéis de bombeiros viam-se com oitenta incêndios para combater em simultâneo. E o mais certo é que tudo isso tenha sido culpa de um técnico pedrado que, sem reparar, exagerou na carga da pressão na rede de gás. Então o gás começou a escapar-se por onde não devia. À primeira chispa, *cabuum!* Agora imagine os danos que não se conseguiriam provocar controlando as válvulas e os contadores de tudo quanto sejam redes de abastecimento público por esse país fora. Estações de tratamento de águas, centrais nucleares e outras assim usam quase todas os mesmos sistemas de segurança que foram concebidos para defender a rede pública saudita. Ou seja, eles rebentavam com transformadores e geradores e ficávamos sem eletricidade durante meses ou mesmo anos. Entretanto, os submarinos russos põem-se a cheirar os nossos cabos submarinos. E então cortam-nos a Internet, ou passam a controlá-la a ponto de não podermos usá-la. Praticamente tudo o que faz este país funcionar no dia a dia poderia ser travado.

— Mas e o inverso não se aplica? Isso não pode também ser feito à Rússia?

— Eles têm as infraestruturas sob um controlo bem mais apertado. As regulações são bem mais severas. O mais certo é terem um programa qualquer que mantém os sistemas de controlo desligados da Internet. O que os colocaria em considerável vantagem havendo uma ciberguerra cujo alvo seriam as infraestruturas que sustentam a civilização.

— Posso citá-lo?

— Terei de refletir — replicou Clarke. — Quando já tiver o artigo alinhado, torne a contactar-me e digo-lhe o que resolvi.

Clarke acabou por deixar que ele o citasse, mas de pouco serviu. O artigo, que fez a manchete do *Post*, foi aplaudido e prontamente esquecido.

De volta a Atlanta e aos CPCD, Marco Perella recebeu uma chamada de Henry via Skype.

— Estás a deixar crescer a barba — comentou.

Henry levou a mão ao queixo, como se a tentar que ele não visse.

«O tempo é tão pouco que achei que ganhava mais algum deixando de me barbear», explicou, na defensiva. «Achas que a Jill vai gostar?»

— É uma barba a sério — replicou Marco. — É de manter, digo eu.

Henry sorriu.

«Terei em conta a tua opinião.»

— Antes que me esqueça, temos a tenente-comandante Bartlett conosco nesta chamada — avisou Marco.

Henry reconheceu-a de imediato.

«Jane!», exclamou. «Que alívio saber que está a ajudar nisto!»

Ela corou. Henry Parsons era um dos seus heróis. Tal como Marco e tantos outros jovens epidemiologistas, fizera o internato com Henry e daí seguira uma carreira na área da saúde pública.

— Continuas na Arábia Saudita? — perguntou Marco.

«Tenho de ficar cá até a quarentena estar em vigor», respondeu Henry. «Descobriram mais alguma coisa?»

— Houve umas surpresas — disse Marco. — Não queres tentar adivinhar quais?

Henry avançou com um palpite:

«Já tinha havido pequenos surtos.»

— Bolas, assim não tem piada. Como é que sabias?

«Descobriu-se o mesmo em relação à gripe de 1918, como sabes. Tinha havido vírus precursores. Muito menos agressivos, claro. E os mais idosos tinham alguma imunidade, o que indicia que uma estirpe semelhante teria estado em circulação no século xix. Mas então o vírus sofreu uma mutação e tornou-se numa máquina de matar.»

— Neste caso, foi na China — disse Marco. — Dois surtos, um em outubro passado, em Zhalong, o outro, um mês depois, no lago Poyang. Cremos que os casos mortais foram sete, mas os chineses ainda não divulgaram dados oficiais. A OMS enviou veterinários para examinarem as aves aquáticas, e os grous testaram positivo para o mesmo vírus de Kongoli. Há rumores de um surto grave na Coreia do Norte. Também se passa alguma coisa nas regiões tribais do Paquistão e poderão estar a morrer aves em números anormais na região norte do Irão. E nós perguntamo-nos: o que poderão todas estas ocorrências ter em comum, para lá da exasperante ausência de confirmação?

«Rotas migratórias», respondeu Henry.

— Exato. Tudo parece apontar para que as aves tenham apanhado qualquer coisa na Sibéria; de lá, migraram para o lago Poyang, que é o maior corpo de água doce em toda a China e ponto de encontro de milhões de aves selvagens de muitas espécies. Passam lá os invernos e os vírus circulam. Talvez uma ave tenha sido infetada simultaneamente com duas estirpes de vírus, que se recombinaram e partilharam segmentos genéticos, e *presto*: eis o vírus de Kongoli, uma das criações mais letais da natureza.

«Mas nunca o detetámos antes porquê?», questionou Bartlett. «Estamos a falar de uma categoria de gripe inteiramente nova. A hemaglutinina assume aqui uma configuração única, que não corresponde a nenhum dos subtipos conhecidos de gripe do tipo A ou B. Na ausência de neuraminidase, é-nos difícil arranjar uma maneira de atacar o vírus. Além

disso, o gene PB1 é idêntico ao de 1918.» Bartlett referia-se à proteína presente na gripe espanhola que a tornava tão infecciosa. «É altamente virulento, defende-se bem e avança depressa. Há que admirar a sua perfeição.»

«Quase parece concebido para matar tanto quanto possível», observou Henry.

«Acredita nisso, Henry?», interrogou ela. «Que poderá ter sido concebido propositadamente?»

«A guerra biológica sempre foi considerada nos arsenais das grandes potências. Não me surpreenderia de todo se viéssemos a saber que este vírus foi criado em laboratório. Sabemos que os russos já andaram a experimentar com vírus da gripe. E eles têm bons cientistas. Talvez quisessem apenas testar o potencial dessa opção, saber se haveria maneira de juntarem esforços com a natureza e assim criarem a mais mortífera das armas de guerra, capaz de eliminar o inimigo sem deixar impressões digitais.»

«Só faria sentido se simultaneamente tivessem desenvolvido uma vacina», notou Bartlett.

«Ou se não lhes fizer diferença morrerem também», contrapôs Henry. «Se entenderem que isso fará deles mártires.»

— Parece-me uma coisa demasiado sofisticada para a al-Qaeda — observou Marco.

«Sabemos que a al-Qaeda já tentou comprar armas biológicas», recordou-lhe Henry. «E veja-se o exemplo da Aum Shinrikyo. Havia microbiólogos na seita, cientistas capazes de fazer modificações genéticas; só não as fizeram porque não tinham à mão a tecnologia de que dispomos hoje. Não podemos menosprezar a capacidade dos grupos terroristas de criarem vírus em laboratório.»

— Não concebo um cientista digno desse nome que fizesse uma coisa dessas — disse Marco.

Henry guardou silêncio. Era um capítulo da sua vida de que preferia não falar.

Uma hora antes da madrugada, no último dia da peregrinação, os peregrinos acordaram estremunhados com o rugido de centenas de helicópteros a inundarem o céu. Quase todos eles já tinham arrumado as suas coisas e tinham tudo a postos para partirem ainda durante a manhã. Os autocarros de serviço à peregrinação já estavam à espera para começarem a levar toda aquela gente para o aeroporto, mas, quando o almuadem entoou o chamamento para a primeira oração do dia, já Meca estava cercada de tanques e jipes militares. A estrada a toda a volta da cidade ia sendo fechada, com soldados a erguerem vedações e a desenrolarem voltas de arame farpado. Os peregrinos eram agora

prisioneiros.

Ajoelhados no promontório, Majid e o coronel Al-Shehri rezavam voltados para Meca. Ali do alto, Henry ficou a ver a cidade ser fechada a toda a volta. Sem a distração da oração, deu por si a refletir nos vários erros que cometera. Fora um erro visitar o Campo Kongoli tão mal preparado e levando consigo apenas a proteção mínima. Procedera assim porque, naquela altura, já só conseguia pensar em regressar a casa o mais cedo possível. Outro erro fora permitir que o taxista, o pobre Bambang Idris, o acompanhasse na visita ao campo; afinal, não sabia o que os esperava. E também falhara ao deixá-lo ir embora; deveria tê-lo mantido debaixo de olho até ter a certeza de que ele não estava infetado. Deveria ter insistido para o taxista ficar de quarentena e deveria ter pedido que o proibissem de se deslocar para fora da Indonésia. Tudo isto lhe pesava na consciência. Era um erro desperdiçar energia mental a recriminar-se desta maneira, mas, por outro lado, eram falhas imperdoáveis e sabia que jamais se perdoaria por tê-las cometido.

Agora, porque ele pedira e insistira, três milhões de pessoas estavam cercadas e ficariam cativas. Muitas morreriam. Não obstante a medida, mais cedo ou mais tarde, a doença encontraria uma maneira de se escapar da cidade. Até porque o vírus já deitara raiz nas populações de aves, portanto em breve começaria a surgir onde elas fossem pousando. Na melhor das hipóteses, apenas conseguira atrasar ligeiramente o inevitável começo de uma pandemia que iria alterar o curso da história. Cairiam governos. Economias entrariam em colapso. Estalariam guerras. *O que nos terá feito achar que hoje em dia já éramos imunes a um ataque por parte do mais astucioso e implacável inimigo da humanidade, o micróbio?*

Finda a oração, Majid dirigiu-se à tenda das comunicações. Parecia sentir fisicamente o peso do comunicado que agora teria de fazer.

— Irmãos e irmãs, fomos escolhidos por Alá para fazermos um enorme sacrifício — disse, para o microfone. À medida que fazia o comunicado, as suas palavras eram traduzidas em dezenas de línguas e ouvidas em altifalantes espalhados por toda a cidade. Explicou que Meca fora tomada por uma grave doença contagiosa. — É nosso dever impedir que esta coisa, esta doença terrível, se espalhe. Peço que mantenham a calma. Asseguraremos as vossas necessidades básicas. Terão comida. Haverá médicos e enfermeiros para ajudar quem precise. Vamos proteger-vos. Mas não devem tentar deixar a cidade. — Henry viu os peregrinos juntarem-se diante da vedação e ficarem a observar as tropas nas suas viaturas militares e de armas a postos. Enquanto Majid falava, um jovem peregrino começou a avançar em jeito de desafio para uma área que ainda não fora fechada. Nervosos, os soldados iam-no vendo aproximar-se. — Repito: não tentem deixar a cidade — reiterou Majid. O jovem peregrino começou a correr. Vários outros seguiram-lhe o exemplo. Então, Henry viu o corpo do

que tomara a iniciativa ser flagelado pelos disparos. A horda que o seguia parou abruptamente. O seu pranto chegou ali acima. — Que Alá nos perdoe — disse o príncipe Majid, rematando o seu comunicado. — E que aceite o nosso doloroso sacrifício.

II

PANDEMIC

NINGUÉM PERDOARÁ ISTO

Jill não tinha notícias de Henry há quarenta e oito horas, o que não era de todo habitual; normalmente, ele dava notícias quase todos os dias, sobretudo quando sabia que ela estava preocupada. Nesta altura, já estava aflita de ansiedade, mas o telefone continuava sem tocar. Ele não mandara sequer um *e-mail*.

Por fim, mandou ela uma mensagem de texto: «Tudo OK?»

Passado algum tempo, veio a resposta: «Sim. Desculpa. Mais logo ligo.»

Nessa noite, quando os filhos já estavam a dormir, viu uma reportagem na MSNBC sobre o rapaz que fora morto pelas autoridades em Meca. Descobri-se entretanto que se tratava do sobrinho de um aiatola de Qom. Agora, as autoridades iranianas diziam-se indignadas, faziam ameaças e exigiam justiça, embora não especificassem que justiça pretendiam ver aplicada. Na CNN, a repórter Nadia al-Nabawi, que estava em Meca, ia dizendo que os hospitais não estavam a partilhar informação sobre a doença, o número de infetados ou sequer o número de mortes que já houvera. «Informalmente, dizem-nos que estão a tentar evitar que se instale o pânico, mas a ausência de informação fidedigna tem feito a população questionar-se quanto ao que se estará a passar e em quem devem acreditar.»

Henry ligou pouco depois das dez.

— Mãe do Céu, mas que horas são aí? — perguntou Jill.

«É muito tarde», respondeu ele. «Mas é a primeira oportunidade que tenho para ligar.»

— Eu sei que não me fazias isto a menos que estivesse mesmo muito atrapalhado de tempo, mas francamente, Henry, tenho estado morta de preocupação. Pareces exausto. E o que é isso na tua cara?

«Estou a deixar crescer a barba», justificou-se ele, quase constrangido. «Ajuda-me a passar mais despercebido por aqui. Mas, se não gostas, eu tiro.»

Jill deteve-se um momento na imagem granulosa no ecrã.

— Podemos adiar essa decisão para quando estiveres em casa. Isso vai acontecer quando, já agora?

«Sinceramente, Jill, não sei. Por um lado, precisam de mim aqui. Por outro, tenho trabalho à espera em Atlanta. O importante é que, para já,

estão a conseguir impor a quarentena, e, tirando Meca, não há notícia de casos de gripe no reino, o que é um milagre.»

— Estava a ver as notícias — comentou ela. — Muitos dizem que a quarentena foi uma medida exagerada.

«Quem?»

— O embaixador iraniano nas Nações Unidas diz que a doença não passa de uma gripe comum e que nenhum iraniano está doente. Quer que os deixem sair da cidade e regressar ao Irão.

«É mentira», replicou Henry. «Os peregrinos iranianos são tão vulneráveis à doença como as outras pessoas todas. Ele está preocupado com questões geopolíticas; isso que disse não tem nada que ver com a saúde dos cidadãos iranianos.»

— Pela minha parte, só me interessa que saias daí.

«É o que mais quero e hei de sair logo que possa. Mas escuta, Jill. Esta doença não se vai ficar por Meca. Ainda que consigamos manter os peregrinos confinados até esta vaga passar, as aves são portadoras do vírus. Não consigo prever com que brevidade a doença vai chegar aos Estados Unidos. Tanto pode acontecer em uma semana como daqui por um mês. Quero que agarres nos miúdos e que vás ficar com a tua irmã lá na quinta. Leva comida para uns dois meses. Não tenham contacto com ninguém. Não toques sequer no correio. Refugiem-se lá e fiquem à minha espera.»

— Henry, eu sei que estás preocupado connosco, mas há muita coisa a considerar. Não posso largar tudo de um momento para o outro e enfiar-me em casa da Maggie por tempo indeterminado.

«Por favor, Jill, eu sei que neste momento parece que estão em segurança. Mas esta doença vai espalhar-se muito depressa. Imploro-te: saiam daí. Vão para algum lugar afastado de tudo, tão longe de outras pessoas quanto possível. Abriga-te com os miúdos até a fase do contágio passar.»

Henry nunca soara tão assustado.

Parado à beira do promontório, a sós, Majid contemplava as luzes da cidade agora sitiada. Ao ver o amigo ali, atormentado pela cruel escolha que se vira obrigado a fazer, Henry sentiu reacender-se nele a culpa por não ter sabido travar a doença. Por um momento, ficaram os dois lado a lado.

— Isto que fizemos vai destruir-nos — declarou Majid. — Qualquer que seja o desfecho de toda esta situação... — Com um gesto, indicou a cidade. — Ninguém perdoará isto. — Respirou fundo, como se a tentar limpar os pensamentos. — Diz-me, Henry, qual é o prognóstico quanto a uma vacina?

— Falei com o doutor Ahmed — respondeu Henry. — Ele entretanto já enviou uma amostra colhida de uma das últimas vítimas. Lá nos CPCD, compararam-na com a que eu tinha colhido no Campo Kongoli. O vírus já

está diferente.

— Pode ser uma boa notícia, não?

— Talvez. Mas também pode significar o inverso: que o vírus está a tornar-se mais infeccioso, mais letal. O problema é que podemos chegar a uma vacina eficaz contra o vírus com que agora estamos a lidar, mas é impossível haver certezas quanto a possíveis mutações que ele entretanto poderá sofrer.

— Temos de dar alguma esperança a toda esta gente — disse Majid.

— Alguma coisa que faça valer a pena aceitarem o sofrimento que lhes estamos a impor.

— A minha equipa nos CPCD isolou aquilo que julga ser o elemento patogénico. Se for, de facto, poderão ter uma vacina candidata para começar a testar em segurança dentro de dois meses.

— É muito tempo — murmurou Majid. O seu olhar tornou a voltar-se para Meca. Iluminada, a mesquita dir-se-ia um majestoso navio no mais negro mar. — Honestamente, não sei se posso confiar que as minhas tropas me obedecerão. A ideia de manterem os seus irmãos e irmãs prisioneiros na cidade sagrada, como se estivessem a oferecê-los em sacrifício a esta horrível doença... muitos dizem que isto é tudo um complô contra o Islão.

Algo na voz de Majid levou Henry a perguntar-lhe:

— E *tu*, achas o quê?

— Vou esperar para ver — respondeu o príncipe.

«É complexo e incerto», explicou Marco, durante uma chamada por Skype na manhã seguinte. «Estamos a colher sangue de sobreviventes sete dias após a infeção. Como já deves saber, nessa altura há a presença de um tipo de célula muito particular...»

— Os plasmócitos — terminou Henry. Porque não lhe ocorrera antes?

«Exato. Trazem o código dos anticorpos que reagem ao elemento patogénico que está a causar a infeção.»

— E agora vão clonar esses genes para produzirem anticorpos sintéticos.

«Isso. Vamos usá-los para simular a resposta normal do sistema imunitário.»

— Isso vai levar quanto tempo? — perguntou Henry.

«Algumas semanas, pelo menos. Temos de perceber quais são os anticorpos mais eficazes a bloquear o vírus. Depois disso, serão mais umas semanas até termos a linha celular, e, passado um mês, poderemos então iniciar a produção em grande escala. Não será uma verdadeira vacina, obviamente, mas talvez ofereça alguma imunidade passiva. Claro que as quantidades serão sempre muito baixas, portanto não dará para tratar muita gente, mas enfim, ou fazemos alguma coisa para abrandar a doença ou não

teremos a mínima chance.»

Henry batucou com um dedo nos lábios; mergulhado em cogitações, buscava algum pormenor que talvez não tivesse ainda ocorrido aos demais.

— Houve um estudo — acabou por dizer. — Tinha que ver com transfusões em 1918.

«Lembras-te de quem foram os autores?», perguntou Marco. «Ou de onde foi publicado?»

— Só me lembro de que, há cem anos, houve médicos na mesma situação em que agora estamos. E tenho ideia de que experimentaram qualquer coisa que resultou.

«Vou investigar.»

Entretanto, Majid entrara na tenda. Aguardou que Henry terminasse a chamada.

— Tens um minuto? — perguntou então. — Houve desenvolvimentos. — E, sem a graciosidade que lhe era habitual, o príncipe deixou-se cair pesadamente no tapete. A sua exaustão depois dos últimos dias era bem visível. Nem um nem outro tinham dormido mais do que um punhado de horas desde que tudo aquilo começara. — Não tem que ver com a gripe, é sobre aquilo que o príncipe herdeiro e os seus conselheiros estavam a discutir quando fomos ao palácio — explicou. — Acabo de saber que uma prima nossa foi assassinada. Chamava-se Amira. Estava de férias na Sicília. Era jovem e muito bela, um espírito livre, pelo menos para o que é o padrão na Arábia Saudita. Uma das vossas revistas, a *Vogue*, publicou umas fotos dela que deram muita conversa por aqui. Muitos condenaram-na. O Irão, especialmente, chamou-lhe libertina e classificou-a como um exemplo da decadência da nossa família. É possível que algum muçulmano ofendido tenha decidido assassiná-la. Mas, segundo os nossos serviços secretos, ela foi seguida por uma equipa da Guarda Revolucionária Iraniana incumbida de a assassinar. Quando a minha prima estava a nadar numa praia reservada, eles entraram no mar e seguraram-lhe a cabeça debaixo de água até ela morrer afogada.

— Achas que isso foi feito em retaliação por causa daquele jovem que foi morto ao tentar violar a quarentena?

— Parece ser o mais certo. E pronto, o príncipe herdeiro e os seus conselheiros já têm mais um motivo para declararem guerra ao Irão, algo de que estão desejosos. Querem uma maior presença da Marinha norte-americana no golfo Pérsico. — O coronel Al-Shehri veio interromper a conversa. Henry apercebeu-se do tique nervoso a afetar-lhe o olho direito. Mas também lhe tremiam as mãos. Parecia estar à beira do limite. — O que foi, Hasan? — indagou Majid, esquecendo as formalidades.

— Acreditamos que vai haver uma tentativa de evasão — revelou ele. — Os drones mostram-nos quatro grupos numerosos a juntarem-se em pontos distintos da cidade. Nenhum deles corresponde a uma delegação

concreta. Tudo indica que há um grupo de agitadores a tomar a mesquita. Temos polícias na cidade, mas que de pouco servem; é até possível que se tenham passado para o lado dos insurgentes.

Majid ouviu-o, refletiu, e, por fim, saiu-lhe um longo suspiro.

— Não devíamos chamar-lhes insurgentes — considerou. — Todos eles são prisioneiros detidos sem acusação e o mais certo é estarem condenados a morrer. Diz-me, Hasan, o que farias no lugar deles?

— Majestade, pode contar sempre com a minha lealdade, mas creio que o meu tio é um deles. O meu tio é um homem de bem, é irmão do meu pai e está na Guarda Nacional há muitos anos. E agora vê as suas tropas cercarem a cidade. Não é caso único. Muitos dos nossos homens têm amigos e familiares prisioneiros em Meca.

Majid assentiu.

— Hasan, ainda não te tinha dito, mas a minha irmã também lá está; foi a sua primeira peregrinação e eu agora dei esta ordem em resultado da qual ela poderá morrer. Os meus sobrinhos não param de me ligar e eu não sei o que lhes dizer. Não há um único de nós a quem esta situação não afete pessoalmente. Enquanto irmão, estou revoltado. Mas, na qualidade de ministro da Saúde, sou o carcereiro. Não posso sequer ouvir a minha consciência, porque a minha consciência não tem uma resposta clara para me dar.

Uma chiadeira de distorção sonora pôs fim à conversa. Alguém na mesquita acabava de ligar um microfone para se fazer ouvir do alto dos minaretes. Não era a hora da oração, mas, pela inépcia com que o sistema de som fora ligado, tão-pouco seria alguém familiarizado com o equipamento.

«Irmãos muçulmanos!», exclamou um jovem de voz esganiçada. «Teremos de morrer como animais enjaulados? Somos milhões. Eles não poderão matar-nos a todos. Mas, se ficarmos aqui, nenhum de nós sobreviverá!»

Majid e o coronel saíram para o promontório para verem melhor o que se passava. Henry manteve-se respeitosamente um pouco mais atrás. *Há tanto em jogo que depende do que agora se vai passar*, refletiu. Todos naquela multidão que se via agora proibida de deixar Meca queriam viver, mas muitos traziam já a morte dentro de si. Ainda que conseguissem evadir-se, não escapariam à sua sorte. Aonde quer que fossem, levariam consigo a doença e contagiariam aqueles de quem mais gostavam: filhos, esposos, professores, amigos e colegas de trabalho. Um beijo, uma tosse ou um descontraído aperto de mão poderiam revelar-se letais. Alguns sobreviveriam à provação. Outros, por razões que os cientistas ainda teriam de apurar, manter-se-iam imunes; o vírus não os afetaria de todo. Mas não seria essa a sorte da maioria dos infetados.

«Isto é tudo uma tramoia para assassinar o Islão!» O eco da voz do

jovem ressoou ali no alto. «Aqueles que nos mantêm aqui prisioneiros são servos dos nossos inimigos. Estão a matar os nossos irmãos e as nossas irmãs! Mas eu digo-lhes: espera-vos o Inferno!»

Mesmo ali no alto, sentiu-se um fervilhar de agitação — era como uma tempestade que vinha chegando. Os peregrinos estavam a armar-se de coragem. Começavam a erguer-se vozes. Ia acontecer.

— Temos de os impedir — disse Majid ao coronel. — Dá o alerta aos teus comandantes. Ninguém sai. Reajam de imediato para desencorajar a revolta. Matem primeiro os líderes.

O coronel correu para a tenda das comunicações.

Henry perguntou-se o que iria na cabeça dos soldados de armas a postos lá em baixo. Ao verem-se perante os revoltosos, olhá-los-iam como seus irmãos na fé? Como muçulmanos sitiados, indefesos e injustamente colocados em cativeiro, vários deles seus amigos ou familiares que ansiavam pela segurança do lar? Ou veriam a morte em cada um deles, morte essa que seria a sorte de tantos outros caso os agora infetados conseguissem escapar e saíssem à solta pelo reino?

«Ergam-se, muçulmanos!», exortou o jovem.

Levantou-se um coro a aclamar aquelas suas palavras, e, instantes depois, já dezenas de milhares de peregrinos se tinham chegado junto do perímetro e iam repetindo: «Alá é grande!» Em breve já eram centenas de milhares. O refrão tornou-se num brado coletivo e a multidão revoltosa começou a avançar para a vedação. Depressa os mais rápidos já estavam a trepá-la, mas então ouviram-se as rajadas das armas automáticas e vários corpos caíram. Como se fossem um só, os revoltosos abrandaram, mas não pararam. Empurrado pelos que estavam na retaguarda, o coletivo foi avançando. Os corpos sem vida dos líderes foram espezinhados e as armas continuaram a disparar, mas agora em menor número. A força da multidão esmagou contra a vedação os que estavam na dianteira e por fim fizeram-na tombar. Em liberdade, os peregrinos correram para o deserto, passando pelos soldados, que tinham parado de disparar contra eles.

A QUINTA STEVENSON

Jill ouviu a notícia quando estava prestes a ir dormir. A comunidade internacional impusera uma quarentena à Arábia Saudita. Os voos de ou para lá estavam suspensos, as fronteiras encontravam-se encerradas e os petroleiros não atracavam. Além disso, milhões de peregrinos estavam agora impossibilitados de deixar o reino.

E o mesmo valia para Henry.

«É uma medida necessária», explicou ele quando finalmente lhe ligou.

— Mas, Henry, tu fazes falta aqui! E não digo isto apenas por nós os três! O país precisa de ti! Tenho a Catherine e o Marco a ligarem-me, a pedirem-me que faça alguma coisa, *qualquer coisa*, para tu voltares, portanto isto não são histerias de esposa desesperada! Os teus colegas precisam de ti! Eu preciso de ti! Os teus filhos precisam de ti!

«Jill, eu quero voltar, quero muito! Até já contactei uma pessoa da embaixada. Ocorreu-me que eles teriam voos diplomáticos, ou que, pelo menos, haveria voos militares.»

— E?

«Nada. A Arábia Saudita está em isolamento absoluto. A “gripe muçulmana” é a desculpa perfeita para não deixarem entrar muçulmanos no país, mas enfim, o certo é que a medida poderá ajudar a atrasar a propagação da doença.»

— Henry, a sério: tu não aprovas, pois não?

«Digamos que estão a ter a atitude certa pelo motivo errado. Não são muitas as armas de que dispomos para lutar contra isto. Claro que, de uma maneira ou de outra, a maioria das doenças arranja sempre maneira de se escapar. Mas enfim, estas medidas sempre nos vão dando algum tempo extra. A chatice é que não posso voltar para casa.»

Mas Jill apenas conseguia pensar que Henry era agora um prisioneiro num país assolado pela mais mortífera doença jamais surgida durante as suas vidas.

O rosto de Marco surgiu no ecrã. Inicialmente, Henry ainda pensou que ele estaria doente. A luz fluorescente evidenciava-lhe a exaustão no olhar congestionado e nas feições macilentas.

— Estás bem? — perguntou Henry, disfarçando a apreensão.

«Estou ótimo!», replicou ele, abrindo um sorriso rasgado. E ali estava o

bom e velho Marco de volta. «Boas notícias: consegui encontrar o tal estudo de que falaste», anunciou. «De facto, não sei como consegues guardar tanta informação na cabeça.» Publicado nos *Anais de Medicina Interna* de 2006, o estudo científico em questão era uma meta-análise de uma nova possibilidade de tratamento para a gripe de 1918. Os autores examinavam oito estudos que tinham sido levados a cabo durante a pandemia, sem que se chegasse a uma terapia eficaz para combater a doença. Tal como agora estava a acontecer. Em desespero de causa, alguns médicos na altura lembraram-se de injetar, em pacientes sintomáticos, soro com anticorpos colhido de alguns que tinham sobrevivido à doença. «Mas estes estudos foram todos um tanto atabalhoados», sublinhou Marco. «Não houve fase de testes. Não são indicadas doses, nada foi calibrado. Foi tudo feito com uma guerra a decorrer, e ainda havia a questão da censura, ou seja, talvez os investigadores tenham sido impedidos de publicar os maus resultados. Por isso, as conclusões apresentadas são uma baralhada.»

Marco estava sentado diante da sua bancada de trabalho no laboratório de virologia nos CPCD. A rodeá-lo, o resto da equipa. Henry desejou estar lá com eles. Cada um daqueles rostos era um estudo dos efeitos da privação do sono. Por outro lado, a esperança brilhava-lhes nos olhos.

— Porém...? — interrogou ele, expectante.

«Porém, é inegável que houve uma redução efetiva da taxa de mortalidade.»

Era do conhecimento geral que o método das transfusões acarretava riscos, entre eles o de lesões pulmonares que poderiam revelar-se fatais. Tratava-se de uma medida de último recurso. No caso de uma transfusão comum, dador e recetor eram previamente testados e o sangue, analisado, não fosse albergar agentes infecciosos. Havia que conduzir todo o procedimento num ambiente rigorosamente esterilizado. Caso resultasse, o número de potenciais recetores excederia muitíssimo o de dadores, ou seja, fazer a triagem seria um verdadeiro inferno.

«Depois, encontrei outro estudo, mais recente», prosseguiu Marco. Desta vez, o artigo saíra no *The New England Journal of Medicine*. Em junho de 2006, um camionista chinês testara positivo para a gripe A da estirpe H5N1, que se revelara pandémica nas aves domésticas e altamente letal nos poucos casos humanos identificados. Ao quarto dia com sintomas, o camionista deslocou-se a uma clínica em Shenzhen, onde foi tratado com antivirais que não travaram o agravamento da doença. Sem saberem mais o que fazer, os médicos recorreram a soro obtido de um paciente em observação que recuperara da mesma infeção meses antes. Ao longo de dois dias, o camionista recebeu três transfusões de duzentos mililitros. «Passadas trinta e duas horas, a carga viral era indetetável», concluiu Marco.

— Põe a Jane Bartlett em linha — pediu Henry.

Momentos depois, o rosto da tenente-comandante Bartlett surgiu no ecrã.

Marco explicou-lhe o dilema que enfrentavam e ela depressa compreendeu o que estava em jogo. As transfusões não caíam na mesma esfera terapêutica dos anticorpos monoclonais, que podiam ser purificados, testados e produzidos em massa. Por outro lado, recorrendo-se à transfusão, um único indivíduo convalescente podia fornecer soro em quantidade suficiente para tratar vários pacientes em simultâneo.

«Estamos a falar de um único caso de sucesso confirmado em cem anos», observou Bartlett, referindo-se aos estudos em questão. «Não vejo como podemos delinear um plano de ação com base nisso. Os CPCD estão dispostos a aprovar essa terapêutica?»

Marco aguardou que Henry se pronunciasse.

— Bem, teriam de se fazer testes — reconheceu ele.

«Portanto, a terapêutica só começaria a ser administrada daqui por seis meses», concluiu Bartlett. «E tanto as seguradoras privadas como o sistema público teriam de dar o seu aval, senão quem paga o tratamento?»

— Não pode pedir ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos que o autorize enquanto medida de emergência? Afinal, trata-se de uma crise sanitária.

«Claro que posso, Henry, mas isso não vai resolver a questão das seguradoras. Estamos a falar de um procedimento que não foi minimamente testado. Os estudos apresentados não foram rigorosos, portanto não são fiáveis. Há a responsabilidade civil dos médicos envolvidos no tratamento. O valor do prémio seria altíssimo, talvez mesmo incomportável.»

— Certo. Mas imagine que estava a tratar um paciente com o vírus de Kongoli; febres muito altas, a carga viral a subir e o organismo a não reagir a nenhum tratamento. Estando nas suas mãos, o que aconselharia? — perguntou Henry. — O que faria?

«Tentaria *tudo*», respondeu ela, com a voz a falhar-lhe. Quem estava a ouvir reconheceu de imediato aquela emoção na voz da tenente-comandante. Já todos eles tinham perdido alguém. Sabiam o que aí vinha.

Apesar do pânico, ainda mal havia notícia do vírus de Kongoli nos Estados Unidos. Houvera um surto ligeiro em Mineápolis, mas que depressa fora contido. O paciente zero era um viajante regressado do Médio Oriente, o que contribuiu para alimentar teorias da conspiração em volta de uma tal «doença dos muçulmanos». No fim, veio a saber-se que o indivíduo em causa era um cristão evangélico que estivera na Terra Santa. Não se sabia como acabara infetado com o vírus de Kongoli.

Ao mesmo tempo, foram diagnosticados mais de mil e duzentos casos de gripe sazonal em Mineápolis, quase todos gripe A da estirpe H1N1, a «bisneta» da pandemia de 1918, que, tendo vitimado oitenta mil americanos

em 2017, bem como meio milhão de outros um pouco por todo o mundo, continuava a considerar-se uma estirpe bastante agressiva. Dos infetados em Mineápolis, apenas quatro testaram positivo para o vírus de Kongoli, incluindo aquele que regressara da Terra Santa, e todos sobreviveram, o que fez que se depositassem esperanças na teoria de que uma estirpe de gripe «concorrente» poderia trazer alguma imunidade contra a pandemia que se anunciava.

Comparativamente, a presença de gripe do tipo A em Little Rock, onde se deu o segundo surto, era reduzida, e, aí, o vírus de Kongoli revelou-se bem mais contagioso. Ainda assim, o grau de virulência observado não excedia os parâmetros tidos por normais para a gripe comum na altura do ano em que se estava. No espaço de uma semana, mercearias e supermercados reabriram e o resto do comércio não tardou em seguir-lhes o exemplo. Começava a intensificar-se a pressão política para que se reabrissem as fronteiras e se deixasse a economia respirar novamente. Nas áreas ainda sem notícia de novos casos de gripe, as pessoas disseram a si mesmas que, até ver, continuavam a salvo.

Então deu-se a situação em Filadélfia.

De todas as cidades atingidas de forma mais severa pelo novo vírus, esperar-se-ia, pelos seus antecedentes, que Filadélfia fosse a que estaria mais bem preparada para lhe fazer frente. Em 1918, quando era uma cidade com cerca de dois milhões de habitantes à mercê de governantes corruptos ou incompetentes, fora atingida em força pela gripe espanhola. Na altura, as mortes começaram por ser às centenas, mas depressa passaram aos milhares — numa única semana, em outubro de 1918, morreram quatro mil, quinhentos e noventa e sete infetados, quase dez vezes o número semanal de mortes por outras causas antes da epidemia. Médicos e enfermeiras revelaram-se heroicos e acabou por ser entre esses que se verificou a mais elevada percentagem de mortes. Nos cemitérios, os coveiros morreram ou pararam de trabalhar. A acumulação de cadáveres colocava um segundo problema de saúde pública, mas, sobretudo, arrasou com o moral da cidade. Os infetados morriam e os corpos ficavam nas casas durante dias; os cemitérios começaram a cobrar mais pelos enterros e muitas vezes ainda tinham de ser os familiares das vítimas a abrir a sepultura. Por fim, a câmara municipal requisitou escavadoras com pá a vapor para se abrirem valas comuns; os padres diziam algumas palavras e os corpos eram despejados.

Passado mais de um século, o vírus de Kongoli surgiu pela calada, disseminando-se sem que os filadelfianos dessem conta. Veio o Domingo de Páscoa, centenas de milhares de fiéis foram à missa e muitos tiveram contacto direto com outros recentemente infetados. Em poucos dias, já a situação era de calamidade.

O Centro Médico Presbiteriano da Universidade da Pensilvânia estava

tão bem equipado como qualquer hospital de topo de uma grande cidade. Mas não tinha capacidade para acolher milhares de cidadãos extremamente doentes. E o mesmo era válido para cada um dos hospitais nos condados circundantes em toda a região da Pensilvânia e da Nova Jérсия.

Shirley Jackson, a presidente da Câmara Municipal de Filadélfia, estudara a história das pandemias. Tendo uma mãe enfermeira, crescera em contacto com a profissão médica. Chegara a participar num painel organizado pela Universidade Johns Hopkins em que se tinham discutido eventuais cenários de crises de saúde pública por surto de doença. Estava familiarizada com o protocolo a adotar. Além disso, era dona de um carácter firme e decidido. Logo que houve notícia de a doença se ter escapado da Arábia Saudita, ativou o Sistema de Comando de Incidentes, que impunha a coordenação entre chefes de saúde locais, hospitais, serviços de emergência e agências federais. Contactou a tenente-comandante Bartlett no Serviço de Saúde Pública, que, além de representar o mesmo junto da Casa Branca, estava também a coordenar as respostas dos serviços de saúde por área urbana. A *mayor* Jackson exigiu que o plano de emergência nacional fornecesse material médico adicional à sua cidade. Ligou para os diretores das três universidades de medicina na sua área metropolitana e deu ordens para que comesçassem de imediato a preparar os seus alunos para prestarem cuidados de emergência. Todos os paramédicos nessa área metropolitana alargada receberam câmaras termográficas para ligarem aos *smartphones*, passando a estar equipados para detetarem instantaneamente os casos de febre. O Wells Fargo Center, um ginásio polidesportivo com capacidade para vinte mil espectadores, foi preparado para receber doentes. Nenhum governante ao comando de alguma das grandes cidades se saiu melhor do que Shirley Jackson nos preparativos para enfrentar a pandemia. A sua capacidade de liderança valeu-lhe o elogio do *The New York Times*, que lhe deu honras de primeira página.

A *mayor* Jackson só não estava preparada para enfrentar a vaga de pânico. Os suicídios, os homicídios e os crimes de ódio, sobretudo contra a comunidade muçulmana no lado norte da cidade, subiram para números alarmantes. Por esta altura, já chegara à opinião pública que a doença começara por surgir num campo de detidos para muçulmanos homossexuais na Indonésia, e os fanáticos das conspirações já estavam a atear os receios de que o vírus de Kongoli era um complô. Uma de várias teorias em circulação afirmava que o vírus fora criado pelos muçulmanos para destruir a civilização cristã. Outra advogava que o mesmo era obra de cientistas neonazis que queriam exterminar os muçulmanos. E uma terceira teoria afirmava tratar-se de uma guerra mundial aos homossexuais. Tais fantasias corriam sobretudo nas redes sociais; disseminadas pelos *bots* russos — os simuladores de atividade humana nas redes sociais —, difundiam-se graças aos internautas que adoravam espalhar rumores,

gerando-se o que, na prática, eram agitações «telecomandadas»; as massas respondiam ao chamado e tomavam de assalto as ruas com protestos, apesar dos alertas repetidos para ficarem em casa. O mais destacado imã de Filadélfia resolveu pedir aos fiéis que ignorassem as teorias da conspiração, e, no preciso momento em que lhes estava a fazer a recomendação, foram lançados dois *cocktails* Molotov para dentro da mesquita.

Até ali, Shirley Jackson jamais fora olhada como uma das grandes líderes municipais da nação. Enveredara pela política depois de o marido, um pastor da Igreja Episcopal, ter morrido com cancro. Jackson abraçara a causa pública por encontrar na mesma uma maneira de dar sentido ao seu sofrimento. Sabia intuitivamente o que dizer aos que estavam assustados ou destroçados pelo luto. Instituiu reuniões municipais diárias transmitidas na Internet. «Os filadelfianos estão a ser testados», declarou numa delas, falando com a sua habitual franqueza sem rodeios. «Os nossos hospitais estão depauperados, não só por haver muitos médicos e enfermeiros infetados pelo vírus, mas também porque se tem verificado um elevado número de mortes na população constituída por auxiliares técnicos, assistentes, terapeutas, farmacêuticos, e, inclusivamente, auxiliares de limpeza e de manutenção, que são cruciais; há instalações em que esses auxiliares são agora em número tão escasso que as infeções bacterianas estão a colher mais vidas do que o vírus.» Seguidamente, descreveu como a doença e o medo tinham feito implodir toda a rede de serviços em torno da morte. Não se conseguia contratar uma ambulância privada, o que a obrigara a requisitar camiões de dois serviços de entregas postais, a FedEx e a UPS, que estavam agora a funcionar como carrinhas funerárias, levando os corpos das vítimas para valas comuns abertas enquanto medida de urgência pelos vários parques e jardins públicos da cidade. Havia inúmeros corpos por identificar e por recolher. «Mas nós, filadelfianos, não nos deixaremos dividir pelo medo», declarou a *mayor*. «Filadélfia ainda é e será sempre a “cidade do amor fraternal”. É essa a nossa identidade. Independentemente do que leiam na Internet ou deste que culpe aquele, a nossa obrigação é amar os nossos irmãos e as nossas irmãs, oferecer-lhes algum conforto nestes tempos tormentosos e unir a nossa comunidade. Mantenham a calma, abram os vossos corações, ajudem quem precisa e juntos venceremos este mal.» A *mayor* inspirou os filadelfianos a comprometerem-se com o bem comum. Muitos foram fazer voluntariado nos hospitais públicos e ajudaram na dolorosa tarefa de levar os corpos para a sua última morada. Ela mesma deu o exemplo ao participar nas ações de ajuda aos sem-abrigo, atingidos de forma avassaladora por aquela peste dos tempos modernos.

Que a *mayor* Jackson tenha acabado por sucumbir à «gripe de Kongoli» dez dias após o começo da epidemia foi o mais desmoralizador

dos golpes, do qual a cidade não chegou a recuperar. Enquanto isso, a doença alastrava-se.

No Arkansas, um agricultor de uma cidadezinha de montanha morreu do vírus de Kongoli — algo a que, na altura, não foi dada grande atenção. O homem em questão era chefe de um grupo de escuteiros, que levou numa visita de fim de semana a Little Rock. Pensava-se que teria sido nessa ocasião que ele contraíra a doença. O caso é que nenhum dos escuteiros adoeceu. Só uma semana depois do óbito chegou ao conhecimento dos CPD que ele tinha um aviário. Nessa altura, enviaram um comunicado aos serviços de saúde de todo o país, a alertarem para a possibilidade de as aves domésticas poderem ser portadoras do vírus.

Mary Lou Shaughnessy, veterinária especializada nos cuidados aos animais no seu meio natural, pertencia ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, mais concretamente à delegação regional de Saint Paul, no Minnesota, onde estava incumbida de assegurar a saúde do gado, indústria que pode ruir de um dia para o outro. Quando, em 2003, foi diagnosticada a doença das vacas loucas a uma única vaca Holstein-Frísia, ou «vaca holandesa», no estado de Washington, mais de trinta países suspenderam de imediato a importação de carne de vaca proveniente dos Estados Unidos. Já o Minnesota era o estado americano passível de ser mais afetado por um surto de gripe das aves, por ser, a nível nacional, onde mais agricultores se dedicavam à criação do peru — os números eram de uma produção de quase cinquenta milhões de aves para um total de seiscentas quintas espalhadas por todo o estado. Calhava o Minnesota ser também uma paragem para as aves migratórias na rota do Mississípi, que começava na extremidade do Canadá, no oceano Ártico, e vinha terminar na costa do Golfo dos Estados Unidos, na Luisiana.

Mary Lou e a sua companheira, Emily Lankau, veterinária do serviço estadual, iam na Estrada 23. Não era a primeira vez que formavam equipa e tinham-se voluntariado para esta deslocação porque assim passavam mais tempo juntas. Ambas tinham pertencido a grupos *a cappella* durante o curso e adoravam pôr-se a inventar harmonias vocais enquanto iam na estrada. Estavam a caminho do condado de Kandiyohi, que era o centro da produção industrial de perus. Fora lá que a extremamente agressiva gripe das aves H5N2 irrompera em 2015. O mais provável era que as aves domésticas tivessem sido infetadas pelas aves migratórias vindas da Ásia. Mais de quarenta e oito milhões de perus tinham morrido da gripe ou sido abatidos.

Iam-se sucedendo os silos de cereais e as passagens de nível. Estava-se numa altura do ano em que ainda não havia grande coisa para ver. Aquela área do Minnesota era plana e fértil, mas, sendo o mês de março, os campos ainda estavam em pousio; só dali por um mês se faria a sementeira do

milho e da soja.

— Se calhar, mais vale irmos logo à Quinta Stevenson — sugeriu Emily.

— Despacha-se já o mais desagradável, é isso? — replicou Mary Lou.

O Sr. Stevenson (nem uma nem outra conseguiam lembrar-se do nome próprio) era um caso particularmente espinhoso. Tratando-se de um dos maiores produtores na zona, pertencia a uma milícia de extrema-direita, os «Três por Cento», nome inspirado no suposto facto de que só três por cento dos colonos americanos tinham erguido armas contra o Império Britânico aquando da revolução americana. Eram conhecidos sobretudo por terem colocado uma bomba numa mesquita em Bloomington, mas Stevenson não chegara a ser indiciado.

Não era difícil identificar a entrada da sua quinta — era a que ostentava a bandeira americana de cabeça para baixo, o que sinaliza um pedido de socorro. A grande maioria dos moradores no condado não podia com o tipo, mas Stevenson tratava de deixar bem claro que não se ralava com isso. Professava o sobrevivencialismo e ele mesmo dava aulas aos filhos em casa, pelo que a interação com o mundo era pouca.

Mary Lou estacionou o *Ford Explorer* branco diante da casa, assegurando que as iniciais do Departamento de Agricultura pintadas na porta ficavam claramente visíveis para quem estivesse lá dentro. Ela e Emily desceram da carrinha ostentando os seus melhores sorrisos. Encontraram Stevenson já à sua espera atrás da porta de rede.

— Senhor Stevenson! — saudou Mary Lou. — E que tal estamos nós hoje? — Tendo crescido no Sul, era mestra em usar aquele típico tom exuberante que vencia de imediato toda a hostilidade.

— Não têm de avisar quando fazem as visitas? — replicou ele, ainda com a rede de permeio. — Não fui avisado.

— Certo, porque o senhor não tem telefone. Discutimos essa questão da última vez, não foi?

— Mas o carteiro passa aqui. — Por esta altura, já a sua prole se juntara à sua volta.

— A lei abrange estas visitas, senhor Stevenson. E eu teria ligado a avisar, com todo o gosto, ou feito o aviso por carta, claro, mas acontece que se trata de uma emergência.

Ele fez um ar espantado.

— Qual emergência?

— Deus nos valha, senhor Stevenson, então o senhor não vê as notícias?! Anda aí uma gripe terrível. Há muita gente doente, uma coisa pavorosa. Houve um surto gigantesco em Filadélfia. Queira Deus que aquilo não nos venha bater à porta aqui no Minnesota! Por causa disso, temos de dar uma olhadela ao seu aviário, para nos certificarmos de que está tudo bem com a passarada.

— As minhas aves estão ótimas.

— Folgo em saber. Se é assim, damos-lhes uma olhadela rápida e vamos à nossa vida.

Tornaram a subir para a carrinha e seguiram até uma pequena área de vegetação rasteira a meio caminho entre a casa e os pavilhões com as aves. Emily estendeu um oleado ali no chão, sobre o qual as duas foram dispendo tudo aquilo de que precisavam para fazer o seu trabalho: sacos do lixo, uma geleira, zaragatoas, uma bomba desinfetante e a roupa de proteção de uma e de outra.

— Sinto-me uma *stripper* — resmungou Emily. — Nem sei porquê; isto é, tipo, o oposto.

— Podíamos fazer uma dançazinha — brincou Mary Lou.

— Não me parece.

Começaram pelos fatos de polipropileno com capuz. Depois, as proteções de calçado, duas para cada ténis. Seguiram-se as luvas descartáveis, isoladas com adesivo em volta das mangas. Um segundo par de luvas. Uma touca, depois os óculos protetores. Por fim, uma máscara N95. Borrifaram-se de alto a baixo com desinfetante, para eliminarem agentes patogénicos que pudessem estar no ar. Assim ataviadas, a percepção do que as rodeava era muito menor — o campo de visão ficava bem mais reduzido, além de que praticamente não se ouvia o mundo exterior. Tão-só andar era um desafio. Facilmente quem estivesse assim equipado sentia-se claustrofóbico, paranoico e mesmo um tanto ridículo. A criança do Sr. Stevenson seguiu-as ao interior do primeiro pavilhão, o dos machos. As peruas estavam no outro.

Ao todo, aqueles dois pavilhões albergavam vinte e sete mil aves. Emily fez deslizar o portão. Havia que reconhecer que as instalações eram de topo; o pavilhão era um espaço limpo, bem iluminado e bem arejado, e a cama, feita de materiais absorventes e macios, fora recentemente mudada. Ainda assim, repetiu-se a mesma sensação que tinha de todas as vezes que entrava num aviário — a de estar numa prisão. Como reclusos no pátio, as aves iam andando em volta dos comedouros. Brancas, com pescoços rosados, carúncula na base do bico e bochechas azuladas, não se pareciam de todo com os seus majestosos primos de lustrosas penas que viviam em liberdade. Quase em uníssono, iam gorgolejando continuamente, as suas gargantas a vibrarem a cada gluglu. Como de costume, o cheiro era horrível.

Um dos filhos do Sr. Stevenson, um rapazinho, entrou ali de fato-macaco e proteções de calçado nos pés.

— Como te chamas? — perguntou-lhe Mary Lou.

— Charlie — respondeu ele.

— Que idade têm estes machos?

— Dezassete semanas.

— Portanto, mais dia, menos dia, estão bons para vender.

— Sim, minha senhora.

Foram andando pelo meio de todas aquelas aves, que se iam desviando até que formaram um círculo de volta delas e ficaram a olhá-las, apreensivas. Emily reparou nos perus que não tinham avançado. As aves saudáveis são sempre curiosas e tendem a seguir quem anda pelo meio delas, um pouco como o filho do Sr. Stevenson fizera. Enquanto a sua companheira falava com Charlie, deu início à colheita de zaragatoas. Agarrando num dos machos, apertou-lhe as bochechas; quando a ave abriu o bico, ela passou a zaragatoa pela mucosa. Colocou a amostra num tubo de polipropileno de cinco mililitros, que etiquetou. Pediu a Mary Lou que a ajudasse a voltar o macho, que era pesado, e introduziu uma segunda zaragatoa na cloaca para colher a amostra de células epiteliais.

— O que é isso que estás a fazer?

Erguendo o olhar, Emily deparou com uma menina descalça e que vestia tão-só um bibe já muito sujo.

— Querida, não devias estar aqui sem o teu papá. Ele não te tinha já explicado? — A pequenita assentiu. — Então vai ter com ele, o papá explica-te o que estamos a fazer.

A menina parecia ter pouca vontade de obedecer. O irmão Charlie gritou-lhe que saísse dali, ela fitou-o de cenho franzido e recuou para o portão, mas não deixou o pavilhão.

Por último, Emily colheu sangue de uma veia debaixo da asa. E pronto; a primeira ave estava despachada. Colheu as mesmas três amostras de uma dúzia de outros machos, escolhidos mais ou menos ao acaso.

— Emily! — Voltando-se, viu Mary Lou ao fundo do pavilhão. Charlie estava ao seu lado. Emily foi até lá. — Olha só. — Mary Lou indicou um peru encolhido no chão e que se recusou a sair dali mesmo quando ela começou a dar-lhe toques insistentes. Emily ajoelhou-se e examinou-lhe os olhos, o bico e as bochechas. A ave não levantava a cabeça e tinha as pálpebras inchadas. — Charlie, têm-vos morrido aves ultimamente?

O pequeno não respondeu. O seu olhar voltara-se para a entrada do pavilhão, onde agora estava o Sr. Stevenson, recortado em contraluz pelo sol, de mãos enfiadas nos bolsos do fato-macaco, a sua sombra alongada a estender-se pelo chão do pavilhão. Voltando-se abruptamente, desapareceu.

Emily e Mary Lou concluíram a colheita de amostras e regressaram para junto do oleado. Repetiram o mesmo procedimento de antes, mas invertendo a ordem. Desviando-se para a terra batida, enrolaram as roupas protetoras e enfiaram-nas num saco do lixo, que borrifaram com desinfetante. Também borrifaram os pneus da carrinha. Limparam as mãos e a cara com gel desinfetante e arrancaram a toda a velocidade rumo à estação da FedEx em St. Cloud, de onde enviaram as amostras para o

laboratório do Departamento de Agricultura, em Ames, no Iowa.

— Estou com um mau pressentimento — murmurou Mary Lou.

NÃO É UMA VACINA

— Todos os dias ouço o mesmo da sua parte — queixou-se Tildy, praticamente a ralar à tenente-comandante Bartlett, que, comparecendo agora reiteradamente nas reuniões do comité de delegados, se tornara numa espécie de arauto de más notícias. Qual Fantasma do Natal Futuro, ali ficava a descrever sucessivos cenários funestos na sua lacónica e arrastada cadência sulista. Tildy enumerou pelos dedos: — Não há vacina. Não há tratamento. Não há cura. Diga-nos alguma coisa positiva, raios! O povo americano está aflito!

A reação de Bartlett ficou-se por um olhar, mas que Tildy leu prontamente: a novata estava com pena dela.

— Temos um *plano de ação*, senhora secretária-adjunta. O mesmo que está traçado desde há anos e que é posto em vigor pelos CPCD, pelos Institutos Nacionais da Saúde, pelo Hospital Johns Hopkins e pelo centro médico do exército. Ter um plano de contingência nunca foi problema. O problema tem sido concretizá-lo, porque não nos dão pessoal nem recursos para isso. Precisamos de ventiladores, por exemplo. Pelos nossos cálculos, cerca de trinta por cento dos pacientes que se apresentarem nos hospitais com sintomas severos de gripe terão de ser ligados a um ventilador. Presentemente, temos como garantir esse cuidado a cerca de um por cento dos pacientes que se apresentarem nos hospitais nessa situação. Entretanto, há pacientes a morrerem de outras doenças tratáveis porque se esgotaram os medicamentos mais básicos. São todos produzidos na Índia e na China, que também estão a ser assoladas por esta pandemia. Estão a acabar-se as seringas, os *kits* de diagnóstico, as luvas, as máscaras, o desinfetante e tudo o mais de que precisamos para tratar os doentes e para nos protegemos.

— Ouça, pequena, não creio que esteja a compreender — interrompeu uma voz retumbante. O vice-presidente, um antigo governador e personalidade da rádio, era conhecido pela sua aspereza. O presidente designara-o como porta-voz oficial para tudo quanto se referisse à pandemia e recentemente ele começara a estar presente nas reuniões do comité de delegados. E, desde a primeira ocasião em que tal acontecera, a sala de crise passara a encher-se de assessores, acompanhantes e conselheiros que se alinham encostados às paredes e ali ficavam a escrever e a tomar notas. — Temos de mostrar resultados! E já! O

presidente exige ação efetiva e é para ontem!

Bartlett retesou-se.

— Tenho perfeita noção do que desejam ouvir, mas se vos disser essas coisas, não estarei a fazer o meu trabalho, que é facultar-vos informação. Informação real. O que farão com ela é convosco. Mas uma coisa posso afirmar: se estivessem a fazer o vosso trabalho e a fornecer-nos os recursos que pedimos, talvez agora não estivéssemos todos aqui fechados nesta sala a chuchar no dedo enquanto lá fora há gente a sofrer e a economia vem por aí abaixo e os corpos vão-se empilhando nos cemitérios, tudo porque pessoas como os senhores não se preocuparam com a saúde pública e não deram a mínima atenção às nossas necessidades.

Pela expressão do vice-presidente, dir-se-ia que levava com um pé de cabra. Por momentos, ninguém se atreveu a dizer palavra.

— Bem, basicamente, precisamos de alguma coisa que o presidente possa dizer e que transmita calma — interveio Tildy, procurando aliviar a tensão. — Uma palavra de esperança. Qualquer coisa que sugira que estão a ser feitos progressos. Do género de em breve ir haver uma vacina e então passarmos a estar todos defendidos do vírus.

Quase impercetivelmente, Bartlett fez que não. E lá estava outra vez a pena.

— Ainda que tivéssemos uma vacina, a pergunta é: quem seria inoculado? Leva meses até que uma vacina esteja a ser produzida em larga escala, e o processo só começa depois de as farmacêuticas estarem protegidas pelas seguradoras. Porque o caso é que não há tempo para a habitual fase de testes em humanos. E digamos que, ao fim da primeira semana, já temos dez mil doses, e que, ao fim da segunda, temos cem mil, e que, ao fim da terceira, já produzimos quinhentas mil, e por aí fora. Ainda assim, levará meses até termos aumentado os meios de produção de maneira que tenhamos doses suficientes para assegurar a imunidade de grupo. E, mesmo nesse cenário, poderão ser precisas duas ou três doses até que o organismo fique de facto defendido contra o vírus.

Procurando ganhar tempo para recuperar a dignidade, o vice-presidente pusera os óculos de ler e começara a folhear a papelada que tinha à sua frente.

— Que história é esta de um «soro com anticorpos»? — perguntou, na sua melhor voz autoritária.

— Os INS estão a fazer testes com o soro colhido de pacientes que entretanto sobreviveram ao vírus — explicou Bartlett. — Talvez se possa usá-lo e então seguimos a via da imunização passiva.

— Bem, e em que ficamos? Pode usar-se ou não?

— Algum. Temporariamente. Teoricamente.

— O presidente pode anunciar que está a ser desenvolvida uma

vacina?

— Não se trata propriamente de uma vacina.

— Então trata-se propriamente de quê?

— De um anticorpo monoclonal, isto é, uma defesa que o sistema imunitário produz automaticamente ao ser infectado ou vacinado, mas que estaremos a criar sinteticamente. Talvez ofereça imunidade durante umas semanas.

Tendo o vice-presidente um queixo avantajado, jamais a frustração que transpareceu quando ele o cerrou teria passado despercebida.

— E se ele disser que há um tratamento muito promissor a ser desenvolvido...

— Não é um tratamento, na melhor das hipóteses, garantirá algumas semanas de...

O vice-presidente ergueu a mão em sinal de aviso, indicando que não estava a apreciar ver-se repetidamente interrompido pela tenente-comandante.

— ... e que estão a conseguir-se *progressos* no combate ao vírus? Creio que, pelo menos, *isto* podemos dizer, não? — Juntou a papelada e passou-a por cima do ombro, sabendo que estaria ali algum assessor ou assistente pronto a aceitá-la.

— Esta solução ainda não foi testada em humanos — avisou Bartlett. — Ainda estamos a experimentá-la em furões.

— Diga-me só uma coisa — replicou o vice-presidente. — Os furões estão vivos?

— A maioria, sim, mas ainda há mais testes a fazer antes de...

— E os que estão vivos são mais do que seriam se não lhes tivessem dado essa coisa?

— É impossível dizer. Ainda não analisámos os dados relativos aos que morreram.

— E isso estará feito quando?

— Dentro de duas semanas.

O vice-presidente franziu os lábios.

— E não testam isso em humanos porquê? — interrogou. — Podiam fazê-lo já, não?

— Levará meses até termos um produto que possa ser administrado a humanos sem que haja risco, e, mesmo nessa altura, um só tipo de anticorpo monoclonal poderá não bastar para impedir que um vírus com tão grande capacidade de mutação encontre de imediato outra via de ataque. Portanto, é uma solução altamente arriscada. Até lá, talvez o senhor vice-presidente possa elaborar uma lista prioritária para sabermos quais os primeiros pacientes a serem imunizados com esse soro, depois os segundos e por aí fora. Porque não vamos ter muito à disposição. Devemos começar pelos membros do governo? Pelos paramédicos? Pelas crianças?

Pelas forças armadas? Pelas grávidas? Pela Guarda Nacional? Ou usa-se um sistema de lotaria? Tudo isto são escolhas que terá de ser o senhor a fazer.

— Certo, isso terá de ser feito. Mas digo-lhe já que não haverá lotaria e que a lista prioritária não será divulgada. Seria uma trapalhada política. O melhor é mantermos a vacina em segredo e...

— Não é uma vacina, senhor vice-presidente — reiterou Bartlett. — E recordo que, ao fim de algumas semanas, os imunizados precisarão de uma dose de reforço, a menos que nessa altura já haja uma verdadeira vacina.

Dono de uns olhos azuis que resultavam magnificamente na televisão, o vice-presidente usou-os para fulminar Bartlett com a sua expressão mais agressiva.

— Seja essa coisa o que for, ficará em segredo até estar garantida a segurança dos agentes mais vitais da nossa sociedade, senão a opinião pública vai pôr-se a remoer questões como o número de crianças que poderão morrer enquanto os figurões estão a levar a vacina, depois o reforço e por aí fora.

— Temos um cenário de epidemia galopante em Filadélfia, que fica a apenas duas horas daqui. Só por este facto, decerto já entende que estamos com alguma pressa — interveio Tildy, no seu tom mais conciliador.

— Também já há notícia do vírus em Washington, senhora secretária-adjunta.

— Mãe do Céu — resmungou o vice-presidente. — Quando raio aconteceu isso?

— Foi-nos comunicado esta manhã por três hospitais da cidade. No total, já são dezanove casos. Se a situação se agravar com a mesma rapidez que se verificou em Filadélfia, no prazo de três a cinco dias teremos um cenário de epidemia. — Silenciosa, Tildy foi olhando em volta da mesa e registando o desespero na expressão de cada um dos delegados. Decerto ela própria estava com uma cara parecida. — A boa notícia... — disse então Bartlett, e, em sincronia, todos quantos estavam sentados à mesa inclinaram-se para diante. — A boa notícia é que, com sorte, talvez tenhamos uma vacina eficaz a ser produzida nas quantidades necessárias dentro de seis meses, talvez a tempo de debelar uma segunda vaga.

— Uma quê?

— Nas pandemias, é habitual darem-se duas ou três grandes vagas de contágio, até o vírus por fim perder força e tornar-se numa gripe comum, como as que surgem todos os anos. Então as coisas mantêm-se assim até surgir a pandemia seguinte. Por essa lógica, e se esta gripe for como a de 1918, a pior vaga dar-se-á em outubro. Mas claro que isto é especulação; é impossível prever como este vírus se irá comportar.

O silêncio foi interrompido por um tremendo espirro que fez todos os presentes sufocarem exclamações assustadas.

— Tenho alergias — disse o representante da CIA, na defensiva.

— Afirmou que esta é uma doença inteiramente desconhecida — disse então Tildy. — Quais são as probabilidades de ter sido criada por mão humana? Poderá ter sido feita em laboratório por algum génio da genética?

— Ainda não conseguimos determinar se estamos perante um vírus manipulado geneticamente — respondeu Bartlett. — O sequenciamento não revela as características típicas dos vírus criados em laboratório, mas, por outro lado, tão-pouco se trata de alguma coisa que já tenhamos observado na natureza.

— Quem teria os recursos para criar algo assim?

— Essa não é a minha área, senhora secretária-adjunta.

Tildy olhou para o representante da CIA.

— O suspeito número um seria a Rússia — declarou ele.

— Aos russos, têm andado a vender que o vírus de Kongoli é obra dos americanos — disse o delegado do secretário de Estado. — E eles, histéricos com a revelação, claro.

— Bem, e é? — sondou Tildy.

A questão ficou a pairar.

— Não seja absurda — acabou o vice-presidente por dizer.

CADA UM TRATA OS FERIMENTOS DO OUTRO

Num de vários computadores que havia no palácio em Jidá onde residia o príncipe Majid, Henry foi examinando o padrão de incidência do vírus de Kongoli num mapa-mundo. Um mês após o surto em Meca, não obstante a quarentena, a doença chegara a todo o lado. As várias tonalidades de vermelho indicavam a maior ou menor presença da doença. A Arábia Saudita e o Iraque surgiam em carmesim. Fora desses dois pontos do globo que o vírus partira. O Irão surgia tingido de um vermelho um pouco menos carregado, que passava a rosa-pálido no Afeganistão e na Turquia. Curiosamente, salvo uma pinta rosada em Moscovo, o território russo parecia não estar a ser afetado. A China surgia tingida de uma tonalidade mais pálida no lado oriental e bem mais carregada do lado ocidental, onde se concentrava a população uigur, maioritariamente muçulmana. Na área correspondente à Índia, as cidades surgiam assinaladas com pintas rosadas, mas o Paquistão mantinha-se praticamente ileso. Toda a Europa do Norte surgia em cor-de-rosa. Pintas em diversas tonalidades de vermelho salpicavam os Estados Unidos, mas não havia manchas rosadas, indicando que, de momento, o vírus se mantinha pelas cidades. No Canadá, houvera apenas um surto ligeiro em Toronto. O hemisfério sul parecia manter-se ainda inteiramente livre do vírus, mas era provável que esse cenário se alterasse com a vinda do inverno.

— Sabemos que as aves são portadoras do vírus, o que talvez explique este padrão um tanto aleatório — comentou Henry. — Mas confesso que nunca vi um mapa da gripe como este.

De pé atrás dele, Majid deu uma olhadela à imagem.

— Será possível que o vírus já estivesse presente em algumas dessas regiões? — sugeriu.

— Estava a pensar no mesmo. Sendo um vírus criado em laboratório, faria sentido escolherem-se alvos.

— Curiosa, a situação da Rússia — comentou Majid, após um breve silêncio.

Henry anuiu.

— Há uma forte presença do vírus a toda a volta do território russo, mas muito pouca na Rússia propriamente dita. Eles têm uma vacina específica para a gripe sazonal, diferente da que é usada no resto do mundo. Usam o vírus ativo, mas atenuado, o que tem vantagens. E inalam-

no; não é injetado. Sai mais barato. Adicionam-lhe um composto químico, o *Polyoxidonium*. Ao que parece, trata-se de um imunomodulador e eles atribuem-lhe umas propriedades mirabolantes de que não há provas. Nesta altura, é difícil avaliar se poderá fazer alguma diferença, mas claro que já estão a ser feitos testes nos INS.

— Se isto for mesmo o que achas que é, só peço a Alá que seja obra da Rússia e não da al-Qaeda — disse Majid. — O mundo já toma todos os muçulmanos por terroristas. Com mais essa...

Silencioso, Henry refletiu nos anos que dedicara a tentar antecipar quais as armas biológicas que os russos poderiam desenvolver. Nos seus laboratórios consagrados a tal fim — nomeadamente, o Vektor Institute, na Sibéria ocidental, e as instalações de pesquisa de armas biológicas em Obolensk —, cientistas soviéticos de topo tinham conseguido manipular doenças tão mortíferas como incuráveis. Flagelos como a peste e a varíola tinham sido reconvertidos em aerossóis e fabricados às toneladas e não se conheciam tratamentos eficazes para lhes fazer frente.

Durante a era soviética, o Vektor Institute fora chefiado por Nikolai Ustinov, que se dedicara a estudar o vírus de Marburgo, pertencente à ainda tão mal estudada família dos filovírus. O primeiro surto do vírus de Marburgo entre os humanos ocorrera na cidade alemã que viria a batizá-lo. Em 1967, um dos investigadores que trabalhavam no laboratório morreu depois de experimentar cultivar o vírus em células de rins de macacos-verdes africanos. Outros sete investigadores em laboratórios alemães morreram ao lidarem com macacos infetados. Nove anos depois, no Zaire, surgiu um vírus da mesma família, que viria a tomar emprestado o nome do rio Ébola.

Jamais alguém viria a conhecer o vírus de Marburgo tão a fundo como Ustinov ficou a conhecê-lo na altura, mas, como tantos outros que se dedicam ao estudo das doenças, por génios que sejam, também Ustinov acabou vitimado por um erro fatal: tratava de manter imóvel a cobaia prestes a ser injetada com o vírus e então o seu assistente picou-lhe acidentalmente um dedo.

Henry chegara a assistir a uma palestra de Kanatzhan Alibekov, o primeiro diretor-adjunto do programa científico Biopreparat, criado no âmbito do programa secreto da União Soviética para a guerra biológica. Alibekov acabou por desertar e fugir para os Estados Unidos em 1992, onde mudou o nome para Ken Alibek. Dono de uma figura corpulenta, tinha um rosto redondo e cheio, revelador das suas origens cazaques, e usava uns óculos grandes. No seu inglês com ligeiro sotaque russo, Alibek narrou o que acontecera ao Dr. Ustinov. Logo depois da injeção acidental, fora-lhe administrado o soro, mas isso não travou a doença. Ao longo dos dias seguintes, e no interesse da ciência, Ustinov descreveu minuciosamente cada sucessiva etapa da sua doença. Chegava a brincar com as

enfermeiras, mas, por fim, o seu ânimo já nada pôde contra as náuseas e as atrozes dores de cabeça. «Começou a mostrar-se cada vez menos reativo, cada vez menos comunicativo», recordou Alibek. «Desenvolveu a síndrome do choque tóxico, que lhe paralisou as feições.» O seu corpo enchera-se de pequenas pisaduras e os olhos estavam raiados de sangue; ocasionalmente, corriam-lhe as lágrimas em abundância. Ao décimo dia, pareceu dar-se uma melhoria súbita. Sentiu-se bem mais animado e até perguntou pela família, mas, dentro dele, o vírus preparava-se para desferir o golpe final. As pequenas pisaduras que apresentava por todo o corpo foram ficando maiores e tornando-se arroxeadas à medida que o sangue se concentrava à superfície, e então começou a sair-lhe pela boca, pelo nariz e pelos órgãos genitais. Ia alternando entre a consciência e a perda dos sentidos. Duas semanas após a infeção, Nikolai Ustinov, um génio da ciência, morreu. Na autópsia, foram-lhe retirados o fígado e o baço e colhido todo o sangue. Ironicamente, o patologista que conduziu a autópsia viria a conhecer o mesmo funesto destino de Ustinov: ao colher uma amostra da medula óssea, picou-se também acidentalmente com a agulha.

Antes de sepultarem Ustinov, encharcaram o corpo com desinfetante e embrulharam-no num plástico, depois fecharam-no num caixão de metal que de seguida foi soldado. Mas o vírus que o matara mantinha-se ativo e foi colhido dos seus órgãos. Em sua homenagem, os colegas de Ustinov chamaram a essa estirpe a Variante U. Foi cultivada e armazenada e usada nos chamados «mísseis balísticos de reentrada múltipla independentemente direcionados».

Uma vez que a quarentena não o deixava sair da Arábia Saudita, Henry resolveu juntar-se a Majid para trabalho em campo. As espaçosas instalações do Ministério da Saúde em Riad incluíam um laboratório lastimosamente subaproveitado. O príncipe confiscou tudo aquilo de que Henry precisava para o pôr a funcionar. Apenas não conseguiu localizar assistentes com um bom nível de conhecimentos e com experiência no desenvolvimento de vacinas. Então, Henry experimentou combater o vírus com a única arma que de momento tinha à mão: soro com anticorpos colhido dos que tinham sobrevivido ao vírus.

Tanto ele como Majid estavam cientes dos riscos. A regra era que só podia ser colhido sangue daqueles que se mostravam inteiramente livres de sintomas. Cada um era obrigado (ou não fosse a Arábia Saudita uma monarquia absoluta) a ceder quinhentos mililitros de sangue com uma periodicidade semanal. O sangue era distribuído por tubos de ensaio e centrifugado, de modo a separarem-se as plaquetas, os glóbulos vermelhos e os glóbulos brancos. À superfície dos glóbulos vermelhos formava-se uma camada âmbar; nesse soro estavam todos os anticorpos do dador. O soro colhido de um paciente que sobrevivera ao vírus dava para uma única

injeção, pelo que as quantidades que iam obtendo estavam longe do necessário para tratar centenas de milhares de infetados. Além disso, o grau de pureza do soro era uma incógnita. Havia a possibilidade de restarem agentes patogénicos, incluindo o próprio vírus de Kongoli.

Marco e a equipa dos CPCD estavam a trabalhar em sintonia com eles, na esperança de descobrirem qual a dosagem ideal. «Os testes *in vitro* correram otimamente; agora, vamos testar o soro em macacos», disse-lhe Marco via Skype. «E tu, que resultados tens observado nos pacientes?»

Henry abanou a cabeça, indicando a sua perplexidade.

— Por alguma razão, não consigo que o Ministério da Saúde me disponibilize os relatórios. Esta noite, quando falar com o Majid, vou exigir-lhe uma resposta. Tem de haver alguma razão para isto estar a acontecer. Ele sabe tão bem como eu a que ponto esta pesquisa é importante.

Majid passara o dia a visitar hospitais. Ao regressar ao palácio, Henry foi dar com ele no seu gabinete de trabalho, visivelmente exausto e desanimado.

— Não temos lugar para acomodar todos os enfermos — lamentou-se o príncipe. — Dir-se-ia que metade do reino adoeceu. Até já convertemos os estádios em enfermarias, mas falta-nos pessoal médico. O meu reino está a ser testado da maneira mais severa, Henry. Não sei se sobreviveremos a mais um mês nesta situação.

— Mais uma razão para nos concentrarmos no tratamento com o soro — argumentou ele. — Conseguimos ampliar consideravelmente o grupo de dadores, mas, sem acesso aos relatórios, não há como avaliar o que está ou não a resultar. Tens de me dizer o que se passa. É simples incompetência burocrática ou há alguma outra coisa em jogo?

Não conseguindo encará-lo, Majid desviou o olhar.

— Envergonha-me muito dizer-te isto — respondeu, por fim, a sua voz pouco acima de um sussurro. — A minha família requisitou toda a reserva de soro que já tínhamos juntado.

— Eles têm noção do perigo?

— Veem gente a morrer e têm medo. Então, sendo realeza, entendem ser seu privilégio salvarem-se antes dos demais.

— Se eu acreditasse na existência da alma, diria que é esse o primeiro órgão a ser contaminado pela doença — refletiu Henry.

— Nós, muçulmanos, acreditamos que uma doença é um teste a que Alá nos submete.

— Soa antes a um castigo.

— De todo. O Alcorão diz que, se Alá decidisse castigar a humanidade como ela de facto merece, não sobraria ninguém neste mundo! Também aprendemos que cada padecimento tem a sua cura. Toca-nos descobri-la, amigo! — Foi até uma estante e pôs-se a folhear os hádices, em busca da passagem que validava o que dissera. — Não me recordo das palavras

exatas, mas... — De um momento para o outro, um candeeiro de secretária voou pelo gabinete. Majid subiu no ar em câmara lenta, as suas vestes a incharem como um balão, e foi embater numa parede com espantosa violência. Voaram estilhaços de vidro e pedaços de alvenaria e ergueu-se um rugido ensurdecedor que Henry só deixou de ouvir quando o candeeiro veio embater na sua cabeça.

Quando voltou a si, o mundo reduzira-se a fumo e a poeira a remoinhar. Estava vivo. Custava-lhe respirar. Não sentia dor, mas estava entorpecido e baralhado, e, por um momento, não recordou onde estava. Não conhecia aquele lugar, aquelas ruínas enegrecidas. Talvez estivesse a sonhar. Sentia-se lento, esquisito, como se fosse muito, muito velho.

— Majid!

Ao ver o amigo caído no chão, compreendeu. A porta do gabinete abriu-se, e, sem pensar, Henry lançou-se sobre Majid, protegendo-o com o seu corpo.

Sentiu mãos a erguerem-no. Era o guarda-costas do príncipe.

— Majestade! — exclamou ele. — Estais ferido?

O príncipe fitou-o com um olhar confuso e, ainda com os movimentos descoordenados, esforçou-se por se sentar. O guarda-costas já ia ajudá-lo, mas Henry travou-o.

— Não! — exclamou. — Ele pode ter fraturas. — Com extremo cuidado, fez o amigo mover uma perna e outra, depois os braços. Não lhe pareceu que houvesse fraturas. — Estás a sangrar — disse-lhe.

— Estás a gritar! — replicou Majid.

— A sério? Quase não consigo ouvir-te. — A sua própria voz soava-lhe como se vinda de outra divisão.

Majid voltou-se para o guarda-costas, que lhe explicou o que acontecera. Um bombista suicida aproximara-se do portão. Era novo e tinha o sotaque das províncias do Leste. Dissera que o príncipe Majid prometera ajudá-lo. Quando os guardas se recusaram a deixá-lo entrar, detonou a bomba. Nenhum dos guardas sobrevivera. Agora que já confirmara que Majid estava vivo e intacto, o guarda-costas saiu a correr para ir defender o palácio até que a polícia chegasse.

Sentados no chão, Majid e Henry ficaram a olhar um para o outro, mergulhados naquele espanto atordoado que só os que sobrevivem a um atentado chegam a conhecer. Cada detalhe ganha absoluta nitidez e cada momento é como uma fina camada de gelo à superfície de um lago — uma tênue e quase tangível divisória entre a vida e a morte.

— A tua mala de trabalho? — perguntou Henry. — Vou tratar-te dos ferimentos.

— Tenho de ver se os meus servidores estão bem — disse o príncipe.

— Primeiro, vou pôr-te a cara em condições. Não podes andar por aí todo cheio de sangue, vais aterrorizar toda a gente.

— É assim tão mau?

— Não vais ficar desfigurado — assegurou Henry. — Mas tens pequenos cortes junto ao olho. Quero só certificar-me de que nenhum nervo foi atingido.

Ajudou o príncipe a erguer-se. Majid olhou em volta e o seu choque foi evidente. O gabinete ficara completamente destruído. A fachada dianteira do palácio desaparecera, estavam à vista da cidade. Estranhamente, era uma imagem bela, e, por um momento, ele apenas conseguiu ficar parado a contemplar tal cenário. A brisa noturna varreu o gabinete — outra sensação inédita —, trazendo o cheiro dos explosivos, que ardia nas narinas. O candelabro soltou-se e caiu, fazendo-os pular de susto. Majid continuava aturdido e pouco firme nas pernas. Henry levou-o dali para uma área do palácio mais segura.

Felizmente, no quarto de dormir do príncipe, as luzes continuavam a funcionar. Examinaram-se ao espelho da casa de banho. Com uma camada de poeira branca a cobri-los de alto a baixo, pareciam dois cadáveres. Henry viu que tinha sangue no ombro esquerdo. Também tinha um ferimento bastante feio desse lado da cabeça.

— Cada um trata os ferimentos do outro? — propôs Majid.

Enquanto Majid se lavava, Henry esterilizou um afastador e uma pinça e então procedeu a um exame minucioso dos vários pequenos ferimentos que Majid apresentava na fonte e na narina, extraíndo uma série de minúsculos fragmentos de vidro cravados a milímetros do olho.

— Tiveste sorte, *habibi* — disse, usando o termo com que os árabes expressavam afeto.

Embaraçou-o tirar a camisa. Ali estavam, bem visíveis, as marcas deixadas pela doença de que padecera na infância: a escoliose que o deixara com um ombro mais subido do que outro; a deformidade da caixa torácica; os antebraços com um aspeto adiposo. Jamais se despia diante de alguém que não Jill. Majid fez como se nada visse para lá do golpe no ombro. Era um homem de rara sensibilidade.

— Hum — murmurou. — Vais ter de levar pontos. É algo que não faço desde os tempos do curso. — Estava a ser uma situação deveras estranha, imbuída de uma inesperada intimidade. Juntos, já tinham passado por muito, mas acabavam de sobreviver ao que poderia ter sido a sua hora final; a experiência teria ainda de ser digerida, mas, para já, havia a consciência de estarem agora ligados para o resto das suas vidas de um modo como um ou outro jamais estariam ligados a outra pessoa no mundo.

— Salvaste-me a vida — disse Majid.

— Que exagero — replicou Henry, quase constrangido.

— Terias morrido por mim. Fizeste o que eu esperaria do meu guarda-costas, se ele lá estivesse. Não tens nenhuma obrigação para comigo, mas ter-te-ias sacrificado. És um homem melhor do que eu. E muito mais

corajoso.

— Para lá com isso. — Agora, sim, Henry estava constrangido. — E uma coisa te garanto: se tornar a precisar de levar pontos, és a última pessoa no mundo a quem hei de pedir.

— Já ficas a saber porque fui para ministro; como médico, não me safava. — Passado o choque, um e outro deram por si a tremer. Era incontrollável. Começaram a rir-se, como se embriagados; quase parecia impossível que continuassem vivos. Mas o palácio deixara de ser um lugar seguro; teriam de arranjar outro sítio onde ficar. Na verdade, o reino enfrentava uma insurgência que começara antes da quarentena ou mesmo da peregrinação. — Estamos na mira dos nossos; os insurgentes são xiitas das províncias do Leste — explicou Majid. — Estão a ser apoiados pelos iranianos. O alvo é a família real. Este não foi o primeiro atentado. Há um mês, fizeram explodir uma bomba no quartel-general da Guarda Nacional. Estão firmes no seu propósito e não olham ao perigo. E, obviamente, não poderemos deixar passar em branco este ataque. — A sua cara parcialmente ligada contorceu-se num esgar. — Que estupidez, tudo isto! Num momento em que enfrentamos um perigo como nunca houve... não apenas nós, mas o mundo! Mas, a estes fanáticos, só interessa tirarem partido da situação caótica em que estamos mergulhados! E nós não somos melhores do que eles. Culpamos o Irão por esta doença, dizemos que é obra dos xiitas, para que as pessoas se foquem na guerra e não na revolução. — Por fim, examinou declaradamente a deformidade de Henry. Agora, o seu olhar era o de um médico. — Sabes que continuamos a ter essa doença aqui no Médio Oriente? — comentou. — E sem que haja razão para isso. Faz mais sol aqui do que em qualquer outra parte do mundo, mas as pessoas escondem-se dentro de portas e então têm falta de vitamina D. Setenta por cento das jovens deste país sofrem de carência dessa vitamina. O que não é para admirar; tapam-se todas com aquelas roupas negras; parecem enterradas vivas. E as mães a amamentar recusam-se a tomar suplementos e então transmitem a doença aos seus bebés.

Henry disse-lhe que talvez um dia lhe contasse as circunstâncias da sua doença, mas que aquela não era a melhor altura. De qualquer modo, a polícia acabava de chegar para levar o príncipe e o seu convidado para lugar seguro.

O DESPOVOAMENTO

Os pavilhões de avicultura da Quinta Stevenson já estavam cercados por camiões; tinham sido chamadas as autoridades veterinárias do Minnesota e os bombeiros e também viera um autocarro do Estabelecimento Prisional de Shakopee. Para lá da Quinta Stevenson, ainda naquele dia teriam de despovoar outras nove explorações avícolas, e, carecendo de recursos para levar a cabo uma operação daquela envergadura, o estado do Minnesota recorrera a reclusos dispostos a voluntariarem-se para a tarefa. Ao chegarem, Mary Lou Shaughnessy e Emily Lankau encontraram-nos a equiparem-se diante da casa. Não havendo ali ninguém que lhe fosse hierarquicamente superior, coube a Emily a nada apetecível incumbência de lidar com o Sr. Stevenson, que viera sentar-se no alpendre. Ali estava ele na sua cadeira de balanço, para trás e para diante. Pousada no seu colo, uma caçadeira.

— Bom dia, senhor Stevenson — saudou Emily. — Lamento o resultado dos testes.

— Não estou de acordo com isto — replicou ele. — Não estou mesmo nada de acordo.

— Senhor Stevenson, o senhor sabe quais são as regras. Mas tem direito a uma compensação financeira. — Entregou-lhe uma prancheta com o formulário para ele assinar, mas Stevenson mal olhou para o papel. — Esta manhã foram contadas vinte e cinco mil, seiscentas e setenta e três aves saudáveis — prosseguiu ela. — Desde que cá estivemos, parecem ter adoecido outras setenta. E também há ovos, certo? Também recebe uma indemnização por cada.

— Antes de vocês cá virem, eu tinha vinte e sete mil perus — replicou Stevenson, com ar de quem queria guerra.

— Se o senhor diz, eu acredito. Mas isso significaria que lhe morreram mais de mil aves em dois dias. O estado não o indemniza pelas aves mortas e paga menos pelas que estão doentes, portanto trata-se de lhe pagar ao preço de mercado pelas aves que estiverem saudáveis, e ainda recebe as indemnizações tabeladas para o despovoamento e para a desinfeção das instalações.

— Isso não me cobre o prejuízo. Nem nada que se pareça — teimou ele.

— Tem toda a razão. Mas o senhor não é o único nesta situação.

Temos quintas um pouco por todo o Minnesota a passarem pelo mesmo. A questão é que vamos ter de abater as suas aves, quer isso lhe agrade, quer não. A seguir, limpamos tudo e mandamos-lhe a conta. Se o senhor não nos entregar esse requerimento devidamente assinado, não recebe um tostão. Disso não tenha dúvidas. Adicionalmente, pedia-lhe que fosse guardar essa arma, se não se importa. Está a enervar toda esta gente.

— Essa é boa! Despejam-me uma carrada de reclusos à porta e o vosso problema é *e/les* estarem nervosos?!

— Honestamente, desconhecia que ia ser requisitada mão de obra nos estabelecimentos prisionais, mas estou segura de que eles se vão portar bem. — Stevenson cerrou os maxilares. Pressentindo que ele ia dizer alguma coisa de que se arrependeria, Emily resolveu agir preventivamente. — Senhor Stevenson, se não leva a mal, posso perguntar-lhe o seu nome próprio?

Aquilo apanhou-o de surpresa.

— Jerome — respondeu.

— Permite-me tratá-lo por Jerome? Ora bem, o Jerome sabe que não há alternativa. Isto tem de ser feito. O governo não está a castigá-lo ou a tratá-lo de maneira diferente de como trataria qualquer outro cidadão. Estamos à beira de uma catástrofe de proporções gigantescas. Por toda a parte há pessoas em risco de perderem a vida. Inclusivamente, neste momento a sua família poderá estar em perigo. O estado de saúde de cada um de vocês precisa de ser acompanhado. Deve ficar atento, e, se algum dos seus filhos desenvolver febre ou apresentar outros sintomas, deve procurar de imediato ajuda junto de um médico ou no hospital.

— Essa gente nunca consegue fazer nada.

— Segundo sei, o essencial é manter o doente hidratado. Além disso, pode haver dores, e, nessa parte, os médicos podem sempre ajudar. Quem receber cuidados médicos tem mais chances de sobreviver. Eu sei que não desejaria outra coisa para os seus filhos, Jerome. Estou unicamente a dizer-lhe que fique vigilante. Aposto que sabe fazer isso melhor do que ninguém.

— Pois sei — replicou ele.

— E o formulário? — arriscou Emily.

Jerome assinou onde vinha indicado e devolveu-lhe a prancheta.

Mary Lou já contava com muitos anos ao serviço das autoridades veterinárias, mas nunca assistira a um abatimento em massa e não estava ansiosa pela experiência. Já conduzira inúmeras inspeções e várias teriam tido certamente esse desfecho, mas nunca lhe tocara participar nessa fase. Os reclusos tinham isolado toda a área interior do pavilhão com uma barreira de separadores de acrílico que dava pelo queixo dela. Do lado de dentro, milhares de aves agitadas iam olhando para um lado e para outro, atentas a todas aquelas ameaçadoras figuras encapuzadas, vestidas de

plástico branco dos pés à cabeça, que vinham arrastando grossas mangueiras para o interior do pavilhão. As mangueiras estavam ligadas a dois camiões-cisterna, de traseira encostada às duas entradas opostas do pavilhão.

Emily veio ter com ela. Mary Lou conseguia ver-lhe os olhos por trás dos óculos protetores.

— Preparada? — perguntou-lhe Emily.

— Acho que sim.

— Escuta, há métodos bem piores. Às vezes, são usadas umas coisas que parecem umas tesouras de podar com pegas alongadas e ficamos a ver eles partirem-lhes os pescoços um por um. Assim é bem mais rápido, acredita.

— Vão usar gás?

— Uma espuma — replicou Emily. — Basicamente, é a mesma que os bombeiros usam. As aves respiram aquilo, ficam com as vias respiratórias bloqueadas e morrem sufocadas. — Mary Lou estremeceu. — A alternativa seria morrerem de doença — recordou-lhe Emily. — Estamos a dar-lhes uma morte misericordiosa.

Vestido com um fato de polipropileno, um dos funcionários da empresa contratada para o serviço — o logótipo era visível no peito — veio ter com Emily. Ela confirmou que podiam começar.

Cada mangueira seria operada por dois funcionários. Posicionados em lados opostos do pavilhão, foram-se deslocando em paralelo. A barulheira era espantosa, de tal maneira que, antes de sair alguma coisa das mangueiras, já as aves estavam em pânico. A espuma era ligeiramente azulada e consistente como o chantili com que Mary Lou rematava as suas tartes para os almoços do Dia de Ação de Graças. Foi-se acumulando de forma irregular. Os perus saudáveis fugiram rapidamente, mas, à medida que se viam cercados, alguns mergulhavam a cabeça na espuma cada vez mais alta ou banhavam-se naquela substância desconhecida. No fim, acabavam por não resistir à curiosidade. Em breve, apenas se viam inúmeros pescoços vermelhos esticados por entre aquele mar de espuma levemente azulado que não parava de subir. Soando cada vez mais urgente, o gorgolejar coletivo já se sobrepunha à barulhada das mangueiras. Ao fundo, a espuma era mais alta; os perus que tinham fugido para essa zona do pavilhão foram os primeiros a desaparecer. Sentia-se nitidamente a agitação sob a espuma — todas aquelas aves iam agitando freneticamente as asas. Por fim, o mar azulado cobriu as que restavam. *Como uma vaga gigantesca levantada pelo vento*, ocorreu a Mary Lou. Depois, o vento amainou e o mar acalmou-se. Estava feito.

Com meia-volta, saíram dali as duas, e então depararam com os filhos de Jerome Stevenson — Charlie, a menina de bibe e dois outros — a assistirem a tudo da porta do pavilhão.

— Charlie, leva os teus irmãos e vão ter com o vosso pai — disse-lhe Emily.

O pequeno assim fez; regressaram os quatro ao alpendre, onde o Sr. Stevenson continuava sentado na sua cadeira de baloiço. Então ocorreu a Emily: nunca vira a Sr.^a Stevenson. Possivelmente, ele vivia sozinho com os filhos e não tinha ninguém com quem conversar. Quis dizer-lhe que o próximo ano seria melhor, que poderia comprar mais aves e retomar a criação. E que, com sorte, arranjaría alguém para o ajudar e que lhe traria algum consolo em momentos difíceis como aquele. Mas sabia que não podia fazer semelhante promessa. Limitou-se a erguer a mão num aceno de despedida, e ele respondeu com um assentimento.

A RAINHA MARGARIDA

Logo que se soubera da situação em Filadélfia, Jill levava os filhos e fora refugiar-se na quinta da irmã. Fê-lo sobretudo para tranquilizar Henry. Já estava habituada a que ele se deslocasse em trabalho a zonas de perigo e orgulhava-se de conseguir governar a vida sem ajuda. Era tão habilidosa com as tarefas práticas como na gestão das despesas e da contabilidade; assegurava a frente doméstica sem que isso lhe perturbasse a atividade profissional. Era competente, e, sobretudo, uma mulher independente. Mas, agora, o mundo inteiro tornara-se numa zona de perigo e ela estava assustada. Henry teria sabido como acalmar a ansiedade que a atormentava, mas não estava ali para a tranquilizar, ou aos filhos. Furiosa por ele estar longe e simultaneamente aflita de saudades, tentou tirá-lo do pensamento voltando a atenção para a vida da sua irmã mais nova.

Helen e Teddy adoravam a tia Maggie e o tio Tim. Os dois tinham uma quinta com cem hectares no condado de Williamson, não muito longe de Nashville. Aquela era uma das zonas mais belas do Tennessee. Antes da Guerra Civil Americana, a pitoresca casa onde agora viviam fora um posto de diligências — até estava listada no Registo Nacional de Lugares Históricos. Da primeira vez que a tinham visto, ao passarem a ponte coberta e entrarem no acesso de gravilha que vinha até à porta, Maggie e Tim tinham deparado com uma ruína. Nas palavras dele, as obras de recuperação tinham-nos deixado «na miséria», mas agora tinham uma casa de sonho, uma autêntica atração turística que até já fora tema de um episódio de uma série documental sobre casas renovadas. Na frente, havia canteiros de azáleas e dos chamados lírios-de-um-dia (que, na verdade, não eram lírios), e, de um lado e do outro do acesso de gravilha, alinhavam-se os abrunheiros-bravos.

Kendall, a única filha de Maggie e de Tim, era dois anos mais velha do que Helen, que era mais alta. De resto, quase poderiam ser gémeas — uma e outra eram esquerdinas, ruivas e de olhos azuis. Com essa soma de características que resultavam de genes recessivos, uma e outra eram, na prática, raridades genéticas. Logo que Jill lá chegou com os filhos, Helen e Kendall desapareceram; era normal passarem horas a fio no quarto de Kendall ou então no celeiro. Kendall pertencia a um clube desportivo e recreativo para jovens e tinha o quarto cheio de troféus, faixas e fotografias de animais de que ela mesma cuidava premiados em concursos.

Durante aquela estada de emergência, um dia, Tim foi com as duas pequenas a uma feira de gado em Franklin. O motivo: Kendall queria mais um bacincho para criar.

— Já tive dois Berkshire — explicou ela a Helen. — Este ano, quero um Hampshire. São muito comuns, mas, não sei porquê, costumam ser os preferidos dos júris.

Helen ficou toda derretida ao ver aquelas criaturinhas pretas com malhas brancas, de orelhas descaídas e focinho erguido a pedirem festas.

— São tãããão fofiiinhos! — exclamou.

Mas, à prima, interessavam outras qualidades.

— O importante é a largura das espáduas — declarou. — E o tamanho do peito e os músculos do lombo. Basicamente, é tudo uma questão de chicha.

No fim, a sua escolha recaiu sobre uma leitoa com pouco mais de vinte quilos. À volta, vieram as duas atrás, na caixa aberta da carrinha, com Helen a fazer festas à bacinha, que se aninhara no seu colo. Passaram todo o trajeto a tentarem arranjar-lhe um nome; um nome bem escolhido era outro ponto a favor nas competições, explicou Kendall. No fim, ficou *Rainha Margarida* — era o que o pai dela às vezes chamava à mãe. Isto fê-las rir-se. Ao chegarem a casa, Tim mandou-as trocarem de roupa e tirarem aqueles sapatos; ao visitar uma feira de gado, havia sempre o risco de se trazerem doenças para a quinta.

Enquanto estavam em Franklin, Maggie levou Jill a dar uma volta de trator pela propriedade. Teddy ia no atrelado, todo deliciado por poder sentar-se num amontoado de palha húmida, e o *Peepers* veio a correr atrás do trator, sempre a ladrar, feliz da vida. Maggie e Jill tinham muito para pôr em dia. Maggie tivera cancro da mama no ano anterior e ainda estava a recuperar da provação. Ainda assim, fizera questão de voltar ao trabalho na quinta.

— Não há dia em que não me sinta a mais sortuda das mulheres por ainda cá andar — confessou Maggie. — Por ainda poder estar com o Tim e com a Kendall, a desfrutar a vida que construímos. Sinto-me feliz por estar viva.

Jill foi olhando as fileiras de pés de milho; já ultrapassavam o meio metro de altura. Ela e Maggie levavam vidas inteiramente distintas. Pensou em tudo o que a irmã tinha e que ela jamais teria, como a intimidade com a natureza, por exemplo. Maggie não votava e nem tão-pouco tinha uma televisão, mas, por outro lado, sabia identificar os pássaros só de lhes ouvir os trinos. Na sua horta cultivava ervas aromáticas que Jill ainda nem tivera oportunidade de provar e variedades de tomate que não se encontravam nos supermercados.

Por outro lado, estava desejosa de voltar para casa, a *sua* casa, dela e de Henry; tinha saudades do bairro, de ir correr para o Lullwater Park e de

ouvir a criança no jardim de infância debater-se com os dilemas e as perplexidades que a vida começava a colocar-lhes pela frente. Ali na quinta da irmã sentia-se longe de tudo. Claro que fora precisamente isso o que ali a trouxera com os filhos. Tinham vindo em busca de refúgio. O caso é que a nova gripe ainda não atingira Atlanta, pelo que largar o trabalho de um dia para o outro e tirar preventivamente os filhos da escola não deixava de lhe parecer um capricho escusado.

— Não estranhes eu dizer isto, mas o cancro teve um lado muito positivo — ia Maggie dizendo. — Perdemos muito dinheiro e eu andava cheia de dores. Então descobri a salvação. — Parou o trator diante de um alpendre do tipo que era usado para a secagem de cereais. — Quando comprámos a quinta, eles usavam isto para secar tabaco — explicou, ao entrarem. Das vigas, pendiam molhos carregados de folhas.

— O que é isto? — perguntou Jill.

— A sério que não sabes? Não reconheces o cheiro?

Jill inspirou uma vez, depois outra.

— Isto é legal?!

— Mais ou menos.

Teddy entrou ali com o *Peepers* colado aos calcanhares e Jill fulminou a irmã com o olhar.

— Cheira mal — queixou-se o pequeno.

— É esta erva — respondeu Maggie, lançando um olhar irónico a Jill. — Cheira mesmo assim. — O *Peepers* pusera-se a correr de um lado para o outro. O cheiro estava a desassossegá-lo.

— Espera lá fora, amor — sugeriu Jill ao filho.

Maggie partiu a extremidade de um dos pés de cânabis pendurados a secar.

— Na fase em que as dores estavam piores, uma amiga trouxe-me um saquinho de marijuana. Nem me chegam as palavras para dizer como ajudou. Então descobrimos que se pode plantar para produzir canabidiol, que entretanto foi legalizado no Tennessee. Claro que isso tem pouca graça. Por isso, cultivamo-la para o canabidiol, mas, também, em prol da humanidade, digamos. E nunca tivemos tanto lucro. Porque isto é erva da melhor, acredita.

Jill estava atónita; a sua irmã tornara-se numa narcotraficante. Mas resolveu que não se mostraria chocada.

— Bem, tu sempre gostaste de plantas.

— Nem imaginas quanto. Deixa só os miúdos estarem a dormir que já vêm.

Para o jantar, Maggie fez lombo de porco no forno — que Helen foi pondo discretamente de lado no prato logo que soube o que era. Ainda não dissera a ninguém, mas fizera uma jura: logo que voltassem a Atlanta, passava a ser vegetariana, como o pai. Só de pensar que um dia poderia

estar a comer a *Rainha Margarida* ficava arrepiada.

— Seria como comer o *Peepers* — disse à prima, quando já estavam deitadas.

— A *Rainha Margarida* não é um animal de estimação.

— Mas não a adoras na mesma? É tão fofinha...

— Não vai ser por muito tempo. Vai começar a engordar uma média de um quilo por dia e em breve será uma porca adulta. Seria uma estupidez mantê-la connosco a menos que fosse para ter crias, o que até pode acontecer, suponho, se ela ganhar o primeiro prémio. Além disso... — Fez uma pausa. — Os porcos são nojentos.

— Como assim?

— Fazem cocó em todo o lado. Na própria comida e até na água que bebem. Todos os dias temos de limpar a porcaria. E, se queres mesmo saber, na China comem cães.

— Não comem nada.

— Comem sim senhor.

— Isso é supernojento.

— Aposto que as nossas mães estão lá em baixo a apanhar uma pedrada — disse Kendall.

— Estás a falar a sério?

— A minha mãe é uma janada.

Helen estava escandalizada. Sempre achara a tia Maggie muito mais fixe do que os pais, era verdade, mas não queria imaginar a sua mãe drogada; era uma imagem esquisita.

— Acho que vou dormir — disse.

Com Tim no escritório a pôr a papelada em dia, Maggie trouxe os seus *brownies* especiais para a irmã provar.

— Estou de dieta — disse Jill.

— São *light* e não são exatamente esse tipo de *brownies*.

— Ah. — Aceitou um e provou-o. Apenas uma dentadinha. — Mas são deliciosos na mesma. — Deu a segunda dentada.

— Até já registei a marca para quando legalizarem a canábis por estas bandas: *Trincas de Magia*.

— Das duas, uma — replicou Jill. — Ou acabas milionária, ou na prisão.

— Vamos lá fora ver as estrelas.

Saíram para as traseiras e foram-se afastando da casa. Maggie plantara peónias de propósito para o tal documentário na televisão. Ainda não se via a lua, mas o brilho das estrelas era tão intenso que desenhava sombras no chão. Chegaram a uma pequena clareira escondida por sicómoros e estenderam-se nas ervas. Os troncos refletiam a luz das estrelas e brilhavam como espectros. Era perfeito. E maravilhoso.

— Se Deus fosse a Martha Stewart, o mundo era todo assim — murmurou Jill.

Maggie riu-se.

— Acho que o *brownie* já está a bater.

Ficaram a contemplar o céu. Jill deu por si a sentir nitidamente o peso das estrelas. Os aromas da natureza remoinhavam-lhe de volta como o fumo de uma fogueira quando se vai acampar, e agora o chão estava a liquefazer-se, até que desapareceu e ela ficou a pairar no Universo.

— A Via Láctea... — disse, sonhadora. — Há tanto tempo que não a via... anos, talvez. A última vez foi naquela colónia de férias, lembraste?! A seguir ao jantar íamos sentar-nos no pontão e viam-se perfeitamente as estrelas, não era? — Maggie foi apontando os planetas e as constelações que conhecia. Jill memorizara unicamente a constelação de Oríon e a Ursa Maior, mas a irmã conhecia várias outras. — A última vez que vi tantas estrelas foi quando o Henry se lembrou de nos levar naquela excursão maluca pelo Oeste americano — comentou. — Olha além! Aquilo é uma estrela-cadente?

— É um satélite — esclareceu Maggie. — Não, espera lá, deve ser a Estação Espacial Internacional.

— ‘Ganda noia... — murmurou Jill.

— ‘*Ganda noia*... — imitou-a Maggie. — Agora, sim, pareces uma ganzada do pior.

Jill começou a rir-se e a exagerar o seu estado, até que já estavam as duas agarradas à barriga, incapazes de refrearem as gargalhadas.

O toque do seu telemóvel quebrou o feitiço. Era Henry.

«Está tudo bem», disse ele de imediato. Era estranho; parecia estar a falar em câmara lenta.

— *Hã?*

«Eu estou bem. Está tudo bem», repetiu ele.

— Mas eu ainda nem perguntei... — protestou ela, ainda na disposição delirante de há instantes. Lançou um olhar matreiro à irmã. — Não é, amorzinho? Eu não perguntei: «Henry, está tudo bem?»

«Estou a achar-te esquisita», disse ele.

— Deve ser porque estou — respondeu Jill. — Neste momento, sinto-me *muuuuito* esquisita...

Maggie estava a apertar-se toda para não explodir em galhofa.

«Suponho que não viste as notícias», disse ele.

— As notícias...? Livra, nem pensar. Estou cá fora com a Maggie. Viemos ver as estrelas e apanhámos uma moca. Nem imaginas, ela conhece as estrelas todas. E Marte... não vais acreditar, mas, daqui, dá para ver que aquilo é tudo vermelho...

Em tantos anos de casados, Jill jamais mostrara interesse por algum tipo de drogas. Nem sequer apreciava particularmente as bebidas. Era a

última pessoa que Henry teria imaginado naquele estado.

«Eu ligo amanhã, pode ser?», sugeriu.

— Não, eu quero falar! Há dois dias que não sabia de ti. Sei que andas muito atarefado, mas podias ter dito alguma coisa. Conta lá o que aconteceu.

«Houve um atentado», disse ele, tentando que não soasse grave. «Mas não me aconteceu nada.»

Naquele estado que não lhe era de todo habitual, Jill precisou de um momento até ter real consciência do que ele dissera.

— Um *atentado*?! Deus do Céu, Henry, e tu estás bem?!

«Sim, foi para isso que liguei. Para dizer que estou bem.»

— Há mais qualquer coisa que não me estás a dizer.

«Bati com a cabeça e tenho uma arranhadela, só isso. Nada de grave. Amanhã falamos melhor. Eu sei que deve estar a ser esquisito ouvires isto. Aí já é tarde.»

— Henry, eu só te quero de volta a casa, mais nada — disse ela, agora completamente sóbria. A notícia tivera esse efeito. — Eu sei que andas atarefado e que o que estás a fazer é importante, mas a tua família quer-te de volta a casa. São e salvo.

«Bem, como sabes, por estas bandas não entra nem sai ninguém. E eles precisam realmente de mim aqui. De certa maneira, sinto-me responsável por tudo isto que está a acontecer.»

— De novo essa conversa?! Henry, tenho a certeza absoluta de que fizeste tudo tal como devias. Ninguém é mais cuidadoso ou responsável do que tu.

Depois de ele desligar, Jill desfez-se em lágrimas. A irmã tentou consolá-la e em breve estavam ambas a soluçar. Há mais de um mês que Henry estava ausente e entretanto o mundo enlouquecera. De repente, Jill sentia-se muito vulnerável sem ele ao seu lado.

— Mamã...?

Sobressaltou-se. Era Teddy. Parado na clareira, de pijama.

— Diz, amor.

Ele olhou para ela, depois para Maggie. Estava nitidamente a estranhar aquela situação.

— Está tudo bem, eu e a mamã estávamos a ter uma conversa triste, só isso — explicou Maggie, limpando as lágrimas.

— Chega aqui — chamou Jill. Devagarinho, ele veio aninhar-se nos braços da mãe. — Vês as estrelas? — disse ela. — Não são lindas? Não parece mesmo que, estendendo a mão, consegues tocar-lhes?

Teddy assentiu. Para um menino sempre cheio de iniciativa, estava estranhamente desanimado. *Talvez seja por me ter visto a chorar*, pensou Jill. Embalou-o; mais que confortá-lo, estava a consolar-se com o calor do filho. Adorava senti-lo aninhado nela.

— Estás com um cheiro esquisito — queixou-se ele.

— É o perfume da tia Maggie. Não gostas?

— Não. Cheira mal.

— A mamã não torna a usá-lo.

Para dentro, jurou que só tornaria a fazer uma daquelas quando os filhos fossem crescidos e já não precisassem de uma mãe exemplar.

— Mamã, acho que vi um fantasma.

— Ah foi? Mas tu sabes que essas coisas não existem, não é?

Teddy escondeu a cabeça nos braços dela e não respondeu.

— Como é que ele era? — perguntou Maggie. — Era um soldado? —
Teddy assentiu. — Já me disseram que há um soldado da guerra civil a assombrar a quinta, mas eu nunca o vi — revelou ela. — E o Tim e a Kendall também não. Ele deve ter achado que tu és um menino especial.

Teddy considerou a ideia.

— Mamã, quando é que vamos para casa? — perguntou depois.

LAMBARÉNÉ

Não muito depois de Henry começar a trabalhar em Fort Detrick, um dia, Jürgen Stark, o seu chefe, veio ter com ele.

— Mais de quarenta por cento dos infetados com o ébola morrem do vírus, mas muitos que cuidaram desses doentes e que testaram positivo para a doença não chegam a manifestar sintomas. Porquê?

Henry adorava perguntas assim. No seu entendimento, aí começava a ciência.

— Será possível que já tenham tido a doença? — sugeriu. — Não sendo isso, trata-se de uma resistência natural à mesma, e, nesse caso, como foi que a desenvolveram?

— Isso é o que vais descobrir — replicou Jürgen.

Embarcou num voo com destino ao Gabão, na África Ocidental, e foi visitar o Hospital Albert Schweitzer, em Lambaréné, fundado em 1913 pelo médico que lhe dera o nome. Poucas figuras históricas tinham tido o impacto na sua imaginação de criança que tivera o teólogo alsaciano — que, sendo um organista de excelência, aos trinta anos resolvera estudar Medicina, após o que dedicara o resto da sua vida a aliviar os sofrimentos da humanidade. Com Helene Bresslau, sua mulher, fundara um hospital junto do rio Ogooué, na então África Equatorial Francesa. Tratavam a lepra, a elefantíase, a doença do sono, a malária, a febre-amarela — em suma, todos os males que afligiam quem vivia na selva.

O hospital rústico erguido pelos Schweitzers fora posteriormente reconstruído várias vezes. Quando Henry o visitou, consistia num conjunto de bangalós alongados, de telhados vermelhos e com alpendres suspensos para acautelar as tempestades tropicais. Na verdade, Schweitzer ambicionara fundar não apenas uma instituição, mas toda uma aldeia, e a sua ideia original veio a ser concretizada. A Dra. Fanny Méyé, uma entusiástica médica do Centre International de Recherches Médicales, na não muito distante cidade de Franceville, levou-o a conhecer as instalações onde se conduzia a investigação do ébola, doença em que se especializara. Atualmente, estava a conduzir um estudo envolvendo toda a população gabonense. O objetivo era averiguar a proporção de imunidade à doença.

— Descobrimos que mais de quinze por cento dos que vivem nas comunidades rurais já têm anticorpos. Inclusivamente, há aldeias em que a percentagem ascende aos trinta e três por cento — revelou ela. — Estamos

a falar de pessoas que nunca manifestaram sintomas do ébola! Que nem sequer viveram nalgum lugar onde tenha havido um surto de ébola. Então perguntamo-nos: de que forma terão sido expostas ao vírus?

— Através dos morcegos? — sugeriu Henry.

— É o mais provável, mas o que explica que não tenham adoecido? De onde lhes vem a imunidade? — A Dra. Méyé explicou que os anticorpos desses que tinham sido expostos ao vírus reagiam a determinadas proteínas do ébola, ou seja, funcionavam de forma semelhante às vacinas experimentais que se tinham revelado promissoras. — A única conclusão que se pode tirar é que essas pessoas estão naturalmente protegidas. Falta-nos saber porquê.

— Podem ser falsos positivos — contrapôs Henry. — Ou poderá ter havido uma epidemia de um vírus similar ao ébola, mas não patogénico.

— Colocámos essa possibilidade, claro, mas o caso é que, até ao momento, ainda não se detetou por aqui essa suposta doença.

De cada vez que surgia uma nova epidemia, a medicina via-se perante a mesma questão que já lhe vinha trocando as voltas desde o começo da sua existência: porque se revelavam alguns indivíduos imunes a doenças desconhecidas que dizimavam populações inteiras? Vinte a trinta por cento dos infetados com gripe não chegavam jamais a manifestar sintomas. Estudos envolvendo as trabalhadoras do sexo em Nairobi tinham revelado que algumas eram naturalmente imunes ao VIH. E havia também uma pequena percentagem de indivíduos descendentes de europeus do Norte que, quando infetados com o VIH, não chegavam a desenvolver sintomas. Em ambos os casos, seria provavelmente uma mutação do gene CCR5, aquele que permitia ao vírus invadir a célula. Descobertas interessantes, sem dúvida, mas que, até ao momento, não tinham conduzido à descoberta de uma vacina ou de um tratamento que fizesse desaparecer uma ou outra dessas doenças.

Na última noite de Henry ali em Lambaréné, a Dra. Méyé levou-o a visitar a modesta sepultura de Albert Schweitzer e depois jantaram sob um guarda-sol de colmo num pequeno restaurante de peixe na margem do rio.

A dada altura, Henry reparou numa criatura nas águas.

— Aquilo é uma cobra? — perguntou.

— É uma anhinha, uma ave da família dos pelicanos. Quando está na água e estica o pescoço, parece uma cobra.

— Sempre tive medo da selva — confessou ele.

— E assusta-o o quê, especificamente? — perguntou a Dra. Méyé.

— Para mim, nos lugares selvagens habita a morte.

— Pelo contrário! — exclamou ela. — Transbordam vida! Até acho que foi por isso que o doutor Schweitzer veio para cá: pela abundância de criaturas e pela sua diversidade. Há quem diga que ele se banhava nisso... diz-se assim? Que ele se banhava em toda esta vida que aqui o cercava.

— É sem dúvida uma maneira eloquente de o dizer.

Henry contou-lhe que, logo muito cedo, se sentira tremendamente inspirado pelo exemplo e pela filosofia de vida de Schweitzer. Ainda que ele fosse ateu e Schweitzer um missionário luterano nada ortodoxo, o certo é que ideias do médico alsaciano tinham deitado raiz na sua filosofia. Schweitzer subira aquele mesmo rio num barco a vapor, abrindo caminho pelo meio de um grupo de hipopótamos, movido pela busca de uma base universal para o comportamento ético, base essa que estaria necessariamente acima de quaisquer formulações religiosas. A resposta acabou por lhe ocorrer na forma de uma simples frase. «Quando eu menos esperava, ocorreu-me de forma espontânea: é o respeito pela vida», escreveu ele. A ética, concluiu Schweitzer, resumia-se a isso. «O respeito pela vida é o que garante o fundamento de quaisquer princípios morais, nomeadamente, de que o bem consiste em manter, ajudar e potenciar a vida, e que destruir, ferir ou impedir a vida se traduz no mal.» Henry guardava essas palavras no coração. De certa forma, os movimentos ecológicos e pelos direitos dos animais tinham a sua origem nos escritos de Albert Schweitzer. Depois comentou com a Dra. Méyé que a sua admiração por Schweitzer era partilhada pelo seu chefe, Jürgen Stark.

Ao ouvir o nome, a Dra. Méyé ficou sem expressão.

— Sabe de quem se trata? — perguntou Henry.

— Tive oportunidade de o conhecer — revelou ela. — Tal como o Henry agora fez, também ele esteve aqui.

— Ah sim? Ele não me disse.

— Veio enquanto peregrino. Queria visitar a sepultura. Todos os anos aparecem por cá admiradores. Idealistas, obviamente, caso contrário não se disporiam a uma viagem tão longa. Por norma, gostamos deles.

— E o Jürgen foi exceção?

— O Henry conhece-o melhor do que eu. — A Dra. Méyé desviou o olhar para o rio, como se acabasse de resolver que não acrescentaria mais uma palavra ao assunto. Mas então disse: — Algumas pessoas levam longe de mais a filosofia de Schweitzer. Detêm-se nos danos que a humanidade inflige ao mundo natural e esquecem que os humanos também são animais, logo, merecem o mesmo respeito.

— Tenho de reconhecer que o Jürgen é uma pessoa fria.

— Achei-o assustador.

— Como assim?

Mas, desta vez, a Dra. Méyé não acrescentou mais.

— Eu mal o conheço — replicou, como se a pedir-lhe que abandonassem o tema. — Até acho que já falei de mais.

Ao regressar a Fort Detrick, Henry levou consigo uma gastroenterite aguda, ou não fosse o respetivo norovírus o flagelo dos cruzeiros. Era ferozmente contagioso, ainda que ligeiramente menos no caso dos que

tinham sangue dos grupos B ou AB. Infelizmente para Henry, o seu era sangue do grupo O. Até ali, ainda não se percebera porque influía o tipo sanguíneo na incidência do vírus.

Logo que tornou a vê-lo no laboratório, Jürgen quis saber o que apurara ele com a ida ao Gabão.

— Descobri que a questão da imunidade continua a ser um mistério — respondeu Henry.

Não mencionou a Dra. Méyé ou as suas observações a respeito dele, mas o caso é que, a partir daí, começou a estar mais atento ao comportamento de Jürgen, em busca dos traços de personalidade que ela teria achado perturbantes. Porque talvez esses mesmos traços estivessem presentes nele próprio e fossem o que levara a que os seus préstimos fossem requisitados para o perigoso — sinistro, diriam alguns — trabalho a que atualmente se dedicava.

UMA TRIPLA

— Há mortes que eles nos andam a esconder — sentenciou Mildred, uma professora do quarto ano. Estavam todas a almoçar na sala dos professores. Até ali, tinham estado a debater a tremenda sorte de, em Atlanta, o vírus não ter chegado a atacar em força. A pandemia parecia estar ultrapassada e, por todo o país, as escolas tinham reaberto. As pessoas começavam a regressar ao trabalho, a frequentar os restaurantes e a ir ao teatro e a eventos desportivos. Da mesma maneira, já toda a gente deixara de usar máscara e deliciava-se a encher os pulmões com o mesmo ar que, até recentemente, tão traiçoeiro parecera. Pela sua parte, Jill decidira voltar para sua casa.

— Alguém especificamente?

— O Anderson Cooper, por exemplo. Aposto que morreu. Quando foi a última vez que o viram a apresentar as notícias?

— Ouvi dizer que o Brad Pitt também — disse uma colega.

— Não!

— Não se sabe se é mesmo verdade.

— Mas a Taylor Swift morreu, de certeza. Já foi confirmado. — Mildred parecia empolgada com a volta que a conversa levava. A natureza democrática da morte falava-lhe à sanha populista. Vivessem no tempo da Revolução Francesa e decerto ela teria ido para «operadora de guilhotina». — Houve um que morreu no metro de Nova Iorque — continuou. — Trabalhava em Wall Street. Quando saiu de casa, estava impecável; meia hora depois, pumba.

— Já se sabe quantas pessoas morreram ao todo? — perguntou outra colega.

— Dizem que, só nos Estados Unidos, foram mais de dois milhões — respondeu Jill. — Mas não creio que se saiba ao certo.

— Os fundos de pensões estão arrasados — disse Mildred.

Recém-saída da primeira vaga da pandemia, a nação fora posta ao corrente de que as bolsas norte-americanas tinham sofrido desvalorizações na ordem dos 13,5 pontos percentuais. A economia enfrentava a pior recessão de sempre. A American Airlines declarara falência e a proibição de viajar ameaçava inúmeras outras companhias aéreas. Toda a indústria dos transportes estava em rutura. Jamais fora tão evidente que os humanos funcionam em rebanho. Praticamente de um dia para o outro, deixara de se

ver gente no metro, nos comboios e nos autocarros. Também de um dia para o outro, as pessoas começaram a usá-los, embora inicialmente em números tímidos. «O pior já passou», diziam todos para consigo. «É tempo de retomarmos as nossas vidas.»

A pandemia mantinha-se em força na Europa e no Médio Oriente, mas, depois de Filadélfia, nenhuma outra cidade americana fora atingida com a mesma intensidade. Na CNN, peritos opinavam que o vírus sofrera uma mutação que o tornara menos mortífero. Na Fox, comentadores aplaudiram o pulso firme que a administração usara para travar a doença, dando como exemplo o muito criticado fecho de fronteiras.

— Ouviram a respeito da professora que morreu a meio de uma aula?
— Mildred estava imparável. — Aconteceu à frente da turma: zás, caiu morta.

— Credo, Mildred, ainda estamos *vivas*! — sublinhou uma colega.

— E ainda temos emprego — acrescentou outra.

De volta à sua sala, Jill ficou sentada à secretária a ver a pequenada regressar do almoço. Cada uma daquelas crianças tinha pela frente uma vida de luta. Os dois Darrens não partilhavam apenas o nome; um e outro tinham o pai na prisão. K'Neisha parecia-lhe ser, naquela turma, a que tinha mais capacidades, e Vicky, a mãe, fazia tudo para a proteger, mas o facto era que, na sua comunidade, as raparigas partiam em desvantagem, por inteligentes ou bonitas que fossem. Mas Jill acreditava que, mesmo com os problemas em casa e apesar da falta de recursos, aquelas crianças não se deixariam vencer. Sabia que algumas vingariam. E sentia que K'Neisha seria uma delas.

Deus queira que não lhes aconteça nada de mal, pensou.

Ao fim da tarde, foi correr para o Lullwater Park. Não estava muito longe das instalações centrais dos CPCD. Ocasionalmente, ela e Henry almoçavam juntos; faziam um piquenique à beira do lago e ela dava *Fritos* aos patos-selvagens e ao ganancioso cisne residente, que, de todas as vezes, reclamava a honra de ser o primeiro a ser servido. Os trilhos de solo argiloso serpenteavam pelo denso arvoredo adentro. O parque estava cheio de estudantes estendidos a apanharem sol. Apesar dos livros abertos ao seu lado, pareciam embriagados com o tempo esplêndido que fazia e não conseguiam concentrar-se no estudo. De volta deles, gansos-do-canadá iam debicando as ervas. Jill viu um casal beijar-se à beira do lago. Era como se viessem de outro tempo.

Nunca sentira tanto a falta de Henry. Sabia que o mundo precisava dele, não ignorava a importância do marido e do trabalho que ele levava a cabo, mas, por vezes, dava por si desejosa de serem ambos idosos, porque, então, tê-lo-ia finalmente todo para si; os longos períodos de ausência seriam coisa do passado e o mundo não mais lhe disputaria a

atenção de Henry. Até já tinham discutido o assunto; talvez se mudassem para uma cabana nas montanhas, na Carolina do Norte, por exemplo, ou em Santa Fé. Imaginava muitos momentos que ainda viveriam juntos, mas, por outro lado, sabia que estava a sonhar. Henry jamais deixaria de trabalhar, a menos que obrigado. Talvez nem abrandasse. Jamais o teria inteiramente para si.

Tinham-se conhecido num jogo de baseball dos Atlanta Braves contra os Philadelphia Phillies. Ela estava com Mark, com quem era casada. Estava a tirar o mestrado na Georgia State e Mark estava a fazer o internato complementar no Emory Hospital. A par da reputação de Henry, Mark pusera-se a falar com ele, deixando-a praticamente esquecida entre eles dois. Henry mostrara-se cortês. Era nítido que teria preferido ver o jogo sossegado, mas Mark estava resolvido a impressioná-lo. E ela reparou em duas coisas. A primeira foi que o marido estava completamente deslumbrado; nunca o vira tão interessado na opinião profissional de alguém. A conversa dele estava a ser altamente técnica — tinha que ver com uma pneumonia que andava a circular pelo Emory Hospital e contra a qual nenhum antibiótico parecia resultar —, mas, pelas reações, ela percebeu que Henry não parava de o surpreender com as suas respostas. Entre os defeitos de Mark contava-se a tendência para por vezes não se calar e se mostrar intelectualmente arrogante, mas, com Henry, parecia estar em séria desvantagem.

A segunda percepção que teve foi que Henry estava interessado nela. Primeiro, achou que ele estivesse tão-só a ser solícito. No Sul, é comum um cavalheiro pedir a opinião de uma senhora ainda que a dita opinião não lhe interesse de todo; é um pouco como segurar a porta para ela passar. Mas Henry não era um homem do Sul e tão-pouco lhe parecia do tipo de deixar de ser ele mesmo apenas por cortesia ou por uma questão de usos e costumes; o caso é que, enquanto Mark ia monologando, cada resposta que ele dava, dava-a também para ela, ainda que fossem coisas de que ela nada entendia. A dada altura, os Phillies estavam em vantagem; nesse turno, tinham pontuado em todos os lançamentos. Mark continuava a arengar e Henry não tirava os olhos do relvado, como se a dizer-lhe que se calasse um bocado e o deixasse estar atento ao jogo. A bola foi lançada para a terceira base e ela e Henry levantaram-se de um salto quando o defesa dos Braves a pisou e depois lançou a bola para o seu parceiro de equipa na segunda base, que a passou ao defesa na primeira. Deixando-se levar pela emoção, Jill abraçou-se a Henry.

— O que foi? — perguntou Mark.

— Conseguimos três passes num ensaio! — exclamou Henry.

Era uma proeza raríssima e a que ela nunca assistira. Estava a ser um jogo muito empolgante, sem dúvida, mas, ainda assim, ficou desconcertada com aquela sua reação espontânea. O que raio lhe dera para se abraçar

àquele homem baixinho que acabava de conhecer?!

Mark, que, por vezes, parecia não ver nada do que se passava à sua volta, reparou naquele abraço. No fim do jogo, convidou Henry para ir jantar a casa deles na semana seguinte. Seria a primeira de várias ocasiões. Claramente, tinha um objetivo em vista, mas outro que não uma colocação como médico; no âmbito profissional, era bastante disputado e em breve iria estabelecer-se por sua conta. Estava destinado a ser um daqueles médicos que viviam numa mansão como a do *E Tudo o Vento Levou*, numa das zonas mais seletas da cidade, e pertenciam ao conselho de administração de uma grande farmacêutica. E ela não podia negar que lhe soava apelativo levar esse tipo de vida regalada. E talvez ela própria quisesse alguma coisa de Henry. Mark queria ascender à esfera cimeira da carreira científica, queria entrar para aquele estrato onde já se pode falar de um Nobel. Não para si, claro, não se iludia quanto às suas limitações, mas podia, pelo menos, ser amigo de alguém que estivesse nesse campeonato, alguém ainda sem um círculo social estabelecido e que lhe ficaria eternamente grato por lhe ter oferecido amizade. Jill sabia que Mark estava a explorar a atração que ela sentia por Henry — e que era mútua. De certa forma, chegava a ter pena do marido.

Mas e ela, o que estava a tirar para si de toda aquela situação?

O seu próprio comportamento confundia-a. Afinal de contas, era casada. E não se podia dizer que fosse infeliz. Mas Henry era um desafio, um enigma que a intrigava. Sendo intelectualmente brilhante, conseguia deixar-se entusiasmar com um jogo de basebol. Sabia ser divertido nas conversas e isso levou-a a perguntar-se como seria ele na cama. Ligeiramente mais baixo do que ela e com uma ligeira deformação na coluna, com as pernas tortas e sempre de bengala na mão para se apoiar, não era propriamente um objeto de desejo. Ou, pelo menos, um que fosse convencional. Quando se permitiu deter-se realmente no aspeto físico dele, o que se destacava era a cabeça grande e desproporcionada em relação ao corpo, certo, mas, por outro lado, a expressão dele denotava nobreza de carácter. E achou-o bem-parecido. Tinha ar de galã, na verdade. Que Mark tenha acabado por trocá-la por uma futura herdeira de uma fortuna em fundos financeiros apanhou-a de surpresa, mas não a deixou de coração partido. Sabia que ia encontrar Henry à sua espera, sabia que ele acreditava que passara a vida inteira à espera de que ela surgisse. E era mútua.

Embora fosse dono de raras capacidades intelectuais, a sua mente brilhante vivia num corpo deformado e que o envergonhava. Ainda assim, nunca se enfurecia com aqueles que o desconsideravam ou que o olhavam com pena. Já ela, desprezava-os a todos. Jamais se inteirariam da grande qualidade que de facto distinguia Henry Parsons e que era aquilo que realmente o definia aos olhos dela: a sua tremenda capacidade de amar.

Mas havia nele outro traço a respeito do qual ela se questionava de forma incessante. Henry carregava alguma culpa que ela desconhecia. Na altura em que se tinham conhecido, naquele jogo de baseball, Henry ainda trabalhava em Fort Detrick, mas fora «emprestado» aos CPCD. Vivia num mundo secreto e jamais iria revelar-lhe o que fazia naquele laboratório. Não muito tempo depois de se conhecerem, Henry aceitou um lugar permanente nos CPCD. Já lá iam dezasseis anos.

Henry já lhe dissera que só começara realmente a viver quando a conheceu. Que, até então, apenas existira. Também dizia que o dia em que se tinham casado fora o mais feliz da sua vida. Ela sentia o mesmo. Mas a felicidade é, por natureza, instável, e amiúde ela temia que viesse a caminho um *tsunami* de desespero, temia vir de alguma forma a pagar aqueles anos de felicidade que já vivera.

No recreio, Teddy viu um menino empoleirado nas barras começar a vomitar. Uma monitora foi buscá-lo e levou-o a ver a enfermeira escolar. Já lá estavam três crianças, afligidas por náuseas e hemorragias nasais. A diretora acabava de ouvir as notícias e então ligou os altifalantes e deu o alerta — professores e educadoras deveriam reunir as respetivas turmas na sala de aula e aguardar que os pais chegassem. Alguns já estavam a par do que se passava e depressa apareceram para levar os filhos. Todos eles se mostravam aterrorizados.

Nas últimas vinte e quatro horas, em dezassete cidades dos Estados Unidos, tinham morrido dezoito mil americanos vitimados pelo vírus de Kongoli. Só em Atlanta, os números oficiais eram de mais de duzentas mortes por complicações respiratórias causadas pela gripe. Nos noticiários, os relatos iam-se sucedendo — que, estando uma família a jantar, o pai e a mãe tinham morrido à mesa, deixando quatro órfãos; que doze reclusos de um estabelecimento prisional em Detroit já tinham sucumbido e treze outros estavam doentes, o que levava as autoridades a deixarem sair todos em liberdade, uma vez que não tinham como assegurar a sua proteção. Todos esses relatos eram parábolas de uma sociedade fraturada por um desastre ao qual todos julgavam ter conseguido escapar.

Quase todas as vítimas mortais tinham morrido depressa, de uma espécie de colapso provocado por uma furiosa resposta do sistema imunitário àquela infeção. Mas havia casos em que a morte apenas chegaria ao fim de dez dias, quase sempre provocada por insuficiência respiratória aguda — por outras palavras, uma pneumonia violentíssima que por fim se tornava incapacitante. No rescaldo da pandemia de Kongoli, tinham-se multiplicado as mutações do vírus que resistiam a todos os antibióticos. A percentagem somada das mortes por gripe e por pneumonia rondava os cinquenta por cento.

Jill teve de aguardar até que aparecesse o último pai para levar o filho

e só então pôde ir buscar Helen e Teddy para irem os três para a segurança da sua casa. Mas então viu que tinha a despensa quase vazia e entrou em pânico; tinha de se abastecer antes que fechasse tudo. No bairro havia um biomercado; foi lá, julgando que estaria pouca gente, mas não, deparou com uma multidão frenética. Mulheres ainda equipadas para a aula de ioga — havia um centro logo no número do lado — iam-se esgueirando velozmente pelos corredores, por onde também andavam executivos de fato a empurrar dois (ou mais) carrinhos de compras. Outros iam deixando o estabelecimento com os braços carregados de produtos que não tinham chegado a pagar. Ainda lhe ocorreu fazer o mesmo. Os dois empregados estavam a tentar dar conta da situação e fazer o seu trabalho, mas, por outro lado, estavam assustados e aflitos para saírem dali, onde a exposição ao contágio era maior.

— Tem de ser em dinheiro — disse uma jovem indiana de ar franzino e com a tradicional pinta vermelha na testa.

— Não trago o suficiente comigo.

— O sistema foi abaixo; não se conseguem fazer pagamentos com cartão — explicou a jovem. — Tem mesmo de ser em dinheiro.

Jill reparou no maço de notas na mão do executivo logo atrás de si. Portanto, toda a gente estava mais informada do que ela. Trazia consigo exatamente quarenta e três dólares. A empregada limitou-se a aceitar a quantia sem registar o que ela levava. Jill agarrou num saco, pôs tudo lá e deixou o biomercado. A ansiedade não a deixava respirar, e, por um momento, achou que fosse desmaiar.

Logo que entrou em casa, Henry ligou pelo FaceTime. Estava no Ministério da Saúde saudita e vestia uma bata branca na qual se lia qualquer coisa em árabe. Vê-lo todo tranquilo a trabalhar fê-la encher-se de uma raiva inexplicável.

— Ainda aí estás?! — explodiu. — A fazer o quê?! Tu não és árabe! O teu lugar é aqui, a tomar conta de nós! A trabalhares no laboratório que te paga o ordenado! Mas não, tinhas de ir para a Arábia Saudita!

Tamanha agressividade apanhou-o de surpresa.

«Estou a fazer tudo para voltar», assegurou. «O embaixador americano anda a puxar cordelinhos a ver se consegue ajudar-me, mas a Arábia Saudita continua em quarentena e os voos estão parados. Não sei o que mais posso fazer...» Jill desatou a soluçar. Henry ficou silencioso durante alguns minutos, apenas a ouvi-la. Estava assustada. Provavelmente, de cabeça perdida sem saber o que fazer para proteger os filhos. Também ele ficou com os olhos húmidos e, ao tornar a falar, a voz quase lhe falhou. «Eu sei que não é justo teres de assegurar sozinha tudo desse lado», disse.

— «Justo...» — repetiu ela, quase cuspiendo a palavra. — Nem fazes ideia de como as coisas estão por aqui...

«Então diz-me.»

— Nunca me passou pela cabeça que as pessoas pudessem comportar-se assim. Com o medo, ninguém se ajuda e ninguém sabe muito bem para onde se virar. Alguns puseram-se a açambarcar comida. Outros levantaram o dinheiro todo. Havia alguns bancos alimentares, mas está tudo fechado; talvez as pessoas não tenham querido esperar numa fila, por causa do contágio, ou então a comida acabou. É cada um por si.

«Escuta, Jill, mais dia, menos dia, estou aí, prometo. Tenho os meus contactos. A Catherine está a fazer tudo o que pode e a Maria também. Há várias pessoas a precisarem de mim aí e a quererem-me de volta. Vai acontecer, prometo.»

— Há quem esteja a violar a quarentena e a fugir, já ouvi. Não podes agarrar num jipe, atravessar o deserto e apanhar um voo noutro país?

«As fronteiras estão fechadas. Há patrulhas aéreas ao longo da fronteira com o Iraque e é possível que nas outras, também. E não sei se a situação será muito melhor no Lémen. Mas isto não pode durar para sempre. O irónico é que fui eu a defender esta medida. Mas, agora que o vírus já se espalhou por todo o lado e já não há nada a fazer, estou aqui preso.»

— Oh, Henry, preciso tanto de ti aqui... — lamentou-se ela. — Eu sei que estou a ser egoísta. Que o mais importante é descobrires uma maneira de travar esta doença. Não me lembro de nada tão assustador. E podes dizer que há outros à procura da vacina ou de um tratamento, mas tu sabes que mais ninguém vai conseguir, Henry, só tu.

PROTEGER A LIDERANÇA

O vice-presidente estava de cabeça perdida.

— Mas o que raio correu mal?! Não tínhamos já arrumado o problema do vírus?! — perguntou, acusador, olhando diretamente para a tenente-comandante Bartlett.

— Afinal, não, senhor vice-presidente — respondeu ela. — Deixou de se manifestar durante uma ou duas semanas, o que tão-pouco é um fenómeno invulgar. Recorde-se que discutimos esta questão ainda na semana passada, quando o senhor vice-presidente sugeriu que toda a gente podia voltar ao trabalho.

O vice-presidente olhou-a como se quisesse matá-la, mas, para Tildy, por esta altura já se tornara evidente que Bartlett jamais fazia insinuações ou ameaças veladas. Era uma cientista pura e dura, e, ali na sala de risco, o seu único compromisso era com a verdade, o que a punha contra todos os outros que ali estavam. Embora com um tanto de má vontade, com o correr do tempo, Tildy acabara por se ver forçada a admirar-lhe a integridade a toda a prova.

— Em apenas um dia, a nossa economia já perdeu... quanto? Dois biliões de dólares? Em um dia! Num único dia, foda-se! Nem faço ideia de quando os mercados financeiros vão poder reabrir! E diga lá quantas pessoas morreram até aqui — continuou ele, sempre a falar como se Bartlett fosse pessoalmente responsável por toda a situação, porém sem lhe dar tempo de responder a uma pergunta que fosse. — Temos hospitais a trancarem as portas e a mandarem gente para trás! Nem os mortos conseguimos enterrar com a rapidez necessária! Como raio estávamos tão mal preparados para uma coisa assim?! — De novo, uma pergunta retórica. — É uma puta de uma trapalhada — rematou, esquecendo o palavreado sempre imaculado que vendia ao seu eleitorado evangélico. — Recorde-me o seu nome.

— Bartlett, senhor vice-presidente. Tenente-comandante Bartlett.

— Já tem aquela coisa dos anticorpos de que tinha falado?

— Os anticorpos monoclonais. Sim, senhor vice-presidente, já os temos. Estamos a fazer testes em furões.

— Esqueçam lá a merda dos furões. Por aquilo que já explicou, essa via é a nossa melhor chance para criarmos algum tipo de imunidade. Washington está infestada com esta merda. Há que proteger a liderança.

Qual liderança?!, pensou Tildy para consigo. O presidente andava praticamente escondido desde que o debate sobre como lidar com a pandemia chegara à opinião pública; quando falava, era apenas para culpar a oposição de ter ignorado as necessidades da saúde pública antes de ele assumir o cargo.

— OK, Bartlett — disse então o vice-presidente —, vamos fazer o seguinte: compareça na Casa Branca esta noite e leve uma dose dessa coisa para o presidente. — Refletiu por instantes. — E mais, para a família dele.

— Levo uma injeção também para si, senhor vice-presidente?

Tildy achou espantoso que a tenente-comandante conseguisse fazer aquela pergunta num tom perfeitamente neutro. Todos os olhares se desviaram enquanto o vice-presidente pensava na resposta. *É o último bote salva-vidas do Titanic*, ocorreu a Tildy. *Salvo a pele ou salvo a humanidade?*

— Quantas doses disso temos? — perguntou ele, por fim.

— Cerca de duzentas — respondeu Bartlett. — Neste momento, não podemos garantir que seja um método seguro ou eficaz. Além disso, cada indivíduo é um caso; o grau de imunidade varia. Ainda não sabemos qual a dosagem recomendável.

— Duzentas. — O vice-presidente tamborilou na mesa. — Duzentas. Quem salvar. Hum.

Tildy resolveu salvá-lo do aperto.

— Será melhor tomá-la também — sugeriu. — É uma questão de se manterem as chefias.

— Não — replicou ele. — Há gente mais importante do que eu. Chefes militares. Os secretários de cada um dos departamentos do governo. Os paramédicos. Meu Deus, ter de decidir uma coisa destas... vou ter de me aconselhar com Nosso Senhor.

Pela primeira vez, Tildy compadeceu-se ligeiramente dele.

— Outra coisa — disse, antes de dar a ordem de trabalhos por encerrada. — Creio que não devemos arriscar mais reuniões presenciais até que a fase do contágio passe. A Casa Branca vai passar ao sistema de videoconferências. Talvez a tenente-comandante Bartlett possa aconselhar como devemos proceder doravante até que o perigo passe.

Bartlett não tinha muito mais a dizer além do que já todos sabiam: ficar em casa, lavar as mãos, não sair à rua a menos que fosse algo de importância vital, e, tendo de o fazer, usar máscara e luvas.

— No caso de desenvolverem sintomas, por favor tenham presente que os hospitais já estão cheios e que poderão não ser o sítio mais aconselhável onde estar, a menos que precisem de ser ligados a um ventilador. Os que não tiverem ninguém em casa escolham pelo menos duas pessoas para lhes ligarem duas vezes por dia. Bebam muitos líquidos

e fiquem na cama.

— Pode-se tomar aspirina?

— Nunca! — exclamou Bartlett, com uma veemência que os sobressaltou. — Trata-se de uma doença hemorrágica. Não se pode tomar nada que dilua o sangue. *Aleve, Advil, Midol, Motrin, Percodan, Alka-Seltzer, Bufferin...* tudo isso está interdito. A regra mais fiável é esta: não tomem nada que vos faça sentir melhor. — Só mesmo ela para dizer aquilo. — Bem, se for só paracetamol, não há problema... — Vá lá, uma cedência.

— Olhe lá, por acaso já ouviram falar de um grupo chamado Earth Guardians? — perguntou o delegado do secretário do Estado-Maior das Forças Armadas ao representante da CIA enquanto um e outro arrumavam as suas coisas. — A minha filha do meio anda toda empolgada com aquilo. A mim, parece-me uma espécie de culto. — O representante da CIA desconhecia aquele movimento. Tal como Tildy. — Falo nisto porque eles são contra o crescimento populacional, mas de uma maneira quase fanática. Volta e meia fazem manifestações. «Abaixo a espécie humana» e mais conversa desse tipo. Parecem-me o tipo de gente que não torceria o nariz a limpar uns bons milhões da superfície da Terra. Não falo da minha filha, claro, mas enfim, ela é simpatizante do movimento.

— O FBI deteve alguns deles em Los Angeles — disse o delegado do Departamento de Justiça. — Tinham invadido um banco de esperma. Enfim, deu-lhes para aí. Escavacaram aquilo tudo. Desligaram o sistema de conservação e inutilizaram o *stock* todo. — Tildy comentou que algo assim soava a uma facção dissidente comandada por um fanático. — Sim, poderá parecer ser isso — replicou o delegado do Departamento de Justiça. — Acontece que o líder do movimento já trabalhou para o governo. Coisas ultrassecretas em Fort Detrick. Até que correram com ele e então o tipo vendeu-se aos privados.

— Um cientista? — perguntou Tildy.

— Sim, um microbiólogo. Chama-se Jürgen Stark.

TESTES EM HUMANOS

«Era uma oportunidade única», dissera-lhe Jürgen. Não haveria outra assim. Podiam testar o que, de momento, não passava de teoria. Quando tiveram esta conversa, já ele deixara Fort Detrick. Ao saber-se de experiências por si chefiadas que dificilmente se poderiam classificar como medidas defensivas, o Congresso quisera apurar a verdade dos factos. Tudo fora feito para que a pasta se mantivesse confidencial, mas houvera fuga de informação, levando a que surgissem os primeiros rumores. Depressa se decidiu que a CIA teria de se distanciar categoricamente da tenebrosa ciência que andava a ser praticada em Fort Detrick, o que implicava, desde logo, dispensar o talentoso «mago das doenças».

Mas Jürgen Stark era um nome sobejamente conhecido no mundo turvo que rodeia a comunidade dos serviços secretos e logo que se soube que ele estava de novo no mercado começou o leilão para o contratar. No rescaldo do 11 de Setembro e da Guerra do Iraque, as empresas de segurança privada tinham brotado como cogumelos. Treinados pelos melhores — a Marinha norte-americana, a CIA, a Mossad, paramilitares sul-africanos —, os seus agentes vinham do mundo dos serviços secretos e da esfera militar. A esses, juntaram-se uns quantos consultores e estudiosos políticos e uma boa remessa de piratas informáticos vindos da Agência de Segurança Nacional. Além de disponibilizarem assassinos para qualquer eventualidade, tais empresas ofereciam pacotes completos de soluções e serviços — na prática, eram autênticos departamentos de defesa, e, contanto que houvesse dinheiro para lhes pagar, podiam até mobilizar um exército.

Jürgen seria uma considerável mais-valia competitiva para a empresa que conseguisse recrutá-lo, e a vitória acabou por caber à AGT Security Associates. O nome nada deixava transparecer, era propositadamente rotineiro e anódino, mas os que se moviam nessa periferia escura sabiam que a AGT era a escolha certa para quem soubesse o que andava a fazer. No ramo da segurança privada, o passo seguinte era a microbiologia. Contratar Jürgen foi um golpe de mestre. Tinham ali o seu menino de ouro, o futuro da empresa. Jürgen tinha uma visão e estava na posse dos segredos que lhe permitiriam alcançá-la. E um desses segredos era a intrigante descoberta feita por Henry Parsons.

Em Fort Detrick, Henry andara a debruçar-se sobre derivados da

poliomielite, um dos mais temidos agentes patogénicos do começo do século xx. Tal como a gripe, também a poliomielite era um vírus RNA, transmissível através dos alimentos ou de água contaminada com fezes humanas — de resto, uma das razões por que a água das piscinas começara a ser tratada com cloro. Anualmente, durante as décadas de 1940 e de 1950, milhares de crianças tinham sido acometidas de paralisia. Nos hospitais, as enfermarias passaram a estar ocupadas por fileiras sucessivas de «pulmões de aço», os enormes ventiladores de pressão negativa — na prática, autênticas prisões onde algumas das vítimas da doença eram condenadas a passar o resto das suas vidas. Jamais se descobrira uma cura para a poliomielite, mas duas vacinas, a de Salk e a de Sabin-Koprowski, praticamente tinham erradicado a doença, sendo esse um dos grandes triunfos da medicina moderna. Ora, Jürgen não ignorava que uma população que praticamente não fora exposta à poliomielite se traduzia numa oportunidade. Ali estava um vírus altamente contagioso e com efeitos imprevisíveis no sistema nervoso central — enquanto arma biológica, não podia ser mais apelativo.

Em dada altura, Henry concentrou-se na síndrome mão-pé-boca, também conhecida por enterovírus 71, uma doença infecciosa comum que, na maioria dos casos, ocorria em crianças, e que, tendo sintomas por norma ligeiros, podia ocasionalmente desenvolver um quadro muito parecido com o da poliomielite. Esses casos mais severos ocorriam sobretudo na Ásia e amiúde provocavam danos neurológicos permanentes. No âmbito do programa científico a decorrer em Fort Detrick, Henry estava incumbido de explorar as potencialidades dos enterovírus enquanto armas, mas, como médico, considerou que, descobrindo qual o mecanismo que levava a que uma doença inofensiva tivesse consequências catastróficas, estaria a desvendar um dos mais malévolos segredos da natureza.

Acabou por encontrar uma maneira de combinar o EV71 com o poliovírus. O híbrido resultante teve um efeito deveras peculiar nos ratos que lhe serviram de primeiras cobaias: passados três dias, ficaram subitamente inanimados e permaneceram nesse estado durante várias horas. Depois, recuperaram do colapso, aparentemente sem consequências negativas ou danos permanentes. O efeito era de curta duração e benigno. Ratos não inoculados foram colocados em gaiolas com outros que tinham sido e a reação foi semelhante, o que demonstrava que o vírus era transmissível de uns para os outros. Na verdade, era extremamente contagioso.

Jürgen percebeu de imediato o potencial daquele híbrido. Não poupando elogios a Henry, chegou a dizer-lhe que era um génio. Atribuindo-lhe todos os louros, pôs-se a listar aplicações futuras para a descoberta, e Henry ficou encantado, embora ainda nem tivesse tido ocasião de pensar nas mesmas.

— Vamos mudar a maneira como se travam as guerras — declarou o seu ex-chefe. — As armas convencionais e as bombas nucleares serão coisa do passado; tudo se resumirá a germes, vírus e toxinas. Meticulosamente preparada e direcionada, uma versão em aerossol da tua descoberta (o que devemos chamar-lhe? um incapacitante? um narcótico?) incapacitará o inimigo pelo tempo necessário para o desarmar e deter. Não haverá sangue derramado e o ocorrido terá ares de fenómeno natural. E tudo graças à tua descoberta, Henry, à tua descoberta brilhante!

Um incapacitante. Um narcótico. Uma espécie de poção para dormir. Descrito por Jürgen, parecia tão benigno... na verdade, ainda nem sabiam muito bem o que tinham em mãos, visto que ainda não fora testado em humanos. Mas Jürgen estava com pressa, e, no mundo dos privados, os atalhos são sempre possíveis e desertos, selvas e áreas remotas não vigiadas existem precisamente para se fazerem experiências secretas.

— E até já temos a oportunidade perfeita para a testar em humanos — argumentou ele. — Imagina: uma floresta tropical na fronteira da Bolívia com o Brasil à mercê de um grupo de narcoterroristas. Canalha do pior, um bando de renegados das FARC. Há anos que andam a monte sem que ninguém consiga deitar-lhes a mão. Atacam aldeias, incendeiam colheitas, cometem violações, roubam a comida e impõem um regime de medo. Pois bem: isto está a acontecer de verdade. O Brasil já nos contactou a pedir uma solução e tu acabas de a encontrar!

Henry seguiu para São Paulo, onde o esperava uma equipa da AGT. A operação já estava em curso; tinham ocupado uma base aérea. A equipa era rápida e eficiente e tinha claramente em vista uma intervenção musculada. Saltava à vista que iam ser bem-sucedidos. Usariam uma aeronave de fumigação, explicaram-lhe; dali, descolariam com destino à floresta amazónica, aterrariam numa pista perto da aldeia de Corumbá e aguardariam o anoitecer. O alvo estava isolado, pelo que o risco de infetarem outros com o «agente» — assim chamaram eles à invenção de Henry — era muito reduzido. Guiar-se-iam pelas luzes das cabanas onde os terroristas se escondiam e, sendo de noite, eles nem perceberiam bem o que estava a acontecer e não poderiam fazer nada. A aeronave sobrevoaria várias vezes a aldeia. Ao contrário do antraz, que tinha de ser inalado diretamente, o «agente» de Henry era contagioso, pelo que a infeção rapidamente se disseminaria. Então, passados três dias, a equipa da AGT entraria na aldeia. Jürgen e Henry acompanhá-los-iam na qualidade de médicos e teriam ocasião de documentar os efeitos do «agente». Tudo correria na perfeição.

Henry ficou apreensivo. A operação nada tinha de científico, nem por sombras. Por outro lado, era aquilo ou recrutar voluntários, porque, forçosamente, o «agente» teria de ser testado em humanos. Assim, paralisar temporariamente um grupo de terroristas parecia-lhe a melhor

alternativa; pelo menos, estariam a dar bom uso à sua descoberta, contanto que funcionasse, claro. Além disso, os brasileiros estavam aflitos e Jürgen estava confiante no resultado. Tudo pensamentos encorajadores, mas que não o tranquilizaram inteiramente.

Ele e Jürgen passaram a terceira noite na floresta tropical. Uma agradável brisa levou a humidade e tornou o ar respirável. Ficaram a beber vinho de milho e a escutar os guinchos guturais dos bugios, que estavam a ser dizimados por uma epidemia de febre-amarela — que, segundo Jürgen, se devia às condições pouco higiénicas em que vivia a população humana ali na zona. Puseram-se a discutir os obstáculos de se tratarem os animais no seu *habitat* natural. Henry mal distinguia a expressão de Jürgen; via-lhe o cabelo platinado a brilhar à luz das estrelas e pouco mais. A dada altura, o seu ex-chefe disse algo que ele jamais esqueceria:

— Na batalha entre o homem e a natureza, não estou do nosso lado. Sou um traidor da minha espécie.

Foram essas as palavras de Jürgen.

Poderá ter sido do vinho, ou do escuro da noite, que convidava à intimidade; à sóbria luz do dia, não teria feito aquela confissão. Ao ouvir aquilo, Henry recordou as palavras da Dra. Méyé quando estavam os dois naquele restaurante de peixe à beira do rio Ogooué. Jürgen era perigoso, dissera ela. Mas nada do que Henry testemunhara até ali o fazia pensar que o trabalho desenvolvido pelo seu ex-chefe teria algo de subversivo. Só mais tarde viria a ter noção do verdadeiro alcance da confissão de Jürgen.

O SORO DE FILADÉLFIA

Às dezoito horas, a tenente-comandante Bartlett apresentou-se no portão noroeste da Casa Branca. Trazia uma mala de médico com sete doses de soro; cinco vinham de Filadélfia, as outras duas, de Mineápolis. Nos INS, discutira-se de forma discreta qual a variedade preferível para administrar ao presidente. A estirpe de Filadélfia era mais agressiva, pelo que os respetivos anticorpos poderiam oferecer proteção contra a mutação mais perigosa daquela nova gripe. Por outro lado, o soro de Mineápolis seria provavelmente mais seguro. Era impossível saber ao certo. Bartlett tinha perfeita noção de que tanto podia estar a salvar o presidente como a condená-lo à morte. O ideal seria ele desenvolver uma infeção ligeira.

Conduziram-na à ala ocupada pela família presidencial, e, uma vez lá, à «sala da cosmetologia», de que ela jamais ouvira falar. Era toda branca e intensamente iluminada. Havia uma prateleira cheia de cosméticos, escovas e pincéis vários, e um secador de cabelo profissional. Uma câmara de bronzeamento estava arrumada contra a parede. À espera dela estava o médico pessoal do presidente, um general da Força Aérea com uma covinha no queixo. Era um homem à antiga: usava lentes trifocais. Bartlett fez-lhe continência e ele retribuiu. Parecia desalentado.

— Dou eu as injeções, ou quer dá-las a tenente-comandante? — perguntou. — Não estou seguro do protocolo numa situação assim.

— Não requer nenhuma técnica especial — tranquilizou-o ela. — Recomendamos que seja dada no glúteo, junto à anca. É demasiada quantidade para o deltoide absorver.

— Nesse caso, ocupo-me do presidente e a tenente-comandante ocupa-se da primeira-dama. O presidente sente algum constrangimento por causa do excesso de peso. Os restantes, repartimo-los.

Começaram pelos filhos mais crescidos, que estavam sérios e iam tentando aligeirar a situação com piadas pouco felizes a respeito de «febre dos matos». Não se sentiram minimamente inibidos ao baixarem as calças para Bartlett dar a injeção logo abaixo da cintura pélvica, na anca. Estariam cientes do perigo a que estavam a sujeitar-se?, ocorreu-lhe. E perguntou-se também se saberiam ou se lhes faria diferença poderem estar a roubar a chance de sobrevivência a alguém que talvez fosse prioritário: um profissional de saúde, um polícia ou mesmo uma grávida. Ou iriam as coisas doravante ser assim? Iriam os ricos, os poderosos e os famosos pôr-

se na frente da fila? Estava a ser ingénua, obviamente. Claro que ia ser assim. É o país em que nos tornámos.

Fez o que lhe competia. Os filhos do presidente tornaram a subir as calças e deixaram a sala, todos a esfregarem o rabo dorido.

O presidente entrou. *Está gordo, de facto*, pensou Bartlett. Qual seria o valor de triglicéridos dele? O presidente olhou-a de fugida e ela voltou-se de costas; ocupou-se a deitar para o lixo as seringas usadas e a guardar as suas coisas na mala de médico.

— Ela não tem de estar aqui — ouviu-o dizer.

— Está à espera da primeira-dama — justificou o general.

— A primeira-dama não vem. Suponho que não confia em vocês. — O soro de Filadélfia foi-lhe injetado. — Porra, dói — queixou-se ele.

GELADO

Apesar dos avisos a respeito de andar na rua e do contacto social, Jill resolveu que tinha de ver a mãe. Não a visitava há mais de uma semana, mas era o Dia da Mãe e queria certificar-se de que a sua estava a ter todos os cuidados de que precisava. Levou-lhe um ramo de bocas-de-lobo colhidas do seu jardim. À porta do lar, deparou com um aviso: «Visitas temporariamente suspensas.» Nunca acontecera.

Estava de máscara e de luvas. Não conseguira falar com a mãe pelo número geral e Nora não tinha telemóvel. Resolvendo para consigo que aquilo não se referiria certamente à família direta, entrou. Não havia ninguém na receção. Aliás, não se via ninguém em lado nenhum. Entrou no elevador e subiu ao terceiro andar, para onde a mãe fora transferida ao fraturar a anca. Os corredores vazios não prometiam nada de bom, mas o facto era que os quartos continuavam ocupados.

— Ei! Ei, você! — chamou um idoso. — Preciso de ajuda! — Detendo-se, foi espreitar ao quarto de onde viera a voz. Ali estava ele a fitá-la, incapaz de esconder a humilhação que sentia. Ela, porém, fixou-se noutro pormenor: o fio de sangue que lhe corria do nariz. — Trabalha aqui? — perguntou ele. — Preciso de ajuda.

Jill recuou um passo.

— Eu chamo alguém — disse.

— Eles não vêm. Não vem ninguém. Tem de me ajudar. Não me sinto bem e ninguém veio fazer-me a higiene.

— Desculpe, mas só venho visitar a minha mãe.

— Tenho de ser mudado. Há fraldas além — insistiu o idoso. Com um dedo ossudo, indicou-lhe o armário.

— Sinto muito, mas não posso mesmo ajudá-lo — desculpou-se Jill. Saiu dali à pressa, mas continuou a ouvir a voz dele: «Ajude-me! Meu Deus, não há quem que me ajude?!» Sentiu um aperto no coração.

Ao entrar no quarto da mãe, encontrou-a a ver televisão.

— Que demora foi esta? — perguntou Nora num tom ríspido. — Tenho fome.

— Mãe...? Sou eu, a Jill. A tua filha.

Nora fitou-a. Naquele momento, as suas recordações estilhaçadas estavam a reconfigurar-se com base naquela nova informação. Não era habitual estar assim tão confusa. Talvez fosse por causa da máscara. Jill

ouviu mais idosos a chamarem alguém, juntando-se num coro suplicante que ia inundando o corredor. Lembrou-lhe cães a uivarem.

— Que tal te sentes, mãe?

— Tenho fome, já disse.

— Isso é bom. É bom sinal — replicou Jill. — Ainda ninguém te trouxe nada? — A mãe respondeu com um resmungo impaciente. — Fazemos o seguinte: vou num instante à cozinha e trago-te alguma coisa — disse-lhe, enquanto arranjava as bocas-de-lobo na jarra que Helen pintara na colónia de férias. — O que é que te apetece? Cereais com leite? Um gelado?

— Pode ser gelado — disse Nora.

— Perfeito. Volto já.

A situação era clara. Aqueles idosos tinham sido abandonados. Mesmo os serviços administrativos pareciam vazios. Viu que havia gente no gabinete do diretor. Jack Sperling estava sentado à sua secretária. Tinha umas olheiras enormes e nem uma réstia de esperança na expressão.

— Jack, está aqui sozinho? — perguntou ela.

— Ficámos praticamente sem auxiliares logo que surgiram os primeiros casos de gripe — disse ele. — Suponho que alguns estarão mesmo doentes, mas a maioria está só assustada. Não têm formação para lidar com este tipo de emergência médica.

— Mas, então, quem está a prestar cuidados aos residentes?

— Temos uns quantos. Mas demora algum tempo até se fazer a ronda por todos. Possivelmente, ainda ninguém levou o pequeno-almoço à sua mãe. Peço desculpa.

— Mas ainda têm comida?

— O Departamento de Agricultura tem estado a prestar-nos ajuda de emergência, mas faltam-nos algumas coisas básicas, coisas fáceis de mastigar, como manteiga de amendoim, queijo, chocolate... enfim, tudo aquilo de que eles gostam. Havia os batidos nutricionais, mas entretanto acabaram. O maior problema são os medicamentos. — Indicou-lhe uma pilha de papelada na secretária. — Quase todos os nossos residentes estão a fazer medicação especial. Já liguei para várias farmácias e estão todas a racionar os medicamentos. Passo o dia inteiro a tentar encomendar medicação para as diabetes e para os problemas de coração. E ainda há os que estão a antidepressivos, mas esses terão de esperar, porque primeiro tenho de resolver as situações mais críticas. E há outros problemas, mas não quero apoquentá-la.

— O vírus de Kongoli — disse Jill.

Ele suspirou.

— Espalhou-se por todo o terceiro piso. Infetou quase toda a ala dos que sofrem de Alzheimer e de demência.

— Não me ligou porquê?

— Seja sincera, Jill: ia querer isso? Quer levar a sua mãe para casa?

Se sim, faça favor. Pela nossa parte, encantados; menos uma boca para alimentar, menos um residente a quem temos de dar banho, de levar à casa de banho e de acordar a meio da noite para dar a medicação. Estaria a fazer-nos um favor tremendo, mas talvez não à sua família, atendendo a que a Nora foi exposta ao vírus. Pense nisso.

A cozinha ficava na cave. Uma funcionária ia mexendo flocos de aveia nuns quantos painéis. Fez um gesto quase impercetível, mas Jill percebeu. *Não se aproxime*, estava ela a dizer.

— Há gelado? — perguntou.

A cozinheira abanou a cabeça.

— Acabou — respondeu. — Há muito tempo. Se quiser, os flocos de aveia estão prontos.

Jill aceitou uma tigela, agarrou numa colher de plástico e regressou ao quarto da mãe. Felizmente, Nora já se esquecera do gelado. Sentou-se na beira da cama e começou a dar-lhe os flocos de aveia à boca.

— Conte-te que fomos visitar a Maggie? — perguntou. Sondou-lhe o olhar. A mãe estava a tentar reconhecer o nome. — Falámos muito de ti. Tinhas de ver o que ela e o Tim fizeram da quinta, até já apareceu na televisão! Ias ficar orgulhosa. — E assim por diante, como se a mãe estivesse de facto a acompanhar a conversa. Mas Jill sabia que o importante era transmitir uma sensação de familiaridade, mesmo que os nomes e os detalhes se tivessem há muito desvanecido. Enquanto ia dizendo aquelas coisas, outra voz na sua cabeça repetia: *Oh, mamã, e agora? Faço o quê contigo?*

Uma vez que Helen e Teddy tinham deixado de ir à escola e estavam fechados em casa, Henry começou a ligar diariamente de Riad às dez da manhã, permitindo que Jill saísse para pequenos recados. Levantar dinheiro ou ir ao supermercado eram lutas diárias. Quase todo o comércio estava fechado, mas, agora, havia o mercado negro. A cada dia, havia mais um bairro onde se encontrava de tudo — pelo preço certo, claro. Muitos levavam somas avultadas para terem em casa e as máquinas de levantamento automático foram ficando sem dinheiro. O governo federal tinha reservas de dinheiro impresso que resolveu pôr em circulação, mas tratava-se sobretudo de notas de dois dólares, que praticamente tinham saído de circulação e que as máquinas de levantamento automático não reconheciam.

O contágio em massa dizimara o sentimento de comunidade. Jill tinha memória de outras catástrofes naturais, como os furacões que tinham varrido a Carolina do Norte na sua infância. De cada vez que se anunciava outro, qual máquina bem oleada, a cidade de Wilmington entrava em «modo humanitário». O pai dela tinha um pequeno barco de pesca motorizado, e, de cada vez que as ruas ficavam alagadas, percorria-as e resgatava os

vizinhos que tivessem ficado encurralados nas suas casas. Enquanto isso, ela e Maggie ajudavam a mãe a preparar cabazes de comida. Ainda que se vivessem dias de tragédia, havia uma espécie de sentido de missão, e tanto ela como a irmã adoravam isso; as pessoas uniam-se e todos se preocupavam com todos.

Agora, porém, tratando-se de uma doença, não estava a acontecer nada que se parecesse. Os vizinhos tinham medo uns dos outros. Açambarcavam comida. E, ao que parecia, toda a gente tratara de se armar — as lojas de armas tinham sido as últimas a fechar portas. Os que mais se aventuravam eram os que iam vender no mercado negro; a esses interessava o lucro e nada mais. Jill tinha a certeza de que quase tudo o que encontrava à venda em tais mercados fora roubado. Toda essa gente percebera que era o momento ideal para encherem os bolsos. Finda a epidemia, estariam ricos — apenas tinham de se manter vivos até esse dia chegar. Trocou o seu colar de pérolas por uma saca de tomate e meio quilo de *rigatoni*.

O governo ia fazendo esforços para que os cidadãos mantivessem a calma. Repetiam-se os comunicados de que tudo estava a ser feito para controlar a epidemia, mas tais discursos mentirosos apenas davam azo às mais descabeladas teorias da conspiração. Com medo umas das outras, as pessoas tinham voltado costas aos mais elementares princípios que protegem uma sociedade em risco. Sabendo que a verdade não estava a ser dita, os cidadãos tinham deixado de confiar nos governantes. Andavam aterrorizados e isso estava a minar a sociedade.

Certa manhã, Jill viu-se com algum tempo para a sua habitual corrida no Lullwater Park. Chovera recentemente e o chão estava ligeiramente húmido. Sentiu-se num daqueles filmes em que os mortos-vivos tomam conta de uma cidade, deixando-a praticamente deserta; os poucos que por lá ficam passam a viver num permanente estado de alerta entre a vida e a morte. *Por enquanto, sou uma dessas*, pensou para consigo. Uma vez que não andava por ali mais ninguém, tirou a máscara.

Numa descida, deparou com um pássaro morto. Deteve-se um momento a examiná-lo. Amarela e verde-azeitona, com a cabeça e a parte de baixo do pescoço pretas, era uma ave muito bela. Da família do rouxinol, talvez. A sua irmã teria sabido, ocorreu-lhe. Talvez fosse uma ave comum por ali, mas nunca vira nenhuma. *Se sobreviver a isto, vou passar a andar mais atenta a estas coisas*, prometeu a si mesma.

Veio-lhe à memória o inverno anterior, quando o lago ficara parcialmente gelado. Já não gelava completamente. Viera vê-lo com os filhos, e Teddy fora o primeiro a reparar no cão preso no gelo.

— Coitadinho, devia estar a andar na superfície do lago — disse ela. Então ganhou consciência de que era a primeira vez que Teddy deparava com a morte. Perturbado com aquela visão, ele agarrou num pau e tentou

partir o gelo. — Não faça isso, querido — pediu ela. — Temos de esperar que o lago derreta. Nessa altura, as pessoas que trabalham no parque tiram-no daí. — Mas Teddy continuava a tentar partir o gelo.

— E os donos?! — exclamou. — Podia ser o *Peepers*!

— Eu sei, querido. Eu também estou triste. Mas ele morreu e não vamos poder trazê-lo de volta.

Teddy já sabia o que era a morte, mas de forma abstrata, um pouco como a noção que as crianças têm do sexo. Naquele dia, porém, passou a saber *mesmo* o que era a morte e todo ele tremia, tal a magnitude da revelação. Agora, ao recordar essa conversa, Jill perguntou-se o que mais poderia dizer sobre a morte a Teddy e a Helen. Os seus filhos estavam assustados, mas ela não estava menos. Deu por si a lamentar ter perdido a fé. Em pequena, mais ou menos com a idade que os filhos agora tinham, pudera contar com as suas certezas quase absolutas a respeito de Deus e do Céu. *Eles não têm isso*, refletiu. *Porque nós não lhes transmitimos nenhuma dessas ideias*. Talvez a religião mais não fosse do que mentiras e mitos urdidos para combater o medo da morte — precisamente o que ela agora sentia. E, atualmente, viver livre de superstições e no mundo dos factos parecia ser algo de que as pessoas se deviam orgulhar. Henry era hostil para com a mera ideia de religião, daí jamais lhe passar pela cabeça confessar-lhe que, por vezes, sentia falta de espiritualidade na sua vida. O momento atual era uma dessas vezes e ela não sabia como preencher esse vazio.

Ao sair do arvoredado cerrado, deparou com vários indivíduos vestidos de camuflado a darem comida aos patos. Estavam precisamente onde ela própria estivera não há muito tempo — há poucos dias, parecia-lhe, antes de o mundo mudar. Havia algo de estranho naquela cena. Voltou o olhar na direção da ladeira íngreme para lá do lago. Um bando de gansos-do-canadá viera pousar ali. Não, não estavam pousados — estavam caídos.

— Ei, o que é isso que andam a fazer?! — perguntou a um dos que estavam a dar de comer aos patos. Viu que ele trazia um distintivo ao peito.

— A senhora não devia estar aqui. Escusa de ver isto.

— Estão a matar as aves?

— Não nos agrada, mas são as ordens que temos.

Enquanto falava com eles, Jill viu o cisne sair a custo do lago e avançar pelo pavimento. Era aquele que, se ela não trazia *Fritos* ou migalhas de pão para ele comer, vinha dar-lhe bicadas nos pés e sacudia as asas, sobranceiro, como que a mostrar-lhe desprezo. Ali estava agora, a avançar como que embriagado por chão seco, a cabeça a pender-lhe qual peso morto. Ao chegar ao outro lado da estrada, caiu sem vida no meio das ervas.

Enquanto a mãe estava fora, Helen e Teddy ficaram à conversa com o

pai pelo FaceTime. Disseram-lhe o que andavam a fazer e os livros que andavam a ler, e, por sua vez, Henry levou-os num passeio virtual pelas ruas vazias da capital saudita. Lá, era a tardinha e o sol já não queimava, por isso pôde mostrar-lhes como era aquele austero país estrangeiro com toda a gente sem poder sair de casa, tal como eles em Atlanta.

Teddy passou quase toda a conversa zangado. Nem parecia dele.

— Tu não queres saber — replicou, quando Henry lhe perguntou a respeito do seu novo projeto de ciência: um rádio.

«Claro que quero, filho», assegurou Henry. «Aliás, eu tentei fazer um quando andava no oitavo ano e não consegui.»

A ideia de que o pai quisera fazer alguma coisa e não conseguira intrigou Teddy, que de seguida perguntou:

— Porque é que não consegues curar esta doença? Pensei que eras a pessoa que sabe fazer essas coisas.

«Suponho que sou», confirmou Henry. «E estou a fazer tudo para conseguir. Mas é muito difícil.»

Quando chegou a sua vez de falar, Helen tinha outras preocupações.

— A mãe não está bem — contou. — Está sempre nervosa. Quer fingir que tem tudo controlado, mas depois anda sempre a chorar. Quando julga que não estamos a ver.

«Está a ser um momento horrível», disse-lhe Henry. «Estamos todos a enfrentar desafios como nunca julgámos que nos seriam colocados. E sei que o mesmo vale para ti. Mas também sei que és forte, Helen, e que a mãe e o Teddy podem contar contigo. Talvez sejas a mais forte da nossa família. Sabes disso, não sabes?»

— Acho que sim — reconheceu ela, quase num murmúrio.

«Claro que és a minha menina pequenina, e, se tudo correr bem, em breve não vais ter de te preocupar com estas coisas. Mas, por agora, preciso que sejas crescida, de acordo?»

Ela refletiu no que ele dissera e então perguntou:

— Pai, tu acreditas no Céu?

Não escapou a Henry como ela desviara os olhos do ecrã. Talvez a envergonhasse perguntar aquilo tão sem rodeios. Ou talvez temesse a resposta.

«Digamos que não deixo de acreditar», respondeu.

— Vá lá, diz mesmo o que achas. Não fales comigo como se eu fosse uma criancinha.

Henry percebeu que estava a fugir à questão, uma das mais importantes que a filha jamais lhe colocara.

«Bem, tu sabes que eu não sou uma pessoa religiosa», respondeu então. «Sou um cientista. Para mim, o Universo é um mistério com uma solução. Mas, quanto mais sei sobre a vida, mais baralhado fico. Nós existimos porquê? Não sabemos e talvez nunca cheguemos a saber. E

Deus, existe? Muitas vezes, quando observo ao microscópio algum ser vivo infinitamente pequeno, custa-me acreditar que seja tão belo e que tenha de facto uma função, e então tenho de me dar um momento para recuperar o fôlego. Como surgimos nós e o que leva a que possamos estar agora a conversar assim, em vez de sermos como o robô do Teddy, que apenas obedece às ordens do seu amo? Estou a dizer-te em voz alta coisas que nunca disse nestes termos a mim mesmo, sozinho com os meus botões. Ponhamos a questão assim: à superfície, encaro a vida como sendo de uma simplicidade maravilhosa. Um exemplo: temos um nome para cada cor. Ao comermos, reconhecemos os sabores das coisas. Ao ouvirmos som, sabemos se é música ou não. Ao olharmos para um espelho, vemos uma pessoa e sabemos que somos nós.

» Mas, se olharmos para dentro dessa pessoa, se agora olhássemos para dentro de ti, por exemplo, veríamos algo de muito mais complicado. Começaste por ser uma celulazinha minúscula, mas agora és feita de biliões de células que se formaram a partir dessa célula original e cada uma tem a sua função. E, embora vás chegar a muito velhinha, a cada minuto morrem milhões de células tuas e nascem novas. Ainda assim, nunca deixas de ser tu.»

— E para onde vão essas células que morrem? — perguntou ela.

«São absorvidas pelo corpo, que usa a energia delas para criar novas células. Mas todas são “células Helen”. Depois, se espreitarmos ao interior de uma dessas células, a coisa complica-se mais ainda. Lembras-te do microscópio eletrónico que te mostrei no meu laboratório?»

— Sim.

«Com aquele microscópio, consigo ver qualquer célula ampliada dez milhões de vezes. Consegues sequer imaginar o que isso significa? Quanto mais investigo, mais me custa acreditar. E, por mais que avance, haverá sempre uma porta que não alcanço. Haverá sempre um segredo por revelar. Se conseguisse abrir essa última porta, talvez encontrasse aquilo a que se chama “alma”.»

— E o Céu?

«Não sei. Ninguém sabe, na verdade. Já ouvi falar de pacientes que morreram durante uma operação e depois foram ressuscitados e alguns contam que viram amigos ou familiares que já morreram. Encaro isso como um dado de referência, algo que é interessante, mas que não se pode provar. Quem me dera poder dizer-te que há vida depois da morte, que vais reencontrar todas as pessoas de quem gostas e que viveremos juntos para sempre. Mas não tenho como provar que isso é verdade ou que é mentira.»

Helen assentiu e Henry temeu tê-la desapontado. Mas então ela disse:

— Eu acredito no Céu. E acho que os nossos sonhos são isso.

«Como assim?»

— Temos um certo número de pessoas nas nossas vidas e vamos

vivendo uma série de acontecimentos, depois sonhamos e reorganizamos isso tudo, e vivemos outros acontecimentos e por vezes conhecemos novas pessoas, e então passamos por aventuras extraordinárias. Isso é o Céu. Mas também acontece termos pesadelos. Aí, já é o Inferno. Ou seja: talvez o Céu não seja um lugar para onde só vamos depois de morrer. Se calhar, já vivemos metade das nossas vidas acordados, na Terra, e a outra metade, no Céu, depois morremos e passamos a viver sempre no Céu.

Naquele momento, Henry admirou a filha.

«É uma teoria muito sofisticada», elogiou.

BISCOITOS DA AVÓ

Jill tornou a ir visitar a mãe ao lar — e, desta vez, Nora reconheceu-a logo que a viu entrar.

— Calça luvas — foi a primeira coisa que lhe disse. No peitoril estava uma caixa de luvas descartáveis. Jill tirou um par e calçou-o, depois tirou um segundo par para a mãe. Segurou-lhe a mão.

— Vou levar-te comigo para casa — disse-lhe.

— Não é preciso. Estou bem aqui.

— Quando foi a última vez que comeste?

— Não tenho fome.

— Trouxe-te uma coisa, queres ver? — De um saco de compras, tirou uma embalagem de gelado de baunilha. Era das pequenas, mas custara-lhe todo o dinheiro que na altura tinha consigo: vinte e quatro dólares.

— Não devias estar aqui — disse-lhe Nora.

— Vim cheia de vontade de te dar a comida à boca, como se fosses pequena. Fazes-me a vontade? — Nora sorriu. Era a primeira vez, em meses, que Jill a via fazer isso. Não enchendo muito a colher, levou-a à boca da mãe. — Baunilha é o teu sabor preferido, certo?

Nora assentiu. Depois de provar aquela primeira colher de gelado, praticamente devorou o resto.

— Os teus filhos... — disse, num tom vago.

— A Helen e o Teddy. Estão bem. Estão fartos disto. Estão desejosos de que eu chegue contigo.

— Amo-os muito.

— Eu sei. E eles também.

— Não posso ir para tua casa.

— Mãe, eu não posso deixar-te aqui.

— Não posso ir. Estou doente.

Jill sentiu o coração disparar e tentou manter a calma.

— Mãe, eu quero cuidar de ti.

— Nem devias estar aqui — replicou Nora. O queixo tremeu-lhe ao dizer o resto que tinha para lhe dizer: — Já não sei onde pus o testamento e o resto da papelada. Fica tudo para ti e para a... — Frustrada, furiosa, fixou-se no teto falso.

— Maggie.

— É tudo para ti e para a Maggie. — Deteve-se um instante. pensativa.

— Eu ainda tenho carro?

— E que tal não falarmos disso agora?

— Não quero um funeral com muita gente.

— OK.

— Quero ser enterrada em Oakland, ao lado do teu pai. — Nora lembrava-se das coisas mais surpreendentes, ou talvez aquelas fossem as únicas que afinal tinham importância para si. Acrescentou que queria que o serviço fúnebre ficasse a cargo do seu pastor na Igreja Metodista da Universidade de Emory. Jill sabia a quem ela se referia, mas não lhe disse que seria provavelmente impossível, ainda que a igreja em questão continuasse aberta e o pastor ainda fosse o mesmo.

— Amo-te muito, mamã — disse-lhe, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Eu sei que sim.

Jill deu-lhe mais uma colher de gelado à boca.

Três dias depois, Nora foi sepultada no cemitério de Oakland, um dos mais bonitos espaços verdes de Atlanta. Ficava no lado sul da cidade e existia há quase dois séculos. Não ficou ao lado do marido. Os mortos para enterrar eram tantos que foi aberta uma vala comum. Tal como fizeram com a maioria, limitaram-se a embrulhá-la num lençol. As funerárias tinham todas fechado temporariamente, não só por medo do contágio, mas porque os caixões estavam esgotados. Foram alugados camiões para trazerem os corpos. A uns poucos tocou a honra de serem amortalhados. Vários desceriam à cova de pijama ou em camisa de noite e muitos seriam enterrados nus. Homens vestidos com fatos de polipropileno passaram os corpos para paletes, que depois foram descidas à vala numa empilhadora de garfo. Compareceu tão-só um punhado de pessoas. Não era uma cerimónia que alguém desejasse realmente ver.

Por momentos, Jill distraiu-se a ouvir o canto de uma cotovia que viera pousar numa magnólia. Era uma melodia alegre. *A vida continuará e será sempre o mais maravilhoso milagre, com ou sem nós*, ocorreu-lhe. E desfez-se em soluços.

Sentiu alguém a ampará-la. Só ao fim de um momento reconheceu o rosto escondido pela máscara — era Vicky, a mãe de K'Neisha, a sua favorita no infantário. Não falaram. Sob o olhar de Jill, um dos homens vestidos com um fato protetor dirigiu-se à bagageira do *Nissan* de Vicky, tirou de lá uma pequena forma alongada embrulhada num lençol e veio pousá-la sobre os outros corpos que já estavam na paleta.

Não parava de deixar cair coisas. Desta vez, tinham sido as lentilhas; conseguira derramá-las por todo o fogão.

— Mãe, a gente comeu isso ontem à noite — queixou-se Helen. Jill já ia dizer-lhe que ficasse calada, mas conseguiu travar-se a tempo.

— É outra receita — explicou, no seu tom mais leve e descontraído. — Desta vez, são lentilhas com molho picante.

— Fantástico.

Foi dar uma olhadela à despensa. Tinha de haver mais alguma coisa que pudesse juntar às lentilhas. Por um lado, a última coisa que queria era fazer os filhos passarem fome, mas, por outro, parecia-lhe uma boa estratégia racionar as provisões até que a epidemia passasse — e então o comércio reabriria, as máquinas de levantamento automático voltariam a estar operacionais e tudo voltaria ao normal. Consequira juntar uma pequena provisão de enlatados, e, no congelador, havia gelados de pauzinho, uma embalagem de ervilhas e uma truta, que, com sorte, era como o vinho e apurara com o tempo. Resumindo: não se aguentariam por mais do que alguns dias.

Reparou num pacote de farinha no fundo do frigorífico. Era um velho hábito sulista que lhe fora inculcado pela mãe: a farinha guardava-se no frigorífico para não ganhar bicho. Ainda havia um resto de gordura vegetal. Dava à conta para fazer biscoitos. Em pequenas, quantas vezes ela e Maggie tinham subido para bancos para ajudarem a mãe a estender massa para fazer bolachas, tartes, e, sobretudo, biscoitos — que saíam do forno quentinhos e estaladiços e inundavam a cozinha de um aroma delicioso que ela ainda hoje recordava tão nitidamente como se estivesse a cheirá-lo naquele momento. Só a recordação deixou-a com as pernas bambas, a ponto de se agarrar ao balcão para não cair.

— Não há leite — disse, num tom apático.

— Mãe, está tudo bem? — perguntou Helen, que começara a vigiar-lhe de perto as mudanças de humor.

— Ia fazer biscoitos, mas não temos leite.

— Tem de ser com leite? — perguntou Teddy, com um ar culpado. Fora ele a beber o resto que ainda havia.

— Para ficarem como os biscoitos da avó, sim.

Vencendo o medo, Helen sugeriu:

— Podemos perguntar à senhora Hernández se nos dá leite e depois pagamos-lhe com biscoitos. — Entre os dois, ela e o irmão estavam convencidos de que a Sr.^a Hernández era uma bruxa.

— O que te leva a pensar que ela tem leite? — perguntou Jill.

— Se tem gatos, tem leite.

Jill entregou-lhe um copo medidor.

— Leva o Teddy. Diz-lhe que não tem de ser uma chávina cheia.

Helen não previra ser ela a encarregar-se da tarefa, mas a mãe estava um bocado esquisita, o que a assustava. Estava disposta a tudo para a animar. Sentia qualquer coisa no ar, algo que não estava a ser dito, mas que podia ser sério.

Logo que ela e Teddy saíram, Jill sentou-se à mesa da cozinha e

desatou a chorar.

Pouco sabiam a respeito da vida da Sr.^a Hernández. Jill calculava que ela tivesse uma modesta pensão de reforma e uma ajuda extra da Segurança Social, que, olhando às garrafas e latas vazias com que enchia o contentor dos reciclados, gastava em bebida para si e em comida para os gatos. Qualquer que fosse a hora, tinha sempre a televisão aos berros. Amiúde havia — houvera, melhor dizendo — entregas de compras de supermercado e de pizzas. Tinha um *Ford Focus* que raramente saía da garagem. Jill suspeitava que ela sofria de agorafobia.

Ao subirem, Teddy deu a mão à irmã. Não havia luz nas escadas e a Sr.^a Hernández não parecia ter pressa de substituir as lâmpadas. Só ali tinham subido em duas ocasiões, uma e outra no Halloween. Das duas vezes, a Sr.^a Hernández dera-lhes chocolates *Mars*. Lá estava, ao cimo das escadas, a porta com painéis de vidro. Helen bateu. Ouviram o soalho ranger; era a Sr.^a Hernández que aí vinha. A porta abriu-se e ali estava ela: de robe azul, gorducha e de cabelos brancos.

— Olá, pequenos — saudou. Depois: — *Blackie!* — Um gatarrão preto acabava de passar por eles. Parou nas escadas, como se indeciso. — Ela já volta — disse a Sr.^a Hernández. — Anda em explorações.

— Estamos a fazer biscoitos — atalhou Helen. — Podemos trazer-lhe alguns, se quiser.

— Oh, que amores!

— Mas falta-nos o leite.

Um gato malhado veio esfregar-se na perna de Teddy. Era estranho: a Sr.^a Hernández tinha o apartamento às escuras, mas lá fora estava um dia tão bonito...

— Leite? Disseste que precisas de leite? Mas o leite é para os meus meninos... — replicou a Sr.^a Hernández, fitando Helen com cara de poucos amigos. — Quantos biscoitos ofereces?

— Quantos quer?

— Seis — declarou a Sr.^a Hernández.

— Quatro.

— Sem leite, não fazem os biscoitos.

— Sem farinha nem manteiga também não — replicou Helen.

— Cinco — propôs a Sr.^a Hernández.

— Quatro — teimou Helen. Seguiu-se uma longa pausa. Vendo que a Sr.^a Hernández não dava pio, rodou nos calcanhares e puxou Teddy pela mão.

— Que quantidade de leite?

— Uma chávena, disse a minha mãe.

Teddy já ia corrigi-la, mas a irmã deu-lhe um toque, a dizer-lhe que ficasse calado.

A Sr.^a Hernández foi até ao frigorífico. Helen viu o que ela ali tinha: três garrafas de leite e pouco mais. A Sr.^a Hernández mediu rigorosamente uma chávena e voltou.

— Quatro biscoitos — recordou a Helen, antes de lhe devolver o copo medidor. — Onde raio se meteu a *Blackie*...?

A gata preta estava a arranhar a porta que dava para o exterior. Queria ir lá para fora. A Sr.^a Hernández passou-lhe um braço em volta e levou-a para dentro.

Depois do jantar e de Helen lavar a louça, Jill pediu-lhe, e a Teddy, que viesse à sala. Tinha de lhes falar, disse.

Percebeu que possivelmente estava a assustá-los, mas não sabia de que outra maneira fazer aquilo.

— Vocês dois sabem que esta gripe terrível é muito perigosa, não sabem? — perguntou. Helen e Teddy assentiram. — Conhecem alguém que esteja doente?

— Quatro meninos da minha turma, pelo menos — disse Teddy. — Mas eu acho que são mais.

— Sim, são mais — replicou Helen. — Muitos mais.

— Imagino que sim — disse Jill. — Basta ver o que dizem na televisão. Há gente a adoecer no mundo inteiro.

— O pai está bem? — perguntou Helen, lendo nas entrelinhas.

— Sim, querida, o papá está bem. Está a fazer tudo o que pode para ajudar as pessoas. É motivo para nos sentirmos os três muito orgulhosos dele, não acham?

Helen assentiu, muito séria.

— Estou zangado por ele não estar aqui — disse Teddy.

— Eu sei — respondeu Jill. — Eu também queria que o papá estivesse aqui connosco. Ele ia saber como vos dizer isto. O vosso pai sabe sempre o que dizer.

— O que foi, mãe? — pressionou-a Helen, alarmada.

Jill ensaiara o discurso.

— Bem, vocês sabem que há muitas pessoas muito doentes e que algumas não melhoram. E morrem. Sabem o que isso quer dizer, certo? — Eles assentiram. Jill via-lhes a apreensão nos olhares. — A tia Maggie ligou. É a vossa prima, a Kendall. Adoeceu. E depois piorou. — Helen estava branca. — Foi na segunda-feira. Já estava muito mal e não se pôde fazer nada.

— Como é que ela ficou doente? — perguntou Teddy.

— Não se sabe, meu amor, mas algumas pessoas acham que a doença estava nos porcos.

— A *Rainha Margarida* morreu? — perguntou Helen.

— Sim — disse Jill, omitindo que Maggie levara todo o gado para um

pasto afastado e o abatera. Tão-pouco lhes disse que o tio Tim também estava doente e que ela própria sepultara a avó deles nessa manhã. Uma coisa de cada vez.

O QUE ACONSELHAS?

O vírus evoluíra — otimizara-se, por assim dizer — e voltara ao ataque com uma veemência que deixara os investigadores desanimados. Afinal, estavam a ver-se confrontados com a sua incapacidade de o travarem.

— Até aqui, perdemos todas as jogadas — disse Henry à sua equipa, reunida em videoconferência por Skype. — Já deram uma olhadela à vacina universal contra a gripe que os INS estão a desenvolver?

«É para as gripes dos tipos A e B e ainda está em testes», replicou Marco.

— Certo, mas os voluntários estão vivos? Por aí talvez consigamos perceber se tem potencial para ser usada contra este vírus.

«Vamos averiguar.»

— E a vacina da Pfizer? — perguntou Henry a Susan, uma jovem estagiária que fora promovida e que agora ocupava o lugar vagado por um dos melhores da equipa. Que deixara de vir ao laboratório. Ninguém sabia o que era feito dela.

«Os testes iniciais em animais foram promissores», respondeu a ex-estagiária.

— Só sabes isso?! — replicou ele, ríspido. — Essa informação já tem dois dias!

«Não temos...»

— Não há termo comparativo?! Um estudo inicial?!

«Ainda não temos nada disso!», defendeu-se ela, à beira das lágrimas.

«Henry, por aqui estamos todos de direta», disse Marco, tentando deitar água na fervura. «Ninguém dormiu. Ninguém esteve com a família. Na prática, metade da equipa passou a viver aqui no laboratório. Estamos a fazer tudo o que podemos.»

— Eu sei que sim, eu sei que sim, não levem a mal — desculpou-se Henry prontamente. — Estamos todos frustrados com isto, eu sei. — Era escusado repetir que precisavam de mais tempo. Todos sabiam. Tal como sabiam que não o tinham.

Tildy pôs-se confortável no sofá, acompanhada da *Baskin*, a sua pequinesa já velhinha. Estava prestes a dar-se um momento histórico. Mas ela já sabia o que o presidente ia anunciar: a partir do dia seguinte, haveria tropas federais a patrulhar as cidades americanas para protegerem tanto a

propriedade privada quanto as instalações governamentais. Os serviços de saúde seriam nacionalizados com efeito imediato. Os estacionamento dos centros comerciais seriam reconvertidos em enfermarias de campanha. A Cruz Vermelha ia pôr em marcha um programa de voluntariado em massa. As farmacêuticas passavam a estar ao serviço do Estado e deveriam focar-se exclusivamente em desenvolver uma vacina não apenas para o vírus de Kongoli, mas para as gripes de uma forma geral. O objetivo: garantir imunidade contra as mesmas para o resto da vida. O presidente iria recordar a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial e a erradicação da varíola como exemplos de feitos que, na altura, tinham também parecido impossíveis. E terminaria assegurando que o governo norte-americano não olharia a meios ou às consequências na proteção não só do seu povo, como de todos os povos do mundo contra a mais mortífera peste que a humanidade jamais conhecera.

O discurso do presidente, feito a partir da Sala Oval, seria transmitido em todos os canais. Na CNN, todo o painel de comentadores estava de máscara e luvas, o que decerto iria provocar reações, atendendo a que mesmo nos hospitais havia escassez de ambas. Os comentadores iam falando num tom muito sério e ponderado, mas sentia-se que estavam eufóricos por serem parte daquele momento. No futuro, não haveria retrospectiva histórica que não mostrasse aquela imagem: um painel de comentadores, todos de máscara. Ficariam para sempre ligados àquele acontecimento histórico. Constaria dos seus obituários.

Por fim, surgiu o presidente, sentado à sua icónica secretária na Sala Oval. Estava ainda mais bronzeado do que o costume. Das duas, uma: ou andara a fazer sessões extra na sua câmara de bronzeamento, ou tinham-lhe aplicado uma camada maciça de uma base mais escura. Apesar da cosmética, Tildy achou-o nervoso. Talvez estivesse amedrontado com a responsabilidade que lhe tocara. Da mesma forma, decerto já estaria a par da onda de indignação na sequência do artigo no *Post* a respeito de a sua família ter sido inoculada. Fora ela a passar a informação, claro.

«Caros concidadãos», começou ele, a falar meio tom acima do seu registo habitual, «uma vez mais, enfrentamos um enorme desafio. Uma vez mais, o mundo inteiro pôs os olhos na América, porque só nós podemos fazer a diferença. E eu garanto que venceremos o desafio, que venceremos esta doença.» Parou um instante para enxotar uma inoportuna mosca.

«Esta noite anuncio grandes mudanças no modo como o nosso país, perante esta crise terrível, vai funcionar daqui para a frente», continuou ele. «Antes de mais, quero dizer-vos que o nosso sistema constitucional vai sobreviver ao teste.» E lançou-se na enumeração das várias medidas que ia impor; mesmo sendo uma lengalenga enfadonha, pareceu deixá-lo mais arrebitado. «Lei marcial», declarou, dando com o punho cerrado na secretária. «Sim, eu sei como soa, mas, tal como disse um grande homem

que no passado se sentou nesta mesma sala, não temos nada a temer senão...»

Algo que parecia uma lágrima correu-lhe pela face. Ele limpou-a discretamente, mas seguiu-se outra, e, então, todos — Tildy, o próprio presidente e todo o povo americano — perceberam que aquilo não eram lágrimas, mas sim sangue. O presidente estava a sangrar dos olhos. A transmissão foi interrompida sem que ele chegasse a concluir a frase.

Passados vinte segundos, Tildy recebeu uma chamada pelo número encriptado. «Vamos acionar o PCO.» A voz referia-se ao Plano de Continuidade de Operações: o presidente continuava vivo, mas não em condições de governar, pelo que o vice-presidente assumia o seu lugar. Naquele momento, já estaria a ser levado para o Centro de Operações de Emergência de Mount Weather, juntamente com os membros seniores do seu gabinete. Escondida numa caverna na subcordilheira Blue Ridge, na Virgínia, havia uma cidade em miniatura. Tinha cerca de vinte edifícios, alguns com primeiro e segundo andar, e doravante funcionariam lá os vários serviços do governo. Estava equipada com a sua própria estação de tratamento de esgotos e com a sua própria central elétrica. Tinha um estúdio de rádio e televisão para comunicados de emergência, um crematório e acomodações para o presidente, para os que integravam o seu gabinete e para os juizes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Mount Weather ficava a cerca de oitenta quilómetros de Washington e todos esses seriam retirados por ponte aérea. Vários, porém, recusaram-se a separar-se das suas famílias, e havia o caso de um que já estava demasiado doente para fazer a viagem (de qualquer modo, ninguém que apresentasse sintomas seria levado para lá). O porta-voz da Câmara dos Representantes, que era o próximo na ordem sucessória de governo, foi levado para Camp David, uma base militar no Maryland igualmente equipada com um *bunker* de operações por baixo da residência presidencial, com acesso a toda uma infraestrutura escavada nas montanhas Catoclin e pronta a receber o Departamento de Defesa.

Tildy veio a saber mais tarde que, porque o vice-presidente estivera em contacto com o presidente quando este já contraíra o vírus, à chegada a Mount Weather o isolaram numa grande bolha de plástico, normalmente usada nas embaixadas como proteção contra os ataques com armas biológicas. O vice-presidente, agora o homem mais poderoso do mundo, estava a ser alimentado por um tubo, e, dentro daquele balão higiénico, ia governando a América.

Da janela do seu apartamento num prédio de luxo, Tildy avistou os cais vazios e as águas do rio que iam seguindo, indiferentes. A natureza voltara as costas à humanidade.

III

NAS PROFUNDEZAS

IDAHO

No verão anterior, numa atitude que não lhe era de todo típica, Henry cometera uma excentricidade: comprara um *Suburban* praticamente novo, espaçoso como um miniautocarro escolar, carregara-o com sacos-camas, tendas, geleiras e canas de pesca e levara a família numa excursão por essa América fora. Dormiam nos Holiday Inns que iam encontrando pelo caminho, e, ao entrarem na zona das montanhas, passaram a acampar nos parques nacionais. Jill aprendeu a cozinhar num fogão portátil e então, para o pequeno-almoço, havia sempre panquecas de mirtilo na chapa, e, à noite, assavam batatas nas brasas da fogueira e grelhavam as trutas que Henry e Teddy apanhavam em riachos tão cristalinos que por vezes mal se via a água. Amiúde sorumbática, como era seu apanágio, ainda assim Helen mostrou-se extasiada com a natureza. Desaparecia e ficava a ler ou a ouvir música a sós consigo, o que preocupava Jill, que não queria perder os filhos de vista. Depois, passadas umas horas, lá regressava Helen, agora com flores no cabelo.

Estavam rodeados de beleza, mas também de perigos com os quais, enquanto família urbana por excelência, jamais tinham contactado — e, precisamente para colmatar essa inexperiência, Henry tratou de os levar cada vez mais para o coração da natureza. Era sua teoria que, enfrentadas em doses viáveis, as dificuldades lhes fortaleceriam o carácter, deixando-os mais aptos a enfrentarem desafios exigentes que a vida talvez viesse a colocar-lhes. Ali nas montanhas, longe de todos os confortos, sem Netflix, *wi-fi*, frigoríficos, casas de banho e tudo o mais que a civilização dava como garantido, havia que fazer pela vida. Punham-se de lado os *gadgets*, dormia-se sob as estrelas — «parece que estamos a dormir debaixo da árvore de Natal», disse Teddy da primeira vez que o fizeram, num pequeno parque de campismo no sopé do pico Uncompahgre, no Colorado — e cada um via-se assim confrontado com a massa de que era feito. Helen acordou sobressaltada e deu um grito ao perceber que um veado ainda novinho viera lamber-lhe o sal da cara. Assustado, o bando desapareceu por entre as árvores. Eram rápidos e silenciosos como fantasmas.

A civilização pode alhear-nos a tal ponto da nossa verdadeira natureza, que jamais chegamos a saber quem realmente somos — ou, pelo menos, assim pensava Henry. Por isso, reservou algum tempo para ensinar Teddy e Helen a improvisarem utensílios básicos usando paus, a darem vários

tipos de nós e a fazerem uma fogueira. Teddy andava nos escuteiros, portanto já sabia o básico. O mesmo não acontecia com Helen, que era quatro anos mais velha, mas depressa alcançou o irmão. Quanto a Henry, não temia propriamente que algum dos filhos ou a mulher fosse mordido por uma cobra ou caísse de um ponto elevado, mas havia o receio de poder estar a levá-los para cada vez mais perto do perigo. O seu grande medo era acontecer alguma coisa e ver-se incapaz de os proteger.

Ainda assim, foi insistindo e continuaram a aventurar-se cada vez mais adentro, por pontos do mapa onde as estradas terminavam abruptamente. Depois do Parque Nacional de Yellowstone e do Parque Nacional Grand Teton, resolveu que já chegava de parques nacionais, com as suas confortáveis casas de banho com chuveiros e sanitas. Já chegava de acampar com lugar marcado. Vieram então as rotas dos madeireiros nas florestas nacionais que ocupavam uma vasta área da região oeste do país. As áreas verdes no mapa indicavam as zonas públicas, um território sem fim que poderiam explorar à vontade. Por causa da sua incapacidade parcial, Henry não se ajeitava com longas caminhadas, mas, em compensação, tinha faro para os trilhos não assinalados que se podiam fazer ao volante de um jipe e dos quais o volumoso *Suburban* conseguia dar conta. Jill andava uma pilha de nervos; ora temia que se partisse a transmissão, ora que se danificasse alguma coisa na parte inferior da carroçaria, porque então ver-se-iam naufragados no meio do nada. Já Henry, contanto que houvesse combustível no depósito, nada receava. Pouco lhe ralava que se perdessem — na verdade, parecia ser esse o seu objetivo. Sentada ao seu lado, Jill ia resmungando se não podiam ir mais devagar ou que talvez fosse melhor voltarem para trás, e então, de repente, viam-se no meio de uma extensão inteiramente recoberta de flores amarelas ou arroxeadas até onde a vista alcançava, e era uma visão de cortar o fôlego. Chegava a ser exasperante que ele tivesse tamanha pontaria e fosse descobrindo lugar espetacular atrás de lugar espetacular, cada qual incomparável na sua majestade, fossem campos de flores de montanha, fossem lagos que pareciam acabados de encher. Andavam alegres, exaustos, desesperados por um banho e desejosos de dormir durante dias a fio.

Ao chegarem ao Idaho, Henry lembrou-se de alugarem cavalos e de se aventurarem pela floresta onde vivia a tribo dos Nez Perce. Estivera a estudar um mapa das estradas nacionais e vira que a estrada da reserva ia terminar num lugar apelativamente chamado Elk City, a «cidade dos alces», onde vivera a população que trabalhava nas minas. Atualmente, restava um café, um *saloon* e pouco mais — precisamente aquilo de que ele andava à procura. Um comerciante ameríndio aceitou levá-los por um desfiladeiro até um ponto remoto em Meadow Creek, «o lugar mais maravilhoso que algum dia irão conhecer», assegurou. «Há quem diga que é sagrado.» Faltavam-

lhe um dente da frente e dois dedos, mas, por razões que ele lá saberia, chamava-se Lucky. «O sortudo.»

Puseram-se a caminho antes do nascer do Sol, e, mesmo no escuro, os cavalos souberam dar com o trilho. Eram cinco, para cinco excursionistas, e a caravana ainda incluía duas mulas, que traziam a tenda, os sacos-camas e provisões para uma semana. Nem Teddy, nem Helen tinham alguma vez andado a cavalo, e o pequenito não conseguia chegar com os pés aos estribos — e, para Henry, isso era tão-só mais uma razão para terem aquela experiência. Não fez caso dos avisos de Lucky, que o acautelou para ursos, alces, lobos-cinzentos e ervas venenosas — todo um catálogo de perigos que, na verdade, fora o que acordara em Henry a vontade de vir explorar aquele território. Por seu turno, Jill ia ouvindo cada palavra, e a ideia de se verem isolados nas montanhas, sem contacto com a civilização e rodeados de perigos desconhecidos, parecia-lhe uma receita para a desgraça. Não compreendia a obsessão de Henry, e, com os cavalos a subirem aos solavancos o trilho inclinado que cortava a direito por florestas de espruces, e de abetos e pinheiros, ia ficando cada vez mais apreensiva — e furiosa com Henry por estar a expor os seus filhos a semelhante perigo. Lucky viera armado com a sua pistola, e aí estava mais um motivo para ela se sentir enervada — porque, por um lado, não gostava de se ver com armas por perto, e, por outro, isso só sublinhava que eles próprios não dispunham de uma para o que desse e viesse. Ao fim de umas horas, dorida da sela, teve de desmontar e de continuar a pé, levando o cavalo pelas rédeas. Henry, que já a conhecia, percebeu que o melhor era não lhe dirigir a palavra.

Ocupou-se antes a estudar Lucky, que parecia ter nascido já a saber montar a cavalo, que se mostrava inteiramente à vontade rodeado de natureza e que parecia viver no presente e desfrutar cada momento. Enquanto isso, ele próprio ainda estava a tentar abstrair-se da sua vida normal e a esforçar-se por não pensar em nada e entregar-se sem reservas ao prazer da aventura e àquele tempo de comunhão com a sua família. Decerto também isso estaria por trás daquele seu anseio por se perder em território selvagem.

Pararam para almoçar junto de uma fissura numa parede de rocha da qual a água ia escorrendo. Lucky explicou a Teddy que aquilo era uma «fonte artesiana» e disse-lhe que bastava encostar a face ao musgo e que conseguiria beber. O pequenito, que queria fazer tudo tal qual o guia explicava e exemplificava, deixou a água correr-lhe pela cara e riu-se todo contente, o que fez Helen querer experimentar também. Em breve, já os quatro se tinham refrescado a beber aquela água quase gelada, e então o território selvagem que os rodeava pareceu-lhes ligeiramente menos ameaçador. Beberem aquela água tão pura e fresca fora como um batismo que os admitira numa outra vida.

Ao tornarem a subir para os cavalos, Lucky disse a Jill que fosse na dianteira, e a Helen e a Teddy que a seguissem, e ele próprio foi na retaguarda, atrás de Henry, conseguindo dessa maneira dar-lhe discretamente uma palavrinha.

— Olhe que até eu me assusto quando venho para aqui sozinho — avisou-o. — Talvez uma semana seja demasiado tempo. — Henry percebeu que o guia lhe estava a dar um conselho sensato; por outro lado, metera arbitrariamente na cabeça que uma semana em território selvagem garantiria a dose certa de aventura de que a sua família precisava para se salvar de... fosse lá o que fosse. — Se quiser, venho buscá-los daqui por três dias, e digo mais: até lhe faço um desconto — propôs o guia.

Henry considerou a proposta.

— Ficamos cinco dias — acabou por dizer.

— Ora aí está. Parece-me bem. Chega e sobra.

Com sorte, aquela sua cedência amansaria Jill, que estava claramente furiosa.

A dada altura, Helen e Teddy começaram a ficar irrequietos, e então Lucky começou a cantar. Tinha uma voz grave e melodiosa, e Henry teve a impressão de que já ouvira aquilo algures.

*Por outeiro, por vale e por ladeira
Lá vamos nós a levantar poeira
E o nosso vagão nunca fica para trás.
Eles à espreita e a chamar
E lá vamos nós a contramarchar
E o nosso vagão nunca fica para trás.*

— Que canção é essa? — perguntou Teddy.

— Cantávamo-la no exército — respondeu Lucky.

— Acho que já a tinha ouvido — disse então Henry. — O vagão era onde eles levavam as munições.

— Acho que era isso, sim — confirmou o guia. Repetiu os mesmos versos um par de vezes, depois Teddy juntou-se a ele, a esforçar-se por imitá-lo, e daí a nada já todos estavam a cantar, porque era divertido e porque ajudava a esquecer a apreensão que ameaçava azedar a grande aventura planeada por Henry.

Henry nunca conhecera os avós paternos e, pelo pouco que sabia a respeito deles, a vontade era pouca ou nenhuma. Nunca lhe tinham estendido a mão, nunca lhe tinham oferecido a mais pequena ajuda. Crescera com os avós maternos, Ilona e Franz Bozsik, que tinham fugido da Hungria depois da revolução de 1956, à qual os soviéticos puseram fim sem dó nem piedade. Na altura, Agnes, a mãe de Henry, tinha dois anos;

sendando-a nos seus ombros, o pai levou a família por um campo minado sem que nada lhes acontecesse e entraram na Áustria. Preferira arriscar a vida a perder a liberdade.

Tinham perdido tudo. Apenas lhes restava a filha. Aprenderam outras línguas, adaptaram-se a outras culturas e quis a sorte que fossem acabar em Indianápolis. Franz, que fora professor de Economia na Universidade de Tecnologia de Budapeste, onde de resto começara a revolução, tornou-se marceneiro. Quanto a Ilona, começou a dar aulas de piano. Eram um casal discreto, talvez porque nunca chegaram a dominar o inglês. Henry tinha quatro anos quando foi viver com eles. Já para lá dos sessenta e debilitados, um e outro, por uma saúde frágil, Franz e Ilona não estavam propriamente capazes de uma vez mais cuidarem de uma criança.

Ilona, que nunca recuperara do trauma de ver destruída a vida que planeava, era amável, porém apática. Nunca chegara a encontrar realmente o seu lugar. Então dedicou-se a encorajar os demais. Henry cresceu a ouvi-la elogiar os alunos, e, mesmo àqueles que não tinham estudado a lição, a sua avó premiava com bolachas de nozes e *kolaches*, os típicos bolinhos de fruta da Europa Central, que ela mesma fazia. E, com ele, também agia assim. As palavras de encorajamento saíam-lhe como se jorrassem de uma fonte, mesmo se ela própria mal tinha ânimo para alguma coisa. Ainda assim, conseguiu descobrir pequenos prazeres — cuidar do jardim, cozinhar, e, sobretudo, a música. Naquela casa, ouvia-se música a toda a hora; se não eram os alunos a atrapalharem-se com as mesmas sonatinas que todos os professores de música ensinavam, era a própria Ilona a tocar os grandes compositores húngaros — Liszt e Bartók — com uma emoção e uma intensidade, fora isso, ausentes da sua vida. Mas o seu compositor favorito era o melancólico Schubert. Escutava um *impromptu* do famoso compositor austríaco tocado por Vladimir Horowitz e chorava. Talvez a sua amabilidade fosse apenas o desgosto vestido de nobreza.

Franz, por sua vez, era um homem amargo e feroz que amiúde assustava Henry. Talvez a amargura viesse de sentir que condenara a sua família àquela vida, ou seria por não se conformar com a perda do estatuto de que gozara em Budapeste, onde era um respeitado professor com o lugar assegurado pelo resto da carreira profissional. Só nos seus anos finais falou a Henry da sua vida na Hungria, e quem o ouvisse diria que ele estava a recordar um amor que deixara fugir. Os Bozsiks viviam em luto por tudo quanto tinham perdido, incluindo a mãe de Henry.

Franz viria a influenciá-lo de forma decisiva em dois aspetos fundamentais. Antes de mais, havia o seu ódio à religião, que ele acusava de lhe ter roubado a filha e de a levar à perdição. «Eles roubaram ela! Ladrões, levam-me filha!», acusava, naquele seu inglês com sotaque. Usava o mesmo tom em que falava de como a Hungria se deixara engolir pelo comunismo — com a fúria incrédula de quem não entende como pode

gente sensata deixar-se levar por crenças nefastas.

A sua outra influência decisiva foi o modo como incutiu em Henry a ideia de que devia preparar-se para a vida. Franz tinha noção de que o neto era uma criança frágil, doente e cheia de medos, mas conseguiu ver para lá de tudo isso e perceber que Henry era dotado de força interior. Além disso, era inteligente e animado por uma curiosidade inata. Mais tarde, Henry viria a convencer-se de que herdara esses traços da mãe. «A tua mãe era moça muito esperta e talentosa», disse-lhe o avô em mais do que uma ocasião. Jamais pronunciava o nome da filha. Entregou-se à tarefa de assegurar que Henry se preparava convenientemente para as agressões a que a vida decerto o sujeitaria no futuro. Queria-o fisicamente mais forte. Ao nível do intelecto, deveria usar sempre de ceticismo e de rigor. E deveria escolher uma profissão que lhe garantisse sustento pelo resto da vida.

Acima de tudo, queria que o neto vencesse o medo. Era uma criança que se sobressaltava com facilidade e que evitava todo o tipo de confrontos. Então, começou a prepará-lo logo desde pequenino. Apanhava-o desprevenido e pregava-lhe um susto ou então punha-se a lançá-lo ao ar. E, quando Henry ficou mais crescido, começou a pôr em causa tudo quanto ele dizia e chegava a ridicularizá-lo. Franz sofria do coração e sabia que estava a morrer, pelo que as suas lições pecaram por ser demasiado urgentes e por vezes cruéis. Mas, se procedia assim, era por saber que não lhe restava muito tempo. Viria a morrer quando Henry estava no segundo ano do liceu.

Henry acabou por se habituar à ideia de perder quem lhe era próximo. A lição que daí tirou foi que os outros não podem proteger-nos. Na verdade, fora esse o grande ensinamento que Franz quisera transmitir-lhe. Tal como o avô, também Henry desejava reparar o que corraera mal no passado, mas essa era uma tarefa impossível. A morte de Franz levou-o a enveredar pela medicina. Não dispondo de recursos financeiros, restava-lhe ser o melhor, e então aplicou-se a fundo nos estudos e foi sendo premiado com bolsas de estudo que lhe pagaram primeiro o curso na Universidade Purdue, depois a especialização na Johns Hopkins. Tendo os pais, não se teria tornado no homem que veio a ser. Franz e Ilona ensinaram-lhe tudo quanto aprendeu de mais importante na vida.

Por breves que tenham sido os anos que viveu com os Bozsiks, chegaram para inculcar nele a noção do que era ser parte de uma família. Henry sabia que não era possuidor de uma natureza particularmente calorosa. Nada o descontraiu mais do que fechar-se a trabalhar no laboratório ou então isolar-se na leitura. Como tantos que são dotados de um intelecto extraordinário, embrenhava-se de tal maneira no que lhe ia no pensamento, que se abstraía por inteiro da vida a acontecer em seu redor. Podia estar sentado num café barulhento e não se inteirar de conversas a decorrerem a menos de um metro por estar embrenhado em cálculos.

Facilmente teria passado o resto da vida sozinho. Chegou a achar que estava destinado a isso. Mas então conheceu Jill e começaram uma vida a dois, e depois vieram os filhos e o amor chamou-o a estar presente no mundo.

Era o começo de julho, mas ainda havia neve no desfiladeiro. Lucky foi-lhes apontando pegadas deste e daquele animal e Henry apercebeu-se, como nunca até ali, de como o seu conhecimento da natureza estava tão circunscrito ao laboratório. Em vários aspetos, observar o mundo ao microscópio significava levar uma vida em miniatura. Ali naquele desfiladeiro, sentiu-se ele próprio microscópico, insignificante em comparação com as árvores, com as montanhas e perante a arriscada empreitada a que se propusera e que começava a assemelhar-se mais e mais a uma armadilha.

A floresta foi ficando para trás e o caminho passou a ser aos ziguezagues. Os cavalos iam abrindo caminho pelo meio dos pedregulhos, dos quais espreitavam, aqui e ali, lebres-assobiadoras.

— Com muita sorte, talvez vejam um lobo — disse Lucky. — Se isso acontecer, pensem em mim.

— Porquê? — perguntou Jill.

— Porque é esse o meu nome índio: Lobo Amarelo. Muitos da minha tribo chamam-se «Lobo qualquer-coisa». Olhamos os lobos como animais muito espertos e cheios de recursos.

Já estavam a sair da floresta. Diante deles estendia-se um prado de ervas altas e flores. No horizonte, a cordilheira Bitterroot, irregular, cheia de cumes nevosos, esplêndida.

— Que maravilha — murmurou Jill, de repente sem fôlego.

— O mundo já foi todo assim — refletiu Lucky, contemplativo. — Depois veio o ouro e mudou tudo. — Prendeu os cavalos à sombra dos abetos e levou-os até um lago onde os insetos iam saindo dos seus casulos na água e tentando fugir antes que as trutas os abocanhassem. Por fim, ajudou Henry a armar a tenda, depois agarrou numa corda e atou-a em volta da caixa das provisões; lançou a outra ponta, deixando-a pendurada de um tronco de árvore, e, içando a caixa, prendeu-a a cinco metros do chão.

— Não vá um urso-pardo lembrar-se de passar por aqui... — explicou.

— Aqui há ursos-pardos?! — exclamou Jill, que não viera a contar com mais essa ameaça.

— Bem, pelo menos sabemos que há ursos-negros. Quanto a ursos-pardos, já nos foram comunicados um ou dois avistamentos, mas nunca vimos nenhum. São uns bichos muito envergonhados. Ainda assim, o melhor é jogar pelo seguro e manter a comida fora de alcance. Mais vale não os encorajar.

Lucky tinha de regressar antes do anoitecer, por isso juntou os cavalos e abalou. E ali estava o momento por que Henry tanto ansiara, embora, sem os cavalos, na prática acabassem de ser abandonados no paraíso. Pela sua parte, pelo menos, era assim que se sentia.

Nesse primeiro final de tarde, abriram as cadeiras e ficaram a ver os animais virem beber ao esteiro. Na margem oposta, um bando de alces ia mastigando as ervas e, a dada altura, um possante macho cujos chifres espalmados pareciam ter quase dois metros de largura entrou abruptamente no lago. E, de novo, só agora Henry tinha real noção de como aqueles chifres podiam ser letais; dir-se-iam gigantescas mãos abertas e com dedos aguçados, chegando alguns aos trinta centímetros de comprimento. O macho afirmou a sua presença com um bramido tão forte que Helen e Teddy correram a refugiar-se na tenda, de onde já não saíram nessa primeira noite. Enquanto ali estiveram acampados, aquele macho regressou a cada final de tarde; chegava sempre já quase de noite e anunciava-se sempre com a mesma assertividade. Teddy começou a chamar-lhe *Bullwinkle* porque ele lhe lembrava a famosa personagem dos desenhos animados. Na segunda noite, uma águia-americana veio pousar num pedregulho ali próximo, e, indiferente à presença deles, ali ficou a alisar as penas com o bico. Todos os animais selvagens que por ali apareciam mostravam indiferença perante a família Parsons, como se lhes fossem superiores e fizessem o favor de os deixarem estar ali. Viam aqueles quatro humanos olhá-los com curiosidade e faziam o mesmo com eles. Pareciam dizer: *Aqui, somos todos animais*.

Na terceira noite, choveu com intensidade e a trovoadada parecia muito próxima. Os relâmpagos eram tão intensos que, a espaços, o interior da tenda iluminava-se como se um *flash* tivesse acabado de disparar. Helen escondeu a cabeça no saco-cama, mas Teddy estava a gostar daquele espetáculo proporcionado pela natureza, pelo menos até um trovão quase em cima da tenda fazer os quatro pularem de susto. Jill aninhou-se em Henry, e Teddy e Helen puxaram os sacos-camas para junto do deles. Henry ficou acordado de vigia até a tempestade passar. Só adormeceu quando a trovoadada já ia longe, nas montanhas. Antes de fechar os olhos, ocorreu-lhe um último pensamento: fora precisamente aquilo o que desejara, uma experiência que os unisse e que lhes mostrasse que nem tudo o que é assustador mata.

— Eu sou como o Lucky, não sou? — perguntou-lhe Teddy.

Já não chovia e pai e filho estavam a apanhar lenha para fazerem uma fogueira. Henry mostrou-lhe como descascar os galhos húmidos; por dentro, estavam secos.

— Por serem os dois índios? — perguntou. Teddy assentiu. — Tu e ele pertencem ao mesmo grupo étnico, sim, mas são muito diferentes. A tribo

dos Nez Perce vive a milhares de quilómetros da tua tribo, que é do Brasil.

— Mas os da tribo do Lucky ainda estão vivos, não é?

— Sim. Julgo que muitos deles continuam a viver nesta região.

— Como é que se chama a minha tribo?

— São os cinta-larga. Pelo nome, imaginamos logo um bando de barrigudos, não é?

Teddy fez uma careta.

— Temos um nome esquisito.

— Deve ser por gostarem de andar com faixas à cintura. Essas faixas chamam-se «cintas». Mas foram outras pessoas a dar-lhes esse nome e duvido que lhes tenham perguntado se gostavam. De certeza que eles próprios tinham um nome diferente para a tribo, mas não sei qual era. «Nez Perce» significa «nariz furado». Deve ser porque eles gostavam de andar com enfeites na cara, não?

— Os da minha tribo ainda estão vivos?

— Alguns. Vivem espalhados pelas selvas do Brasil. Não sei quantos serão ao todo. Gostavas de lá voltar um dia e de os conhecer?

— Acho que não — disse Teddy. — Já devem ter morrido todos.

— Porque dizes isso?

— Não foi o que disseste à mãe? Que eles tinham morrido todos e que só fiquei eu?

— Ela contou-te isso? — Teddy assentiu. — Acho que a mamã só quis dizer que os da aldeia onde tu nasceste morreram. Não estava a falar da tribo inteira. Os da tua aldeia morreram porque apanharam todos uma doença.

— E tu não conseguiste salvá-los.

Prestes a responder, Henry engasgou-se. Agarrou noutra galho e começou a descascá-lo.

Acordou sobressaltado, como se acabasse de agarrar num carvão em brasa.

— O que foi? — sussurrou Jill, logo aflita.

— Nada — disse ele. — Foi só um pesadelo.

— Estás todo transpirado.

— Está tudo bem — assegurou ele. — Dorme.

Mas Jill sabia que não estava tudo bem. Nos primeiros anos de casamento, Henry tinha dificuldade em dormir e eram frequentes os pesadelos que o deixavam agitado, até que o ritmo do dia a dia se impusera. Agora, ali na tenda, voltou-se de lado e fingiu adormecer e, passado algum tempo, Jill estava novamente a dormir.

Acordado no escuro, a ouvir aquelas três respirações — Jill, Helen e Teddy — que por fim se harmonizaram num ritmo comum, Henry ganhou consciência do outro motivo que o chamara a organizar aquela expedição

por território selvagem e que nada tinha que ver com a mulher ou com os filhos. Continuava em luta contra recordações indesejadas que ameaçavam levá-lo de volta ao passado e obrigá-lo a reviver os seus piores medos e estava resolvido a não se deixar tolher pelos traumas. Mas porquê arrastar a sua família para uma aventura cujo verdadeiro propósito era fazê-lo enfrentar os seus medos e os seus fracassos? Jill avisara-o desde o primeiro momento. Perdera a conta às conversas que tinham tido sobre o que o levava a querer umas férias assim. Reiterara uma vez e outra que a ideia era tornar os filhos mais «rijos» e estreitar os laços familiares. Dizia a si mesmo que, com aquela experiência, Jill e os dois filhos ficariam mais aptos a enfrentar tribulações inesperadas que talvez surgissem no futuro. E podia acontecer que ele próprio já não estivesse presente. Havia que estar preparado para tudo, assim lhe ensinara o avô. A mulher e os filhos não tinham o instinto nem os conhecimentos mais rudimentares que lhes permitiriam defenderem-se de perigos imprevistos. Abrigados na sua confortável moradia em Atlanta, viviam em segurança e nada lhes faltava. Mas não fora honesto com Jill — ou consigo. Tinha motivos unicamente seus para estar ali. A sua expectativa era que um regresso a território selvagem trouxesse acima memórias que sempre o tinham aterrorizado.

Jill acordou com o aroma do café. Por mais que tivesse resistido à ideia de cortar todo o contacto com a civilização durante alguns dias, naquele momento sentiu-se grata a Henry por ter insistido em fazerem a experiência — que, de certa forma, estava a revelar-se um renascer. A família nunca estivera tão unida, e, individualmente, cada um deles parecia mais confiante. A preguiça no saco-cama, teve de admitir que Henry fora bem-sucedido no objetivo a que se propusera com toda aquela aventura. De manhã, faziam caminhadas ou pescavam, e, à tarde, cada um agarrava no seu livro e recolhia-se por um par de horas. Um leitor precoce, Teddy já ia no segundo volume da saga de Harry Potter, Helen andava embrenhada nos *Jogos da Fome* e Henry trouxera uma biografia de Marie e Pierre Curie recentemente lançada. Por sua vez, ela já devorara os dois romances de Iris Murdoch que julgara que lhe durariam até ao fim das férias, por isso começou a ocupar esses intervalos de um par de horas a desenhar flores silvestres. Estava a adorar. Assim entretida, ia pensando nos índios Nez Perce e no seu ritual iniciático de se aventurarem sozinhos por aquelas montanhas em busca de uma visão espiritual — um animal ou uma ave que seriam os seus guardiões e que os protegeriam até ao fim da vida. Perguntava-se se ainda se manteria tal costume. Talvez, secretamente, Lucky os tivesse trazido até ali para isso.

Por fim, lá saiu da tenda, de toalha ao ombro e com aquele seu ar desmazelado ao acordar que Henry achava tão sedutor. Ainda que, na prática, estivessem na selva, para ela era ponto de honra andar limpa e cheirosa, por isso todas as manhãs, antes de Helen e Teddy acordarem,

cerrava os dentes e entrava na água gelada. Lavava o cabelo com um champô «amigo do ambiente» e desempeçava-o ao secar-se diante da fogueira.

— Ontem levantaste-te a meio da noite — disse Henry. Era a quarta manhã. Lucky viria buscá-los no dia seguinte.

— Veio-me o período — disse ela. — E queres saber uma novidade? À Helen também.

— Já?!

— A tua filha tem onze anos. Não é assim tão invulgar.

— Hum. Não deixa de ser curioso que, na mesma noite, as duas...

— Eu sei.

— Ela está bem?

— Está morta de vergonha, mas acho que também sente um certo orgulho. Mas enfim, já sabes que ela detesta fazer as necessidades ao ar livre, e agora mais esta. Amanhã dormimos num motel. — Era uma ordem.

Henry acendeu o fogão portátil e ela bateu a massa para as panquecas, depois ele foi acordar os filhos. Era o último dia que iam passar ali. Logo a seguir ao pequeno-almoço, arrancaram para uma ambiciosa caminhada ao longo do curso de água. Henry trocou a bengala por um bordão que fizera de um ramo de videiro. Sentia-se um profeta do Antigo Testamento. Era ainda cedo e os pássaros estavam na plena força dos seus trinados. No rescaldo da tempestade, os pinheiros cheiravam mais ainda a resina. Henry ia mancando ligeiramente, mas tinham escolhido um caminho ligeiramente a descer, o que o ajudava. Estavam a seguir para norte, onde o esteiro iria desaguar no rio Selway. Chegaram a um vale que separava a cordilheira Bitterroot das montanhas Clearwater. Quando ele precisava de parar para descansar, Jill fazia-lhe companhia; sentavam-se os dois na margem e Helen e Teddy comiam bagas e entravam na água para se refrescarem. Era como se o mundo não existisse. Havia apenas aquele lugar e aquele momento.

A descida ficou mais íngreme, o leito alargou e as águas tornaram-se mais agitadas. Nas partes mais inclinadas, o bordão era uma ajuda preciosa para Henry. A dada altura, começaram a ouvir a queda de água lá adiante — um rumor contínuo que parecia o do trânsito, que foi subindo de intensidade até finalmente chegarem ao lugar onde aquelas águas se juntavam ao rio, jorrando ferozmente pelo canal desde há tempos imemoriais aberto naquelas paredes do mais negro granito. O rio irrompia por entre pedras soltas caídas em avalanches e por árvores tombadas, e, formando remoinhos e extensões de água turbulenta e espumosa, corria, desvairado, como uma multidão em pânico a fugir de um desastre ainda não revelado.

Desceram por um caminho acidentado e surgiu a queda de água. Teddy viu os salmões a saltarem da água; impulsionavam-se sacudindo a

cauda no ar. Eram enormes, alguns teriam um metro, mas, ainda assim, pareciam nada poder contra a força da torrente.

— Vai começar a desova — disse Henry.

— Isto são eles a pôr ovos? — perguntou Teddy.

— Eles põem os ovos no outono, mas, para isso, regressam ao sítio onde nasceram. Vêm desde o oceano Pacífico, nadam mais de mil e quinhentos quilómetros contra a corrente. Então têm as crias e depois morrem. Estão a fazer a sua última viagem.

— Uau! — exclamou Helen, ao ver um dos maiores irromper da água, subir muito alto e ficar momentaneamente parado no ar, em desafio à lei da gravidade, tornando depois a mergulhar.

— A vossa poderá ser a última geração a presenciar isto — disse Henry. — As barragens e a subida da temperatura dos oceanos estão a acabar com o salmão selvagem. Quando vemos como eles são valentes, ainda dá mais pena, não é? — Uma águia-pesqueira surgiu repentinamente da ravina e caçou um salmão que acabava de galgar o rio. Não parava de se contorcer e parecia maior do que a águia, mas, com aquelas suas asas possantes, ela levou-o para lá da ravina e desapareceram floresta adentro.

No regresso, os pequenos mal falaram. Chegaram a cair algumas lágrimas a Helen. Nessa noite, acabaram com os cachorros-quentes, e, já com os filhos a dormirem, Henry e Jill ainda ficaram uma hora ali fora, a beberem *bourbon* à luz das estrelas, que pareciam ser cada vez mais. Estivesse Henry com as ideias menos turvas e ter-se-ia lembrado de içar novamente a caixa da comida, deixando-a fora de alcance, mas, uma vez que já quase não sobrava nada, pareceu-lhe escusado fazê-lo.

Nunca chegava a dormir profundamente ali na tenda e depressa o ruído o acordou. Era um urso, percebeu de imediato. Estava a dar sapatadas na caixa da comida, a tentar abri-la, e de vez em quando roncava de frustração — e de fúria, ou, pelo menos, assim pareceu a Henry.

— Pai! — sussurrou Teddy, assustado.

— Chiu!

Estavam os quatro acordados. O urso estava tão próximo que lhe ouviam cada passo. Ouviram-no arranhar a árvore, depois dar mais sapatadas na caixa da comida, na qual já só iria encontrar cereais de pequeno-almoço e leite em pó. Henry rezou para que o fecho cedesse e a caixa se abrisse de uma vez, até que, por fim, o urso lá conseguiu partir o plástico com as suas garras possantes. O ruído era de uma violência espantosa. Continuavam a ouvir-lhe os roncos e a respiração pesada, mas então ouviu-se um segundo roncar vindo do lado oposto da tenda, depois um rugido que os deixou petrificados. Agora eram dois ursos, um e outro esfomeados, e iam lutar por um mísero resto de leite em pó.

Mas então calaram-se, e, encurralados na tenda, os quatro ouviram-nos rondar. Henry traçou mentalmente um plano: abriria a tenda e correria

para a água, atraindo os ursos para tão longe quanto possível da sua família. Agarrou na lanterna. Usá-la-ia como arma. Dar-lhes-ia paulada até eles o matarem.

Um dos ursos parou praticamente em cima da tenda. Quando roçou o focinho no tecido, os quatro sentiram o bafo atravessar o *nylon*, e então ele rugiu e foi um som poderoso como jamais se ouvira no mundo. Do outro lado, a resposta: o seu adversário rugiu também.

De repente, Teddy começou a entoar:

*Por outeiro, por vale e por ladeira
Lá vamos nós a levantar poeira
E o nosso vagão nunca fica para trás.*

Um dos ursos tornou a rosnar, mas Teddy não se calou. Então, o pai, a mãe e a irmã juntaram-se a ele, e, unida, a família enfrentou a ameaça entoando a plenos pulmões:

*Ninguém cuide que vem com manha
enganar a artilharia de campanha!
Grita alto, malandro, se és capaz!
Cá vamos nós, nenhum se esconde!
Se estamos perto, vê logo onde!
E o nosso vagão nunca fica para trás!*

Só pararam de cantar quando deixou de se ouvir ruído lá fora.

Lucky chegou por volta do meio-dia. Foi andando em volta da tenda; estava a inspecionar o rasto deixado pelos dois ursos. Atónito, não parava de abanar a cabeça. A caixa da comida ficara despedaçada. Eram pegadas de urso-pardo, explicou. Um macho e uma fêmea. A época do acasalamento estava no fim. Cada pegada do macho media mais de meio metro, fora as garras. Parecia não acreditar que aquilo realmente acontecera.

— Como foi que se safaram desta?! — perguntou.

— Cantámos. Foi o Teddy quem começou — disse Helen, toda orgulhosa.

— Começaste a cantar?! — exclamou o guia.

— Sim, aquela canção que nos ensinou — respondeu o pequeno.

Já sentados cada um na sua sela, deixaram o acampamento e rumaram à civilização. O regresso foi feito em silêncio. Continuavam vivos, mas tudo mudara. Faltava-lhes perceber qual a transformação que neles se dera. Ao chegarem a Elk City, Lucky recusou-se a receber o pagamento.

— A culpa não foi sua — assegurou Henry. — Fique com o dinheiro, eu

insisto. — Tentou fazer o guia agarrar as notas com a sua mão à qual faltavam dois dedos.

— Não é por isso — explicou Lucky. — Para o meu povo, a experiência que vocês quatro tiveram é algo de sagrado. — E acrescentou: — Será contada durante longos anos. E vocês serão os Encantadores de Ursos.

UMA RECORDAÇÃO

— Aqui, quando precisamos de um sinal, consultamos os céus — explicou Majid, quando Henry foi encontrá-lo no telhado do palácio do seu primo em Ta'if, onde se tinham refugiado. O brilho das estrelas quase ofuscava. Majid estava a olhar por um telescópio.

— E já o tiveste?

— No meu caso, as mensagens costumam ter que ver com faltas pessoais. É como se cada estrela fosse minha sogra.

A guerra estivera à espera do próximo insulto e os sauditas tinham-lhe feito a vontade ao atacarem com mísseis um terminal petrolífero iraniano na ilha de Kharg, em retaliação pelo bombista suicida que destruíra parte do palácio do príncipe Majid e pelo ataque ao quartel-general da Guarda Nacional saudita. Na sequência desse ataque, contratorpedeiros iranianos tinham fechado o estreito de Ormuz. Agora, petroleiro algum deixaria o golfo Pérsico. Começara a guerra.

— Tens sido o melhor dos anfitriões e o melhor dos amigos — disse Henry. — Tenho um último favor a pedir-te. Tenho de arranjar maneira de voltar para casa. Já tentei tudo. Sei que fizeste tudo o que podias, mas não posso esperar mais. Tenho de ir para casa. Já.

Majid fitou-o. Ficara visivelmente triste.

— Concordo. Tens de ir. O reino tornou-se demasiado perigoso. Esta será uma guerra extremamente cruel. Há vários séculos que esperávamos este dia e agora os fanáticos querem terminar o que se começou, ainda que isso destrua o Islão. Deves ir, sim. Emprestava-te o meu jato privado, acredita, mas as fronteiras continuam fechadas. Além disso, o meu piloto morreu do vírus. Eu mesmo te levava, mas agora há esta guerra imbecil.

— Tem de haver alguma maneira de eu ir — disse Henry, quase em desespero.

— Se conseguisses chegar ao Barém, há lá uma base naval americana. Suponho que eles te ajudariam. Antes não quis mencionar esta opção porque estarias a ir para uma zona militar. Os russos reforçaram o apoio aos iranianos. Neste momento, o golfo é um território bem mais perigoso do que aqui onde estamos.

Mas, nesta altura, Henry não se deixaria deter pelo perigo.

— Como faço para chegar lá?

— Ia despedir-me de ti ao jantar. Tenho de levar um batalhão para as

províncias do Leste. Não fica muito longe de lá. Se de verdade desejássemos correr esse risco, junta as tuas coisas. Partimos antes do nascer do Sol. Lamento não poder ser de mais ajuda, mas, pelo menos, teremos mais umas horas na companhia um do outro antes de dizermos adeus.

Não faltava muito para ser de madrugada. Henry tentou dormir, mas ia sendo assaltado por imagens da sua família. Ausentara-se quando eles mais precisavam de o ter consigo e estava fora há demasiado tempo. Roía-o uma culpa aguda e que não dava tréguas. Jamais deveria ter vindo à Arábia Saudita. Bem vistas as coisas, o que alcançara? Tivesse ele vindo ou não, o vírus ter-se-ia espalhado na mesma. Era inevitável. Daria no mesmo tentar travar um *tsunami*. Ninguém podia fazer nada senão abrigar-se na companhia daqueles a quem amava e rezar.

Foi um choque dar conta de que pensara em rezar. Apenas demonstrava a que ponto se sentia desesperado. As pessoas de quem mais gostava no mundo corriam perigo. Estavam aflitas. Precisavam de o ter consigo. E ele tão longe.

Majid bateu-lhe à porta pouco depois das quatro da manhã. As poucas coisas que ele trouxera já estavam na mala que Jill lhe enviara. Seria mesmo verdade que isso acontecera há tão-só seis semanas? Majid estava de uniforme militar. De novo, ocorreu a Henry que o seu amigo parecia alguém inteiramente diferente, não o médico vestido à ocidental que conhecera há anos ou o príncipe vestido com o traje tradicional saudita com quem ele trabalhara incansavelmente enquanto ali estivera. Agora, Majid era um soldado.

— Não vou para ser mais um a lutar nesta guerra — explicou o príncipe, já ao volante do jipe. Estavam a caminho da base da Guarda Nacional, onde já se reunira um pequeno batalhão que guiava os «superjipes» *Humvee* e os blindados com as tropas. — O meu inimigo é a própria guerra. Farei tudo ao meu alcance para travar esta loucura. Mas, em última análise, esta é a minha família. — Quando o Sol se ergueu a leste, já o comboio militar chefiado por Majid ia no deserto. Não obstante o cenário voluptuoso, a verdade é que iam ambos velozmente ao encontro do perigo, um e outro por razões distintas. Preencheram aquelas horas de ansiedade contando um ao outro pormenores das suas vidas que até ali não tinham partilhado. — A minha mãe foi escrava — revelou Majid. — Ou talvez deva dizer «concubina». Quando ela engravidou, o meu pai foi piedoso e tomou-a por esposa. Tornou-se na sua quarta mulher e as outras três desprezavam-na. Em breve o meu pai perdeu o interesse nela, mas nessa altura já eu tinha nascido e ele assegurou o nosso sustento mesmo depois de os dois se divorciarem. Talvez soe como se lhe guardasse rancor, mas a verdade é que eu amava o meu pai. Era um homem da nossa cultura, nem mais, nem menos do que isso. Eu próprio poderia ter-me tornado assim, se não tivesse ido estudar para fora. Os anos que passei em Cambridge e em Swansea

não serviram unicamente para me formar em Medicina. Também me ensinaram que há outras maneiras de olhar a vida e permitiram-me ganhar consciência do que o mundo pensa de nós.

» Digo-te, Henry: por várias vezes pus a hipótese de não regressar à Arábia Saudita. Agora que finalmente consegui fugir daquele lugar, porquê voltar?, perguntava-me. Porquê voltar a viver num reino de areia, onde entre nós e a eternidade há unicamente a planura do horizonte? Podia viver em Mayfair, exercer medicina interna e divertir-me com os meus amigos sofisticados e esclarecidos a respeito do mundo. — Com um gesto, indicou toda a areia sem valma que os cercava. — Já aqui as mentes são estéreis como o deserto, mas acreditamos ser os escolhidos de Alá. Porquê? Em vez de conhecimento, entupimos as nossas cabeças com a religião, rumores e rituais, mas, não obstante a nossa ignorância, Alá presenteou-nos com o bem mais precioso que há no mundo: trezentos mil milhões de barris de petróleo! O que fizemos para merecer um tal maná? A resposta só pode ser uma: fomos recompensados pela nossa devoção. Então, como proceder? Tornarmo-nos ainda mais devotos. O Alcorão diz-nos que a verdadeira devoção é acreditar em Alá, cuidar de quem precisa de cuidados, libertar quem vive em cativeiro e perseverar em face do infortúnio. Mas, com os fanáticos, a devoção torna-se num concurso. Não basta cuidar dos outros e trabalhar em prol da liberdade. Não. Há que aniquilar quem tem crenças distintas das nossas ou é menos fundamentalista na sua devoção do que nós somos. Aqueles a quem chamamos heréticos têm de ser punidos. E assim vamos malbaratando esta dádiva tremenda que recebemos, usamos a nossa riqueza para limpar o mundo e só vamos parar quando o tivermos deixado tão vazio quanto a mente de um fanático.

Findo o desabafo, o príncipe mergulhou no silêncio. Acabava de revelar uma amargura que, até ali, Henry lhe desconhecia.

— Porque voltaste, então? — perguntou.

— Pergunto-me o mesmo muitas vezes — confessou Majid. — Sonho com o regresso a Londres, mas é impossível; afinal, sou quem sou.

— Suponho que pertencer à família real acarrete obrigações.

— Dizemos que toda a bênção traz consigo uma maldição. Portanto, a resposta é «sim». Sou um príncipe. Tenho dez mil primos que me igualam em categoria. Somos ricos, sim. E poderosos. Mas vivemos na consciência de que um dia a nossa tribo será derrubada. Acabará por acontecer e sabemo-lo. Apenas desconhecemos quando acontecerá e o que virá depois de nós. Fechamos os olhos ao futuro. Somos como ladrões que ouvem as sirenes da polícia e não têm para onde fugir.

— Porque não te casaste? — atreveu-se Henry a perguntar.

— Tinha uma fantasia banalíssima: casar-me-ia com uma loira de olhos azuis, uma ocidental educada e de gosto refinado. E fi-lo, na verdade.

— És casado? Nunca me tinhas dito!

— Sou divorciado. Ela chamava-se Marian e era mais um detalhe no meu quadro perfeito, a somar à moradia em Mayfair, à reputação de médico, aos lanches de chá e *scones*, à vida no centro da civilização, aos famosos parques ingleses, às ruas enevoadas e aos amigos cultos. O sonho de todo o expatriado! Mas, como já disse, toda a bênção traz consigo uma maldição. No meu caso, a maldição foi compreender que jamais a Inglaterra seria o meu lugar. Lá, seria um eterno forasteiro; nunca seria parte daquela vida, estaria sempre a olhá-la de fora, seria apenas um espião. Amava a minha mulher, mas, entre o mundo da Marian e o meu havia um abismo. Para eles, eu era o «árabe». Não era um príncipe ou um médico, era um muçulmano. Com o 11 de Setembro, essa minha sensação tornou-se ainda mais aguda.

» E depois houve os atentados de sete de julho. Os bombistas suicidas no metro de Londres, lembras-te? Mais de cinquenta vítimas mortais e setecentos feridos, incluindo a minha bela e refinada esposa loira de olhos azuis. Tiveram de lhe amputar o braço direito acima do cotovelo. Eu amava-a, acredita. Ainda hoje continuo a amá-la. Mas ela não foi capaz de continuar a viver comigo. Não teve que ver com eu ser árabe e muçulmano. Ela não conseguia conviver diariamente com a vergonha que eu sentia.

— O que lhe aconteceu depois?

— Tornou a casar-se. Uma vez mais, escolheu um médico, mas, desta vez, um daqueles ingleses com um hífen no nome. Na verdade, trata-se de um homem excecional. Estar-lhe-ei eternamente grato por tratá-la tão bem. Têm dois filhos lindos. De vez em quando, vejo fotografias deles no Facebook.

— A tua história faz-me ter noção de que sou um homem de muita sorte — disse Henry. — Foi-me dado mais do que mereço. A minha família é a minha maior felicidade, mas sempre temi que a vida acabaria por me tirar, e que, de alguma maneira, o culpado seria eu. E é precisamente isso o que está a acontecer agora.

— Henry, as probabilidades estão a teu favor. A maioria das pessoas sobrevive a este vírus.

— Sinto-me de mãos atadas. Não posso salvá-los e isso arrasa-me.

— Costumas rezar, amigo? — perguntou Majid.

— Nunca.

— E não te acontece dares por ti com vontade de o fazer?

— Ainda ontem à noite, quando estava a tentar dormir, ocorreu-me rezar, sim, mas tomei isso como um sinal da minha cabal derrota.

— Pode ser uma mensagem. Talvez o Grande Mistério tenha vindo bater-te à porta.

— Por favor, não te ofendas, mas renunciei a todas as superstições, não importa que forma assumam, e encaro a religião como uma delas. Mas saliento que as minhas reservas quanto ao islamismo são as mesmas que

tenho em relação a qualquer crença.

— És um muçulmano consumado, meu caro Henry.

— Nem por sombras. Sou um ateu puro e duro.

— Por um lado, dizes-te não merecedor das bênçãos que a vida te concedeu. Por outro, crês-te responsável por tudo quanto acontece de mal. É uma atitude muito islâmica.

— Não delires — replicou Henry.

Nesta altura, o sol estava a dar-lhes diretamente nos olhos, como um holofote. Majid ofereceu-lhe um turbante para ele se proteger do calor inclemente.

— E agora até pareces um saudita, vês? — picou-o, deliciado com a situação.

— Mas sinto-me uma lagosta a cozer na panela.

Majid deu uma gargalhada.

— Já perdi a conta aos ateus que conheci. Em Londres, todos são pagãos! Não perdem um minuto com dilemas como os que me preocupam a toda a hora. Nós, os crentes, julgamo-nos bons exatamente por sermos crentes, mas a maioria dos ateus que conheci também eram bons seres humanos, em nada inferiores aos muçulmanos, ou aos cristãos ou aos judeus. O que me leva a perguntar se fará realmente alguma diferença ser crente ou não.

— Tinha um amigo que uma vez disse nada haver de surpreendente quando alguém de bem faz o bem ou em alguém que é mau praticar o mal. Mas que, se alguém de bem pratica o mal, por trás disso está a religião.

— Parece-me que ele viu uma ferida em ti que não sarou.

O Sol estava a pique. O céu tornara-se de um branco ofuscante e escaldante. Não se avistava uma sombra e o deserto tornara-se numa planície sem começo ou fim. Henry sentia-se positivamente a fritar em areia. Nas costas deles, o comboio militar estendia-se por vários quilómetros de estrada. E, lá adiante, estava em curso uma guerra cujo fim não seria para breve. Henry perguntou-se se o seu amigo iria sobreviver ao conflito. Recusava-se a acreditar que alguém tão cheio de vida e tão meritório poderia acabar vitimado por uma aventura militar idiota, mas as mortes arbitrárias eram tantas que o fim parecia assustadoramente próximo — para Majid, para si próprio ou fosse para quem fosse. Um e outro não eram alheios a que aquela poderia ser a sua última conversa.

— Antes prometi que numa ocasião apropriada te contaria a minha história — disse então Henry. — O que agora te vou contar contei a pouquíssima gente; a reação foi sempre tão emotiva que acabei por decidir que nunca mais tocaria no assunto. Detesto que tenham pena de mim ou que me rotulem, por isso o normal é fazer de conta que não recordo os detalhes da minha infância ou então invento uma versão alternativa e as pessoas aceitam-na sem fazerem perguntas. Mesmo os que me são mais

próximos não sabem tudo. Afinal de contas, a quem ocorreria mentir sobre os próprios pais ou sobre a doença que o deixou marcado para a vida? Mas o caso é que menti, e fi-lo reiteradamente, como se, com a mentira, pudesse apagar a verdade.

» A negligência dos meus pais salta à vista. Fui uma criança subnutrida. Não que eles o tenham feito intencionalmente. Não eram cruéis, antes pelo contrário. Eram dois idealistas que se deixaram enredar num movimento supostamente em prol do bem da humanidade. Justiça social, igualdade racial, abaixo a violência. Eis os princípios do grupo a que eles pertenciam e que professava uma mistura de marxismo com evangelismo. Fundariam um paraíso na Terra, ou, pelo menos, assim lhes dizia o seu líder, um paranoico que escolhia uns quantos patetas a quem então se mostrava como um ser supremo. Passava a vida a fugir de inimigos imaginários. Começou por transferir o seu movimento para São Francisco, depois foram para um pequeno país na América do Sul. Algures na selva, onde então nasci.

» Os meus pais eram-lhe absolutamente fiéis. Viam-no como um profeta, igual a Jesus ou a Maomé. Acredito que fossem boas pessoas, não me lembro de me tratarem mal, mas salvar o mundo ocupava-lhes o tempo todo e não lhes sobrava nenhum para cuidarem de uma criança. O normal era deixarem-me no infantário da colónia, mas, de vez em quando, pura e simplesmente esqueciam-se de mim. Ou, pelo menos, é o que eu acho que acontecia. Apenas recordo a solidão, a fome e o medo de que ninguém me viesse buscar.

» Em retrospectiva, sendo hoje um médico, é-me fácil diagnosticar o problema físico. Imagina: ali estávamos nós, nos trópicos, mas eu passei aqueles primeiros anos de crescimento quase sempre fechado numa cabana. Só comia bananas e papas de aveia. Não cresci. Fiquei com as pernas tortas e tinha uns ossos frágeis, de vez em quando lá fazia mais uma fratura. E ninguém na colónia foi capaz de identificar ou tratar uma doença de que já nem se ouvia falar: o raquitismo. Uma vez, levaram-me ao «guru» para ele me curar. Só me lembro daqueles olhos negros a olharem-me sem pestanejar, eu aflito de medo e ele a recitar palavras numa língua desconhecida, a fingir que aquilo ia endireitar-me as pernas e me faria crescer. Claro que isso não aconteceu e então tornei-me na prova viva de que o tipo não tinha poderes nenhuns. A minha simples presença ridicularizava-o. Quando fiz quatro anos, resolveu-se que o melhor era os meus pais mandarem-me para Indianápolis, para ficar a viver com os meus avós. Foi o melhor que me podia ter acontecido, ou seja, no fim, a minha doença foi a minha salvação. Suponho que podemos chamar-lhe uma maldição que afinal escondia uma bênção. Passados dois meses, a colónia inteira morreu. Possivelmente, os meus pais foram dos primeiros.

— Como aconteceu isso?

— Beberam cianeto, todos eles. Mais de novecentas pessoas.

— Estás a falar de Jonestown!

— Sim — confirmou Henry. — Jonestown.

— Oh, Henry... — Os olhos de Majid estavam rasos de lágrimas. Ficara sem palavras.

— Não tenhas pena de mim, peço-te. Há anos que escondo esta história porque sei que muda a maneira como as pessoas me olham. Dava no mesmo dizer que os meus pais eram nazis, leprosos ou pior. Independentemente das minhas origens, eu sou eu. Não quero que me rotulem como uma vítima indefesa. Os anos ensinaram-me que mais vale guardar para mim essa parte da minha vida.

Majid continuava incapaz de falar de tão aturdido com a revelação. Desejou que lhe ocorressem palavras que reconfortassem o amigo, mas só conseguia lamentar que ele tivesse tido de viver semelhante tragédia.

— Não consigo evitar ter raiva dos teus pais — conseguiu dizer, por fim. — Desculpa, Henry, mas revolta-me que eles te tenham feito o que fizeram.

— Essa é uma luta minha e não tua. Talvez um dia consiga perdoar-lhes, mas o certo é que, quanto mais vou avançando em anos, mais descubro que sou tão falível quanto eles. Acho que isso é o pior: ver que, afinal, sou igual aos meus pais. Sei o que é deixarmo-nos seduzir por uma ideia grandiosa ou por alguém carismático. Por muito que nos julguemos inabaláveis nas nossas certezas morais, o mesmo instinto que nos leva a procurar fazer o bem neste mundo pode conduzir-nos aos atos mais vis.

Continuaram a discutir convicções e a trocar histórias pessoais, e, enquanto isso, o comboio militar atravessou a península Arábica. Por fim, subiram por dunas avermelhadas e diante deles, a refulgir ao sol agora na diagonal, surgiu o campo de Ghawar, a maior jazida petrolífera do mundo. As enormes bombas de sucção alinhavam-se pelo chão do deserto, e, como candeeiros de rua, chamas de gás natural iluminavam os tanques de armazenamento. Henry reparou numa segunda luz intensa no céu, logo acima da linha do horizonte. Não imaginou o que seria; parecia um cometa a rasar o solo. Seria tão-só mais um pormenor do exótico cenário saudita, ocorreu-lhe.

Mas, então, Majid travou a fundo e ergueu a mão a dar sinal de paragem aos que vinham atrás.

— Míssil! — gritou.

Sob o olhar de Henry, as defesas sauditas dispararam uma sucessão de antimísseis contra o *rocket* iraniano, desenhando rastros de fumo pelo ar ao curvarem a trajetória para irem ao encontro do alvo. Como se do nada, ateou-se uma tremenda bola de fogo alaranjado, um Sol, parecia, seguindo-se o poderoso estrondo da explosão. De outro ponto no horizonte surgiu um

segundo míssil, e outro, ao encontro dos quais voaram antimísseis às dúzias. O fumo da primeira explosão veio sendo arrastando na direção do comboio militar, envolvendo-os numa nuvem acre.

Pelo rádio, Majid contactou o comandante que vinha no *Humvee* logo atrás.

— Dispersem! — ordenou. — Juntos na estrada somos alvos fáceis. — Um dos mísseis iranianos conseguiu furar as defesas do campo de petróleo e atingiu um dos tanques de armazenamento, que explodiu em labaredas.

Henry não conseguia tirar os olhos de toda aquela cena, sentia-se estranhamente deslumbrado com aquele fascinante espetáculo interdito. Em segundos, compreendera o apelo da guerra. Reparou noutro míssil que passara a barreira defensiva e vinha agora a avançar rente ao chão do deserto, direito a eles, a corrigir continuamente a trajetória, buscando o alvo pelo meio do fumo. Era veloz e inteligente e não veria a presa ser-lhe negada, mas Majid manteve o pé no acelerador, como se tivesse pressa de ir ao encontro da morte. Henry percebeu que lhe estava a sair som, mas não conseguia ouvir a própria voz. De repente, Majid desviou para a areia e o míssil explodiu na estrada poucos metros atrás deles. O impacto da explosão sacudiu o jipe, mas, sem se deixar deter, Majid guinou e voltou à estrada.

— Passando o campo estaremos mais seguros! — explicou. — Só lhes interessa deixarem o reino sem petróleo. É-lhes indiferente matarem-nos ou não.

Já era noite quando as luzes de Damã surgiram lá adiante. Majid ia disparando ordens pelo rádio. A leste, iluminada de alto a baixo, erguia-se a refinaria de Ras Tanura, uma cidade feita para as máquinas, desprovida de beleza ou de calor humano. Os mísseis ora atingiam os seus alvos, ora explodiam no céu. Tanques de armazenamento e as bocas dos poços ardiam com uma intensidade que feria a vista, com as chamas a passarem de avermelhadas a alaranjadas, depois a amarelas, até ficarem quase brancas, à medida que a fonte de combustível ia ficando mais próxima. Por fim, lá no fundo, o fogo tornava-se azul como um lago glacial. A sul, o fumo dos incêndios na refinaria de Abqaiq enegrecia o horizonte.

— Henry, tenho más notícias — anunciou Majid. — A ponte que nos ia levar ao Barém foi destruída. Posso levar-te ao porto em Damã. Mais do que isso, não consigo.

Henry assentiu. Parecia-lhe cada vez mais improvável que fosse conseguir regressar a casa, ou mesmo ver o amanhecer.

Separando-se do comboio militar, que seguiria até a guarnição em Ras Tanura, Majid e Henry seguiram pelas ruas vazias da recém-destruída cidade industrial de Damã. Passaram por um prédio de habitação que parecia ter sido cortado ao meio com uma faca. Viam-se as cozinhas, os quartos e os roupeiros com as roupas penduradas. Henry lembrou-se de

uma casa de bonecas que há anos fizera para a filha. Majid apontou-lhe um gigantesco amontoado de destroços.

— Era a nossa principal estação de dessalinização deste lado da península — disse, depois ficou silencioso, como se a refletir nas ramificações da destruição da mesma.

Chegaram ao porto. Estava deserto. Os superpetroleiros tinham rumado à segurança do alto-mar. Não estava ninguém na casa do guarda para levantar a cancela e não se via uma única embarcação.

— Não posso deixar-te aqui — disse Majid. Apreensivo, retesou os lábios. — E não posso levar-te comigo.

— Eu desenrasco-me — replicou Henry. — O Barém não é longe, pois não?

— Daqui, serão talvez uns oitenta quilómetros. Mas tem de haver algum transporte! — Já a pé, passou por baixo da guarda de proteção, Henry fez o mesmo e desceram a um cais. Continuaram para lá dos grossos cabeços a que se amarravam as embarcações e então viram dois rapazitos que estavam a pescar naquelas águas escuras e reluzentes do petróleo derramado. Majid falou-lhes com rispidez, alertando-os para o perigo que corriam, e eles riram-se. Henry apercebeu-se do choque na expressão do amigo ao ver-se desconsiderado daquela maneira tão leviana. A guerra ferira de morte a consciência da autoridade, do dever e do respeito. A Arábia Saudita jamais tornaria a ser como antes. Ao fundo do cais escuro estava amarrado um pequeno veleiro de dois mastros que só conseguiram realmente ver quando lá chegaram. Majid chamou três vezes, mas não houve resposta. — Desenrascas-te com isto? — perguntou a Henry.

No mesmo instante, surgiu no convés um baixote de turbante, de pistola em riste. Alarmados, eles recuaram. Majid falou-lhe em árabe, mas ele respondeu em inglês.

— Iam roubar o barco! — acusou.

— Por favor, amigo, nós pagamos-te! — assegurou o príncipe.

— Isso dizes tu! Ias roubar o meu barco! — Pelo sotaque, Henry calculou que ele fosse indiano ou do Bangladesh. Estava assustado e os seus olhos iam saltando freneticamente entre um e outro, o que só tornava mais ameaçadora a pistola que ele empunhava.

— É verdade — admitiu então Henry. — Estou desesperado. Tenho de regressar à América. É lá a minha casa. Faria não importa o quê para tornar a ver a minha família.

— Pensas que este barco chega à América?!

— Basta-me chegar ao Barém. Há lá uma base americana.

Majid tirou o relógio e mostrou-o.

— Amigo, este relógio vale tanto quanto o seu veleiro. Pode ser seu. Só tem de levar este homem.

O dono do barco baixou a pistola e examinou o relógio. Olhando para Henry, fez que sim.

— Deixo-o lá, só isso — avisou. — Não é ida e volta.

Henry assentiu e voltou-se para Majid.

— Obrigado, amigo — disse-lhe. — Não sei se nos tornaremos a ver.

— O nosso destino já está escrito — respondeu Majid. — Todo o muçulmano o sabe. — Levou a mão ao bolso do uniforme. — Quero dar-te isto. Para teres uma recordação minha. É um Alcorão em tradução inglesa. Não tens de o ler, mas, se o fizeres, talvez encontres alguma sabedoria nestas páginas, ou consolo, até. Pelo menos, servir-te-á para recordares a nossa amizade. Isso já é muito.

Despediram-se com um abraço e Henry subiu a bordo.

ZONA DE GUERRA

O ministro dos Negócios Estrangeiros russo era alto e elegante, a personificação de um diplomata. Obstinado e inflexível, lembrava as monumentais estátuas sagradas na ilha de Páscoa que enfrentam serenamente os tufões do Pacífico — porque também ele se mostrava sereno, como se sabendo que não há tempestade que não passe e que só raramente os mentirosos são mais tarde chamados a explicar-se pelas mentiras que dizem.

«A nossa presença no Irão não é de todo significativa», reiterou. Estava a ser entrevistado por Chris Wallace na Fox News. «Vendemos-lhes equipamento militar, do qual fazemos também a manutenção; é esse o nosso único vínculo.»

«Se a América apoiar a Arábia Saudita na guerra contra o Irão, qual será a resposta da Rússia?», interrogou Wallace.

O ministro abanou a cabeça quase com descontração.

«Debater esse tema implicaria termos escolhido um lado neste conflito. Ora, essa é uma escolha que não tencionamos fazer.»

«Não é o que dizem os serviços secretos norte-americanos», contrapôs Wallace. «A edição de hoje do *Wall Street Journal* noticiou que há caças russos Su-57 estacionados em Tabriz e no aeroporto de Mehrabad. Estamos a falar dos vossos caças furtivos de tecnologia mais avançada, correto?»

«É correto que esses são os nossos caças mais avançados, mas, exceto esse detalhe, tudo o resto que disse é falso. Todos os nossos Su-57 estão em solo russo.»

«Vê a imagem no ecrã?», disse então Wallace, indicando uma granulosa imagem de satélite. Tratava-se de um aeródromo. «A notícia avança que aqueles são os vossos caças estacionados em Tabriz.»

O ministro fitou Wallace como se ele fosse um cãozinho irritante a puxar-lhe a perna das calças.

«Acusa-nos de desinformação, de enganarmos a comunidade internacional. Pois bem: nós acusamos os Estados Unidos de mentirem ao mundo a respeito da maior pandemia jamais conhecida», declarou. «Falo do vírus de Kongoli.»

«Qual é concretamente a acusação, senhor ministro?»

O ministro semicerrou o olhar.

«Temos informação. Os nossos cientistas já analisaram este vírus. Não surgiu naturalmente. Foi criado em laboratório. E só há um lugar no mundo com recursos para produzir uma doença tão devastadora: Fort Detrick.»

«Está a afirmar que esta doença é uma iniciativa dos Estados Unidos? Este vírus já matou para cima de dez milhões de americanos. A nível mundial, o número ascende às centenas de milhões. Qual seria o interesse dos Estados Unidos em algo assim?»

«Quanto a isso, apenas podemos especular. Mas o vírus pode ter-se escapado acidentalmente. Isso acontece. Podemos garantir, isso sim, que se trata de uma criação americana.»

«Senhor ministro, na década de noventa o governo soviético esteve por trás de uma campanha de desinformação que ficou conhecida como a *Operação Infektion*», recordou o pivô. «Foi forjada documentação científica que acusava os Estados Unidos de terem criado a infeção VIH/SIDA também em Fort Detrick, no âmbito do programa de armas biológicas. Posteriormente, o diretor do KGB admitiu tratar-se de uma manobra propagandística. Dispõe de provas que fundamentem a nova acusação que acaba de fazer?»

«Não é óbvio?», replicou o ministro russo, e, indignado, cruzou os braços. «O vírus foi feito por mão humana. Ora, nós não o fizemos. Quem mais teria os meios para criar um agente infeccioso assim? Só vocês, os americanos, nos vossos laboratórios da morte em Fort Detrick.»

«Essas instalações foram encerradas há anos», contrapôs o pivô.

«É o que os senhores dizem.»

«O número de americanos mortos excede largamente o número de vítimas mortais na Rússia», argumentou Wallace. «Muitos dos que se posicionam ao lado dos Estados Unidos já expressaram a opinião de que terão sido os russos a criar o vírus de Kongoli. Senão, o que explica a Rússia dispor de uma vacina que oferece algum grau de imunidade à população russa?»

«Isso não deveria surpreender», replicou o ministro. «É sabido que a Rússia está bem mais avançada do que o Ocidente no campo dos tratamentos médicos.»

«Contudo, cientistas norte-americanos e europeus que examinaram a vacina criada pelos russos concluíram que a mesma não é eficaz. Segundo esses especialistas, as pandemias não se distribuem uniformemente; pode verificar-se flutuação do nível de virulência de uns continentes para os outros.»

«Creio que isso são os ditos especialistas a tentar justificar o seu fracasso em obterem uma vacina eficaz», replicou o ministro russo. «É uma absoluta mentira. Ou, como diriam os senhores, *fake news*.»

Logo que entrou no comando central da Marinha da Arábia Saudita, em

Al-Jubail, a norte de Ras Tanura, o príncipe Majid reparou na ameaçadora dinâmica que agora vigorava. No comando das operações estava o seu tio, o príncipe Khalid. Homem de idade avançada, era também um dos mais devotos membros da família real, o que explicava que ocupasse o cargo de ministro da Defesa; a sua nomeação fora, em larga medida, uma cedência aos religiosos sauditas. Os generais ali reunidos estavam a tentar contornar a sua autoridade e limitar-lhe o poder de decisão, mas Khalid era um velho insensato que queria acima de tudo ficar para a história. Tal como tantos príncipes de prolecta idade, sonhava secretamente chegar ainda a rei antes de morrer.

Majid olhou em volta, tratando de aferir se estaria por ali alguém com poder para refrear o seu impulsivo tio. Não havia ninguém. Os oficiais tratavam-no com deferência, mas, entretanto, começaram a lançar olhares suplicantes a Majid, rogando-lhe que interviesse. Mas ele jamais enganara fosse quem fosse quanto à sua ignorância das artes da guerra; estava ali para aconselhar quanto à saúde das tropas e era tudo. Por outro lado, era o único outro membro da família real que ali estava. O general al-Homayed, chefe da Guarda Nacional, chamou-o de lado e, aflito, sussurrou:

— Ele quer atacar já Teerão e Isfahan — avisou.

— Porquê as cidades?

— Porque estão menos defendidas do que as bases militares. A intenção do vosso tio é começar desde logo por dizimar a população.

— O rei tem conhecimento desse plano?

— O príncipe Khalid diz que sim, mas temos as nossas dúvidas.

— E o príncipe herdeiro?

— Infelizmente, apoia a decisão.

Majid estava incrédulo. Não havia ninguém a quem apelar, teria de dialogar com o tio. Ali estava ele, todo cheio de si, debruçado sobre um mapa topográfico do golfo Pérsico, com pequenas peças a representarem, respetivamente, as forças sauditas e as iranianas. Lanchas rápidas da Guarda Republicana do Irão estavam a atacar a frota saudita com mísseis e já tinham afundado uma fragata e duas corvetas. O campo de Ghawar estava em chamas. Os mais recentes antimísseis *Hawk* tinham-se revelado ineficazes contra uma invasão de drones iranianos. Entretanto, a incursão saudita em território iraniano fora sumariamente repelida pela defesa antiaérea russa.

— Os nossos F-15 conseguiram atingir o reator nuclear de Arak e também a estação de água pesada, mas a um custo elevado — informou o general da Força Aérea encarregado do *briefing*. — E detetámos lanchas de desembarque em Bandar Abbas.

— E onde estão os americanos? — interrogou Majid.

— Vêm a caminho! — exclamou o príncipe Khalid. — Mas, para isso, temos de provocar os russos e fazê-los entrar em campo! Temos a

promessa pessoal do presidente americano de que o Irão será destruído. A Rússia não os salvará.

— Esta estratégia não deveria ser posta em curso sem o rei dar o seu consentimento — acautelou Majid, alarmado. — Não só é crime de guerra atacar a população iraniana, como será também um atentado ao Islão. Se dermos esse passo, esta guerra só termina quando ambas as nações, a nossa e a deles, tiverem desaparecido.

— Essa decisão foi-me confiada — declarou o príncipe Khalid com soberba. — O rei deu-me plenos poderes para defender o nosso território sagrado. A decisão está tomada e o que daí advirá já está predestinado. Alá deixou este poder nas nossas mãos para que o usemos. — O velho príncipe voltou-se para o general da Força Aérea. — Tens as minhas ordens — declarou.

Majid ficou momentaneamente petrificado de choque. Depois, deixou o *bunker*.

A noite estava fria. Chegando ao seu jipe, trocou o uniforme pela tradicional túnica saudita. Calçando umas sandálias, passou por uma multidão frenética de soldados da Marinha, chegou ao portão e saiu para a cidade vazia. A brisa ia soprando areia pelas ruas poeirentas.

Ao fundo da colónia militar havia um clube de oficiais com uma pista para as corridas de camelos. Passou pela estrebaria. Aqueles cheiros — os camelos, a aveia — eram-lhe familiares e reconfortaram-no. Os camelos eram criaturas belas; não mereciam morrer. Abriu a porta da estrebaria e fê-los sair para a noite. Pareciam apreensivos. Ele era um estranho e a liberdade era-lhes desconhecida, mas roncaram, e, relutantes, aceitaram o seu destino.

Um deles ainda se voltou e fitou-o com uma interrogação no olhar. Era uma fêmea e a mais curiosa do grupo. Baixou a cabeça para que o príncipe a afagasse. Tinha uns olhos grandes.

— *Marhaba, habibti* — saudou ele. — Levas-me deste lugar?

Foi buscar uma sela e uma manta e subiu-lhe para o dorso. Era alta e possante. Juntos, descobriram um dos antigos trilhos que seguiam deserto adentro.

Os sons da guerra não o deixaram dormir. O veleiro ia abrindo caminho pelas águas fosforescentes do golfo Pérsico. Por cima deles, as aeronaves militares iam guinchando e deixando rastos de estrondos. Henry tinha a sensação de estar a assistir a tudo aquilo como se debaixo de água; de um lado e do outro do golfo, explosões distantes alumiam o horizonte. Algumas eram breves, mas outras, tratando-se de uma refinaria ou de uma armaria, eram imensas, gigantescas, intensas como o nascer do Sol. A destruição era espantosamente veloz. Anos de labor e infraestruturas que tinham custado somas incalculáveis desapareciam num instante. E que

mais poderia seguir-se a isso senão décadas de miséria e tormento? Jamais se fez uma comparação honesta entre o custo da guerra e o de manter a paz, ainda que sob tensão permanente. Mesmo os vitoriosos sofrem sempre prejuízos impossíveis de aferir com rigor. Naquele momento, ocorreu a Henry que talvez estivesse a assistir à morte da era do petróleo.

O céu iluminou-se, revelando-lhe todo o contorno de um emirado diante deles. Era uma ilha muito pequena, com arranha-céus que se erguiam daquela porção mínima de chão como náufragos numa canoa. Perguntou-se por quanto tempo se manteriam aqueles altivos edifícios orgulhosamente de pé. Depressa a guerra chegaria aos países vizinhos, era inevitável. Por toda a região, as alianças estavam definidas. A neutralidade era coisa que não existia, e, fosse como fosse, é característica da guerra crescer e engolir tudo ao seu alcance.

O veleiro desviou para uma angra fechada por refinarias e ancoradouros. O capitão, que se chamava Ramesh, indicou-lhe, imediatamente em diante, o que parecia ser um grande complexo industrial.

— Os americanos — disse.

No mesmo instante, Henry reparou em dois barcos-patrolhas a virem velozmente ao seu encontro. Acenou, mas logo se tornou óbvio que não vinham para lhe dar as boas-vindas.

«Para trás! Para trás!», ordenou uma voz por um altifalante. «Estão em águas interditas! Se avançarem mais, serão abatidos!» Seguiu-se o mesmo aviso em árabe.

— Sou americano! — gritou Henry, mas eles não o ouviam, e, ainda que ouvissem, não teria feito diferença. Ramesh foi lento a reagir, mas, quando uma sucessão de disparos varreu as águas diante da embarcação, as velas viraram bruscamente e o veleiro começou a descrever uma curva para voltar para trás. — Não, espera! — gritou-lhe Henry. Mas o capitão não estava com apetite para ser alvo de mais disparos.

Henry pensou a toda a velocidade, depois lançou-se à água.

Não era grande nadador. Viu o vento inflar as velas e o veleiro afastou-se, deixando-o para trás, rodeado de água. Ramesh ainda olhou para trás, mas, claramente, não se arrependia de ir deixá-lo ali. Estava muito longe da margem. Ao fim de segundos, um dos barcos-patrolhas voltou para trás, deixando-o à mercê da ondulação que levantou. O outro continuou onde estava. Dois jovens oficiais ficaram ali parados a olhá-lo, inexpressivos. Ambos de óculos escuros, pareciam modelos. Quando Henry começou a nadar ao seu encontro, o piloto engatou a marcha à ré e o barco recuou lentamente. Não iam deixá-lo alcançá-los. *Vão ficar a assistir enquanto me afogo*, pensou Henry. Os sapatos e a roupa pesavam-lhe, pareciam querer puxá-lo para o fundo. Continuou a nadar «à cão» — o que mais podia fazer? Por fim, o piloto pôs o barco em ponto-morto, deixando que ele se aproximasse o suficiente para poderem ouvir-se.

— Mas que porra está o senhor a tentar fazer?! — perguntou.

— Estou a tentar voltar para casa.

— Dê-se por sortudo por ainda não o termos enchido de chumbo. — Apontando, indicou-lhe um cais talvez a pouco mais de três quilómetros. — Se nadar até ali, estará no emirado. Fale com eles.

— Sabe muito bem que não consigo ir até além.

— O senhor fez a sua escolha, não fomos nós. Isto aqui é uma zona de guerra e temos regras a cumprir. Estamos em quarentena. Ninguém entra, ninguém sai. É para sua segurança.

A situação começava a tornar-se absurda.

— Ouça, eu sou americano — disse Henry. — Sou médico. Só quero voltar para casa para...

— É médico? — O tom do piloto mudara completamente.

— Sim.

— Médico de verdade? Ou paramédico?

— Médico de verdade.

O piloto olhou para o colega e de novo para Henry.

— Suba a bordo. Temos cá gente a precisar de um médico de verdade.

— Henry nadou até à escada na popa. Assim que saiu da água, começou a tremer sem parar, não sabia se de frio, se do medo que até ali conseguira reprimir. O outro oficial entregou-lhe um colete salva-vidas. Enquanto isso, já o piloto arrancara velozmente de volta à base. Henry nunca estivera numa embarcação tão rápida. Tinha os dentes a baterem incontrolavelmente. — Vê aquele submarino? — apontou o piloto. Henry olhou. Cinzento, alongado e de superfície lisa, lembrava uma baleia. Lá estava a torre na dianteira, a «barbatana»; parecia uma cruz de metal. — Vai seguir para a base naval de Kings Bay. Eles já pediram assistência médica, mas não podemos deixá-los entrar na base.

— Kings Bay, na Georgia? — perguntou Henry. Só podia ser um milagre.

— A bordo há infetados com o vírus de Kongoli.

— Eu corro o risco.

— Como queira. Mas olhe que aquilo mata.

Henry mal o ouviu. O seu pensamento era só um: ia finalmente voltar para casa.

BOCAS-DE-LOBO

Jill morrera há uma semana quando Helen finalmente arranjou coragem para enterrar o corpo. Esperou que Teddy estivesse a dormir e então saiu para as traseiras para abrir a sepultura. Nunca imaginara que fosse tão difícil. Quanto mais cavava, mais resistência o solo parecia oferecer. A dada altura, a pá bateu numa grossa raiz de árvore. Todo o seu esforço acabava de ir por água abaixo. Sentou-se na relva e começou a chorar. A cova praticamente não tinha profundidade. Experimentou pôr-se ali dentro de pé; não ficava sequer com os joelhos abaixo do nível do solo.

A escuridão era total. Não havia luz em nenhuma das casas em volta. Há dias que não via ninguém para lá do irmão. Queria ajuda, mas não sabia a quem pedir. *Se calhar, nunca mais ninguém me vai ajudar*, pensou. *Se calhar, morreu toda a gente e agora tenho de ser adulta. Mas eu não sei ser adulta*. Estava furiosa com os pais. Com o pai, porque fora para longe. Com a mãe, porque morrera e a deixara com Teddy e com o problema de ter de a enterrar.

De certeza que o pai também já morrera. Aliás, ele traíra-a, mentira-lhe, dissera-lhe que ia estar sempre presente quando ela precisasse, mas afinal desaparecera. «Nunca mais tivemos notícias dele.» Um dia diria isso às pessoas. A frase foi-se repetindo no seu pensamento como uma daquelas músicas que não se conseguem tirar da cabeça.

A dada altura, tivera vergonha do pai. Foi quando se apercebeu de como as pessoas o olhavam. Ela era muito bonita, era um facto. O pai não era. Ela sabia que ser bonita a punha num lugar especial e queria isso, queria que todos a achassem linda e perfeita, portanto não podia ser vista com alguém de quem as pessoas tinham pena. Henry tomou consciência disso e passou a guardar alguma distância da filha sempre que estavam em público. Perante a atitude nobre do pai, ela ficou desolada por proceder assim. Ali fora, nas traseiras da sua casa, começou a soluçar. Amava muito o pai e envergonhava-a ter tido vergonha dele. E agora ele desaparecera para sempre e ela não ia ter oportunidade de se redimir do que fizera. Desprezara o pai por ele ter uma deformação física e detestava-se por isso. Não imaginava o que seria viver com uma imperfeição assim. Mas, por dentro, ela era feia, mirrada e deformada e o pai era alto e bonito. O seu pai era o homem mais inteligente do mundo.

Ainda assim, não conseguira salvar a mãe.

Abrir aquela sepultura tornou-se na coisa mais importante que jamais fizera. Vencendo esse desafio, talvez sobrevivesse, tornar-se-ia no tipo de pessoa capaz de fazer coisas adultas como abrir uma sepultura a sério, de maneira que, se algum animal viesse ali escavar, não conseguisse desenterrar a mãe. Só a ideia arrepiava-a.

Foi à garagem buscar um machado e começou a cortar a raiz da árvore com uma fúria e uma determinação como jamais soubera que podia ter. Teve a vaga sensação de que estava a chorar. A raiz tinha o diâmetro da sua cabeça. A princípio, foi dando golpes sucessivos sempre no mesmo sítio, mas depois lembrou-se de quando vira o pai cortar lenha. Ele explicara-lhe que devia inclinar a lâmina do machado de modo a abrir um «V» no tronco. As lascas de madeira iam voando sem parar, até que, por fim, ela se deixou cair ao chão, exausta.

Fixou-se na raiz. Odiava-a. Não estava a deixá-la fazer algo que tinha de fazer. Não era justo. Era demasiado difícil. Ainda por cima, tinha de a cortar em dois pontos distintos, para retirar a porção que estava no seu caminho. Depois, teria de continuar a cavar. E ela detestava cavar. Odiava aquela terra suja. E de certeza que a terra a odiava a ela.

Os seus olhos foram-se habituando ao escuro, mas dentro da cova estava mais escuro ainda, por isso entrou em casa para ir acender a luz da cozinha, que iluminaria o pátio das traseiras. Lá dentro, sentiu o cheiro da morte da mãe rodeá-la, envolvê-la. Encontrou uma lanterna numa gaveta. Levou-a consigo e posicionou-a, acesa, na orla da cova. Conjuntamente, a luz da cozinha e a da lanterna projetavam a sombra dela na garagem dos vizinhos. Parecia um desenho animado gigante. Imaginou o irmão a rir-se dela. Mas depois perguntou-se se as pessoas iriam voltar a ter vontade de rir. Teve vergonha por ter achado que aquilo tinha alguma piada. Sentiu-se uma fora da lei má e imoral e isso encheu-a de energia, e golpeou a raiz até finalmente separar aquele lado.

Sentou-se na relva a descansar. Estava toda suja e transpirada. Sempre achara ter uma vida magnífica, mas não, era tudo estranho e horrível. *Pelo menos, estou viva, ocorreu-lhe. Mas a Kendall morreu. E a mãe morreu. E o pai, se calhar, também. E a vida continua, como se estarmos vivos ou mortos desse no mesmo. Talvez nada disso tenha importância, mas uma coisa eu sei que é importante: abrir esta cova para enterrar a minha mãe.* Os seus olhos encontraram a casinha que o pai lhe fizera quando ela tinha três anos. Passara horas a brincar ali. Fora há tanto tempo. Quando ainda não tinha consciência das coisas.

Que estupidez ter chegado a pensar que era perfeita. Era alta, a mais alta das colegas, e até era mais alta do que a maioria dos rapazes. Estava condenada a parecer uma gigante. Até já perguntara ao pai porque era tão alta. Afinal, ele era baixo e a mãe, de estatura média. Aos onze anos, já era mais alta do que os dois.

— Sais ao meu lado da família — revelou-lhe o pai. Até então, nunca tivera sequer real noção de que o pai tinha tido mais família. Só lhes mostrara fotografias dos bisavós dela e nunca falava dos pais.

— Mas tu não és alto — disse ela.

— Os meus genes são — explicou o pai. — Fiquei baixo por causa da doença. Não me lembro da altura dos meus pais, mas disseram-me que a minha mãe rondava o metro e oitenta e que o meu pai tinha mais uns dez centímetros do que isso. Portanto, não te espantes se vieres a ter a grande vantagem de te poderem ver em condições.

— A tua mãe era bonita? — perguntou ela.

— Acho que sim. A minha avó tinha fotos dela em criança. Tinha encanto, sem dúvida. Só vi uma foto dela já adulta. Estava com um chapéu largo que lhe fazia sombra na cara, por isso não se via bem. O meu pai parecia um modelo. Tinha umas feições ossudas, bem desenhadas. E cabelo ruivo, assim como o teu. Mas a verdade é que não há um gene da beleza. Não é como a nossa altura.

— Que pena eles terem morrido.

— Pois é.

— Foi um desastre de avião ou uma coisa desse tipo?

— Uma coisa desse tipo, sim.

Tantos segredos. Depois de dizer aquilo, o pai pusera fim àquela conversa. E agora ela jamais ficaria a saber o que acontecera de facto.

Continuou a cortar a raiz. Depois cavou. O céu começou a clarear. E ela, ora a cortar a raiz, ora a cavar, ora a chorar.

O pai não acreditava em Deus, mas ela, sim. Era o seu segredo. Era uma rebelde. Deus era o seu pai verdadeiro, era perfeito, preocupava-se com ela e não se fora embora. Não, isso fora antes. Agora já não pensava assim. Que o nascer do Sol continuasse a ser tão belo era como se Deus estivesse a dizer: «As pessoas não fazem falta no meu mundo.» Veio-lhe uma ideia à cabeça: *A minha nova religião é: Deus existe e odeia-nos.*

Já quase não tinha forças. Daquele lado, a raiz era ainda mais grossa. Claro. Deus gostava disso. De tornar tudo impossível. Mas estava enganado, porque era possível, e cada golpe de machado que ela dava provava isso mesmo. Ouviu um trinado. Um pássaro que escapara ao extermínio. Quem lhe dera poder dar-lhe um tiro. Eram eles que traziam o vírus. Até os animais de estimação infetavam. O *Peepers* morrera. Quem lhe dera poder pegar-lhe ao colo e fazer-lhe festinhas e acreditar que o amor continuava a fazer alguma diferença.

Tinha de despachar aquilo antes de o irmão acordar. Permitiu-se um mau pensamento: *Porque é que não foi o Teddy a morrer em vez da mãe? Agora tenho de cuidar dele e não quero. Ele só me vai atrapalhar.* Mas também não queria ficar sozinha.

Por fim, separou também aquele lado da raiz. Estava feito. Exausta,

deixou-se cair ali mesmo. Ao acordar, não soube quanto tempo estivera a dormir. Tinha o sol a dar-lhe em cheio nos olhos e estava deitada na sepultura da mãe.

Recomeçou a cavar com fúria redobrada. Tinha o estômago a torcer-se de fome, mas não podia parar. Agora, a terra quase parecia pedra. Começou a golpeá-la com o machado e depois tirava-a da cova às pazadas. Sabia que uma sepultura deve ter cerca de dois metros de profundidade, mas não ia conseguir fazê-la tão funda. Mesmo que conseguisse, depois como fazia para sair cá para fora? Começou a negociar com a sua consciência: tendo ela doze anos e sendo rapariga, que profundidade era razoável esperar que a sepultura tivesse? Já estava ali metida até à cintura. Além disso, a sua ideia fora abrir um retângulo perfeito, mas não estava a ficar de todo assim.

— Isso é o quê?

Era Teddy. Nos degraus do alpendre, de pijama.

— Sentes-te bem? — perguntou Helen. Ele assentiu. — Tens fome? — Outro assentimento. — Ainda há um resto de cereais. Eu acabo já isto. — Teddy foi para dentro. A irmã não respondera à pergunta, mas ele já sabia. Helen recomeçou a cavar. Estava muito calor, mas a terra debaixo dos seus pés estava fria. A transpiração ardia-lhe nos olhos. Por fim, sentou-se na beira da cova. Estava completamente exausta. Tinha de comer. E de beber água. A mãe ter-lhe-ia dito que fizesse uma coisa e outra. Era quase como se estivesse a ouvi-la, ela a entrar em casa depois de ter estado a brincar cá fora e o almoço à espera na mesa. Mas isso jamais aconteceria. Por causa de Deus. Sentada ali à beira, notou que tinha os pés pendurados. Conseguira. A cova estava suficientemente funda. Entrou na cozinha. — Sobraram cereais para mim?

Teddy abanou a cabeça e fez um ar culpado. Helen lembrou-se das sanduíches que a mãe fazia: tomate e maionese e sem côdeas. Iogurte de chocolate. *Pringles*. Canja. Tudo isso se acabara. A despensa estava vazia, só havia lentilhas, que durariam uns três dias, não mais. Também havia ainda algum fiambre no frigorífico e um daqueles queijos pequenos d'A *Vaca Que Ri*. Parecia uma fatia de tarte em miniatura. Na prática, tudo quanto comesse estaria a tirar da boca do irmão, mas não queria saber. Ou talvez quisesse. Agora que não sobrava mais ninguém, nem sabia bem qual era a sua relação com Teddy.

O irmão fitava-a. Observou-lhe a expressão. Aquilo era assombro, ou algo do género. Espanto. Por ela estar imunda, talvez. Baixando a cabeça, ele pôs-se a olhar para a sua tigela dos cereais vazia.

— Obrigado por enterrares a mãe — disse.

— Ainda não a enterrei.

— Eu sei.

Depois de ela comer o queijo, saíram os dois para as traseiras e

pararam na beira da cova.

— Não está suficientemente funda — disse Helen.

— Eu acho que está.

— Achas mesmo? — Ele assentiu. Ela voltou lá dentro. De novo aquele odor, como que a dar-lhe as boas-vindas. Agarrou no pano da louça que estava pendurado na porta do fogão e atou-o em volta da cara. Parecia uma bandida. — Vai um bocado para o teu quarto — pediu ao irmão.

Atravessou o corredor e abriu a porta do quarto dos pais. A mãe ficara com a boca aberta. Estava tão azul como o candeeiro de porcelana na mesa de cabeceira. Havia sangue nos lençóis e pequenos sulcos secos que partiam dos olhos, dos ouvidos e das narinas. *Deus quis que a minha mãe ficasse assim*, pensou ela.

A mãe estava gelada, parecia que tinha saído do congelador. Como podia um corpo ficar tão frio só por si? A mãe estava rígida e fria como pedra e parecia que a tinham pregado à cama. Afastou os lençóis. A mãe tinha a camisa de noite descomposta. Helen já ia pô-la bem, mas depois ocorreu-lhe: *Esta já não é a minha mãe. É uma coisa pesada e feia. E fedorenta. E morta.*

Agarrou-lhe os calcanhares e rodou o corpo de maneira que ficasse com os pés fora da cama. Parecia uma tábua. Os braços estavam numa posição esquisita, parecia que a mãe ia aceitar um presente ou abraçar alguém. Puxou-a para si, desviando os olhos quando a camisa de noite começou a subir. Já completamente fora da cama, o corpo caiu ao chão. A cabeça bateu com tanta força na armação que se ouviu nitidamente o osso a rachar. Helen quis gritar, mas tornou a dizer a si mesma: *Esta não é a minha mãe. Esta não é a minha mãe.*

Ao chegar ao corredor, voltou o corpo e, agora a puxá-lo, entrou na cozinha e saiu para as traseiras. Parou um momento a descansar, depois foi ao armário no corredor e tirou o capacete de futebol do irmão. Enfiou-o na cabeça da mãe. Ao fazer o corpo descer os degraus do alpendre, o capacete foi batendo em cada um.

Parou à beira da sepultura. Estava com medo de empurrar o corpo ali para dentro, porque poderia ficar com a cara voltada para baixo e isso parecia-lhe mal. Meteu-se na sepultura para o descer ali para dentro. O corpo foi escorregando lentamente da terra amontoada, até que, de repente, pareceu ressuscitar e veio para cima dela, atirando-a para trás. Agora, estava ela meio sepultada debaixo do corpo, com as pernas azuis e rígidas da mãe a aprisionarem-na naquela cova estreita. Contorceu-se e debateu-se e por fim lá conseguiu afastar o corpo para o lado e esgueirar-se de debaixo daquele peso. Antes de sair para a superfície, ainda lhe compôs a camisa de noite. Com a primeira pazada de terra, cobriu o rosto da mãe, que não queria continuar a ver.

Já quase anoitecera quando terminou. A cova estava tapada e a terra

formava uma elevação. Lembrava um pão acabado de sair do forno. Ficou ali parada, de pé, e então surgiu Teddy ao seu lado, trazendo um ramo de bocas-de-lobo que colhera de um dos canteiros do lado da frente da casa. Deixaram-no na sepultura de Jill.

NENHUMA VIDA VALE MAIS DO QUE OUTRA

O vírus de Kongoli começou a dizimar governos. Como seria de esperar, os mais instáveis foram os primeiros a cair. Líbano, Iraque e Afeganistão foram-se sucedendo, a anarquia a seguir no rasto da doença, a matar os mais fortes e a afastar os fracos do seu caminho. Ao caírem simultaneamente os governos da Itália e da Grécia, ambos no mesmo dia, 30 de junho, ficou exposta a fragilidade da sociedade ocidental. A civilização era como as calotas polares após décadas de aquecimento global — estava a derreter. Seguiu-se a França.

Quando o comité de delegados tornou a reunir-se, agora por videoconferência, tal como ditavam as normas de segurança, o principal ponto na agenda era a guerra no Médio Oriente. Dois caças, um Su-57 russo e um F-22 Raptor americano, envolveram-se num jogo do gato e do rato no espaço aéreo por cima da cordilheira de Zagros e acabaram abatidos por mísseis teleguiados de última geração. A tecnologia evoluíra a tal ponto que dificilmente as armas inteligentes falhavam um alvo. Esse episódio acabou por atear um conflito em larga escala entre os Estados Unidos e a Rússia e os apoiantes de cada uma das partes. Na Arábia Saudita, os campos de petróleo continuavam a arder. No Irão, Isfahan, uma cidade tão cheia de história, estava quase completamente arrasada. Em Teerão, as mortes ascendiam às dezenas de milhares. Ambas as partes tinham entrado na guerra já debilitadas pelo vírus, e, tal como em 1918, o mesmo acabou por se espalhar entre as tropas. Já sobrelotados com casos da «gripe de Kongoli», os hospitais não tinham capacidade para tratar mais do que uma fração dos feridos. Mas isso não travava a guerra, que, na sua fúria cega, acabou por fazer tanto o Irão e a Arábia Saudita, quanto os países vizinhos de um e de outra, regressarem a um mundo anterior à industrialização. Excluindo as armas, pouco restava da modernidade.

Como sempre, o mais chocante da guerra, aquilo que de imediato saltou à vista, foi a verificação de que as suas consequências eram imprevisíveis.

«Destruímos a base naval iraniana em Bandar Abbas, mas os russos abateram-nos mais quatro caças», informou o delegado do secretário do Estado-Maior das Forças Armadas.

O delegado do secretário da Defesa atualizou a informação quanto ao equilíbrio de forças na região:

«Está a nosso favor, sem dúvida, mas eu diria que está a mudar», acautelou. «Temos a nossa Quinta Frota estacionada no Barém e a Força Aérea a operar a partir do Qatar; temos lá a nossa maior base aérea no Médio Oriente, com bombardeiros B-52 prontos a aniquilarem o Irão. Aliás, facilmente podem fazer o mesmo com a Rússia. A Frota do Pacífico russa já está a caminho do Golfo e, adicionalmente, eles têm caças altamente avançados estacionados no Irão, e mais vão chegar. A vantagem da Rússia é estar a defender um aliado bem mais poderoso e resiliente. Todos sabemos que o plano dos sauditas sempre foi deixar que travássemos nós a guerra por eles.»

«As consequências ambientais também vão ser consideráveis», informou o delegado do secretário de Estado. «Nas províncias do Leste, a inalação de fumo já fez milhares de mortos. E os ventos estão a arrastar esse fumo tóxico para oeste. Os céus estão negros desde lá até ao Sul de Espanha.»

Então o delegado do secretário do Comércio saiu-se com uma ideia quase herética:

«Será que saímos realmente a ganhar defendendo a Arábia Saudita?», interrogou. «Vai levar anos até que algum dos dois torne a ser relevante para a economia mundial.»

O delegado do secretário de Estado mostrou-se de acordo.

«O Irão é o Irão, mas será que queremos mesmo uma guerra declarada com a Rússia?»

«Eles devem estar a fazer o mesmo raciocínio», replicou o delegado do secretário da Defesa.

Tanto os Estados Unidos quanto a Rússia tinham-se deixado levar por uma febre de ódio e paranoia, e, ainda que não quisessem uma guerra nuclear, ansiavam, um e outro, por um qualquer final orgástico que não ficaria muito longe disso. Ainda assim, Tildy continuava a encarar a atual conjuntura como um momento crucial para tornar a pôr os russos no seu lugar.

«Ganhamos alguma coisa em esperar?», perguntou. «Mais vale atacarmos já, antes que a frota deles chegue ao mar Árábico. Corremos com eles do Golfo e pronto. Com Putin, não são muitos os momentos em que se goza de clara vantagem.»

Terminada a videoconferência, foi enviada uma recomendação ao conjunto dos secretários que compunham o Conselho de Segurança Nacional: pôr os B-52 no ar, neutralizar as defesas dos russos e travar a sua Frota do Pacífico. Quisesse a Rússia ir por diante com a guerra, pagaria caro.

Tildy tirou do micro-ondas a sua refeição pré-cozinhada e foi sentar-se no sofá a ver as notícias, com a *Baskin* deitada ao seu lado. Nos Estados

Unidos, a pandemia atingira o pico. Todos os serviços governamentais estavam encerrados e o Congresso, suspenso. O novo presidente continuava refugiado na cidade-*bunker* de Mount Weather, na companhia de outras figuras-chaves do governo, e fora a partir de lá, no estúdio para os comunicados de emergência, que fizera uma declaração a tranquilizar os americanos. Nas suas palavras, adivinhava-se para breve um tratamento eficaz, depressa o comércio reabriria e a NBA iria retomar o campeonato. Claro que era tudo mentira e todos sabiam, mas, ainda assim, Wolf Blitzer deu a notícia.

«Agora, vamos falar-lhe de um caso de sabotagem nos laboratórios de pesquisa biomédica no Instituto Whitehead do Instituto de Tecnologia de Massachusetts», anunciou o pivô da CNN. Seguiram-se imagens das instalações, que ele descreveu como um dos laboratórios de topo mundial entre aqueles onde se procedia a estudos envolvendo testes com animais. Como quaisquer outras entidades relevantes no campo da biomedicina, também o Instituto Whitehead fora chamado a participar no esforço para encontrar uma vacina para o vírus de Kongoli. A partir de amostras facultadas pelos CPCD, estava-se a cultivar o vírus em macacos, furões e ratos geneticamente humanizados. Muitos dos cientistas envolvidos no esforço passavam ali noite e dia; dormiam em sacos-camas nos corredores e dedicavam cada segundo de vigília a tentar decifrar os segredos do novo agente patogénico. Por causa da pandemia, a segurança das instalações era algo que já só existia em conceito. Logo à partida, jamais fora sofisticada como a de Fort Detrick, que contava com vedações, câmaras de videovigilância e identificação por *scanner*. Aproveitando essa falha, certa manhã, um grupo de indivíduos — cinquenta e dois, conforme as imagens captadas por videovigilância tinham permitido apurar — chegara ali num autocarro, todos de bata branca, máscara respiratória e luvas. «Julgámos que viessem render alguma equipa, ou então que seriam da segurança», explicou um cientista. Sem dizer nada a ninguém, tinham seguido pelo corredor até aos elevadores. «Sabiam os códigos de segurança», continuou o mesmo cientista. «Ninguém lhes fez perguntas. Ninguém entra aqui sem as autorizações exigidas. Eles entraram e pareciam saber o que estavam a fazer.»

Seguiram diretamente para a sala com as jaulas. Havia quatro blocos: dois com os furões, outro com os macacos-verdes e com os ratos, e um último que estava vazio. Os intrusos mascarados entraram sem fatos de proteção química, o que era uma loucura. Cada um saiu com duas jaulas. Apenas lhes interessavam os primatas; quanto aos outros animais, limitaram-se a soltá-los, deixando-os livres de andar à vontade pelas instalações e de contaminar tudo. Os furões estavam por toda a parte; muitos, demasiado debilitados pelo vírus, deitaram-se no chão do laboratório e assim ficaram. Quanto aos ratos, desapareceram, como é

normal fazerem; foram esconder-se nos escritórios, atrás das estantes e debaixo das secretárias. Foram mostradas imagens dos primatas que tinham sido levados; os intrusos tinham-nos libertado em Harvard Square. Blitzer falou então com o chefe da polícia de Cambridge, no Massachusetts, que explicou que a força policial juntara forças com a Guarda Nacional e que tinham passado a noite a perseguir os macacos e a abatê-los no local. Os dois últimos tinham sido localizados no túnel do metro, na linha vermelha.

«A polícia suspeita que os líderes desta ação sejam membros da Earth Guardians, uma organização de defesa dos direitos dos animais», continuou o pivô. Jürgen Stark, o líder do movimento, estava em estúdio. Negou que ele ou algum membro da sua organização tivesse tido algum papel na invasão dos laboratórios e defendeu que se tratara de uma operação organizada por alguém de dentro; por outro lado, não negava que, no passado, houvera infiltrados da Earth Guardians no Instituto Whitehead. Nitidamente, o pivô não acreditava nele. «Eles tinham os códigos de segurança», sublinhou Blitzer. «E sabiam exatamente aonde tinham de se dirigir.»

«Sim, é desconcertante, sem dúvida», replicou Stark, evasivo.

«Doutor Stark, considera que esta ação constitui um crime contra a humanidade?»

«Falemos claro», replicou Stark. «O que nós, humanos, fazemos aos animais, não só no Instituto Whitehead, como em Fort Detrick e em muitas outras instalações do género por todo o país, constitui um crime contra a natureza. Esses animais que são usados em testes nada fizeram contra nós. E, em nome da ciência, são torturados e assassinados. Tenho conhecimento pessoal disto que afirmo. Eu próprio já o fiz e viverei com essa culpa até ao fim dos meus dias. Será que os benefícios para a humanidade justificam o sacrifício de tantos animais? Eu digo que não.»

«A maioria da comunidade científica tem a posição contrária», contrapôs Blitzer. «No mundo inteiro, já morreram milhões de pessoas vitimadas pela “gripe de Kongoli”. Nesta altura, é impossível avançar com números rigorosos, mas, confrontando toda a informação disponível, os cálculos apontam para mais de trezentos milhões de vítimas mortais.»

«Se dissermos que há oito mil milhões de pessoas em todo o mundo, esse número já não soa tão impressionante», replicou Stark com frieza. Fazendo uma pausa, tirou os óculos, examinou-os e limpou uma manchinha de sujidade. «Vejam as aves. Até agora, quantas foram massacradas? “Confrontando toda a informação disponível”, faz a mais pequena ideia? E serviu de quê? Deixe-me dizer-lhe o que acontece quando introduzimos esse tipo de desequilíbrios na natureza. Abrimos a porta a uma catástrofe de proporções bem maiores do que aquela que presentemente enfrentamos. Seria de esperar que, por esta altura, o homem já tivesse

aprendido esta lição.»

«Diga-me, doutor Stark, é sua opinião que todas as vidas têm o mesmo valor?», perguntou o pivô.

«Nenhuma vida vale mais do que outra», replicou Stark. «Não concebo sequer essa pergunta.»

«Nesse caso, tendo de optar entre salvar a vida de um bebê humano ou de um chimpanzé, qual salvaria, consegue dizer-me?»

«É uma pergunta interessante, mas já não faço escolhas dessas. É algo que, para mim, ficou no passado.»

«Acredita que a vida de um vírus é tão preciosa quanto a de um ser humano?»

«Os vírus não são seres vivos.»

«Mas são parte da natureza.»

«Sim. E são essenciais.»

«E os humanos, doutor Stark?»

Fitando-o, Jürgen hesitou. Por um instante, ponderou na resposta.

«Os humanos tornaram-se num problema», acabou por responder. «Sendo egoísta e falando enquanto ser humano, espero que a nossa espécie sobreviva. Mas não tenho grandes dúvidas de que o planeta estaria bem melhor sem a nossa presença.»

O CAPITÃO DIXON

Logo que desceu ao interior do submarino, Henry sentiu a inquietação que pairava. A tripulação do *Georgia* não estava propriamente eufórica com a presença de um novo médico a bordo. O último trouxera consigo o vírus de Kongoli, e, por causa disso, estavam em quarentena. Havia cinco membros da tripulação doentes e esse primeiro médico morrera — o corpo estava na enorme despensa refrigerada de que o submarino dispunha. Ali estava um grupo de jovens soldados da Marinha encurralados por um inimigo contra o qual não podiam lutar.

Normalmente, um paramédico militar treinado em primeiros socorros e no tratamento de pequenas emergências bastava para assegurar os cuidados médicos de uma tripulação. Havia uma pequena sala de observação e tratamento, com uma porta que permitia que a maca entrasse sem ter de ser voltada, uma vez que o corredor não oferecia espaço de manobra. No armário dos medicamentos, Henry encontrou uma considerável provisão de bendamustina e de ibrutinibe, o que explicava a necessidade de haver um médico a bordo.

Um submarino é o meio ideal para uma doença se alastrar — o mesmo ar circula continuamente e todos o respiram.

— Se alguém estiver constipado, ficamos todos — explicou a paramédica suboficial de segunda classe Sarah Murphy, enquanto lhe mostrava o navio. — Não há como evitar o contágio. — Todos a tratavam simplesmente por Murphy. Por norma, num navio, usam-se os apelidos. Ela mostrava-se formal e eficiente, no que não se distinguia de nenhum dos outros. Havia apenas dez mulheres a bordo e todas usavam o cabelo preso num austero carrapito que lhes tornava as feições tão pronunciadas como as dos seus companheiros masculinos de cabelo muito curto ou rapado. Murphy crescera numa quinta em Duluth, no Minnesota, e falava com o típico sotaque indisfarçável. Quando queriam meter-se com ela, os outros chamavam-lhe a «ruralita». Magra e atlética, desceu as escadas com a facilidade de uma ginasta, aguardou que Henry a alcançasse e passaram uma escotilha circular que parecia a porta de um cofre-forte num banco. Tinham chegado a um bloco alongado com vinte e quatro grandes cilindros vermelho-vivos, originalmente concebidos para receberem mísseis intercontinentais *Trident*, cada um com doze metros de comprimento. — Entretanto, introduzimos uma pequena alteração — explicou ela. —

Passámos a usar mísseis de cruzeiro *Tomahawk*, não nucleares. — O espaço entre cada dois enormes tubos albergava uma camarata para nove, com um beliche de três camas em cada parede. De facto, aquele era o pior ambiente possível para se tentar conter uma doença respiratória.

Os membros da tripulação que tivessem adoecido ficavam confinados a uma camarata. Não havia outra opção. Os que passavam ao estado terminal eram transferidos para a cantina, que ficava por baixo da sala de comandos, para que os companheiros não tivessem de os ver morrer. Pairava um cheiro a metal. O cheiro do sangue.

— Pô-los a tomar o quê?

— Estão a soro, mais nada — replicou Murphy.

— Não lhes deu antivirais?

— Não fazem efeito. — Na cantina estavam três. Dois homens e uma mulher. Era quase seguro que iam morrer. Murphy levantou a ponta do lençol que cobria um deles para que Henry o visse. Tinha os pés negros. — Aconteceu o mesmo com o médico — disse ela. — Os pés ficaram negros, a cara, arroxeadas.

Outro mantinha-se consciente e deu pela chegada deles.

— É médico? — perguntou. Henry assentiu. — Vou morrer? — Era apenas um adolescente. Tinha os lábios azuis. Henry não teve dúvidas quanto à sorte que o esperava.

— Acho que vais ficar bem — respondeu. Não gostava de mentir, mas, por vezes, só podia mesmo oferecer falsas esperanças.

O jovem militar começou a chorar. Com uma toalhita, Murphy refrescou-lhe a testa quente da febre.

— Estava com tanto medo — disse ele.

Quando já estavam suficientemente afastados, Henry perguntou a Murphy:

— Fazem o quê aos corpos?

— O protocolo é levarmo-los de volta. Temos espaço na despensa refrigerada, mas, para ser sincera, torna-se num problema.

Henry teve direito às instalações do médico entretanto falecido — um colchão no chão ao fundo do bloco dos mísseis e ao lado do reator nuclear que fazia o submarino funcionar. Um lençol fazia as vezes de cortina. Enfim, pelo menos, sempre tinha alguma privacidade. Limpou tudo com um *spray* desinfetante. Os poucos pertences do falecido médico estavam num saco de plástico colado com adesivo à parede. As roupas estavam debaixo do colchão, abertas, para não se amachucarem. Tinha a roupa ensopada, era a mesma com que saltara para a água, mas bastou ver os ténis do falecido médico para perceber que nada do que ali estava lhe serviria. Murphy foi dar uma olhadela às coisas dos que se encontravam em estado terminal e pôs a lavar um grande saco de cuecas e meias.

Tinham feito aquela escala para repararem um pistão, mas, na base,

não tinham a peça para fazer a reparação, pelo que teriam de fazer toda a longa travessia do Atlântico com um pistão em mau estado, logo ruidoso, o que tornava o submarino detetável.

Não se dava propriamente pela deslocação, mas Henry sentiu os ouvidos destaparem ao submergirem, tal como deu por si meio na diagonal à medida que iam descendo. Os outros pareciam nem notar que tinham deixado de estar na perpendicular em relação à superfície da água. Henry julgou que aos poucos se habituaria àquele mundo fechado e alongado que ora subia, ora descia, ora guinava, mas, a espaços, dava por si a tentar refrear o pânico. Dormia mal; era continuamente assaltado por sonhos perturbantes, dos quais a sua memória não guardava rasto.

Na primeira manhã, foi acordado pelos aromas do pequeno-almoço. Só então deu conta de como estava faminto. A messe parecia um clube exclusivo, estava cheia de lembranças dos vários portos onde tinham feito escala e de galhardetes da Marinha; também havia uma foto de Jimmy Carter, ex-governador da Georgia e o único submarinista jamais eleito presidente. Os vários membros da tripulação iam enchendo pratos com ovos mexidos, salsichas e biscoitos com molho de carne. Eram todos muito novos, constatou Henry. Pôs três torradas num prato e encheu uma taça com muesli.

Foi sentar-se com Murphy, que já estava a terminar.

— Bom dia, doutor Parsons — saudou ela. — Julguei que ia comer com os oficiais.

— A comida deles é melhor?

— Nem por sombras.

— Desconfio que, para o comandante, sou um convidado indesejado — comentou Henry. — Enfim, suponho que sou mesmo. Nunca tinha estado num navio de guerra, muito menos num submarino. Sinto-me completamente perdido.

— Pode tratar o comandante por «capitão», é do protocolo. Ele não antipatiza consigo, acredite. Simplesmente, tem a regra de tratar toda a gente da mesma maneira, daí poder parecer um grande filho da dita-cuja. Mas nunca tive um superior que respeitasse tanto. — Ao dizer isto, Murphy corou ligeiramente.

— Ele não é alto de mais para estar num submarino?

Isto fê-la rir-se.

— Eu própria não sou nenhuma gigante e estou sempre a bater com a cabeça em todo o lado. As tripulações dos submarinos estão sempre a magoar a cabeça. Mas tem razão; para o capitão, deve ser especialmente complicado.

— E esta gente toda, quem é? — perguntou Henry, indicando os outros a tomarem o pequeno-almoço. Seriam cerca de vinte.

— Alistaram-se, tal como eu. Nada contra os oficiais de topo, mas, se quer saber a verdade, quem mantém tudo em ordem somos nós. Está a ver aqueles ali? — Apontou um grupo que se sentara à parte. — A parte dos mísseis é com eles. Gostamos todos de pensar que eles são os mais certinhos que cá temos. Mas, se quer que lhe diga, eu, que de uma maneira geral tenho contacto com toda a tripulação, posso dizer-lhe que são tão humanos como os outros todos. Se algum recebe um telegrama e são más notícias, uma morte na família, um divórcio ou algo assim, vão-se abaixo, como qualquer pessoa normal iria.

— Então faz o quê?

— A minha mãe é psicóloga infantil e tem uns bonequinhos que são assim umas bolas peludas com uns olhos grandes e que mexem, para dar aos pequenitos quando eles estão tristes. Nunca os viu nas farmácias? Costumam tê-los num frasco no balcão, parecem guloseimas. Há quem lhes chame pirilampos. Enfim, não serão um medicamento, mas ultimamente tenho-me fartado de os dar.

— Oferecer qualquer coisa é sempre uma boa ideia. Então e aqueles mais musculados, além?

— São das Forças de Operações Especiais. Vem sempre um contingente a bordo; às vezes é preciso desembarcar e fazer o reconhecimento da zona. Quase nem damos por eles; comem, levantam pesos e é tudo. São muito simpáticos, pelo menos até se irritarem com alguma coisa. — Lançou-lhes um olhar compadecido. — Quem os visse quando aqui chegaram... pareciam super-homens, davam ar de não terem medo de nada. Esta gripe foi um choque para eles. Vê como estão calados? Parecem os mais assustados de toda a tripulação.

— E a Murphy? Não tem medo?

— Bolas, então não tenho?! Andam todos a dizer que isto é o «barco da morte». E é. Estamos aqui presos sem poder sair. Sinto-me completamente inútil. Distribuo pirilampos e é tudo; não posso fazer mais nada. Só espero que o doutor Parsons possa ajudar-nos.

Depois do pequeno-almoço, Henry foi ver mais três membros da tripulação que apresentavam sintomas. Outro morrera durante a noite.

Logo que descera a bordo, o submarino parecera-lhe surpreendentemente espaçoso, mas depressa se instalou a sensação de estar confinado. Não era propriamente claustrofóbico, mas a combinação do espaço exíguo com a estranha experiência de estar nas profundezas fê-lo encher-se de apreensão, por sua vez potenciada pelo medo da tripulação ao ver-se à mercê de um inimigo desconhecido. Começou a ajudar Murphy. Racionavam o *Xanax* e o *Valium*, que usavam para ajudar os que já mal conseguiam controlar o pânico, e, ao estar ocupado, ele próprio esquecia o medo que sentia. Mas, fizessem o que fizessem, a atmosfera era de uma

nome ansiedade e nada havia a fazer. Era como se respirassem a desespero que pairava. Todos sabiam que as probabilidades não estavam a seu favor. Até agora, só um punhado deles tivera sintomas, mas todos tinham já sido expostos ao vírus. Dos que iriam acabar por adoecer, quase todos morreriam.

No segundo dia, Henry foi chamado ao camarote do capitão. Encorpado como era, o capitão Vernon Dixon não parecia de todo talhado para submarinista. Já na meia-idade, não só era alto, como largo e musculoso.

— Não costumamos ter médicos especialistas a bordo — disse, na sua voz grave e melodiosa. — De um modo geral, a tripulação de um submarino é saudável. Não podemos ter a bordo alguém com uma doença crónica, por exemplo. E procuramos ter certos cuidados ao pararmos nalgum porto. Claro que nem sempre se consegue. — Enquanto falava, ia dando de comer a umas aves pequenas, mais ou menos do tamanho de periquitos, mas bem mais coloridas. A gaiola estava ao lado do seu computador. Estava a dar-lhes alpista e pedacinhos de brócolos. — Antes de nos aparecerem os primeiros casos desta maldita gripe, tivemos de deixar em terra dois imbecis que se lembraram de fazer tatuagens durante a escala no Djibuti. Resultado: adoeceram com hepatite. Ou seja, já estávamos depauperados quando o seu antecessor desceu a bordo e trouxe o vírus. Livra, estás com fome! — disse, para uma das aves.

Foi encher o bebedouro e Henry aproveitou para dar uma olhadela a algumas fotos que ele tinha na porta do cacifo: dois jovens afro-americanos, um rapaz e uma rapariga, ambos de traje académico, na sua cerimónia de fim de curso (seriam seus filhos, supôs; a mãe não estava na imagem); fotos de grupo de tripulações que Vernon Dixon chefiara anteriormente; uma foto do próprio em jovem, com o equipamento da equipa de futebol da Universidade do Sul da Califórnia.

— Ah, então o capitão é esse Vernon Dixon! — exclamou Henry.

De novo diante da gaiola, Dixon voltou-se e olhou-o, impassível, como se incomodado com tal efusividade, mas depois deu uma gargalhada.

— Isso é que é ter memória! — replicou.

— Como esquecer aquele seu golo mítico no Rose Bowl?

Dixon arreganhou um sorriso.

— Foi um belo dia — recordou, embevecido. — Mas há que reconhecer que a Universidade do Ohio por pouco não nos dava uma cabazada. — As aves eram mesmo muito belas, todas de cores vivas, apenas com uma ligeira variação: umas tinham a cabeça vermelha, outras, preta; de resto, o dorso era verde, a cauda, azul, a barriga, amarela, e o peito, roxo. Pareciam feitas de partes de outras aves. — Chamam-se diamantes-de-gould — explicou Dixon. — Comprei-os num mercado em Doha. Sem dúvida que animam o camarote, não? — Segurou uma na sua mão enorme, depois

agarrar numa pequena tesoura e pôs-se a cortar-lhe as unhas. — Este é o *Chuckie*. Desconfio que é o chefe.

— São muito belas. São extravagantes.

— Trata-se de uma espécie ameaçada, segundo me disseram. Enfim, suponho que, hoje em dia, todas as aves são espécies ameaçadas. Cá na minha ótica, estou a fazer-lhes um favor. Digamos que sou como Noé. — Ficaram a vê-las por um momento. Algumas chilreavam, outras saltavam de poleiro em poleiro, outras afiavam os bicos numa maçaroca. — Escute, tenho uma tripulação doente — atalhou Dixon. — E assustada. O meu primeiro-piloto morreu. Faz-nos falta a totalidade da tripulação e neste momento ela está seriamente reduzida. O que põe em risco a nossa segurança. Sei que, aqui em baixo, não tem grandes recursos, mas há alguma coisa, seja o que for, que possa fazer? Não posso perder nem mais um submarinista.

— Nem eles podem perdê-lo a si — salientou Henry.

— Num submarino, ninguém é insubstituível — replicou Dixon, convicto.

— Mas, de momento, o capitão é quem corre maior perigo. Reparei no ibrutinibe no dispensário. Li a sua ficha médica. Quando começou a quimioterapia?

Dixon tinha algo de invencível, mas, naquele momento, os seus ombros descaíram ligeiramente.

— Há cerca de um mês — respondeu. — Parece que é leucemia.

— Leucemia linfocítica crónica — disse Henry. — Devem ter-lhe dito que a progressão é muito lenta, mas não deixa de trazer complicações. Sendo uma doença que atinge os glóbulos brancos, deixa-o muito mais vulnerável a qualquer contágio e reduz a capacidade do seu sistema imunitário de combater esta doença.

— Sim, fui informado de tudo isso. Por norma, alguém doente não integraria a tripulação de um submarino, mas não há o risco de eu contagiar ninguém. Não havia nenhum oficial com a minha patente que estivesse disponível e então eu disse-lhes que vinha e estava o assunto arrumado. Mas enfim; suponho que esta missão será a minha última.

— Não sou oncologista — ressaltou Henry —, mas podemos discutir opções de tratamento. Até lá, peço-lhe que use isto. — Entregou-lhe uma máscara e um par de luvas.

— E também vai dar destas coisas ao resto da tripulação? — perguntou Dixon, com um ar desconfiado.

— Só temos dez máscaras e uma caixa de luvas. É o que há, mas pode dar jeito. Talvez não chegue para travar uma epidemia, mas, no seu caso, sempre fica um pouco mais protegido.

Dixon devolveu-lhe a máscara e as luvas.

— Todos a bordo correm o risco de serem infetados, não sou só eu.

Qualquer um da minha tripulação pode morrer. Prefiro correr o risco em pé de igualdade com todos eles.

— É um homem corajoso, mas não está a ver o problema da maneira mais correta. O capitão está mais vulnerável ao vírus do que os restantes a bordo. E é quem ocupa a posição mais importante.

— Todo o navio é como uma orquestra — declarou Dixon. — Não há nenhum instrumento que não faça falta. Eu sou apenas o maestro. Se cada um fizer a parte que lhe toca, podemos mesmo dizer que sou o elemento *menos* importante a bordo. Descubra como ajudar a minha tripulação e depois deixo-o preocupar-se comigo até se fartar.

DOLLY PARTON E JOHN WAYNE

Aos poucos, Henry começava a adaptar-se ao estranho ritmo da vida a bordo de um submarino. As luzes artificiais impunham a bizarra sensação de ser sempre dia. Nas áreas comuns, reduziam-nas no período correspondente à noite, depois tornavam a subi-las para o período diurno. Alguns submarinos regiam-se pelo tempo médio de Greenwich (a «hora dos zulus», na gíria militar), mas o capitão Dixon preferia ir seguindo sempre a hora local à medida que o submarino fazia a travessia do Atlântico, ou seja, quando por fim chegassem à Costa Leste dos Estados Unidos, os relógios teriam sido atrasados nove vezes. Henry sentia-se constantemente desfasado. Tanto podia passar horas e horas sem nada que fazer, como, de um momento para o outro e sem que nada o fizesse prever, ser-lhe exigido um esforço frenético. O falecido médico trouxera um *e-reader* e foi com alívio que Henry descobriu ter ali uma seleção de clássicos com que se entreter. Começou a ler *Guerra e Paz* no ponto exato em que o seu predecessor o deixara: Pierre, de fraque, no campo de batalha.

Um dia, Murphy apareceu com uma farda de trabalho azul, das que se usavam na Marinha. Arranjara-a para lhe ficar à medida.

— Só tive de subir as bainhas e fazer mais uma coisita ou outra — disse, procurando desvalorizar aquele seu gesto tão atencioso. Henry ficou sensibilizado. Ao vestir a farda, sentiu que, para todos os efeitos, passara a ser mais um da tripulação. E só então se deu conta de que precisava urgentemente de um corte de cabelo. O barbeiro — em *part-time* — era o subchefe de cozinha. De seu nome Thistlethwaite, todos lhe chamavam o «Bolacha».

— Então explique lá como quer o corte, doutor — disse ele. — É só uma apadela?

— Não — replicou Henry. — Faça-me o corte à militar.

— E tiro a barba?

— Não, a barba fica. Mas talvez possa pô-la mais apresentável.

De volta ao seu «quarto individual», Henry observou-se ao espelho. Parecia outro homem. Levava uma carecada e o couro cabeludo picava quando lhe passava a mão. E parecia ter o rosto maior, como se estivesse a vê-lo com uma lupa. A barba estava bem mais pequena e bem-desenhada. *Vou andar assim para o resto da vida*, resolveu.

Ao voltar à sala de tratamento, encontrou Murphy à sua espera.

Também ali estava um rapaz da tripulação, a contorcer-se de dor. Pelo acne, teria uns dezanove anos.

— É febre? — perguntou Henry.

— Dentes do siso.

Henry chamou-a de parte.

— Não sou dentista — disse-lhe.

— Eu sei que não, doutor Parsons.

— E ele, sabe?

— Nunca tivemos um dentista a bordo, portanto, eu diria que sim.

Henry regressou à sala de tratamento. O rapaz olhou-o. Estava em pânico. «McAllister», lia-se numa tirinha de plástico que ele usava ao peito.

— Qual é o teu nome próprio, rapaz?

— Jesse.

— A dor é muito má?

— É, doutor, senão não estava aqui.

Henry agarrou numa espátula e calcou-lhe a língua para lhe examinar o interior da boca. Era no maxilar inferior. De um lado e do outro, a gengiva estava infetada a seguir aos molares, que estavam a ser pressionados pelos dentes do siso a romperem tortos. Ia ter de extrair aqueles dois molares. O mais certo era mais tarde ter de se fazer o mesmo com os dois de cima, mas, para já, não estavam infetados, portanto não ia mexer-lhes. Tocou ao de leve com a sonda curva na gengiva e McAllister quase saltou da cadeira.

— Murphy, temos lidocaína?

— Temos, doutor. Se vai operar, talvez devêssemos passar para a sala dos oficiais; lá, temos luz apropriada.

Henry deu uma olhadela aos instrumentos cirúrgicos à disposição. Havia o básico: dois bisturis de tamanhos diferentes, cânula, cureta, uma pinça pequena para levantar e segurar o tecido, grampos, fórceps, um acutenáculo e separadores. Chegava. Por outro lado, há muito que não operava — nem sequer uma intervenção das mais simples.

Na sala dos oficiais, o capitão e um suboficial estavam entretidos a jogar às cartas. Ao verem-nos chegar com o paciente queixoso, guardaram-nas de imediato sem dizer palavra. Murphy tirou tudo da mesa e ligou o foco cirúrgico de teto que ali havia. Mais uma vez, Henry surpreendeu-se com a elegância com que o pouco espaço disponível num submarino era otimizado.

Felizmente, Murphy tinha a mão treinada para as injeções, e, em breve, já McAllister tinha as gengivas insensibilizadas. Mas o mesmo não acontecia com os seus olhos, que iam seguindo Henry e o viram agarrar no bisturi.

— Jesse, com alguma sorte, não vais sentir nada — assegurou ele. — Vou ser o mais cuidadoso possível. Só te peço que não me mordas a mão,

OK? — Isto arrancou, ao rapaz, um queixume diferente; poderá ter sido uma gargalhada. Henry fez uma incisão para lá do inchaço na gengiva, outra antes, e ali estava o dente a querer subir. Afastou aquele minúsculo «bife» de gengiva e Murphy aspirou o sangue e o pus. Ao esgaravatar em busca da raiz do molar, Henry sentiu o odor da infeção. McAllister tremia de ansiedade, o que recordou, a Henry, porque deixara de operar há anos: detestava causar dor. Extraiu o dente sem dificuldade, mas, agora, havia o problema do maxilar infetado. Não tinha ali uma broca ou outros instrumentos de medicina dentária, mas havia que extrair o abscesso. McAllister deixou escapar um queixume assustado e incrédulo ao senti-lo esgaravatar cada vez mais fundo com o bisturi, até a cavidade ficar finalmente limpa e livre de infeção. — Não custou nada, pois não? — perguntou Henry, orgulhoso daquele feito. Começou a suturar e Murphy foi enchumaçando a área em volta com algodão. McAllister fez que sim, apreensivo; sabia o que aí vinha. — Agora, vamos lá tratar da saúde ao outro — disse Henry.

Nesse final de tarde, ao ir tomar duche, Henry passou por um dos episódios mais embaraçosos da sua vida. Vestido com o robe do falecido médico, que lhe ficava grande, *idem* para os chinelos, de toalha ao pescoço, como já vira outros da tripulação fazerem, entrou por ali adentro e deparou com três mulheres, entre elas Murphy, ainda no duche ou a secarem-se. Ficou sem reação.

— Baza daqui, foda-se — rosnou uma delas, e, morto de vergonha, foi esconder-se no seu «quarto individual».

Meia hora depois, alguém bateu ao de leve na sua porta. Era Murphy.

— Peço mil desculpas — balbuciou ele. — Não sei mesmo que mais diga.

— Não se preocupe, doutor Parsons. Nós sabemos que não foi de propósito. Ninguém lhe explicou como funcionam os duches. Temos turnos para os homens e para as mulheres. Basta ver a porta.

— Não vi nada.

— Quando é a vez das raparigas, está lá a Dolly Parton. Se são os rapazes, está o John Wayne. Descanse, nós sabemos que foi sem querer. A culpa é nossa; devíamos ter explicado a sinalética.

Mais tarde, ao entrar na messe, encontrou a tripulação reunida a ver o *Black Panther*. Vários começaram a acotovelar-se e a dizerem graçolas entre dentes sobre o «fura». O «fura» era ele, claro. Portanto, já corra que tinha invadido o duche quando era a vez das mulheres. E pronto: um único erro e tornara-se no bobo de serviço. A menos que achassem que ele era tarado. Não imaginava o que estariam a dizer sobre si e não fazia questão de saber.

— Ei, doutor! — chamou um dos fuzileiros. Os outros das Forças

Especiais começaram discretamente a dar-lhe toques, a dizerem-lhe que se calasse, mas ele não ligou. — O meu amigo morreu esta manhã.

— Quem era ele? — perguntou Henry.

— Jack Curtis, suboficial de segunda classe. O doutor tinha-lhe dito que ele ia ficar *OK*.

Henry viu-lhe o desgosto e a revolta na expressão.

— Sinto muito — respondeu. — Não pude fazer nada.

— Então que merda veio cá fazer? Passar férias? Enquanto esta puta desta doença nos mata um por um?

— Ainda não há uma cura para este... — começou Henry a explicar, mas o jovem fuzileiro ainda não terminara.

— Eu estou aqui porque sei fazer o meu trabalho — declarou. — Já o amigo, parece que só veio ocupar espaço.

Henry ficou calado; no fundo, temia que ele tivesse razão.

A SR.^a HERNÁNDEZ

— Mais sopa de *ketchup*? — perguntou Helen a Teddy. Já estava farta de o apaparicar, não era a criada, mas, tirando o irmão, com quem mais podia falar? Bem, tinha o telemóvel da mãe, talvez pudesse ligar às colegas. De vez em quando, alguém lhes deixava comida no alpendre, mas não chegava. Tinham-se acabado as lentilhas. *Temos a despensa vazia*, pensou Helen. *É como nos contos*. O irmão não lhe respondeu; toda a sua atenção estava no portátil da mãe. — Estás a fazer o quê? — perguntou Helen.

— A tentar descobrir as *passwords* da mãe.

— Para quê?

— Para levantarmos dinheiro.

— Ela não ia tê-las aí.

— Acho que já sei qual é o código do cartão.

— Qual é?

— A data do teu aniversário: zero, três, dois, cinco.

— Qual é a lógica?

— As *passwords* da mãe são sempre datas de aniversário. Pelo menos as que estão aqui. — Voltou o portátil para ela ver. Estava no *site* da Target. Os dados de acesso tinham ficado memorizados. — Vês? O *username* é «Marco25» e o PIN é «zero, três, dois, cinco».

Helen olhou-o, um tanto embasbacada. *Raio do puto, é mesmo esquisito*, pensou. *Se calhar é um génio*. Como lhe ocorreriam aquelas coisas? Não se pareciam de todo. Teddy era baixote e de pele escura e ela era alta e ruiva. Ele era inteligente e discreto e ela era gira e popular. Antes, chegara a enumerar para consigo tudo o que a diferenciava do irmão, porque fazia questão de que tivessem o menor número possível de afinidades. Mas, de um momento para o outro, tudo mudara. Agora, tinham-se apenas um ao outro, ou seja, tinham passado a ter tudo em comum.

Em Atlanta, a pandemia atingira o pico, mas as pessoas continuavam hesitantes em sair à rua. Já havia algumas lojas reabertas, mas a generalidade dos restaurantes continuava fechada, e, nos supermercados, as prateleiras mantinham-se quase vazias. Mas nunca se sabia, talvez surgisse uma oportunidade de abastecerem a despensa, por isso ela começara a fazer uma lista de compras. Para já, tinha: manteiga de amendoim, gelado da *Ben & Jerry's*, massa com queijo, *Cheerios* de nozes

e mel, «outros cereais diferentes» e papel higiênico.

Puseram-se à procura de dinheiro ali em casa. A carteira da mãe estava vazia. Havia os cartões de crédito, mas talvez já não servissem para nada, e, ainda que servissem, o mais certo era não os aceitarem por serem eles a usá-los. Incapaz de pensar com clareza nos seus últimos dias de vida, Jill não deixara as coisas minimamente preparadas para depois da sua morte.

Agarraram nas bicicletas e foram até Little Five Points, onde havia uma caixa automática do Bank of America. As ruas estavam esquisitas. Helen lembrou-se de quando houvera um nevão e a cidade ficara a parecer o cenário de um conto de fadas. Nem aulas houvera. Era como dessa vez, menos a neve.

Aquela caixa já não tinha dinheiro. *Idem* para a da Avenida Ponce de Leon.

— Podíamos roubar comida — sugeriu Teddy. — É o que anda toda a gente a fazer.

— Tenho medo de ir presa.

— Mas, na prisão, davam-nos almoço e jantar, não é? — O raciocínio dele tinha alguma lógica. Havia um grande supermercado na Caroline Street, mas Helen assustou-se ao ver os agentes das tropas federais. Teddy queria entrar na mesma, mas ela montou na bicicleta e voltou para casa. — Então e agora, fazemos o quê? — perguntou ele.

Helen tornou a espreitar em cada armário. Já só sobrava o *bourbon* do pai. Deteve-se um momento a olhar para a garrafa, depois tirou-a para fora.

— Vamos fazer negócio — disse ao irmão. — A Sr.^a Hernández é alcoólica. É uma bêbada do pior. De certeza que dava tudo em troca disto. — Teddy fez um esgar. — Também não me apetece nada ir bater-lhe à porta, acredita — assegurou Helen. — Mas alguma coisa temos de fazer. — Do patamar inferior, chamou: — Senhora Hernández! — Não houve resposta. Talvez tivesse de chamar mais alto.

— Se calhar saiu — sussurrou Teddy.

— O carro está lá fora. E ela nunca vai a lado nenhum. — A luz continuava fundida e as escadas rangiam, o que tornava a situação ainda mais assustadora. Ao chegarem lá acima, Helen bateu à porta, mas, de novo, não houve resposta. Nem tão-pouco se ouviram passos do outro lado. Helen esperou um momento, depois pôs-se aos murros na porta. — Senhora Hernández!

Teddy juntou-se a ela e agora gritavam os dois: «Senhora Hernández! Senhora Hernández!» A porta estava trancada. Apreensiva, ela olhou para o irmão, depois, usando a garrafa, partiu um dos painéis de vidro. Enfiou a mão por ali e destrancou a porta. Estava um gato morto na sala. Cheirava horivelmente. Pararam os dois. Não sabiam muito bem o que fazer. Tinham o coração aos saltos.

— Senhora Hernández...? — repetiu Helen, num fiozinho de voz. Estava a um passo de dar meia-volta e sair dali, mas, então, Teddy tomou a iniciativa. O quarto da Sr.^a Hernández era ao fundo do corredor. A porta estava entreaberta. Do interior vinha um cheiro intenso que eles já sabiam identificar.

— Senhora Hernández?

Teddy empurrou a porta. Num primeiro momento, não conseguiram perceber o que estava a acontecer. Depois, Helen gritou. A gata preta que se estava a alimentar da cara da Sr.^a Hernández voltou-se e rosnou. Teddy fechou logo a porta e os dois correram para as escadas.

Mas, então, Helen parou. Algo nela, qualquer coisa que falava mais alto do que o medo, acabava de assumir o comando. E decidiu: ia sobreviver. E o irmão também. Custasse o que custasse, não desistiria.

Obrigando-se a voltar atrás, entrou na cozinha da Sr.^a Hernández e foi ver na despensa. Havia cereais de pequeno-almoço (daqueles que os adultos comiam), gelatina, pão duro e aí umas vinte latas de comida para gatos. No frigorífico, encontrou várias garrafas de vinho, leite, três latas de refrigerante, cenouras e uma caixa de uma dúzia de ovos, mas já só havia seis e o mais certo era estarem estragados. Encontrou um saco de pano para as compras e começou a enchê-lo.

— Vê se encontras a mala dela — pediu a Teddy. — Talvez tenha dinheiro.

Foram andando pelo apartamento, à procura de mais comida ou de coisas que se pudessem negociar, mas, da mala da Sr.^a Hernández, nada. Por fim, regressaram ao quarto. Desta vez, a gata preta fugiu. Não olharam para o corpo; não queriam ver ao que a Sr.^a Hernández fora reduzida. Foi Teddy quem encontrou a mala; estava sobre a cómoda. Dentro, uma carteira, uma escova de cabelo e uma pistola. Sem uma palavra, Teddy entregou a carteira à irmã. A arma, guardou-a no bolso.

O DIABO ANDA À SOLTA NO MUNDO

O presidente não quis esperar e declarou que os Estados Unidos tinham vencido a Rússia no Médio Oriente. Realizando ataques-surpresas simultâneos com mísseis às bases aéreas onde os russos tinham os seus caças estacionados, o exército norte-americano conseguira destruir pelo menos metade da frota de Su-57, sem esquecer as pistas, pelo que o poderio aéreo dos russos deixara de ser um fator naquele conflito. Quanto à Frota do Pacífico, ao contornar as Maldivas, encontrara a passagem bloqueada por uma armada de navios de guerra britânicos e norte-americanos, o que os obrigara a bater em retirada. Na prática, Putin fora humilhado. No Kremlin, já se dizia à boca pequena que o seu reinado chegara ao fim.

Ao saber disto, Tildy Nichinsky sentiu um prazer como jamais sentira. O presidente confiara nela e seguira a sua recomendação, e o resultado estava à vista. Entretanto, ele já a informara de que ia nomeá-la conselheira de Segurança Nacional, o que, na prática, era um aviso à navegação: a era em que o líder russo fora trazido nas palminhas chegara ao fim.

Por fim, lá se entendeu ser seguro o presidente deixar Mount Weather e reinstalar-se na Casa Branca, agora que ele e quase todos do seu gabinete tinham sobrevivido ao vírus. Entre as vítimas mortais contavam-se o secretário do Comércio e dois juízes do Supremo Tribunal. Adicionalmente, tinham morrido quarenta membros do Congresso, pelo menos. Levaria semanas até ser ativada uma rede de serviços mínimos nos transportes públicos, e, feito isso, haveria que aguardar até que as pessoas sentissem que podiam sair à rua em segurança. E havia inúmeros funerais a realizar, claro.

Foi nesta altura, com o número oficial de casos de infeção pelo vírus de Kongoli a diminuir na maioria dos países e com o regresso a alguma espécie de rotina a adivinhar-se para breve, que se deu o apagão completo do sistema. Tildy dormiu para lá da sua hora porque o alarme não tocara. Quando foi escovar os dentes, não saiu água da torneira. Foi fazer café e não havia gás. Quis ligar para o número geral da Casa Branca, mas não tinha sinal nem no telefone fixo, nem no telemóvel. O presidente já a anunciara como a sua nova conselheira de Segurança Nacional, mas ainda não tinham vindo instalar a linha encriptada.

Sem duche tomado e com o cabelo metido para dentro de um boné,

pôs-se a caminho da Casa Branca a pé. Para piorar tudo, estava a chover. Com o vento continuamente a querer levar-lhe o guarda-chuva, subiu a Rua 7 em direção à National Mall. Viam-se cães à solta pelas ruas. Várias lojas tinham sido pilhadas e da polícia, nada. Fora ela e os cães, pelas ruas só se viam adolescentes com ar de pequenos criminosos; o mais certo era pertencerem aos tais gangues de órfãos sobre os quais ela lera. Já por várias vezes ouvira tiros. Nessa noite, ouvira explosões. E, por mais que recordasse a si mesma que passara a ser uma das pessoas mais poderosas do país, sozinha no seu apartamento sentia-se uma velha assustada.

Começou a chover com mais força. Os buracos na estrada estavam a encher-se de água. Para onde quer que se olhasse, não se viam luzes. Nem os semáforos estavam a funcionar. Havia três camiões dos bombeiros parados em pleno cruzamento na Rua D. Algumas moradias que antes faziam ali esquina estavam reduzidas a amontoados de escombros.

Com a chuva a escorrer-lhe pelo capacete, um dos bombeiros explicou o que se passava:

— Explosão na conduta de gás. Houve várias por toda a cidade. — Andavam a recolher os corpos.

Pelo menos, ainda havia bombeiros. Portanto, ainda havia Governo. Portanto, ainda havia civilização. Que houvesse sequer lugar a pensamentos destes era demencial.

Na Casa Branca, fora ligado o gerador de emergência, o que contribuía para uma aparente normalidade, mas, lá dentro, a atmosfera mudara. Quase todo o gabinete do anterior presidente mantinha-se em funções, ou, pelo menos, aqueles que estavam vivos e capazes de trabalhar, mas o novo presidente queria rodear-se de gente da sua confiança, pelo que Tildy viu-se a ser recebida por uma nova chefe de Gabinete.

— De certeza que o senhor presidente vai querer recebê-la de seguida — assegurou ela. — Não estamos a conseguir contactar ninguém. Fez bem em pôr-se a caminho.

Estendeu a Tildy um xaile para ela se aquecer. Estava encharcada. A nova chefe de Gabinete fizera história ao tornar-se na primeira mulher a ocupar o cargo. *Se ainda há uma história a ser feita*, pensou Tildy, sombria. Tirando um círculo muito restrito em Washington, praticamente ninguém mais sabia o que se estava a passar. A Internet fora abaixo. Não havia televisão ou rádio. Só alguns jornais tinham meios para assegurar que se manteriam em circulação. Tijolo a tijolo, o edifício da modernidade estava a desaparecer.

Tildy embrulhou-se no xaile e aguardou. Ainda ali estavam as fotos de família do anterior chefe de Gabinete, numa prateleira por trás da secretária. Demorou-se um momento a vê-las. Sabia que uma daquelas crianças morrera. Era possível que, doravante, todas as fotos de grupo fossem ser

olhadas dessa forma — «este sobreviveu, este não».

A chefe de Gabinete regressou e indicou a Tildy que podia entrar na Sala Oval.

Encontrou o presidente a olhar à janela. Na mão, segurava um bloco de notas. A sala fora esvaziada. Claramente, ele não queria vestígios do anterior ocupante. Até a secretária fora trocada; a que ali estava agora era a que fora estreada por Theodore Roosevelt.

— Tildy — saudou ele num tom sereno. Indicou-lhe os sofás dourados e sentaram-se frente a frente. — Então? O que me diz desta situação?

— Foram os russos.

O presidente assentiu.

— Têm os meios para isso, sem dúvida.

— Já há dados oficiais para o que foi abaixo?

— Ainda não é certo, mas calcula-se que metade do país tenha ficado sem eletricidade. O Texas é uma das exceções; têm uma rede de distribuição própria. Aqui e ali, a água e o gás estão a revelar-se um problema sério. Da Internet, sobra pouco ou nada; foi tudo arrasado por vírus informáticos. Os dados na Cloud foram apagados. O setor privado foi dizimado e a bolsa fechou. Já estávamos na nossa pior depressão a seguir à de 1929. Não sei quando nem como vamos ter as pessoas de novo a trabalhar. É uma trapalhada gigante.

— Diga-me qual a sua prioridade mais urgente — pediu ela.

— Estou seriamente preocupado com as nossas centrais nucleares. Recebi informação de que o sistema de segurança da Central Bellefonte, no Alabama, foi comprometido. Fora essa, ainda não fomos contactados por outras centrais. A comporta da barragem de Grand Coulee abriu-se e o rio está a inundar tudo. É possível que, com outras barragens, se tenha passado o mesmo. Muitos morrerão afogados. Há casas a ir pelos ares por pressão excessiva na rede de gás. Os hospitais estão sem eletricidade. Não há dúvida de que souberam escolher o momento perfeito para nos mandarem tudo abaixo.

— Qual vai ser o nosso curso de ação, senhor presidente?

— Não poderemos deixar isto sem resposta. Mas vamos precisar de uns dias para tornarmos a vir com a cabeça à tona. Temos de arranjar alguma maneira segura para eu comunicar com as chefias militares.

— E se eles nos atacam antes disso?

— Os nossos sistemas de emergência mantêm-se a funcionar razoavelmente. Se isso acontecer, não teremos problemas em ripostar. Com o nosso poder militar, facilmente faríamos a Rússia desaparecer do mapa. Mas será de facto a melhor solução? Além disso, para fazermos seja o que for, primeiro há que ter o GPS de novo a funcionar. Neste momento, estamos expostos.

Tildy reparou numa lista que ele começara a fazer no bloco de

apontamentos. O primeiro item era «ataque nuclear». No que tocava a lidar com homens poderosos, já tinha experiência suficiente, portanto sabia que o melhor era esperar pelas perguntas. O presidente estava desesperado e em busca de respostas. Nunca tivera grande impressão dele, mas, naquele momento, passou a vê-lo como um homem íntegro e agora a arcar com uma responsabilidade que jamais imaginara que um dia lhe tocaria: levar a cabo a vingança americana. Com uma única decisão, talvez fosse matar mais pessoas do que qualquer outro indivíduo na história da humanidade. E seria essa a sua primeira decisão como presidente.

Por fim, ele perguntou:

— O que me aconselha?

— Tem capacidade para mandar abaixo os sistemas de abastecimento público dos russos? — perguntou ela.

— Não de maneira tão abrangente como eles fizeram connosco. Temo que isso transmita uma impressão de fragilidade da nossa parte. Putin tem a vantagem de os sistemas deles não estarem tão dependentes da alta tecnologia como os nossos.

— E ainda há a questão da gripe.

— Acha que ele também está por trás disso?

— Parece haver maior imunidade ao vírus de Kongoli na Rússia do que em qualquer outra parte do mundo, o que sugere que eles poderiam ter já uma vacina a postos para se protegerem do vírus antes de o porem à solta pelo mundo.

Por um momento, o presidente limitou-se a fitá-la, quase de queixo caído. Depois abanou a cabeça.

— Eu acredito no mal, sabe? Mas seriam eles capazes de descer tão baixo? Será que o Diabo anda à solta no mundo?

— Não sei, senhor presidente.

— Também vamos ter de acautelar o futuro. Não sei quanto tempo levará até que a sociedade regresse ao ponto onde estávamos. Segundo fui informado, estima-se que a população mundial terá diminuído talvez sete por cento. É impossível calcular o impacto económico que isso terá, mas digamos que, no nosso país, o rendimento nacional bruto está a quarenta por cento. Isso significa que entrámos numa nova era. Queremos mesmo dar o passo seguinte?

Tildy conhecia Putin. Ele já estava a testar os limites, a forçar os ditos «passos seguintes», a armar ciladas. Mandar abaixo toda a rede de distribuição norte-americana levava certamente anos a planear. Esta era a grande oportunidade dele de fazer a América tremer e não ia desperdiçá-la. Era a sua vingança pela humilhação sofrida no Irão. Com aquela sua eterna expressão imperturbável, o líder russo encetara um jogo de enganos em vários planos e fizera as coisas de maneira que pudesse negar tudo, mas, desse lá por onde desse, a América teria de dar resposta à altura.

— Para começar, devia mandar matá-lo — declarou. — A curto prazo, é a medida mais simples e eficaz.

O presidente considerou a sugestão, depois acrescentou mais um item à sua lista.

SUEZ

Henry estava na sala de tratamento quando ouviu gritos. Correu para a camarata de onde vinham. Os ocupantes estavam a tentar imobilizar um deles, que gritava e tentava libertar-se.

— Deixem-me! — gritava ele. — Eu estou doente! Tenho o vírus! — Os outros recuaram prontamente. Chamava-se Jackson. Henry convenceu-o a acompanhá-lo à sala de tratamento para ser examinado. Não tinha febre ou os gânglios linfáticos inchados. Não apresentava sintomas para lá da tensão arterial elevada, que claramente se devia ao seu estado agitado. — Então não estou doente? — perguntou ele, incrédulo. — Senti-me esquisito. Não conseguia respirar. Achei que ia sufocar.

— Todos os sinais vitais estão normais.

— Então o meu único mal é ter medo?

— De momento, esse é o mal de nós todos.

Abanando a cabeça, Jackson baixou os olhos para o chão.

— Merda, sou um covarde — lamentou-se. — Acho que sempre soube que era. Mas agora sabem todos. Acho que já não vou ter coragem de encarar o resto da malta.

— O que mais nos assusta a todos é sentirmos que as coisas escaparam ao nosso controlo — tranquilizou-o Henry. — Eu próprio me assusto com isso. Se calhar até estou com mais medo do que tu, porque estudei para lutar precisamente contra inimigos como este, mas, desta vez, estou sem saber o que fazer.

Uma vez mais, teve um sono agitado. Um ruído abafado ia-o acordando uma vez e outra. Era o pistão danificado. Veio-lhe à cabeça o capitão Dixon e o seu pedido: que ele fizesse alguma coisa para salvar aquela tripulação em pânico. Depois, lembrou-se daquele fuzileiro na messe, a chorar a morte do amigo. E pensou no pobre Jackson, tão assustado. A cada dia, o número de infetados aumentava e mais corpos eram levados para a despensa refrigerada. Ali estava um grupo de gente nova e saudável, precisamente aqueles que menos afetados deveriam ser pelo vírus, mas, tal como sucedera em 1918, era precisamente a resposta eficaz dos seus sistemas imunitários o que estava a matá-los — os pulmões enchiam-se de fluidos para matar o vírus, e, em, consequência disso, o doente morria sufocado.

Henry pôs-se a recapitular tudo quanto jamais aprendera, sabia ou

julgara saber sobre as gripes e o modo como se tratavam. Ponderou colher secreções nasais dos infetados, aquecê-las no micro-ondas para matar o vírus, e depois, usando simples cotonetes, administrar por via nasal o vírus inativado aos submarinistas não infetados. O problema era que, na melhor das hipóteses, num microlitro de muco aquecido no micro-ondas haveria, se tanto, entre um e dez milhões de partículas virais, quantidade que nem por sombras chegava para desencadear uma reação do sistema imunitário. Mesmo injetada, não o faria.

Recordou o exemplo da varíola, uma das doenças mais infecciosas que jamais tinham afligido a humanidade, e, também, uma das mais impiedosas. Depois de entrar no corpo por via nasal, o vírus passava dos pulmões e dos gânglios linfáticos para a corrente sanguínea e para a medula óssea. Os sintomas iniciais eram os da gripe: tosse, febre e dores musculares, seguindo-se as náuseas e os vômitos. Duas semanas após a infecção, surgiam umas manchinhas avermelhadas na língua, na garganta e nas mucosas. Essas pequenas lesões começavam a aumentar e tornavam-se erupções cutâneas, depois surgiam novas lesões na testa e, aos poucos, todo o corpo ficava revestido de pústulas com uma pequena depressão ao centro. Parecia que milhares de abelhas tinham vindo pousar no corpo do infetado, cobrindo-lhe a pele da cabeça aos pés. Quando as pústulas secavam, formavam crosta. No caso dos sobreviventes, essas lesões resultavam nas características «bexigas».

Em 1796, Edward Jenner, um médico inglês, dera conta de que um grupo muito específico se mostrava estranhamente imune às bexigas: as criadas encarregadas de ordenhar as vacas. Na altura, Jenner nada sabia a respeito dos vírus. Ninguém sabia. Mas convenceu-se resolutamente de que a chave para a imunidade estaria nessas raparigas que já tinham estado expostas à varíola bovina, uma versão semelhante, mas bem menos agressiva da doença, que, como o nome indicava, se propagava sobretudo entre os animais, mas que os humanos podiam apanhar ao manusearem as tetas de vacas infetadas. Jenner estava tão seguro da sua teoria que colheu um pouco de fluido contaminado da mão de Sarah Nelmes, uma dessas criadas de uma vacaria que tinham apanhado a varíola bovina, e injetou-o em James Phipps, o filho de oito anos do seu jardineiro. A este procedimento Jenner chamou «vacinação», termo com raiz na palavra «vaca», ou, em latim, *vacca*. Seis semanas depois, para provar que a experiência resultara, Jenner injetou o pequeno Phipps com pus de um infetado com varíola. Phipps não desenvolveu a doença. Foi uma experiência perigosa e contrária à ética, mas que ficou para a história da medicina. É inegável que Jenner pôs em risco a vida de um menino, mas há que levar em conta que, na altura, e só na Europa, a varíola colhia cerca de quatrocentas mil vidas a cada ano. Calcula-se que, num dado momento, já vitimara cerca de dez por cento da população mundial. E, dos

sobreviventes, um terço ficava cego.

A varíola bovina era uma doença localizada na Europa; só raramente havia notícia de casos nas Américas. Ao saber-se de um surto de varíola nas colónias espanholas, Carlos IV de Espanha ordenou que uma corveta se pusesse a caminho do Novo Mundo para lhes levar a vacina. Na altura, ainda não havia conhecimento científico sobre como manter o vírus da varíola ativo durante a travessia marítima. O médico da corte propôs que a bordo fosse alguém infetado com a doença e outros que não o estavam; à vez, os que estavam saudáveis iriam sendo infetados com o vírus, usando-se o pus de outro que já adoecera, e, dessa forma, haveria sempre varíola bovina a bordo e o vírus chegaria às Américas ainda ativo. Para liderar a expedição, o médico da corte sugeriu Francisco Javier de Balmis, um médico espanhol, e o rei providenciou os recrutas de que o Dr. Balmis iria precisar para levar a cabo a sua missão: vinte dois órfãos com idades entre os oito e os dez anos. Levada a vacina às Américas, a Expedición Balmis visitou as Filipinas, Macau e Cantão, de porão sempre carregado com órfãos infetados e nada mais.

Henry não se sentia muito diferente desse médico que há séculos dera a volta ao mundo numa corveta, levando a bordo uma doença infecciosa. A diferença era que o Dr. Balmis levava também uma cura.

Adormeceu e, horas depois, acordou com uma ereção latejante. Estivera a sonhar com as mulheres no duche. Fora uma imagem inesquecível e que lhe ficara gravada na mente: três jovens beldades nuas, sobretudo Murphy, alguém que ele não suspeitara que pudesse ser um objeto de desejo, mas que afinal era esplendorosa. Tudo nela era perfeito: os braços, as pernas, os seios, a curva das costas, as nádegas. Tentou tirar aquela imagem da cabeça. Não queria ter tais pensamentos. Mas então percebeu que estava a visualizar Jill e não Murphy.

Tê-la-ia perdido? Era o mais certo. Desaparecera da sua vida para sempre, levando consigo toda a possibilidade que ele, feio e deformado como era, tivera ou poderia ainda vir a ter de partilhar a intimidade com uma mulher. E os seus filhos, estariam vivos? Pensou neles, que talvez os tivesse perdido, e a ideia gelou-lhe o coração. Perdera tudo o que era realmente importante na sua vida. Sentiu-se desolado e inútil. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que a morte podia ser uma solução.

— Bom dia, doutor Parsons. — Ao ver Murphy sentar-se diante dele para tomar o pequeno-almoço, Henry corou. — Hoje é um dia especial — anunciou ela. — Vamos atravessar o canal de Suez.

— Soa empolgante — disse ele, embora não tenha conseguido mostrar-se de todo entusiasmado.

— Isso significa que vamos emergir. Vamos poder ficar a par das últimas notícias, saber em que ponto está o campeonato e por aí fora.

Sobretudo, vamos respirar ar fresco.

Agora, sim, sentia-se bem mais animado.

— Vou poder fazer uma chamada? Ou mandar um *e-mail*?

— Recebemos *e-mails*, mas curtos, e não podemos responder. São normas de segurança. Ficamos com mil perguntas por fazer, claro, mas, ao fim de uns meses, acabamos por deixar de pensar assim. Tal como nos ensinam logo, «não é produtivo».

Depois do pequeno-almoço, Henry passou horas a considerar tudo quanto poderia experimentar para abrandar o contágio entre a tripulação. Lembrou-se de uma experiência que fora conduzida na Faculdade de Medicina do Hospital Monte Sinai. Jaulas com porcos infetados com um vírus da gripe tinham sido colocadas ao lado de outras com animais saudáveis, depois posicionaram-se ventoinhas de maneira a empurrar o ar das primeiras jaulas para as segundas. A temperatura da sala e a humidade no ar foram sendo alteradas e, em dada altura, os investigadores comprovaram que o grau de transmissão da doença diminuía com o aumento do calor e da humidade. Quando a temperatura atingiu os 30°C, deixou de haver contágio. Resultaria isso num submarino? Mandou subirem a temperatura para esse valor e ligarem os humidificadores no máximo. Em breve já todos escorriam suor.

— Que merda é esta?! — protestou um dos oficiais. — Uma sauna?!

Mas todos sabiam que ele tinha o aval do capitão, e, na verdade, estavam a rezar para que a sua transpiração abundante atrasasse o impiedoso avanço da doença.

Henry considerou a doença que o afligira na infância. Sem raios ultravioleta, o corpo não produz vitamina D, o que afeta a resposta dos glóbulos brancos às infeções. Ora, como agora podia observar, a vida de um submarinista caracteriza-se precisamente pela falta de exposição à luz solar. Todos eles estavam brancos como papel. Abominando que se usassem os animais para consumo alimentar, custava-lhe ir agora encorajar isso mesmo, mas foi o que fez: pediu ao *chef* que preparasse pratos ricos em vitamina D, o que se traduzia em usar ingredientes como gemas de ovo, atum, leite de soja enriquecido e iscas. O *chef* lembrou-se inclusivamente de uma belíssima solução para incluir o óleo de fígado de bacalhau na dieta: misturava-o no molho da salada e no molho picante.

Atarefado a implementar tais medidas, Henry deu por uma mudança qualquer. O capitão mandou abrir as escotilhas e então ele percebeu: o submarino emergira. Estavam à superfície. O interior do navio foi varrido por ar fresco — ar verdadeiro.

Subiu ao convés dos mísseis, onde já estavam vários outros da tripulação, e ali ficaram todos, deixando-se retemperar e fortalecer pelo sol do Egito. A dada altura, Henry sentiu-se ligeiramente nauseado e calculou que fosse enjoo causado pelo oscilar do submarino.

— Doutor! — Voltando-se, viu o capitão Dixon na ponte. — Chegue aqui acima! — Henry subiu os estreitos degraus de metal e entrou por uma acanhada porta no chão. Como teria Vernon Dixon, que era quase um gigante, conseguido enfiar-se por ali? — Por sua culpa, está um cheiro que não se aguenta lá em baixo — resmungou ele. — Parece um balneário depois do jogo.

— O capitão disse-me que fizesse tudo para travar a infeção...

— Suponho que, quando foi aos duches no turno das senhoras, foi para ver se ela lá estava, não? — retaliou Dixon, rindo-se entre dentes, mas, ao dar-se conta do nítido desconforto de Henry, tratou de mudar de assunto. — Atendendo a que é um civil, talvez não devesse dizer-lhe o que agora vou dizer. Por outro lado, agora pertence à minha tripulação, portanto entendo que deve estar ao corrente do que se passa. Há uma fartura de más notícias. A Internet foi abaixo no país inteiro. Não sabemos por quanto tempo. Houve um ciberataque em larga escala às infraestruturas norte-americanas e da Europa Ocidental. Se a situação se tornar crítica e certos idiotas se lembrarem de desatar a mandar tudo pelos ares, este navio poderá ser chamado a participar.

— E acha que isso vai acontecer?

— É uma possibilidade. Se lhe ocorrer uma maneira alternativa de chegar aonde quer ir, posso deixá-lo em Port Said — sugeriu Dixon.

— E será que essa «maneira alternativa» existe?

— Só Deus sabe.

— Com a sua autorização, acho que prefiro seguir viagem convosco. — Contemplou a paisagem diante deles. Era tudo plano. O canal cortava a direito pelo deserto egípcio qual estrada azul impossivelmente perfeita. O capitão Dixon apontou-lhe um contratorpedeiro russo lá ao fundo. Pertencia a uma esquadra. — O que sentiria se isso de facto acontecesse? — perguntou Henry. — Se tivesse de ordenar que fossem disparadas ogivas nucleares?

— Tento não imaginar tais cenários.

— Mas de certeza que já o fez.

— Sou um homem de fé, ou, pelo menos, faço por ser. — Calou-se. Henry aguardou. Por fim, o capitão concluiu a sua ideia. — Por isso, pergunto-me se iria para o Inferno.

— Estaria a agir no cumprimento do dever.

— Duvido seriamente que São Pedro leve em conta detalhes desses. Felizmente, não terei de tomar tal decisão. Os *Tomahawk* que trazemos a bordo são uma arma de respeito, mas não farão o mundo acabar. Fui segundo-comandante num submarino armado com mísseis *Trident*. Esses, sim, são mísseis nucleares. Basta um para fazer desaparecer metade da civilização. Somos treinados até à exaustão, mas como saber mesmo o que nos passaria pela cabeça se algum dia nos víssemos obrigados a dar essa

ordem?

— Não sou um homem de fé — disse-lhe Henry —, mas ocorre-me muitas vezes que, se foi mesmo Deus quem nos fez, então fez um animal que veio ameaçar toda a sua criação. Por outro lado, se foi a natureza a fazer-nos, e é essa a minha convicção, então evoluímos a um ponto em que nos tornámos quase deuses. Estamos na posse de um poderio, de uma criatividade e de uma sabedoria imensos! Mas trazemos em nós o desejo de acabar com tudo de uma vez.

Ao entrarem no mar Mediterrâneo, tornaram a submergir. Agora, Henry começara a analisar amostras de tecido daqueles que tinham sobrevivido ao vírus. Nas últimas vinte e quatro horas, outros cinco elementos da tripulação tinham morrido. A despensa refrigerada estava cheia de corpos embrulhados em lençóis. Seguindo àquele ritmo, chegariam à costa da Georgia praticamente sem tripulação.

Tinha de fazer alguma coisa.

Tornou a ver os medicamentos que tinha à disposição. Murphy já experimentara o *Tamiflu*, que se revelara ineficaz. Ainda havia um *spray* nasal que não era mais do que uma vacina contra a gripe com vírus vivo atenuado. Protegia contra duas gripes do tipo A, a H1N1, descendente da gripe espanhola, e a H3N2, bem como contra duas outras do tipo B. Fosse o vírus de Kongoli de algum desses dois tipos e poderia dar-se uma permutação genética entre o vírus ativo contido naquele *spray* e a variedade Kongoli, surgindo daí um novo vírus que, com sorte, não seria tão mortífero. Mas não era o caso; o vírus de Kongoli parecia fugir a todas as categorias que se conheciam.

Não tendo à mão toda a sofisticada parafernália de laboratório de que a medicina do século ^{xxi} podia beneficiar, viu-se obrigado a recuar séculos, de volta a um tempo anterior a todas as históricas vacinas do século ^{xx} que tinham vindo debelar os inúmeros flagelos do passado: a febre tifoide, a varicela, o tétano, a rubéola, a difteria, o sarampo ou a poliomielite. Teria de visitar uma era em que, sem grandes recursos e sem o auxílio da ciência — que mais tarde traria à luz os segredos de tantos agentes patogénicos —, os médicos se viam obrigados a seguir apenas o instinto. E foi assim que descobriram que podiam fazer uma doença voltar-se contra si mesma.

Pensou em Louis Pasteur, o pai da microbiologia, que, no século ^{xix}, depois de perder três filhos para a febre tifoide, veio a provar a sua teoria. Ao estudar casos de cólera nas aves de aviário, o seu assistente esqueceu-se de inocular as aves com nova dose de bactérias ativas antes de se ausentar para um mês de férias. Quando regressou, o calor do verão diminuía a virulência das bactérias, mas ele usou-as na mesma para inocular as galinhas. Ao fim de alguns dias, Pasteur observou que as aves tinham adoecido com uma versão bem mais branda da doença, que, regra

geral, era mortífera. Quando as galinhas recuperaram completamente, inoculou-as com bactérias na força máxima, mas as aves não adoeceram. Daí, Pasteur concluiu que a doença, estando ativa, mas numa versão atenuada, desencadeara a resposta normal do sistema imunitário, dando-lhe porém tempo de descobrir como combater a infecção. Mais tarde, Pasteur viria a desenvolver as primeiras vacinas contra o antraz, depois contra a raiva, o que fez dele um herói em todo o mundo. O caso era que, na École Normale Supérieure, na Paris do século xix, Pasteur dispunha de muito mais recursos do que aqueles que Henry, no século xxi, tinha à mão num submarino a trezentos metros de profundidade no meio do oceano Atlântico. Mesmo Edward Jenner tivera a varíola bovina para criar a vacina contra a varíola. Já ele, Henry, dispunha apenas da doença e da sua intuição.

Médicos de várias escolas tinham observado que aqueles que sobreviviam à varíola ficavam imunizados pelo resto da vida contra essa doença. Havia registo de uma técnica usada na China no século xv que consistia em moer crostas de varíola até se obter um pó que depois era soprado para as narinas de indivíduos que ainda não tinham tido a doença e que então contraíam uma versão mais ligeira da mesma. Durante a revolução americana, George Washington, que sobrevivera à varíola (e que, mais tarde, sobreviveria também ao antraz), ordenou que todas as suas tropas, e também a sua mulher, fossem inoculadas. À época, o procedimento consistia em fazer um pequeno corte no braço, no qual era inserida uma crosta de uma pústula de um infetado com varíola, ligando-se depois o golpe contaminado. Chamaram a isso «variolização». Tipicamente, esses desenvolviam uma versão menos agressiva da doença, mas, ainda assim, chegavam a levar mais de um mês a curar-se. John Adams foi submetido à variolização antes de se casar e a convalescença ficou marcada por «dores de cabeça, nas costas e nos joelhos, febre com faltas de ar e erupções cutâneas». Cerca de três por cento dos que se submetiam à variolização morriam. Ainda assim, estando John ausente por ter ido ajudar a redigir a Declaração de Independência, Abigail, a sua mulher, foi com os quatro filhos até Boston para que fossem inoculados. Um dos rapazes teve de ser submetido ao procedimento por três vezes, supostamente por conta da sua imunidade natural à doença.

Por norma, a gripe entra no corpo pelo nariz ou pela boca, considerou Henry; são essas as «autoestradas» para os pulmões, onde são feitos os estragos. Mas e se a infecção encontrasse outra via? E se, em vez de inalada, fosse injetada numa veia, ativando o sistema imunitário ao passar primeiro pelo coração? Ao chegar aos pulmões, talvez o organismo já tivesse desenvolvido defesas eficazes contra o invasor patogénico. Era apenas uma hipótese — e uma hipótese perigosa de se testar.

Henry não ignorava o risco de testar essa possibilidade, mas não via

alternativa. Tomada a decisão, não perdeu tempo. Foi até ao camarote do capitão Dixon, onde o encontrou a dormir. A tripulação organizara-se em turnos alternados rotativos, e, semana sim, semana não, Dixon mudava as horas de sono conforme o turno que lhe calhasse. Como qualquer submarinista, também ele estava treinado para despertar completamente com tão-só uma batida leve à porta.

— Henry...? — A sua voz soou entaramelada.

— Preciso de um favor — disse Henry. — E acredite: odeio ter de lho pedir.

— Qual é?

— Quero tentar uma experiência, mas é arriscada e vai exigir um tremendo sacrifício da sua parte.

— Diga.

— Vou ter de matar os seus diamantes-de-gould.

A EXPERIÊNCIA

Henry e Murphy foram ver os mais recentes infetados. Estavam todos muito doentes, com febres de 39°C ou mais. Claramente, o vírus mantinha-se na máxima força. Um dos pacientes era Jesse McAllister.

— Que tal esses dentes? — perguntou-lhe Henry.

— Estão bons — respondeu o rapaz, um tanto a medo.

— Não te preocupes, não vai haver mais operações. Desta vez, só venho enfiar-te uma cotonete no nariz.

Murphy passou-lhe a caixa das cotonetes e Henry colheu uma generosa porção de ranho das narinas de McAllister. Regressou ao seu laboratório improvisado, onde as aves do capitão Dixon iam batendo as asas e saltando de poleiro em poleiro, vivas, vibrantes, cada qual um caleidoscópio de cores. Chamavam-se diamantes-de-gould porque tinham sido descobertas por John Gould, o famoso ornitólogo que categorizara as quinhentas espécies de aves com que Charles Darwin regressara da viagem pelo mundo a bordo do navio *HMS Beagle*. As aves do capitão Dixon estavam prestes a somar-se a incontáveis cobaias sacrificadas em nome da ciência. Sendo muito poucas, Henry decidiu-se por uma injeção subcutânea, seguindo o modelo da variolização.

Estivesse a conduzir a experiência num verdadeiro laboratório, teria filtrado o muco — entretanto transformado numa «cultura de células em suspensão» — para eliminar as bactérias, mas, ali no submarino, não tinha como fazer isso. Uma das razões por que escolhera McAllister para colher o muco infetado fora ele estar ainda a tomar antibióticos por causa da cirurgia dentária, o que talvez oferecesse à partida alguma proteção. Diluiu uma parte de suspensão em dez partes de soro fisiológico e inoculou a primeira ave. A segunda foi inoculada com uma dose por sua vez diluída outras dez partes, e assim sucessivamente. Cada uma das seis aves foi sendo injetada com uma dose de suspensão diluída em que a carga viral era progressivamente menor. Cada diamante-de-gould era de tantas cores que a solução encontrada por Henry foi ir dizendo, a Murphy, «cabeça vermelha, peito roxo» ou «dorso azul, cabeça preta», indicando depois a dose progressivamente mais diluída que ia administrando a cada uma. Se as coisas corressem como era expectável, as cobaias inoculadas com as doses menos diluídas morreriam; as que tinham recebido as doses mais diluídas não contrairiam a doença; e, entre esses dois polos, haveria as que

adoeceriam, mas que recuperariam.

Não foi o que aconteceu. Ao fim de vinte e quatro horas, cinco tinham morrido. Estavam caídas no chão da gaiola, a sua plumagem colorida cruelmente revolvida. Uma única continuava de pé: o *Chuckie*. Apático e com os olhos remelosos, estava visivelmente doente, mas não morrera. Usando uma pipeta de Pasteur, Murphy deu-lhe a beber um pouco de água. De novo, Henry ficou impressionado com a extrema agressividade do vírus de Kongoli, mesmo quando extremamente diluído. Isto apenas tornou mais difícil a próxima decisão.

O capitão Dixon mostrou-se abatido quando ele lhe foi devolver a única ave que sobrevivera.

— Que conclusão tira disto? — perguntou.

— Talvez o sistema imunitário do *Chuckie* tenha tido tempo para impedir que a doença fosse fatal.

— «Talvez»?

— Não disponho de meios para confirmar. Se tivesse mais aves e mais tempo, infetava-as com vírus colhido da que sobreviveu e ficava a saber se houve alguma mutação. Acontece que não disponho nem de uma coisa, nem de outra.

— Segue-se o quê, doutor?

— Selecionei um voluntário em quem agora vou injetar o vírus. Se ele sobreviver, continuaremos do pressuposto de que descobrimos uma maneira de diminuir a letalidade do vírus. Infelizmente, é essa a nossa melhor opção.

— Quero ser esse voluntário — declarou o capitão.

— Não pode ser. Tem o sistema imunitário debilitado. O resultado não seria conclusivo.

— Qual dos meus homens se voluntariou, então?

— Nenhum deles.

— Enlouqueceu, Henry?

— Vou travar este vírus, custe o que custar. Injetei-me com a solução há meia hora.

— Mas isso não pode matá-lo?!

— Para saber qual a dose certa, só testando. Se eu sobreviver, inoculamos cada membro da tripulação com uma dose igual. Noutras circunstâncias, jamais faria isto, acredite. Poderá resultar em mortes que de outra maneira talvez fossem evitadas. Mas não vejo outra opção.

A febre veio depressa e logo depois começaram os arrepios. A contração e o relaxamento dos músculos naquele ritmo acelerado eram o mecanismo através do qual o corpo gerava calor para combater a infeção. Nunca tivera tremuras tão violentas. Estava em curso uma «tempestade de citocina» que tanto poderia salvá-lo como matá-lo. O seu sistema imunitário

entrara em guerra para o defender. Restava-lhe aguardar.

Desde o primeiro dia no submarino, o tempo tornara-se numa coisa amorfa e ele deixara de ter uma clara noção da sua passagem. Agora que adoecera, perdera todas as referências; ao voltar à consciência, não sabia se tinham passado horas, se dias. Havia apenas a vaga noção do rosto de Murphy próximo do seu quando ela vinha colher mais uma zaragatoa — ou cotonete, melhor dizendo.

De novo, veio o desejo de rezar. Era uma vontade que começava a sentir com mais frequência e temia ceder-lhe. Já antes vivera momentos em que tinha sentido uma alegria tão transbordante que quisera expressar a sua gratidão, agradecer ao Universo ou a um qualquer poder divino ou espírito protetor pelo quinhão de felicidade que lhe tocara e que ele achava não merecer. Ansiava dirigir-se a uma qualquer entidade superior e pedir-lhe que lhe indicasse o caminho. E ansiava pelo perdão.

Não acreditava na misericórdia divina. Termos religiosos como «pecado», «mal» e «condenação» eram conceitos teológicos que, para ele, nada significavam. Tão-pouco aceitava a ideia de que bastava a fé em Deus para limpar o «cadastro dos pecados». Para ele, a cada indivíduo correspondia uma espécie de livro-mestre onde ficavam registadas as boas ações e as más. O problema era que, por vezes, havia aquelas que não cabiam facilmente numa dessas duas categorias. Perguntava-se como faria Majid para harmonizar a fé na ciência com a fé religiosa, que não parecia pesar-lhe mais do que a tradicional túnica branca que por vezes vestia. Tal como ele, o príncipe era um homem da ciência, exigia ver para crer e não aceitava explicações sobrenaturais onde a ciência oferecia respostas plausíveis. Ao mesmo tempo, acreditava em Alá.

Ao pensar em Majid, lembrou-se do Alcorão que o príncipe lhe oferecera, uma edição belíssima, com o corte das páginas ornamentado com ouro; embora tivesse ficado ensopado, sobrevivera ao mergulho nas águas do golfo Pérsico. De momento, era o que de mais pessoal tinha consigo. Apesar de febril, tentou ler, dispôs-se a buscar orientação num livro que à partida apenas lhe inspirava desconfiança. As páginas tinham ficado enrugadas e onduladas, mas só algumas estavam coladas. O primeiro capítulo resumia-se a sete frases. «Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso» — assim começava. A terceira frase era uma repetição do mesmo. E depois: «Só a Ti adoramos e só a Ti imploramos ajuda.»

— Por favor, ajuda-me — implorou Henry. — Ajuda-me. — Não sabia como se rezava, mas não lhe ocorria mais nada, não sabia mais para onde se voltar. Sentia o coração pesado de culpa, vergonha e desespero. Porquê aquela peste assassina? Nunca duvidara de que a humanidade tinha ainda muitas doenças impiedosas pela frente e preparara-se para as enfrentar como um guerreiro, porém fracassara; aquela nova gripe varrera o mundo sem dar à humanidade oportunidade alguma de se defender. Encolhido no

colchão, isolado de tudo e de todos, apenas podia imaginar o que se estaria a passar no mundo à superfície, mal sabendo que os seus piores temores empalideciam perante a devastação que assolara a humanidade. *Alguém fez isto*, ocorreu-lhe. Sim, a natureza podia ser cruel, mas, por experiência pessoal, ele sabia que o homem conseguia ser igualmente hábil e certo quando o mote era destruir. *Somos como deuses, de facto*, pensou. É essa a nossa maldição.

Aquela sua tentativa de rezar deixara-lhe uma sensação de vazio. Era um hipócrita. O Alcorão estava cheio de avisos sobre o fim dos tempos, e, apesar do ceticismo, ele continuou a ler, em busca de... algo. O quê, não sabia. Dentro de si trazia um fardo que lhe impusera o seu país em nome da ciência. Queria expiar essa culpa; queria limpar a consciência. Mas isso parecia-lhe tão impossível como ir a Marte.

Sempre quisera distância de toda a espécie de fraseado ou conceitos religiosos porque tudo isso tinha raiz em superstições e esperanças vãs, porém usava uma máxima colhida na filosofia de Albert Schweitzer: «Toda a vida é sagrada.» «Sagrada.» Ali estava uma palavra que ele jamais proferira, mas que, simultaneamente, era a que melhor expressava a sua atitude perante a vida. Porque a própria vida era um milagre — outra palavra que ele jamais teria usado, ainda assim uma verdade intimamente reconhecida.

«As boas ações apagam as más», lia-se mais à frente no Alcorão. Encontrou eco nestas palavras. Sempre tentara levar uma vida exemplar — ainda agora se sentia culpado porque entrara em Meca e fingira professar uma fé que não seguia. Delirante, pôs-se a esgrimir argumentos em voz alta com o príncipe Majid:

— É nisto que eu acredito. Ser muçulmano é isso? É que só consigo ser muçulmano até este ponto. — Perguntou-se o que lhe teria respondido Majid.

Cercado por pensamentos que se treinara para evitar, Henry recordou todos os animais que torturara em nome da ciência. Macacos, ratos, porquinhos-da-índia, furões, e, agora, os diamantes-de-gould. Sempre dissera para consigo que, de cada vez que o fazia, era por uma causa maior. *Uma causa maior*. Mas então a sua memória confrontou-o com o olhar de um macaco que ele infetara com o ébola. Recordou a ocasião. Estava com o seu fato de proteção química. Parecia o boneco da Michelin. Premiu um botão e o fundo da jaula começou a avançar, até imobilizar o pobre animal contra a frente da jaula, sem lhe dar chance de se defender. Lembrou-se do olhar do animal, parecia estar a implorar ajuda, tal como ele fizera há momentos. Ambos tinham implorado ajuda a um deus cruel. Mas a divindade a quem o macaco fizera o seu apelo acreditava estar a servir uma causa maior, e, em nome da mesma, sujeitara-o à mais cruel das mortes. Mais tarde, deixou de comer carne e passou a usar sapatos de lona. Como

Jürgen. Fê-lo por entender que já bastavam todos os animais que matava em nome da ciência; escusava de os comer também.

Começou a rezar. Pediu a esse poder transcendente, qualquer que ele fosse, que o deixasse voltar para junto da família. *É tudo o que alguma vez Te pedirei*, prometeu. Não fora o pai e o marido que deveria ter sido. Agora que estava cara a cara com a morte, via como fora egoísta. Não soubera merecer Jill, Helen e Teddy. Queria a oportunidade para reparar essa falta, de se redimir aos olhos daqueles que o amavam. Chegara ao limite das forças, talvez mesmo da sanidade. Já só tinha um propósito: tornar a apertar nos braços a mulher e os filhos.

Ali deitado, encolheu-se mais e mais. Queria fugir aos arrepios, à febre e a todas aquelas recordações que o magoavam. Desceu a um lugar sombrio, negro. Sentiu a face molhada e limpou-a. Tornou a sentir o mesmo e pensou: *Comecei a sangrar*. Mas não. Estava a chorar.

VIAGEM AO CORAÇÃO DA SELVA

Ao amanhecer, desceram o Juruena numa chata. O rio era largo e de uma beleza selvagem, com lírios a crescerem nas margens e o ar cheio de mosquitos e de outros insetos, deslumbrantes na sua variedade e que Henry nem sabia identificar. Mesmo ali em plena selva havia as marcas da civilização: pequenos bairros de lata erguidos sobre embarcadouros e que pareciam surgir da água — e, nos telhados, as antenas parabólicas. Um menino acenou-lhes. Enrolada nos ombros dele, uma cobra verde-alface. Aquele era um mundo ao qual o progresso não chegara.

Henry sempre temera a selva. Era um medo com vários patamares, um pouco como um bloco de apartamentos. Nos andares de cima, sentia-se bem, despreocupado, até; praticamente não lhe vinham à cabeça todas as ideias desagradáveis que a palavra «selva» acordava nele, imagens como escuridão, humidade, pele empastada de suor e ar irrespirável. Poder-se-ia dizer que vivia nos últimos andares da sua fobia. Era como alguém que, tendo medo de viajar de avião, jamais entra num e assim fica o mal cortado pela raiz. As poucas ocasiões em que se vira nesse tipo de cenário tinham sido elucidativas. Ao visitar Lambaréné, por exemplo, não se atrevera a sair da aldeia, tal era o medo de se perder. Em ocasiões assim, ele já não estava nos andares de cima, mas ainda se sentia no controlo da situação. Bastava-lhe dizer a si mesmo para fazer o que tinha a fazer e poder-se-ia ir embora dali. No fim, saber que enfrentara aquele seu medo irracional fazia-o sentir-se melhor. Porque, na prática, uma selva é uma floresta, apenas isso. E uma floresta são árvores e nada mais.

Mas, em sonhos, descia à cave, e, aí, havia apenas o medo à solta e o seu terror descontrolado. Na cave da sua fobia, Henry tornava-se numa criança num filme de terror, era um prisioneiro e não sabia como fugir. Ansiava por acordar, pelo sol que expulsaria a escuridão, pela realidade que faria a fantasia evaporar-se. Porque só então tornaria a respirar.

Ouviram tiros. O guia parou o barco e, pelo rádio, comunicou com o líder da equipa da AGT, já no acampamento terrorista a supervisionar a ação dos comandos brasileiros. Sim, o «agente» criado por Henry fora aplicado conforme as instruções, confirmou ele, porém não se revelara inteiramente eficaz. Alguns dos terroristas tinham sobrevivido.

— Hã? O que foi que ele disse? — perguntou Henry.

— Disse que a maioria morreu, mas que o vento arrastou o agente.

Alarmado, Henry fixou-se nele.

— O plano não era matá-los — disse.

— Mas a operação foi um sucesso — anunciou o guia, abrindo um sorriso. — Eles não resistiram. — Olhou para Henry como se a felicitá-lo, mas era mais do que isso; naquele olhar havia reverência. Para o guia, ele era o génio de quem Jürgen falara.

Segundos depois, deixaram de se ouvir tiros e prosseguiram. Os comandos estavam de máscaras e luvas, quase pareciam médicos a vistoriarem cada tenda e cada barraca, a confirmarem que todos os ocupantes tinham morrido. Era óbvio que nunca se colocara a hipótese de desarmarem e capturarem os narcoterroristas. Alguns dos corpos estavam ensanguentados em resultado do tiroteio, mas a maioria jazia contorcida, de olhos arregalados, bocas abertas e línguas de fora — a morte chegara a meio de um grito. Um ou dois, ainda vivos, agitavam-se em convulsões, e os comandos puseram fim à sua agonia.

Eu fiz isto, pensou Henry.

Jürgen mostrava-se indiferente — ou melhor, todo aquele espetáculo não lhe inspirava senão simples curiosidade. Ia examinando este e aquele corpo e colhia amostras. A selva não o assustava.

Henry voltou-se para o guia.

— Disse que o vento arrastou o agente. Em que direção? — O guia perguntou ao líder da equipa, que, impaciente, apontou para nascente, na direção do Sol, que começava a espreitar detrás das árvores. — Há povoações nessa direção? — perguntou Henry. Um dos comandos brasileiros confirmou que havia uma aldeia. Vivia lá uma tribo de índios cinta-larga. Pelo tom dele, dir-se-ia ser um detalhe sem importância. — Quero ir até lá — disse Henry. O guia olhou para Jürgen, e, agora mais enérgico, Henry repetiu: — Quero ir até lá, agora!

Jürgen assentiu.

Continuaram pelo Juruena até surgir o afluente Arinos. O motor ia deixando para trás um rasto de fumo azulado. Henry tentou raciocinar. Uma vez e outra, a prática reiterava que dada substância podia surtir dado efeito nas cobaias e o mesmo resultado não se repetir com os humanos. A talidomida, por exemplo, não tinha efeito nos animais, mas, no caso dos humanos, originava malformações nos fetos. Outro exemplo era o *Fialuridine*, que inicialmente se afigurara um possível antiviral contra a hepatite B. Fora testado em ratos humanizados e ratos comuns, cães, macacos e marmotas, em doses centenas de vezes superiores às que jamais seriam testadas em humanos. Em nenhuma das cobaias se observara uma reação tóxica. Quando se passou aos testes com voluntários, mesmo doses mínimas revelaram-se fatais, matando cinco; dois outros precisaram de transplantes de fígado. Nada nos testes que ele conduzira sugerira que o seu agente seria mortal para humanos, mas aí

estava; os testes em voluntários serviam precisamente para se tirarem essas dúvidas.

Chegando ao ponto em que os dois rios se encontravam, Henry avistou uma dúzia de canoas estreitas amarradas ao longo da margem. O guia levou a chata até um cais improvisado, esperou que ele descesse e que agarrasse na sua mala de médico, e, sem dizer palavra, deu a volta com o barco e abandonou-o ali na margem. Estava sozinho na selva.

Distinguia-se um caminho estreito pelo meio da vegetação alta e densa, que o vento não agitava e da qual não saía um som. Apenas se ouvia o grasnar fanfarrão de uma arara. Ainda hoje Henry se lembrava distintamente daquele grasnar. Na altura, parecera-lhe que estava a sonhar. Também se lembrava do sussurrar dos seus passos na vegetação, que foi ficando mais rasteira e menos densa ao entrar pelo meio das árvores, que eram gigantescas. Rodeado daquela paisagem, sentiu-se de novo criança. Tudo aquilo lhe trazia uma sensação desagradavelmente familiar. Tossiu e o som ecoou naquele silêncio de santuário. Também aquele silêncio não lhe era estranho. Conseguia ouvir a sua respiração acelerada. De resto, havia o zumbido dos mosquitos, atraídos pelo festim de sangue que lhes fora servido. Henry praticamente conseguia ouvir o suor a sair-lhe pelos poros.

Acercou-se dos restos de uma fogueira. Uma machadinha. Peixe a secar numa corda esticada entre duas árvores. Então percebeu que chegara a uma aldeia. As cabanas eram feitas de tijolos secos ao sol e a harmonia com tudo em volta era tal, que a aldeia se mantinha praticamente invisível até ao momento em que já lá se estava. Algumas das cabanas eram abertas dos lados. Então ouviu as moscas.

Encontrou aquilo que já vira em pesadelos: dezenas de pessoas estendidas no chão em poses contorcidas. Todos mortos. Como em Jonestown.

Mulheres com penas brilhantes a adornarem-lhes os cabelos. Homens com tatuagens azuis. Um rapazinho com uma *T-shirt* do Hard Rock Café; ficara de braço erguido.

— Está aqui alguém? — perguntou ao vazio. Depois, mais alto: — *Alguém?!*

Moscas. Um galinheiro. Todas as galinhas mortas.

Com o coração a martelar-lhe o peito, foi andando de cabana em cabana, em busca de alguém ainda vivo, mas sabia que era escusado procurar sobreviventes, a menos que para se torturar. E ali estava, a abrir caminho à força pelo seu pensamento, a imagem da qual passara a vida inteira a fugir: os seus pais caídos no chão da selva. Tal qual o que agora ia vendo. Gente morta por culpa de um louco e das suas fantasias desvairadas. Corpos agarrados, corpos dispersos, mortos solitários, pares, trios. O que acontecera aos seus pais era o mesmo que agora tinha diante dos olhos. Famílias inteiras, uns por cima dos outros, a esgatañharem-se

em desespero, como se quisessem arrancar a cara. Uma criança abrigada no abraço do pai, de olhar no vazio. *Podia ser eu*, pensou Henry. *Devia ter sido eu*.

Debaixo de uma cadeira, um rato morto.

Numa outra cabana, encontrou um homem de ar imponente e com tatuagens na cara. Estava voltado de lado, de braço estendido para a mulher. Fora aquele o seu último gesto. Um gesto de amor. Quisera protegê-la. Morrera a tentar alcançar-lhe a barriga nua e enorme, uma barriga de grávida. Ao lado deles, duas crianças, também mortas. Em pensamento, Henry implorou-lhes perdão, embora soubesse que não era digno sequer de fazer tal pedido. De repente, a mulher pestanejou.

Ele quase pulou de susto. Estava viva e fitava-o. Saberla que era ele o responsável pelo massacre? Seria uma acusação o que ele lhe via no olhar? Saberla ela que estava cara a cara com o seu assassino? O olhar dela era tão intenso, tão cheio de propósito, que ele conseguia senti-lo como coisa palpável — queimava, dilacerava. Viveria com aquele olhar até ao seu último suspiro, tinha a certeza. Mas nada podia fazer para a salvar.

Então viu movimento no abdómen dela, um ondular, tal como à superfície de um lago quando um peixe se move. E compreendeu que aquele olhar dela era um pedido.

Não pensou, não havia tempo para pensar. Tirou um bisturi da sua mala de médico e fez um corte na parede abdominal. Cada gesto seu era urgente, quase rude. Afastou o fígado e introduziu as mãos na cavidade. Ela deixou escapar um queixume gutural, agónico. Henry sentiu movimento dentro dela, como se o bebé estivesse a tentar agarrar-se a ele, à vida. Os seus dedos encontraram qualquer coisa esponjosa, escorregadia. O cordão umbilical. Puxou-o, mas o corpo da mãe não queria ainda entregar-lhe o bebé, por isso cortou a parede do útero, alcançou o interior do ventre e cortou a cartilagem que segurava o osso púbico. O corpo dela abriu-se como um livro. Já nada em si segurava o seu bebé. Que então lhe saiu de dentro, como uma oferenda.

Continuava fechado no saco amniótico, uma espécie de meia ensanguentada que lhe revestia o corpo. Era uma coisinha de nada, mas já tinha cabelo; era negro e espesso. Tinha os bracinhos cruzados diante do peito, e, sob o olhar de Henry, bocejou. Com extremo cuidado, muito ao de leve, Henry fez uma incisão na membrana, o bebé esbracejou, libertou-se e chorou. Chegara à vida. Ele mostrou-o à mãe, que ali jazia sem vida. O que iria dizer a Jill?

TRINTA E QUATRO DÓLARES E VINTE E SETE CÊNTIMOS

Desde a morte da mãe que Helen dormia com um peluche que parecia um macaco — até lhe pusera o nome de *Joe Banana*. Lembrava-se de em pequena dormir agarrada àquele boneco. Só à noite se permitia regressar à irresponsabilidade da infância e fazer de conta que os pais ainda ali estavam, que continuavam a tomar conta dela e que daí a nada viriam aconchegá-la e dar-lhe um beijinho de boas-noites. Mas sabia que isso não tornaria a acontecer, por isso apertava o *Joe Banana* com muita força nos braços e ficava a contar-lhe baixinho os seus segredos, como em pequena. Enquanto isso, Teddy dormia ao lado, num colchão no chão.

Sobressaltou-se. Alguém partira um vidro. Viu que o irmão ia dizer qualquer coisa.

— *Chiu* — sussurrou, levando um dedo aos lábios. Ouviram passos e as vozes de homens que não estavam preocupados com o barulho que faziam. Helen puxou o irmão consigo para dentro de um roupeiro e fechou a porta sem ruído. Esconderam-se atrás dos vestidos dela.

Os intrusos iam partindo coisas. Diziam palavrões. Não os ralava que alguém os ouvisse. Então entraram no quarto.

Um feixe de luz varreu o chão e veio iluminar a fresta por baixo da porta do roupeiro. Helen nem se atreveu a respirar. Agarrado aos joelhos, Teddy encolheu-se contra ela. A luz desviou-se. Estavam a ver o que havia na cómoda. Um deles riu-se — uma gargalhada esquisita, de cana rachada.

— 'Bora lá acima — disse uma voz com um sotaque arrastado.

— Espera.

— Cheira mal, foda-se.

— lá, jura.

Ouviu-os sacudirem a sua Miss Piggy mealheiro. Riram-se. Ela sabia a quantia exata que ali tinha: treze dólares e vinte cêntimos. Ouviu o mealheiro quebrar-se. Eles praguejaram. Ouviu-os apanharem as moedas por entre os cacos. Estavam ali as suas poupanças, não tinha mais um tostão. Começou a contá-las mentalmente — ajudava a esquecer o medo. Imaginou-se a organizá-las por pilhas: vinte e cinco cêntimos, cinco cêntimos, dez cêntimos, um cêntimo. Também ali tinha o dólar «ameríndio» que o pai lhe dera em outubro passado, quando ela fizera doze anos, e as moedas comemorativas, todas de vinte e cinco cêntimos, que fora

coleccionando — a do Illinois, onde Lincoln estava sepultado; a do desfileiro de Cumberland, a «porta para o Grande Oeste»; a de Ellis Island. Adorava ficar a vê-las; entretivera-se assim várias vezes.

— Merda, cortei o dedo — queixou-se um deles.

Helen imaginou-o a sujar de sangue as suas moedas. *Tomara que sangrasse até morrer.*

— Vá, 'bora lá. — Passos. Já iam sair dali. Depois pararam. A luz tornou a incidir na fresta por baixo da porta do roupeiro. — 'Bora de uma vez!

Passos. Vinham a aproximar-se. A porta do roupeiro a abrir. A luz a incidir nas prateleiras por cima deles, depois a varrer os vestidos. A deter-se nos pés de Teddy.

— Foda-se, vem cá ver. — Os vestidos a serem afastados e então ela e Teddy viram-se a olhar diretamente para aquele foco ofuscante. — Merda. É uma miúda.

A luz encandeou-a, mas ouvia-os respirar; pareciam ofegantes. Um deles agarrou-lhe um braço e puxou-a à bruta para fora do roupeiro. Tentou gritar, mas a voz não lhe saiu. Ouviu Teddy gritar, depois um som horrível. Sabia que aquilo fora o punho cerrado de um homem a bater no seu irmão. Bateu-lhe outra vez. E outra. Então sentiu a sua camisa de noite a ser rasgada. Foi empurrada para o colchão no chão. A luz da lanterna roçou fugazmente a barba castanho-arruivada de um homem que então se deixou cair sobre ela, levando-lhe o ar dos pulmões. Sentiu as mãos dele mexerem-lhe. Tentou afastá-lo, mas ele era muito pesado. Quando ele a forçou a abrir as pernas, ela recuperou finalmente a voz.

Gritou tão alto que nem percebeu se ouvira um tiro, mas o homem sobre ela fez-lhe um som estranho ao ouvido e depois tornou-se num peso morto. Era como ter um frigorífico em cima. Ouviu alguém correr e uma porta bater. Ia morrer, pensou. Esmagada por aquele monstro que não conseguia tirar de cima. Depois ele começou a mover-se. Mas afinal não era ele; alguém estava a sacudi-lo.

— Sai de cima dela! — Era Teddy, a gritar. — Sai!

Helen empurrou-o para o lado, até que por fim conseguiu libertar-se.

— Teddy!

— Estás bem?

Ela quis responder, mas os soluços não a deixavam falar. Estava a chorar de medo e de raiva. Depois deu conta de que estava nua e teve muita vergonha. Agarrou numa almofada e, segurando-a contra si para se tapar, afastou-se do colchão.

— Estás bem? — repetiu o irmão, aflito.

Tinha de lhe dizer que sim, que estava. Tinha de o fazer sentir-se seguro, mesmo se, agora, já nenhum lugar fosse seguro.

— Estou — respondeu. Aquela era a voz de outra pessoa. A lanterna

ficara caída no chão. Apanhou-a e apontou-a ao homem caído de borco no colchão. Sangue a toda a volta da cabeça. Primeiro, ainda pensou que ele teria apanhado o vírus, mas depois viu a pistola na mão de Teddy e lembrou-se de que ouvira um tiro. — Teddy... o que foi que fizeste?

— Desculpa! — disse ele, aflito. Ouvia-se-lhe a confusão na voz.

— Não, não faz mal! Fizeste bem!

— Matei-o.

— Pois mataste. Fizeste bem. E o outro? Não havia mais um?

— Fugiu — respondeu-lhe o irmão.

O mundo transformara-se num lugar estranho. Teddy tinha uma arma na mão. Estava um homem ali caído, morto. E, a ela, acontecera uma coisa em que não queria pensar. Depois lembrou-se do outro.

— Estás magoado? Ouvi-os baterem-te.

— Estou bem — disse Teddy.

Ela apontou-lhe a lanterna à cara, depois estendeu-se ali mesmo no chão e começou a chorar sem parar. Não conseguia ser forte. Não conseguia ser quem o irmão precisava que ela fosse.

Teddy dormiu no sofá e ela ficou sentada na poltrona do pai, a olhar para a televisão que talvez jamais tornasse a acender-se. A pistola estava na mesa ao seu lado, para o que desse e viesse. Quando o Sol nasceu, já tinha um plano.

Iam deixar aquela casa. Era esse o plano.

O corpo da Sr.^a Hernández continuava lá em cima. Nesta altura, talvez os gatos já a tivessem devorado até aos ossos. Como saber? E que diferença fazia? Não tencionava descobrir, não voltaria lá acima nem por sombras, mas o caso era que a Sr.^a Hernández parecia resolvida a não deixar que a esquecessem. Claro que algum dia o cheiro acabaria por desaparecer, mas não podiam esperar até lá. Além disso, agora havia o morto no quarto dela, que depressa iria também começar a cheirar mal.

A casa fora invadida por grilos; faziam uma barulhada inacreditável, que, a dada altura, se tornou num latejar insistente na cabeça dela. Quando já havia luz suficiente para se ver alguma coisa na cozinha, foi até lá, abriu uma gaveta e agarrou numa grande faca de cozinha. Voltou ao seu quarto.

Sabia que ele estava morto, mas não queria arriscar. Afinal não era tão grande como ela pensara. Tinha parte do rabo à mostra. Que ar de idiota. Cravou-lhe a faca. Ouviu um grande suspiro e recuou de um salto, aterrorizada. Só depois se deu conta de que fora ela e não o morto quem suspirara.

Tirou-lhe a carteira. Tinha algum dinheiro. Revistou-lhe os bolsos e encontrou mais algumas notas, para além das suas moedas. Ali estava o dólar «ameríndio». Contou quanto tinha ao todo. Trinta e quatro dólares e vinte e sete cêntimos. Faltava uma das suas moedas comemorativas.

Ao fim de umas horas, o sol do amanhecer deu em cheio nos olhos de Teddy, que, estremunhado, viu a irmã sentada à mesa de jantar. Organizara as moedas por valor. Olhou-a, numa pergunta silenciosa.

— Faz a tua mochila — disse ela.

— Vamos aonde?

— Para casa da tia Maggie e do tio Tim. Eles deixam-nos ficar lá com eles, de certeza.

— Temos de esperar pelo pai — disse Teddy.

— O pai morreu — replicou ela, perfeitamente calma.

— Não sabes isso.

— Se ele estivesse vivo, já tinha voltado.

O irmão começou a chorar.

— Vá, Teddy, temos de ir! — pressionou ela.

— Não quero!

— Teddy, nós precisamos de pais! — exclamou ela, impaciente, imitando o tom que ouvira a mãe usar muitas vezes, sempre que o pai não queria ver as coisas como elas eram. Era isso, agora ela tinha de ser a mãe.

— Como é que fazemos para ir para lá?

Passara quase toda a noite em claro a tentar resolver essa questão.

— Vou guiar — declarou.

DIZER TUDO ATÉ AO FIM

Tildy passou o dia 2 de agosto em reuniões sucessivas no seu novo e luxuoso gabinete na Ala Oeste. Se, enquanto secretária de Estado adjunta da Segurança Interna, apenas tivera direito a um mísero cubículo na cave, agora desfrutava de majestosas janelas que deixavam o sol inundar a divisão. Estava praticamente colada à Sala Oval. Passara a gozar de uma relação privilegiada com o presidente e isso dava-lhe um poder que o título oficial, «conselheira de Segurança Nacional», talvez nem sugerisse.

Mal tivera tempo para renovar a decoração do seu novo gabinete, claro, mas fizera questão de mandar trazer do depósito um busto de Henry Kissinger. Logo que as coisas normalizassem, mandaria trocar a alcatifa. Talvez optasse pelo amarelo dos tempos de Condoleezza Rice; sempre animava a vista. Tildy tinha noção da importância de demarcar rapidamente o seu território, e, se alguém se melindrasse ao tomar isso por agressividade, melhor, contribuiria para a sua aura de poder — um poder finalmente conquistado depois de tantos anos de luta.

Começou a sua manhã com uma breve conversa «informal» com a nova representante da CIA. O antecessor fora enterrado no cemitério de Arlington. A reunião não estava na agenda e nada do que discutiram ficou registado. Ali estava aquela mulher «de certa idade» cuja expressão não poderia ser mais seca e com um cabelo que dava nas vistas porque ficara todo branco de um lado e do outro se mantivera escuro. Ou talvez ela o pintasse assim para parecer a Cruella de Vil, ocorreu a Tildy. Estava com azar, coitada; a CIA não era de todo o lugar indicado para *fashion statements*.

— Não será fácil chegarmos a Putin — avisou ela. Já havia uma força especial da CIA em Moscovo, e, segundo eles, aquilo por lá estava um caos. — Há teorias da conspiração a confundirem-se com as conspirações de verdade e há toda a desinformação posta a correr para encobrir que foi Putin a arquitetar o ciberataque que nos atingiu. O grau de paranoia rebentou a escala, é o descontrolo total. — Só raramente a agenda de Putin era publicitada, o que o tornava difícil de localizar. A força especial da CIA incumbida de o assassinar levava consigo Novichok, a toxina desenvolvida por investigadores russos que entretanto se tornara no método homicida favorito de todos os serviços de segurança. Os americanos tinham conseguido uma amostra junto dos serviços secretos alemães e procedido a

umas quantas manipulações em laboratório para se assegurarem de que não haveria antídoto que valesse ao visado. Tildy achou a solução excelente; já era tempo de Putin provar do seu próprio veneno, por assim dizer.

Mais tarde, os delegados do secretário da Defesa e do secretário de Estado juntaram-se a elas. Não estavam a par do plano de assassinar o líder russo, mas, caso estivessem, o mais certo seria não objetarem. Um por um, o novo presidente estava a correr com os poucos simpatizantes da Rússia que restavam na administração. Já todos sabiam qual o novo programa político. As tropas russas tinham-se concentrado na fronteira com a Ucrânia. Ninguém melhor do que Tildy entendia o que ia na cabeça de Putin. Desde a dissolução da União Soviética, o objetivo dele era só um: restaurar o império.

— O Irão foi um erro de cálculo — disse.

O delegado do secretário de Estado mostrou-se de acordo.

— Agora que estamos mais atarefados do que devíamos no golfo Pérsico, ele ficou com a vida facilitada para se reapossar do Leste europeu. — A questão era como reagir militarmente a isso.

— Houve um «azar» numa central nuclear em Kursk — informou o delegado do secretário da Defesa, o seu tom irónico a transmitir aquilo que não tencionava dizer por palavras. A central em causa estava equipada com onze reatores já antigos, do tipo dos RBMK-1000. Aquando do Desastre de Chernobyl, em 1986, era um desses que eles lá tinham. Desta vez, o reator «azarado» fora isolado em menos de trinta e seis horas, explicou ele. — Mas há uma nuvem de gás radioativo a avançar lentamente para norte, rumo a Moscovo. Estão todos em pânico. — E não fora só aquela; um pouco por todo o país, centrais nucleares próximas de centros populacionais tinham sofrido «azares» parecidos. O terror que as fugas de gases radioativos provocava era bem mais vantajoso do que explodir com tudo. Porque, na prática, era a Rússia a atacar-se. E a cereja no topo do bolo era que o mundo inteiro acusaria Moscovo de uma vez mais ter falhado, de não ser responsável ao lidar com a energia nuclear. Toda a operação era primorosa, considerou Tildy.

Mas tem de haver sempre qualquer coisa que vem estragar tudo.

Nessa tarde, recebeu a tenente-comandante Bartlett, que vinha fazer o *briefing* diário.

— Espero que sejam boas notícias — avisou Tildy com secura.

— O pico da época da gripe foi no começo de julho, e, de lá para cá, o número de casos oficiais desceu para o valor mais baixo desde o começo da primavera — informou Bartlett.

— Quem diria, são *mesmo* boas notícias...

— Sim, senhora conselheira. E temos três possíveis vacinas em fase de testes. Contamos que pelo menos uma delas já esteja a ser produzida

quando o vírus regressar no outono.

— Está sempre a dizer isso... porque tem o vírus de regressar forçosamente?

— Porque os vírus da gripe fazem isso. Porquê, ninguém sabe ao certo. Até ao momento, esta pandemia tem seguido de perto o comportamento da gripe espanhola de 1918. Se o mesmo continuar a acontecer, prevemos que a segunda vaga será bem pior do que a primeira. Nesta altura, o vírus já se espalhou pelo mundo inteiro. Conte com uma segunda vaga em outubro.

Faltavam dois meses, portanto.

— E vai ser a mesma gripe?

— Pode ser uma variante. É a nossa grande preocupação no departamento de vacinas. Estamos a tentar prever que tipo de mutações poderá o vírus sofrer, mas serão sempre palpites. Informados, certo, mas, ainda assim, palpites. Já sequenciámos o vírus milhares de vezes, mas não há garantias de que será o mesmo vírus quando tivermos a vacina. Já tem havido anos em que a fórmula entretanto desenvolvida para tratar a gripe sazonal se revela completamente ineficaz.

— Então é a vacina russa?

— É para a gripe sazonal e não para o vírus de Kongoli.

— Não interessa; estou farta de ouvir dizer que tem um ingrediente mágico qualquer.

— O *Polyoxidonium*.

— Se o diz...

— Ao que sabemos, trata-se de um composto químico que induz a produção de interferões, o que terá consideráveis efeitos secundários. Até hoje, não chegámos a uma conclusão inequívoca quanto à sua eficácia. Desconhecemos o motivo para a incidência do vírus de Kongoli ser menor na Rússia do que nos países vizinhos. Pode dever-se a uma mutação que o vírus sofreu especificamente naquela região.

— Em que data conta ter uma vacina para o vírus de Kongoli? — perguntou Tildy sem rodeios.

— Se conseguirmos encontrar uma vacina eficaz, nunca estará a ser produzida em larga escala antes de meados de outubro. — Tildy nunca fora apologista de se matar o mensageiro, mas a tenente-comandante Bartlett começava a testar-lhe seriamente a paciência. Não podia perder de vista as suas prioridades. Por enquanto, a ideia de que a «gripe de Kongoli» regressaria dentro de um par de meses numa versão mais mortífera não passava de pura conjectura, de um «cenário mais negro» teorizado por gente que não sabia fazer outra coisa. Ora, de momento, ela tinha em mãos uma guerra com a Rússia em moldes nunca vistos. Era com isso que por agora tinha de se preocupar. A tenente-comandante pareceu ler-lhe o pensamento. — Ainda não entendeu, pois não? — interrogou.

A impertinência dela só irritou Tildy mais ainda.

— Mas entender *o quê*?! Que, possivelmente, teoricamente, vamos enfrentar uma nova vaga desta coisa?! Já lhe sobrevivemos, ou não?! A maioria sobreviveu. Havemos de seguir em frente. Foi o que sempre fizemos.

— Não estou a falar de um simples contratempo que se há de resolver — replicou Bartlett. — Se tivesse alguma noção de como as doenças afetam tudo o resto, então, sim, entenderia o perigo que corremos. No século vinte, conseguimos vencer uma série de doenças e ficámos a achar-nos os maiores. Acontece que a natureza não é uma força estável. Evolui, muda e jamais se torna complacente. Neste momento, todo o nosso tempo e todos os nossos recursos deveriam ser mobilizados para combater esta doença. E nenhum país pode ficar de fora, seja aliado ou inimigo. Se queremos salvar a civilização, temos de lutar juntos e não uns contra os outros.

Tildy deixou-a dizer tudo até ao fim. Ela que se livrasse daquele peso que carregava às costas, para mais tarde poder dizer que fizera «todos os possíveis». As pessoas tinham tendência a olhar o mundo de pontos de vista tacanhos — os seus. Já ela era obrigada a vê-lo sempre no seu todo. Outra pandemia, talvez pior ainda do que a que acabavam de enfrentar, seria um horror, claro; nem queria pensar numa coisa dessas. Simplesmente, valores mais altos se levantavam. A guerra.

Finda a reunião, voltou à Sala Oval para uma conversa a sós com o presidente. Ao entrar, notou que também ele fizera pequenas mudanças na decoração — tinha uma Bíblia sobre a secretária, fotos da sua família sobre o aparador e mandara trazer para ali um retrato de Abraham Lincoln e um busto de Churchill.

— Um e outro revelaram-se grandes líderes em tempos de guerra — explicou ele. — Nunca ambicionei tornar-me mais um. Mas, por estes dias, dou por mim a recordá-los constantemente.

AULA DE CONDUÇÃO

O carro de Jill — um *Toyota Camry* de 2009 — estava na garagem. Não tinha sequer meio depósito de gasolina. Ainda assim, era uma sorte não ter aparecido por ali alguém a roubar combustível. Helen não sabia que distância fariam com aquela quantidade de gasolina, mas, pelo menos, ficariam mais perto da quinta da tia Maggie. Fora isso, tinha os seus trinta e quatro dólares e vinte e sete centimos. E Teddy tinha a pistola.

Sabendo que nunca mais voltariam àquela casa, cada um encheu duas malas com roupa, brinquedos e manuais escolares, e Helen ainda foi buscar o guarda-joias da mãe e um relógio do pai — um dia, dá-lo-ia ao irmão. Escondeu essas coisas mais valiosas debaixo do pneu sobresselente. De certeza que iam deixar para trás muita coisa que teriam gostado de levar, mas a pressa não os deixava pensar com clareza.

— Se calhar devíamos levar as bicicletas — sugeriu Teddy.

— Já não devem caber.

Sentou-se ao volante. Experimentara conduzir uma única vez. Ou melhor, sentara-se ao colo do pai e fingira conduzir. Na altura tinha cinco anos e os pedais estavam muito longe. Agora, pelo contrário, pareciam-lhe demasiado próximos; com aquelas suas pernas compridas, ter-lhe-ia dado jeito mais espaço. Nem tão-pouco sabia como se ajustava o assento. Havia vários botões na porta. Escolheu aquele que lhe pareceu o indicado, mas não, afinal fazia o vidro descer. Teddy tirou o manual do porta-luvas e procurou a página que explicava como ajustar o assento.

— Também devias ajustar os espelhos — aconselhou.

— Eu sei. Põe o cinto. — Mas localizar os botões que mexiam os espelhos revelou-se seriamente frustrante, por isso ela optou por outra solução: inclinou o retrovisor até conseguir ver o fundo do acesso. E pronto, agora só tinha de fazer duas coisas: aprender a conduzir e descobrir como se chegava à quinta da tia Maggie. — Vais ser o navegador — disse ao irmão.

— OK — respondeu ele. — Vais para norte pela I-75.

— Isso é para onde?

— Vai até às ruas das lojas e já vemos.

Helen rodou a chave na ignição. Nada. Foi olhando até encontrar o botão que dizia «start». Tornou a rodar a chave e insistiu até que se ouviu uma chiadeira horrível. Largou logo a chave e o barulho parou, mas agora

sentia-se bem menos confiante. Respirou fundo. Agora tinha de engatar a marcha-atrás. Mas, por mais força que fizesse, a alavanca das mudanças não se movia. Enquanto isso, tinha o carro a trabalhar e estava a desperdiçar combustível.

Desligou o motor enquanto Teddy lia o manual. Talvez o *Toyota* estivesse avariado. Também ali tinham o pequeno *Ford* da Sr.^a Hernández, mas essa opção obrigá-los-ia a voltarem ao quarto dela para procurarem as chaves e Helen já resolvera que não voltaria lá. Traçara um plano muito simples: irem para a quinta da tia Maggie. Mas agora nem estava a conseguir engatar a marcha-atrás para saírem da garagem. Estava quase a explodir de frustração.

— Já sei! — anunciou Teddy. — Tens de carregar no travão!

— Que parvoíce! Isso não tem lógica nenhuma!

Tornou a ligar o motor e assim fez. Também pressionou ligeiramente o acelerador. Engatou a marcha-atrás e o carro deixou a garagem quase aos pinotes. Travou, mas também pisou o acelerador.

— Trava! Trava! — gritou Teddy.

— Estou a travar!

Por fim, ocorreu-lhe tirar o pé do acelerador, mas já tinham ido contra o murete do canteiro que havia no acesso.

Trémula, abriu a porta para avaliar os estragos. A mãe nunca fizera sequer um risco no carro. Aliás, ela até perdia a paciência com a maneira como a mãe conduzia, sempre muito cuidadosa, sempre a fazer tudo muito devagar. *E agora fiz isto*, pensou. Não só estava riscado, como amolgado, e tinha o farol partido. Além disso, o carro ficara num ângulo esquisito, como que entalado. Olhou para o fundo do acesso. Ainda estavam muito longe da estrada. E ia ter de passar pela «*porte-cochère*», como lhe chamava a mãe, e onde deixava o carro quando estava a chover. Agora que olhava com atenção, aquilo parecia-lhe minúsculo; não sabia como ia conseguia enfiar o carro por ali.

— Deixa-me guiar — disse Teddy.

— Estás doido?! Mal chegas ao volante. E preciso que sejas o meu navegador, ou já te esqueceste?

Tornou a entrar no carro. Os pneus chiaram quando ela rodou o volante. Engatou a mudança. Pisou muito ligeiramente o acelerador e travou quase de seguida. Repetiu este procedimento várias vezes, o carro a avançar como que aos soluços, e então pareceu-lhe que afinal talvez não fosse tão difícil como inicialmente parecera. Por fim, já tinha o carro bem posicionado e de volta à garagem.

Seguia-se nova tentativa de sair dali em marcha-atrás.

Vira a mãe fazer aquilo zilhões de vezes, mas não conseguia lembrar-se de como ela fazia. Voltava-se no banco? Via por um dos espelhos?

— Tens de sair para me ires orientando — disse ao irmão.

— *OK*, mas não me passes a ferro.

— Não sejas estúpido.

Teddy pôs-se entre o *Toyota* e a bancada de trabalho do pai. Não podia haver erros; o espaço era à justa. Olhou a irmã nos olhos e ergueu as mãos como se fosse ele quem segurava o volante.

Jamais se tinham sentido tão unidos.

Helen engatou a marcha-atrás. Mal aliviou ligeiramente a pressão do pé no travão, o carro começou a andar. Olhou de fugida para os pedais, para se certificar de que tinha os pés onde devia, e, sem ela perceber como, o carro já se desviara ligeiramente da posição. Ao erguer o olhar, viu Teddy a fazer-lhe que não com a cabeça e a rodar as mãos, e ela imitou-lhe o movimento. Ele rodou as mãos no sentido inverso e ela fez o mesmo, sempre a travar e a aliviar o pé no travão, a recuar muito lentamente e sem interromper o contacto visual com o irmão. De repente, o carro ficou na sombra e ela percebeu que já ia debaixo da *porte-cochère*, mas o melhor era nem pensar nisso. Tinha de estar atenta às orientações do irmão. Que então ergueu as mãos, e ela parou porque já estava à beira da estrada.

Teddy entrou no carro. Ficaram ali parados um momento a contemplar a casa onde tinham crescido e que já fora um lugar cheio de memórias deliciosas. Agora, havia apenas a morte. Jamais regressariam ali.

— *OK* — disse Helen, entrando na estrada de marcha-atrás. Engatou a mudança e arrancaram rumo a Nashville.

SCHUBERT

Henry acordou ao som de um saxofone. E ali estava Murphy, a observá-lo.

— Ora viva — saudou ela. — Doutor Parsons — apressou-se a acrescentar. Henry quis responder, mas tinha a garganta muito seca e mal conseguia falar. Sentia-se desorientado; não percebia se estava com tonturas, se o submarino estava a oscilar. Murphy aproximou-lhe dos lábios uma colher com qualquer coisa que cheirava deliciosamente. — Canja de galinha — disse. — Ainda não se inventou melhor.

— Sou vegetariano — disse ele.

— Eu sei, mas, de momento, é meu paciente, portanto coma.

Claramente, não ganharia aquela luta. Em pensamento, agradeceu à galinha por se sacrificar por ele. Deixou Murphy dar-lhe a canja à boca. Sentia-se um menino.

— Não cheguei a sangrar, ou sangrei? — perguntou-lhe.

— Nem uma gota.

Henry levou um momento a processar a informação.

— Devíamos começar a inocular a tripulação — disse depois.

— Já fiz isso, doutor Parsons. Espero que não se zangue.

— Pelo contrário: ainda bem que posso contar consigo.

— Perdemos mais dois dos nossos e o doutor também esteve quase a ir desta para melhor, perdoe a expressão. Alguns estão a passar bastante mal, e o seu nome já foi mencionado mais do que uma vez num contexto não inteiramente favorável. Mas só sete tiveram de ser passados para a cantina e aposto que daqui por uns dias saem de lá pelo seu pé.

— Estamos onde? — perguntou ele.

— As coordenadas exatas são: trinta e quatro graus e dezassete minutos para norte, quarenta e cinco graus e catorze minutos para oeste — informou ela. — Vamos exatamente a meio do Atlântico.

— E estamos a que profundidade?

— Estamos à superfície. Sente-se com forças para ir apanhar um pouco de ar fresco?

A ideia de se ver a céu aberto era tão apelativa que chegava a doer. Parecia uma impossibilidade.

— Posso só tomar um duche?

— Se conseguir ter-se em pé sem ajuda... — Murphy ajudou-o a

sentar-se e depois a erguer-se. Ele vacilou momentaneamente. — De certeza que consegue? — perguntou ela.

— Eu diria que *tenho* de conseguir.

Murphy estendeu-lhe uma toalha e ajudou-o a atravessar o corredor. Ao verem a foto de Dolly Parton na porta, riram-se os dois.

— Deixe-me dar uma espreitadela — disse ela, e assim fez. — O caminho está livre — anunciou, e voltou o sinal; agora, na porta estava John Wayne.

A sós, Henry pensou nas muitas perguntas que nem lhe ocorrera fazer. Quanto tempo estivera delirante? Aos poucos, vieram-lhe à cabeça imagens dispersas, fragmentos; seriam acontecimentos reais ou imaginários? Não tinha de todo a noção do tempo que passara. Enquanto ia tendo estes pensamentos, deixou que a água quase a escaldar o limpasse, o purificasse. Os submarinistas são ensinados a serem frugais no consumo de água, mas, por uma vez, Henry resolveu desfrutar ao máximo o prazer da espuma quente na pele, no cabelo e na barba. A sensação de que se estava a limpar da doença era quase palpável. Por outro lado, a fraqueza manter-se-ia durante algum tempo.

Secou-se e só então se viu ao espelho. Estava magro e pálido. Sentiu-se velho. A sua barba lembrava prata manchada. Perante o seu reflexo, aceitou a evidência de que o seu perene ar jovial era coisa do passado. Mas estava vivo, e então encheu-se de algo que há muito não sentia e que pareceu espalhar-se a todo o seu corpo: alegria.

— Está tudo bem aí dentro? — perguntou Murphy através da porta.

— Ótimo! — respondeu ele. Prendeu a toalha em volta da cintura e, a coxear, saiu para o corredor. Murphy segurou-lhe o braço nu e ajudou-o a regressar ao seu «quarto individual». Mudara-lhe os lençóis e deixara-lhe ali roupa lavada. Henry limpou disfarçadamente uma lágrima; debilitado como estava, nada podia contra o impacto emocional de uma simples amabilidade.

Já vestido e penteado, foi juntar-se a Murphy no convés dos mísseis. Deixou-se afagar pela brisa morna e deliciou-se com o sol ofuscante. Franziu os olhos. Vários da tripulação estavam a saltar para a água, todos a saborearem aquela liberdade por entre risos e algazarra divertida como ele não ouvia há semanas.

— Chamamos a isto a nossa «praia de ferro» — disse Murphy. Henry estendeu-se no revestimento de borracha do convés dos mísseis e ali ficou com os submarinistas, a secarem-se ao sol depois dos mergulhos no Atlântico. Murphy apontou-lhe um oficial de vigia na torre de comando; segurava uma automática. — Não vá aparecer algum tubarão — explicou ela, como se fosse uma coisa muito banal.

— Ouvi alguém tocar saxofone ou foi do delírio? — perguntou Henry.

— Ouviu, sim. Era o capitão. Está a recuperar muito bem.

A experiência resultara. Pôs-se de imediato a projetar a passagem à fase de produção em massa, mas, antes de isso acontecer, haveria que acautelar as questões legais, porque, basicamente, toda a população do país — ou mesmo mundial — iria ser inoculada com uma das estirpes de gripe mais mortíferas de que havia registo. Muitíssimo atenuada, certo, mas, ainda assim, extremamente perigosa. Para salvar milhões, talvez morressem milhares. Para se salvarem biliões, poderiam morrer milhões. Quem se responsabilizaria por um tal risco? Por outro lado, se o vírus fora atenuado ao extremo, e, ainda assim, levava o organismo a criar defesas, então seria um passo até que se descobrisse uma vacina. Deixou que o seu olhar se perdesse no oceano. Contemplar tal vastidão trazia-lhe calma, fazia-o pensar na ideia de eternidade.

— Vêm além navios — comentou, descontraído. Apontou para nascente. — Consegue vê-los?

— Sim. Vêm a seguir-nos desde o canal de Suez.

— A seguir-nos? Para quê?

— Ora, ora, o nosso doutor ressuscitou! — Henry reconheceu de imediato aquela voz ribombante; era o capitão. Dixon parou junto deles. Alto como um gigante e agora a transbordar saúde, era fisicamente tão imponente que a sua sombra cobriu ambos.

— O capitão também, pelo que vejo — crocitou Henry. — Desculpe, ainda não recuperei da voz...

— Se entretanto não lhe der um fanico, venha jantar comigo. Às dezassete em ponto.

Henry ficou a dormir ao sol. Teve o melhor dos sonhos: sonhou com Jill. Helen e Teddy também lá estavam, os dois ainda pequeninos. Estavam a caminho de umas férias algures. Nas montanhas. Talvez a sua avó tenha também aparecido no sonho — ao acordar não teve a certeza. Fosse como fosse, houvera outra presença benigna, disso tinha a certeza. Também lá estavam os pais, e a mãe até lhe falou. Estava com aquele chapéu largo que lhe ensombrava a face. «Que beleza», disse ela. Não percebeu o que quisera a sua mãe dizer com aquilo. O pai tratava-o pelo nome. No sonho, houve alturas em que ele era um menino, outras em que era adulto. Tudo se passava num mundo imaginário em que os mortos estavam vivos. Acordou com o calor; estava a apanhar um escaldão.

Sonhar com a sua família perdida deixara-o em baixo. Sabia que as oscilações de humor eram um sinal de que estava a recuperar, mas, ainda assim, perguntou-se se não haveria alguma maneira de evitar os extremos, fosse o profundo desgosto pela perda daqueles a quem amava, fosse a euforia por ter salvado a vida de parte daquela tripulação. Dentro dele, as emoções estavam todas em colisão, o que o deixava confuso e taciturno.

Prestes a chegar à sala dos oficiais, escutou uma melodia delicada e muito bela. Ao entrar, deparou com um quarteto de cordas, do qual fazia

parte o jovem McAllister; estava a tocar viola de arco.

— Incomoda-o? — perguntou Dixon. — Acredito que a música ajuda à digestão.

Henry reconheceu o que estava a ouvir.

— Isto é Schubert!

— Calculei que fosse de gostos refinados — explicou Dixon. — Já eu inclino-me mais para o *jazz*. Ellington. Monk. Miles Davis, na fase do quinteto, com Herbie Hancock no piano e Wayne Shorter no saxofone. O Wayne Shorter é cá dos meus...

— Sim, eu ouvi-o. Digamos que a sua música me trouxe de volta à vida.

— Bela imagem, essa. — Dixon indicou o quarteto. — Levei anos a reuni-los. E ainda estou à procura de um clarinetista. Há umas quantas do Benny Goodman que ia adorar tocar.

Henry riu-se.

— Toquei clarinete no liceu. Sabia o *Moonglow* e o *Body and soul*.

— E não se alistou na Marinha porquê?! — replicou Dixon, quase indignado. — Talvez ainda vá a tempo!

— Até acho que ainda tenho o clarinete — disse Henry. — Está num armário algures.

Schubert era emotivo, melancólico e intenso e depressa deixou ambos numa disposição contemplativa.

— Imagino que não esteja a par das notícias — disse o capitão a dada altura.

— Não estou, de facto.

— Pelo que soubemos, a coisa está má. O governo entrou em colapso. Andam bandos de criminosos à solta. Estamos a falar da América! A terra das oportunidades. Custa a crer... — Deteve-se um momento a mastigar uma garfada de bife de lombo. — Quem nos fez isto, Henry? Não acredita que aconteceu por acaso, ou acredita?

— Não é impossível — respondeu Henry, cauteloso.

— Cá na minha ótica, inscreve-se num padrão. Não posso revelar-lhe o conteúdo das nossas comunicações, ou, pelo menos, não posso revelar tudo, mas, pelo que tenho lido nas entrelinhas, há indicadores muito fortes de que houve mão estrangeira em tudo isto.

— Refere-se à Rússia?

— Têm andando a minar a nossa sociedade. A atacar as nossas infraestruturas. A Rússia, sim; quem mais? Mas não agiram sozinhos. Há anos que estamos debaixo de ataque. Irão. China. Coreia do Norte. Bem sei que temos muita culpa; andámos a arranjar chatices onde não tínhamos de meter o nariz. E agora eles estão todos a unir-se contra nós. Farejaram que estamos debilitados. São como lobos. Estamos à beira do ponto de não retorno. — Tornou a ficar em silêncio. As implicações eram claras, não era

necessário dar-lhes voz. Depois disse: — É bem-vindo a bordo pelo tempo que quiser. O mundo lá fora tornou-se num lugar perigoso.

— Tenho de ir ter com a minha família — respondeu Henry. — Tenho de saber se ainda estão vivos.

— Claro que sim. Nem sei porque disse isto. — Parecia embaraçado pelo apreço pessoal implícito no convite que acabava de lhe estender. — Seja como for, vamos ter de emergir em Kings Bay para se resolver de uma vez o problema daquele maldito pistão — atalhou, recuperando o seu costumeiro tom brusco. — Por falar nisso, aqueles três navios que talvez tenha visto são russos. Os radares deles apanharam a barulhada da porcaria do pistão quando íamos no canal de Suez e desde aí vêm a cheirar-nos o rabo. Resolvi emergir para perceber qual a intenção deles e já os topei: estavam a aferir a nossa situação. Aguardaram e entretanto já perceberam que estamos mais lentos. A seguir vão cercar-nos e atacar. Aposto que também não lhes calhava nada mal deitarem a mão ao nosso combustível nuclear. Agora que se acabou o petróleo, o combustível nuclear tornou-se no bem mais precioso em todo o mundo. Vamos poder viajar e viajar e viajar... mas coma, ande. Mal tocou no prato. Se quer respirar mais algum ar fresco, dê um salto lá acima quando terminarmos. Mais logo tornamos a submergir.

VAI COMEÇAR A FESTA

Henry acordou sobressaltado por um som estridente que se ia repetindo. Era uma sirene, compreendeu. O pior era que parecia estar-lhe dentro da cabeça. Então ouviu a voz: «Aos postos de combate! Atenção! Todos aos postos de combate!» Vestiu-se à pressa, mas então ocorreu-lhe que não sabia qual era o seu posto de combate — ou se o teria, sequer.

Não queria arriscar ser atropelado por algum daqueles gigantes de um metro e oitenta e tornar-se num fardo — aí estava um problema de que ninguém precisava —, por isso aguardou até deixar de ouvir o tropel e só então se aventurou a sair para o corredor e a ir até à sala de comandos do submarino, embora não soubesse se podia estar ali. Viu Dixon lá adiante, acompanhado de outros oficiais. Deixando-se ficar ali atrás, tratou de seguir o que se ia passando; com sorte, nem dariam por ele.

— Tenho mais dois alvos: Sierra Quatro, a duzentos e setenta graus e a cinquenta quilómetros; Sierra Cinco, a cento e oitenta e cinco graus e a setenta quilómetros — comunicou o operador de sonar.

— Portanto, era disto que eles estavam à espera — resmungou Dixon. — Vai começar a festa.

Estavam todos nos respetivos postos e nem um olhar se desviou na sua direção. Ninguém perdeu tempo a explicar-lhe o que se passava e Henry não perguntou. Em todo o caso, já compreendera que o perigo era extremo. Apenas se ouvia o sinal de aviso do sonar de cada vez que a linha tornava a varrer os navios russos a assumirem a formação ofensiva. Passou uma hora. Apesar da tensão, Henry sentiu o estômago roncar de fome.

— Capitão! Eles dispararam um torpedo!

— Alterar rota! — ordenou Dixon. — Trinta graus para norte!

— Trinta graus para norte! Feito!

— Velocidade de flanco!

O ecrã do sonar mostrava qualquer coisa a avançar rapidamente em direção ao centro, com o respetivo aviso sonoro a intensificar-se à medida que a distância era encurtada. O aviso ia subindo de volume e acelerando e, de olhos postos na morte em aproximação, Henry sentiu o bater do seu coração intensificar-se também. Então o aviso perdeu urgência e o ponto no ecrã parou de se deslocar.

— Retifico, capitão: é um UUV — comunicou o operador de sonar. Afinal tinham detetado um drone subaquático.

— Querem as nossas coordenadas — deduziu Dixon. Voltou-se para o oficial de navegação. — Abre os tubos de torpedo um e dois. Mais vale estarmos a postos.

— Entendido. Tubos de torpedo um e dois abertos.

— Oficial de manobras, vamos descer à profundidade de periscópio.

Desceram a vinte metros de profundidade — o comprimento de um tubo de periscópio — e, pelo sistema UHF, Dixon enviou uma mensagem urgente para o quartel-general da Força Submarina do Atlântico, em Norfolk, na Virgínia: «*Georgia* em nível de alerta dois.» Estavam a um passo de abrir fogo. Olhou rapidamente pelo periscópio, aferindo o que se avultava no horizonte. O radar detetou um helicóptero antissubmarino russo. Possivelmente estaria a espalhar sensores de presença na água. Seria aquilo um jogo? Os russos passavam a vida a «picar» embarcações e aeronaves americanas, recuando sempre no último instante. Desta vez, porém, tudo indicava que estavam preparados para a guerra.

Os americanos tinham destruído os caças russos no Irão e bloqueado a passagem da sua Frota do Pacífico. Deveriam ter calculado que alguma resposta os russos dariam a tais afrontas. Talvez os estrategos de Putin tivessem chegado à conclusão de que destruírem um único submarino americano seria uma resposta proporcional. Mas também podia estar já em curso um conflito em larga escala.

Enfrentavam cinco navios russos. O *Georgia* trazia a bordo catorze torpedos, mas só podia disparar quatro de cada vez — seria certamente por isso que o comandante russo estava a aguardar a chegada de reforços. A melhor opção, concluiu Dixon, era ganhar o máximo de distância possível. À superfície, as águas estavam turbulentas, o que poderia complicar as tentativas dos russos de captarem o sinal acústico do *Georgia*, mas, por culpa do pistão danificado, uma fuga silenciosa seria quase impossível.

— Abrir tanques de lastro! — instruiu Dixon ao oficial de manobras. Ouviu-se um estridente e bizarro «OOOGA! OOOGA!». *Um segundo toque de alarme*, compreendeu Henry. — Descer! Descer! — ordenou o capitão, com impressionante autoridade.

— Duzentos e cinquenta metros de profundidade!

— Duzentos e cinquenta metros de profundidade! — repetiu o oficial de manobras. — Entendido, comandante.

Ao sentir o solavanco, Henry agarrou-se ao primeiro apoio que encontrou. Estavam a descer muito depressa. Ouviu o ruído da água do mar a encher os tanques. Os seus ouvidos destaparam. Todos eles estavam agora inclinados, de pé, mas na diagonal; parecia que começara a soprar um furacão.

E iam descendo velozmente.

— Dá-me uma leitura de turbilhões e correntes — disse Dixon, dirigindo-se ao oficial de navegação. — Encontra uma termoclina para nos

escondermos. — Por aquela altura, os F-18 já teriam levantado voo dos porta-aviões americanos estacionados no Mediterrâneo. Se conseguissem fugir do drone e imobilizarem-se nas profundezas, talvez tivessem uma hipótese. Caso contrário, chegara a hora do *Georgia*.

— Capitão, os russos estão a aproximar-se — informou o operador de sonar. — Quando estiverem a trinta e cinco quilómetros poderão abrir fogo. — Os russos vinham avançando devagar, de modo que não perdessem a localização do submarino. Quanto mais acelerassem, mas difícil seria captarem o sinal acústico do *Georgia*, por causa do barulho dos próprios motores. Daí terem colocado um drone atrás deles. Dixon ordenou ao oficial de operações que pusesse os navios russos debaixo de mira.

— Acionar medidas preventivas! — troou de seguida.

Foram acionados os dispositivos de fuga, alvos fictícios que faziam ruídos e largavam jatos de bolhas de ar com o propósito de despistarem o drone, mas não surtiram efeito; a tecnologia russa avançara bastante em anos recentes. Foram abertos os tubos de torpedo três e quatro.

— Capitão, o UUV está a subir — comunicou o operador de sonar.

Ao chegar à superfície, o drone transmitiria aos navios russos as coordenadas GPS do *Georgia*. Qualquer que fosse a intenção do comandante deles, dentro de instantes ficariam a conhecê-la. Inversamente, decerto o russo já percebera que Dixon estava a tentar fugir para as profundezas, onde usaria um gradiente de temperatura para se esconder. E, para um e para o outro, o tempo estava prestes a esgotar-se.

— Capitão, temo-los debaixo de mira — recordou o oficial de operações. — Neste momento, podemos abrir fogo.

A vantagem não se manteria por muito tempo. Logo que o drone transmitisse as coordenadas do *Georgia*, os russos disparariam os torpedos e eles seriam dizimados. Mas Dixon podia disparar agora mesmo. Um navio de superfície nada poderia contra os torpedos *Mark 48* do *Georgia*. Além de teleguiados, estavam equipados com sensores e eram quase indetetáveis; só dariam pela presença dos torpedos ao serem atingidos. O problema era que não podiam atingir os cinco navios russos de uma vez.

De repente, o sonar começou numa cacofonia estridente e o ecrã encheu-se de... bolhas de espumante, ao que parecia.

— Capitão, passa-se aqui qualquer coisa — disse o operador de sonar.

— Qual é a origem? — perguntou Dixon.

— Está por toda a parte, capitão!

— Potência de audiofrequência?

— Duzentos decibéis, capitão! — Um pouco acima de um disparo com arma de fogo, portanto. No sonar, soava como *bacon* na frigideira. Aquele barulho desconhecido estava a gerar um «nevoeiro acústico» que impediria que os torpedos do *Georgia* fossem corretamente guiados. Por outro lado, estorvaria também qualquer iniciativa do inimigo.

De repente, Dixon começou a rir-se alto. E todos na sala de comandos pareceram perceber a piada — todos menos Henry, que não fazia a mais pequena ideia do que se estaria a passar.

— Duzentos e setenta graus oeste, velocidade de flanco! — ordenou Dixon. Só então deu pelo desconcerto de Henry. — Camarões, Henry! — explicou. — Fomos salvos pelos camarões-de-estalo!

Mais tarde, Dixon mandou servir uma rodada de cervejas; tinha-as a bordo para as ocasiões extraordinárias. Henry ouviu-os entoarem o seu hino:

Vai acima!

Vai abaixo!

Mas que grande berbicacho!

Sobe à tona!

Desce ao fundo!

Somos os melhores do mundo!

Uga! Uga!

Já na sala dos oficiais, Dixon apareceu com uma garrafa de gim irlandês e preparou martínis para todos. Henry nunca os vira tão alegres. O tremendo alívio em cada um daqueles rostos só o fez compreender melhor quão perto tinham chegado do ponto de não retorno.

— Continuo sem perceber bem o que aconteceu — confessou ele a dada altura. — Aquele barulho todo foi feito por *camarões*?

Dixon disse:

— O camarão-de-estalo é uma criatura extraordinária. Julgamos que as armas mais eficazes são as que o homem concebe, mas não. O camarão-de-estalo, por exemplo, tem uma pinça que se fecha tão depressa que gera uma onda de choque que mata a presa. Esse movimento ultrarrápido gera uma bolha de ar que estoura, e é isso que ouvimos. Dá-se uma microexplosão de calor mais ou menos equiparável à temperatura do Sol. Que chega e sobra para encandear o sonar, como viu. Nós à procura de uma bolsa acústica onde nos escondermos e saiu-nos uma banda de *heavy metal*!

Os oficiais recomeçaram a entoar o seu hino, saindo-se com variações progressivamente mais asneirentas. Em breve estariam de volta a casa.

IV

OUTUBRO

GOLFINHOS

Quando o comandante da Base Naval de Kings Bay se inteirou do que Henry fizera para salvar a tripulação do *Georgia*, jurou — «nem que isso me mate!», foram as suas palavras exatas — que ia conseguir que o condecorassem com a Medalha de Honra do Congresso. Atendendo a que um militar do exército norte-americano não podia aspirar a maior honra, Henry tinha sérias dúvidas de que lhe dariam.

— Mas tenho um pedido — disse ao almirante. — Tenho de regressar a Atlanta o mais depressa possível.

— Hum... o problema é conseguir-se um transporte — respondeu o almirante. Era um desses homens de espírito prático nados e criados no campo, relativamente aos quais Henry tivera outrora sérias reservas, mas que, com o tempo, aprendera a admirar pela sua integridade. — As estradas não andam seguras. Nem para nós. Sempre que temos de nos deslocar, organizamos comboios. Mas, por causa do nível de alerta em vigor, praticamente não saímos da base. Que grande gaita... — resmungou, enquanto ruminava a questão. — Mas podemos fazer assim: a aviação naval tem uma base aérea em Marietta, logo à saída de Atlanta. Vou pedir-lhes que mandem cá um avião a recolhê-lo; alguma desculpa me há de ocorrer. Vou estar a pisar muito para lá do risco, mas enfim. Entretanto, esta noite é meu convidado para jantar. Agora vá tomar banho.

Era uma ordem. Por norma, um submarinista pisa terra firme literalmente a feder. Os resíduos sólidos a bordo são descarregados no oceano, depois de compactados, caso contrário as bolhas de ar denunciariam a presença da embarcação, mas os gases libertados ficam a bordo. O odor é parcialmente neutralizado por um desinfetante de cheiro intenso. Mas, dessa mistura, resulta que, aos poucos, o submarino se vai enchendo de um gigantesco peido perfumado (não há outra descrição), num processo tão gradual que a tripulação não se dá conta. Já os respetivos esposos e companheiros dão decididamente por isso à chegada — além de pálido, todo o submarinista acabado de regressar cheira a peixe podre.

Henry foi deixado no alojamento logo à saída da base. Tratava-se de uma modesta construção de blocos prefabricados, tipicamente anónima, como é a generalidade das instalações governamentais. Em volta, um pinhal. O alojamento era gerido por uma mulher muito afável, de seu nome Theresa, que lhe apontou de imediato a lavadaria para ele lá ir deixar a

roupa. De momento, com exceção dos militares, o apagão era geral, mas o alojamento dispunha de um gerador que assegurava quatro horas diárias de eletricidade.

Estava a estranhar ver-se de novo em terra firme. Sentia-o sobretudo ao nível do olhar. Durante semanas, o seu campo visual cingira-se quase sempre a um par de metros. Vieram buscá-lo para o levarem às acomodações do almirante, e, no trajeto, deu por si a ver as coisas um tanto desfocadas. Tudo lhe parecia muito afastado. Ao tentar ver o fundo da estrada, veio a desorientação e a ameaça de uma dor de cabeça. Era longe de mais. Ansiara tornar a ver o céu, mas agora parecia-lhe demasiado luminoso e distante. A dada altura, descobriu que era mais cómodo fixar-se no painel de instrumentos.

O almirante estava instalado numa construção de tijolo à vista, ao fundo de uma estrada sem saída. A toda a volta havia palmeiras e, do lado da frente, uma profusão de azáleas escondia parcialmente a Dolphin House — assim se chamava. «A casa dos golfinhos.» Henry ficou algo confrangido ao deparar com todos aqueles oficiais impecavelmente vestidos com as suas fardas brancas, porque ele próprio não conseguira melhor do que a farda de trabalho azul que Murphy ajustara especialmente para si. Não faltando o álcool, em breve já estavam todos descontraídos e a rir, mas, ainda que todos o tivessem acolhido de braços abertos, Henry sentiu agudamente que não era um deles. Aqueles homens tinham dedicado a sua vida ao serviço militar, enquanto ele dedicara a sua a outra causa. Testemunhar a camaradagem que os unia apenas o deixou mais ansioso por regressar à sua vida, ao seu laboratório e à companhia dos colegas, mas, sobretudo, para junto da família, caso ainda a tivesse.

Sabia que estava numa corrida contra o tempo. Aproximava-se outubro, que traria uma segunda investida do vírus de Kongoli. Por esta altura, Henry já entendia melhor a doença que enfrentavam, mas o facto era que, até ali, longe do seu laboratório e sem possibilidade de contacto, estivera a travar um combate muitíssimo desigual. Não sabia o que Marco e os investigadores de todo o mundo teriam descoberto durante aquelas suas seis semanas de vida subaquática.

Para a despedida, o almirante reservara-lhe uma surpresa.

— Só damos isto aos submarinistas que provaram de que massa são feitos — declarou, pondo-lhe ao peito a insígnia do corpo de submarinistas: dois golfinhos. — Pronto, caro doutor; agora é um dos nossos. — Todos eles lhe fizeram a saudação militar.

Mais tarde, Henry juntou-se ao capitão Dixon num passeio pela base. Estava uma bela noite de luar, morna e húmida, mas de céu limpo. Seguindo por um caminho iluminado por pirilampos, chegaram a um lago de águas escuras. Ouviam-se unicamente os geradores que asseguravam energia eléctrica para toda a base. Henry teve alguma dificuldade em fazer

aquele trajeto. Fora-lhe bem mais fácil andar pelo submarino, onde tudo eram corredores estreitos e os apoios estavam por toda a parte. Ocasionalmente, via-se forçado a agarrar o braço do capitão.

— Às vezes, quando nos vemos de novo em terra, parece que temos as pernas avariadas — comentou Dixon.

— As minhas já o são à partida. Ao contrário das suas, que sempre trabalharam que era uma beleza!

— Sim, sei que fui abençoado. Realmente abençoado. Cuidado com o aligátor. — Henry julgou que fosse uma piada, mas então reparou naquele «primo» do crocodilo ali na margem do lago. Parecia estar a dormir e passaram por ele sem sobressaltos. — Parece que afinal não vou já para a reforma — confidenciou o capitão. — O exército está tão depauperado que me pediram que continue no ativo por mais uns tempos. Portanto, vou continuar aqui por Kings Bay enquanto se fazem os preparativos e depois tornamos a sair para alto-mar.

— Este lugar é realmente belo — comentou Henry.

— Hum. — Algo estava a incomodar o capitão, mas ele parecia não conseguir encontrar as palavras certas para abordar o assunto. Henry aguardou; Vernon Dixon não era homem que se pressionasse. — Acompanhe-me — disse ele por fim. — Quero mostrar-lhe uma coisa. — Contornaram o lago e então Henry deparou com uma espécie de exposição de mísseis. Eram de vários tamanhos. — Está a olhar para a história do programa de mísseis balísticos lançados de submarinos. — Indicou-lhe um dos mais curtos. As aletas estabilizadoras dir-se-iam atarracadas. — Este é o *Tomahawk*, um míssil de cruzeiro. São os que trazemos a bordo no *Georgia*. Sei que, à primeira vista, não é particularmente impressionante, mas tem sido decisivo para dar a conhecer o poder do armamento norte-americano nos conflitos em que nos vimos envolvendo desde a primeira Guerra do Golfo. Os que temos no *Georgia* são dos convencionais, mas há a opção de usar ogivas nucleares. — Indicou outros, maiores, por trás do *Tomahawk*. — Estes são mísseis balísticos intercontinentais. Neste caso, são usados dispositivos termonucleares. — Eram três mísseis brancos, representando outras tantas gerações do míssil *Polaris*. — O primeiro começou a ser usado em 1956. Já pensou? Há mais de meio século. Eu nem era nascido. — Seguiu-se o *Poseidon*, um pouco maior, de novo, com um formato atarracado, e com anéis acobreados. Dixon descreveu-o como o primeiro míssil lançado de um submarino com capacidade para múltiplas ogivas. — Mas eu ainda não me tinha alistado quando o usavam. Eu já sou do tempo destes aqui: os *Trident*. — Os maiores e mais recentes eram os *Trident D5*, cor de tijolo e com uma altura de mais de quatro andares, fazendo os que os tinham precedido parecerem brinquedos. Custava a crer que pudessem ser transportados num submarino. — Servi a bordo do *Tennessee*, que tem capacidade para vinte e quatro destes — continuou

Dixon. — Cada um leva oito ogivas e tem um poder destrutivo de mais de onze mil quilotoneladas. Para ter uma ideia, a bomba de Hiroxima tinha uma potência de *apenas* quinze quilotoneladas. Agora multiplique um desses submarinos por uma frota de catorze. Consegue imaginar semelhante poder destrutivo? Nem se daria pelo cogumelo de Hiroxima! Os nossos submarinos armados com mísseis balísticos são a mais poderosa arma de guerra jamais criada. Não têm sequer de estar em alto-mar para atingirem a maior parte dos nossos alvos. O problema é que o mesmo vale para os nossos adversários. Quando as coisas descambarem de verdade, este lugar será o primeiro a ir pelos ares. — Calando-se um momento, Dixon contemplou o céu. Ao tornar a falar, fê-lo em voz mais baixa e num tom mais hesitante. — A questão, e lamento não poder falar disto em detalhe, é que muito em breve poderá chegar um tempo em que o único lugar seguro em todo o planeta será debaixo de água.

— Estamos assim tão próximos desse dia? — sondou Henry.

— Muitos de nós perguntamo-nos: se acontecer mesmo, para quê voltar para casa? — replicou Dixon, deixando que o silêncio depois desta sua pergunta dissesse o resto. Estava a oferecer-se para salvar a vida de Henry. — Digamos que há quem ache que mais vale seguir à deriva por aí — prosseguiu o capitão, num tom quase embaraçado. — Com sorte, talvez se encontre algum lugar que seja seguro. Fizemos uns cálculos e temos provisões para um ano, levando em conta que estamos com uma tripulação reduzida. Ou seja, temos cama e comida e estamos atestados de mísseis *Tomahawk*, como quem diz: «Vê lá com quem te vais meter.» Mas precisamos de um médico a bordo. Falo por mim, pelo menos.

— Sem dúvida.

— Haveria quem lesse erradamente isto que estou a dizer — prosseguiu Dixon, a sua voz pouco acima do sussurro, a ponto de Henry mal o ouvir. — A nossa gente vê com muito maus olhos a insubordinação. Se falar disto a alguém, lembre-se: estou a falar por falar, apenas isso. Tudo isto que está a ouvir é pura conversa oca.

— Jamais diria uma palavra. Juro.

— Vamos ficar aqui em Kings Bay aí umas duas semanas. Suponhamos que acaba por não encontrar aquilo de que agora vai à procura. Se assim for, um clarinetista dá sempre jeito.

Murphy já arranjava com que se ocupar: estava a ajudar no hospital da base.

— Estão com falta de pessoal, por isso lembrei-me de lhes dar uma ajuda — explicou, quando Henry foi até lá despedir-se. — Sempre vai regressar a Atlanta? — perguntou depois.

— Sim. Já amanhã.

— Então não torno a vê-lo, é isso?

— Ninguém sabe o que a vida nos reserva. Não lhe ensinaram isto lá no Wisconsin?

— No Minnesota. Não vê pelo meu sotaque? — Murphy estendeu-lhe a mão para uma despedida formal, mas Henry segurou-a com afeto. Sentiu o polegar dela roçar-lhe os nós dos dedos. — Espero que os encontre à sua espera quando lá chegar — disse ela. — Espero que lhe façam uma grande festa de boas-vindas, que estejam todos bem e que sejam muito felizes.

Henry beijou-lhe a mão e não houve nisso nada de estranho.

Voltou para o alojamento e deitou-se. As suas emoções eram muitas e contraditórias. Não era um sonho; ia mesmo voltar para casa. O que iria encontrar quando lá chegasse? Por um lado, assustava-o ir descobrir. Por outro, era-lhe insuportável continuar na incerteza. Sentia-se simultaneamente em segurança e em perigo. Exultante, mas apreensivo. E também sentiu espanto, porque lhe bateram à porta e já era de madrugada; estivera a dormir profundamente. Era Vernon Dixon.

— Tem um transporte à espera. Vão levá-lo ao aeródromo — disse-lhe. Quase parecia escandalizado por não vir encontrá-lo já vestido e à espera.

— Posso escovar os dentes?

Despachou rapidamente a higiene pessoal. Nem acreditava que tinha de facto um transporte à espera. Que um avião ia levá-lo a Atlanta. Que ia regressar a casa.

Antes de ele entrar no carro, Dixon estendeu-lhe um cartão de visita.

— Fique com os meus contactos, para se algum dia voltarmos a ter Internet ou os telemóveis tornarem a funcionar.

Henry tirou da carteira um dos seus cartões, entretanto já secos. No verso, escreveu um número.

— Este contacto é da minha mulher. Cá estarei para qualquer coisa. — Dar-lhe o seu número era escusado; perdera o telemóvel ao mergulhar no golfo Pérsico.

— Ah, outra coisa — disse ainda Dixon. — Notei que ontem estava com alguma dificuldade em andar.

Estendeu-lhe uma belíssima bengala artesanal.

Henry ficou sem palavras.

— Onde...? — balbuciou.

— Feita no nosso estaleiro. Aqueles tipos são os maiores. É de nogueira americana. Se for preciso, também dá um bom bastão. E até pode usá-la como taco de golfe.

O punho era um submarino moldado em bronze.

AS SEPULTURAS

Parado na pista estava um monomotor de dois lugares. A hélice não parecia mais potente do que um cortador de relva. Henry sentou-se atrás, no lugar do aprendiz. Via-se refletido na parte de trás do capacete do piloto, que praticamente só abriu a boca para lhe dizer:

— O amigo deve ser algum figurão, não?

— De maneira nenhuma — respondeu Henry.

A avioneta começou a avançar e foi ganhando velocidade até que deixaram o solo. A cabina, uma bolha de vidro branco, permitia ver a vasta paisagem verdejante da Georgia lá em baixo. As estradas estavam vazias e os campos pareciam abandonados. Ocorreu a Henry que estaria provavelmente a ver aquele território como fora quando andavam ali os índios muscógui.

Iria esse passado distante tornar-se no futuro? Ali estava ele a voar numa avioneta que já era praticamente uma antiguidade e que parecia estar a levá-lo de volta no tempo. Tendo já lido várias obras sobre história, sabia que o progresso civilizacional ao longo dos milénios nunca fora uma linha direita, que sempre acontecera um tanto aos solavancos, sendo periodicamente interrompido por ciclos em que a destruição tudo varria. Sempre o intrigara a questão do colapso das grandes civilizações. Uma equipa científica do Instituto Max Planck identificara o agente patogénico que se julgava ser o responsável pelo desaparecimento de oitenta por cento da população nativa do México em meados do século xvi — um tipo de salmonela provavelmente trazido pelos conquistadores espanhóis e que dizimara a civilização asteca. Ele e Jill tinham visitado as ruínas de Luxor e de Micenas, tal como tinham dedicado alguns dias a explorar o glorioso conjunto monumental da Alhambra, em Espanha. Tudo isso fora erguido por grandes civilizações entretanto desaparecidas. E havia Pompeia, que tinham visitado duas vezes; nesse caso, fora toda uma cidade que, de um momento para o outro, se transformara num sepulcro. Se alguma lição se podia extrair de visitar tais ruínas, refletiu ele, era que toda a civilização tinha, por principal alicerce, a arrogância do progresso. O homem convence-se de que a natureza não é adversário à altura do engenho humano e que pode ser domada. E Pompeia recorda-nos que a natureza pode ser de uma ferocidade incomparável e que jamais se deixará domesticar completamente.

Por isso mesmo, não deveria tê-lo surpreendido avistar o que então começou a surgir lá em baixo: a natureza já a ganhar terreno onde outrora dominara inequivocamente a civilização. A fase mais agressiva do contágio já passara, mas, para trás, ficara uma sociedade arrasada, mergulhada no desespero e em que já ninguém confiava em ninguém. Avistou como as trepadeiras iam cercando as quintas e as bombas de gasolina ao longo das estradas rurais. A história começara a ser engolida aos poucos e talvez não houvesse volta atrás.

Aqui e ali, ainda se avistavam sinais de vida — fumo a erguer-se de uma queimada levada a cabo por um agricultor que se recusava a desistir; ou alguns carros que Henry foi avistando quando o avião sobrevoou a interestadual ao desviar para Atlanta. Quanto à cidade em si, se parecia intacta, dir-se-ia também vazia, não obstante ser o centro de uma verdadeira teia de vias de acesso. À *mercê de todos os invasores*, ocorreu a Henry. Uma segunda vaga do vírus de Kongoli e não sobraria ninguém.

Felizmente, ainda se podia contar com os militares. O almirante fora atencioso e mandara prepararem-lhe uma mochila com provisões para uma semana. Em atenção para com a dieta vegetariana de Henry, o cardápio consistia sobretudo em bolachas de água e sal, manteiga de amendoim, alguma fruta fresca, frutos secos e cereais, mas, talvez para usar em caso de desespero, também ali vinham uns quantos pacotes de *snacks* de carne desidratada. Além dos mantimentos, na mochila havia umas quantas mudas de roupa interior, vários pares de meias e *T-shirts*. Henry ainda tinha cerca de cem reais que não gastara na Arábia Saudita e dois cartões, um de crédito, outro de débito, mas a atual utilidade dos mesmos mantinha-se uma incógnita. E ainda tinha o seu Alcorão e a sua nova bengala.

Qual mosquito, a avioneta aterrou, e, ao deslizarem pela pista, passaram por uma frota de transportes aéreos C-130. Pararam numa plataforma de estacionamento ao lado de um hangar.

— E agora, vai para onde? — perguntou-lhe o piloto.

— Atlanta.

— Desejo-lhe boa sorte, amigo.

— Espere! — chamou Henry. — Como faço para chegar a Atlanta?

— Eu diria que, a pé, fica longe — disse o piloto. — Mas faça assim. —

Apontou para nascente. — Seguindo uns três quilómetros nesta direção, está na interestadual; depois, são cerca de trinta quilómetros até Atlanta. As pessoas andam com medo de tudo e quase não há trânsito, mas, com sorte, talvez consiga apanhar boleia. Não tem um ar propriamente ameaçador.

Henry precisou de uma hora apenas para chegar à interconexão da interestadual. Felizmente, tinha três garrafas de água na mochila — que, sob o típico calor abafado e húmido de setembro, lhe pesava mais ainda nos ombros. O suor escorria-lhe pelas costas. Tinha a *T-shirt* encharcada.

Sempre que passava um carro, erguia o polegar, mas era raro passar algum e nunca abrandavam; parecia que estavam todos a fugir da polícia.

O estranho era que se sentia plenamente vivo. Jamais tivera uma consciência tão aguda do privilégio de existir como agora que ia a caminhar pela berma da interestadual debaixo de um sol impiedoso. *Que beleza de autoestrada, ocorreu-lhe. Um prodígio, na verdade. Um testemunho de uma civilização outrora temível. O que irão pensar as pessoas do futuro, se houver pessoas no futuro, ao encontrarem por acaso esta magnífica rodovia, talvez escondida debaixo de trepadeiras ou de camadas de sedimentos que a foram revestindo?*

Aproveitando a sombra de um viaduto, pousou a mochila e comeu uma mão-cheia de amêndoas. A alguns metros, estava um chinelo de borracha e uma embalagem vazia de batatas fritas que ficara presa numa fenda no alcatrão e que o ar agitava de cada vez que passava por ali um carro. Recordou a conversa que na véspera tivera com o capitão Dixon. O fim do mundo. Seria mesmo possível que fosse acontecer? Da infância, guardava ainda recordações nítidas da Guerra Fria e da ameaça de uma guerra nuclear. Fora algo que sempre estivera presente, mas que nunca parecera de facto uma possibilidade: a extinção da humanidade. Nunca fora mais do que uma fantasia em que ele por vezes ficava a pensar na cama depois de avó lhe ir dar as boas-noites. Muitas vezes ficara acordado a pensar no que lhe aconteceria se também ela morresse. Foi arrancado a estes pensamentos sombrios por uma gigantesca nuvem de mosquitos que o cercou de um momento para o outro. Eram tantos que lhe entravam pelas narinas quando inspirava. Enxotou-os, mas sem grande convicção. Por fim, subiu o cós da *T-shirt* de maneira a tapar-lhe o nariz e seguiu caminho.

Passou mais um carro.

Para não pensar em tudo o que poderia ter acontecido à sua família, pôs-se a imaginar o regresso ao laboratório nos CPCD e os progressos que talvez tivessem sido feitos no estudo do vírus de Kongoli. Por esta altura, decerto Marco e a equipa já teriam desenvolvido uma vacina. Estava desejoso de saber quais as teorias e conclusões a que tinham chegado, queria regressar àquele ambiente empolgante e protegido que lhe era tão familiar e onde aquela batalha podia ser travada no plural e de uma forma um pouco mais equilibrada. Porque o tempo já era muito pouco.

Viu um camião TIR aproximar-se. Era o primeiro que passava. Levando a mão à mochila, sacou de dois pacotinhos de carne seca e mostrou-os. Tal como todos os anteriores, também o camião acelerou, mas depois os freios pneumáticos chiaram e parou cinquenta metros adiante. Henry negociou uma boleia até à baixa de Atlanta em troca de três daqueles *snacks* — uma das poucas ocasiões em que ser vegetariano se revelou economicamente vantajoso.

O condutor era um latino-americano de idade avançada, com pera

branca e um sotaque cerrado. Vinha a ouvir uma rádio hispânica. A receção era péssima.

— É do México — explicou. «Mé-hi-cô», foi como soou dito por ele.

— Estão a dizer o quê?

Ele riu-se.

— Estão a dizer aos seus camaradas mexicanos para se pirarem daqui. «Irmãos, voltem para o *Méhicô*! Os gringos estão *mal de la cabeza*!»

— Não apanha nenhuma rádio americana?

— Se vou a passar por Nova Orleães, às vezes ponho na WWL. Acho que eles lá têm eletricidade. Não é como aqui.

Ao tentar sintonizar outras estações, apenas conseguiu apanhar uma rádio de Tallahassee. Estava a falar Alex Jones, o conhecido apresentador de extrema-direita. «Já estávamos à espera disto, certo?», ia ele dizendo. «Há muito que o *Big Brother* andava a tentar arranjar maneira de ter controlo total sobre a população. Tudo isto é uma conspiração para eliminar os cristãos. Já viram quem sobreviveu a esta peste? Exato. A máfia judia. Judeus e comunistas: é nas mãos dessa gente que está tudo quanto são grandes empresas por esse mundo fora! Dizem-nos que este tal Kongoli é uma doença. Não acreditem! É mentira! Eles põem químicos na água que bebemos. O alvo deles é só um: os americanos que são cristão decentes e que...»

O camionista procurou outras estações, mas Alex Jones era a única voz a falar inglês que conseguia sintonizar.

No camião, trazia equipamento de emergência para detetar radiação, mas não soube explicar a Henry porque era aquilo necessário. Deixou-o na saída da North Avenue.

A cidade mantinha-se reverberante e esplêndida, mas mal se via gente na rua. Os arranha-céus pareciam sem vitalidade; Henry conseguia avistar a cidade em fundo através das fachadas de vidro. Não obstante a estranha atmosfera, não pôde deixar de admirar o esplendor e a majestade arquitetónica de Atlanta, uma cidade erguida no mais belo dos cenários naturais. Num contexto mundial, seria uma joia, apenas, mas, para ele, era um pequeno, mas esplendoroso monumento à civilização. Em fundo da paisagem citadina, o sol ia desaparecendo num arrebatador crepúsculo cor de dióspiro que o fez pensar em Thelonious Monk e no seu *Crepuscule with Nellie*. Seria capaz de apostar que Vernon Dixon adorava esse tema. Talvez um dia pudessem tocá-lo, contanto que mais dias viriam. Na ausência de trânsito, o ar estava tão limpo que quase se tornava irrespirável; era como respirar oxigénio puro.

Seguiu pela alameda que atravessava o parque em direção à Biblioteca Museu Jimmy Carter. Já se via a Lua, parecia uma taça prestes a receber o planeta Vénus — a estrela e o crescente, o símbolo do Islão, ainda a autodestruir-se numa guerra sem sentido. Com a noite, veio a escuridão, e

tornou-se difícil seguir pelo passeio, onde, a espaços, encontrava o caminho impedido por um grande ramo de árvore caído. Aos poucos, os seus olhos habituaram-se ao brilho ténue das estrelas. Já estava muito perto de casa. Passou pelo parque onde trazia Helen e Teddy quando eles eram pequeninos. E ali estava a horta comunitária onde Jill sempre quisera ter uma parcela. Já estava tão perto... sentiu o coração bater mais depressa.

Então ouviu os cães.

Inicialmente, não conseguiu vê-los; andavam pela sombra das árvores. Mas, de um momento para o outro, já ali estavam. Seriam uns oito ou nove e não estavam a ladrar, antes se tinham unido num rosnar grave e quase inaudível. Um dos mais pequenos começou a dar pequenos latidos que quase pareciam queixumes, ao mesmo tempo que saltitava, empolgado, mas o maior de todos avançou devagar e sem levantar a cabeça. Estava a rondar a presa. Henry ergueu a cana num aviso e o chefe da matilha, um pastor-alemão, hesitou. Mas havia uma inteligência de grupo a funcionar. Os cães espalharam-se, cercando-o pelos flancos. O seu alvo era o chefe; o que ele fizesse ditaria o comportamento da matilha.

O pastor-alemão aproximou-se, já estava à distância de um salto, e então Henry deu com a cana no chão e gritou:

— Senta!

O chefe da matilha sentou-se prontamente. Vários dos outros imitaram-no. A maioria eram cães domésticos abandonados e que ainda não tinham esquecido o treino. Devagar, Henry baixou-se, evitando o contacto visual e assegurando-se de que não fazia nada que pudesse resultar ameaçador. Agarrou num pau e acenou-o sob o focinho do pastor-alemão, depois lançou-o para o meio das árvores e toda a matilha correu a buscá-lo.

Afastou-se rapidamente, mas os cães voltaram cedo de mais. O pastor-alemão trazia o pau nos dentes. Agora queria brincar. Henry tornou a lançá-lo, e novamente, na esperança de que eles se cansassem, mas os cães tinham entrado numa espécie de euforia. Talvez estivessem também a recordar a vida de antes. Não iam deixá-lo escapar. Henry abriu o pacotinho de carne seca que lhe restava e lançou o *snack* para tão longe quanto conseguiu. Os cães engalfinharam-se e ele aproveitou para sair dali rapidamente. Atravessou a Linwood Avenue e chegou ao seu quarteirão no Ralph McGill Boulevard.

Não se via luz em nenhuma casa, apenas janelas escuras que escondiam segredos. Teve medo. Ocorreu-lhe chamar alto os vizinhos, podia gritar os seus nomes, mas não foi capaz. Não percebeu porquê. Talvez não quisesse descobrir que não se podia romper aquele silêncio tão pesado.

Parou no comprido apêndice de tijolo onde os filhos tinham passado tantas horas a brincar. Nos canteiros, as margaridas começavam a abrir. Foi espreitar à janela do seu escritório. Pareceu-lhe tudo mais ou menos em

ordem. Apesar da escuridão, conseguia distinguir a secretária e a foto dos avós na parede. No braço da poltrona estava o romance que andara a ler antes da ida a Genebra. *Afinal, as coisas não estão assim tão más*, pensou. *Andei a assustar-me sem motivo.*

O painel de vidro da porta da frente estava partido.

Entrou. Pisou estilhaços. Parou à escuta. Apenas se ouvia o cantar dos grilos. Apenas conseguia cheirar a morte. A casa estava vazia, teve a certeza, mas, ainda assim, chamou:

— Jill! — A voz falhou-lhe. — Jill...?

Não conseguiu dizer alto os nomes dos filhos.

Atravessou a sala de estar e a sala de jantar e foi até ao recanto onde tomavam o pequeno-almoço. Sabia que tinha uma lanterna na gaveta das ferramentas, mas não estava ali. Viu as formas para tarte e os pratos partidos no chão da cozinha. A despensa ficara aberta. No escuro, viu que estava vazia. Lembrou-se de onde tinham os fósforos e acendeu um. Viu a vela no peitoril da janela por trás da mesa do pequeno-almoço. Por vezes, quando Helen e Teddy já estavam a dormir, Jill acendia-a e faziam um jantar romântico em versão ultradoméstica. Acendeu-a.

Protegendo a frágil chama, atravessou o corredor até ao quarto de casal. Reinava o caos. Parcialmente arrancados da cama, os lençóis estavam manchados de sangue. Algo de muito mau acontecera. As suas roupas continuavam no roupeiro, mas também as de Jill. Ter-lhe-ia ela deixado um bilhete, pelo menos? Ou alguma pista que lhe diria onde os encontrar? Por outro lado, depois de tanto tempo, não tinham motivo para o supor ainda vivo. Porque haveriam de ter esperança de que ele regressaria para os salvar?

O quarto de Teddy estava vazio. Deu uma olhadela às gavetas. Não encontrou cuecas nem meias. E a mochila também não estava ali. *De certeza que foi para um lugar seguro*, pensou. *De certeza.* O robô ficara na secretária. *Se ao menos pudesse dizer-me onde está o «amo»...*

À luz da vela, viu um homem caído no chão do quarto da filha. Deteve-se, hirtó, depois foi avançando passo a passo, até que finalmente verificou que o desconhecido estava morto. Ficara caído de borco num colchão encharcado em sangue que entretanto secara. Tinha as calças descidas e uma faca cravada nas costas. Na cabeça, um buraco infestado de larvas. Levara um tiro. Mais cacos no chão — era a Miss Piggy mealheiro da filha. Aquele homem viera para roubar, deduziu. Mas nada naquele cenário fazia sentido. Viu uma moeda debaixo da cómoda. Era de coleção.

Talvez estejam lá em cima, ocorreu-lhe.

Abriu a porta para as escadas e vários gatos saíram a correr. O sobressalto foi tal que teve de parar um momento e esperar que o coração abrandasse. As escadas estavam cheias de cocós de gato e o cheiro a urina era tão intenso que ardia nos olhos. Não se surpreendeu ao encontrar

o que encontrou.

Tornou a descer, entrou na cozinha e saiu para o alpendre fechado. O luar era ténue, mas permitiu-lhe ver as sepulturas nas traseiras.

Foi à garagem buscar a pá. O carro de Jill desaparecera, mas o *Ford Focus* da Sr.^a Hernández estava no lugar habitual. Jill deixara aquela casa. Só podia ser isso. Levara Helen e Teddy e os três tinham ido para outro lado qualquer. Alguma coisa acontecera, um intruso fora morto e então ela agarrara nos filhos e partira em busca de segurança. Talvez tivesse ido para a quinta da irmã.

Mas isso não explicava as sepulturas.

Resolveu começar pela mais pequena. Quem fizera o serviço, entendia do assunto: cobrira-a com pedras, para os animais não virem escavar. Retirou-as e começou a remover a terra. O coração martelava-lhe o peito. Não queria descobrir o que em breve ficaria a saber.

Ao sentir qualquer coisa, largou a pá, e, com cuidado e brandura, mergulhou as mãos na terra e foi remexendo, até que encontrou o corpo. Limpou-o. Era o *Peepers*.

Ajoelhado ao lado da sepultura do cão, chorou, exausto de tristeza, mas, também, trémulo de alívio. Faltava a segunda sepultura. Tornou a enterrar o *Peepers*, devolveu as pedras ao seu lugar e começou a abrir a sepultura do lado.

Escavou durante horas. *Quem terá feito esta?*, perguntou-se. *Uma criança não foi, de certeza. Só pode ter sido a Jill. O carro dela não está aqui, portanto ela tem de estar viva.* Mas isso deixava muita coisa por explicar. Aquele homem morto no quarto de Helen. As sepulturas. Foi remoendo estas questões enquanto escavava. Com a pá, encontrou pedras soltas e uma grossa raiz que alguém cortara ao meio antes de lançar para dentro da cova. Teria sido Jill? Seria ela capaz de cortar uma raiz à machadada?

Alguns na noite, ergueu-se um coro de sapos a coaxarem. Já lhe doíam as costas, mas não podia abrandar. Não se permitiu sequer aliviar o ritmo furioso a que ia escavando; com o pé direito, cravava a pá no solo, depois lançava a terra sobre o ombro esquerdo, uma vez e outra, sem pausas. Por fim, a pá encontrou qualquer coisa dura. Puxou a vela para a beira da sepultura e, uma vez mais, continuou com as mãos. Sentiu um corpo sob a fina camada de terra que deixara. Ao afastá-la com as mãos, sentiu um objeto. Pareceu-lhe metal. Ou talvez fosse plástico. Continuou a retirar furiosamente a terra. Era o capacete de futebol de Teddy.

Deixou escapar um queixume. Teddy morrera. Teddy, o seu bebé, o seu milagre.

Encostou-se à parede da sepultura. Pensara que o filho estaria a salvo. Afinal, as roupas dele não estavam no quarto. Ou a mochila. E Helen também ali não estava. Nem o carro de Jill.

Obrigou-se a limpar a terra que cobria o rosto protegido por aquele capacete. E ali estava Jill, os seus olhos inertes a fitarem-no.

O que acontecera?

Afinal, fora Jill e não Teddy quem morrera. Sentia-se como que anestesiado.

Depois de sepultar novamente a esposa, foi sentar-se no alpendre da casinha que fizera para os filhos brincarem. A vela continuava sobre a sepultura da mulher. Coisas horríveis tinham acontecido à sua família e ele não estivera ali para a proteger. Tentou abstrair-se dos remorsos, mas em vão; não lhe davam tréguas, não paravam de lhe bater à porta da consciência. Jill morrera. Tinha um capacete enfiado na cabeça. O carro dela não estava ali. Os seus filhos tinham desaparecido. Teria de os encontrar. Mas não sabia como. As peças não encaixavam. E Jill estava morta.

Afogado em culpa e desgosto e atordoado com tanto que não entendia, arrastou-se para dentro da casinha e dormiu horas a fio.

O COSMOS CLUB

As ruas estavam escuras, os semáforos não funcionavam, os bancos não atendiam, mercearias e supermercados quase não tinham artigos nas prateleiras, a Internet continuava em baixo e Washington DC estava mergulhada num calor sufocante — e, mesmo assim, os hotéis de luxo e os restaurantes mais caros conseguiram voltar a abrir portas. O Mandarin Oriental, o Trump International, o The Palm, o Cafe Milano — um por um, todos esses oásis de influência foram voltando à vida. Os ricos e poderosos habitavam um patamar de segurança que o comum dos mortais — um repórter do *Washington Post*, por exemplo — jamais alcançaria.

Também Tony Garcia fora diretamente afetado pela pandemia. A irmã e a mulher tinham morrido e ele próprio estivera muito perto disso. Vivia no bairro multicultural de Adams Morgan, por cima de um restaurante chinês com *karaoke*, e agora eram só ele e o seu *chihuahua*. Não tinha gás, luz, ou água e a cidade atravessava uma nova vaga de calor outonal que iria bater recordes. O processo de convalescença prosseguia. Para alguns, era uma convalescença física. Para a grande maioria, tratava-se de sobreviverem ao desgosto esmagador por aqueles que tinham perdido.

Os ciberataques tinham dizimado tudo quanto eram canais noticiosos. Algumas estações de televisão iam repondo as emissões, mas os jornais saíam apenas esporadicamente. Graças ao seu dono bilionário, o *Post* estava a safar-se melhor do que a maioria, mas, ainda assim, era difícil conseguir respostas junto de um governo que, de um momento para o outro, se remetera ao silêncio. Na ausência de notícias reais e verificadas, pululavam os rumores e as conspirações imaginárias. Em consequência disso, o país mergulhara num turbilhão de emoções, com a paranoia à cabeça.

Embora não se tivessem ainda conseguido provas inequívocas de que os ciberataques tinham tido origem em Moscovo, todos sabiam que assim fora. Esta nova forma de guerra — uma guerra híbrida — que a Rússia movera contra a América era genial não só porque tudo podia ser negado, como pelo seu poder quase mágico de atear insurreição. Um bom exemplo disso era o Exército dos Patriotas Americanos, promovido por *bots* russos e no qual se tinham alistado centenas de americanos armados, ignorando que estavam a ser usados pelos russos contra o seu próprio país — porque o dito movimento de «patriotas americanos» fora, na verdade, criado por

Putin, que de seguida lhe atribuíra a autoria dos ciberataques. Entretanto, estava a acusar os Estados Unidos de sabotagem nas centrais nucleares do seu país. Nisso, pelo menos, dizia a verdade. Conseguira mesmo deitar a mão ao único sobrevivente da equipa da CIA enviada para o eliminar, o qual explicou, sem deixar grande margem para dúvidas, o plano de Tildy para assassinar o supremo líder russo.

Estava-se perante uma guerra de vírus, tanto biológicos como virtuais, e os Estados Unidos estavam em desvantagem em ambas as frentes. O programa de armas biológicas fora desativado, enquanto a Rússia apenas passara o seu à clandestinidade. Se o vírus de Kongoli de facto resultava de vários anos de inspirada bioengenharia, que outras surpresas escondiam os russos nos seus laboratórios secretos? A varíola, o vírus de Marburgo, o ébola — tudo isso poderia estar na calha para ser usado. Há muito que os Fancy Bear tinham plantado os seus vírus nos computadores do Ocidente. Por fim, a semente começava a dar fruto. Para eles, os próximos meses seriam de colheita abastada.

Garcia fora chamado ao Cosmos Club, ponto de passagem de presidentes, galardoados com o Nobel e juizes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Era lá que se juntavam para celebrarem a sua importância. Era um lugar esplendoroso, mas o que mais o impressionou foi o ar condicionado; agora, sim, tinha verdadeira noção de que se tratava de um luxo. Com esta ideia veio a nostalgia pela sua vida de antes, à qual nunca dera o devido valor. Passara a viver assombrado por tudo quanto perdera.

Pelo olhar a escorrer desdém que lhe lançou o *maître-d'* logo que ele se acercou da entrada da grandiosa sala de jantar, dir-se-ia que Garcia vinha de mochila e saco-cama às costas, como presentemente sucedia com tantos cidadãos norte-americanos. Foi só ele mencionar Richard Clarke e aquelas sobranceiras erguidas com sobranceira subiram mais ainda, mas de espanto — bastara a menção daquele nome e Garcia já era o seu cliente favorito.

— Mesa cinquenta e dois — disse o *maître-d'* para a chefe de sala.

Mesmo ali, naquele covil dos poderosos, eram nítidas as sequelas deixadas pela pandemia. A faustosa sala estava praticamente vazia. O lustre ao centro e os demais candeeiros não tinham todas as lâmpadas acesas. Na carpete, eram visíveis as nódoas e os rolos de sujidade. Garcia sentia-se como se estivesse de volta à França imperial, mas na fase do declínio. A chefe de sala — que tinha a blusa amachucada e quase de certeza a precisar de ser lavada — abriu uma porta de correr de vidro fosco que dava para uma pequena sala de jantar reservada onde havia unicamente uma mesa para dois.

— Já vejo que gosta de privacidade — comentou Garcia.

— Nesta cidade, não há bem mais precioso do que a privacidade — respondeu Clarke. — Bebe alguma coisa? Aconselho-lhe algo que sirvam

engarrafado; o gelo é sempre um risco. — Garcia percebeu que Clarke estava a examiná-lo, a avaliar os estragos deixados pela doença. Tinha plena noção do seu aspeto; estava esquelético e a palidez teimava em persistir. Clarke, por seu turno, mais do que em forma, parecia rejuvenescido e pronto a enfrentar o inimigo. Pediu os bolinhos de camarão e Garcia, as vieiras. — Amanhã de manhã, as tropas russas vão entrar na Estónia — disse então Clarke. — É esse o próximo passo de Putin no seu plano de domínio global. Primeiro, foi a Crimeia. Depois, a Ucrânia. Agora, serão os países bálticos.

— Como sabe disso?

Clarke encolheu os ombros.

— Espere pela manhã e vai ver. A France-Presse há de dar a notícia, de certeza. Só é de lamentar que o *Post* se vá deixar ficar para trás. Uma vez mais.

— E o presidente, o que tenciona fazer?

— Eu digo-lhe o que ele *devia* fazer: afundar a armada deles. Arrasar com as refinarias. Mandar os portos pelos ares. Apontar mísseis a cada janela do Kremlin. Todos nós sabemos perfeitamente o que eles têm em mente. Há anos que estamos em guerra com a Rússia, apenas não quisemos admiti-lo. Escolhemos não classificar os ciberataques como «guerra a sério». Não encarámos o Kongoli como uma arma de destruição maciça.

— Está seguro de que foram eles?

— De que outra forma explica que uma doença de que não há registo devastou o Ocidente, mas deixe a Rússia... incólume, talvez não, mas certamente de pé? Julga tratar-se de coincidência que todas as nossas redes de abastecimento e de comunicação tenham ido abaixo, que a nossa economia esteja destruída, e que, na mesma altura, as tropas russas estejam a entrar pelos países bálticos?

— Na Rússia, as mortes ascenderam a vários milhões. Acredita mesmo que Putin faria isso aos seus? Já para não referir as centenas de milhões de mortos em todo o mundo...

— Faria essa pergunta se Estaline fosse vivo?

— Não.

— Aí tem. Estaline *está* vivo.

O ÚLTIMO BEIJO

Foi bater à porta do lado. Na altura em que ele e Jill se tinham mudado para ali, já Marjorie Cook vivia há muito naquela casa. Ninguém abriu. Ainda não vira um único vizinho. A rua parecia abandonada. A casa em frente ardera.

Deu meia-volta para sair dali e a porta abriu-se de repente.

— Henry — chamou uma voz.

— Olá, Marjorie.

— Não julguei que fosse tornar a vê-lo. — Vestida com uma bata desbotada, Marjorie ficou atrás da porta de rede, a segurar o puxador como se aquela porta fosse a barreira que a protegeria da catástrofe. — Pensei que se tivessem ido embora. Bem, para ser sincera, eu nem sabia o que pensar. Diga-me que não é o único que resta.

— Não sei responder — replicou ele. — A Jill morreu. Foi sepultada no nosso quintal das traseiras, não sei por quem. Os meus filhos não estão cá, mas não sei para onde foram. Ocorreu-me que talvez soubesse alguma coisa. Eles vieram bater-lhe à porta? Viu-os? Faz ideia do que lhes terá acontecido?

— Não posso ajudá-lo — declarou ela com secura.

Embora se conhecessem há quinze anos, Henry sentia-se a falar com uma estranha.

— Marjorie, o nosso carro não está na garagem. Alguém o roubou? Alguém nosso amigo veio buscar os meus filhos?

— Não sei dizer-lhe. — O rosto dela era uma máscara de aflição. Por fim, não aguentou mais guardar o seu segredo. — Foi horrível, Henry. Mas escondi-me e não fiz nada. E peço perdão por isso. Sei que devia ter sido melhor pessoa. Mas tive medo. Não digo que mereço o perdão, mas é a verdade e que Deus tenha misericórdia de mim. — Henry ficou ali parado a olhá-la um momento, depois voltou-se para sair dali. — Ouvi um tiro — disse-lhe ela já de longe. — É tudo o que sei.

Moravam ali outras famílias, algumas com filhos pequenos, mas ninguém a quem ele perguntou vira Helen ou Teddy. Improvisou cartazes a pedir informação sobre os filhos desaparecidos, indicando a sua morada e pedindo que o contactassem no caso de saberem alguma coisa. Afixou-os em postes telefónicos, por entre outros do mesmo género — estavam por todo o lado.

Foi até ao quartel dos bombeiros na DeKalb Avenue e procurou os nomes dos dois na lista das pessoas daquela área que tinham morrido ou que estavam desaparecidas. Leu o seu nome entre os dos falecidos. Riscou-o e acrescentou o de Jill. Os nomes dos filhos não estavam ali.

Alguém os levara, tinha a certeza. Restava-lhe ter esperança de que tivesse sido alguém amigo. Para onde podiam ter ido?

— Devem estar no estádio — disse-lhe um bombeiro. — Fizeram daquilo um abrigo temporário para órfãos. As famílias ficam alojadas no centro de congressos.

Deixara o *Suburban* no estacionamento do aeroporto de Atlanta, à sua espera para quando regressasse de Genebra. Tratou de encontrar as chaves do *Ford* da Sr.^a Hernández e foi até ao estádio. Numa das colunas estava um letreiro manuscrito a dizer: «para inscrições, por aqui.» Por baixo, uma seta a indicar o portão da primeira base. Ao sair para as bancadas, deteve-se um momento. *Foi aqui que eu e a Jill nos conhecemos*, recordou. *A tripla. Ela abraçou-me e a minha vida mudou.*

O estádio tornara-se num campo de crianças refugiadas. Fileiras de tendas brancas alinhavam-se na zona central, e, a toda a volta, vedações de rede confinavam as muitas crianças que ali estavam e que uma corpulenta mulher de meia-idade ia vigiando através de binóculos. Ouviu Henry aproximar-se e olhou.

— Venho à procura dos meus filhos — explicou ele.

— Temos cá trezentos e doze — replicou ela. — Quantos quer?

— Dois.

— Escolha um par. Depois, é só assinar o papel a dizer que lhos entregámos.

— Não percebeu; venho à procura dos *meus* filhos.

Ela suspirou.

— Nomes? — perguntou.

— Helen e Theodore Parsons. Talvez diga «Teddy» em vez de «Theodore».

Ela passou os olhos pela lista.

— Isto não está por ordem alfabética; tivemos de fazer tudo à mão. — Humedeceu a ponta do dedo e passou uma folha, depois outra, mostrando ostensivamente que ele estava a dar muito trabalho.

— E que tal eu ir lá abaixo ver?

— Só acompanhado — resmungou ela de má vontade. Por fim, deu-se por vencida. — Vá, vamos lá. — Ergueu-se pesadamente, e, ao mesmo ritmo, desceu os degraus até à porta que ficava por trás do banco da equipa da casa. Pisaram o campo. Passaram pela base do lançador e continuaram até ao centro do campo. As vedações que aprisionavam aquelas crianças tinham mais de três metros de altura. — Agrupámo-los por sexo e por idade, para não haver chatices, portanto, se eles cá estiverem, não hão de estar

juntos.

— Isto é uma prisão — disse Henry.

— Não sei se ouviu, mas os gangues de órfãos tornaram-se num problema sério. Não estou com isto a dizer que estes que aqui temos são um problema. Mas do desespero nascem más ações. Aqui, pelo menos, damos-lhes de comer e estão num ambiente saudável; têm um teto e, havendo algum problema, podemos resolvê-lo. Portanto, não seja tão rápido a julgar.

Henry foi andando ao longo da vedação do lado dos rapazes, sempre a chamar por Teddy, depois fez o mesmo para Helen. As crianças iam-no olhando, esperançadas, como se pudesse dar-se o caso de ele chamar também alguma delas. Uma das meninas reagiu ao ouvi-lo chamar «Helen!», mas não era a sua Helen. Ao vê-lo continuar em diante, desfez-se em lágrimas. *Eu também sou órfão*, quis Henry dizer-lhe. *Sou um de vocês*.

No centro de congressos, deparou mais ou menos com o mesmo: famílias desoladas a sobreviverem de caridade às migalhas. Henry ia percorrendo os vastos dormitórios um por um e eles mal manifestavam curiosidade. Viu caixas com comida e roupas doadas. Um ilusionista ia entretenendo os pequeninos com truques de cartas e havia atores vestidos de personagens da Disney. Viu um funcionário da Agência Federal de Gestão de Emergências instalado a uma mesa de jogo a funcionar como mesa de registo e diante da qual se formara uma longa fila de gente exausta que vinha em busca de sítio onde ficar. Mas Helen e Teddy não estavam ali. Os seus filhos tinham desaparecido.

A escola deles fora pilhada. A porta principal estava aberta e Henry foi percorrendo os corredores e espreitando cada sala. Todas estavam vazias. Era como se tivesse passado por ali um tornado. Pelo chão havia livros e papelada avulsa e várias mesas estavam tombadas. Alguém defecara em plena sala do segundo ano — a de Teddy.

Ouviu um bater ritmado que reconheceu de imediato: uma bola de basquete. Seguiu o som e foi dar ao ginásio. Estava cheio. Não viu Helen ou Teddy, mas estavam ali cerca de vinte crianças; talvez alguma soubesse dizer-lhe onde se encontravam agora os seus filhos. Havia vários adolescentes, mas a maioria era mais nova, das idades de Teddy e de Helen. Tinham trazido sacos-camas e cobertores e improvisado um dormitório. Os rapazes mais velhos estavam distraídos a fazer cestos.

Por fim, deram pela chegada dele. O ginásio ficou silencioso. Henry olhou em volta, em busca de um adulto responsável, mas não o havia. Deu por um rosto familiar. Uma colega da filha.

— Laura? — chamou. A menina aproximou-se. Tal como Helen, pertencia à equipa de futebol. Deteve-se momentaneamente diante dele, depois avançou e abraçou-o. Várias crianças vieram rodeá-los. — Os teus

pais? — perguntou Henry. Ela começou a chorar.

— Morreu toda a gente — disse um dos rapazes mais crescidos, com ar de desprezo.

— Não estão no estádio com os outros órfãos porquê? — perguntou Henry.

— Porque aquilo lá é uma prisão — respondeu outro.

— E contaram-nos coisas que acontecem lá — disse Laura.

— A gente safa-se bem, não precisamos de ajuda — disse o mais velho. E indicou a faca que trazia enfiada no cinto. Nenhum deles sabia onde estavam Teddy ou Helen. Quando Henry já ia a sair, o mais crescido pediu-lhe dinheiro sem pudores. Henry deu-lhe todo o que tinha consigo. — Isto é de algum jogo? — perguntou o rapaz.

— Não, é dinheiro da Arábia Saudita. É tudo o que tenho.

O rapaz deixou-o cair ao chão.

— Não quero esta merda — disse.

Henry passou essa tarde a resolver o problema dos corpos em sua casa. Sepultou a Sr.^a Hernández juntamente com os gatos que tinham morrido. Quanto ao morto no quarto de Helen, enterrou-o atrás da casa de brincar dos filhos, para o esquecer e nunca mais se lembrar dele. As traseiras da sua casa tinham-se tornado num cemitério. Ocupou o resto do dia a pôr tudo mais ou menos em ordem lá dentro. Não tinha cabeça para mais. Imparável, ia limpando e arrumando cada divisão, num desejo quase obsessivo de repor a ordem, precisamente o que a sua vida não mais tornaria a ter.

Ao varrer cacos e estilhaços, estava também a procurar pistas. O *iPhone* de Jill continuava na mala dela. A bateria tinha um resto de carga, mas já surgira a barra vermelha no ícone. A última chamada que ela fizera fora duas semanas antes, para a irmã. Henry ligou para Maggie, mas ninguém atendeu. Não se permitiu tirar daí conclusões.

Estava no quarto a mudar os lençóis e então foi como se a casa bocejasse e acordasse. Tornara a haver eletricidade. O rádio ligou-se. Estava sintonizado na WABE FM, mas apenas se ouvia estática; não estava a haver emissão. Aquela era a estação favorita de Jill. Possivelmente, estivera a ouvi-la antes de morrer. Perguntou-se se a vida iria refazer o caminho de regresso à normalidade, ou se o alívio seria apenas temporário. Fosse como fosse, sentiu-se absurdamente grato só por a luz estar de volta.

Ao final da tarde, vestiu roupa lavada e foi a pé até Little Five Points. Algumas lojas estavam abertas, bem como o restaurante mexicano onde ele e Jill gostavam de levar os filhos. Era espantoso observar a rapidez com que a vida regressara logo que tornara a haver eletricidade. Conseguiu inclusivamente levantar dinheiro numa caixa automática. Sentou-se numa esplanada e ficou a ver as pessoas que iam passando. Eram muitas, todas

a pé pela rua; praticamente não se viam carros. Era um cortejo de rostos felizes. Henry conseguia adivinhar o que lhes ia no pensamento: *O pior já passou e cá estamos. Sofremos muito, mas tudo vai ficar bem outra vez. Sobrevivemos.*

Bem gostaria de sentir o mesmo, mas não podia; sabia com o que lidavam. Nenhuma gripe se ficava por uma única visita. Aquela pausa tranquila a saborear uma salada de tomate e queijo mozzarella acompanhada de uma cerveja mexicana era apenas um intervalo cruelmente breve.

No dia seguinte regressaria ao seu laboratório nos CPCD. Há semanas que não falava com ninguém da sua equipa e não fazia ideia de qual seria a situação por lá. E tinha de encontrar os filhos, mas não lhe ocorria onde mais procurar. Para onde poderiam ter ido? Estariam em boas mãos ou em perigo?

Eram muitas as questões que continuavam sem resposta, mas, para já, haveria a despedida. Fez sinal ao empregado de mesa e pediu um copo de *Pinot Grigio* — o vinho que Jill bebera da última vez que ali tinham estado. Pousou-o na mesa, como se ela ali estivesse à sua frente. Antes de se ir embora, bebeu um gole — o último beijo dos dois. Ao chegar a casa, encontrou-a ainda vazia. Agora, havia apenas os fantasmas.

AGORA ESTÁ EM NÓS

Em tudo quanto fora anotado, registado e noticiado relativamente à pandemia de 1918, uma particularidade saltava à vista: raramente os sobreviventes tinham querido voltar a falar no assunto. Poder-se-ia mesmo ter pensado que nada acontecera, não fosse a proximidade das datas em inúmeras lápides. A atitude geral fora: «Está ultrapassado.» Com a Grande Depressão, por exemplo, ou com a resposta do mundo aos ataques terroristas, não acontecera de todo o mesmo; os sobreviventes tinham seguido em frente, certo, mas sempre a olhar para trás. Tinham-se escrito e continuavam a escrever-se livros sobre tais tragédias, fundavam-se associações, faziam-se reuniões. Muitos levavam os netos a visitarem os campos de batalha. Outros procuravam a ajuda de psicólogos ou psiquiatras. Mas os sobreviventes da gripe de 1918 tinham feito por esquecer a provação, e, ao apagarem-na das suas memórias, tinham-na apagado da história. Tivera que ver com a época. No começo do século xx, várias epidemias — cólera, difteria, febre-amarela, febre tifoide — estavam ainda em curso ou a memória das mesmas era recente. Morrer de doença era uma circunstância banal e de todo digna de nota. A gripe de 1918 fez o dobro das vítimas dos mortos em combate nos quatro anos que durou a Primeira Guerra Mundial. Simplesmente, nessa altura, qualquer pandemia era só mais uma, era um horror a que todos já estavam habituados, pelo que passou para segundo plano perante o dramatismo das mortes em combate.

Henry perguntava-se se não estaria a repetir-se o mesmo — a humanidade a caminhar, sonâmbula, para mais um conflito inútil que poderia acabar com a civilização, enquanto, em fundo, andava à solta uma pandemia de proporções calamitosas que, um pouco por toda a parte, ia eliminando a população com a eficiência de uma máquina de matar perfeita. Havia um pormenor que continuava a inquietá-lo: teria o vírus de Kongoli surgido espontaneamente ou seria criado em laboratório? Porque, verificando-se a segunda, então tratava-se de um ato de guerra. Ele era dos poucos que naquele momento sabiam quão próximos estavam os Estados Unidos e a Rússia de abrir de par em par os seus arsenais e dar-se o Apocalipse.

Tal como era seu hábito desde há anos, foi de bicicleta para os CPD.

Era uma bicicleta de montanha, vermelha, pesada e lenta, a várias gerações da sofisticação dos modelos recentes, mas Henry apreciava-lhe a solidez. Mantendo-se pelas ruas secundárias, seguiu até ao *campus* da Universidade Emory. Não se viam estudantes, mas havia pessoal auxiliar a esvaziar quartos de dormitório cujos ocupantes não regressariam. Quase parecia a normalidade.

Nunca vira soldados no portão dos CPCD, mas ali estavam eles, do lado de dentro, para lá e para cá ao longo da vedação, prontos a intervir se necessário. Logo que ele se aproximou, dois vieram impedir-lhe a entrada. Mostrou-lhes o cartão de identificação, mas o mais novo — o que tinha o ar mais inflexível — informou-o de que já não era válido.

— Mas eu trabalho aqui! — exclamou Henry, pasmado. — Sou o chefe do serviço das doenças infecciosas.

— Não digo o contrário, mas foram emitidas novas identificações e o seu nome não está na lista.

Enervado, Henry pôs-se a falar quase sem parar para respirar, a exigir que chamassem o diretor. Quanto mais impassíveis eles se mostravam, mais furioso ele ficava. Por fim, já estava quase aos gritos.

— Deixem-no entrar — ordenou alguém.

— Catherine! — exclamou ele.

— Julgámos que tinhas morrido, Henry — disse Catherine Lord quando o portão se abriu. — Não sabíamos de ti há uma eternidade. Deus sabe a falta que nos tens feito. — As instalações mantinham-se intactas e pareciam estar a funcionar sem problemas, mas muita coisa mudara, explicou Catherine. — Agora sou eu a diretora. Perdemos o Tom. Vais encontrar a tua equipa bastante reduzida, infelizmente. Mas ainda tens o Marco. Tivemos de transferir gente de umas equipas para outras para colmatar falhas. Tens de ir pelas escadas; os elevadores não estão a trabalhar. No final do dia já vais ter um cartão dos novos.

Quando tornou a entrar no seu laboratório depois de uma ausência tão prolongada, todos os rostos se voltaram. Havia inúmeras questões a discutir e coisas de que teriam de se inteirar de parte a parte, mas isso teria de esperar. Marco aproximou-se e, sem dizerem uma palavra, abraçaram-se. Foram andando pelo laboratório e o seu braço-direito deu-lhe conta das várias estirpes do vírus entretanto identificadas, umas mais agressivas do que outras, mas todas a contrariarem qualquer expectativa de uma cura ou vacina para breve.

— Estamos a lidar com inúmeras mutações, todas a atacarem ao mesmo tempo — explicou Marco. — Entretanto, os INS criaram uma vacina a partir de uma replicação de RNA. — A ideia era que, fazendo-se passar por uma célula infetada, o segmento de RNA em questão ludibriasse o organismo, levando-o a acusar a presença do vírus para então reagir e começar a produzir anticorpos. — Estamos a testá-la em furões. As análises

feitas até ao momento sugerem que poderá resultar, mas ainda estamos a ver se sim ou sopas. Para já, ainda não temos nada pronto a avançar. — Henry relatou-lhe a experiência que levava a cabo no submarino usando o modelo da variolização. Marco fitou-o com indisfarçado assombro. — Fizeste isso num *submarino*? — perguntou.

— Bem, era isso ou nada.

— Tens de divulgar já o que descobriste — disse então Marco. Henry assentiu; já estava com a cabeça noutro assunto. — Não percebes, Henry?! Conseguiste! Descobriste uma vacina! Tens noção do teu feito?!

Mas, agora, tudo o que ele queria era encontrar os filhos. Durante toda a semana seguinte, passou as manhãs e as horas antes do anoitecer a procurá-los por toda a cidade. As tardes, passava-as no laboratório. Atlanta tornara-se num lugar bizarro. Estava fraturada, tolhida. Tal como ele, muitos outros andavam num périplo por hospitais e cemitérios, em busca de um nome numa lista ou de um rosto familiar. No Centennial Park, havia centenas de cartazes a pedirem informações sobre pessoas desaparecidas, formando um mural que contava uma história de famílias destruídas e de amores talvez perdidos para sempre. Nalguns, viam-se fotos coladas com fita adesiva. Tantos rostos sorridentes...

O que mais se notava era a ausência de uma autoridade no comando. Não se via a polícia ou o exército; havia as pessoas comuns e era tudo. *Portanto, é isto a anarquia*, pensou Henry. Esperar-se-ia que o caos fosse bem maior, muito embora as ruas e os espaços públicos se tivessem enchido de gangues e de pedintes. Mas mesmo esses pareciam mais insolentes do que ameaçadores. Toda a cidade estava ainda em estado de choque, concluiu.

No Centennial Park, uma mulher viu-o afixar o seu cartaz e aproximou-se.

— São seus filhos? — perguntou.

— Sim.

Com um sorriso, ela comentou que pareciam duas crianças adoráveis. Depois disse:

— Os meus filhos morreram. — Henry olhou para ela. Estaria na casa dos trinta, pareceu-lhe, embora, tal como sucedia com tantos outros sobreviventes, as consequências da doença estivessem bem visíveis no seu rosto. Tinha as mãos feridas e maltratadas. Henry disse-lhe lamentar a sua perda. — Faço votos para que encontre os seus — disse ela.

— Obrigado. Hei de encontrá-los, tenho a certeza.

— Espero que sim — reiterou ela. Então, inclinando-se para ele, murmurou: — Quer beijar-me?

Henry recuou de um salto, mas logo depois deu conta de que esta sua reação impensada fora provavelmente uma facada no coração dela.

— Desculpe — disse-lhe. — Morreu-me alguém muito próximo. Não é um bom momento.

Ela começara a chorar.

— Eu só queria alguém com quem falar — saiu-lhe entre soluços.

— Podemos falar — disse Henry. — Quer falar do quê?

— Diga-me que sou bonita.

Henry fitou aquele rosto avermelhado e precocemente envelhecido.

— Aos meus olhos, é bonita — disse-lhe.

Mesmo tanto tempo depois, continuava por se apurar, sem lugar a dúvidas, qual o primeiro caso de um humano infetado com o vírus de Kongoli, uma informação que talvez permitisse apurar se o vírus transitara de um animal para o homem ou se fora criado em laboratório. Durante o seu regresso a casa a bordo do *Georgia*, a sua equipa no laboratório conseguira localizar as anteriores cadeias de transmissão na China, todas elas circunscritas a áreas pequenas; nesses casos, era provável que o contágio se tivesse dado das aves para os humanos. A trajetória do contágio sugeria que o vírus teria surgido na Manchúria ou na Sibéria. Henry pediu a Marco que descobrisse se, nessa região, houvera mortes de animais em números invulgarmente altos imediatamente antes de surgirem os primeiros casos de infeção na China — poderia ser uma pista para se chegar à origem do vírus.

— Alguma novidade quanto à filogenia do vírus? — perguntou.

— Ainda não conseguimos identificar uma linha de evolução direta — respondeu Nandi, uma técnica de laboratório que já trabalhara com ele aquando do ébola. Estavam junto do seu computador e no ecrã era visível um dendrograma, um diagrama não muito diferente de uma árvore genealógica e que traçava o percurso evolutivo dos vírus da gripe no seu conjunto. De acordo com aquele esquema, o surto na Indonésia surgira do nada.

— Ou veio do espaço, ou é um vírus criado em laboratório — declarou Marco.

— Certo — concordou Henry. — Ou então... — Todos pararam o que estavam a fazer e ficaram a aguardar o que ele diria a seguir. Henry era conhecido por lhe ocorrerem as hipóteses mais surpreendentes. — Suponhamos que não é um vírus novo. Que já cá andava. Que é muito antigo.

— Estás a falar de um protovírus? — perguntou Marco.

— Estaria no diagrama — manteve Nandi. — Estão aqui contemplados mais de cem anos de mutações de gripes, recuando à pandemia de 1918.

— Consegues distender o intervalo temporal de maneira que sejam levados em conta vírus mais arcaicos?

— Teria de usar outra base de dados — respondeu Nandi. — Vi uma árvore filogenética que avançava com possíveis origens ancestrais para a

gripe... encontrei-a no PubMed, já nem sei bem como. — Pôs-se a pesquisar. — Querias recuar até quando? — perguntou passados cinco minutos.

— Experimentemos mil anos. — Nandi inseriu os novos parâmetros comparativos. Então encontrou um ramo comum aos vírus dos tipos A e B, mas nada que se assemelhasse ao vírus de Kongoli. — Recua cinco mil anos — pediu Henry. Agora, o vírus da gripe do tipo C também aparecia no diagrama e, recuando no tempo, ia ligar-se aos vírus do tipo A e B. — Já estamos mais perto — disse ele. — Experimentemos dez mil anos.

De súbito, Nandi afastou-se ligeiramente do monitor.

— Eh lá! Apareceu-me aqui qualquer coisa.

O laboratório em peso veio juntar-se de volta do seu computador, de tal maneira que, agora, Henry não via o ecrã.

— O que é? Fala! — exclamou, impaciente. A equipa abriu um espaço para que ele conseguisse ver também o ecrã. Surgira uma sequência que parecia muito semelhante à do vírus de Kongoli. — Qual é a história desse agente? — perguntou ele.

— Veio da Islândia — disse Nandi. — Segundo o que está documentado, foi descoberto durante uma expedição paleontológica em 1964. Estava presente em tecido colhido de um mamute preservado no gelo. Nunca se procedeu à classificação.

Toda a equipa estava agora de olhos cravados numa eletromicrografia do vírus ancestral, cada um deles a cogitar nas possíveis implicações da nova informação.

— Estamos a olhar para o antepassado de toda a família dos vírus da gripe — declarou Henry. — Possivelmente, encontrou uma forma de invadir o organismo dos mamutes e então ter-se-á mantido assim durante um milhão de anos. Quando se deu a extinção dos mamutes, desapareceu. Agora está de novo em circulação.

— Como? — interrogou Nandi.

— Alguém colheu uma amostra e cultivou-o em laboratório — sugeriu Marco.

— Os soviéticos fizeram isso com a gripe de 1918 no âmbito do seu programa de armas biológicas — disse Henry. — Implicaria partir dos vários segmentos encontrados para se tentar reconstruir o genoma completo do vírus. Poderia fazer-se em laboratório, sim, por tentativa e erro. Ou a natureza poderia encarregar-se disso; só teria de deitar mão ao seu arsenal genético e algo ancestral tornar-se-ia outra vez novidade.

— Achas que este vírus poderia ter causado a extinção dos mamutes? — perguntou Nandi.

— Sem dúvida que é uma possibilidade.

— E do homem de Neandertal? Afinal, era contemporâneo dos mamutes. — Vários da equipa foram-se entreolhando e então Nandi disse o

que todos estavam a pensar: — E agora está em nós.

A ESTIRPE USTINOV

O fato de proteção química continuava pendurado na sala de descontaminação. Deixara-o ali meses antes. Vestiu-o, ligou o tubo amarelo ao peito, o fato encheu-se como um balão e ele deixou de ouvir os sons que o rodeavam. Era um procedimento que já repetira inúmeras vezes, mas que se mantinha tão incômodo e moroso como da primeira vez. E era essencial para se entrar no lugar mais perigoso do mundo: um laboratório com o nível máximo de biossegurança.

Atravessou a sala de preparação, tirou o tubo amarelo e entrou na câmara de ar. A porta hermética fechou-se nas suas costas e o fato esvaziou-se. À sua frente estava uma segunda porta de metal. Do outro lado ficava o chamado Nível 4. Henry abriu a porta e ligou outra mangueira de ar ao peito.

Nas várias bancadas de trabalho, investigadores iam usando centrifugadoras e incubadoras e transferindo amostras de vírus para lâminas de microscópio, todos de atenção inteiramente focada na tarefa que tinham em mãos. Nenhum olhou quando ele atravessou o laboratório em direção a uma pequena sala com dois grandes frigoríficos junto de um tanque criogénico. Digitou o código num dos frigoríficos, a luz verde acendeu-se e ele abriu-o.

Ali dentro estavam os mais mortíferos agentes patogénicos que se conheciam. O ébola. O vírus de Marburgo. A febre de Lassa. A cada doença correspondia uma prateleira e cada uma fora distribuída por vários tubos Eppendorf. Era toda uma coleção de horrores inimagináveis. Claro que não fazia sentido atribuir, a uma doença, consciência ou intenção. Uma doença não age por maldade ou crueldade. Uma doença não quer fazer sofrer. Uma doença apenas é. O seu objetivo é existir. Henry sabia também que as doenças se reinventam de forma constante e que jamais frigorífico algum no mundo teria capacidade para albergar toda a multiplicidade de armas de que a natureza dispõe para atacar as suas criaturas. E já ali estava o recém-chegado vírus de Kongoli, com tantas mortes em seu nome e com muitas, muitas mais por vir.

Henry sentia que fizera tudo o que pudera para travar o vírus. Em breve, o seu tratamento segundo o modelo da variolização seria formalmente reconhecido como a solução provisória mais eficaz e começaria a ser aplicado pelo mundo fora. E algumas vacinas

experimentais que se tinham revelado promissoras iam finalmente começar a ser testadas em humanos. Toda a comunidade científica estava unida na corrida para salvar o máximo número possível de vidas. Mas eram muitos os vírus ali armazenados e Henry antevia que, no longo prazo, a humanidade perderia a guerra contra as doenças. Era inevitável. Afinal, fora a própria humanidade a alistar micróbios como armas de guerra. Chegaria o dia em que as doenças armazenadas naquele frigorífico ficariam à solta.

Incluindo a sua.

A cultura em suspensão do seu «agente» parecia um cubo de gelo rosado. Passara anos a refletir naquele monstro que criara. Porque matara tanta gente na selva quando no laboratório se mostrara inofensivo? Posteriormente, Henry estudara-o, tentara descobrir os seus segredos, buscara alguma nova informação que o absolvesse. *Sempre que tentamos controlar a natureza, ela faz-nos de tolos*, refletiu. *Somos loucos, manipulamos doenças convencidos de que podemos usá-las para matar, quando deveríamos empregar todos os nossos esforços a descobrir como nos curarmos delas. Somos como crianças a brincar com fósforos. Algum dia a casa vai acabar por arder de alto a baixo.*

Entretanto, Nandi já tinha mais informação.

— Lembra-se do grou siberiano? — perguntou, quando ele regressou ao laboratório. — Encontra-se praticamente extinto. Procriam na Sibéria e depois migram para o lago Poyang, no Leste da China. Foi muito perto de lá que houve um dos primeiros casos identificados de um humano infetado com o vírus de Kongoli. Foram colocados transmissores em vinte grous siberianos, para apurar qual o padrão ou padrões migratórios. Sabemos que o grou siberiano é portador da doença. Já sei que cinco desses vinte morreram na migração. Não sei se isso é vulgar ou não; terá de perguntar a um ornitólogo. O caso é que esse dado levou-me a pensar noutras espécies em perigo; muitas estão a ser seguidas pelo Fundo Mundial para a Natureza ou por outras organizações do género.

» Estive a ver e, em 2019, um pequeno arquipélago no Ártico Russo foi invadido por ursos-polares. Há lá uma povoação chamada Nova Zembla. Parece que os ursos chegaram lá à boleia das massas de gelo flutuante e descobriram a lixeira. Andaram pelas ruas, entraram nas casas, enfim, uma maçada. Por fim, sedaram-nos, encoleiraram-nos e despacharam-nos para um atol chamado Ilha da Revolução de Outubro, que fica a norte da Sibéria, no Círculo Polar Ártico. Pois bem, morreram todos. Aí uma semana depois de os terem levado para o atol, um por um, os localizadores GPS nas coleiras começaram a indicar ausência de movimento.

— Pode ter sido por não se adaptarem ao novo *habitat* — sugeriu Marco.

— Certo. Ou talvez o tranquilizante usado na captura estivesse

contaminado com alguma coisa. O facto é que temos um número muito elevado de ursos-polares a morrerem de uma só vez e desconhece-se a causa.

— Os transmissores enviaram informação adicional quanto a frequência cardíaca ou respiratória? — perguntou Henry. — Há alguma coisa que nos possa dar pistas quanto a possíveis sintomas?

— Lamento, meus caros, mas é como eu disse: foram usados localizadores GPS. Ou seja, apenas se podia ver por onde eles andavam, e, a dada altura, que tinham parado de andar.

Marco olhou para Henry.

— O que é? — indagou. — Conheço-te essa cara. Alguma coisa te veio à cabeça.

— É uma história do passado — confirmou Henry. — A Ilha da Revolução de Outubro era um posto do programa de armas biológicas soviético. Ocorreu-me que, caso eles tenham mesmo criado este vírus em laboratório, esse seria o lugar ideal para fazer o serviço; fica longe de tudo, logo seria perfeito para se conduzir esse tipo de experiências em relativa segurança. Afinal, antes de lá irem deixar os ursos, era uma área desabitada.

Henry sabia onde morava Jerry Barnwell, um dos colegas de Teddy. De manhã, agarrou no carro e foi até lá. Querendo ir para algum lugar seguro, o seu filho teria arranjado maneira de chegar a casa dos Barnwells, embora eles morassem já fora de Atlanta — em Decatur. Só não fora ainda bater-lhes à porta porque lhe parecera uma distância grande de mais para os filhos fazerem a pé.

Pelo caminho, tentou lembrar-se do nome dos pais. Fora lá deixar Jerry muitas vezes depois dos treinos e ficara à conversa com ambos em mais do que uma ocasião, mas, por mais que agora puxasse pela cabeça, não lhe ocorriam os nomes. Jerry tinha duas irmãs mais crescidas, uma delas talvez um ano mais velha do que Helen. Os Barnwells viviam num bangaló vitoriano azul com caixilhos brancos. Bastou-lhe um olhar para ver que estava desocupado. Aquele casal sempre lhe parecera miudinho com os detalhes; jamais teriam deixado a relva chegar àquele estado. Além disso, estava tudo infestado de trepadeiras — ele já estava a dar desconto por se tratar de um subúrbio. Alguma correspondência na caixa de correio recuava a vários meses. Thomas e Jeannette, era como eles se chamavam; havia faturas em nome de um e de outro. Tocou à porta apenas por descargo de consciência.

Segundos depois, ouviu passos e alguém veio abrir. Era Jerry.

— Olá, doutor Parsons — saudou ele. Jerry era um menino loiro com umas boas maneiras irrepreensíveis e uma maneira de falar muito meticulosa. Jerry era mais pequeno do que Henry se lembrava. Não parecia

surpreendido por ele vir bater-lhe à porta.

— Estás aqui sozinho, Jerry?

O pequenito assentiu.

— Estou, mas às vezes a minha irmã Marcia está aqui comigo — esclareceu. Henry não lhe perguntou pelos pais. — Aconteceu alguma coisa ao Teddy? — perguntou o menino.

— Não sei onde ele está — explicou Henry. — Estava com esperança de que o tivesses visto.

Jerry abanou a cabeça.

— Já nenhum dos meus amigos vem aqui — respondeu.

— Quem toma conta de ti?

— A Marcia ganha dinheiro. — Calou-se um momento. — Às vezes, vêm aqui homens buscá-la e depois trazem-na de manhã. Achei que o doutor Parsons vinha fazer isso.

— Não; estou só a tentar encontrar os meus filhos.

— Queria ver o Teddy.

— Eu também.

Ao saber do estranho caso na Ilha da Revolução de Outubro, Catherine Lord contactou de imediato o Departamento de Segurança Interna. Henry bem protestou, mas foi escusado; fizeram-no entrar para um carro enviado de propósito e seguiram a toda a velocidade para a Base Aérea de Dobbins. Certo, tratava-se de uma emergência e a sua colaboração era essencial, mas levou muito a mal ver-se impedido de procurar os filhos. De momento, nada mais lhe interessava senão saber deles.

Seguiu para Washington a bordo de um *Gulfstream* da Força Aérea. Numa era em que o tráfego aéreo estava suspenso, ele tinha direito a um avião sofisticado e confortável como poucos, todo para si. Às quatro da tarde, estava fechado numa pequena sala de reunião sem uma janela nas instalações centrais da CIA em Langley, sentado frente a frente com Matilda Nichinsky e com outra que parecia a má de um filme qualquer da Disney, ambas muito interessadas no que ele tinha para dizer.

— Tudo aponta para a presença no local de uma toxina particularmente resistente com a qual os ursos tiveram contacto — explicou Henry. — Ocorre-me uma dúzia que teria esse efeito, para mais no Ártico, onde o frio extremo potencia a preservação.

— Talvez os russos tenham reativado as antigas instalações de investigação bioquímica e chegado a novos resultados — sugeriu Tildy. — Num sítio de cuja existência tão-só um punhado de pessoas tem conhecimento.

— Nem *nós* sabíamos desse lugar — admitiu a representante da CIA.

— Passa-se isto: de momento, estamos numa situação complicada — passou Tildy a explicar. — A NATO anda para os lados da Estónia. Qual a

resposta adequada? Para começar, arrasar com toda a frota russa. Transferir a 173.^a Brigada Aérea para a Letónia. Mas isso apenas servirá para travar futuros atos de agressão. Seria ótimo termos a certeza inequívoca de que Putin está por trás do vírus de Kongoli. Aí, o mundo inteiro ficaria contra ele e contra aquele seu regime criminoso. Levavam-no arrastado para o Tribunal Internacional de Haia, julgavam-no, condenavam-no e enforcavam-no. Enfim, é o meu sonho. Mas as coisas estão a escalar depressa de mais. Raios. Quem me dera termos maneira de o levar até essa ilha para colher amostras. Poderíamos provar ao mundo inteiro aquilo que já toda a gente sabe. — A porta abriu-se e entrou um homem de cabelo grisalho e óculos de armações pretas. Henry refreou uma exclamação de surpresa. Nem Tildy nem a diretora da CIA se deram ao trabalho de os apresentar. — O presidente precisa de opções — prosseguiu Tildy. — Alguma coisa que possamos negar. Alguma coisa que não traga a nossa assinatura.

— Por outras palavras, um agente químico ou biológico — clarificou a diretora da CIA, olhando diretamente para o homem do cabelo grisalho.

— Já não estou nesse ramo — declarou Jürgen Stark.

— Os Estados Unidos não estão «nesse ramo» desde Nixon — replicou Tildy. — Ou, pelo menos, é essa a versão oficial. Mas temos conhecimento de que o doutor Stark dirigiu um programa secreto em Fort Detrick no rescaldo do onze de Setembro.

Jürgen olhou para Henry; queria ver qual a reação dele àquelas palavras. Henry não foi capaz de o encarar.

— Dizem que o senhor era a sumidade máxima nessa área — continuou a diretora da CIA. — Sucede que todo o nosso arsenal de armas biológicas foi destruído. E não ficou ninguém para nos passar as receitas. As técnicas. Os senhores são o que nos resta. E agora o vosso país precisa da ajuda de ambos.

— Estará o presidente realmente disposto a sacrificar centenas de milhões de civis? — indagou Jürgen.

— Não será nada que o vírus de Kongoli não tenha já feito — replicou Tildy.

Jürgen bebeu um gole do café gelado que comprara no Starbucks na cave da CIA.

— Como descobriram que a Rússia está por trás da pandemia?

— Não podemos divulgar as nossas fontes — respondeu a diretora da CIA.

— Eu reformulo — propôs Jürgen. — Qual o grau de fiabilidade que atribuiriam a essa informação?

— Entre médio e elevado.

— Portanto, a margem de engano é considerável.

A diretora da CIA reconheceu-o — certo, os resultados obtidos pelos

serviços secretos estavam longe de ser os melhores, mas fazer o quê? O que ficou por dizer tão-pouco carecia de explicitação: «Putin destruiu muita coisa nossa e estamos cegos de fúria.»

Henry ia seguindo a conversa como se num sonho. Sentia-se assaltado por emoções do passado — o dever de lealdade, o medo de não estar à altura do desafio. De olhos postos no homem sentado à sua frente, visivelmente mais velho, viu-se confrontado com a evidência de quão parecidos se tinham tornado — um e outro tinham-se distanciado do tipo de trabalho que levava a que se conhecessem. Como era seu apanágio, Jürgen levava isso ao extremo, recanalizando o seu génio idiossincrático para a missão de ressuscitar espécies extintas e de ajudar outras que estivessem em vias de extinção. De resto, já afirmara publicamente que, entendendo que nenhuma forma de vida estava acima de outra, tanto lhe aprazia cultivar o vírus da poliomielite como trazer o dodó de volta dos mortos. De uma forma ou de outra, continuava a ser o homem mais perigoso que Henry jamais conhecera.

— Quando sairmos daqui para nos reunirmos com o presidente, temos de lhe levar alguma recomendação de ação — ia dizendo Tildy. — O nosso presidente não pode ficar sentado de braços cruzados e não reagir a este ataque de que a América foi alvo. E não foi só a América! Foi o mundo inteiro! Putin criou este vírus e...

— Pura especulação — cortou Jürgen.

— E abandonou a humanidade a este flagelo! De seguida, mandou abaixo as nossas infraestruturas básicas. Isto não é especulação. É um facto! Num momento particularmente vulnerável para os americanos, atacou-nos sem dó nem piedade! Morreram milhões de pessoas, fosse de forma deliberada ou acidental. E também a nossa economia está morta. *Temos* de retaliar! O presidente terá de agir. Não tem sequer escolha! Não pode deixar semelhante ataque sem resposta!

— Como os governos escolhem atacar-se ou não é matéria que não desperta em mim o mínimo interesse — replicou Jürgen. — E o que o governo norte-americano escolheu fazer às populações de aves é imperdoável. Os Estados Unidos já estão em guerra e não é com a Rússia. Enfrentam um inimigo bem mais poderoso: a natureza. E garanto-vos: não irão vencer essa guerra.

— Certo, merecemos essas palavras, reconheço — admitiu Tildy. — De facto, fizemos algumas coisas terríveis. Falo das galinhas e isso tudo, mas não só. É um facto que algumas das nossas decisões foram lamentáveis. Mas governar é isso. Umas quantas pessoas juntam-se numa sala, como nós os quatro estamos agora a fazer. Lançam-se opiniões para cima da mesa. A política dá azo a conversa que nunca mais acaba no mundo lá fora, mas o facto é que, por vezes, sendo esta uma delas, damos por nós fechados numa sala com poucas opções perante as piores

alternativas. Sendo assim, qual escolher? Admitamos a opção um. — Voltou-se para a diretora da CIA. — Qual é a atual situação da força estratégica de recursos nucleares dos russos?

— Estão em alerta máximo.

— O que é típico de Putin — disse Tildy. — Faz logo a tensão escalar ao extremo porque sabe que isso nos paralisa; ficamos sem saber qual a resposta adequada a dar. Então lá cede ligeiramente, para nos fazer pensar que conseguimos impor-nos. Até hoje, não respeitou um único acordo de limitação de armamento, fosse nuclear ou biológico, que assinou conosco. Já agora, diga-me: segundo as previsões da CIA, quais as chances de ser ele a disparar o primeiro míssil nuclear?

— Fá-lo-á ao mínimo sinal de que a segurança nacional russa possa estar comprometida.

— Ou seja, falamos do fim da civilização, para a Rússia, para os Estados Unidos e para só-Deus-sabe quantos países mais. Mas, se entendi corretamente, isso «não desperta em si o mínimo interesse» — disse Tildy, agora a olhar diretamente para Jürgen. — Pode até ser que a Mãe Natureza ficasse melhor não tendo de nos aturar. Mas diga-me o doutor qual o estado em que um conflito nuclear desabrido deixaria o mundo. Os seus animais, por exemplo; o que seria deles? — Recusando-se a morder o isco, Jürgen apenas a fitou de volta. — Passemos à opção número dois: uma ciberguerra interminável. Um ataque continuado e sem tréguas. Não é muito eficiente e não haveria um fim rigorosamente definido. Certo, morre menos gente. Mas estaríamos a lutar em desvantagem. Há anos que a Rússia vem fazendo ciberguerra conosco. Até aqui, sobrevivemos, e eles também. Mas Putin foi longe de mais; atacou abertamente as nossas infraestruturas. E ele já tinha esta fisgada há anos. Sim, podemos dar-lhe o troco na mesma moeda. Mas, a ele, fará menos moeda do que nos fez a nós. Porque ele tem menos a perder. A Rússia não é como os Estados Unidos. Conclusão: há que encontrar outra resposta. E aí entra o senhor, doutor Stark. É a nossa opção número três.

— Querem que eu crie um agente patogénico?

— Não há tempo para isso. Precisamos de qualquer coisa já. Qualquer coisa que tenha na prateleira, por assim dizer. E que possa dar ares de se ter escapado de um laboratório russo. E com repercussões mínimas para os Estados Unidos.

— Isso não existe. Basta olhar para o exemplo do Kongoli; em três semanas já se tinha espalhado pelo mundo inteiro e gerou uma pandemia. Poder-se-ia optar por um agente não contagioso, como o antraz. Mas isso implicaria arranjarmos uma solução para o espalhar. *Idem* para uma toxina. Poderia sempre usar-se uma aeronave de fumigação, ou pô-la em ogivas, mas nada disso teria cara de ser uma ocorrência natural ou accidental. As toxinas não se «escapam» dos laboratórios, como acontece com as

doenças. Como poderá ter acontecido com o vírus de Kongoli. Saltaria à vista que era deliberado.

Tildy mal podia acreditar na indiferença que Jürgen manifestava perante as contingências que lhe expusera. Estavam a partilhar com ele informação altamente privilegiada, segredos ao mais alto nível, mas o tipo não se mostrava minimamente impressionado. Ali estava, como se nada fosse. Magro. Com algo de insidioso. Usava o cabelo grisalho longo e tinha um rosto que parecia lavrado a cinzel. Um homem bonito, ou, pelo menos, impactante. E assustador. Seria perfeito para fazer de nazi, ocorreu a Tildy. Então, reparou que o Dr. Parsons ainda não dissera uma palavra. Pelas informações de que dispunha, eles já tinham trabalhado juntos.

— Então diga-me, doutor Stark: podendo escolher, como faria? — indagou.

— Usaria outro tipo de agente.

— Qual?

— Ocorre-me um único candidato, mas que seria o ideal. Tanto quanto sabemos, resulta fatal apenas nos humanos, junto dos quais, de resto, o nível de letalidade é extremo. E foi desenvolvido por nem mais nem menos do que aqui o nosso estimado doutor Parsons.

E pronto, acontecera. O seu maior medo sempre fora que se descobrisse o seu segredo. Imaginara-se a ser preso e julgado. Imaginara tudo o que a mulher e os filhos iriam pensar dele. Imaginara-se na prisão. Mas jamais lhe passara pela cabeça que seria Jürgen a traí-lo, ou que o governo do seu país viesse algum dia a encontrar préstimo para o tremendo poder assassino da sua invenção.

— Garantiu-me que todo o *stock* do vírus tinha sido destruído — disse Henry. Ficara com a garganta completamente seca.

— E foi — replicou Jürgen. — Usámos a tua fornada inteira na nossa experienciazinha no Brasil. E não ficámos com a receita para fazer mais.

— Esse agente de que falam, seria possível libertá-lo em Moscovo e em São Petersburgo sem dar nas vistas e sem se perceber de onde veio? — indagou Tildy.

— Se for tão infeccioso como achamos que é, dizimará a população russa muito rapidamente — assegurou Jürgen. — Não há nada que eles possam fazer para se defenderem dos seus efeitos. E nós tão-pouco, verdade seja dita.

— Diga-me: na vossa experiência, qual foi o grau de mortalidade observado? — indagou Tildy. O seu tom analítico sugeria que, naquela altura, as considerações morais já estavam muito para trás.

— Quase cem por cento — respondeu ele. — Alguns dos alvos foram eliminados por outros meios, mas é quase certo que teriam acabado por morrer. — Aqui, olhou para Henry. — Temos conhecimento de um único sobrevivente, mas tratava-se de uma criança ainda no ventre da mãe.

— Soa-me perfeito — disse a diretora da CIA.

— Ouçam, não têm ideia daquilo que vão libertar — avisou Henry. — E acreditem: as minhas palavras não fazem de todo justiça ao perigo.

— «Poucas opções perante as piores alternativas» — repetiu Tildy.

— Talvez o doutor Parsons não tenha sido posto ao corrente da situação com o surto de Chicago — disse a diretora da CIA.

Henry foi olhando de um para outro. Todos eles pareciam saber.

— Putin tem andado a culpar-nos pelo vírus de Kongoli — explicou Tildy. — Meu Deus, a desfaçatez daquela criatura... seja como for, ele deu o passo seguinte. Recebemos informação de que, nos últimos dois dias, se verificaram cinco mortes em Chicago. A causa: febre hemorrágica de Marburgo. E já foi identificado um caso em Seattle que poderá ser o mesmo. O vírus de Marburgo é um agente de bioterrorismo de categoria A.

— Trata-se da estirpe Ustinov — clarificou Jürgen.

Henry soube que os seus argumentos estavam esgotados. Tudo quanto ia ouvindo apontava numa só direção. Pela primeira vez, permitiu-se um alvo para a sua raiva e para o sentimento de culpa que o vinha atormentando. Até ali não dera vazão a nada disso, mas agora era óbvio: eles tinham assassinado Jill. Veio-lhe à mente o olhar vazio da mulher ao tirá-la da sepultura. *Este é o mundo que quisemos evitar, pensou. Supostamente, o trabalho que eu e o Jürgen desenvolvemos era nesse sentido. Claro que sempre soubemos que isto podia acontecer. E preparámo-nos para isso. Tal como eles. Há um custo moral, mas pagamo-lo e pronto. Sim, algo em nós ansiava ver a nossa obra em liberdade. Armazenámos destruição e queríamos a oportunidade de assistir ao espetáculo de a vermos à solta no mundo.* Pois bem: estava feito.

Agora, qual a resposta apropriada? Mais morte?

— A propósito, como chamaram ao agente? — perguntou Tildy a Henry.

Jürgen encarregou-se da resposta.

— Chamámo-lhe *Enterovírus Parsons*, em homenagem ao seu criador.

O ÉDEN

Helen descobriu o corpo quando já estavam na quinta da tia Maggie há uma semana. Estavam a apanhar o milho que o tio Tim tinha plantado na primavera. Quando ali chegaram, já intrusos tinham roubado tudo quanto a tia Maggie tinha na despensa. Também tinham levado a marijuana do alpendre de secagem, mas, por sorte, não deram por uma cave aprovionada de batata-semente e de nabos. Aquela área do Tennessee continuava sem eletricidade, mas tinham gás para acender o fogão.

— Podemos ficar aqui para sempre — disse Helen.

Nesse mesmo dia, quando estavam no milheiral, calhou encontrar uma bota e então viu que do cano saía uma perna quase reduzida ao osso. Teve o impulso de gritar, mas todos os gritos que ainda tinha dentro de si pareciam estrangulados à partida. Apoderara-se dela uma espécie de instinto animal, uma indiferença a tudo o mais que não a sobrevivência.

A perna não estava ligada a um corpo. Fora parcialmente comida. Reconheceu aquela bota — era da tia Maggie. Pousou o cesto com as espigas de milho e pôs-se à procura por entre os pés, que eram muito altos. Não queria que Teddy visse aquilo e sabia que ele andava por perto; ouvia-lhe o restolhar.

Os restos do corpo estavam dispersos. Já se perguntara onde estaria a cabeça e então encontrou uma caçadeira e isso respondeu à sua dúvida. Ficou com a arma; talvez viesse a ser útil. Havia pedaços rasgados do vestido pelo meio dos pés de milho. Pareciam bandeiras de navios-piratas. O tronco fora rasgado e eviscerado, possivelmente por coiotes ou javalis. Maggie e Jill, irmãs. Ambas já desaparecidas do mundo. O tio Tim fora sepultado nas traseiras, junto ao caramanchão. Kendall também ali estava. As flores e os arbustos que tinham plantado para o tal programa de televisão estavam a abrir. A quinta era um lugar maravilhoso. Helen não gostava nada da ideia de deixar a tia Maggie ali, à mercê dos abutres.

Reparou num volume no bolso do que restava do vestido. Era o telemóvel.

Deixou o milheiral e, na cancela, chamou pelo irmão. Teddy surgiu dos pés de milho. Enchera o cesto com maçarocas. Ao ver a caçadeira, arregalou os olhos.

— Encontrei-a — explicou Helen. — E mais isto. — Mostrou-lhe o telemóvel e explicou-lhe que era da tia Maggie.

— Ela está ali no meio? — Helen assentiu. — E o telemóvel, ainda tem carga?

— Nenhuma. A bateria morreu. — Foram para casa. Estavam os dois instalados no quarto da tia Maggie e do tio Tim porque Teddy não queria dormir sozinho. Tornara a ver o fantasma do soldado. Já não lhe metia tanto medo como da primeira vez, mas recordava-lhe a noite em que fora aninhar-se no colo da mãe e ela lhe dera mimos e o fizera sentir-se seguro.

No quarto, havia uma secretária, e, numa das gavetas, Teddy encontrou um cabo para carga.

— Isso é para quê? — perguntou Helen.

— Tive uma ideia.

Fora até à garagem onde o tio Tim deixara a carrinha estacionada. As chaves estavam na ignição. Teddy sentou-se ao volante.

— Nem penses — avisou Helen.

— Não vou guiar, é para carregar o telemóvel. — Pôs a carrinha a trabalhar, depois ligou o cabo à entrada USB no painel de instrumentos. Ao fim de poucos minutos, o telemóvel ligou-se e no ecrã surgiu uma foto de Maggie, Tim e Kendall numa feira de gado. Com eles, um dos porquinhos premiados da sua prima. Ali estavam: felizes, bonitos, vivos. — Vou ver se já há Internet — disse Teddy. — Clicou no ícone e a página carregou. Era a conta de e-mail da sua tia. Havia várias mensagens por ler, todas datadas de agosto. Dezenas de outras foram sendo descarregadas. Teddy clicou no ícone do telefone. Ficou momentaneamente a olhar para o ecrã, depois afastou o telemóvel. Parecia assustado. Como alguém que não entende o que lhe estão a dizer.

— O que foi? — perguntou Helen.

— A mãe ligou. Há dois dias.

O laboratório de Jürgen Stark ficava numa zona remota da Pensilvânia central, escondido no seio de uma comunidade Amish. Todos ali andavam de carroça. Os painéis publicitários não exibiam anúncios, antes davam a ler excertos da Bíblia. Respirava-se ar puro, os campos estavam bem mantidos e as centáureas azuis embelezavam as vedações de estacas. Era um mundo antes da industrialização, um mundo do qual a humanidade apenas cuidava temporariamente, em lugar de espezinhar. Não fosse a religião e, para Jürgen, seria o mundo ideal.

O automóvel da frota governamental deixou a estrada principal e parou diante de um portão de ferro. Um gradeamento a toda a volta fechava a propriedade, mas, ainda assim, tinham tentado que o complexo não parecesse uma prisão ou sequer uma instalação federal. Passando o portão, havia uma câmara de desinfecção, onde todo o carro, incluindo a parte inferior da carroçaria, foi borrifado com um *spray*. Depois, passava-se um segundo portão, onde Henry e o condutor tiveram de aguardar cá fora

enquanto os guardas aspiravam a mala e o interior do carro e lavavam o motor com uma lavadora de alta pressão — tudo isto, compreendeu Henry, para impedir a contaminação das instalações com algum agente patogénico vindo do exterior e que poderia destruir as estranhas criaturas que Jürgen estava a ressuscitar ali dentro.

Henry foi recebido por uma mulher de meia-idade com um ar envelhecido. O cabelo muito curto estava parcialmente escondido por um boné dos Earth Guardians. Trazia o nome bordado na camisa: «Heidi.»

— É uma honra conhecê-lo — disse a Henry. — O doutor Stark já falou muitas vezes de si. Acho a vossa amizade extraordinária. — E ali estava a estética minimalista de que Jürgen era partidário: uma série de construções de piso único em alvenaria de pedra alinhavam-se em volta de uma grande área central. Os jardins estavam cheios de flores que Henry não reconheceu, *idem* para o que pareciam ser pequenas hortas. Também havia canteiros de jacintos, lírios e túlipas, mas de cores como ele nunca vira. — Só nesta pequena área temos perto de cem variedades de abóbora que o doutor Stark recriou — explicou Heidi. — Olhe só; não são extraordinárias? Esta noite, ao jantar, poderá provar uma delas na sopa. — Atravessaram um pomar. As maçãs eram de dimensões e de cores nunca vistas. — Tantas maravilhas desaparecidas por culpa da estúpida civilização... — lamentou-se Heidi. Uma porção daquela área era, na prática, um jardim zoológico, mas ela avisou prontamente que a palavra não se aplicava. — Só cá mantemos os animais até eles terem desenvolvido população bastante que permita pô-los em liberdade. Nessa altura, libertamo-los no *habitat* onde outrora eles eram felizes e fazemos figas para que eles queiram dar ao mundo uma nova oportunidade. E este é um dos nossos maiores triunfos. — Indicou-lhe uma gigantesca gaiola. Tinha as dimensões de um vagão. Ali dentro estariam, talvez, cinquenta pombos acinzentados e com olhos vermelhos. — Chamam-se pombos-passageiros — explicou ela. — Já foram a ave mais comum na América, mas estão extintos há cem anos. O Jürgen trouxe-no-los de volta. Só a ideia... Deus criou estas criaturas e nós agora estamos a recriá-las. Somos de facto instrumentos do Senhor.

Henry deteve-se na expressão reverente dela. *Eu já fui assim*, ocorreu-lhe. Aquela era a expressão de um crente.

Jürgen esperava-o no seu escritório.

— Pede ao Craig que nos prepare qualquer coisa fantástica — disse a Heidi logo que Henry entrou. A parede por trás dele era uma grande janela saliente que, indo do chão ao teto, deixava ver um bosque de carvalhos-vermelhos nas margens pedregosas de um curso de água. Não havia quadros ou fotografias a adornar as paredes; a única obra de arte era a natureza em si, impessoal e indiferente como o próprio Jürgen. — A Heidi mostrou-te o laboratório? — perguntou o seu antigo chefe logo que ficaram sozinhos.

— Ainda não.

— Não se compara com Fort Detrick, claro, mas temos o básico. — Sorrir era coisa que Jürgen só muito raramente fazia, mas foi o que então fez. Também a expressão nos seus olhos não lhe era de todo típica. Dir-se-ia simpatia, ou mesmo afeto. — Vou confessar-te uma coisa, Henry. Sonhei muitas vezes com isto. Voltarmos a colaborar. — Vendo que ele não ia responder, prosseguiu. — Conseguimos obter as mesmas estirpes do poliovírus e do enterovírus 71 que usaste para chegar ao teu híbrido. Julgo que não te será difícil ressuscitá-lo. É a isso que nos dedicamos nestas instalações, como provavelmente já terás percebido.

— «Talvez tenha nas mãos o poder de pôr fim a uma vida. Devo enfrentar essa enorme responsabilidade com grande humildade e com a consciência de quão frágil sou» — disse Henry. — «Acima de tudo, não me tomarei por Deus.»

— Estás a citar alguma coisa? — perguntou Jürgen.

— É do juramento que fiz quando me tornei médico.

Por um momento, Jürgen mostrou-se desconcertado.

— Não creio que o trabalho que desenvolvemos aqui tenha alguma coisa de condenável. Tomarmo-nos por Deus poderá ser a única opção caso queiramos salvar a Terra. Pensa em tudo o que a humanidade já fez ao planeta. A tua descoberta brilhante ajudará a repor o equilíbrio.

Todos os grandes crimes da história começaram assim, ocorreu a Henry. Com os seus perpetradores convencidos de que serviam uma causa maior.

— Há uma coisa que sempre me intrigou — disse então. — No laboratório, o híbrido que eu criei nunca se revelou mortífero.

— Em ratos — sublinhou Jürgen.

— Exato. Daí a minha perplexidade. Ao longo destes anos, recordei muitas vezes aquele dia naquela aldeia da tribo de índios cinta-larga. Além dos índios, numa das cabanas também havia um rato morto.

— De alguma outra espécie, certamente.

— Claro, mas, ainda assim... perguntei-me o que poderia ter mudado aquando da «experiência em campo», como lhe chamou. As variáveis eram tantas... a pergunta atormentou-me anos a fio. Então decidi tentar repetir os resultados da experiência original. Recriei o mesmo exato híbrido e usei ratos como cobaias. Tornaram a ficar inconscientes, e, como da primeira vez, recuperaram sem sequelas. O que, para mim, não foi de todo uma surpresa. De seguida, testei-o em furões e em porquinhos-da-índia e o resultado foi idêntico. O que aconteceu naquele dia sempre me levantou suspeitas e sempre tive a esperança de um dia vir a saber que o híbrido que criei não tinha causado a morte de ninguém. — Jürgen continuou em silêncio. — Demorei algum tempo até conseguir perceber como o fez — continuou Henry. — Só a alguém da sua craveira intelectual teria ocorrido a

pequena alteração que tornou um... como foi que lhe chamou, «incapacitante»...? Que tornou um «incapacitante» numa doença cem por cento letal. Só um génio teria sabido reprogramar a estrutura genética do vírus para lhe alterar a potência assassina. Só ao fim de várias tentativas consegui chegar ao mesmo resultado com cobaias. Portanto, já sei como fez. Apenas continuo sem entender porquê. Assegurou-me reiteradamente de que a ideia não era matar ninguém, que íamos livrar o mundo de um mal, certo, mas que o faríamos com humanidade.

Jürgen desviou o olhar para os carvalhos-vermelhos lá fora. Pareciam um bosque em chamas. O solo começava a atapetar-se de folhas caídas.

— O cliente queria mais do que isso — revelou, muito calmo, praticamente a murmurar.

Henry considerou momentaneamente a resposta.

— Não; *o Jürgen* queria mais do que isso.

— Talvez, sim — reconheceu Jürgen. — Aquela experiência em campo foi também um teste a mim mesmo. Queria descobrir se haveria algum método perfeito de se aniquilar uma boa parcela da humanidade. Consigo adivinhar o que te virá à cabeça só de me ouvires dizer estas palavras. Acontece que temos uma escolha a fazer, Henry. Ou salvamos a Terra, ou deixamos que a humanidade continue a destruí-la. Por mim, já escolhi. E, se te dispusesse a ser inteiramente objetivo na análise do problema, concordarias que a escolha correta só pode ser uma: a minha. Entendo que, para alguém como tu, um indivíduo com família e amigos, seja impossível considerar o problema de forma imparcial. Fazê-lo seria desumano, pensarás tu. E é, claro. Mas apenas porque tu próprio és um ser humano. Imagina que descobrias uma praga de térmitas a devorarem a tua casa; exterminava-las sem pensar duas vezes. Porque não olhas a questão do ponto de vista de uma térmita. É nisso que eu e tu somos diferentes. Para mim, nada distingue uma térmita de um ser humano. Um e outro merecem viver. Sou a voz das outras criaturas que não o homem. Defendo-as. Não falta quem afirme fazer isso, mas mais ninguém está disposto a impor a única solução que de facto fará a diferença: reduzir a população humana para números que permitam que outras formas de vida não menos preciosas do que a nossa possam também continuar a existir.

— Há maneiras mais recomendáveis de se protegerem vidas — argumentou Henry. — Este seu complexo é a prova disso. Estiveram a mostrar-me as instalações. Está a ressuscitar espécies extintas.

— Não chega — replicou Jürgen. — A cada hora a Terra sofre a extinção de mais uma espécie. Não é desta maneira que vamos inverter essa dinâmica.

— Não está realmente a contar que eu o ajude nesta sua iniciativa insana, ou está? — interrogou Henry. — Não sei porque me chamou aqui.

Jürgen sorriu quase com embaraço.

— De facto, não consigo enganar-te. Sempre foi um problema, aliás. Tens razão. Claro que nunca me foi impossível refazer o vírus. Já está feito, na verdade. Ainda assim, preciso de ti aqui, porque és o único no mundo inteiro que poderá travar-me. Mais ninguém conhece o vírus como tu o conheces; mais ninguém conseguirá descobrir uma vacina ou um tratamento. Portanto, terás de cá ficar até estar feito. — Henry deu meia-volta e avançou para a porta. Estava trancada. — Henry, não podes simplesmente sair daqui. Estamos num complexo de alta segurança.

— Não há justificação para me manter aqui prisioneiro — disse Henry.

— Sei que pareço cruel. Se houvesse um deus, aposto que a minha alma sofreria a condenação eterna. Acontece que deuses são coisa que não existe, pois não, Henry? Portanto, nós, que, na prática, somos os detentores do poder de criar ou destruir a vida, temos de agir em lugar deles.

— Aquilo que criámos foi um erro — declarou Henry. — Jamais deveria ter sido ressuscitado.

Jürgen abanou a cabeça como se a ideia fosse disparatada.

— Como disse, ficarás aqui até que o vírus tenha feito o serviço. Estou a prestar-te um favor, Henry. Se és meu prisioneiro, não te assiste culpa moral. Torno-me no único responsável. Duvido que entendas, mas andei torturado com esta questão. Porque eu não estou louco, entendes? O mundo será um lugar melhor depois do que vamos fazer.

— Quando descobri que tinha manipulado o vírus, calculei que algum dia quisesse tornar a usá-lo — disse Henry. — Então dediquei horas a desvendar-lhe os segredos. E consegui, Jürgen. Achei a cura para o *Enterovírus Parsons*. Já não corro o risco de o meu nome ficar associado ao genocídio que tencionava cometer.

— Duvido — replicou Jürgen. — Este vírus é muito complexo.

— Já publiquei o estudo *online*. Nesta altura já deve ter recebido um *e-mail* de Maria Savona, da Organização Mundial da Saúde, a descrever o vírus e o respetivo tratamento.

Jürgen fitou-o, claramente sem saber se devia acreditar ou não. Foi ver o seu *e-mail*. A carta enviada por Maria era a cópia de um aviso mundial emitido pela OMS. Em silêncio, Jürgen leu os pormenores técnicos a explicarem o tratamento. Ergueu os olhos do ecrã.

— É um trabalho notável, Henry. Quem me dera que não o tivesses feito. — Foi pôr-se à janela e ficou ali um momento sem falar. — Suponho que devia mandar matarem-te — disse, quase como se estivesse a pedir autorização.

— Faça como quiser. Mas jamais me terá de volta a trabalhar consigo num laboratório.

— Mesmo sem nós os dois, este trabalho continuará — declarou Jürgen. A sua expressão era estranhamente serena. — Aceita esse facto,

Henry. Não faz diferença que participemos ou não. Há doenças a serem libertadas no mundo agora mesmo, enquanto estamos a ter esta conversa. A humanidade quer suicidar-se e escolheu fazê-lo assim. — Agarrou no telefone e ligou para Heidi. — O doutor Parsons está de saída — avisou. — Deixem-no ir.

ILHA DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A mensagem era breve: «35.101390, -77.047523, 10/31, 0630.»

Era o Halloween. Ainda não amanhecera. Henry estava sentado com os filhos a uma mesa de piquenique num parque público, numa ponta de terra no encontro dos rios Trent e Neuse. Estavam perto de New Bern, na Carolina do Norte — segundo as coordenadas GPS que lhe tinham enviado, era ali que deviam esperar. Adivinhava-se um dia de céu limpo e com sol, o último que iriam ver em muito tempo. Henry não queria desassossegar os filhos dizendo-lhes isso, embora Helen e Teddy já não fossem as crianças que ele recordava. Algo neles endurecera. *No futuro, as crianças serão assim*, ocorreu-lhe.

A segunda vaga do vírus de Kongoli estava a varrer o globo. Frenéticos, médicos do mundo inteiro apressavam-se a aprender a técnica de varíola descoberta por Henry e que pelo menos conteria a propagação da doença. Entretanto, vírus criados em laboratório iam saindo para a luz do dia e atacando as populações agora vulneráveis e enfraquecidas. Estava em curso a Primeira Guerra Biológica, e, ao contrário do que sucedera com as anteriores, ninguém poderia pôr fim a esta.

O céu clareou. Para lá das ilhas-barreiras, aguardava-os o Atlântico, vasto e indiferente. A maré estava a subir e, uma vaga de cada vez, a água ia galgando um muro de sustentação construído muito antes de o aquecimento global ter provocado a subida do nível da água do mar. Comunidades costeiras como aquela viam-se obrigadas a mudar-se da faixa litoral. Henry imaginou uma série de famosas cidades a desaparecerem no oceano uma por uma, tal como sucedera com a Atlântida.

Teddy foi até à beira da água e pôs-se a lançar seixos.

— Vês aquelas nuvens? — perguntou Henry a Helen quando o Sol nasceu. — São estratos-cúmulos. Quando os vemos, normalmente é porque vem aí tempestade.

Helen observou-as. Tinham matizes escarlates.

— São tão bonitas... — murmurou.

— Nunca esqueças este dia — disse-lhe Henry. Ela anuiu. Não perguntou porquê.

Quando ia lançar mais um seixo, Teddy viu movimento no rio. Recuou um passo. Algo gigantesco emergiu. Por pouco não teria cabido no leito do

rio. Era o *Georgia*.

Quando o capitão Dixon apareceu na ponte, já os soldados das Forças Especiais vinham num barco semirrígido, a remar a caminho da margem. Henry dissera aos filhos que cada um apenas poderia trazer uma mochila com roupa. Já ele trouxera um velho estojo de pele dentro do qual estava o seu clarinete dos tempos do liceu.

— Reforços para a minha tripulação? — perguntou Dixon.

— São desenrascados, acredite — replicou Henry.

— Possivelmente, até vão dar jeito. Estamos com falta de marinheiros. Esta é uma missão só com voluntários.

Dixon deixou Teddy e Helen ficarem ali com eles na ponte enquanto o submarino ia seguindo pelo rio em direção à foz, onde entrariam no Atlântico. Quando chegaram à plataforma continental, já o Sol ia alto e era altura de submergirem.

Encontrou Murphy à sua espera na exígua sala de tratamento.

— Esta é a Murphy — disse Henry ao apresentá-la aos filhos.

— Podem chamar-me Sarah — corrigiu ela.

O *Georgia* rumou a norte, passando ao largo de Labrador e seguindo pela baixa-mar da baía de Baffin até entrar no oceano Ártico, seguindo a partir daí sob a camada de gelo. Estavam a pouco mais de trezentos quilómetros da costa da Sibéria. O capitão Dixon ficou chocado ao ver a deterioração sofrida pela camada de gelo do Ártico nos dois anos anteriores, quando pela última vez transitara sob as calotas polares. Havia agora duas longas faixas de águas abertas no meio do gelo fixo, onde o submarino podia subir até à profundidade de periscópio para receber as mensagens que iam chegando em curtas rajadas de código encriptado. Vinham do Posto de Comando Aerotransportado Avançado — na prática, o presidente e outros membros-chave da administração estavam a governar o país a partir de um *Boeing E-4*, que se manteria no ar enquanto a guerra biológica estivesse a decorrer.

O *Georgia* era um de apenas dois submarinos nucleares da chamada classe Ohio equipados com submergíveis das Forças Especiais, pequenos veículos que possibilitavam que um grupo de comandos conduzisse operações clandestinas a alguma distância do submarino. Com baterias que lhes asseguravam autonomia por várias horas, eram pequenos, silenciosos e praticamente indetetáveis.

Henry foi juntar-se ao grupo de comandos que iria acompanhá-lo.

— Desta vez, mais do que combatentes, serão historiadores — disse-lhes. — Um dia, as pessoas vão perguntar: «Quem nos fez isto?» E nós teremos a prova. A história escrever-se-á com base no que agora vamos encontrar.

O tenente Cooksey, o entroncado chefe da equipa das Forças

Especiais, não teve pudores em duvidar abertamente da capacidade de Henry para os acompanhar.

— Fomos treinados para fazer isto — sublinhou. Não teve de acrescentar o resto: que todos eles tinham ar de gladiadores.

— Acontece que eu sou o único que sabe o que procuramos — replicou Henry com secura. Ninguém o impediria de participar naquela missão.

Antes de irem para os submergíveis, Henry quis dizer alguma coisa aos filhos. Teddy estava a baloiçar uma perna — era o seu tique sempre que estava realmente preocupado.

— A água está muito fria — disse ele. — E se congelas?

— Eles têm uns fatos especiais — disse Henry. — Volto a tempo do jantar. E depois ficamos debaixo de água até a guerra acabar. Não nos vai acontecer nada.

Helen não falou, mas era visível que estava a esforçar-se por não chorar. Abraçou o pai e depois deu a mão a Teddy.

— Eu tomo conta deles — sussurrou Murphy.

Henry seguiu para a câmara hiperbárica com os onze elementos das Forças Especiais. Há muito que não vestia equipamento de mergulho. A última vez fora nas Baamas e nem sequer precisara de fato de mergulhador. Mas ali, naquelas águas geladas, os mergulhadores precisavam de um fato de mergulho isotérmico, o que ainda era mais complicado de vestir. Henry foi olhando para o tenente Cooksey e tratando de lhe copiar cada passo. Os outros já estavam a vestir macacões acolchoados e a calçar grossas meias de lã. Cooksey exemplificou como se abria a parte de cima, que tinha dois fechos; fechava de um ombro até ao umbigo e depois havia um segundo fecho que fazia o mesmo, mas em espelho, tal qual a incisão que se fazia ao realizar uma autópsia. Henry meteu-se dentro do fato, enfiou os braços numa manga e noutra e forçou-os a avançar até sentir as luvas de neopreno bem calçadas. Foi-lhe difícil enfiar a cabeça pelo pescoço de silicone; parecia demasiado grande. Cooksey ajudou-o com o regulador e com a garrafa, depois Henry colocou a máscara e, ao enfiar o capuz, certificou-se de que o recorte se sobrepunha a toda a volta do rebordo da máscara, para que a água não entrasse. Era como estar fechado num balão. Fez «OK» para Cooksey.

Levando as barbatanas nas mãos, entraram nos dois módulos secos onde estavam os submergíveis. O piloto e o copiloto instalaram-se nos lugares da frente, depois os módulos abriram-se e, de imediato, foram inundados pela água do Ártico, tão gelada que se sentia mesmo através das várias camadas de isolamento do fato isotérmico, a que também se chamava «fato seco». Ao fim de cerca de quarenta e cinco minutos, quando as câmaras já estavam completamente inundadas, foram abertas as portas do hangar e, guiados manualmente, os dois submergíveis saíram para o

mar. Parados na água, pareciam baleias bebês. Por baixo, avultava-se o *Georgia*. Parecia um galeão afundado. Começaram a deslocar-se.

Havia vida naquele mundo submarino — florestas ondulantes; algas agarradas, como musgo, à parte de baixo das massas de gelo flutuante; peixes minúsculos com barbatanas residuais a serpentearem pela água como cobras. Uma morsa viu-os e fugiu a toda a pressa. Henry considerou a extraordinária abundância da natureza e perguntou-se o que estaria a humanidade a fazer-lhe naquele preciso momento.

Precisaram de uma hora para chegar ao ponto de entrada predeterminado. O piloto fez sinal ao outro e ambos os submergíveis pararam. Um por um, os comandos saíram a nadar. Henry foi o último. No trajeto até à superfície, viu-se rodeado por um cardume de bacalhau. Quando a sua cabeça emergiu, dois comandos agarraram-no pelas axilas e puxaram-no para fora da água. Estavam numa estreita faixa de costa rochosa.

Ao tirar a máscara, viu as geleiras alpinas em fundo. Entre a costa e aquelas montanhas não muito altas, um campo de gelo visivelmente a derreter-se ia abrindo caminho a uma extensão de tundra ártica a desenvolver-se. *Não há lugar mais remoto no mundo*, ocorreu a Henry. *Não admira que os soviéticos o tenham escolhido*. O seu mapa indicava que as instalações de investigação bioquímica ficavam a menos de um quilómetro, por trás de um outeiro gelado. Só tinham de avançar território adentro. Os comandos prepararam rapidamente as armas e avançaram.

Era o meio da tarde, mas o chamado Sol da meia-noite erguia-se pouco acima do horizonte. Os passos deles soavam como se a tundra estivesse a tentar sugá-los. A custo, foram avançando pelo gelo meio derretido sob a luminosidade de crepúsculo outonal. Mais lento, Henry acabava por empatar o grupo. Cooksey fez sinal aos seus homens, que formaram de maneira que se acercassem da fábrica a partir de vários ângulos. Ao chegarem ao outeiro, ele e Henry subiram quase até ao cimo e ajoelharam-se atrás do cume. O chefe dos comandos esquadrinhou a área com um par de binóculos, que depois passou a Henry.

As instalações estavam parcialmente sepultadas por um amontoado de neve arrastada pelo vento. Havia três chaminés altas, mas de nenhuma saía fumo. Também havia uma via-férrea aparentemente desativada, e, a acompanhá-la, uma sucessão de postes telefónicos já sem os fios.

A um gesto de Cooksey, os comandos avançaram.

Aproximaram-se da entrada, uma porta como a de um estábulo. Estava aberta. Lá dentro, o que restava de um laboratório — fornos e cubas que talvez outrora tivessem contido antraz ou varíola. Mesmo agora poderia haver por ali tais agentes mortíferos. Mas, para Henry, algo ficou desde logo esclarecido: não fora dali que surgira o vírus de Kongoli. Aquele laboratório estava abandonado há décadas, provavelmente desde o fim da União

Soviética.

Reparou que Cooksey o fitava.

— Como é, doutor? Estamos despachados?

Deixando aquelas instalações decrépitas, Henry saiu para o lusco-fusco ártico. Cooksey fez sinal aos restantes, que os seguiram.

— Podem ir andando, se quiserem — disse Henry. — Tenho de ver outra coisa. Esperem por mim junto aos módulos; eu vou já.

— Sozinho não vai a lado nenhum, doutor — replicou Cooksey. — A que distância estamos dessa outra coisa que ainda quer ver?

— Quilómetro e meio, lamento dizer.

— Estamos à procura de quê, exatamente?

— De ursos-polares mortos.

Na tundra ensopada, a caminhada consumiu-lhes mais de uma hora de preciosa penumbra. Henry seguiu as coordenadas indicadas no dispositivo GPS; estava a caminho do ponto exato onde deixara de haver indicação de movimentações dos ursos. Estariam agrupados num círculo e, atendendo às temperaturas negativas, mesmo com o pergelissolo a derreter-se, era de esperar que os corpos se mantivessem mais ou menos intactos; dificilmente teriam andado por ali outros predadores que não os próprios ursos.

Inicialmente, Henry não os viu. Por causa do pelo branco, pareciam amontoados de neve, mas, logo que viu o primeiro, foi como se o bando inteiro se materializasse. Contou dez. Deitados, vencidos pela morte.

— Livra... o que raio é essa coisa? — perguntou um dos comandos, apontando-lhe o que parecia ser um tronco.

Sob um manto de neve, Henry viu qualquer coisa de dimensão considerável a surgir do gelo parcialmente derretido. Não era um tronco. Parecia um dente de elefante.

Usando o mapa, foi varrendo a neve até deixar à vista um gigantesco focinho. O torso peludo fora rasgado pelos ursos-polares.

— É um mamute — disse Henry. — Não lhe toquem. Está contaminado com o vírus de Kongoli.

Os comandos recuaram. Naquele momento, só eles no mundo inteiro sabiam a verdade.

— Então, doutor? — perguntou Cooksey. — Vamos dizer o quê à história?

Henry ergueu o olhar. O último bando de grou-siberianos levantara voo rumo à China.

— Diremos que nós mesmos ditámos a nossa sorte.

AGRADECIMENTOS

Não teria conseguido escrever este livro sem a ajuda de alguns dos que melhor conhecem a área da saúde pública. Na fase inicial da minha pesquisa, pude contar com a ajuda de um ilustre «caça-micróbios»: Ian Lipkin, diretor do Centro de Infecção e Imunidade na Universidade de Columbia. O professor Lipkin fez o enorme favor de me «emprestar» Lan Quan, na altura seu assistente de pesquisa, hoje um dos cientistas líderes de projetos na Stony Brook University. Lan explicou-me pacientemente muitos dos procedimentos laboratoriais descritos nestas páginas. Entre outros que generosamente compartilharam comigo o seu tempo e os seus conhecimentos contam-se Jamie Lee Barnabei, chefe de serviços médicos veterinários no Instituto Nacional de Investigação Veterinária, em Ames, no Iowa; Guy L. Clifton, professor de Medicina; Larry Minnix, diretor executivo aposentado da LeadingAge; e Curtis Suttle, professor no Departamento de Ciências da Universidade da Colúmbia Britânica.

Tenho de destacar alguns cuja paciência testei quase ao limite, visto que não só se dispuseram a demoradas sessões de esclarecimentos como ainda leram o manuscrito na íntegra ou em doses consideráveis, assegurando a correção e a exatidão do mesmo. Estou em dívida para com cada um deles, e, sendo impossível pagar uma ajuda assim, apenas posso reconhecer publicamente o muito que lhes devo. São eles: Philip Bobbitt, professor de Direito na Universidade de Columbia; Richard A. Clarke (que também figura enquanto personagem da história), presidente de direção da Good Harbor Consulting e da Good Harbour International; o Dr. Philip R. Dormitzer, diretor científico para vacinas antivirais na Pfizer; o Dr. Barney Graham, imunologista viral e especialista em vacinologia para a região de Bethesda, no Maryland; Kendall Hoyt, professor assistente na faculdade de Medicina da Universidade de Dartmouth; Sally Ann Iverson, médica de Epidemiologia Veterinária; Jens Kuhn, do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas/Institutos Nacionais da Saúde/Instituto de Pesquisa Integrada na base militar Fort Detrick, no Maryland; Emily Lankau, médica de Epidemiologia Veterinária no Ronin Institute (e que surge igualmente a fazer de si mesma nestas páginas); o almirante (aposentado) William H. McRaven; e a Dra. Seema Yasmin, professora de Jornalismo Científico e Historiografia de Saúde Global na Universidade de Stanford.

Tenho de agradecer particularmente à tenente Katherine A. Diener, chefe de comunicação do comando Submarine Group 10, na base naval de Kings Bay, na Georgia, que teve a extrema gentileza de se encarregar dos

contactos necessários para que eu pudesse fazer uma visita guiada ao *USS Tennessee* (SSBN-734), orientada pelo comandante Paul Seitz e durante a qual tive o gosto de conhecer a tripulação a bordo, incedível na simpatia e na competência. O tenente Tyler Whitmore e o segundo-comandante James Kepper acompanharam-me e explicaram-me o funcionamento desta impressionante máquina de guerra. Pude ainda falar com vários oficiais a bordo que generosamente partilharam comigo impressões sobre as suas vidas debaixo de água: Steve Hucks, segundo-tenente de operações; Santos Alarcón, chefe de cozinha de segunda classe; o (sub)chefe Ryan Doyle, técnico de sistemas de informação; Ricardo Parr, técnico especialista hospitalar sénior; Justin Kaper, comandante-chefe de operações; e Chris Horgan, comandante-subchefe de tripulação. O capitão Mike Riegel, do Submarine Force Museum em Groton, no Connecticut, e o vice-almirante aposentado Albert H. Konetzni Jr. partilharam igualmente comigo os seus conhecimentos de peritos.

Como sempre, Stephen Harrigan leu a primeira versão deste livro e aconselhou-me e orientou-me na fase seguinte. O embrião desta história foi uma ideia que me propôs o realizador Ridley Scott. Quero agradecer-lhe, e também a Michael Ellenberg, pelo seu contributo criativo.

Tenho tido a sorte de sempre ter trabalhado com os melhores e entre eles estão, sem dúvida, Andrew Wylie, o meu agente, Ann Close, a minha editora de texto, todos os meus talentosos colegas na Knopf, e Edward Kastenmeier e Caitlin Landuyt, na Vintage.